Rosinda de Oliveira

A Banda Filarmónica da Mamarrosa

Música na batuta do tempo

bibRIA

Rosinda de Oliveira

biblRIA

A BANDA DA MAMARROSA

MÚSICA NA BATUTA DO TEMPO

Oliveira do Bairro
2001

bibRIA

Titulo: Banda Filarmónica da Mamarrosa - Música na batuta do tempo

Autor: Rosinda de Oliveira

Capa: Vitor Cravo e Zé Barbosa (foto cedida por Ercília Vieira da Silva)

Composição / impressão: Tipografia Minerva Central, Lda.

Depósito Legal: 165356/01

I. S. B. N.: 972-97890-9-6

Edição da:

Câmara Municipal de Oliveira do Bairro

NOTA JUSTIFICATIVA

Em 15 de Novembro de 1997, a Associação Beneficente, Cultura e Recreio da Mamarrosa promoveu as comemorações do 80.º Aniversário da Banda da Mamarrosa, cujo ponto mais alto foi o descerramento do busto do fundador da Banda - Professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa.

Este acto solene a que estive presente foi o motivo de sentidos discursos que realçaram, como cidadão exemplar, a figura do homem homenageado.

Na intervenção que então fiz para saudar e louvar a iniciativa, tive oportunidade de dizer que só um cidadão, como o Professor Jaime de Oliveira, detentor de grande espírito altruísta, conseguiria fazer projectar, na cultura e nas artes, uma Banda de que foi o principal timoneiro. E ao falar do seu espírito altruísta quis sublinhar que o homenageado, a par da sua actividade docente, como professor do "Ensino Primário" foi também músico, compositor, maestro e, nesta área, um grande impulsionador junto dos seus alunos a quem incutiu e fez despertar o gosto pela Música.

Referi também que a Banda da Mamarrosa, ao longo dos seus 80 anos de actividade, soube vencer muitas vicissitudes e contratempos decorrentes das guerras mundiais de 1914-18, 1939-45 e a guerra dita colonial de 1961-74, tendo sido um grande agente cultural ao serviço da Mamarrosa, do Concelho, da Bairrada e do País.

bibRIA

É de salientar o facto de o País estar, ao tempo, envolvido na guerra de 1914-18, período naturalmente de grandes dificuldades e sacrifícios para tanta gente.

Pese embora esse facto que condicionava todo o contexto social e político da época, o Professor Jaime de Oliveira conseguiu formar a sua Banda Escolar de Música e, para alegria de todos, apresentá-la pela 1.ª vez nas ruas da Mamarrosa, em 31 de Dezembro de 1916.

E assim, quando se chega ao fim do ano 1916, uma Banda recém-formada, começava a fazer a sua história, pela mão de um homem que teve um sonho, conseguiu transmiti-lo a outros e perpectuá-lo na Banda da Mamarrosa.

Essa Banda, orgulho de todos nós, que tem as suas raízes no húmus cultural criado, ao longo de 85 anos, pelos seus antepassados recentes através de "sonhos e barrancos", é hoje composta maioritariamente por jovens.

Era, pois, todo esse belo historial que urgia preservar e, à semelhança do que havia já sido feito em relação à Banda do Troviscal, no Livro "Rio de Memória" da autora Maria Leocádia Pato e patrocinado pela Câmara Municipal, procurei indagar quem poderia trazer à luz ao dia a história da Banda da Mamarrosa e da personalidade humana e artística do seu fundador.

Para este àrduo trabalho de investigação surgiu naturalmente o nome da Professora Rosinda que vinha dinamizando várias actividades culturais na Mamarrosa, procurando fazer a ligação com as tradições ligadas à música e ao teatro.

Achei que estava encontrada a pessoa mais habilitada a contar não apenas a história da Banda, como "factor de criação de uma atitude cultural dos povos", como também a dar-nos a conhecer melhor o retrato biográfico do seu fundador.

Foi, pois, com particular satisfação que vi ser aceite, pela autora, o desafio que lhe fiz. E em boa hora foi, pois graças à investigação cuidada feita por ela, aí está o magnífico livro pleno de passagens de grande recorte literário em que transparece a erudição da autora, plena de rara sensibilidade, quando presta merecida homenagem aos homens, cabouqueiros de um porvir que eles ainda não lobrigavam, recordando com respeito e gratidão os seus gloriosos nomes e ressalta o papel das esforçadas mulheres que à cabeça transportavam os instrumentos mais pesados, nas canastras.

E, é assim que também a autora consegue, nesta obra, com engenho e arte ser a feliz e bem sucedida transportadora de tantos sonhos passados que irão povoar e certamente perpetuar-se na nossa memória.

A Câmara, que apreciou o livro, foi unânime em reconhecer o mérito do mesmo e, por isso deliberou patrocinar a sua publicação. Associa-se assim à homenagem à Banda da Mamarrosa, ao seu fundador, a todos os seus cabouqueiros e às transportadoras de "sonhos embalados nos instrumentos".

Uma última palavra de estímulo para os jovens de hoje, desejando que, ao lerem este magnífico livro, encontrem nele a força que lhes permita dar continuidade a esse transportar de sonhos, já que deles a vida se vai fazendo e enriquecendo.

Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, Junho de 2001

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

Acílio Domingues Gala (Dr.)

bibRIA

bibRIA

Pelas vezes em que nem sempre fui esposa, mãe e avó.
A meu marido,
Minhas filhas e genros
Meus netos
A todos os que sonham
Aos que me ajudaram a fazer o caminho
Àqueles, enfim, a quem a Banda não é indiferente

bibRIA

COMPASSO DE GRATIDÃO

A todos os que colaboraram nesta obra, quer verbalmente, quer proporcionando o acesso a fontes de informação ou qualquer tipo de documentos ou outros elementos necessários.

Aos que incomodei, nomeadamente:
Prof. Orlando de Oliveira Pato
Prof. Manuel Augusto Costa
Álvaro Ribeiro
Armando Dias Teixeira Vida
Álvaro Domingues Canas
Eng. Arsélio Domingues Canas
Fausto dos Santos Pato
Mário da Silva Cravo
Mário da Silva Raínho
Prof. Jorge Paulo Mrgaça
Dr.ª D. Rosalina Rosa Filipe

A Armor Pires Mota
A Adelino Baptista e Silva

Ao Prof. Victor Oliveira e Paulo Martins do Pelouro da Cultura, à menina Fátima Vieira pela boa vontade e eficácia com que digitou e organizou todo o material e muito em especial ao Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, Dr. Acílio Domingues Gala, de quem partiu a iniciativa deste livro e que ao longo destes dois anos sempre foi o grande entusiasta e impulsionador que, além de me sacudir, nunca me deixou desanimar.

Os meus sinceros agradecimentos
Mamarrosa, Fevereiro de 2001
Rosinda de Oliveira

bibRIA

bibRIA

ÍNDICE

Nota justificativa 3
Compasso de gratidão 7

ABORDAGEM INICIAL
TACTEAR DE CAMINHOS - FONTES DE SABERES

Primeiras impressões 15
Inquietações – À margem da Festa das Vindimas,
pelo Rancho Folclórico de S. Simão 21

SENTIR A MÚSICA – SENTIR A BANDA – MÚSICA!

a)Busca de Dados 28
b)Um Amigo da Banda; Hilário Costa 33
c)Achegas. Uma das visitas de Armando Teixeira Vida 35
d)Conversa com o senhor Flório Margaça 39
e)Caminhos e carreiros da memória 42
f)Veredas de recordação 45

UM POUCO DE INFORMAÇÃO CULTURAL

a)No labirinto das interrogações 49
b)A Música – factor universal da comunicação 52
c)Evoluir da prática musical 54
d)Como se aprendeu Música ao longo dos tempos 61
e)A aprendizagem da Música nos nossos tempos 64
f)Breves noções sobre instrumentos 67
g)Antecedentes do aparecimento das Bandas no século XIX 77

A BANDA PROPRIAMENTE DITA

1.A Banda da Mamarrosa 89
Tradições Musicais na Mamarrosa 92
História da sua fundação, segundo Martinho Augusto Martins 94

O FUNDADOR DA BANDA: JAIME DE OLIVEIRA PINTO DE SOUSA

a)Ascendência e intervenientes 98
b)Visita do senhor Professor Orlando Pato, filho do fundador da Banda 102
c)A Música – sonho e determinação 105
Percursos de uma descendência
– Os filhos músicos de Jaime de Oliveira 109

bibRIA

2. OS CABOUQUEIROS DA PONTE ARTÍSTICA E SÓCIO-CULTURAL, COMEÇADA EM 1916 (FALANDO COM O SENHOR ÁLVARO RIBEIRO).

Álbum de memórias
a)Galeria dos Imortais 138
Nota remate sobre os fundadores 170

A CONTINUAÇÃO DA PONTE 1916-2000

a)Os já falecidos 178
b)Antigos executantes ainda vivos 193
c)Dois músicos – João Pedro: um músico singular; 268
Armando Teixeira Vida: um músico curtindo mágoas e queixumes 272
Testemunhos de alguns dos muitos amigos e simpatizantes da Banda (não executantes e na sua voz ou na de familiares). 281
As Transportadoras de sonhos e de instrumentos de sonhar. 308
Na pauta dos sonhos –Locais de aprendizagem e ensaios da Banda 324

AO RITMO DA CADÊNCIA MUSICAL

A Banda na sócio-cultura da região bairradina 331
Fios dispersos – A Banda em tempo de formaturas 340
Tardes de estórias com Música (com o senhor Álvaro Canas e outros) 344

bibRIA

3. AS ETAPAS DA BANDA

1ª Etapa (1916 – 1940) 369
2ª Etapa (1940 – 1978) 384
3ª Etapa (1978 – 2000 2001) 403

4. AUTOBIOGRAFIA DA BANDA ACTUAL (TENTATIVA)

-A Direcção da Associação 443
-Foto e fichas dos seus elementos 445
-Ano 2000 - 2001 - A Banda Actual 471
-Questionários ao maestro e executantes 482
- Sobre a leitura das fichas dos executantes 580

Hoje que os pássaros do tempo apenas roem memórias do passado, embrenhamo-nos nós por aí, pelas ruas dos espaços abertos, na ânsia do despertar de uma qualquer filigrana de recordações a que nos possamos agarrar.

bibRIA

Absorvendo uma ou outra ideia, caminhamos sem rumo, às vezes buscando bocados espalhados na margem da vida... Outras vezes, com passos mais direccionados e medidas as distância, procuramos linhas rectas que nos levem a um futuro mais certo e precavido ... Enquanto as veias do vento norte rebentam em rios de linho maduro, espadelado na esperança de cada primavera em festa!...

bibRIA

bibRIA

ABORDAGEM INICIAL
TACTEAR DE CAMINHOS - FONTES DE SABERES

bibRIA

PRIMEIRAS IMPRESSÕES E BUSCAS

O tempo passa tão depressa que quase não nos apercebemos e nem dá para olhar para trás.

Vai-se na onda, pensa-se pouco, sonha-se muito, ultrapassa-se tudo ou quase tudo o que julgámos imutável. E nesta dança da vida, ou melhor, neste vaivém desabrido, impensado e ultrapassado, os pobres mortais vão-se abalroando ao acaso, ao sabor das marés. Quase não dá para pensar, para reflectir ou para vasculhar nos escaninhos da memória, pedaços que foram ficando à beira do caminho e que às vezes dávamos tudo para reviver, para fazer voltar ao palco das nossas actualidades.

A geração que nos abriu as portas da vida e nos ajudou a pôr os pés no mundo, na maior parte, já se foi. E agora ao tentar reler essa página da nossa vida, por entre lembranças, saudades e outras tantas recordações, lá aparece um banquito, primeira propriedade de um pequeno ser. Foi desse banquito o nosso primeiro olhar sobre a Banda, para nós sempre identificada como a Música, algo ali à nossa frente, mas quase num pedestal onde nunca poderíamos chegar com os deditos de criança. Música eram aqueles homens aprumados, direitos, disciplinados, armados de instrumentos que marchavam e tocavam quando havia festas (ou qualquer acontecimento importante), pelas ruas da Mamarrosa. Música eram os da retaguarda que atentos e interessados seguiam com olhos ávidos e vivaços todos os movimentos compassados da Banda. Música eram todos os que em casa ou nas ruas, mesmo longe, acompanhavam com o ouvido e acertavam com o pé os acordes que da Banda se espalhavam pelos ares e ecoavam por toda a Freguesia, repercutindo-se e ecoando em todos os recantos onde as almas atentas e fascinadas reagiam cheias de entusiasmo às notas cristalinas soltas pelo ar da sua Filarmónica da Mamarrosa. Música era aquele punhado de homens e jovens na flor da idade que, olhando as pautas nas estantes, puxavam sons vibrando de harmonia e, alegres ou tristes, trinavam por todos os horizontes da imaginação onde as almas vivas da nossa traça desenhavam a arquitectura do futuro que a pouco e pouco se ia delineando.

bibRIA

Com esta Música, qual novelo ensarilhado em mãos de tecedeira desajeitada, os fios puxam-se e tantas histórias, tantas vidas vão surgindo agarradas a estes fios emaranhados. Música foram os que já passaram ou que a fundaram e deram por ela o seu melhor e abalaram para o Além, deixando o seu lugar e o seu instrumento que outras mãos e mais outras vão tocando e trocando ao correr dos anos. E apetece-nos mexer nesses tais, quase como que acordá-los lá na sepultura onde repousam para nos virem dizer o que foi para eles a Música, como a acarinharam e viveram, como foi difícil deixá-la... Nos seus túmulos repousem em paz. Por si falarão ou os filhos e netos ou amigos e conhecidos. Vamos bater-lhes à porta e arrancar-lhes-emos as falas que vêm de trás, as notícias que já se foram, tudo o que herdaram de seus pais e avós sobre a Música, referência por excelência da sua terra, baluarte vivo desta e doutras futuras gerações, e bem hajam para sempre todos aqueles, mortos ou vivos, que tudo fizeram (tantas vezes com sacrifícios de sua saúde e bens) para nunca a deixar morrer. A toda essa plêiade de autênticos heróis da Música em terras da Mamarrosa devem, os do presente, reconhecimento e gratidão.

bibRIA

Não há fundadores vivos, todos já desapareceram, mas há sim ainda alguns que os conheceram, com eles privaram e os seguiram no seu amor e dedicação incondicional a esta causa da Banda. Destes, os mais idosos: António Vida, de 91 anos, Olegário da Silva, de 89 anos, Armando Vida, de 82 anos, Amândio da Silva e Manuel Lemos, de 80 e ainda outros.

Foi à porta do senhor António Vida que fomos bater como princípio de um fio de trabalho. Mora o senhor António Vida na Rua de Baixo, última casa do lado esquerdo, no caminho para o Vale das Éguas, Troviscal. Eram 10 horas e 30 minutos de 16 de Agosto deste ano de 1999 quando lhe batemos à porta... Vamos tentar lembrar o perfil físico que guardávamos do senhor António Vida: como todos os Vidas, aqueles traços de rosto bem vincados e marcantes da identificação da raiz familiar. Moreno, rosto ameno ovalado, algumas rugas de contorno, testa alta, cabelo preto, semblante irrequieto e perscrutador; estatura média. Esta era a ideia que fazíamos do senhor António Vida. Quando hoje lhe batemos à porta,

apareceu-nos um homem pequenino, magrinho e afilado. No seu rosto magro e comprido, resplandeciam dois olhos muito vivos. Tão vivos que se fica com a impressão de que aquela criatura é só olhos, tal a sua vivacidade e expressão.

Trocadas algumas palavras, ajustou-se a entrevista para amanhã, dia 17 deste mês de Agosto, à mesma hora. Entretanto, vamo-nos ocupar um pouco do outro irmão, o senhor Armando Vida. Quanto a este, já há uns dias lá lhe deixámos em casa uma das fichas para colher informações. Ainda não tivemos ocasião de dizer que pensámos que para obter uma espécie de biografia da Banda actual, se torna imprescindível colher o maior número de informações. Nesta linha de rumo, organizámos uma bateria de fichas informativas para os actuais executantes, Direcção da Associação Beneficente, Cultura e Recreio (em que está integrada a Banda), maestro e para outros elementos já há mais tempo afastados da Banda, para os mais antigos ex-executantes, como é o caso daqueles cinco que já referenciámos, para alguns dos amigos e simpatizantes e ainda outros.

bibRIA

O senhor Armando Vida não estava em casa quando lá fomos. Mas já noutras ocasiões nos tinha relatado vários episódios alusivos à Banda e em que directa ou indirectamente participara. Mesmo assim, logo que lhe entregaram o papel a que chamámos ficha, (tinha ficado de posse de sua filha, D. Zália), veio a nossa casa e trouxe-nos um caderno pequeno e outras folhas soltas, tudo escrito pelo seu punho e em que descreve muitas das vicissitudes atravessadas pela Banda Filarmónica desde a fundação, em 1916, até hoje, 1999. Antes de avançar, queremos registar o nosso parecer sobre este homem: muito e sempre tão apaixonado pela Banda e pela Música, que às vezes até nos parece obcecação que pode tocar quase as raias da loucura e mais quando a opinião geral nunca reconheceu o seu valor (talvez em parte devido ao seu feitio).

E voltamos ao irmão, senhor António Vida. Dia 17, terça-feira e lá fomos de novo a casa do Senhor António Vida. Desta vez já nos esperava e até já se tinha informado sobre o que pretendíamos.

Soubemos assim que o senhor Professor Jaime de Oliveira, quando se aproximava a época de exames, costumava ir à Escola (quando não era a sua própria) e dizia aos rapazes que, se quisessem aprender música, (após a saída da Escola Primária), que fossem ter a casa dele onde era a aprendizagem e os ensaios. Será bom lembrar que no princípio do século (1916 – a fundação da Banda), se por um lado a grande maioria das crianças não ia à Escola e trabalhava a par dos familiares nos afazeres duros e pesados dos campos, por outro, imagine-se a repercussão que teria um núcleo de aprendizagem musical numa aldeia como a da Mamarrosa. O desapego de interesses económicos e a natural afabilidade e bonomia do mestre Jaime de Oliveira, a par da sua extraordinária capacidade para a arte musical que tão bem dominava, tocando vários instrumentos e compondo e ainda os seus dotes de cultura pedagógica em relação ao mundo das letras - tudo isto fez com que este grande homem começasse a operar uma autêntica revolução no mundo da arte musical e da cultura em geral. Não se lhe deve só a criação da Banda; deve-se-lhe muito mais, porque a Mamarrosa nunca mais foi a mesma. A par da sua música foi criando objectivos, e foi-se desenvolvendo e evoluindo. Recordemos que estamos ainda longe dos bens que actualmente achamos tão naturais como por exemplo, a luz eléctrica, água canalizada, rádios e televisões com que os nossos antepassados desses tempos (primeiras décadas do século XX) nem sequer sonhavam. Quanto a vias de comunicação, havia caminhos lamacentos no inverno e poirentos no estio. Também os meios de transporte existentes e usuais, os carros de bois, de cavalo e de burro, estavam bem de acordo e nem sequer ninguém se queixava, não se conhecia nada melhor. E a santa e pacífica ignorância tudo superava e explicava. Enfim ...

bibRIA

Mas deixemos tais divagações e voltemos à casa do Senhor António Vida e à tal conversa com ele encetada. Ora, tínhamos sabido que saídos da escola, se os miúdos quisessem e os pais deixassem, bem entendido, podiam começar a aprender música. E embora houvesse muito trabalho em casa e na lavoura, a verdade é que muitos pais se entusiasmaram tanto como os seus filhos por esta maravilhosa arte dos sons. E o senhor António Vida, como outros que já lá andavam (os tais fundadores), também começou a aprender solfejo, por volta de 1920.

Começou depois a tocar saxofone soprano, mas chegou também a tocar o barítono e o tenor. Quando numa qualquer actuação havia necessidade (talvez por falta de músicos ou qualquer outra eventualidade), o António Vida pegava em qualquer dos saxofones, desde que fosse preciso.

Embora o Senhor Professor Jaime não tivesse sido seu professor das primeiras letras, julgava-o muito bom professor, aliás isto confessou também o irmão Armando, dizendo que era um homem que, embora por vezes castigasse, sabia quando devia perdoar. Esta é a opinião partilhada por todos os antigos músicos que temos contactado. Muito bom músico que tocava quase todos os instrumentos. Pelo menos os de cordas, tocava-os todos, bem como os saxofones. Pelo que era sempre muito requisitado para concertos e grandes saraus onde participava tocando violoncelo (no seu escritório havia encaixilhado um diploma em que se reconhecia esse seu valor como grande violoncelista - achega dada pelo seu amigo e alfaiate João Tribuna), rabecão e também cantava muito bem. Excelente músico, compositor, muito boa pessoa, amigo de todos (era mesmo juiz de paz na aldeia). Bom músico e bom maestro, impondo-se pelo seu exemplo de dedicação e competência. Que era bom professor também é dito por todos, mas reconhece-se que a sua grande paixão era a Música. Na sala de aulas, enquanto os meninos faziam contas, ditados ou leituras, ele sempre compunha porque na sua alma de artista as emoções sucediam-se em catadupa dando origem à consequente tradução em notas e sons musicais. Por aquilo que estes seus antigos alunos dizem, ele vivia para a Música e só assim se explica que arrastasse atrás de si tantos jovens que, como o seu mestre, se tornaram também apaixonados por esta arte sublime.

O senhor António Vida serviu a Banda 62 anos, o senhor Olegário puxou para lá os dois filhos e as duas netas que ainda hoje lá andam (são a Susana Raquel e Paula Cristina) e ele mesmo executou desde 1924 a 1990. Uma vida dedicada a um sonho. Em qualquer um destes antigos músicos, de vez em quando, ao falarem, é nítida a sua comoção, humedecendo-se por vezes os seus olhos já bastante cansados.

bibRIA

FALANDO COM O SR. OLEGÁRIO

No tempo do seu primeiro mestre, como continuam a chamar ao Sr. Professor Jaime, muitos dos músicos iam a pé para as actuações aqui das redondezas, como para a Curia, Tamengos, Mira, Vilamar (então conhecida como Escumalha), Cantanhede, Febres, Pardelhos, etc. e alguns de bicicleta, os que já possuíam este meio de transporte.

Para atravessar da Gafanha para a Costa Nova (no sítio chamado "Bruxa"), uma vez até se descalçaram, arregaçaram as calças e toca de atravessar (na maré vasa) a vau. Um deles mais gordinho e pesado (o senhor Camarneira – fundador já falecido), até foi às cavalitas dos outros... E nada era considerado sacrifício... E, se fizermos esta pergunta

- *Mas então acha que as pessoas gostavam da Música?!*
- *Ah! Gostavam sim, muito.* – era a resposta pronta.
- *Então como é que sabe, em que se baseia para fazer essa afirmação?*
- *Olhe que quando ensaiávamos (frente à Igreja, no Salão que o Sr. Professor Jaime tinha mandado construir), a casa enchia-se de gente e não era só da família dos músicos, não; todos gostavam da música.*

bibRIA

Essa espécie de magia que se desprendia da Banda era sentida realmente por todos, disso nós e outros também somos testemunhas... E não havia obstáculos que eles não vencessem. Quando iam actuar para o norte, alguns músicos, sem dinheiro, até chegavam a dormir debaixo das pontes, como aconteceu, por exemplo, em Ponte de Lima. E no dia seguinte iam tocar como se tivessem dormido e descansado numa boa cama. E tocavam bem, não só porque se dedicavam muito, mas também porque nisso punham toda a sua alma, toda a sua energia, todo o seu amor.

INQUIETAÇÕES E APARTES

À margem da Festa das Vindimas pelo Rancho Folclórico de S. Simão – 26 de Setembro, 1999.

Sentimos a vida a passar e nós com pressa para nos despacharmos. A fazer tantas coisas que devem ser feitas. Devemos dizer que nunca fomos pessoa de fazer coisas muito organizadas, pois sempre optámos por trabalhos dispersos, incompletos, perdidos por aqui e por ali. Talvez por estas características, achemos grande desafio ter de fazer obra completa e ordenada. Sempre fomos mais pessoa de ir fazendo do que fazer em definitivo. E muito menos tarefas a que nunca nos abalançámos nem abalançávamos sem um valente empurrão.

Andávamos nesta ranga – manga, quando o actual Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, o Senhor Dr. Acílio Gala nos dá um desses abanões: -"É preciso um livro sobre a Banda Filarmónica da Mamarrosa e é a senhora que o vai fazer. E tem de ser ... comece a trabalhar nesse sentido..." etc...etc... E que havíamos de fazer, senão tentar algo com princípio, meio e fim, numa estrutura onde coubesse o essencial desta instituição cultural, quanto à sua história, factores de influência e interveniência, determinantes, estado actual e caminhos de evoluir possíveis?!

bibRIA

E cá se começou. Mas a dispersão não nos deixa e tantas vezes fugimos do fio condutor central. Talvez por isso, agora, 26 de Setembro de 1999, após a Festa das Vindimas organizada pelo Rancho Folclórico de S. Simão, nesta noite donde está a sair o dia 27, pois já são quase 5 horas da manhã, não conseguimos chamar o sono e nada de dormir. É que nos baila tudo na mente. E mil pensamentos, num atropelar contínuo, cruzam-se com projectos de prossecução e de tal modo não nos largam o pensamento, que o sono foi-se, decerto com medo de tal avalanche...Sabem, é que mais uma vez o senhor Presidente da Câmara nos esteve a lembrar o que tínhamos prometido. "Olhe, não é necessário um livro muito grande, mas é preciso avançar. E, sabe, não se esqueça de incluir também no

livro, estes aspectos do Folclore. Por exemplo, como nasceram os dois Ranchos, o das Vindimadeiras e o de S. Simão". E ficou a mensagem a espicaçar-nos a memória e a acordar-nos a nós que até habitualmente temos sempre tanto sono!

Ligado à Música, claro, o Folclore e não só; relacionados com a Banda e dela dependentes pelo menos no início, surgem vários agrupamentos aqui na terra: Lucifer ou Libórios, Odeon, Vasco da Gama, Onda Média, Benfica e mais recentemente Faraós e outros que neste instante não recordamos, mas de que havemos de registar até algumas notas biográficas. E o teatro de revista que agitou e sacudiu as gerações de 40 e 50 e que aqui se fazia, no tal Salão frente à Igreja e que o fundador da Banda mandara construir para lá ensaiar os seus futuros músicos e que serviu também tantos anos como Clube de Recreio e Cultura.

Aliás, onde hoje é o supermercado Mónaco ou Maxigrula, aí se situou, antes da instalação da loja do senhor Armando Vida, a chamada Trabuqueta onde também se ensaiava música e se representava e até lá funcionou uma Escola onde leccionava o senhor Professor Silva, (Manuel da Silva Júnior – 1918), contemporâneo do senhor Professor Jaime de Oliveira, o fundador da Banda.

bibRIA

Precisávamos de documentação escrita e fotográfica desses agrupamentos e entretenimentos, todos eles relacionados com a arte musical. Mas quase tudo o tempo devorou, ajudado pela inépcia das pessoas. Enfim, vamos ver o que se consegue.

SENTIR A MÚSICA – SENTIR A BANDA – MÚSICA!

a) Busca de Dados
b) Um Amigo da Banda; Hilário Costa
c) Achegas. Uma das visitas de Armando Teixeira Vida
d) Conversa com o senhor Flório Margaça
e) Caminhos e carreiros da memória
f) Veredas de recordação

bibRIA

bibRIA

SENTIR A MÚSICA, SENTIR A BANDA

Na Música fala todo um povo, cantando e carpindo mágoas, trabalhos e canseiras de longa data que as enxadas da labuta vão cavando no coração da terra daqueles que agarrados ao arado, pé descalço, atrás dos bois, pensaram, sentiram e sonharam.

Carreando mágoas, vexames e sofrimentos nos carros pachorrentos do anoitecer, levavam os seus sonhos até às tulhas de cada amanhecer. De sol a sol, vento escaldante nos rostos ressequidos e tisnados de tanto suar em vão nos campos cheirando a trigo louro ou nos milheirais cantando pássaros de madrugada que as espigas da esperança iam semeando de mão em mão – ei–los alquebrados, dobrados, mas firmes e decididos, bebendo a luta do dia a dia com a coragem do gigante e a paciência dos santos à espera de redenção.

biblRIA

Alegres, confiantes, tragando as tristezas e amortecendo os infortúnios, foram rasgando, semeando e arroteando os campos do futuro. Por terras poeirentas onde os batatais floriam em promessas, na fresquidão dos ribeiros onde os mimos afloravam em botões de esperanças tardias – nos pinhais verdejantes e sombrios de elegância – terra lavrada ou terra dura e madrasta na produção!... Por aqui se espraiou o povo, por aqui chorou, se dobrou e foi morrendo no desgaste, acalentando esperanças azuis de longínquos horizontes.

É todo este viver, sentir, amar, sofrer e continuar teimando no sonho, que a Música sempre representou. Ao longo dos anos, desde 1916 na sua fundação, também ela foi terra ora mais fértil, ora mais ingrata, árvore, flor, arado e sementeira, riso e choro, namoro, casório, gemido de criança, saudade na velhice, conforto e dor na sepultura!...

Com ela sonharam os jovens, fizeram-na depois adultos e no último adeus, sepultou-os no mesmo chão da pauta musical. Nela canta a alegria do amanhecer nestes campos verdes e floridos da Bairrada. Os pássaros, as árvores e as flores,

as mãos que amanham a terra ou que amassam o pão e os pés que pisam e fazem fermentar as uvas, são a Música que temos, a Música que construímos e fizemos neste argamassar de luta e sonho, terra, flor e ar, aldeia, pomar, casa, cesta, cântaro e alguidar.

A Música está no embalar do berço, no acordar de cada manhã, no sino das Avé–Marias, na Igreja, mãe da fé, no raiar de cada alvorada em foguetório e cantares de cada alma erguendo suas preces – no trabalho continuado, amargo, suado, mas sempre amado até ao prazer de cada festa, de cada cravo.

bibRIA

MÚSICA !!!

Sabemos como hoje, em todas as manifestações da vida humana, está latente a Música: no assobio, no canto, na dança, no toque, no teatro, na poesia – na multiplicidade dos sonhos que estão em nós, nos acompanham, interceptam e contactam, no nosso trabalho de todos os dias, no rir e folgar dos momentos risonhos ou no choro e na angústia das horas más – em tudo e com tudo vive a Música. E não é preciso ser-se muito culto para se sentir a Música; pode mesmo não se conhecer uma única nota, mas a nossa sensibilidade, mesmo a do mais ignorante e primitivo descobre-a, sente-a, vive-a.

A Música entra-nos em casa vinda de todas as direcções e pelos mais diversificados meios e também de vários níveis, em termos de qualidade.

Hoje, grande parte da Música que de todos os lados nos invade pelos muitos canais dos mass – média é sustentada por uma autêntica e bem montada cadeia de publicidade, mas a verdade é que existe e tem valor, não interessa como é aproveitada. Todavia, a Música mais directamente acessível ao povo, continua a ser a das Bandas e dos conjuntos musicais que hoje proliferam pelo País.

As Bandas, embora já com alguma remuneração aos seus executantes, ainda vivem e continuam a viver essencialmente de um grande desprendimento e amor a esta arte maravilhosa dos sons. Repare-se, por exemplo, nos ensaios sistemáticos, em horas que outros legitimamente gastam em descanso e prazeres vários, nas actuações que às vezes obrigam a deslocações com natural perturbação de cansaço, afectando horários de certos trabalhos e compromissos. A atenção e concentração exigidas, a abnegada persistência, o espírito de equipa e de interajuda que é necessário cultivar para um bom resultado de globalidade - estes e outros são factores indispensáveis ao bom êxito de uma Banda e que exigem muito de cada elemento.

bibRIA

a) VISITAS - NA BUSCA DE DADOS

Entretanto, 6 de Outubro de 1999 e fomos a casa do senhor Lemos. Perguntámos no café da Feiteira como o havíamos de encontrar e após as necessárias indicações, lá fomos ter. Este senhor Lemos mora mesmo na casa que faz esquina à direita e no início da rua que vai da Feiteira em direcção às Escolas do Troviscal.

Aparece-nos um homem ainda bastante arrebitado, muito vivo e falador. Nota-se que já lhe pesam uns anitos (79), mas ainda é bastante desembaraçado e mesmo quando nos atendeu, mostrou-se preocupado com o trabalho que ia executar para a filha: escapelar milho, isto é, separar e retirar as espigas das capelas que as envolvem.

Não foi preciso grande conversa para nos apercebermos de que estávamos diante de um daqueles (como outros já contactados) apaixonados pela arte musical. O brilho do seu olhar, os trejeitos laivados de alguma saudade e a repentina prontidão com que logo começou a falar da sua vida de músico – de imediato o demonstraram. Aprendeu no Troviscal, disse, com o irmão do senhor Professor Jaime, o senhor Professor José; no Troviscal tocou até a Banda acabar, em 1944 (com a morte do seu maestro, José de Oliveira, a 1 de Agosto desse mesmo ano), mas quando isso aconteceu, ele procurou outras bandas onde pudesse continuar a exercitar as maravilhas da arte que o seu mestre tinha incutido no seu espírito e ao mesmo tempo procurando também fazer parte de uma nova corporação onde pudesse ser útil tocando o instrumento de que tanto gostava.

Falou-nos o senhor Lemos que além da Banda da Mamarrosa, estivera na de Fermentelos e na Banda Amizade de Aveiro. A este propósito contou-nos como fora aliciado para ir para aquela Banda de Aveiro. Lá havia sempre deslocações ao estrangeiro e foi assim que, integrado na Banda Amizade de Aveiro conhecera alguns países da Europa.

bibRIA

Deixámos uma ficha para o senhor Manuel Lemos preencher e dali fomos por casa do senhor Manuel Luzio (em Bustos) que faz parte da Direcção da Associação em que se integra a Banda Filarmónica da Mamarrosa. Não estava em casa e as obras que haviam cortado a estrada concorreram para desistirmos de o procurar mais por hoje. Tivemos mais sorte com a senhora D. Aldina Costa, viúva do senhor Hilário Costa que em vida foi das pessoas que mais amou e acarinhou a Banda. A tal ponto subiu a sua dedicação, que em 1955, além do seu contributo monetário sempre certo, fez um poema à Mamarrosa que encaixilhou e ficou na Banda.

Este quadro, guardado como relíquia numa das crises pelo músico fundador Martinho Augusto Martins (Martinhito), foi mais tarde de novo apresentado e o poema recitado pelo próprio autor, numa das reuniões da Associação Beneficente, Cultura e Recreio, como consta da acta de 5 de Dezembro de 1982.

bibRIA

EU TE SAÚDO, MAMARROSA

Eu te saúdo, Mamarrosa! – Terra
Linda!
Num enternecimento bem merecido.
Já vivi "paredes-meias" contigo
Em fraternização – que dura ainda!

Desejo ver-te Unida à Minha Terra
Em sã Amizade – Como bons Irmãos!
Que se abraçam e dão as mãos
Em fraternidade muito sincera!

Que haja cooperação e harmonia
Entre ambos vós, Oh Mamarrosa!
E, embora velhinha, sigas formosa
Forte e rica e com alegria!

A tua Banda, que te engrandece,
Que viva e prospere, harmoniosa ...
Honrando o teu nome, Oh Mamarrosa!
Por toda a parte onde aparece!

Estima-a e dá-lhe o teu amparo,
Encorajando-a, Oh Mamarrosa!
E ela te conservará Ditosa:
- Pois igual Valor é caso raro!

Estima os teus filhos de Valor!
Que pelo trabalho e pelo estudo
Te honraram e te deram tudo ...
- ...enchendo-te de Esplendor

bibRIA

Um desses teus "filhos" já não vive,
A não ser dentro do teu coração...
É *Jaime de Oliveira*, foi um Brasão!
- Amigo e Professor que em ti vive!

Eu te abraço – Oh formosa Terra!
Abraçando Bustos – esse teu Irmão!
E que este abraço, do meu coração,
- Seja o início duma *Nova Era*

Hilário Costa
Estados Unidos da América do Norte
Janeiro de 1955

Por tudo isto, em reunião dos membros da Direcção da Associação Beneficente Cultura e Recreio (em que se integra a Banda), de 30 de Janeiro de 1983, foi declarado sócio honorário número um, alterando-se até, por tal motivo,

os estatutos daquela Associação.

E da homenagem que lhe foi prestada a seguir, em Fevereiro de 1984 e 1986 aqui fica o registo feito pelo seu próprio punho, no livro "Árvore Genealógica da família Costa", 1988.

"Em 1984 fui homenageado com um pergaminho, numa sessão da Associação Beneficente, Cultura e Recreio de Mamarrosa, onde se lê:"

Ex.mo Senhor Hilário Simões da Costa

A Associação Beneficente Cultura e Recreio de Mamarrosa, resolveu por unânime aclamação da Assembleia Geral, em sessão de 30-1-1983, testemunhar ao seu sócio honorário número 1, a sua mais elevada gratidão pelos altos serviços que lhe tem prestado.

Por tal facto, aqui está pessoalmente a entregar-lhe este pergaminho, com as mais entusiásticas saudações.

Mamarrosa, 26 de Fevereiro de 1984

O Presidente

Manuel Plácido Simões dos Santos

bibRIA

"E no dia 26 de Outubro de 1986, foi comemorado o 70º aniversário da sua Banda Musical, com um Beberete no salão de festas do Restaurante Gaúcha, onde li um discurso que naquele local pronunciei havia 50 anos, referindo-me ao fundador e regente daquela Banda Musical – Sr. Jaime de Oliveira – aos componentes da Banda e ao povo da Mamarrosa, tendo sido vivamente aplaudido.

Em seguida o Sr. Manuel Plácido Simões dos Santos, Presidente da Associação Beneficente, Cultura e Recreio de Mamarrosa, entregou-me uma medalha comemorativa do 70º aniversário da fundação da referida Banda Musical."

Pois a senhora D. Aldina estava em casa, Sobreiro de Bustos. E lá lhe dissemos o que pretendíamos. Ela falou-nos mais uma vez do marido e sua relação com a nossa Banda. Indicou-nos até uma reprodução do tal quadro com versos

que o marido havia feito à Mamarrosa e à Banda. E nós, enquanto a senhora expandia o que lhe ia na alma, vamos ao mesmo tempo pensando e avaliando o proceder daquele homem já do outro lado e que em vida tanto pugnara para que houvesse bom entendimento e boa vizinhança entre Bustos e Mamarrosa. Lembremos que Bustos pertencera à Mamarrosa até 1920, data em que se tornara independente. E tinha havido algumas "escaramuças" entre os dois povoados e o dia da independência de Bustos, o 18 de Fevereiro era vivido de costas voltadas e por vezes até com alguns insultos proferidos por um ou outro bustuense mais inflamado e em altura de maior efervescência nos ânimos, outrora tão ciosos da sua liberdade.

Mas o senhor Hilário Costa, sempre um grande lutador pelas ideias da democracia e da convivência pluralista entre os povos, procurava por todos os meios a boa harmonia entre as duas aldeias.

bibRIA

Em 1987, a 22 de Fevereiro, numa das tais reuniões da Associação onde se integra a Banda Filarmónica, o senhor Hilário Costa diz mesmo que era Presidente de uma Comissão de habitantes de Bustos, encarregada de no ano seguinte (1988) festejar a independência da sua aldeia e que ficava desde já convidada a Banda Filarmónica da Mamarrosa para participar nos respectivos festejos.

O senhor Hilário Costa veio a falecer em 1994, no dia 1 de Dezembro, mas a nossa Banda nunca mais deixou de participar nas comemorações do dia da independência de Bustos.

Depois de deixarmos a ficha respectiva à senhora D. Aldina, despedimo-nos com todos estes factos ainda bastante alvoroçados a bailarem-nos no cérebro.

b) UM AMIGO DA BANDA – O SENHOR HILÁRIO COSTA

Como referimos, deixámos uma das tais fichas à senhora D. Aldina (viúva do senhor Hilário Costa) que nos visitou logo daí a uns dias. Não se limitou ao preenchimento da tal ficha; trouxe-nos imenso material deixado pelo seu saudoso marido.

Ora, nós sabíamos pela "Mamarrosa Milenária" de Armor Pires Mota, página 206, que o primeiro serviço feito pela Banda da Mamarrosa e pelo preço de 20$00, tinha sido no casamento de Augusto Costa, de Bustos. E, claro, quisemos saber mais. De encontro a este desejo, trouxe-nos a senhora D. Aldina o livro "Árvore genealógica da Família Costa, escrito pelo seu marido. Ficámos assim a saber que este Augusto Costa, de nome completo Augusto Simões da Costa (afinal tio de Hilário Costa) foi uma pessoa muito importante no princípio deste nosso século que está a terminar (o XX). Já no Brasil, para onde havia emigrado, tivera uma drogaria e perfumaria, inventando aí até uma loção para o cabelo, com o nome de "Capilarina Costa". Regressou a Bustos, mais propriamente à Quinta Nova, com alguma fortuna e aí conseguiu abrir uma agência de Bancos e de seguros, fundou uma fábrica de licores e tinha ainda armazém de adubos e tabacos, mercearia e uma estufa de chicória. Além desta intensa actividade comercial, conseguiu instalar em Bustos a primeira farmácia (que era também da Mamarrosa, uma vez que isto se passa antes de 1920, data da independência de Bustos). Além da farmácia instalou-se também em Bustos o primeiro Registo Civil e a primeira estação de Telefone e Postal. A este homem se deve a fundação do Jornal "Alma Popular", em 5 de Outubro de 1918 e que mais tarde passou para a posse do Dr. Santos Pato da Barreira – Azurveira – Bustos e de outros. Mas além deste Jornal, Augusto Costa fundou ainda um outro - "Farol da Liberdade". Eram Jornais de cariz popular, mas onde sempre se mantinham acesas polémicas de carácter sócio-político.

Este Augusto Costa casou com Rosa Figueiredo; do requinte desse enlace, imagina-se pela presença da Banda da Mamarrosa que decerto deu mais fausto e brilho à cerimónia.

bibRIA

O senhor Hilário Costa, sócio honorário número um da Banda, era sobrinho deste Augusto Costa, em cuja casa comercial chegou a trabalhar.

Descendia de uma família numerosa (9 filhos) e, feita a 4ª Classe e só com a mãe viva (o pai morrera quando ele tinha 2 anos), cedo começou na luta dura pela vida. Apenas com 13 anos abriu uma taberna e mercearia na casa dos pais, mas no final dos anos vinte, emigrou para a América, passando antes por Lisboa, Espanha e França (concretamente em 1926).

Na América, trabalhou de início numa fábrica de esculturas, "Terra Cotta" onde talvez apurasse o seu sentido estético nesta arte de modelar. O Senhor Hilário modelou vários bustos, por exemplo, e pintou também quadros, alguns dos quais legou a instituições da sua terra (como às Escolas).

Mas a maior parte da sua vida de emigrante passou-a no duro trabalho da construção de estradas, "de pá e picareta ou com um marrão pesadíssimo, a partir pedra, como escravo" – são palavras suas.

bibRIA

De tão fatigante labuta, é natural que tenha granjeado algum desafogo económico que ele sempre aproveitou para dar sólida formação cultural aos seus filhos e ao mesmo tempo ele próprio sempre procurou cultivar o seu espírito, ávido de aprender e de realizar empreendimentos ligados ao saber e ao bem – estar dos seus conterrâneos.

Homem de ideário livre e democrático, mesmo lá longe, nunca esqueceu a terra mãe, procurando sempre engrandecê-la e enaltecê-la, não só entre a colónia portuguesa onde muito cedo arrancou com a publicação do jornal "Farol da Liberdade" (ainda se publicava em 1969), talvez retomando as directrizes do seu tio Augustos Costa que aqui tivera o tal Jornal com o mesmo nome, no início do século XX e a que já aludimos. Além disso, sendo sempre muito estudioso e dado às musas, deixou alguns livros de poesia e prosa.

Foi este homem o benemérito e generoso sócio da Banda que em devido

tempo a Associação Beneficente, Cultura e Recreio da Mamarrosa decidiu homenagear ainda em vida, (em 1984 e 1986), como já se descreveu.

Lembremos que sempre que permanecia em Bustos, nunca deixava de comparecer às reuniões da Assembleia Geral da nossa Associação (como se pode verificar pelas Actas), contribuindo com as sua ideias, o seu dinheiro e o seu bom nome para o progresso e engrandecimento da nossa Banda.

c) ACHEGAS – UMA DAS MUITAS VISITAS DO SENHOR ARMANDO VIDA

Hoje, dia 16, sábado, Outubro de 1999, passa da meia noite ...

Já por aqui andou o sono à volta, mas vamos resistindo porque parece-nos útil registar alguma coisa deste dia.

bibRIA

Tivemos mais uma visita do senhor Armando Vida: quando aparece é para falar sobre a Banda, sobre música...Numa tarde quase inteira... E vamos recordar alguns excertos do que nos contou. Quem sabe se os leitores até gostam também destes pormenores e lhes apanham o jeito como aconteceu connosco?! Sabem do que falou ele hoje? Não, hoje não foi das peripécias da Banda... Imaginem! Nem mais – do antigo grupo "Lucifer" que também se conhecia por "Os Libórios" porque estes eram os principais tocadores; três irmãos: o Mário que tocava bandolim – banjo; o António tocava violino e o Avelino, viola. E do grupo ou tuna como era conhecido, faziam ainda parte o Armando Vida com saxofone alto e o Amândio Silva com a flauta.

Os irmãos Libórios tinham um ouvido muito apurado, próprio para esta ciência dos sons e parece que começaram a tocar muito cedo e de ouvido. Mas estes músicos do Lucifer eram também executantes da Banda onde tinham aprendido o solfejo e a leitura das escalas (a tal descodificação da gramática musical).

Aliás, o próprio mestre da Banda, o senhor Professor Jaime acarinhou e incentivou a criação deste agrupamento musical. Sabemos como ele próprio em solteiro fizera parte de conjuntos como o da Amoreira da Gândara – Tuna dos Malhadeiros e que foi assim que veio a conhecer a esposa, D. Maria Rodrigues Pato da Mamarrosa (filha de um rico proprietário "o Capucho"). A propósito, recordemos até um episódio que então se passou. A Tuna (como era conhecido também o conjunto Lucifer) das Quintas (Quinta do Cavaleiro) fez o primeiro serviço no Salão do senhor Professor Jaime (frente à Igreja, como já se anotou). Isto por volta dos anos 30.

No palco havia um grande pano espesso, parecido com os usados debaixo das oliveiras, na apanha da azeitona e que cobria qualquer coisa... Preparam-se os elementos do conjunto para tirar os primeiros acordes e dar início ao baile (pois se tratava de um bailarico, muito usual na época), quando por "artes mágicas", desaparecido o tal panal, o senhor Professor Jaime começa a tocar uma bateria, ali exposta aos olhos espantados de todos!. Foi um momento inesquecível para aqueles músicos, uma alegria esfuziante apoderou-se deles e o entusiasmo brotava por todos os poros...

bibRIA

...Exige-se uma explicação, nós entendemos ... Bem, porquê tal euforia?

Fácil de compreender. Nesta altura, aqui pelas aldeias, bateria era coisa que ainda não tinha aparecido; já se conhecia, mas ninguém ainda a possuía. Ora, o mestre Jaime de Oliveira, uns dias antes, deslocara-se ao Porto, à casa dos instrumentos e trouxe de lá aquela bateria para oferecer ao jovem conjunto.

E mais ainda: foi com eles (músicos dos Libórios) logo de seguida abrilhantar um outro baile no clube de Ancas (a convite dos Seabras) ... bem, é que nenhum dos rapazes se encontrava habilitado a tocar o novo instrumento ou instrumentos, pois eram vários e para um só executante... jamais eles tinham imaginado tal! E então, só a seguir, daí a algum tempo, é que o mesmo senhor Professor Jaime lhes lembrou que talvez o caixista da Banda, o Artur Lemos fosse capaz de se ocupar

da bateria... Assim, este Artur Lemos passou também para o conjunto das Quintas.

Mais tarde meteram também o António Santos que passou a tocar cornetim, com surdina (adaptação que torna os sons mais suaves e macios, menos estridentes). Veio ainda o Manuel Camarneira que tocava trombone (com surdina). O trombone é o instrumento que na Idade Média se chamava sacabuxa.

Entretanto, o António Libório que tinha uma grande e próspera agricultura, desistiu. O baterista, o Artur Lemos arranjou então outro músico (da Palhaça), o Emitério Fernandes, rapaz muito passeado e de alguma experiência, mesmo em Lisboa; como tocava violino, substituiu o António Libório. E foi também este Emitério que arranjou o nome de Lucifer para o conjunto das Quintas; parece que nas suas deambulações, tinha estado num barco onde havia também um agrupamento musical chamado Lucifer.

bibRIA

Já nesta altura era o Armando Vida que liderava o grupo. O nome Lucifer não durou muito tempo porque, como faziam muitos serviços em arraiais de festas religiosas, a Igreja não os aceitava com a tal designação (o próprio bombo tinha um mafarrico desenhado), portanto, por exigência eclesiástica, mudaram para o que haviam tido inicialmente: "Os Libórios".

Esta tuna ou jazz , como depois se passou a designar, atingiu fama e grande reputação pela qualidade e beleza da sua música e, nos anos 40 e 50, abrilhantou muitos arraiais, noitadas e bailes da região.

Entretanto, os principais músicos, "os Libórios", dadas as transformações sociais e económicas do seu modo de vida particular, começaram a perder aquele entusiasmo e exaltação dos tempos áureos da mocidade e cada um foi para o seu lado e o conjunto quase acabou.

Falou o senhor Armando também sobre alguns pormenores da vida de músico. Soubemos assim que os irmãos todos gostavam da música e tocavam: o José Dias, o mais velho e dos fundadores da Banda, tocava cornetim; o irmão

António, saxofone (que nós já sabíamos) e ele também, saxofone barítono. Disse-nos que era o mais novo dos irmãos e então muitas vezes esgueirava-se dos trabalhos agrícolas, sorrateiro, sem ninguém dar por isso e aproveitava qualquer tufo de arbustos para se esconder e experimentar no instrumento uns acordezitos; bem entendido que em breve era descoberto e obrigado a ombrear com os irmãos nas lides duras dos campos.

Nem precisou de sair de casa para aprender o solfejo; aprendeu com os próprios irmãos, por isso, quando se apresentou (com 15 anos) ao senhor Professor Jaime, já ia bastante adiantado.

Nesta tarde recordou-se também a acção do senhor Dr. Pato em favor da Banda. Enquanto foi vivo (morreu em 12 de Maio de 1975, com 56 anos), a Música (também já sem o seu mestre desde 1940) era a menina dos seus olhos. Preocupava-se com fardamentos, instrumental, providenciava apoios junto de conterrâneos e simpatizantes influentes, organizava remodelações em momentos de crise, enfim, a Banda foi sempre uma das suas grandes prioridades para a freguesia e para o Concelho (a seguir ao 25 de Abril de 74, esteve à frente dos destinos de Oliveira do Bairro).

bibRIA

Morreu muito cedo (com 56 anos como dissemos atrás) quando ainda muito se esperava do seu espírito bairrista e da sua vontade empreendedora. E o mesmo tinha acontecido antes com o senhor Professor Jaime de Oliveira, falecido em 1940, como já se referiu.

Na altura da morte do senhor Professor Jaime, a Banda tinha bastantes compromissos e de um instante para o outro, desaparece-lhe assim o timoneiro. Ora, na ocasião (1940), além da Banda principal, havia também uma outra Banda, a infantil, com os mais novos que ainda andavam a aprender e de quem se ocupava o filho mais velho do professor Jaime, o José, rapaz muito esperto e de grande predisposição para a arte musical. Falecido o pai, foi este filho mais velho que assumiu imediatamente o lugar vago da regência da Banda (conhecida por Banda

Velha para se distinguir da Infantil). E a Banda dos mais pequenos praticamente acabou; os que já sabiam o suficiente, integraram-se na Banda dos grandes e os outros dispersaram-se.

Sabemos que José de Oliveira, o primogénito do fundador, como o pai, era profundo conhecedor e amante intuitivo destas coisas da sétima arte e com ele a Banda adquiriu notável prestígio e grande nomeada. Mas foi sol de pouca dura porque para se desempenhar um qualquer papel de chefia, não chega ser-se conhecedor da matéria em causa e ter até predicados pedagógicos para exercer essa função; há outras qualidades e características indispensáveis ao desempenho correcto e digno de determinados cargos. E, precisamente, parece que a José de Oliveira, além da competência musical que possuía de sobra, faltavam algumas dessas características indispensáveis à personalidade de um regente de uma Banda. Enfim, ninguém é perfeito e defeitos todos temos, mas sempre se notam mais quando a pessoa está num lugar de relevo, como era o caso. Pena porque era um homem extraordinariamente competente como músico e como regente (segundo todos dizem).

bibRIA

Por outro lado, José de Oliveira que pertencia ao Regimento 19 de Aveiro, de um instante para o outro, foi levado para a Guiné e daí para Angola e a Banda ficou de um instante para o outro, sem rei nem roca. De forma que até para satisfazer um contrato que já tinham aceite para Perrães (onde havia despique com uma Música muito afamada, a de Freamunde) , tiveram de pedir ao senhor Professor José de Oliveira (notável regente da Banda do Troviscal, irmão do falecido Jaime de Oliveira e, portanto, tio do José, filho do Jaime) para reger a Banda da Mamarrosa, de modo a não faltar ao compromisso antes assumido.

Bem, e por esta noite, ficamos por aqui.

d) CONVERSA COM O SENHOR FLÓRIO MARGAÇA

Pedro Costa regente por uma noite

O mês de Outubro já vai bastante adiantado e nem sempre há tempo e disposição para se executar o que deve ser feito. Por vezes, como borboletas insensatas e vazias , vagueamos pelas coisas sem nos determos no que é essencial. E o tempo que não vai em devaneios, cada vez mais avança, deixando-nos para trás, atirados como coisas inúteis nas bermas de tanto acontecer em vão.

Há uns dias atrás, esteve aqui o senhor Flório Margaça; já com oitenta e tais, é daquelas pessoas que conhece vários factos e os recorda com relativa facilidade. Homem que foi emigrante e amigo de se cultivar, sempre se preocupou em adquirir saberes. Pois como dissemos, passou por aqui e contou-nos vários factos e vamos relatar um deles e que se situa nos anos 30 (1932 ou 1933).

Antes de mais, esclarecemos que o senhor Flório não foi músico; ainda começou a aprender, mas talvez por dificuldades em relação à aquisição de instrumentos, cedo desistiu dos sons musicais... Mas vamos então à história que nos contou e que mostra bem o nível e a qualidade da nossa Banda naquela altura (anos 30).

bibRIA

Nos anos 30, 40, havia grandes arraiais com Bandas, ao despique. Formavam-se claques como agora se usa com o futebol, havendo até apostas a ver qual das Bandas ganhava. A propósito, era também no tempo em que os rapazes solteiros até usavam certos estratagemas para chamar a atenção das raparigas. Por exemplo, aqui pelas aldeias, os rapazes costumavam colocar uma espécie de surdina nos sapatos (bocados de cortiça adaptados ao calçado). Quando passavam, os sapatos rangiam, emitiam um som característico que alertava a namorada que assim podia vir à janela ou à porta ver o rapaz. Mas voltemos ao despique das Bandas.

A Banda da Mamarrosa, bem como a de Vagos, estavam convidadas para fazer o arraial da noitada de São Lourenço, em Bustos. A malta estava a postos, todos munidos dos seus paus de junco (feitos ou tecidos com os juncos que

traziam do rio de Vagos para as estrumagens). É que não raro as coisa azedavam e havia mesmo cenas de jogo de pau. Como no desporto, as claques acirravam os seus adeptos, que a coisa prometia...

E a hora aproximava-se. Discutia-se, os ânimos fervilham. Ora, ficara acordado que seria a Banda da Mamarrosa a começar. Tudo a postos nos coretos, mas do senhor Jaime, o regente da nossa Banda, é que nada ... Esclareça-se que o senhor Professor Jaime era homem bonacheirão, como já se anotou e amigo da "rambóia" ou "parranda", como diz o senhor Flório.

Às vezes, ele, o António Barreiro, avô do senhor Plácido, o Padre Cadima (de nome Manuel Gonçalves, mas natural de Cadima donde tomou o apelido), o António Freitas (canteiro natural de Aveiro e casado aqui com a D. Capitolina) faziam umas noitadas até alta madrugada. Eram jovens e gostavam de se divertir... E na noite anterior tinham precisamente andado na tal "rambóia" ou "parranda".

bibRIA

Chega-se a hora de iniciar o concerto, os músicos preocupados – "Que fazer? Ó pá... Então e agora?!...O mestre não vem!" ...- Os de Vagos apertam ... – Toca de começar. Está mais do que na hora... – Então o que aconteceu ?... Conjecturas e mais conjecturas, mas nada do senhor Jaime aparecer. – Pronto, começam os de Vagos... Entretanto, o regente da Banda da Mamarrosa aparece... - Mas não apareceu ... - Quem vai reger? Quem não vai? Como fazer? – Bem, caiu a sorte no Pedro Costa que já antes fora ele que pediu aos de Vagos que começassem, pensando que entretanto o senhor Professor Jaime ia chegar...

Compreende-se o seu nervosismo, pois nunca tinha pegado na batuta. E volta a atacar a Música de Vagos; Pedro Costa (tio do senhor Professor Costa) todo treme, mas puxando todas as sua forças, num misto de genica, desafio e nervos, de novo tem de enfrentar a situação que se vai repetir até quase final da noite, quando apareceu o senhor Professor Jaime, ainda meio ensonado.

Resta dizer que mesmo com este regente improvisado, foi a Banda da Mamarrosa a vencedora. E por muito tempo este episódio foi assunto de noitadas, festas e escapeladelas. A Música da Mamarrosa tinha atingido tal qualidade de

execução, que mesmo sem o seu maestro, conseguiu vencer a afamada Banda de Vagos.

(Reconhecimento aqui de eterna saudade ao senhor Flório Margaça que veio a falecer em 1 de Abril de 2000).

e) CAMINHOS E CARREIROS DA MEMÓRIA

Já Dezembro caminhava para o fim, quando arranjámos tempo para ir dar mais uma volta: entregar mais umas tantas fichas a ex-executantes da Banda.

A tarde estava fria e chuviscosa, pardacenta e embrulhada lá para os lados das Malhadas, prenúncio de agravamento das condições climatéricas.

Mas fomos; a chuva na verdade engrossou, era daquela dos molha-tolos. Contudo, era trabalho que já há muito devíamos ter feito.

bibRIA

Começámos pela Quinta do Cavaleiro (Quintas). Batemos à porta do senhor Manuel Evaristo da Silva Azenhas, logo ali, a seguir ao cemitério, próximo das vinhas onde desde outros tempos se chama "Lavoeira", bem entendido, palavra - desvio de lavoura, que tudo por aqui à volta era chão de culturas agrícolas e ainda em parte assim continua.

O senhor Manuel Evaristo ou não estava ou não ouviu. Mas logo a seguir, o senhor Washington estava no pátio da sua casa, a limpar vergas, decerto para empar as vinhas, (o que está na altura).

Trocadas umas necessárias e breves explicações, seguimos para Malhapãozinho. Como aqui também não conseguíssemos falar, nem com o senhor António Rodrigues da Silva nem com o senhor Manuel de Jesus, fomos direito ao Cabecinho. A casa do senhor Álvaro Ribeiro...

Já um pouco a manquejar, carregam-lhe no corpo já mais de oitenta. Este ex-músico estava sentado ao lume, mas a esposa, a senhora Liberalina Gomes foi chamá-lo. E ele, um pouco a custo, lá veio.

Conversámos e notámos que o senhor Álvaro guarda ainda várias recordações sobre a Banda. Entretanto, apareceu o neto, o Jorge que logo se prontificou a servir de secretário do avô, pois assim, vagarosamente, sem pressas, ele com mais facilidade, poderia dar o seu testemunho sobre a Banda que serviu durante vários anos.

A chuva engrossava, era agora daquela pegajosa que as pessoas dizem que se mete nos ossos, mas nós lá voltámos para trás, à procura dos que ainda não tínhamos encontrado. Voltámos primeiro ao senhor Manuel Jesus que tinha então chegado a casa (bem no meio das propriedades) e para onde se vai por uma pequena estrada. Um senhor ainda bastante novo que nos acolheu cheio de entusiasmo.

bibRIA

Batemos também outra vez à porta do senhor António Rodrigues da Silva. A esposa e a filha receberam-nos e ficámos a saber que este antigo músico se encontrava no Brasil; lá deixámos à filha a folha das perguntas e prometemos voltar daqui mais ou menos a um mês.

Saímos de novo para a chuva e demos um pulo até à Quinta de Além onde conversámos com mais um ex - executante: o senhor Manuel Costa.

Finalmente, já de noite, lá encontrámos o senhor Manuel Evaristo da Silva Azenhas; este também já acusa bastante o peso das muitas primaveras que o foram alquebrando, todavia, mostrou-se muito interessado em responder a tudo o que souber.

Ao senhor Manuel Conceição, aqui da Mamarrosa, já há uns tempos lhe tínhamos deixado um dos tais papéis.

Entretanto, agora, na altura do final deste ano de 1999, fomos a casa do

senhor Carlos Alberto de Oliveira Pato, irmão do senhor professor Orlando e um dos filhos do senhor professor Jaime que fora executante (todos os filhos do fundador tocavam). Vive na Amoreira da Gândara em casa da filha.

Encontrámos um homem ainda com algum vigor, mas apoiado em duas muletas para ajudar as suas pernas cansadas e talvez já um pouco descalcificadas.

Falou-nos dos anos que esteve na Banda, do carácter do pai, de alguns fundadores que conheceu e de colegas do seu tempo, como o senhor Armando Vida que disse ser um bom músico, muito amigo de saber, de ler, de estudar e até com capacidade para reger. Explicou-nos também pormenores sobre os instrumentos que tocou e deu-nos a conhecer certas particularidades específicas da vida da Banda.

Hoje a Associação Beneficente, Cultura e Recreio (a que pertence a Banda), adquiriu (agora em 1999) e com bastante sacrifício económico, uma carrinha para transportar os instrumentos mais pesados e que também são em maior número que antigamente. Ora, durante muito tempo (em que nem para as pessoas havia condignos meios de transporte), esses instrumentos maiores e mais pesados, como a tuba, o contrabaixo, o bombo e a caixa eram transportados à cabeça das mulheres para todos os serviços para onde a Banda se deslocava. A Ti Maria Bicha, a Ti a Rosa do Ambrósio, a Ti Olímpia (esposa do poeta Júlio Dias Gapo) e a Ti Britadora, eram as transportadoras habituais destes instrumentos, por conta da Banda. Queremos esclarecer que demos este tratamento nominal a estas senhoras porque era assim que vulgarmente eram conhecidas. Contudo, para elas vai todo o nosso respeito e consideração e voltaremos a este tema quando (como esperamos) tivermos mais dados sobre qualquer uma delas.

Retornando à conversa anterior; além destas senhoras - transportadoras, havia uma outra só para o rabecão: a Teresa do Luís, irmã de Maria da Silva ou do Luís, sogra do fundador Pedro Domingues e que vivia lá na casa do Pereirita (Manuel dos Santos Pereira, ele mesmo genro de Pedro Domingues, e irmão do Senhor Modesto Pereira, sogro do senhor professor Costa). Conta-se até que

bibRIA

esta senhora Teresa morreu numa manhã de muita neve, quando andava no Sobreiral a apanhar erva; antes dela a irmã, a Ti Maria do Luís, também transportava instrumentos; foi a primeira a fazer esse trabalho.

Tudo isto e muito mais nos contou o senhor Carlos. Por ele também obtivemos mais alguns dados sobre a Tuna dos Malhadeiros a que pertenceu o pai, Jaime de Oliveira, em solteiro.

f) VEREDAS DE RECORDAÇÕES

Noite de 22 - 01 - 2000

E mais uma incursão pelas veredas da memória.

Durante uma semana, com o tempo, embora frio, mas assim a rir com este sol baixo e ladino de Janeiro, jovial e malandreco como os augúrios deste 2000 - não se encontra ninguém em casa. De forma que passámos a optar pelo domingo. Escolhemos logo os primeiros do ano.

bibRIA

Dirigimo-nos assim ao senhor Amândio da Silva, na Caneira (casa de uma filha). Ainda não lhe tínhamos falado porque só agora o apanhámos aqui mais perto; tem estado para Mira, em casa de outra filha.

Encontrámos o senhor Amândio já com algumas dificuldades de comunicação; acusa bem o toque dos seus 87 anos carregados de Janeiros e maleitas que acompanham a lei da vida. Mas, apesar disso, falou-nos do seu amor pela Banda e do seu gosto e satisfação por tocar.

Começou a aprender logo aos 8 anos e tocou até 1981. Tocava saxofone soprano, na Banda, mas no jazz dos Libórios tocou flauta.

Deixámos o senhor Amândio abanando ainda a bolsa de tantas recordações e seguimos para a Póvoa do Forno onde conversámos com o senhor Manuel

Pereira. Em contraste, aqui encontrámos um homem mais novo e muito vivaço que nos deu conta de vários casos de que foi protagonista, nos seus tempos de músico. Disse-nos que tocava requinta e aludiu a alguns dissabores e contrariedades passadas com a história da requinta.

Este homem, como outros com quem já falámos, esteve ausente bastantes anos (ele na América do Norte), mas quando veio, voltou para a Banda. E no estrangeiro, preocupou-se, não só em arranjar dinheiro, garante de melhoria das suas condições de vida, mas também em alargar um pouco mais os seus horizontes culturais. E a música, que um dia lhe havia impregnado a alma, sempre latente no seu dia a dia, com ele por lá viveu e decerto se desenvolveu, pois este ex-músico até comprou outros instrumentos que também tocava e que trouxe cá para Portugal, guardando-os com muito amor e carinho.

Como temos notado, por estas várias deambulações no reino da memória, o gosto pela arte musical acompanha cada músico até ao fim dos seus dias; dá quase a impressão do criar de uma outra existência que se vai agarrando, fixando até ao envolvimento total, abarcando no ser todo o seu querer, todo o seu amar, o seu proceder - o viver.

bibRIA

Tínhamos já agora uns dias antes deixado um dos questionários ao irmão do senhor Manuel Pereira, o senhor Ramiro (na Carvalha), mas com este pouco falámos. Os dois irmãos eram naturais da Caneira: o Ramiro casou na Carvalha e o Manuel na Póvoa do Forno.

UM POUCO DE INFORMAÇÃO CULTURAL

a) No labirinto das interrogações
b) A Música – factor universal de comunicação
c) Outra procura – Evoluir da prática musical
d) Como se aprendeu Música ao longo do tempo
e) A aprendizagem da Música nos nossos tempos
f) Breves noções sobre instrumentos
g) Antecedentes do aparecimento das bandas no século XIX

bibRIA

bibRIA

a) MAS ... NO LABIRINTO DAS INTERROGAÇÕES

Ora bem, parece – nos que antes de avançar, urge fazer alguns momentos de reflexão. Não podemos falar de Música, sem saber ao menos o que é um som! Claro, claro "*é o resultado do movimento vibratório dos meios elásticos, capaz de produzir uma sensação no ouvido humano*" - o que diz a Física. E som musical deve ser um som com certas qualidades harmónicas, decerto... Distinguem – se no som: a altura, a intensidade e o timbre. Os sons musicais saem dos instrumentos e da nossa voz que é um instrumento natural por excelência...

Então o que será a Música? Bem entendido que todos nós temos a nossa ideia sobre este ou aquele assunto. Também podemos ter o nosso conhecimento e não o sabermos definir em termos que sejam acessíveis à compreensão dos demais. As coisas não são, pois, assim tão fáceis como parecem. Mesmo quantas vezes sentimos e apreendemos certas noções, mas das quais nem somos capazes de expressar uma opinião correcta?!... Será a Música "*um todo harmónico formado por um conjunto diferenciado de sons*"? Será? Ou muito mais que isso? Sem a sabermos definir, a verdade é que quando a ouvimos, sentimo–la e um poder mágico parece que abre o nosso espírito e nele cabe todo o mundo que nos rodeia com as suas alegrias e prazeres ou dores, gritos e raivas. Os campos dos nossos sonhos, o chão da vinha e o pão da sementeira – tudo dança e brinca na nossa alma absorta e liberta até paragens que não podemos definir, mas só sentir, pois nos embriagam e levam sem sabermos para onde – decerto para outros universos, onde sonhar não é proibido nem custa dinheiro!

A Música é a Banda; para muitos de nós há uma identificação perfeita entre as duas; são um todo que não sabemos separar ou nunca nos demos ao trabalho de diferenciar: Música – conjunto de sons, de Banda – conjunto de executantes dos mesmos sons, - ponto comum onde as duas noções se tocam e convergem.

Escrever sobre uma Banda, neste caso, a da Mamarrosa?!!! Mas imediatamente, antes até de vasculhar qualquer coisa na memória do passado,

biblRIA

nos parece pertinente tentar resolver um emaranhado de questões... Pois se vamos falar sobre uma Banda, é necessário, ao menos, perceber o que é uma Banda. Dir–me–ão que é um conjunto de músicos ou de pessoas que se dedicam à Música, a aprenderam, a ensaiaram e a tocam. Será mais ou menos isso... Mas no nosso espírito aparecem outras interrogações e mais outras... Houve sempre Bandas? Como e quando apareceram? E a própria Música como se desenvolveu, como chegou até nós? Que importância tem tido ao longo dos tempos e agora? E como se aprende? Será fácil de aprender ou necessita de estratégia especial a sua aprendizagem? Quem vai aprender e porquê? E os instrumentos... Quais são os principais numa Banda e em especial na da Mamarrosa? Dizem – nos que os instrumentos se podem agrupar em três categorias: de corda, de sopro, de percussão... Muito bem... De corda: viola, violino, violoncelo, guitarras, bandolim, piano, etc. De sopro: flauta, corneta, cornetim, trompa, trompete, órgão, clarinete, etc. De percussão: bombo, tambor, tamborim, caixa, ferrinhos, xilofone, pratos, bateria (muitos instrumentos para um só músico), etc. ... Como se distribuem, que funções têm? E como apareceram os instrumentos também ao longo dos anos ... etc. ...Um nunca mais acabar de problemas, afinal, mesmo antes de, com um mínimo de esclarecimentos, nos podermos então lançar na procura das raízes históricas da nossa Filarmónica.

biblRIA

Decerto que não poderemos aprender agora o que deveríamos ter aprendido ao longo dos anos. Mas se nos empenharmos, quem sabe se alguma coisa iremos encontrar?... Anima–nos a enorme e ampla compreensão que de todos os lados temos encontrado. Porque este será um trabalho colectivo, de todos os muitos que nele participam directa ou indirectamente. Daqueles que guardam na memória a riqueza de glórias e também reveses que a nossa Banda passou de 1916 até hoje. Daqueles que lhe deram o seu tempo, o seu carinho e o seu saber e por ela pugnaram com garras de gigante para que não morresse e, pelo contrário, se levantasse sempre das cinzas que mais que uma vez quase a sepultaram! Daqueles, enfim, que lhe deram tudo: amor e vida, trabalho e sacrifício. Dos que nunca desanimaram pelo caminho e sempre sonharam alto e para mais além. Dos que hoje lhe dão rosto, com sabedoria, garbo e aprumo e continuam

construindo em beleza e glória a ponte começada em 1916 e que nos vai lançar no próximo milénio, lembrando a todos que a cultura musical há–de permanecer por estes sítios da Mamarrosa.

É com todos estes que contamos hoje e ainda com os que na retaguarda são o verdadeiro sustentáculo deste marco vivo do presente. Com todos eles e seus saberes e ao mesmo tempo gosto de connosco perscrutarem alguns rudimentos culturais sobre as coisas da Música – avançaremos na descoberta do rumo certo.

É nosso desejo que este trabalho seja também de algum modo um jeito de homenagear todos esses heróis anónimos já consumidos pelo tempo ou ainda por aí acalentando saudades e despindo os últimos sonhos na escala musical de todos os sons. Singelo gesto de gravar no papel algo do reconhecimento que a todos se deve: aos idos para o Além e aos vivos, sejam ou não já executantes. E não esquecemos aqueles punhados de pessoas que em Comissão, mesmo que sem carácter definitivo ou em Associação tentaram segurar e orientar as rédeas de uma organização digna e nobre, mas porque humana, tantas vezes esteve quase a soçobrar.

bibRIA

É nossa intenção a este propósito arranjar uma foto da Banda na sua primeira apresentação, bem como os nomes de todos esses fundadores e, se possível, algumas notas biográficas de cada um. A lista de todos os regentes até hoje e também algo sobre cada um, se arranjarmos dados. Os nomes também dos que em momentos de crise lá estavam na hora certa. E as Comissões e Direcções formadas para atender estes casos pontuais e sempre de difícil resolução. E na actualidade mais em pormenor: uma visão geral de toda a Banda em formação, organização e objectivos; componentes e respectivas funções; instrumental e fardamento. Se possível, num conhecimento mais personalizado de cada elemento actuante.

Este será para nós o fulcro ou núcleo do que nos propomos e é à sua volta

que tudo vai girar e de que tudo vai depender. Do presente ir ao passado num encadear, se possível, lógico e consequente de factos. Mas também na horizontalidade ir aos pontos colaterais onde se insere o corpo de toda a Banda na actualidade. Ligados a estes núcleos virá todo o historial antigo, quer em relação a pessoas, datas e lugares, quer em relação a instrumentos, fardas e outros objectos ligados ao objectivo central.

b) A MÚSICA, FACTOR UNIVERSAL DE COMUNICAÇÃO

"*A obra musical não é uma coisa, mas sim um conjunto de acontecimentos*" traduzidos em notas musicais cuja mensagem se insere no próprio esquema de comunicação. E nessa cadeia informativa há que considerar o compositor, os intérpretes e os ouvintes. O compositor é o emissor da mensagem que é a partitura codificada por ele nos sinais ou símbolos musicais, ("*nas inúmeras convenções*" de grafia musical).

bibRIA

Os intérpretes ou executantes dessa mensagem, têm o papel de a descodificar e transmitir aos receptores que são nem mais nem menos que os ouvintes, o público que dela vai fruir. E temos também assim a Música na sua concepção mais ampla e abrangente, como uma linguagem, a linguagem universal da Música, cujo código usado pelo compositor é decifrado pelos executantes (músicos), mas também deve ser entendido pelos ouvintes (pelo menos em termos de deleite emocional). Estamos perante uma espécie de dicionário como tão magistralmente nos ensina o grande músico e compositor João de Freitas Branco quando nos mostra que será por essa espécie de dicionário que nos podemos aperceber das ideias e sentimentos, dos acontecimentos, de tudo aquilo que nos rodeia e faz parte das vivências humanas e que a Música nos transmite.

Pensemos agora que o compositor, o emissor que escreve a sua música, em regra a dirige a alguém (pode ser até a ele próprio). E, tanto ele como os destinatários, os ouvintes, estão inseridos numa determinada sociedade onde se jogam interesses e influências políticas, sociais, económicas, religiosas. A Música

vive e transmite, pois, reflectindo esta cadeia interactiva de factores mais ou menos influentes e decisivos na sua efectivação. Aliás, todos nós conhecemos, por exemplo, a chamada música de intervenção política, como a de Sérgio Godinho, Zeca Afonso e outros.

Também, por outro lado, há até as partituras específicas, encomendadas mesmo a um determinado compositor para comemorar este ou aquele acontecimento.

Mesmo que inconscientemente, o compositor age sempre sob um variado número de influências de ordem social e cultural e também as suas criações vão por sua vez dar origem a movimentos de apoio ou contestação ou apenas louvor e homenagem, consoante os casos.

Ao longo dos tempos houve assim música especificamente palaciana (feita de propósito para gozo e prazer ou para incitar ou louvar os grandes feitos, nos palácios dos reis e grandes senhores); havia a música litúrgica (das cerimónias religiosas), a música popular, própria das classes mais pobres e decerto a mais vulgarizada e muitos mais tipos, consoante o ângulo com que se aprecie tal assunto, mas que não cabe no âmbito deste trabalho.

biblRIA

Também sempre os grandes compositores porque voavam muito alto, se tornaram perenes como a sua música e, embora inseridos nos mesmos contextos sócio – culturais e económicos da vulgaridade, nada afectou o seu estro de artistas que a tudo resistiu e, por isso, as suas obras continuam e continuarão como exemplos do que de mais sublime e maravilhoso produziu o espírito humano.

Convém ainda anotar que os aplausos do público seja qual for o seu extracto social, sempre também serviram de algum modo como critério de avaliação da obra musical, havendo todavia excepções, como em todas as outras artes. Numa determinada época e num determinado meio social, os destinatários (ouvintes) podem não apreciar uma certa obra que mais tarde ou noutro contexto de auditório,

pode resultar num grande êxito.

É evidente que é imprescindível adequar a música ao público, isto é, às suas características culturais, sociais, económicas, religiosas. E as exigências dos ouvintes dependem da sua época e do meio sócio – cultural onde apreendem subjectivamente as noções do belo, do bom e a sensibilidade se afere igualmente por diferentes padrões de valores. Especificando melhor: uma obra musical, por exemplo, uma ópera, pode ser um enorme sucesso no S. Carlos e, se fosse apresentada na Mamarrosa, tinha com certeza um resultado bem diferente. Do mesmo modo, a música dos anos sessenta pode significar muito para uma certa faixa etária de adultos, mas pode dizer pouco para a maioria dos adolescentes e jovens... etc.

Se o gozo e a assimilação de uma obra musical diferem e dependem da classe social que a escuta, a verdade é que, podendo ser emitida apenas por uma élite, não quer dizer de forma alguma que depois não seja apreciada e fruída por qualquer classe ou nível social. Sempre houve um circuito de interinfluências culturais e, em especial a nível musical. Através dos tempos a música culta ou a religiosa não raro têm sido apreendidas pelo povo trabalhador e às vezes até por ele modificadas e adaptadas (ainda que empiricamente) aos seus quadros de entretenimento popular.

biblRIA

c) OUTRA PROCURA

Entretanto vamos recolher algumas notas sobre o evoluir da prática musical, até ao aparecimento das Bandas.

(Baseamo – nos na "*História da Música*" de João de Freitas Branco e na "*História da Música Popular*" de Pedro de Freitas).

O que vamos apresentar são apenas vagas referências, talvez por vezes até um pouco dispersas e desordenadas, dado a multiplicidade de desvios a que o tema se presta e também não serem os objectivos deste trabalho o rigor científico

ou o aprofundamento de tais questões ao longo dos séculos. Do mesmo modo, não temos qualquer pretensão que não seja a de lembrar a todos a importância dos sons musicais no decorrer da História. Como sempre esta extraordinária linguagem da Música foi compreendida e acarinhada e com isto, sim, pretendemos que se possa beber nesta fonte tão rica de exemplos, o estímulo e a coragem tão necessários no prosseguimento das metas que nos propomos: defender o que é genuinamente nosso e, neste caso específico, a nossa Banda Filarmónica da Mamarrosa.

Feito este esclarecimento, vamos então ver alguma coisa sobre a evolução da arte musical (em traços largos) e segundo os dois autores já citados.

Decerto, desde que o homem existe sobre a Terra, emitiu sons e pode também dizer – se que desde logo, embora de forma tosca, crua, selvagem, a Música está latente nessa primitiva e empírica expressividade. O grito, o sopro nos chifres, nas conchas, nos simples objectos de caça, o silvo, o assobio, os vários zunidos e mais tarde os rituais de preparação guerreira ou celebração de qualquer feito, a dança, o ritmo, os gestos melódicos de excitação ou lamento – traduzem uma certa musicalidade.

bibRIA

Mas é na Antiguidade Clássica que a Música é verdadeiramente cultivada e atinge notável brilho e projecção.

Os gregos (lembremos o caso da "Sibila", de origem grega, que se cantou nas igrejas, quase até aos nossos dias), os romanos, todos os povos que por aqui passaram, deixaram vestígios mais ou menos vincados da sua música ou melhor, musicalidade. Quem não se recorda da louca e trágica figura de Nero (o imperador que mandou incendiar Roma), a cantar e a tanger, olhando Roma a arder?!

Com o cristianismo aparecem novos elementos musicais como "o canto litúrgico romano" e terá sido até a Música que ajudou à unificação de uma certa ordem dentro da própria Igreja. Era uma música de influência grega e hebraica;

lembremos os salmos da Bíblia, os cânticos embalados ao som da cítara, da lira e da harpa, o que demonstra também os instrumentos já então usados na Antiguidade e daí a importância que deve ter tido a cultura musical dessas civilizações.

Além do cristianismo, grande contributo é trazido também pelos árabes (a cultura árabe exerce influência marcante no campo das ciências, na língua e nas artes) para o desenvolvimento e disseminação da cultura musical e por vários motivos. Por um lado, permanecem na nossa Península até ao século XV e entre nós, até ao reinado de D. Afonso III (1249). Por outro, sendo senhores de um vasto império, a sua civilização absorveu várias influências, muitas delas trazidas por escravos das imensas províncias onde dominavam. Na sua cultura carreiam elementos de proveniência persa, grega, islâmica, síria e de outros mais pontos e regiões.

Senhores de uma música popular muito antiga, desenvolveram ainda um outro tipo de música já erudita, clássica, reflectindo todos os matizes da sua abrangência em termos sócio – territoriais. Dizem que o seu canto e as suas *melodias "excitavam mesmo o homem mais doce"*. Esta sublime arte musical dos árabes teve, pois, grande influência, não só em Portugal, mas em toda a Península Ibérica para onde trouxeram também instrumentos como o alaúde e a rabeca.

bibRIA

É do assenhorear–se destas culturas musicais várias que se constitui o próprio "rito hispânico" usado nas igrejas e que se compunha não só de canto, mas também de dança. E chegou a atingir tais proporções que o Papa em 1071 tentou até contrariar esta tendência, opondo – lhe o "rito gregoriano", pelo menos nos territórios reconquistados aos árabes.

São todas estas práticas musicais antigas de proveniências tão diversas e díspares que vão mais tarde influenciar o florescer do mundo moderno e do espírito renascentista no âmbito musical (na segunda Dinastia).

Os primeiros ensaios musicais reflectem essas mesmas características; são trabalhos anónimos, colectivos, de expressão singela e espontânea, tal qual as cantigas de amigo, de amor e de maldizer, muitas vezes, improvisos de ocasião. E era usada apenas a via oral; a música escrita em termos de partitura e com pautas com anotações de instrumentos e vozes, só bem mais tarde. Até ao séc. XVI grande parte do que se tocava e cantava não era escrito. Contudo, a tal música litúrgica cantada e tocada nas cerimónias religiosas, essa estava sujeita a regras fixas, certas, e era executada com todo o rigor, em relação à época (Idade Média).

Só no século XIX é que as partituras começam a registar tudo o que hoje se acha indispensável: andamentos, timbre, acentuação, intensidade..., etc.

Todavia, tal facto de forma alguma foi entrave ao desenvolvimento desta maravilhosa arte de sons.

bibRIA

Desde os primeiros ensaios, passando pela música trovadoresca até à palaciana e barroca – nos grandes acontecimento profanos ou religiosos – lá estava a Música – tocada, cantada ou dançada. Pelo nascimento de um príncipe, na coroação de um rei, na comemoração de uma vitória guerreira, nos torneios e cavalgadas da Idade Média, nos serões da corte e dos palácios e castelos, nas igrejas, nos conventos e mosteiros, nas feiras, nos adros, nos entretenimentos populares, em mimos e momos, contos, lendas e entremezes – sempre a Música. Alegrava, incitava, dava ânimo nas batalhas, marcava o passo do guerreiro, erguia a espada do herói, sacralizava a oração do santo, apaziguava o espírito exaltado, adoçava o coração extraviado. Sempre elevou aos Céus, denegriu o Inferno, acompanhou os enlutados e moribundos e encorajou os pobres mortais na luta diária pela prossecução de um destino a traçar pelos séculos fora.

Além da música religiosa a que já aludimos, sempre houve um tipo de música palaciana, como o nome indica, executada nos palácios de reis e senhores para as classes sociais mais abastadas e privilegiadas, (clero e nobreza); paralelamente, havia uma música popular, própria das classes mais desfavorecidas como eram o povo e os escravos.

Sabemos, por exemplo, como o nosso rei D. Sancho I já fazia trovas, o mesmo acontecendo depois com D. Dinis, o rei Trovador que cantava "*Ai flores, ai flores de verde pinho!*" ... etc. Era no tempo da poesia trovadoresca (à base de trovas, na Idade Média), em que os trovadores, regra geral, nobres, de origem aristocrática, faziam as poesias ou baladas, cantigas, e eram os jograis (estes de origem plebeia) que as cantavam e levavam a conhecer de terra em terra, de palácio em palácio e de castelo em castelo. O trovador era o compositor, por assim dizer, e o jogral o executante. Estes jograis tiveram grande importância na Idade Média; numa época em que quase não havia comunicações, eles foram um dos primeiros elos de ligação entre os pequenos aglomerados populacionais tão isolados; deixavam não só as suas cantigas, mas também outros conhecimentos, informações e saberes bem necessários nestes remotos tempos.

A fundação da Universidade (com o nome de Estudo Geral) em 1236, no reinado de D. Dinis, marca um passo importante, não só no estudo da língua, das artes e de algumas ciências, mas também no respeitante à Música. D. Dinis, em 1323, "*concede o ordenado de 65 libras*" a um professor de Música naquela Universidade.

biblRIA

Na segunda Dinastia os grandes banquetes eram abrilhantados com música e os casamentos tinham cânticos próprios e danças; "*as iguarias eram trazidas para a mesa em grande pompa com trombetas, atabales e o corpo dos menesteireis à frente*".

Os grandes senhores aristocratas tinham mesmo os seus músicos particulares.

Nas ocasiões solenes havia "*fanfarras com trombetas, sacabuxas, charamelas, atabales e tamborins*". E achámos muito interessante e curioso o que El – rei D. Duarte (filho e sucessor de D. João I) diz no seu livro *Leal Conselheiro: "que os cantores devem guardar – se de cantar de língua ou de desvairamento de boca, mas somente cantem de papo, cada um melhor que puder"*. Claro que o nosso rei se referia à boa colocação de voz.

Mesmo nas celebrações populares e profanas usavam – se "*campanas, órgãos, alaúdes, guitarras, violas, pandeiros*", a ponto da Igreja tentar pôr um bocado de travão a tanta exuberância! (Como aliás já o havia feito na Idade Média).

Todos os reis se interessavam pela Música, tendo os seus "mestres de capela e tangedores de órgão, alaúde e cítola" que actuavam tanto nos salões como nos campos de batalha. Aliás, lá diz Camões nos Lusíadas "*Deu sinal a trombeta castelhana*", (era para iniciar a batalha de Aljubarrota)!

Diz Garcia de Resende que D. João II era grande dançador e que "*mesmo durante a sesta ou à noite tinha de tanger* (tocar cordas) *para o rei que se deleitava com esta arte dos sons*".

D. Manuel, o Venturoso, costumava nos domingos e dias santos (quando não cavalgava), passear no Tejo "*num pequeno batel, género galeota*" e levava sempre músicos com ele.

bibRIA

Aliás, a Música nesta época do Renascimento, desenvolve–se e enriquece–se; é de realçar nos séculos XV e XVI a exuberância da chamada "*música vocal polifónica*" em que chega a haver doze vozes. Lembremos que o canto é a expressão mais directa e a mais espontânea do sentimento musical do homem. Ao mesmo tempo é uma codificação ou amplificação da sua palavra, por si só se torna num valor e num prazer. Esta explosão da arte musical deve-se também a um conjunto de circunstâncias ligadas ao movimento renascentista que faz progredir todas as ciências e todas as artes. Mas no caso particular da Música, o contacto com outros povos e com os grandes centros culturais europeus (onde tínhamos entrepostos comerciais) – muito contribui para o alargamento de horizontes quanto a ensino e a práticas de execução. Um misto de exotismo, espontaneidade e ao mesmo tempo de força e majestosa grandeza caracterizam todas as manifestações culturais e artísticas desta época. Muito próspera em consequências culturais, económicas, artísticas, sociais e também até de decadência, infelizmente.

Além de muitos outros de assinalar, seja – nos permitido ao menos registar dois grandes génios do Renascimento: Gil Vicente que cria, por assim dizer, uma espécie de ópera muito própria para representar os seus autos (verdadeiras peças de teatro deste autor considerado o criador do teatro português) e Luís de Camões em cuja obra literária, quer lírica, dramática ou épica, perpassa um manancial de musicalidade tão terna, tão doce, mas também tão heróica e sublime!

Até ao século XVII – XVIII a Música pode considerar–se acentuadamente ibérica ou peninsular, mas a partir do século XVIII sofre a influência italiana, cultivando – se em especial o canto e a ópera; é o tempo do barroco (estilo um pouco afectado, muito exuberante e pomposo). É desta altura o grande músico Carlos Seixas para quem o infante D. António, irmão de D. João V, mandou vir um mestre italiano Domenico Scarlatti, de grande nomeada para a época. Em tempos de abastança e não só, era costume os reis contratarem bons músicos estrangeiros ou mandarem bolseiros aos centros europeus (como afinal se continua a fazer). Este grande músico italiano, apenas ouve Carlos Seixas, logo diz que nada tem para lhe ensinar, só se for aprender com ele, pois se tratava de *"um dos melhores músicos que tinha ouvido em toda a sua vida"*. Esclareça – se que este célebre mestre italiano foi mandado vir de Roma também porque D. João V (que dispunha de avultados rendimentos provenientes da quinta parte que recebia da exploração das minas de ouro e pedras preciosas no Brasil) queria grande sumptuosidade na sua corte para não ficar atrás da do sogro, o imperador Leopoldo da Áustria, grande senhor, compositor e amante dos sons musicais em cuja corte brilhava uma aparatosa e faustosa plêiade de artistas e homens de letras.

bibRIA

Começa a haver acentuado gosto pela ópera que se torna quase obsessão com D. José que manda construir a "*Ópera do Tejo*, um edifício enorme, sumptuoso, com 600 lugares na plateia". Foi sepultado pelo terramoto de 1755, mas nem assim D. José desistiu, mandando depois, aquando da reconstrução de Lisboa, erguer mais teatros de ópera.

Neste século XVIII vive António José da Silva, *"O Judeu"* que exerceu larga acção cultural e dinâmica, não só no mundo das letras, mas também da Música, pois as suas peças de teatro como a da *"Guerra do Alecrim e Mangerona"* de cunho político e satírico eram representadas em ópera e em língua portuguesa (ao contrário do habitual) e os actores eram fantoches em vez de pessoas. Essas representações faziam – se no teatro do Bairro Alto que por tal motivo até se passou a chamar a *"Casa dos Bonecos"*.

Além da ópera, o canto também continua a ser muito privilegiado.

No século XIX aparecem as grandes colectividades ligadas a esta arte dos sons. Começando nos grandes centros urbanos, daqui irradiam para todo o País e nelas se cultiva tanto a música tocada, como a cantada e não só a música culta, erudita, mas também a ligeira.

bibRIA

Executam-se obras dos grandes compositores como Beethoven e Mozart. Espalham–se em larga escala por todo o reino as Assembleias, Filarmónicas, Academias musicais e muitas outras colectividades e associações com fins culturais e artísticos. E esta evolução cultural e musical, de acordo também com o desenvolvimento a nível estrangeiro com o qual sempre tivemos alguns contactos, favorece decerto o aparecimento das bandas militares e civis neste século XIX.

Mais adiante voltaremos a este assunto.

d) COMO SE APRENDEU MÚSICA AO LONGO DOS TEMPOS

Supomos também ter uma certa importância sabermos alguns rudimentos sobre o evoluir da aprendizagem musical através dos tempos (sempre até ao século XIX).

A Música fazia parte, como vimos, da cultura de muitos povos antigos. Era ensinada na Grécia e na Roma antiga, no Egipto da Antiguidade e os persas, os fenícios, os hebreus, os árabes e outros povos tinham a Música como elemento

integrante da sua civilização e regra geral relacionada com a religião, a guerra e o deleite ou prazer.

Nos princípios da nossa Nacionalidade, o ensino da Música restringia – se ao domínio da Igreja (como aliás todos os outros ramos da cultura)... Nos mosteiros, nos conventos sempre se privilegiou o ensino da Música. Entre outros, o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra exerceu larga acção nesta área cultural (bem como noutras). Os próprios trovadores e outros cantores e tangedores da Idade Média, na música que faziam, apresentavam uma certa ligação com a música religiosa.

Na própria Universidade, criada por influência e participação da Igreja (em 1236, no reinado de D. Dinis) a música que se ensinava era religiosa e, bem entendido, os professores eram clérigos pagos pela Igreja. Já em 1323, D. Dinis concede o ordenado de 65 libras a um desses professores da recém – criada Universidade (nesse tempo com o nome de Estudo Geral, facto já atrás citado). Não esqueçamos que estamos a falar de um rei da 1ª. Dinastia que foi um grande trovador e, portanto, amante das coisas musicais.

bibRIA

Nota–se um certo progresso no currículo do ensino desta arte , por exemplo, entre este reinado de D. Dinis e o de D. Henrique, fim da 2ª. Dinastia. No reinado deste D. Henrique, ao mudar as instalações da Universidade, em 1431, referem–se as sete áreas ali ministradas e entre elas a Música (além da Música, havia Gramática, Lógica, Retórica, Aritmética, Geometria e Astrologia).

É curioso notar que se fala já nesta época *"nas glórias do ensino da Música"*. Neste tempo, em Salamanca (onde sempre floresceu uma profunda e séria actividade cultural e académica), ensinava *"um ilustre professor Bartolomeu Ramos Pareja"* esta disciplina de Música, desde 1452. E começou a ensinar em castelhano e não em latim, como era habitual neste tempo; outra curiosidade desta disciplina de Música então em Salamanca é que as mulheres já podiam assistir às aulas e eram os alunos que elegiam os seus mestres (veja – se este uso democrático,

no século XV!). Mas também aqui, mais concretamente em Olivença (que pertenceu a Portugal até ao princípio do século XIX), aconteceu caso idêntico, mas só no século seguinte, o XVI. O bispo da diocese a que pertencia Olivença também decretara que, para a vaga da cadeira de canto, fossem os cantores que elegessem livremente aquele que considerassem mais competente. Este bispo, grande pedagogo no seu tempo, já então tinha uma noção democrática a nível da regência das disciplinas do ensino; chamava – se Frei Diogo da Silva e foi mais tarde também arcebispo de Braga.

Contudo, a centralização do poder e o absolutismo dos reis e senhores havia de imperar ainda por vários séculos. Os reis e clérigos, bem como as Ordens Religiosas cultivam a Música, promovem o seu ensino e divulgação. Claro que os poderosos sempre pagaram aulas particulares de Música, bem como os melhores instrumentos.

biblRIA

Desenvolvem–se grandes centros de cultura musical como na Sé do Porto, Braga, Portalegre, Évora, Vila Viçosa, e na própria Universidade...

O ensino da Música está intimamente ligado à voz, instrumento natural por excelência e aos muitos e diversos instrumentos de que, desde sempre, o homem se serviu para emitir os seus sons musicais e os valorizar e harmonizar com o seu conhecer, sentir, com o seu modo de estar na vida.

Nos séculos XV, XVI e XVII usava-se o clavicórdio *"que serviu de degrau para o órgão"*, o virginal (espécie de cravo com um só teclado), o cravo e o órgão que parece que já era conhecido na abadia de Alcobaça, no século XIII, mas só no XVI se vulgariza o seu uso. Destes instrumentos, o mais vulgar e barato era o clavicórdio. A madeira do cravo era uma madeira preciosa que não se encontrava em Portugal, enquanto que a madeira para o clavicórdio se podia arranjar na nossa Serra da Estrela. Por outro lado, o clavicórdio era de fácil construção e o cravo tinha mecanismos interiores muito mais complicados, daí que saía sempre muito mais caro e não tinha grande vulgarização.

Os órgãos, mais próprios das grandes catedrais e muito mais complexos, alguns deles depois de restaurados, chegaram aos nossos dias. É o caso do da Sé de Évora e o da Igreja de Santa Cruz de Coimbra. Nalguns órgãos foram aplicadas *"baterias de trombetas que faziam grande estrondo e ornamento"*, decerto no século XVII, no tempo dos exageros do estilo barroco em que se usou também muito a harpa: *"Frei Francisco de Santa Maria foi compositor, cantor e grande harpista"*. Havia também violas de gamba e violas de braço (antecedentes do violino).

Quanto a instrumentos de sopro, lembremos as trombetas, cornetas, charamelas, sacabuxas, flautas, etc.

Desprendendo–se mais tarde do exclusivo ambiente de mosteiros e conventos, de palácios e castelos, em contacto com mestres estrangeiros, através de escolas e academias, a Música adquire a verdadeira expressão a que o povo, na sua simplicidade e espontaneidade sempre tem dado também largo contributo.

bibRIA

A este propósito, é importantíssimo (nos séculos XVIII e XIX) o papel desempenhado pelas sociedades e academias filarmónicas que sustentam e acarinham bandas e orquestras, sendo autênticos viveiros de muitos e bons executantes.

e) A APRENDIZAGEM DA MÚSICA NOS NOSSOS TEMPOS

Como se aprenderá Música? (Alguns dados foram colhidos nas obras já citadas de Pedro de Freitas e João de Freitas Branco)

Para se aprender Música é preciso uma predilecção muito especial, por parte de quem aprende e por parte de quem ensina. É que não se trata de uma ciência como a química, a física ou a matemática; não se pode aprender apenas a nível do conhecimento, mas tem a ver com a própria sensibilidade de cada um. O acto da sua aprendizagem equaciona dois agentes: o professor ensinador e

transmissor de arte ou talvez antes, estimulador de apetências existentes no aluno que o levem à compreensão e apreensão do essencial da arte musical – e esse mesmo aluno, sujeito activo da aprendizagem e que para tal deve possuir específica predilecção.

A delicadeza e a paciência são duas das várias qualidades que deve possuir o professor, o transmissor e propiciador dos mecanismos do código da aprendizagem. Por sua vez, o aluno deve ter um querer forte e determinado, aliado também às mesmas qualidades de delicadeza e paciência. Mesmo sob o ponto de vista fisiológico, o organismo, pelo menos a nível da sua acuidade sensorial, necessita de uma determinada predisposição, tal qual como para a leitura; aqui a leitura musical onde há também um código (o musical) e um alfabeto a aprender, o das notas musicais. Antes de mais, é imprescindível uma atenção auditiva bem descriminativa e apurada, uma generosa e pronta disponibilidade para aprender e se deixar enlevar por esta arte maravilhosa dos sons.

bibRIA

Sem se restringir a um enunciado de princípios científicos, a Música não deixa, todavia, de ser uma ciência e bem complexa. Já tivemos ocasião de referir, como os executantes têm de aprender a descodificar as partituras, como têm de saber lidar com o dicionário desta ciência. E a aprendizagem, mesmo com muito amor e paciência, não é coisa fácil. Ao entusiasmo inicial, muitas vezes sucede o desânimo e, não raro, até a desistência. Por isso, dissemos que as duas principais qualidades, tanto dos aprendizes como dos professores, eram a paciência e a delicadeza. Paciência para explicar e repetir por todos os processos possíveis que facilitem a aquisição dos conhecimentos; delicadeza porque é principalmente o mais profundo do ser, no seu coração, na sua alma que se tem de tocar, que se tem de agarrar. E isto com todo o carinho possível, sempre com bons modos, sempre cativando pela beleza e riqueza emocional do que se vai partilhando. Deve estabelecer-se uma espécie de cumplicidade, de relação afectiva entre quem ensina e quem aprende. E parece-nos que terá de ser mais numa comunhão de objectivos especialmente emocionais que toda a aprendizagem se deve desenrolar. Como já dissemos, não se trata de uma ciência qualquer; é algo mais que tem de

captar a alma, agarrar o corpo e predispor o aluno para uma continuidade, por assim dizer, quase perene. Reparemos no exemplo dos músicos (os já retirados das fileiras da Banda). São pessoas especiais, caracterizam-se por algo quase sagrado que lhes marcou para sempre o espírito. Falando com eles, dá a impressão que eles mesmos são pedaços da própria Música que entrou neles e os possuiu e continua a possuir numa simbiose maravilhosa de contínua paixão.

Será decerto exigir muito, mas parece-nos imprescindível que realmente aluno e mestre se compreendam e entendam muito bem, facilitando o trabalho lento e difícil que é a descodificação das regras gramaticais desta ciência musical; aprendê-las, possui-las, senti-las e elaborar com elas o todo harmónico que é o texto musical que se deve transmitir e depois apreender o melhor possível – o principal objectivo.

Já lá vai o tempo em que as crianças que frequentavam as escolas de Música das bandas, nada conheciam da arte dos sons musicais. Aconteceu assim entre nós no tempo do fundador, o senhor Professor Jaime de Oliveira; quando os meninos (só o sexo masculino), estavam prestes a deixar a Escola Primária ou porque eram muito necessários aos progenitores e saíam ou porque faziam exame final (ainda não havia a obrigatoriedade), o senhor Professor Jaime de Oliveira convidava-os para a aprendizagem da Música e foi assim que conseguiu estrear a sua Banda em 1916.

Hoje, regra geral, já todos trazem algumas noções ou rudimentos da disciplina de Música que faz parte do currículo normal dos seus estudos, nos primeiros anos do Ensino Básico (e a escolaridade obrigatória vai até ao 9º ano). Por isso, a maior parte ultrapassou o 4º ano de escolaridade. Alguns deles cursam até o Ensino Superior ou têm mesmo já cursos que exercitam em qualquer actividade profissional. E não esqueçamos que hoje a Música se aprende em Conservatórios e em várias Escolas particulares, tendo já carreira académica que vai até às cúpulas do Ensino Superior.

bibRIA

Mas, se por um lado os aprendizes já têm um leque muito mais alargado de conhecimentos e exercitação no domínio de experiência em termos de capacidade de aprendizagem, por outro lado, dada a heterogeneidade, em termos de nível etário, de sexo (agora há os dois), de habilitações literárias e profissionais (nalguns casos), jogos de interesses, temperamentos, etc..., podem surgir vários problemas e de vária ordem.

No nosso caso, na Mamarrosa, supomos que a escola de Música abrange apenas crianças a nível de Ensino Básico, dos 6 anos aos 15 anos. Na própria Banda é que a maior parte destes problemas pode surgir.

f) BREVES NOÇÕES SOBRE INSTRUMENTOS,

(com base na "História da Música Popular", de Pedro Freitas e "Dicionário de Música" – Tomo II, de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça.)

bibRIA

Na Idade Média usavam-se , além das charamelas, as trombetas (espécie de clarim), sacabuxas (antepassados do trombone); clarins, trompas (usadas na caça), bombardas (instrumentos muito grandes e dos mais antigos e atabales-os tímbales).

Charamela – "espécie de flauta rústica sem chaves, o mesmo que charanga".

Trombeta – instrumento de sopro (buzina)

Sacabuxa – semelhante à trompa e antepassado do trombone como se disse.

Trompa – "espécie de trombeta, de forma circular"

Clarim – "também espécie de trombeta de som estridente, próprio da Cavalaria.

Atabale ou tímbale – "espécie de tambor de metal, de forma semi-esférica, coberto de uma pele tensa, sobre a qual se toca com duas baquetas"

Bombarda – "charamela grave"; lembremos que a bombarda era também o nome de uma máquina usada na guerra para arremessar grandes balas de pedra.

Até meados do século XIX usaram-se o serpentão, espécie de corneta

(instrumento de sopro feito de chifre, buzina) em forma de serpente, o flige ou figle ou oficlide – "instrumento de sopro e de cobre que substituiu o serpentão de que descende e de som rude e pesado". Este figle, flige ou oficlide era usado nas Bandas Militares, assim como o clarim e a corneta, esta ainda hoje própria para a cadência da marcha na Infantaria, embora a corneta de chaves também se usasse nas orquestras.

Outro instrumento destes tempos era também o trombone de varas (descendente, como vimos, da sacabuxa e dele trataremos mais adiante).

É interessante notarmos que a grande explosão quanto ao aparecimento de bandas (a partir das militares), no século XIX, tem que estar intimamente relacionada com a transformação extraordinária que se dá neste século (XIX)quanto a instrumental.

bibRIA

A evolução da arte de conceber instrumentos novos, de ou transformar e adaptar os já existentes ou com base em experiências adquiridas e talvez também segundo uma outra forma de encarar a actividade musical - tudo isto revolucionou, por assim dizer, o segredo do mundo dos sons, pelo menos em termos de divulgação a nível popular. É que as bandas, por exemplo, "só adquiriram brilho e notoriedade com os novos naipes de instrumentos que começaram a surgir".

Não vamos de forma alguma tratar desta reforma a nível instrumental e técnico, mas achamos de interesse assinalá-la e chamar a atenção para o que significou a nível técnico para as novas características das nossas bandas do século XIX e especialmente do XX.

Vários factores concorreram para esta reforma dos instrumentos: houve que aperfeiçoá-los e adaptá-los aos novos tempos, dando-lhes uma nova e diferente funcionalidade . Segundo o músico – autor Pedro de Freitas que temos estudado e seguido, foi principalmente a introdução em vários instrumentos dos chamados "pistões" que os tornou tecnicamente diferentes na forma e na função. E, foi assim, por exemplo, que se conseguiu que as trompas e os clarins tocassem em todos os

tons, o que não acontecia antes, pelo menos sem dificuldades.

Deve-se esta inovação ao trompista alemão Henrique Stoelzel que tentou estas experiências , a partir de 1814.

Mas o mais importante avanço técnico para a verdadeira revolução na área do instrumental, tanto nas bandas militares como nas filarmónicas civis, deu-se por volta de 1842, quando o belga Adolpho Sax consegue um novo conjunto de instrumentos com os tais pistões – os "saxhorns" e a seguir, em 1846, uma outra descoberta ainda mais inovadora, a dos saxofones.

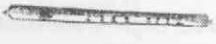
Estavam assim lançadas, em termos de instrumental, as principais bases das bandas modernas que deste modo se espalharam e brilharam por todo o Reino, ao mesmo tempo que as militares adquiriram um nível de qualidade e brilhantismo nunca antes alcançado.

bibRIA

A título de curiosidade, uma listagem de alguns instrumentos (consulta do livro "A música, linguagem, estrutura, instrumentos", de Roland de Candé).

Flautas – Instrumentos de sopro em forma de tubo de bisel, se o bordo é talhado "em bisel" e quando a onda de ar se comporta como "uma lâmina vibrante"; transversal ou travessa, de sopro lateral. Na de bisel, este é colocado entre os lábios como quem assobia, enquanto que na transversal a onda de ar é produzida apenas pelos lábios do flautista.

Há vestígios de terem existido modalidades de flautas desde há 10000 anos antes de Cristo; são dos instrumentos de maior antiguidade quanto ao seu uso e origem. Tocaram-se antes e durante toda a Idade Média e atravessaram os tempos até hoje em que se conhecem várias espécies.



(Flauta de Bisel)

(Flauta travessa, transversa ou transversal - moderna)

Harpa –Instrumento de cordas desiguais em forma triangular e de origem muito antiga. Já se conhecia no Egipto antigo e também a usaram os sumérios, caldeus, hebreus, remontando aí a uns 3000 antes de Cristo.

A lira e a cítara – A lira ainda é mais antiga que a cítara que deriva dela.

A lira já era conhecida na Mesopotânia., Egipto, Israel, Grécia e a cítara foi um dos instrumentos predilectos dos gregos, considerada "instrumento nacional"; são caixas de ressonância e com cordas esticadas.

Cítara

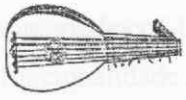
Cítara grega

bibRIA

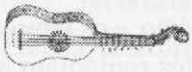
Oboé –Parece que já se conhecia no Egipto antigo, há uns 2000 anos antes de Cristo.

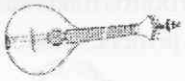
Os oboés são instrumentos de "palheta dupla" de madeira de ébano ou cana, de perfuração cónica". Parece terem dado origem a outros instrumentos como a charamela, (já citada), conhecida desde a Idade Média e de que uma das variedades se pode considerar antepassada do clarinete. Contudo, o termo "oboé" só surgiu no século XV.

Fagote (lembrava um molho de lenha) – Instrumento de madeira e de sopro e de palheta dupla; ocupa o lugar do baixo na família dos oboés.



Alaúde – Outro instrumento de origem muito remota é o alaúde, é de cordas como a guitarra e é capaz de ter vindo dos persas ou dos árabes que tinham precisamente a chamada "guitarra árabe" e que para cá o trouxeram no século XII ou XIII. Parece uma pera cortada ao meio e foi muito usado na altura do Renascimento, séculos XVI e XVII.

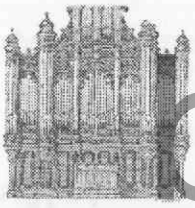




A Guitarra vem também da Antiguidade. Já era conhecida dos assírios, 1000 anos antes de Cristo; vimos como os árabes tinham a sua guitarra "a guitarra mourisca" e os gregos e os romanos, a cítara que com o alaúde serão um pouco seus antepassados e parentes; parente também da guitarra é o bandolim.

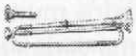
Bandolim – Espécie de guitarra com oito cordas. Pode-se tocar com ponteiro, palheta ou unha.

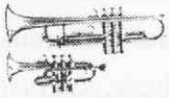
Banjo – Espécie de bandurra (guitarra de braço muito curto)



Órgão – Diz-se que "o órgão é o primeiro instrumento de sopro mencionado na Bíblia". Também se fabricava no Egipto, 200 anos antes de Cristo. Sempre foram muito usados, chegando a haver no século XVII órgãos com 32 pedais e já no século XV alguns possuíam 2000 tubos e vários teclados. São célebres os órgãos de algumas Igrejas, ainda hoje.

oibRIA



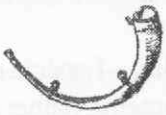


Trombeta - Já se conhecia na Antiguidade; era usada na caça e na guerra, usaram-na os egípcios, os hebreus e os habitantes da Babilónia; na Idade Média, após a invasão dos árabes, divulgou-se a modalidade de trombeta árabe. É dos instrumentos mais difíceis de tocar .

Instrumento curvo de sopro e " de perfuração estreita e cilíndrica" e com várias modalidades, ligada a cerimónias militares e até a ritos sagrados.

Clarim – Espécie de trombeta de som claro, estridente.

Trompa – "Instrumento de metal constituído por um tubo cónico várias vezes enrolado sobre si mesmo; a embocadura é cónica e de latão e os lábios desempenham o papel de palheta dupla". Os seus ascendentes remontam à Antiguidade e Idade Média e feitos de chifre, dentes de elefante, ou outros materiais eram usados na guerra e na caça, tal qual como outros instrumentos já mencionados; espécie de trombeta circular.

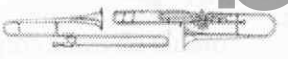


A sua inovação (com pistons) deve-se ao trompista alemão Henrique Stoelzel (1814) e também a Adolpho Sax (belga)

Trompete -. Instrumento metálico, cilíndrico, cónico e também de pistões.

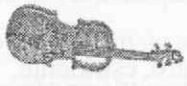
Conhecida desde a Antiguidade na Ásia, no Egipto, no Grécia e em Roma, aliada à guerra, mas no Ocidente só se conheceu, a partir do século XIII.

bibRIA



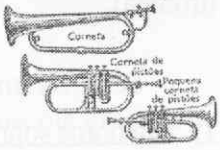
Trombone – "Instrumento de sopro formado por dois tubos de metal recurvados que podem entrar um no noutro; a embocadura é cilindrico-cónica", talvez não tenha sido conhecido na Antiguidade, mas conhece-se desde a Idade Média e com o nome de sacabuxa e já no século XVI deu origem a uma autêntica família de instrumentos muito semelhantes ao actual. Na sua origem pode decerto considerar-se uma variante grave da trompete. Sempre se impôs pela sua força e majestade.

Viola – Instrumento de arco muito usado desde o século XV, em que dominaram, havendo vários tipos. As violas clássicas eram as da gamba. Parece conhecer-se já o arco como instrumento no Oriente antigo, mas entre nós só a partir do século XVI.

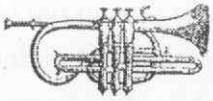


O Violino parece ter aparecido só no século XVI e com o nome de "viola da braccio" ou viola de braço, derivando talvez também "da lira da braccio".

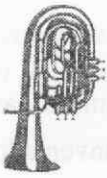
A corneta – Pertencia a uma família de instrumentos "de sopro, de perfuração cónica; pelo princípio sonoro assemelhava-se à trombeta, mas pela perfuração lembrava as flautas".



As cornetas foram muito divulgadas a partir do século XVI, até ao XVIII. Hoje com pistões, semelham o clarim. Noutros tempos algumas cornetas em forma de "S" lembravam serpentes, daí o nome de serpentão. Há quem lhes chame também buzinas.



Cornetim – Instrumento de sopro, de metal a que se adaptaram pistões



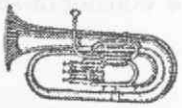
A tuba – Hoje pertence à família dos saxhornes, inventados como vimos por Adolpho Sax (belga) a partir de 1845-1846 e veio substituir o oficlide, derivado do serpentão (corneta).
As tubas servem quase sempre de baixo aos trombones.

bibRIA

O contrabaixo –Parecido com as violas, sucedeu ao violão (contrabaixo de viola), por volta de 1620; é o mais grave dos instrumentos de corda.

O Violoncelo (que tocava o fundador da Banda da Mamarrosa, bem como sua mãe) é um pequeno violão parecido com o contrabaixo, existindo decerto a partir do século XVI.

Mas o chamado contrabaixo das bandas é um instrumento de cobre mais grave que o bombardino (com o aspecto exterior da tuba que é maior) – (ver na folha de instrumentos).



Bombardino – Instrumento de metal, de tubos largos, com chaves e com três ou quatro cilindros; o mesmo que o barítono e "intermédio ao alto e ao baixo". (ver folha de instrumentos).

Adolpho Sax, como já tivemos ocasião de apontar, criou além de outras, uma família de "saxhorns".
A própria palavra "saxhorn", quer dizer Sax (nome do inventor) e mais "horn" (trompa).

Sete instrumentos compõem esta família:

1. Saxhorne sopranino - (fliscorne requinta).
2. Saxhorne soprano – (fliscorne propriamente dito)
3. Saxhorne alto ou contralto – fliscorne contralto ou clavicorne, se for de forma redonda como a trompa;
4. Saxhorne tenor ou barítono – fliscorne barítono ou só barítono;
5. Saxhorne baixo – bombardino
6. Saxhorne baixo grave – contrabaixo
7. Saxhorne contrabaixo – tuba.

(Dicionário de Música - Tomo II – de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça)

bibRIA

Clarinete – "Instrumento de sopro da família das madeiras, com palheta simples e tubo oco cilíndrico". Parece ter sido inventado em Nuremberga, por volta de 1700, por Denner.
Deriva de uma antiga família de instrumentos, decerto da tal charamela a que já aludimos no capítulo anterior (espécie de flauta rústica, sem chaves) e que por sua vez pode ter também origem no oboé, como também já vimos. Muito utilizado por Mozart; em orquestra quem primeiro o utilizou foi Vivaldi.

Saxofone – Trata-se de um instrumento de metal com palheta e que faz parte de uma autêntica família criada como já dissemos pelo belga Adolpho Sax, de 1840 a 1846.
Parece parente do clarinete "pela boquilha e pela palheta", mas o seu corpo é muito mais amplo e a perfuração é cónica.
Do saxofone conhecem-se umas sete variedades e considera-se "admirável" o seu som.

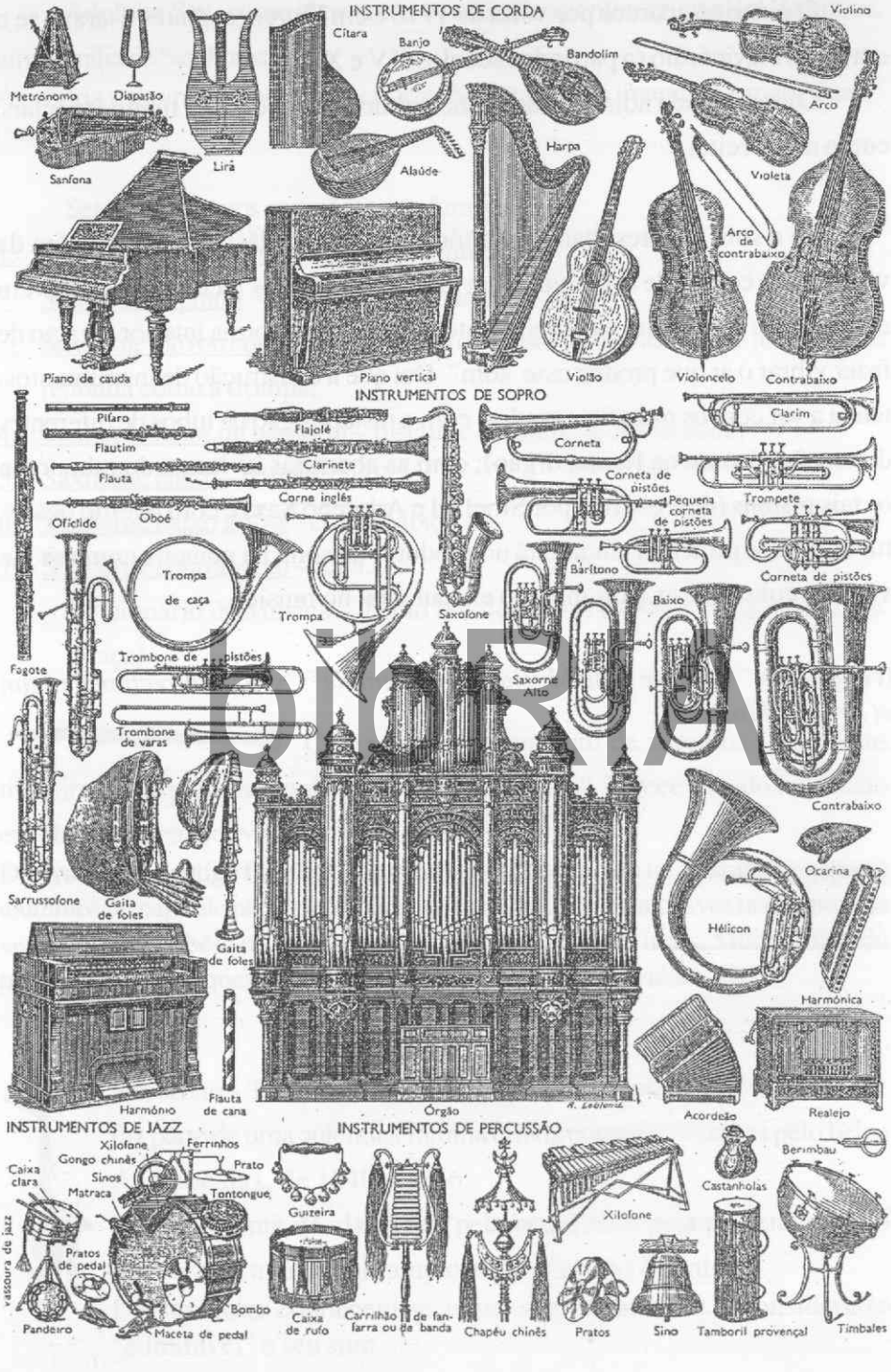
O piano só aparece por volta de 1710 e em Florença. Antes usaram-se o cravo e o clavicórdio (a partir dos séculos XV e XVI).

O cravo ainda hoje é usado, principalmente em ocasiões muito especiais, como num recital.

Se o som "é o resultado vibratório dos meios elásticos, ele provém da vibração da coluna de ar contida num tubo, sendo três os factores que intervém na produção desse som: o comprimento do tubo, a sua forma interior e o acto de fazer vibrar o ar que produz esse som". Daí que a construção de instrumentos, tenha a ver com os materiais usados; com a justaposição de tubos de diferentes dimensões (como na flauta, órgão); com as aberturas ao longo do tubo; com os tais pistons (descobertos por Stoelzel e Adolpho Sax) e com o feitio desses tubos. Mas o principal ainda está no produtor do som, na maneira como se faz vibrar a coluna de ar, portanto, no executante, no músico.

(consulta in "Histoire de la Musique Occidentale" "sous la direction de Jean et Brigitte Massin)

bibRIA



(Lelo Universal L – Z – 2º Volume) - pag. 309

g) ANTECEDENTES DO APARECIMENTO DAS BANDAS

Como já se falou muito em Bandas, vamos indagar qualquer coisa sobre alguns factores anteriores ao seu aparecimento.

Parece-nos de interesse, talvez, sabermos da razão por que houve uma explosão de bandas militares e civis no século XIX (e este nosso trabalho baseia-se em dados obtidos da obra "História da Música Popular", de Pedro de Freitas).

Por um lado, explica-o a autêntica revolução havida no aperfeiçoamento dos instrumentos musicais que se deve essencialmente a dois grandes músicos; o trompista alemão, Henrique Stoelzel e o belga Adolpho Sax (já aludimos a estes factos no capítulo anterior). Henrique Stoelzel achava que a sua trompa não dava os sons verdadeiros e depois de muitos estudos técnicos conseguiu modificá-la, introduzindo-lhe cilindros com pistões, isto por volta de 1814. Adolpho Sax, um verdadeiro génio na arte instrumental, a partir de 1842, dedica-se ao aperfeiçoamento do que já havia e conseguiu obter uma autêntica família de instrumentos de pistões, os saxhorns. E não se ficou por aqui; conseguiu também uma outra família, a dos saxofones e ainda mais uma outra, a dos saxotrompas. Julgamos desnecessário voltar a explicar que o elemento sax que entra nestas palavras vem do nome do pai de todos estes instrumentos que pode dizer-se, revolucionaram o mundo da Música, pelo menos no que se refere a bandas e orquestras .

bibRIA

Por outro lado, quando precisamente em 1814, o nosso exército regressa da Guerra Peninsular, traz também algumas novidades no campo musical, principalmente no que respeita a organização. Os nossos militares tinham levado para aquela guerra, apenas conjuntos de pífaros, tambores, trombetas e tímbalos. E os comandantes notaram que os estrangeiros já tinham autênticas bandas bem organizadas e integradas na própria organização militar. Por isso, chegados aqui, logo procuraram fazer o mesmo, contratando no início até alguns músicos estrangeiros (espanhóis e alemães), de forma que, em breve, Portugal tinha bandas

militares cheias de brilho e aprumo. A 29 de Outubro desse mesmo ano de 1814, sai mesmo um decreto para que seja criada uma banda em cada regimento de Infantaria. Registe-se, como curiosidade, que a afamada Banda da Guarda Nacional Republicana foi criada em 1838, neste tempo, com o nome de Banda da Guarda Municipal. O seu primeiro regente foi Jerónimo Soller (oriundo de uma família da Catalunha), um alto valor artístico no dizer de Pedro de Freitas que precisamente pelos seus méritos conseguiu para a sua Banda "os melhores músicos militares então existentes". Do nível artístico, deste regente fala "a medalha de ouro de serviço exemplar" que em 1873, el – rei D. Luís lhe colocou no peito, com grande solenidade.

Alguns dos músicos estrangeiros requisitados acabaram por ficar por cá, como aconteceu com o alemão Eduardo Neuparth, que, em 1824, fundou em Lisboa, uma casa de instrumentos de música, pois é no século XIX, precisamente, que aparecem várias casas de instrumentos musicais para bandas, coisa que não havia ainda no Século XVIII, portanto, imagine-se a dificuldade na aquisição do instrumental; tosco, deficiente, raro e difícil mesmo assim de se conseguir.

bibRIA

Antes havia apenas casas para instrumentos de cordas e pianos. Os instrumentos, raros e caros, muitos importados, não eram acessíveis à grande maioria das pessoas. Portanto, pode apontar-se este, como um factor, também condicionante do não aparecimento das bandas, antes do século XIX.

Mas não se pense que não havia instrumentos antes do século XIX; havia, mas não eram próprios para bandas. Já na Idade Média e mesmo na Antiguidade, se construíam instrumentos. E igualmente na Idade Moderna, havendo até os artesãos, situados em ruas específicas, como acontecia com as outras artes e ofícios; havia assim os "violeiros, carpinteiros de órgãos, os organeiros, afinadores de órgãos" ... D. João IV, amante da Música, diz que até precisou de um tal "João Nunes, latoeiro, para fazer trombetas, bastardas e sacabuxas".

Era uma pequena indústria que se veio desenvolvendo, paralelamente à evolução da arte musical.

É evidente que sempre se importaram instrumentos que ficavam muito dispendiosos. Também havia instrumentos que se podiam construir com materiais portugueses, mas outros não. Por exemplo, nos séculos XV, XVI e XVII, o clavicórdio, embora de poucas teclas (um só teclado, supomos), era muito usado, muito mais que o cravo. E porquê? É que para o clavicórdio, as madeiras eram da Serra da Estrela e para o cravo tinham que vir do estrangeiro. Mas com o evoluir, este instrumento de som suave e delicado, foi substituído mesmo pelo cravo e mais tarde, pelo piano.

Já vimos como os reis e grandes senhores tinham os seus conjuntos musicais. Por exemplo, o arcebispo de Braga tinha a sua charamela (como já referimos),mas era muito precária a situação dos músicos (havia o regime das "contratas, dos adventícios"). E, é por isso, que D. João VI (que se exilou para o Brasil, em 1807, quando da 1ª invasão francesa) decreta que cada regimento da corte, no Rio de Janeiro, tenha também um corpo de músicos com certos privilégios e remuneração, acontecendo aqui o mesmo no continente, mas só a seguir à portaria de 3 de Junho de 1813.

biblRIA

E, não continuamos sem registar também e a título de curiosidade, para que se possa comparar com o instrumental dos nosso dias, quais eram os instrumentos musicais de uma banda, no início do século XVIII, mesmo no estrangeiro, bem entendido. São dados que extraímos da obra citada de Pedro de Freitas. Portanto, era assim a composição instrumental de uma banda naquele tempo: "charamelas , cornetas, clarins, trompas, fagotes, serpentões, pífaros e tambores". Podemos fazer uma leve ideia do que era a actuação de semelhante instrumental!

Mas não foi só o aparecimento de um novo instrumental, o contacto com bandas militares estrangeiras e a melhoria de condições sócio – económicas proporcionadas pelos reis aos músicos – o que explica o aparecimento de muitas

bandas militares e civis no século XIX. É que, precisamente no século XIX, surgem também várias colectividades com fins culturais, ligadas à Música e que de seguida se espalham por todo o País. Como surgem estas associações a as Filarmónicas?

Talvez possamos compreender melhor o seu aparecimento, após a leitura dos factos que vamos relatar a seguir.

João Domingues Bomtempo, um notável compositor e pianista português deste século XIX, teve ocasião de apreciar em Londres, precisamente, uma Sociedade Filarmónica já fundada em 1812. E, logo, um grande sonho nasceu na sua alma: fundar aqui, no seu País, uma colectividade nos mesmos moldes. Só que estávamos em pleno fervilhar de movimentos políticos prestes a desencadearem crises sociais e, por isso, esse seu sonho teve de aguardar algum tempo.

bibRIA

Mas quando em 1821, D. João VI volta do Brasil (para onde se tinha exilado com toda a corte em 1807, data da primeira invasão francesa, como já referimos) e aceita o regime constitucional, as coisas correm de feição para Bomtempo, ele mesmo liberal convicto. Trabalha então com afinco, agrega à sua volta amadores de alto gabarito e consegue, em Agosto de 1822, apresentar uma *"Sociedade Filarmónica"*, semelhante à que em Londres o tinha feito sonhar tão alto.

O primeiro concerto conta com a presença da nata da sociedade do seu tempo: marqueses, duques, barões, condes, diplomatas, banqueiros, comerciantes e escritores.

Após várias vicissitudes relacionadas também com os muitos movimentos e revoltas da política, esta Sociedade Filarmónica, mudando depois até de nome e reformulando – se, consegue então estabilizar – se e foi o rastilho para o aparecimento de muitas outras academias e assembleias filarmónicas. Cultiva – se a música culta, erudita, interpretando – se grandes génios, como Beethoven e

Mozart, com ópera, canto e onde se misturam artistas nacionais e estrangeiros, profissionais e amadores. Mas é um autêntico movimento de renovação e expansão da arte musical, o que se irradia destas colectividades, onde também floresce a música ligeira e popular. Daí, o estender deste movimento, a todos os pontos principais do País e à semelhança dos grandes centros, multiplicam – se também, pelos meios rurais, as colectividades com fins culturais e de recreio e sempre, essencialmente, em defesa da divulgação da arte dos sons.

Por outro lado, também neste século, mais concretamente em 1835, é criado o Conservatório de Lisboa *"que fica provisoriamente anexo à Casa Pia"* e muito relevante é o facto de no artigo 6º do seu regulamento, estipular que *"as aulas do Conservatório serão públicas e francas e para estudantes externos de um e outro sexo"*. Imagine – se o alcance democrático de tal medida, num período de tantas convulsões políticas e sócio – económicas. Muito se deve neste aspecto, decerto, não só ao grande compositor de renome e craveira internacional que foi o primeiro director do conservatório (já apontado atrás), mas também a Almeida Garrett (grande escritor e liberal da mesma época) que *"redige, em 5 de Maio de 1835, o plano geral de reforma da instrução pública"* e em que se inclui o Conservatório e, como no ano seguinte, em 1836, Almeida Garrett (grande dramaturgo também) prepara os estatutos relativos à arte dramática do Conservatório, o de Música vem integrar – se na mesma unidade cultural.

bibRIA

Todos estes factores concorreram, pois, para o aparecimento das bandas civis que em grande parte se inspiram (e algumas até um pouco ligadas) nas militares. Já atrás referimos, como em 29 de Outubro de 1814, se decreta a criação destas bandas, em todos os regimentos de Infantaria. Portanto, como diz D. Leocádia Pato, nada mais natural que, a seguir a 1834, aqui em Aveiro, se criasse já a primeira Banda Militar da Guarda Nacional. E sem dúvida que tal acontecimento teve grande influência no aparecimento de muitas outras bandas, em toda a região. É, por assim dizer, a sua causa próxima e imediata. Por outro lado, o movimento das academias, agremiações e as mais diversas colectividades de cariz cultural, muito concorrem para favorecer um clima próprio para a criação de bandas civis.

É que mesmo a música ligeira propaga – se e expande – se. De salientar neste aspecto e como exemplo, a acção exercida por dois *"ensaiadores de música nas sociedades de amadores"*. São eles João Rodrigues Cordeiro que em 1842 começa a formar *"as sociedades populares"* e Guilherme António Cossoul que no mesmo ano começa a dirigir também uma *"Assembleia Filarmónica"*. As actuais sociedades ou Associações de Cultura e Recreio, que tanto acarinham as bandas populares, têm decerto nestas duas das primeiras Associações populares de 1842 as suas mais próximas raízes.

Todavia, vamos recuar de novo no livro da História e lembremos que D. Pedro I já tinha uma espécie de banda com trombetas, sacabuxas, charamelas e atabales e para os saraus havia orquestras de ópera, mesmo com músicos estrangeiros. Os maestros chamavam – se nesse tempo *"ministris"* (isto na Idade Média).

bibRIA

E, de um modo geral, todos os monarcas tinham os seus músicos particulares, embora em pequenos agrupamentos ou pequenas bandas; *"quartetos, quintetos, sextetos"*. Quando entrámos na Campanha do Russilhão, por volta de 1793, já os militares portugueses levavam consigo *"um mestre director de música do exército"*, e havia então vinte e dois pífaros, tambores e tambor – mor.

Como as bandas, na sua concepção e formação actual, não apareceram senão no século XIX, as grandes procissões tinham de recorrer à chamada charamela. Precisamente, ainda no começo deste século XIX, o arcebispo de Braga, para abrilhantar as festas da cidade, bem como a procissão e a própria catedral, tinha uma charamela de oito músicos que ganhavam 160 reis de ordenado e o seu maestro, 240.

O vocábulo *"charamela"* tanto designava o conjunto dos músicos que tocavam este instrumento, como o próprio instrumento e o seu executante. Tratava –se de uma espécie de *"flauta rústica usada na música militar"* e nela se inspiraram o oboé e o clarinete. Antes de avançar, esclarecemos que vamos

seguindo o estudo feito na obra já citada de Pedro de Freitas.

Resumindo, eis os factores que mais favoreceram o aparecimento, em Portugal, de tantas bandas, no século XIX:

- a remodelação e actualização do instrumental;
- contacto com Bandas Militares já organizadas, antes, no estrangeiro (quando da Guerra Peninsular) e, como consequência, o decreto de 29.10.1814 que cria as Bandas Militares no nosso País;
- a fundação das Sociedades Filarmónicas (a primeira em 1822) e a criação do Conservatório Nacional (em 1835) e o facto da notável acção exercida pelo compositor Bomtempo);
- a irradiação, pelo País, deste clima favorável ao estudo e exercitação da arte dos sons, simultaneamente com a criação de várias associações e colectividades que acarinham a mesma arte;

e, sem dúvida, a tradição e gosto pela Música, com raízes seculares e que ao longo da nossa História, sempre mantiveram bem acesa esta chama artística.

bibRIA

bibRIA

A BANDA PROPRIAMENTE DITA

biblRIA

bibRIA

bibRIA

A BANDA DA MAMARROSA

Tradições Musicais na Mamarrosa

História da sua fundação, segundo Martinho Augusto Martins

O FUNDADOR DA BANDA: JAIME DE OLIVEIRA PINTO DE SOUSA

a) Ascendência e intervenientes

b) Visita do senhor Professor Orlando Pato, filho do fundador da Banda

c) A Música – sonho e determinação

Percursos de uma descendência – Os filhos músicos de Jaime de Oliveira

bibRIA

A BANDA DA MAMARROSA

Nas bandas sobressaem os instrumentos de sopro e de percussão; já na Antiguidade, a trombeta e o tambor acompanhavam os guerreiros, tanto para os incitar à luta, como para os aplaudir com os seus sons efusivos, quando da vitória. E estes são, pois, os antecedentes remotos das Bandas Militares que estão, por assim dizer, na sua origem.

Estas Bandas Militares espalharam-se pela Europa, todas com um género de instrumental muito parecido, mas é curioso notar que na Escócia integraram também a gaita de foles, instrumento arreigado na sua tradição.

Como as bandas civis derivam das militares, delas não podem diferir muito.

bibRIA

Note-se que, actualmente, a designação de banda se tornou muito abrangente e aplica-se, não só às Filarmónicas, mas a vários desses conjuntos de música ligeira que por aí têm proliferado, quase como cogumelos em terra fértil.

Vimos, como no século XIX, havia um clima propício ao aparecimento das bandas. Incentivadas e ligadas (às vezes) às Bandas Militares, surgem assim várias Bandas civis (que como derivavam das militares, destas pouco diferem), como a de Fermentelos, fundada em 1870, com o nome de Filarmónica de Fermentelos, mas conhecida por *"Música da Rambóia"* e mais tarde Banda Marcial e as de Pardilhó, Palhaça e Anadia, entre 1870 – 1880, bem como outras. Contudo, note – se que havia algumas bandas que vinham já desde o século XVIII, como a de Figueiredo de Burgo (Arouca), de 1740 e a Filarmónica da Arrifana também existia, já antes de 1770 e ainda outras que não vale a pena mencionar (remetemos o leitor para o livro *"Rio de Memórias – A Banda do Troviscal"*, de D. Maria Leocádia Pato, página 39, donde tirámos estas informações).

Mas estas bandas do século XVIII quase nada tinham a ver com as actuais, pelo menos quanto a instrumental; veja – se o que extraímos da obra de Pedro de Freitas e já atrás referenciado. Os instrumentos destas bandas eram *"charamelas, cornetas, clarins, trompas, fagotes, serpentões, pífaros e trombones"*.

A efervescência pela arte musical chega até às várias localidades (voltando ao século XIX) onde quer que apareça um ou outro espírito dado à arte e fruição dos sons. Propaga – se, incendeia as almas, cai em chão fértil, qual pedrada na água parada e estagnada da modorra do tempo.

Mas nada surge ao acaso, qualquer obra aparece, fruto amadurecido de um qualquer sonhador a um passo de a levar à luz do existir. A obra é sempre o colmatar resultante de um conhecimento matizado de afectividade, carregado e empurrado por um golpe certo de vontade forte e decidida. Também os factos não nascem espontaneamente ou desenraizados e desligados de envolvências sócio – culturais e sentimentais. Não. Aparecem em tempos úteis, determinados, com espaços escolhidos e apropriadamente bem amados. E levam sempre o seu tempo pré – natal. Dependem de uma evolução, dir–se–ia programada e paulatinamente encadeada e dirigida a desembocar em rio ou lago, fonte ou mar de todos os ideais que na alma foram lentamente levedando e brotando a pouco e pouco, num borbulhar de carreiros e veredas que preparam e antecedem os grandes acontecimentos.

bibRIA

E este grande acontecimento para nós foi a fundação da Banda, em 1916, por Jaime de Oliveira Pinto de Sousa. Chamou – se então Banda Escolar da Mamarrosa, decerto inspirando – se neste apelido já dado à Banda do Troviscal, criada pelo irmão José em 1911.

Jaime de Oliveira tinha nas entranhas a música que vinha de trás, dos seus ascendentes, bem como dos mais próximos familiares seus contemporâneos. Com a música vivia em contínuo deambular por festas e bailes das vizinhanças, sentia–

a e escrevia–a, tocava–a e cantava-a, com a espontaneidade de quem respira e vive para o ensino e para a arte.

Fácil foi contagiar outros rapazes e pessoas da sua mocidade, pois no sangue fervia – lhe a génese artística que o empurrava para a grande celebração dos sons. Comungavam com ele estes sonhos, entre outros, António Freitas e Manuel Nunes Ferreira Neves. E Jaime sentia – se cada vez mais entusiasmado e decidido. E começa, juntamente com os seus amigos, a abordar crianças e adolescentes, para a futura materialização dos seus sonhos, iniciando com eles os primeiros passos da aprendizagem da arte musical. Os meninos gostavam e foram chamando os amigos e colegas. E, na cabeça de mestre Jaime, vai – se delineando, tomando forma, o seu ideal.

Consegue arranjar instrumentos. E até fardas também: azul com laço ... Tudo custa muito caro, implica alguns dissabores e contrariedades, mas que representa isso, para quem tem o corpo e a alma tão abundantemente a vibrar e a transbordar de valores, tão além destas comezinhas realidades humanas!

bibRIA

É pelo sonho que se pensa, se deseja e se concretiza. É pelo sonho que vamos.

TRADIÇÕES MUSICAIS NA MAMARROSA

Ao longo dos tempos sempre a cultura musical passou pela Mamarrosa.

No princípio do século XX (primeiras décadas), já aqui havia violeiros que também tocavam gaita de foles. Referimo-nos a dois irmãos: Manuel Nunes Ferreira Neves (conhecido por Ti Neves ou senhor Neves, um dos intervenientes no processo da criação da Banda em 1916 e que mais tarde teve em sua casa o Registo Civil) e Joaquim Nunes Ferreira Neves, este conhecido como Joaquim do Zé do Pedro. Falaremos destes irmãos a propósito dos locais de ensaio da Banda. Pois estes dois irmãos eram marceneiros na Arealva, onde construíam atafonas (moínho de água, espécie de azenhas).

Diz Armor Pires Mota (in Mamarrosa Milenária) que estes dois irmãos eram quem mais alegrava toda esta região, especialmente na época carnavalesca.

bibRIA

Mas outro músico, também do início do século XX e este violinista, era Manuel da Silva Cravo, irmão de Mário da Silva Cravo, este avô dos dois músicos da Banda: Manuel da Silva Cravo e António Maia Cravo.

Natural da Quinta da Gala, casou na Caneira com Miquelina de Jesus Graça. Tocador exímio de violino, fez parte da Tuna de Aguim e da de Mamarrosa.

Combateu na 1ª Grande Guerra, esteve na batalha de La Lys e foi feito prisioneiro dos alemães, como tantos outros. Manuel da Silva Cravo levara o seu bandolim para a guerra, mas quando do ataque dos alemães, o instrumento espatifou-se todo e lá ficou nas trincheiras.

Mas no campo de prisioneiros conseguiu adquirir um violino de um russo que lho dispensou, decerto a troco de qualquer insignificância que pudesse contribuir para aliviar as agruras do cativeiro (diz-se que por um braçado de cacetes de pão).

Senhor do violino, Manuel da Silva Cravo nasceu de novo; à sua volta o mundo nunca mais foi tão negro e medonho; as dores e as feridas dos horrores da guerra, empurradas para o fundo dos silêncios, deixaram-se cobrir por uma onda de

melodiosa beleza, embora carregada de amarga e nostálgica saudade.

Todos ansiavam pelo instante em que aquelas cordas vibradas com tanta arte e mestria se vinham a pouco e pouco infiltrar em cada coração daqueles homens, farrapos humanos para ali atirados, destroços da vida, na margem do tempo.

E a sua arte chegou aos ouvidos dos carrascos alemães que até eles não puderam resistir ao encantamento mágico do homem do violino... Nunca mais foi um comum prisioneiro: tinha uma relativa liberdade dentro do campo, chamavam-no para participar em festas, em vários lados; o seu tratamento mudou completamente, pois passou a usufruir de privilégios especiais.

Resta dizer que este violino ainda existe (guardado religiosamente por um neto seu) e até muitas das fotos do músico, instrumentos e partituras originais por ele executadas.

Manuel da Silva Cravo deixou cinco filhos e, pelo menos três deles, grandes apaixonados por esta arte, tal qual como o pai, violinista.

bibRIA

Jaime da Silva Cravo, o mais velho, serviu a Banda da Mamarrosa de 1938 a 1951 e de 1974 a 1978 e pertenceu também à Banda Amizade de Aveiro. Ismael da Silva Cravo tocou igualmente na nossa Banda de 1936 até 1948 e Mário da Silva Cravo, que embora não toque, está fortemente ligado à actual Associação Beneficente , Cultura e Recreio (a que pertence a nossa Banda), sendo Presidente do Conselho Fiscal.

A propósito da história da fundação da Banda, segundo Martinho Augusto Martins, este músico também refere, como veremos, que aqui na Mamarrosa havia, nos princípios de 2000, uma Tuna formada por três músicos: Martinho Martins, com guitarra, o irmão António Martins, com viola e António Rodrigues Capucho, também com guitarra.

Não temos elementos para saber se era esta a Tuna da Mamarrosa em que tocou Manuel da Silva Cravo ou a das Martinhas ou se ainda era uma outra diferente; aliás, não podemos afirmar se esta Tuna da Mamarrosa era também a que fundou Armor Arberto Coelho.

HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA BANDA

Versão muito peculiar de alguns acontecimentos que precederam a sua criação.
(elementos deixados por Martinho Augusto Martins - o Martinhito, músico fundador, muito ligado à Banda e às coisas da Música).

Na Mamarrosa sempre brotaram tendências artísticas, embora, na sua grande maioria, de cariz popular. E música, teatro e festividades religiosas têm vivido harmoniosamente, alimentando e entretendo o espírito espontâneo e aberto das nossas gentes.

Segundo este músico Martinho Augusto Martins, na primeira década do século XX, havia aqui um grupo de três músicos que abrilhantavam bailes e festas, não só da Mamarrosa, mas também de muitas localidades à volta, chegando a deslocar-se mesmo para longe (embora sempre a pé), como por exemplo, para Mira.

bibRIA

Esses três músicos eram Martinho Martins (pai de Martinhito) que tocava guitarra; o irmão de Martinho Martins, o António Martins (dono do moinho de vento, da Quinta do Gordo) que tocava violão e António Rodrigues Capucho ,da Mamarrosa que tocava guitarra, como Martinho Martins.

Ora, António Rodrigues Capucho, senhor muito rico, era casado com uma senhora da família dos Patos, da Póvoa do Troviscal. E, por tal motivo, António Capucho e sua esposa eram tios de José de Oliveira (fundador da Banda Escolar do Troviscal, em 1911), por este ter casado com Maria da Conceição (filha de Manuel Pato, do Troviscal), sobrinha da esposa do senhor Capucho. E daqui da Mamarrosa havia alguns rapazes a tocar na Banda do Troviscal, entre eles os irmãos de Martinhito, Priminho e António (e ele próprio lá aparece a tocar um pouco mais tarde).

Ora, Jaime de Oliveira, não só por ser irmão de José de Oliveira, mas também pelo mesmo amor à Música que lhe corria nas veias, cedo se familiarizou com o tal grupo dos três tocadores, da Quinta do Gordo e Mamarrosa e com os rapazes que sendo da Mamarrosa, tocavam na Banda do Troviscal. E, embora ainda estudando, depressa começou a frequentar a casa da família de Martinho Augusto Martins, de quem era também muito amigo António Rodrigues Capucho.

E na sua ida para a Tuna dos Malhadeiros (Amoreira da Gândara) e ou nesta convivência com os músicos da Mamarrosa, fácil foi conhecer aquela que seria sua esposa, a filha única de António Capucho – Maria Rodrigues Pato.

A convivência do jovem Jaime com os músicos do tal trio e com os que daqui tocavam na Banda do irmão José, concorreu para despertar nele uma ideia: criar aqui uma Tuna.

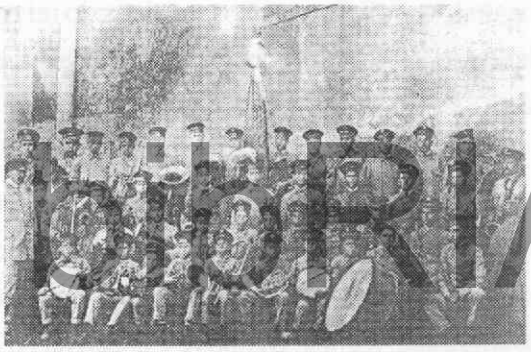
bibRIA

Consegue arranjar um conjunto de interessados que ensaiavam ,num sobrado grande que havia por cima dos currais, nas dependências da casa dos pais de Martinhito. Esta Tuna agregava tocadores da Mamarrosa, Quinta do Gordo, Martinhas, Bemposta, Azenha, Banhos e Cabeço da Azenha.

Diz Martinho Augusto Martins que esta Tuna ,dos primórdios do século passado (XX), ainda durou bastante tempo, efectuando vários serviços e que até ele e o primo Amadeu Martins, apenas com 8 ou 9 anos, também lá tocaram pandeiro.

Jaime de Oliveira Pinto de Sousa deslocava-se de Coimbra todos os sábados para ensaiar à noite, e pernoitava depois lá, na própria casa dos pais de Martinhito. É por esta altura que, acabado o curso da Escola Normal (Magistério Primário), o jovem professor casa com Marquinhas Capucho (Maria Rodrigues Pato). E é então, já depois de casado, que o professor Jaime de Oliveira pensa transformar a Tuna em Banda Filarmónica. Claro, que nem todos concordaram. Mas, como à data, Jaime de Oliveira já leccionava na Mamarrosa, foi semeando com todo o

ímpeto do seu génio, os gérmens da Música na alma e no sangue dos meninos da sua Escola. Com entusiasmo, arte e muita dedicação, consegue estrear a sua Banda em 1916, no dia 31 de Dezembro. Decerto que, além dos alunos do Ensino Primário, alguns teriam saído também da tal Tuna e outros vieram da Banda do Troviscal, como Manuel Filipe, Manuel Ferreira, Manuel da Silva e o próprio Martinho Augusto Martins. Segundo foto e relação publicadas no Jornal da Bairrada, de 23.02.90, estes músicos da Mamarrosa chegaram a tocar na chamada "Banda Escolar do Troviscal", sob a chefia do Professor José de Oliveira Pinto de Sousa.



Banda Escolar do Troviscal, antes de 1916 - com os dois irmãos José e Jaime

E, realmente, quem se debruçar sobre a fotografia da Banda da Mamarrosa, tirada em 1916, pode observar que ao lado da pequenada, há alguns músicos mais velhos; serão os que já vinham iniciados do Troviscal ou da tal Tuna?! Não dispomos de provas nem a favor nem contra: tudo desapareceu. Mesmo estas informações de última hora foram encontradas pela filha do senhor Martinhito, D Olga, no meio de outros vários papéis e documentos, há muito atirados para os domínios do esquecimento. Só agora, remexendo nas cinzas com muito vagar, que nos falta, poderão surgir aqui e ali pequenas centelhas de fios que se foram quebrando e dispersando . O que conseguirmos, tudo registaremos para que os outros, se os houver interessados, no futuro, quem sabe, possam meter mãos à

obra e pesquisar de uma forma mais rigorosa e correcta, aquilo que nós agora não podemos averiguar nem decifrar com o devido cuidado e rigor que o caso merece. Por nós, repetimos, vamos anotando e registando o que e do modo que melhor pudermos e soubermos. Será muito incompleto e nalguns pontos até incorrecto?! Disso nos desculpem todos aqueles que se sentirem lesados por qualquer motivo. A nossa intenção é apenas e só descobrir e revelar a verdade dos factos, procurando também não injustiçar nem ferir ninguém e muito menos magoar seja quem for. Temos posto neste trabalho a melhor dedicação e carinho. Se não fazemos mais e melhor é porque de forma alguma o não conseguimos e disso perdoem-nos todos os leitores.

bibRIA

JAIME DE OLIVEIRA PINTO DE SOUSA QUEM ERA ESTE HOMEM? ASCENDÊNCIA E INTERVENIENTES.

Jaime de Oliveira Pinto de Sousa

Jaime de Oliveira era filho de Manuel José de Oliveira e de Maria José Pinto de Sousa. Esta senhora fora noviça, no convento de Jesus em Aveiro (Hoje Museu Nacional, desde 1911) e onde viveu e morreu Santa Joana, no século XV . Manuel José de Oliveira era descendente de uma família abastada (da Borralha, próximo de Águeda); seus pais já então deviam ser pessoas preocupadas com a cultura das letras e das artes, pois que seu filho Manuel José cursava a Escola Normal e era igualmente muito bom músico.

Manuel José de Oliveira

Conheceu a bela noviça Maria José, precisamente quando ensaiava com os coros femininos do convento de Jesus (da ordem das Dominicanas – seguidoras de S. Domingos). Maria José Pinto de Sousa (noviça) por sua vez era irmã de um tal Padre Ferreira, também amante da arte musical, pois tanto tocava brilhantemente violoncelo, como compunha e regia com notável talento a Banda Amizade (de Aveiro).

biblRIA

Maria José Pinto de Sousa

Recordemos que era o clero nos conventos, mosteiros, abadias e igrejas que detinha, por assim dizer, em grande parte, o poder da cultura. As primeiras escolas surgem nos conventos, a própria Universidade, fundada no reinado de D. Dinis, com o nome de Estudo Geral (e em que logo a seguir se instituiu a disciplina de Música) foi também sugerida e criada por pessoas cultas pertencentes ao Clero. Aliás, eram os monges que com toda a perfeição e pacientemente copiavam os livros à mão que, por isso, eram muito caros e raros; existia apenas um em cada sala de aulas e que no final era guardado e fechado a cadeado. Alguns livros eram mesmo verdadeiras obras de arte; pelo menos a primeira folha levava sempre imenso tempo a executar, pois tinha iluminuras finissímas e muito belas e

elaboradas, que chegaram até aos nossos dias e que atestam bem ainda hoje o talento, a paciência, a arte e o saber de quem as executou. Nos conventos e só aí (quase em exclusivo) se guardou e acumulou muito do saber do mundo antigo e em especial da Antiguidade Clássica tão rica e exuberante no cultivo de todas as artes, das ciências e das letras. Foram esses tesouros do conhecimento acumulado ao longo das gerações que a Igreja foi capaz de angariar, preservar e nos transmitir para podermos ser Idade Moderna, na explosão extraordinária da saga das descobertas. Contudo, deve também afirmar-se, em abono da verdade, a par de alguns desacatos, injustiças, erros e desvarios, aliás comuns tanto ao clero como à nobreza; nesses tempos remotos da Idade Média sempre o povo foi o burro de carga, explorado na sua ignorância, reduzido à "arraia miúda" e à condição de servos e escravos dos grandes senhores. E esta situação só se vai modificando com o passar dos séculos; é com muito sofrimento amassado com amor, suor e sangue que o povo vai rompendo pela esperança do tempo até conseguir a pouco e pouco, já só na contemporaneidade, uma relativa autonomia.

Mas reatando o fio da meada. Precisamente no convento de Jesus de Aveiro, fundado em 1461 por D. Brites Leitão e D. Mecia Pereira (com algumas casas pobres e isoladas) se foram abrigando outras distintas e santas senhoras e pouco depois conseguiram integrar-se na Ordem de S. Domingos. Essas Religiosas desde sempre , ao longo dos tempos, primaram pelas sua dedicação aos pobres, doentes e desvalidos, mas também à nobre arte da Música e do canto e à cultura em geral.

biblRIA

Lembremos que o convento de Jesus durou mais de 400 anos, pois foi extinto, (bem como outras Ordens religiosas) em 1874. Mas o edifício depois de remodelado passou a Museu de Arte, em 1911, sendo hoje conhecido como Museu Nacional Santa Joana. Como é sabido, Santa Joana, filha do rei D. Afonso V, veio para este convento em 1472, a 4 de Agosto, (contra a vontade de toda a família real) e nele morreu, com fama de santa, em 12 de Maio de 1490. Por isso, o 12 de Maio continua ainda hoje a ser o dia da cidade de Aveiro. (Francisco Ferreira Neves – Arquivo do Distrito de Aveiro, tomo XXIV).

Havia neste convento coros de elevado nível artístico em música sacra e era precisamente a esses coros que pertencia a mãe de Jaime de Oliveira Pinto de Sousa, irmã do Prior Ferreira, pároco da igreja de Vera Cruz, da paróquia hoje

no mesmo local e com o mesmo nome.

Foram, pois, os pais de Jaime de Oliveira, Manuel José de Oliveira e Maria José Pinto de Sousa. Jaime de Oliveira, o segundo filho do casal, teve três irmãos: o irmão José, o mais velho, Assunção e Elvira: dois casais (dois rapazes e duas meninas).

A família fixara-se em Aveiro. Ora o pai de Jaime, Manuel José, como dissemos, amava a Música, era já então bom executante e Aveiro tinha atrás de si um grande passado musical, pois que além do convento de Jesus, a Ordem do Carmelo tinha também em Aveiro um Mosteiro masculino, o da Rua do Carmo (com o seu nome) e um feminino de que ainda resta a Igreja, com valiosíssimas pinturas, há pouco restauradas (junto à GNR que ocupou parte das velhas instalações das Carmelitas). E havia ainda o convento de S. Francisco de que resta também apenas a Igreja, sendo o seu casario restante hoje ocupado também pela Polícia Judiciária. E nestas comunidades religiosas sempre se cultivou com grande fervor, devoção e qualidade, a arte musical. Eram célebres as festividades religiosas destes conventos, abrilhantadas pelos seus coros cuja música erudita era bem conhecida. E durante o século XIX, como já se disse, surgiram várias colectividades ligadas ao ensino dos sons musicais e também inúmeras bandas a começar pelas bandas militares.

biblRIA

Segundo D. Leocádia Pato, autora do livro "Um rio de memórias – A Banda do Troviscal" em 1834 veio para Aveiro a Guarda Nacional que formou a sua Banda Militar. Este facto foi, por assim dizer, um estímulo que originou a formação de muitas bandas e agrupamentos musicais. Segundo esta senhora, parece que os contratos para a Banda da Guarda eram anuais e assim muitos músicos, ao fim de cada ano, saíam e, por sua vez, iam formar outras bandas. Assim se formou a Banda Amizade em 11 de Novembro, logo nesse ano de 1834 e outras. Mas nos vários concelhos do distrito de Aveiro havia também e mais antigas, numerosas bandas .

Segundo a mesma autora, de 1860 a 1870, aparecem várias e entre elas a

de Fermentelos, a da Palhaça (em 1879) e a de Anadia.

O pai de Jaime de Oliveira, Manuel José, ainda muito novo e a estudar, em 1875, foi reger a Banda de Fermentelos (A Banda de Fermentelos existia desde 1870), pois o seu regente, desse tempo (José Maria Genário), não percebia de música sacra e a Banda tinha um compromisso para as cerimónias da Semana Santa, em Sangalhos. Começou por reger apenas a parte sacra e acabou mais tarde por ficar mesmo como maestro da Banda de Fermentelos.

Algum tempo depois (em 1877) e por uma questão de distância (pois que o jovem maestro e também já então professor continuava com a família em Aveiro), Manuel José conseguiu escola em Oiã para onde vem viver com a mulher e os filhos.

Foi a própria direcção (ou responsáveis) da Banda de Fermentelos que conseguiu que o jovem professor ficasse a leccionar em Oiã, tal o apreço em que tinham a sua capacidade de músico regente. Recordemos a lonjura dos caminhos lamacentos nas invernias, medonhos e perigosos ou poeirentos e azarados pelas pegadas das alimárias sedentas de um pouco de verde.

bibRIA

Manuel José além de maestro da Filarmónica de Fermentelos, em 1878, ajudou também na formação da Banda da Palhaça, sendo o seu primeiro regente, em 1879 (quando se estreou esta extinta banda).

Era natural, portanto, que os filhos de músicos (a mãe de Jaime de Oliveira tocava também violoncelo, além da sua voz aprimorada), músicos fossem. O filho José de Oliveira tocava bombardino, violino e apenas com 20 anos, em 1899, substituiu o pai na regência da Banda Marcial de Fermentelos, sendo em 1900 também regente da Tuna de Oiã e fundou a Banda Escolar do Troviscal que saiu, pela primeira vez à rua, a 4 de Fevereiro de 1911.

O filho Jaime, como o irmão, era grande apaixonado dos sons musicais; desde muito novo, como sua mãe, tocava violoncelo.

TESTEMUNHO
A VISITA DO SENHOR PROFESSOR ORLANDO (FILHO DO FUNDADOR DA BANDA) E A FACETA FAMILIAR E ECONÓMICA.

Ontem, dia 22 de Setembro de 1999, veio visitar-nos o senhor Professor Orlando que já cá tinha estado no dia anterior e também noutras ocasiões.

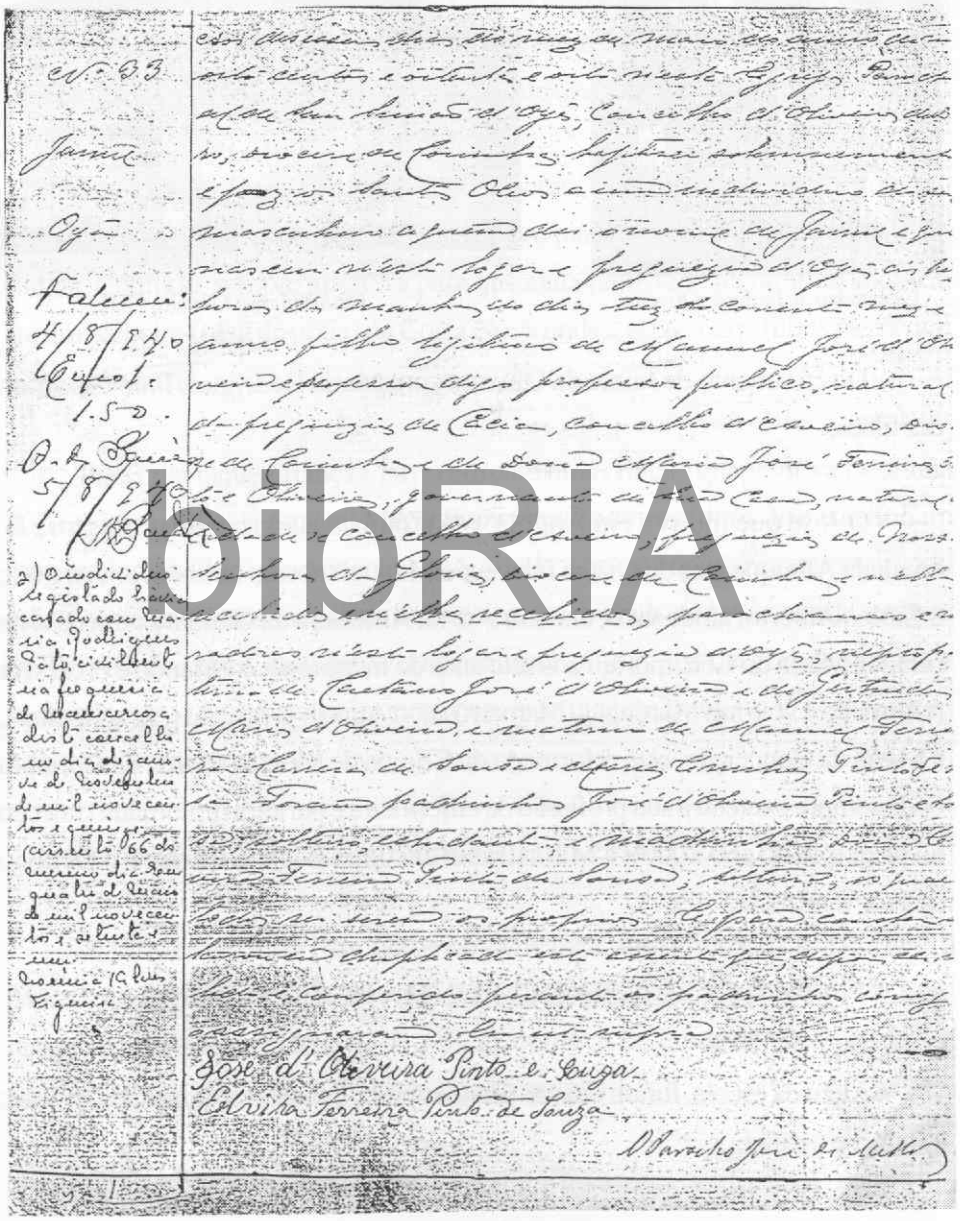
Já havíamos trocado várias impressões sobre a família e em especial sobre o pai. Mas ontem o senhor professor Orlando trouxe-nos também alguns documentos: caderneta militar do pai, algumas fotografias antigas da Banda, alguns folhetos alusivos às bodas de ouro em 1966 e ainda um discurso que ele próprio proferiu a 19.11.1997, na altura da inauguração do busto em bronze do senhor Professor Jaime de Oliveira, frente à Casa da Música, no grande Edifício das Obras Sociais da Mamarrosa.

bibRIA

Embora já nos tenhamos debruçado um pouco sobre esta ilustre figura que foi o senhor Professor Jaime de Oliveira, aqui fica mais uma outra resenha resultante da busca de mais algumas informações.

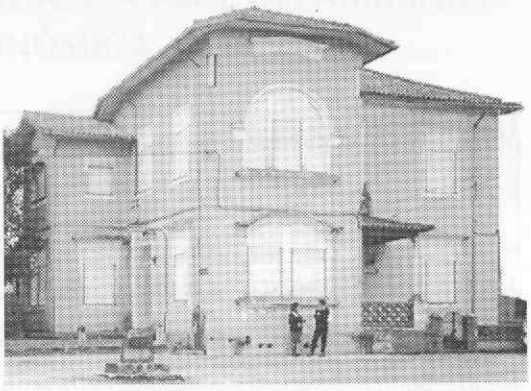
Jaime de Oliveira Pinto de Sousa nasceu a 3 de Maio de 1888, filho segundo de Manuel José de Oliveira e de Maria José Pinto de Sousa (como já se disse) e casou com D. Maria Rodrigues Pato (filha de António Rodrigues Capucho e de Maria da Silva Pato). Os pais de Maria Rodrigues moravam defronte ao cruzeiro onde se bifurca a estrada para o Portinho e Caneira e também na frente da antiga casa do sacristão já há muito falecido, o "ti Manuel do Júlio" como era conhecido.

Jaime de Oliveira construiu residência própria numa das partes da antiga casa dos sogros . Essa sua moradia foi mais tarde cedida ao senhor Dr. Pato para aí instalar a Casa de Saúde da Mamarrosa que lá funcionou até à morte, também do mesmo Dr. Pato (em 12 de Maio de 1975). Nela havia o desenho de uma lira na sua frontaria, como símbolo da grande paixão de seu dono, mas esse símbolo também desapareceu quando da adaptação a Casa de Saúde.



dibRIA

Casamento de Jaime de Oliveira



Casa de Jaime Oliveira

Do casamento de Jaime de Oliveira com Maria Rodrigues Pato nasceram dez filhos:

bibRIA

O José que morreu em Angola; o António, casado com a professora D. Saudade Albuquerque de Oiã, aí faleceu; o Manuel morreu também em Angola; o Carlos Alberto, ainda vivo, encontra-se na Amoreira da Gândara (em casa da filha); a Maria do Céu, morreu aos sete anos de meningite; o Orlando é professor reformado e vive nas Martinhas (Mamarrosa); o Agnelo já faleceu (era agricultor); a Maria da Conceição, está reformada da Clínica de Montes Claros de Coimbra onde sempre exerceu a sua profissão de enfermeira e parteira diplomada (faleceu no princípio do ano 2000); a Maria Isabel encontra-se na América e o Octávio está na Venezuela.

O OUTRO LADO DO FUNDADOR DA BANDA

Além da escola, foram duas as grandes preocupações de Jaime de Oliveira: a Banda e família.

A Banda era o seu sonho, a sua vida, a sua paixão, mas a família também a sua preocupação constante.

O futuro cultural e profissional dos filhos sempre preocupou este homem amante da Música que tudo fez para assegurar um determinado nível social a esses seus descendentes.

Mas apesar dos seus esforços, os dois primeiros filhos (José e António) não foram além do antigo 2.º ano dos liceus (hoje correspondente ao 6.º ano de escolaridade). E o Manuel e o Carlos nem este nível conseguiram completar.

E o senhor professor Jaime, ano após ano, via-se obrigado a ir vendendo os prédios para manter os filhos no estudo e para assegurar a manutenção da Banda. Contudo, sempre pugnava para que nada faltasse à sua família; adquiriu até um palheiro (casa de praia) na Costa Nova onde a esposa e os filhos passavam a época balnear.

Para criar tantas crianças, havia em casa uma criada, uma senhora Deolinda do Troviscal, filha de uma tal Maria Francisca. Todos os filhos do casal tinham uma autêntica adoração por esta D. Deolinda a quem tratavam como segunda mãe. Os meninos, mesmo depois do falecimento dos pais , iam visitar esta senhora ao Troviscal e estes encontros eram sempre momentos de grande alegria e comoção, tanto para Deolinda como para as crianças. Também já desapareceu há bastante tempo.

biblRIA

A MÚSICA: SONHO E DETERMINAÇÃO

A Música era tudo para Jaime de Oliveira; como vimos, na sua família, a Música era a grande paixão da vida. Aliás, ainda hoje assim acontece. Tanto os descendentes do irmão José do Troviscal, como os de Jaime de Oliveira, todos, sem excepção, nasceram com a Música no sangue.

Jaime de Oliveira, após o Seminário (que frequentou vários anos) conseguiu continuar a estudar e fez-se professor, embora já um pouco tarde; vê-se pela sua caderneta militar que em 1916, com 28 anos, foi alistado num contingente de

Artilharia de Guarnição (em plena 1ª Grande Guerra). Cedo começou como já vimos a projectar os seus sonhos em algo de concreto: crianças, jovens e os alunos da sua escola e das outras. Foi mesmo esta grande paixão pela arte musical que ocasionou o seu casamento.

A família de Jaime de Oliveira tinha-se fixado em Oiã onde o pai José Manuel tinha escola e donde ia reger a Banda de Fermentelos. Jaime começou a tocar em conjuntos que por aqui havia. Um desses conjuntos era a Tuna da Amoreira da Gândara ou dos Malhadeiros, assim chamada porque dois dos seus fundadores eram o Américo Malhadeiro e o Joaquim Malhadeiro. Embora do mesmo conjunto também fizessem parte Manuel Francisco Ferreira, um tal Carvalhito e outros.

Esta rapaziada ensaiava e tocava no clube do José Gala da Amoreira da Gândara.

bibRIA

Foi precisamente numa dessas deslocações de Oiã para Amoreira da Gândara que o jovem professor conheceu decerto aquela que viria a ser sua esposa: Maria Rodrigues Pato. Era uma menina bela, doce e fresca como as primaveras. Filha de António Rodrigues Capucho e de Maria da Silva Pato, lavradores abastados, depressa e facilmente se apaixonou pelo músico professor. Do namoro ao casamento não foi muito tempo. Iniciados os preparativos, o enlace vem a realizar-se a 19.11.1915 (19 de Novembro de 1915).

Ora o professor Jaime não tinha ainda escola fixa, mas o sogro era rico e com influência. O ensino não era obrigatório como hoje; as escolas eram poucas e na maior parte arranjadas pelas entidades locais ou oferecidas por particulares para lá colocarem os professores a seu gosto.

O sogro de Jaime de Oliveira era um homem com muitas propriedades e de bom chão, bem situadas e, por isso, logo pensou em arranjar uma escola para o genro, o que consegue, após algumas diligências e dando ele o terreno e fazendo o edifício. Parece anedótico e caricato, mas é a verdade: o terreno era oferecido

e ainda se tinha de pedir autorização para ser aceite. Bem, se pensarmos um pouco, uma Escola não é uma construção qualquer e compreende-se a preocupação em observar, com certeza, determinados requisitos.

Sobre a escola mandada erigir por António Rodrigues Capucho, lembremos o que diz Armor Pires Mota no seu livro "Mamarrosa Milenária", a página 179, "António Rodrigues Capucho, construiu à sua custa um edifício escolar

biblRIA

para que ali fosse colocado vitaliciamente o genro, professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa, como era norma naquela época. Edifício espaçoso, constava de duas salas e um amplo gabinete". E, pela foto junta, também extraída da mesma obra de Armor Pires Mota podemos analisar e comparar a escola do senhor Professor Jaime com a da rua da Senhora da Graça. Aliás, posteriormente, a da Senhora da Graça passou a ser a Escoa Feminina e a do senhor Professor Jaime (na Estrada Nacional n. 333 – 1 e onde se ergue a Sede da ADASMA), a Escola Masculina, uma vez que havia a separação dos sexos.

Mas voltando à grande luta de mestre Jaime de Oliveira. Estamos na década de 30 e as dificuldades económicas cada vez apertam mais, contudo, em casa, os filhos e a esposa D. Maria Rodrigues continuam com tudo o indispensável para seu sustento e formação. Mas era inevitável o desgaste e a venda das propriedades tinha de continuar. Não raro se viu forçado a recorrer a empréstimos; os juros eram elevados. Lembremos que a vida de Jaime de Oliveira decorreu durante a primeira grande Guerra (1914 – 1918) e ainda começo da segunda (1939).

No seu livro "Memórias de Outros Tempos" a página 34, diz Vitorino Reis Pedreiras que em 1930, "as subidas constantes de todos os géneros permitiam uma transformação completa no sistema económico social" e que "A agricultura precária, deficiente e mal paga não permitia vida desafogada aos agricultores que viviam em péssimas condições...". Mas continua este agricultor (e autor) que "de um instante para outro se fizeram fortunas e que a mesma agricultura se tornara cheia de prosperidade".

Aparecem os adubos químicos, levantam-se fábricas, há lucros fáceis, surgem oportunistas de ocasião. E "este florescer aparente da economia rural depressa se torna decadente. Os mercados abarrotam de produtos, fecham-se fábricas, há desemprego, as indústrias começam a parar porque os juros fabulosos absorviam tudo". Estes juros elevados contribuem para "a aquisição das propriedades por baixo preço". Isto explica, pelo menos em parte, como é que nesta época grandes proprietários se vêem de um momento para o outro reduzidos à miséria, despojados do seu avultado pecúlio patrimonial, enquanto outros pequenos agricultores ou modestos comerciantes se tornam repentinamente senhores de grandes extensões de terreno.

bibRIA

Surgem novos donos da terra, ciosos do seu poder, enquanto abastadas fortunas rurais se vão desmoronando. E é o que sucede na casa de Jaime de Oliveira. A educação dos filhos que sempre foi para ele prioridade constante, a sua absorvente paixão pela Música e talvez o seu escasso conhecimento e pouca preparação para lidar com os problemas da terra donde afinal nos vem o pão de cada dia – todos estes factores devem ter contribuído para a sua derrota económica. As propriedades vão desaparecendo para pagar aos credores. Laivos de desgosto vão sulcando o seu rosto e é com grande constrangimento e amargura que se tem de desfazer do próprio Salão na frente da Igreja onde tinha criado e alimentado a maior parte dos seus sonhos que iam desaparecendo num tombar de cartas de baralho. Todavia, este homem continua a viver para a família e para a Banda, não deixando transparecer o amontoado de nuvens negras que lhe vão toldando a alma e marcando o destino. Mas com certeza este estado de coisas e o acumular de outras tantas circunstâncias adversas, devem ter influído na sua trágica e inesperada morte, a 4 de Agosto de 1940 (apenas com 52 anos), enquanto a

procissão em honra do mártir S. Sebastião percorria as ruas da Mamarrosa. Onde a Banda era a realização efectiva do maior sonho de toda a sua vida que ele lhe tinha dedicado por inteiro e que agora tão abruptamente deixava num adeus de saudade eterna.

Mas há realidades que não se compadecem com sentires humanos; são frias e duras. A esposa viúva, de alma dilacerada pela tragédia e com os filhos à volta por acabar de educar, cansada e desgasta, vê-se a braços ainda com algumas dívidas como herança. E, a instâncias do senhor Dr. Pato, acaba por lhe ceder a própria habitação onde foi instalada a Casa de Saúde da Mamarrosa, como já aludimos, o que era grande melhoramento para a aldeia.

Quando faleceu o senhor Professor Jaime (a 4 de Agosto de 1940, com 52 anos) ainda havia filhos pequenos: o Orlando, o Agnelo, a Maria da Conceição, a Maria Isabel e o Octávio estavam longe da maturidade e os recursos cada vez mais escasseavam. Tanto o Orlando como o Agnelo começaram na precária lavoura da casa. Mas aos 15 anos o Orlando conseguiu ir para o Seminário donde mais tarde transitou para o Magistério Primário e obteve daí a dois anos o curso de Professor Primário. O Agnelo continuou na lavoura, andando mesmo à jorna até à ida para a tropa (vida militar obrigatória). A Maria da Conceição, ao abrigo de uma qualquer lei de protecção aos filhos órfãos dos funcionário públicos, entrou para a Casa Pia onde conseguiu obter o seu curso de enfermeira – parteira (faleceu em Janeiro de 2000). A Maria Isabel e o Octávio depois de alguns contratempos, emigraram, ela para a América e ele para a Venezuela, como já se apontou.

biblRIA

PERCURSOS DE UMA DESCENDÊNCIA - NA PAUTA MUSICAL DO TEMPO

Todos os descendentes do senhor professor Jaime foram portadores de genes que despertariam novos músicos na geração seguinte.

Três dos seus filhos foram mesmo regentes da Banda: o José, o António e

o Orlando e todos os outros tinham uma certa aptidão para esta arte. Por exemplo, até o mais novo, Octávio, começou a aprender e em breve tocava bastante bem clarinete. Só que emigrou muito cedo para a Venezuela.

O José - O mais velho. Foi para a tropa como voluntário, assentando praça no Regimento de Infantaria 19 de Aveiro e lá fez parte da Banda Militar daquele Regimento.

Como outros rapazes do seu tempo, envolveu-se com uma rapariga de menor chamada Iracema da Bispa, filha de um tal Barreiro de Bustos que foi casado com Florinda, protegida da Ti Maria Bispa, daí o apelido de Iracema da Bispa. Esta foi queixar-se ao Quartel em Aveiro e José foi obrigado a casar com ela, mas decerto só no papel. O senhor professor Jaime também não concordava com tais amores do seu herdeiro mais velho que, de qualquer modo, não duraram muito.

bibRIA

Veio a casar mais tarde, já na Guiné, com a sobrinha de D. Alexandrina, senhora da Cerâmica de manilhas de Oliveira do Bairro.

Tocava clarinete, saxofone - todos os instrumentos de palheta e acordeão, executando qualquer deles com alto nível de qualidade e perfeição; foi ele que ensinou o senhor eng. Dias Cardoso, a tocar acordeão, bem como outros.

Ainda em vida do pai, conseguiu organizar uma Banda infantil.

Morto o senhor professor Jaime de Oliveira em 1940, foi este filho mais velho que assumiu a regência da Banda "velha" para se distinguir da "infantil" que se veio a desmoronar, dado o fluxo dos acontecimentos: os elementos que já sabiam, integraram-se na Banda Filarmónica da Mamarrosa (a velha); os que ainda haviam começado há pouco, por aí se ficaram.

Sob a batuta de José de Oliveira, a Banda conheceu um período de

glória (embora breve); conseguiu impor-se pela sua arte competindo com muitas "das melhores bandas do país".

Mas José de Oliveira, decerto devido ao seu génio artístico, temperamento enérgico e irrequieto, não conseguiu manter por muito tempo este estado de bom andamento nas coisas da Banda ... Tinha outros afazeres também: continuava executante no Regimento 19 de Aveiro e teria outras ocupações ainda. Estas suas ocupações e decerto, até algumas apenas imaginárias, devem ter contribuído para o seu comportamento em relação a ensaios e outros serviços a que começa a falhar. Este proceder, aliado, com certeza, a mal-entendidos e a algumas irregularidades, acabou por prejudicar este excelente maestro que de início tanto prometia. Por outro lado, José de Oliveira que ansiava por emigrar, tinha metido requerimento para ir para o então chamado Ultramar.

Um dia, estava a Banda a tocar em Amoreira da Gândara, na festa do Sagrado Coração de Maria, juntamente com uma outra Banda, a de Salreu. Corria o ano de 1942.

bibRIA

Aparece uma patrulha do Exército de Aveiro, do Regimento de Infantaria 19 e leva o maestro José no seu jeep para de seguida embarcar para a Guiné, incorporado na Força que então partia para aquela colónia portuguesa.

Também aqui, na Guiné, a má estrela não deixou este grande músico. De lá da Guiné tem de embarcar para Angola.

E é em Angola que de novo a luz da sua arte irrompe dos escaninhos da sua alma como labareda cintilante que encanta e fascina todos quantos o conhecem. Depressa o entusiasmo se apossa do seu espírito e a hora é de criação. Funda uma Banda em Catumbela (sul de Angola), quase só com indígenas e alguns poucos brancos daqui de Portugal, como, por exemplo, Manuel Tavares e Ramiro Pereira. A este último músico, José de Oliveira escreve mesmo e pede-lhe para levar de cá algumas partituras. Ramiro Pereira consegue realmente uns poucos de

originais de boa música e leva-os para Angola. E entretanto José funda mais outra banda: a de Lobito e esta só com brancos. E qualquer das duas Bandas, em breve se impunha pela sua alta qualidade em termos artísticos. E consegue também fundar em Angola a orquestra Barbosa Ribeiro para acompanhar artistas.

Todavia, se estávamos, como já atrás se frisou, perante um grande génio da Música, dinâmico e competente, de novo vários problemas envolveram e denegriram este sucesso musical. Mesmo apesar dos favores do seu conterrâneo Amadeu Domingues de Carvalho, que lhe arranjou emprego condigno na Companhia do Açúcar, de Angola (Mamarrosa Milenária, página 210).

Quando em 1952, talvez numa das primeiras grandes crises da Banda, o senhor Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato encabeça uma lista de corajosos amigos da Música, de novo se pensa de imediato no nome de José de Oliveira que assim regressa à batuta da Banda da Mamarrosa, em 1954. Depois de também na África, à semelhança do que aqui se havia passado, primeiro ter encetado uma carreira promissora (isto até no mundo empresarial) e por fim acabar por cair em desgraça. De forma que a chamada daqui surgiu mesmo em boa hora para o seu ego então decerto bastante por baixo.

bibRIA

Regressou, talvez ainda em 1953; arranjam-lhe emprego no Colégio de Oliveira do Bairro e, como após a morte do pai, nos anos quarenta, de novo a Banda readquire, se não todo, pelo menos grande parte do seu brilho e prestígio dos tempos áureos. Mas também, como na primeira experiência, reaparece aquele clima de instabilidade e insegurança, não só entre os músicos, mas principalmente entre estes e o seu mestre que era músico excelente, mas um desastre no domínio administrativo. E a ruptura torna-se mais uma vez inevitável.

José de Oliveira, óptimo músico e maestro excelente vai para Souto da Branca reger a sua Banda e a seguir volta para Angola onde acaba por falecer.

Foi um relâmpago que passou pela Banda!

Esta a história de um grande músico que decerto várias circunstâncias adversas não deixaram singrar. Ou a época em que viveu não lhe pode oferecer as condições necessárias à sua formação como homem e como músico, sem ter de depender de determinados mecanismos que por vezes podem levar a natureza humana a tentações nefastas e irreversíveis.

António de Oliveira Pato

António de Oliveira Pato, segundo filho do senhor professor Jaime de Oliveira era regente escolar e casou com a professora senhora D. Saudade Albuquerque, de Oiã.

Tocava clarinete na Banda e saxofone alto no Jazz "Os Libórios". Muito bom músico, homem bondoso, mas muito mais brando e calmo do que o irmão José; tinha sempre uma piada ou anedota na ponta da língua para motivar e dispor bem os músicos.

bibRIA

Teve que ficar à frente da Banda aí por volta de 1942, quando o irmão José partiu para a Guiné. Mas António de Oliveira dava aulas muito longe, em Fiães e em Arada, próximo de Ovar, portanto, não podia dar a devida contribuição à regência que a Banda exigia; e esta é uma das grandes razões que a levam a quase agonizar nos anos cinquenta. Aliás, este filho do mestre Jaime de Oliveira, também à data tocava igualmente na orquestra dos Libórios o que ainda mais tempo lhe roubava.

Todavia, paciente e conformado, António vai tentando o seu melhor. Entretanto, como o irmão José é depois requisitado de África, donde regressa em 1953 - 1954, ele deixa a batuta, mas continua na Banda. E, de novo, na outra crise dos anos sessenta, em que seu irmão Orlando tentou organizar a Banda (já então decadente), mas sem resultado, António fica de novo responsável pelos seus destinos, isto depois de 1963. Era na época do grande desfalque nas fileiras da Banda: os nossos rapazes ou enfileiravam para a guerra do Ultramar ou

escapavam-se para o estrangeiro. Por volta de 1967 os dois irmãos António e Orlando colaboram um com o outro: regra geral dirige o António e Orlando ajuda, principalmente em serviços religiosos e outros em que está mais dentro do assunto. Fazem tudo o que podem, mas é inevitável o descalabro e António acaba também por desistir da regência, logo em 1968.

A Banda envelheceu de corpo e alma; fardamento e instrumental decadentes;, poucos e desalentados, os velhos músicos vão-se arrastando na estrada dos dós sem reverso. E, em 1976 a Banda fica reduzida a uma orquestra e António recusa a batuta, mas incorpora-se no conjunto, bem como os seus irmãos (Orlando, Carlos e Agnelo).

Ao longo desta epopeia de altos e baixos que foi a vida da nossa Banda, sempre ele esteve presente. Por último, cansado e desalentado, esvaído, morto o sonho no coração e na alma, retira-se então (por volta de 1979), fazendo ainda serviços sob a regência do senhor Dr. Silas Granjo, seu parente.

bibRIA

Diz o irmão Orlando que António de Oliveira foi das pessoas mais devotadas e sacrificadas pelo amor à Música e Armando Vida acrescenta que era extremamente bondoso, ainda mais que o próprio pai.

Orlando de Oliveira Pato - um dos filhos do meio, de Jaime de Oliveira. Nasceu a 4 de Janeiro de 1925. Casado com D. Célia Martins dos Santos, filha de Vitalina Martins, esta descendente de João Martins das Martinhas, portanto, D. Célia é sobrinha do músico fundador Amadeu Martins (irmão de Vitalina Martins).

Orlando fizera a escolaridade primária (até à 4ª classe antiga) no tempo em que aqui paroquiava o senhor Padre Ernesto. Este Padre pensa que o melhor para o jovem Orlando seria ingressar no Seminário. O pequeno recusa-se de

início, mas aconselhado pelo irmão António e até por alguns amigos músicos (como Armando Vida), lá vai para o Seminário. Mais tarde, reconhecida a sua falta de vocação para a vida eclesiástica, sai do Seminário, consegue equivalência dos seus estudos no ensino oficial e ingressa no Curso do Magistério Primário de Coimbra, fazendo de seguida carreira de Professor (que inicia em 1952).

Orlando começou a aprender Música com o pai e continua depois da morte dele, com o irmão José. Supomos que a primeira vez que se apresentou em público, foi no Norte, próximo de Caminha, junto à fronteira espanhola. Foi o seu primeiro serviço; tocava então flautim e ainda o pai era mestre, portanto, antes de Agosto de 1940 (segundo o músico Ramiro Pereira).

Como o irmão António, foi dos grandes servidores da Banda. Sempre pronto para resolver faltas, para "tapar buracos" como se costuma dizer, ficando logo em 1955 subchefe da Banda para coadjuvar o irmão José, então regente e regressado de África para retomar a batuta.

bibRIA

Logo após 1957, quando o irmão José parte pela segunda vez para África, é Orlando de Oliveira Pato que fica regente da Banda. Passa com ela então, talvez, os piores anos: anos de debandada para o Ultramar e estrangeiro, anos de desorientação, desgaste e desalento . Não há pontualidade, os músicos faltam aos ensaios e serviços, não estão a horas, não acatam regras... Orlando tenta pôr cobro a este estado de coisas e disciplinar um pouco a Banda, mas as suas exigências não são bem aceites, há resmungos e amuos e Orlando desiste. Retoma então a regência o irmão António, por volta de 63, mas Orlando sempre colaborou com o António em tudo o necessário (como já foi dito).

Estes dois irmãos foram de grande dedicação à Banda; pode bem dizer-se que por ela se foram sacrificando até não poderem mais.

Retomando a conversa de trás, António aguenta a regência (ajudado sempre por Orlando) até 68. E nesta altura António desiste também. A Banda está desgasta

pelo tempo e contratempos; os músicos, perdido aquele entusiasmo dos verdes anos, roídos pelos desaires e desalentados, vão deixando as suas fileiras. A Banda enferma de velhice e desesperança; está desgasta a farda, perdido parte do instrumental; é uma dolorosa sombra do que já fora em melhores dias.

Todavia, registe-se que em 1970, mais uma vez o médico da Mamarrosa, Dr. Manuel dos Santos Pato tenta reerguer a Banda, constituindo-se então uma Comissão de que fazem parte António e Orlando.

Mas falta sangue novo para insuflar as veias e fazer florir o coração. Aliás, alguns adolescentes que vão entrando, pouco tempo permanecem; sem motivação e entusiasmo, em breve desistem. E é inevitável quase o colapso.

Em 1976 há apenas uns 17 resistentes... Teimam em reactivar a chama, querem continuar a luta. Pedem a Orlando para os dirigir. Ele aceita e vão fazendo alguns serviços, pelo menos os religiosos.

bibRIA

Esta espécie de orquestra dura até 1979 e nela, além de Orlando que dirige, enfileiram António, Carlos e Agnelo, irmãos sempre fiéis e mais 14 músicos – são os resistentes, heróis que não se deixam vencer até transmitirem o facho que um dia haviam tomado das mãos da sua alma de artistas.

É em 1979 ou 1980 (já formada em 1978 a Associação Beneficente, Cultura e Recreio) que vem para regente o senhor Dr. Silas Granjo.

Já desde 1978, um grande impulso é dado à Banda com a fundação da Associação Beneficente Cultura e Recreio. Armando Vida, grande apaixonado dos sons e Álvaro Ferreira muito dedicado e paciente – os dois retomam o ensino da Música e cria-se uma base de aprendizagem que havia de dar os seus frutos muito em breve.

E Orlando continua executante, sob a regência do seu parente, o senhor

Dr. Silas Granjo (bem como o irmão António, que já vimos), colaborando em tudo o necessário. Mas este músico, filho do fundador da Banda, o senhor Professor Orlando, deixa as fileiras da Filarmónica, quando também sai o senhor Dr. Silas, no final de 1991; é obrigado a retirar-se, por dificuldades de audição; contudo, jamais abdica da Música.

Ajuda ainda os dois maestros seguintes, professor Juan Carlos (de 1991 a 1995); engenheiro Víctor (1995 a 1998). E quando em 1996, morre o senhor Álvaro Ferreira, é Orlando que, abordado pelo Presidente da Direcção da Associação, Manuel Plácido Simões dos Santos, retoma as aulas de Música, tanto na Mamarrosa, como em Amoreira da Gândara (sem qualquer remuneração), até 1998, quando entra o novo maestro, professor Paulo Margaça.

Contudo, mesmo agora (ano 2000) acompanha a Banda e mostra-se sempre pronto e disponível para colaborar em tudo o que se relaciona com Música.

bibRIA

Na Banda, Orlando começou por tocar caixa, flautim, saxofone, banjo e quando era necessário, em caso de substituições, também tocava sinos e tímpanos. Fez parte do conjunto Odeon e aí tocava acordeão. E em ocasiões de certas brincadeiras, igualmente tocava viola, órgão, flauta e tocou cavaquinho no Rancho Folclórico "As Vindimadeiras", o que significa que uma grande parte dos instrumentos não tinha segredos para este filho do senhor Professor Jaime de Oliveira, único vivo dos irmãos que tocavam e faziam arte regendo.

Morreram o José, António, Manuel, Agnelo: só restam Orlando, Carlos e Octávio.

Achegas dadas por um descendente do fundador e que já foi regente e executante.

Sua Identificação:

Nome: *Orlando de Oliveira Dato*

Idade: *74 anos*

Grau de Parentesco com o fundador: *Filho*

Nível académico: *Magistério Primário*

Profissão: *Professor oficial do Ensino Básico*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Quinta das Martinhas – Mamarrosa*

1. Do senhor Professor Jaime de Oliveira, tente fazer um breve perfil

   Nome completo: *Jaime de Oliveira Pinto de Sousa*

   Filiação: *Manuel José de Oliveira e Maria José Ferreira Pinto d'Oliveira*

   Data e Local de nascimento: *05/05/1988 – natural de Oiã*

   Residência habitual: *Mamarrosa*

   Alguns traços mais característicos: *Era uma pessoa de forte compleição com 1m80 cm de altura, cara cheia, bigode franco e temperamento acessível a todas as pessoas; era amigo de toda a gente, bondoso e de espírito solidário e calmo.*

bibRIA

2. Como viveu e cresceu?

   - *Viveu e cresceu no ambiente musical que lhe era familiar. Tanto o pai como a mãe eram músicos de elevado nível.*

3. Gostos, aptidões, qualidades.

   - *O seu gosto predominante era a Música: possuía capacidades extraordinárias de composição, especialmente em violoncelo de que possuía diploma nacional.*

4. Casamento, data e nome da esposa.

   - *Contraiu matrimónio com Maria Rodrigues Pato e Oliveira, filha de um abastado proprietário de Mamarrosa, António Rodrigues Capucho no ano presumível de 1915.*

5. Número de filhos e respectivos nomes.

   - *Dez filhos: José, António, Manuel, Carlos Alberto, Maria do Céu, Orlando, Agnelo, Maria da Conceição, Maria Isabel e Octávio.*

6. Filhos músicos ou com outra profissões na Banda (de quando até quando se

possível).

- Todos os rapazes foram executantes na Banda, tendo o José, António e Orlando desempenhado funções de regentes, depois do falecimento do fundador.

7. Instrumentos tocados pelos filhos músicos.

- O José tocava clarinete, o António clarinete, o Manuel tocava caixa, o Carlos tocava trompete, o Orlando saxofone alto, o Agnelo tocava caixa e o Octávio clarinete.

8. Formação académica do senhor Professor Jaime de Oliveira – como e onde a adquiriu?

- As fontes académicas do Professor Jaime de Oliveira foram adquiridas no seminário e na escola do Magistério.

9. Como e onde começou a sua vida de professor?

- Não se sabe ao certo onde exerceu a sua primeira actividade profissional, mas sabe-se que foi construída uma escola na Mamarrosa onde foi colocado para exercer a sua profissão de professor por direito próprio.

bibRIA

10. Fale da sua paixão pela música e das influências recebidas.

- Era um grande apaixonado pela Música. Influenciado pelo ambiente musical que lhe proporcionaram os seus pais.

11. Quando começaria a tocar e com que instrumento começou, quem o ensinou, que outros instrumentos tocava?

- Deve ter começado a tocar órgão quando se encontrava no seminário. Aprendeu depois a tocar violoncelo, em que se especializou.

12. Quando faria as primeiras peças musicais e quais foram?

- Limitou-se a compor pequenas peças para teatro e revista. As que eu conheço destinaram-se à revista de "Bate Certo" (original do poeta popular mamarrosense – Júlio Dias

Gapo).

13. Que ideia faz do seu pai como homem, como músico, como marido e pai?

- Atendendo às circunstâncias em que viveu e para que se dedicou, procurou dar aos seus filhos a melhor formação e educação possível. Tentou criar-lhes um bom ambiente, o que, com desgosto dele, não chegou a ver concretizado o seu desejo. Homem "humano" quanto se pode ser, músico de completa formação, óptimo marido e um pai exemplar em todos os sentidos. É possível que se tivesse sido mais rigoroso, as coisas tivessem corrido doutra maneira. Mas só nos arrependemos depois de ter caído.

14. Sabe os nomes dos músicos fundadores da Banda, os que primeiro tocaram nas ruas da Mamarrosa? Diga os seus nomes, idades que teriam aquando da primeira actuação e que instrumentos tinham.

- Dos fundadores da Banda tenho conhecimento do senhor Martinho Martins que tocava oboé, David Ferreira trompa, Manuel Augusto Ribeiro, bombardino; Manuel Priminho, fagote. Os outros não os conheço.

bibRIA

15. A Banda desfilou pela primeira vez em 31 de Dezembro de 1916. Porquê nesta data? Comemorava-se algum facto importante ou celebrava-se alguma festa?

- Julgo que se escolheu esta data por conveniência pessoal ou de estatística.

16. Tem fotos desses tempos, das actuações iniciais da Banda ou quaisquer papéis de música ou documentos afins?

- Não possuo verdadeiramente documentação concreta desta data. Consta que uma foto era mais ou menos desse tempo e que junto a este questionário.

17. Tente fazer um pequeno historial da Banda, do homem que a fundou e daqueles que através de vicissitudes várias, mal ou bem, foram capazes de a continuar e fazer chegar até aos nossos dias.

- Como todas as coisas, há sempre bons e maus tempos na vida. Após um período áureo, vem sempre uma crise. O fundador da Banda procurou dar aos elementos os meios para

melhor os animar nas suas tarefas. Nem sempre foi bem sucedido. Umas vezes abusava-se das facilidades que eram concedidas, outras vezes não acatavam a disciplina que se impunha. As condições de épocas que se atravessavam concorreram grandemente para várias dificuldades que ocorreram. Após o falecimento do fundador, proporcionou-se, porém., um renascer de vida que pouco tempo duraria. Contudo, foram os seus filhos que ainda procuraram manter a Banda num ritmo à altura das suas capacidades. A existência da Banda tinha que se bastar a si própria, pois não havia auxílios de parte alguma. Mas mesmo assim, com a falta de reservas, quer em elementos, quer em dinheiro, ela parou mas não morreu, pois que um grupo continuou a manter a chama até que novos e melhores tempos aparecessem. Foi com essa ideia que se formou a orquestra ligeira, que durante dois anos realizou serviços de festa com um repertório adequado.

18. Sabe o nome de algumas das primeiras festividades ou acontecimentos em que Banda actuou?

- Consta que a primeira actuação pública que a Banda realizou foi no casamento de um senhor da Quinta Nova, de Bustos, chamado Augusto Costa.

bibRIA

19. Foi também regente da Banda. Diga de quando até quando e fale desse seu trabalho então realizado. Sabe os nomes dos outros regentes da Banda até hoje? Fale deles apontando características mais identificativas de cada um.

- Durante o período de 1957 a 1963 assumi a regência da Banda porque meu irmão José deixou de dirigir por motivos pessoais. Foi uma experiência normal; pois que neste período houve somente a preocupação de a conservar com os elementos existentes; não havia escola de aprendizagem para a renovação de músicos, tanto por falta de estímulo na população, como por causa do estado da guerra do Ultramar; os pais chamavam os filhos para o estrangeiro para evitar o alistamento no exército. José de Oliveira tinha pulso forte para a regência e boas qualidades para o efeito. O António era bondoso e compassivo. Eu gostava de ordem e pontualidade. O Dr. Silas procurou desenvolver o aspecto artístico, o que conseguiu devido à campanha de apoio, tanto da Direcção da Associação que entretanto se criou, principalmente para apoiar a Banda, em 1978, como dos pais dos alunos da escola de música do senhor Álvaro que nesta altura se formou.

Depois, após o Dr. Silas ter abandonado a regência, foi a Banda submetida à regência

do João Carlos. Era uma pessoa com boa vontade, mas as suas capacidades artísticas não agradavam aos músicos e foi substituído por um elemento da Banda, Vítor Ferreira, que assumiu a direcção artística da Banda.

Também este, pouco tempo permaneceu nas suas funções, devido a determinadas atitudes menos exemplares para com os elementos da Banda.

Presentemente, encontra-se na regência da Filarmónica o Prof. Paulo Margaça que tem revelado extraordinárias qualidades, quer pedagógicas, quer artísticas, o que lhe tem permitido granjear a melhor aceitação por parte de toda a Banda e Direcção. Parece que a Banda está no bom caminho; vamos ver por quanto tempo.

20. A propósito, em seu entender quais as pessoas que até hoje mais influenciaram o desenvolvimento da Banda e às quais, decerto se deve muito do que ela representa na actualidade.

- A propósito deve destacar-se em dedicação o Senhor Plácido coadjuvado com os outros elementos da Direcção da Associação.

Presentemente, Afonso Libório e os seus colaboradores com incidência para o senhor António de Oliveira, têm contribuído para o bom caminho da perfeição artística da Banda.

bibRIA

21. Para si, como filho e descendente de uma família de músicos, o que representa a Música e a Banda da Mamarrosa?

- Apesar de não poder dar o meu contributo para a melhoria da Banda, ela representa para mim um relevante baluarte na cultura e educação na minha terra. É com muito orgulho e alegria que a ouço tocar.

22. Que sente aquando das actuações da Banda? Diga o que quiser.

- Quando a ouço tocar em qualquer actuação, é como sentir o sangue a correr-me nas veias. É o reviver do passado!

23. Ao longo dos anos, sempre em contacto com a Banda e com vários músicos, deve ter presenciado muitos factos e acontecimentos dignos de registo. Tente recordá-los e descreva-os.

- Na Banda havia um ambiente familiar e sempre que se proporcionava, aparecia uma voz de animação que emolduzava toda a colectividade. Era uma anedota, era uma novidade que se contava como tempero para a boa disposição. Seria pouco o espaço para descrever os inúmeros episódios passados.

24. Fale das actuações em que participou como regente ou como músico e de muitas outras em que mesmo sem participar tem assistido. (tem alguns papéis ou fotos dessas actuações?)

- À parte do presente fardamento, a nossa Banda ostentou sempre uma farda modesta, porém, quantas vezes ouvi dizer à assistência que nos ovacionava no fim das nossas actuações - «Não é a farda que toca, o que toca são os bons músicos - Viva a Banda da Mamarrosa!»

Quando o meu irmão António retornou à regência da Banda pediu-me para colaborar com ele, pois o repertório estava modificado e eu ia por vezes dirigir as peças em que ele estava menos seguro. Então ouvia-se dizer: - Olha, agora vai o filho reger!

25. O que pensa do futuro da Banda? Diga o que quiser e o que mais achar de interesse.

- A Banda tem um futuro muito prometedor. Com um regente destes, que é um verdadeiro pedagogo, e uma Direcção que não lhe regateia esforços em todos os sentidos, não há razão alguma para a Banda sentir dificuldades de revivel.

A escola de música é um autêntico manancial de elementos para garantir a sua continuidade. Só com uma grande catástrofe ela se arruinará.

26. Sabe quando foram feitos os primeiros estatutos da Banda e onde e quando foi registada oficialmente pela primeira vez.

Houve estatutos primitivos que se mantiveram até determinada altura. Como estavam desactualizados, aquando da restauração da Banda, foi necessário ordenar novos estatutos. Estes foram feitos pela nova Direcção, no tempo do senhor Plácido. Estes, pelo menos foram registados no Governo Civil em Aveiro, se não estou em erro.

27. Diga mais o que achar de interesse.

Resta-me fazer votos para que a Banda da Mamarrosa continue a ser um bom representante da nossa terra e da região, por toda a parte onde realize as suas actuações. Cada vez melhor. Está em boas mãos.

bibRIA

DISCURSO DE ORLANDO DE OLIVEIRA PATO

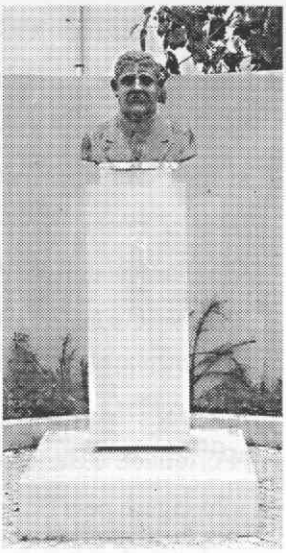
Falar de Jaime de Oliveira, não é só falar dele como músico em que revelou elevado talento; apesar de não ser oriundo desta freguesia, nela se radicou pelo matrimónio e, em tal hora o realizou que logo a ela se devotou com toda a alma e coração. Jaime de Oliveira era um homem de elevados sentimentos, amigo do seu amigo, incapaz de fazer sofrer fosse quem fosse. Sempre pronto a socorrer os mais carenciados, fazia do bem o seu lema afectivo. Todas as homenagens de que tem sido alvo, não são mais que um reconhecimento do grande apreço e estima que as pessoas nutriam por ele. Pode-se dizer, sem a menor dúvida, que foi um homem com H grande. Toda a gente via nele um irmão. A sua família era a população, eram todos aqueles que se aproximavam dele. Deu-se totalmente à causa do desenvolvimento cultural e recreativo do povo da freguesia.

bibRIA

Foi preciso um terreno para a construção de uma escola e este apareceu. Foi necessária a construção de um salão cultural e recreativo, ele mandou-o construir. Era bom e salutar a formação de uma Banda Filarmónica, onde a juventude se pudesse cultivar e recrear na sublime arte musical, ele se empenhou a cem por cento na realização deste sonho. Que mais haveria para dar? Talvez muito mais ainda porque nunca se cansava de dar. Sempre que verificasse ser preciso qualquer coisa para a formação cultural e educativa do povo, aí estava ele a fornecer, a expensas suas, o material respectivo. Mas o fim espreitava-o e aos 52 anos apenas, é surpreendido pela morte que não perdoa. Perde-se em 4 de Agosto de 1940, este talentoso homem que deixou um vazio na freguesia da Mamarrosa, muito difícil de preencher. Hoje, dia grande para a sua memória, perpetuada em bronze junto da sede da Banda Filarmónica, não será mais que um eterno reconhecimento de gratidão, de uma página de história virada para o futuro. Legou-nos uma obra sentida e reconhecida por todos nós, sem excepção de credos políticos ou religiosos, que ainda hoje perdura na vida de todos os mamarrosenses. Quem não se lembra da fundação do futebol na Mamarrosa, cujo campo era

nos Penedos, num mato dispensado por Jaime de Oliveira? Quem não se lembra do bonito salão de bailes onde a juventude se divertia ao som da música executada pelos jazes desse tempo? Resta hoje a Banda que, apesar das crises por que tem passado, tem resistido a todas as intempéries, graças à dedicação de músicos e regentes que deram sempre o seu melhor para que ela fosse ainda uma realidade. E como simples gesto de gratidão, será um sincero muito obrigado saído do coração de todo o povo da Mamarrosa. No fundo, será ainda uma forma pessoal, quente e sentida, que todos lhe devemos ao menos dizer. "Por tudo quanto nos destes, obrigado, Jaime de Oliveira!"

Mamarrosa, 19 de Novembro de 1997



Busto de Jaime de Oliveira Pinto Sousa. (Junto à sede da Banda Filarmónica)

bibRIA

Carlos de Oliveira Pato - O terceiro filho de Jaime de Oliveira Pinto de Sousa

Casou na Rua de Baixo – Mamarrosa, com D. Ema, filha de Manuel Francisco da Graça (do Roso).

De início tocava trompa, trompete, cornetim e mais tarde também fliscorne.

Como se vê pela ficha a seguir, logo de pequeno, como os irmãos, nasceu com a Música no sangue. Ia aos ensaios; pequenito, metia-se por entre os músicos e assim começou a aprender, de forma que logo aos 14 anos sabia tocar... E tocou na Banda até aos 70 anos. Só não pertenceu à Filarmónica durante os 20 anos que permaneceu em Angola... Mas melhor do que as nossas palavras, será examinar o que ele próprio explica.

Como já dissemos, passámos pela casa da filha D. Helena, na Amoreira da Gândara, no final de 1999 e lá demorámos um bom bocado com este descendente desta família de músicos.

Achegas de um executante, filho do fundador

Sua Identificação:

Nome: *Carlos Alberto de Oliveira Pato*

Idade: *78 anos*

Grau de escolaridade: *4ª Classe*

Profissão que tem ou já teve: *agricultor (agora reformado)*

Estado Civil: *Viúvo*

Morada: *Amoreira da Gândara*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

   Comecei por ir aos ensaios em pequeno. Ficava ao lado dos músicos João Pedro, António Santos, Álvaro Ribeiro. Era no clube de meu pai, frente à Igreja. E comecei a tocar na Banda, logo aos 14 anos, após a 4ª Classe, aí em 1935. Toquei até aos 70 anos; estive em Angola aí uns 20 anos e só durante esse tempo não toquei.

bibRIA

2. Que instrumento tocava e porquê?

   O meu instrumento era o cornetim ou trompete que é maior e também tive o fliscorne, este maior que a trompete; a escala destes instrumentos é a mesma. E ainda toquei trompa que igualmente tem a mesma escala.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

   Eu tinha 17 anos quando o meu pai faleceu e foi horrível.

4. Como nasceu a sua paixão pela música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

   Nasci na casa de Músicos; a música era a minha perdição; não só minha, mas de todos lá em casa..

   (Intervenção aqui de D. Helena Pato, filha deste músico Carlos Pato – *As minhas filhas, netas, portanto, de meu pai, também estão ligadas à Música. A mais velha andou a aprender com o senhor Armando Vida e a mais nova aprendeu sozinha; tudo o que canta, é capaz de tocar no seu órgão).*

5. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

Conheci o meu pai e os meus irmãos José, António e Orlando.

O melhor regente era o meu pai, o José era bom mestre e executante que tocava clarinete e saxofone alto, mas conhecia todos os instrumentos. O António e Orlando não tinham a capacidade do José.

6. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor? Explique o porquê da resposta.

Gostavam: enchiam-se os arraiais. Como não havia os divertimentos que há hoje, a Música era tudo.

7. Conheceu os primeiros músicos, os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

Conheci o Amadeu Martins (pai de D. Ida, esposa de Fernando Pato), David Ferreira e Manuel Camarneira.

bibRIA

8. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

Era o prazer, o gosto de tocar.

9. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde toara? A este respeito, diga tudo que souber.

Ganhava-se pouco ou nada.

Lembra-me de irmos tocar à formatura da senhora Professora D. Maria Augusta Pato (hoje com mais de 80 anos). O pai, o senhor Manuel da Agostinha (Manuel Martins) mandou arranjar de propósito frigideiras de carneiro para os músicos. E fomos também à formatura do senhor Dr. Manuel dos Santos Pato e a outras.

10. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

Os ensaios eram no Salão do meu pai, na frente da Igreja, como já disse. Lá estava uma foto grande do meu pai, ladeado pelos seus colaboradores: António Barreiro (avô do senhor

Plácido) e Evangelista. Mais tarde, quando o clube foi comprado por Manuel Ferreira, este também tinha a sua foto na parede.

Também se ensaiava na casa velha que estava onde agora há os C.T.T.

11. E os instrumentos, como é que os conseguiam adquirir?

Com algum dinheiro da Música e do bolso do meu pai

12. Quais os instrumentos então usados já postos de parte?

Havia o rabecão, o oboé, a requinta – instrumentos que já hoje não fazem parte da Banda actual.

13. Diga mais o que achar de interesse?

Quem levava os instrumentos (a tuba, o contrabaixo, o bombo e a caixa), eram a Ti Maria Bicha, a Tia Rosa do Ambrósio, a Ti Olímpia (esposa do poeta Júlio da Pata ou Dias Gapo).

O rabecão, tocado pelo Priminho (músico fundador), levava-o a Ti Teresa do Luís. Esta Teresa morava na casa do Pereirita, com a Ti Maria do Luís (irmã), sogra de Pedro Domingues (fundador e sogro do Pereirita, este irmão de Modesto Pereira)

bibRIA

14. Em relação ao fundador.

Ele apaixonava-se por tudo; satisfazia tudo o que lhe pediam.

O meu pai andou a estudar para padre; depois é que cursou a Escola Normal donde saiu professor.

Ele tocava vários instrumentos; pelo menos os de corda tocava-os todos. Em solteiro tocou aqui na Amoreira da Gândara, na Tuna dos Malhadeiros. Chamava-se assim, decerto, porque era formada por Américo Malhadeiro, Joaquim Malhadeiro, mas também por Manuel Francisco Ferreira e Carvalhito.

Manuel de Oliveira Pato - Este filho do senhor Professor Jaime casou com D. Maria do Carmo Simões dos Santos (do Américo), ainda viva, mas bastante doente (morreu em 2000). Foram pais de Acílio dos Santos Pato e do enfermeiro Manuel dos Santos Pato que foi treinador do Mamarrosa Futebol Clube e pessoa

muito querida na aldeia, eternizando-se a sua memória até no nome da rua do campo de Futebol. O filho Acílio dos Santos Pato foi fundador do Rancho Folclórico de S. Simão, em 23 de Novembro de 1995 e o cunhado Manuel Augusto Simões Gapo (Manuel do Américo), como era conhecido, durante vários anos presidiu também aos destinos do outro Rancho mais antigo (da Mamarrosa), o Rancho Folclórico "As Vindimadeiras".

Manuel de Oliveira Pato tocava caixa, mas foi muito cedo para Angola e lá veio a falecer.

Agnelo de Oliveira Pato - Casou com D. Cacilda, filha de Mário Teixeira Vida e de Maria Amélia, da Rua de Baixo.

Lembremos que o sogro do senhor Agnelo, Mário Teixeira Vida era irmão também da família dos músicos deste apelido "Vida": o José, fundador, António que morreu agora já em 2000 e o Armando, ainda vivo e com mais de 80 anos. Mário Teixeira Vida tocou igualmente na Banda.

bibRIA

Agnelo foi pai de Artur de Oliveira Pato que presentemente tem dois executantes na Banda: a Lúcia Susana que toca saxofone soprano e o Alexandre que toca trombone.

Quanto a Agnelo de Oliveira Pato tocava caixa como o irmão Manuel e também já faleceu.

bibRIA

2. OS CABOUQUEIROS DA PONTE ARTÍSTICA E SÓCIO-CULTURAL, COMEÇADA EM 1916 (FALANDO COM O SENHOR ÁLVARO RIBEIRO).

Álbum de memórias

a) Galeria dos Imortais

Nota remate sobre os fundadores

bibRIA

bibRIA

O tempo embrulhou-se nos dedos e a fúria de buscar o perdido, soterrado nas bolsas da memória, confunde-nos, espalha-se nos cabelos, nos olhos, nos ouvidos, pingando música no corpo escangalhado por tanta obsessão.

biblRIA

E partituras loucas de badaladas aos Deus dará, enovelam-se no pescoço dos anos, fervilhando sons de frenéticos instrumentos que proclamam a glória de tocar hoje o futuro dos séculos vindouros.

bibRIA

COM O SENHOR ÁLVARO RIBEIRO

ÚLTIMO DOMINGO DESTE JANEIRO 2000

A terra ensonada,. pele engelhada e gretada pelo frio e geada do alvorecer, ainda mal esfrega os olhos murchos e piscos e já este sol vivo e quente para a época lhe vem estimular e espairecer os sucos das entranhas. E nós aproveitámos e fomos ao senhor Álvaro Ribeiro onde, como noutros lados, tínhamos já ido naquele dia chuvoso. Desta vez o senhor Álvaro, aproveitando o riso aberto deste sol janeiro, esperava-nos ao fundo do pátio, aliás, com o resto da família: a esposa, D. Liberalina, a filha D. Graciete, o genro Alcino Martins Mota e o neto Jorge Mota. E foi aí que passámos uma boa tardada a falar de Música.

Com algumas informações que já tínhamos, com listas de nomes já aventados e fotos, o senhor Álvaro conseguiu recordar quase todos os músicos fundadores, identificá-los local e familiarmente e ainda recordar o instrumento de cada um.

bibRIA

E a tarde esvaiu-se quase toda neste trabalho de recordar.

Vamos ver se conseguimos nós agora com base nessa preciosa ajuda, elaborar, não uma biografia de cada fundador, mas ao menos compilar um conjunto de dados tendentes a um enquadramento que possa oferecer aos conterrâneos da actualidade uma ideia, ainda que vaga, sobre estes homens.

Mas antes queremos desde já deixar aqui uma palavra de agradecimento ao senhor João Tribuna e senhor Professor Orlando que organizaram as primeiras listas, bem como a outros (como os senhores: Olegário, António Vida e Armando Vida), a todos também os que nas fichas tentaram reconstruir esse pedaço do nosso passado.

Todavia, sendo o senhor Álvaro um dos poucos ex-músicos vivos com mais idade e que nos pereceu muito lúcido e com relativa facilidade em evocar memórias dessas primeiras décadas do século passado (XX), supomos ser exacto o que nos relatou. É evidente que há sempre a possibilidade de erro: disso pedimos imensa desculpa a todos os que se acham de qualquer modo injustiçados; a nossa intenção nunca foi nem será essa, muito pelo contrário, sempre nos anima o espírito de procurar a verdade. Mas, não havendo um único fundador vivo, desaparecendo a maior parte das referências orais, pouco ou nada havendo exarado no papel - resta-nos acreditar e confiar no que nos parece mais viável e sensato. Também outros podiam usar diferentes critérios; nós identificamo-nos neste, esta é a maneira de trabalhar que escolhemos.

Já dissemos algures que esta é uma obra de todo o povo e isso continua a ser a ideia mestra a nortear todos os nossos passos, quer nos contactos no terreno, quer quando com a pena, tentamos lavrar no papel o que vamos recolhendo e amassando com o nosso conhecer e especialmente sentir. Queremos que nas páginas que vão ficando se identifique todo esse universo sócio-cultural, matriz do povo donde brotou a Banda em 1916, que a acompanhou nos seus mais altos momentos de glória, com ela sofreu os desaires e desencantos das horas más, mas também com ela foi capaz de lutar por novos momentos de ressurgir e renascer.

bibRIA

A Banda, na nossa Freguesia, constitui quase um fenómeno antropológico, que daria matéria para tratamento condigno. Repare-se que há famílias de músicos que vêm desde essa época. Havia lugares onde brotavam executantes como viveiros onde lançadas as sementes, saíam e engrossavam os caules e espontava grossa e farta copa coberta de flores e frutos. Muito poucas famílias as que não tinham qualquer parente na ou ligado à Banda. E, pelo menos, em todas elas, morava o apoio, o orgulho e a confiança na Música da Mamarrosa.

Fundação da Banda Escolar da Mamarrosa, em 1916

ÁLBUM DE MEMÓRIAS

(com alguns cordões genealógicos e várias estórias à mistura)

MAS VAMOS ENTÃO, ANTES DE MAIS, TENTAR ORGANIZAR A LISTA DOS MÚSICOS FUNDADORES 1916 - GALERIA DOS IMORTAIS.

Jaime de Oliveira Pinto de Sousa – Maestro

1. Adamastor Grangeia - Trombone
2. Amadeu Martins - Clarinete
3. Antero Ferreira - Contrabaixo
4. António José de Almeida – Saxofone
5. António da Silva - Clarinete
6. Armor Arberto de Seabra Coelho - Bombardino
7. David Ferreira da Silva - Trompa
8. Florindo do Caroço - Pratos
9. Germano Simões da Costa - Bombardino
10. Joaquim Nicolau - Bombo
11. José Dias Teixeira Vida - Cornetim
12. Manuel António Camarneira - Trombone
13. Manuel Augusto Ribeiro - Trombone
14. Manuel Domingues Ferreira Tavares - Trombone
15. Manuel Domingues Júnior - Clarinete
16. Manuel Ferreira - Saxofone
17. Manuel Filipe - Trompa
18. Manuel Francisco Martins – requinta
19. Manuel da Fresca - Caixa
20. Manuel Marquês - Contrabaixo
21. Manuel Martins Priminho - Fagote
22. Manuel da Silva - Fliscorne
23. Martinho Augusto Martins - Caixa, Oboé
24. Mateus Ferreira da Silva - Trompa
25. Pedro da Costa - Cornetim
26. Pedro Domingues - Cornetim
27. Sebastião dos Santos Martins - Bombardino
28. Zeno de Oliveira e Costa - Clarinete

bibRIA

FUNDADORES

O principal, alma e líder de todo o processo de iniciação, o senhor Professor Jaime de Oliveira, sobre quem já esboçámos algumas linhas, embora, compreenda-se, sempre escassas e aquém do merecimento (mérito) do homem e da personalidade do músico.

1. Adamastor Grangeia - Músico fundador da Caneira que tocava trombone e que em solteiro emigrou. A casa dos pais era mesmo encostada à capela de S. Geraldo, a sul, na esquina da estrada que vai para o Troviscal.

Tinha quatro irmãos: Floripes, Joaquim Antero, Maria e Sebastião e o apelido de Grangeia veio-lhes da mãe que era da família dos Grangeias do Troviscal e o pai era Custódio.

bibRIA

O irmão Sebastião ficou conhecido por Sebastião da Malhada ou do Custódio por ter casado na Malhada e pela sua ascendência paterna.

A irmã Maria era conhecida por "Maria Tola", talvez pelas suas maneiras muito simples, espontâneas, um pouco descontroladas e quase sempre sem o freio natural que qualquer consciência normal impõe às reacções do nosso proceder quotidiano.

Muito alegre e popular, bem disposta, sem acanhamento nem restrições, adorava festas, comida, conversa e convivência.

A esposa deste músico Adamastor chamava-se Generosa (irmã do José Valério de Bustos) e era prima da pessoa que nos forneceu as informações sobre alguns músicos da Caneira - Manuel António da Silva Novo (pai do grande desportista internacional Luís Azevedo da Silva Novo). E era também irmã da mãe do senhor Professor Carriço, portanto, tia dele. Este músico também esteve no estrangeiro depois de casar e quando veio, começou a mirrar e a emagrecer e

assim faleceu muito cedo.

Não deixou descendência este senhor Adamastor.

Na Caneira ainda havia mais cinco músicos fundadores: Mateus Ferreira da Silva, Manuel Filipe, Manuel Marquês, Manuel António Camarneira e David Ferreira, além de vários outros que embora não começassem em 1916, dedicaram também muito do seu tempo à Banda. (deles havemos de tratar).

2. Amadeu Martins – Era filho de João Martins e Maria de Jesus. Por sua vez João Martins era irmão de Martinho Martins, este pai de dois músicos fundadores: Martinhito e Priminho de quem falaremos mais adiante.

João Martins e Martinho Martins eram igualmente irmãos de António Martins da Quinta do Gordo, dono do antigo moinho de vento, Manuel Martins da Caneira, Maria Rosa Martins também da Quinta do Gordo e Rosa Martins, esposa de Manuel Doutor (ou das Neves), da Rua de Baixo.

bibRIA

Tanto João Martins como o irmão Martinho Martins deram ao mundo oito filhos cada um.

Eram as duas principais famílias aqui do lugar que tomou o nome da sua ascendência: Martinhas; pertenciam-lhes também todos os terrenos à volta das suas duas casas.

A Casa do João Martins era a da D. Célia (neta) casada com o senhor Professor Orlando de Oliveira Pato, um dos filhos do fundador da Banda como já referenciámos várias vezes.

D. Célia era filha de D. Vitalina Martins. E além desta, havia mais sete descendentes: D. Maria Martins, pessoa devota que se dedicava ao ensino do Catecismo, nas horas vagas. Manuel que viveu na quinta do Gordo; José Martins pai do senhor João Martins que viveu

na casa que é hoje do senhor Mário Pato (próximo da do senhor Freitas, na rua de S. Romão); João Martins que foi pai do senhor João Martins da Rua de Baixo. D. Ana Rosa Martins que casou com o senhor Evaristo do Vale-Mamarrosa. António Martins era pai da D. Marília; este senhor morava na Rua do Canto onde faleceu afogado num poço.

(E mais a tal D. Vitalina, mãe de D. Célia e o nosso fundador Amadeu Martins).

A casa do Martinho Martins era a que ficou para o senhor Azenhas que casou com uma das filhas, Glória, irmã dos dois músicos Priminho e Martinhito, também ambos fundadores.

Os pais de Amadeu Martins morreram muito cedo e a mãe esteve várias anos entrevada. De forma que na altura do seu desaparecimento, ainda havia em casa três irmãos solteiros. Como vimos, tinham uma grande fortuna em terras, com muitas fazendas, como era costume dizer-se. O irmão mais velho, o Manuel Martins, cedo teve que substituir os pais e, em casa, todos tinham de trabalhar e os mais novos, ao contrário do que acontecia quase sempre, neste caso, foram talvez, os mais sacrificados.

bibRIA

O Amadeu Martins era dos mais pequenos e, como os seus afazeres em casa e nos campos eram muito pesados, teve grande dificuldade na aprendizagem da música, mas com muito sacrifício, nunca desistiu. Depois, mais tarde, já músico feito, várias vezes quase não se deitava para poder conciliar o trabalho agrícola com a sua paixão pelo encanto dos sons. Então quando havia noitadas é que não se deitava mesmo; vinha de tocar já de madrugada e ao entrar em casa, encontrava o irmão Manuel ao alto, de lanterna em punho, a obrigá-lo a pegar na foice para ir cortar a seara que, madura, esperava a vinda dos ceifeiros. Outras vezes era a terra que amadornada pelas longas invernias, esperava desejosa o rasgar do arado com o bafo quente dos pachorrentos bois. E o Amadeu e os irmãos não se podiam fazer rogados. "Grande nau; grande tormenta".

Amadeu casou com Rosa Ferreira Gomes, da Mamarrosa, irmã de

Liberalina Ferreira Gomes, esposa do Álvaro Ribeiro que nos forneceu os principais elementos para podermos tentar este ligeiro levantamento histórico de cada um dos fundadores da nossa Banda.

Amadeu nem bicicleta tinha (e era filho de uma família rica); mesmo o que auferia da Banda, entregava em casa. E, para comprar a primeira bicicleta, tocava também na Tuna (esta era formada por alguns músicos da Banda que faziam bailes e festas para lucrarem alguns centavos).

Continuou a tocar depois de casado, enquanto pode e só faltava quando havia doença em casa.

Na tal Tuna tocava bandolim; na Banda, clarinete e na orquestra sacra (da Banda), violino.

bibRIA

Resta dizer que este músico tinha esculpido na cabeceira da sua cama o símbolo da Música, trabalho de outro colega músico, Manuel Domingues Ferreira Tavares.

Este senhor Amadeu era pai de D. Ilda Martins Gomes, casada com Fernando Pato (filho de Flávio Pato, outro músico e grande amigo da Banda, bem como seu filho Fausto).

Estes dados foram-nos fornecidos precisamente por esta senhora D. Ilda e por D. Célia (esposa do senhor Professor Orlando).

3. Antero Ferreira (ou do Ambrósio)

Pertencia a uma família de músicos. Além deste Antero que tocava contrabaixo, o Manuel Ferreira, também fundador, tocava saxofone e o outro irmão, Álvaro Ferreira (ou do Ambrósio), todos guardam decerto ainda na memória. Rosa do Ambrósio, irmã destes três grandes músicos, era uma das transportadoras dos instrumentos. Esta senhora, Tia Rosa do Ambrósio, como

era conhecida, fazia rezas e benzeduras e morava no Vale, frente à casa do senhor Armando Vida.

Antero do Ambrósio partiu uma perna e então deixou de tocar contrabaixo e passou a tocar bombo. Morreu também cedo. A esposa, viúva muito nova, casou de novo com António do Lago.

4. António José de Almeida – ou do sacristão (que era o pai), irmão de Laurentina (conhecida por Laura) casada com Pedro Costa, outro músico da fundação, de Manuel Almeida da Caneira e de Olívia, esta casada com António Rodrigues. Este António Rodrigues é que morava na habitação encostada ao adro da Igreja e ao antigo Cemitério, onde agora é a Casa Mortuária. Esta casa da família dos Almeidas sempre foi conhecida por casa dos do sacristão, antes de António Rodrigues, que enriqueceu muito no tempo da candonga, pois tinha negócios de adubos e outros produtos.

bibRIA

Este cunhado músico, António José, tocava saxofone, mas morreu devido a um facto então ocorrido.

António José de Almeida era estudante em Coimbra, mas passava as férias e fins de semana na Mamarrosa, na tal casa do pai sacristão que ainda hoje existe, mesmo encostada ao adro da Igreja e à Casa Mortuária (como já atrás foi dito).

Ora, num desses fins de semana, a sorte ou o destino, quem sabe, pregou-lhe uma daquelas partidas fatídicas que marcam para sempre.

Na casa dos pais, a irmã Olívia (mais tarde seria esposa de António Rodrigues), preparava o almoço, assando sardinhas nas brasas do lume da lareira acesa. Com ela estava uma outra jovem chamada Generosa que era irmã de Soledade e ambas filhas da Ti Felicidade (tia do senhor Dr. Pato e avó do senhor Dr. Virgílio, que foi filho da tal Soledade). Eram todos vizinhos e ajudavam-se uns aos outros nos trabalhos agrícolas. A Generosa iria depois do almoço com a Olívia apanhar erva. Iria, mas não foi.

Enquanto as duas raparigas se entretinham na preparação das sardinhas, António José aproveitou para limpar a arma caçadeira. Inadvertidamente não reparou que a espingarda estava carregada e engatilhada, de forma que mal lhe tocou, ela disparou de imediato, atingindo a Generosa que teve morte instantânea.

Perante tal tragédia, este músico não resistiu. Foi tamanho o desgosto que o começou a corroer, que deixou de comer, nunca mais sendo o mesmo. Enfraquecendo a pouco e pouco, apanhou uma tuberculose e disso veio a sucumbir, deixando nas duas famílias (a do Sacristão e a da Ti Felicidade) um rasto de luto e dor que chegou quase até aos nossos dias.

(Elementos fornecidos por D. Maria Augusta Martins, de 95 anos, Quinta do Gordo, falecida em 2000).

5. António da Silva, nascido a 28 de Janeiro de 1902- fundador irmão de outro músico não fundador, Amândio da Silva, ainda vivo e com quem já falámos. Os pais destes músicos eram da Quinta do Gordo e tinham casa onde hoje vive outro irmão destes dois músicos, Jaime da Silva (ou do José da Ana) (morreu agora em 2000).

bibRIA

António da Silva era conhecido por António do José da Ana porque o pai era José da Silva (e a mãe era Rosa dos Santos) e José da Silva era filho de Ana da Agostinha, esta avó de Manuel da Agostinha e bisavó da senhora professora D. Maria da Agostinha.

Manuel Carriço, apelidado sempre de Quinta do Gordo e marido de Marília Martins é também bisneto de Ana da Agostinha porque a mãe dele, Amélia, era filha de Maria Rosa da Agostinha.

O nome Ana da Agostinha vem da mãe desta senhora chamada Augusta e que tinha um irmão padre. E, por ser irmã de um padre, por deferência e carinho tratavam-na por Agostinha. E assim se explica esta evolução da língua: a filha Ana passa a chamar-se Ana da Agostinha. Por este mesmo processo, se formaram

pela via oral, vários dos nomes próprios, chegados até aos nossos dias. Muitas pessoas passaram a ser conhecidas e nomeadas pelo primeiro nome, seguido do nome dos seus ascendentes directos.

Este músico António da Silva casou no Troviscal, ainda muito novo, com Alda Mota Casal, também bastante jovem (15 anos). Talvez por isso, António da Silva pertenceu tão pouco tempo à Banda.

Do seu casamento nasceram várias crianças que foram morrendo à medida que nasciam. Era numa época em que ainda havia grandes dificuldades em diagnosticar certas doenças que decerto estavam na origem congénita de casos deste género. Não deixou quaisquer descendentes.

Este músico tocava clarinete e também saxofone soprano. Morreu a 29 de Abril de 1974. Na Banda actual, toca também clarinete, o sobrinho – neto deste fundador – Sérgio Neves (ver a sua ficha).

biblRIA

Os dados genealógicos sobre este músico António da Silva foram-nos facultados, não só por D. Rosa da Silva Fidalgo, sua sobrinha, mas também pela senhora Professora D. Maria Augusta Ferreira das Neves (com 85 anos), em jovem também tratada familiarmente por Agostinha, filha de Manuel Martins (Manuel da Agostinha) e ainda pela filha desta Professora a senhora D. Cândida.

6. Armor Arberto de Seabra Coelho - era filho de uma das grandes riquezas da Freguesia e descendente de uma família muito considerada e importante. Os pais (Joaquim Seabra Coelho e Maria do Carmo Seabra Coelho) viviam (com criados) na casa grande (agora restaurada onde habita o senhor Mário Vieira que é sobrinho deste músico Armor).

Nesta casa dos pais se abrigavam peregrinos e se acolhiam mendigos e maltrapilhos que sempre lá encontravam uma malga de caldo e um canto para pernoitar. Tudo respirava fortuna e abundância nas suas amplas instalações; à torneira do grande tanque de água onde bebia

o gado, ia beber toda a miudagem das escolas (que não tinham outra água) e aí era também o grande repositório de peixe e carne da salgadeira que assim aí se abalroavam no líquido claro até irem direitos para a panela.

Possuíam grandes propriedades e tudo ali à volta lhes pertencia. O senhor Mário Vieira, que agora lá vive, é filho de uma irmã (a Maria) deste Armor músico, a Marquitas do Coelho, como era conhecida e que casou no Sobreiro - Bustos, com o senhor Manuel Vieira, também bastante rico, dono de fornos e pedreiras. Do casamento desta senhora com o senhor Vieira, além deste Mário, nasceram D. Isaura e D. Teresa, esta esposa do senhor Dr. Jorge Micaelo, de Bustos.

Este Armor Coelho tocava bombardino na Banda, mas também violino na Tuna dos Malhadeiros (na Amoreira da Gândara, onde em solteiro, esteve também o senhor professor Jaime de Oliveira). E chegou mesmo a formar na Mamarrosa também uma Tuna em que tocava violino; José Dias Teixeira Vida, bandolim; Manuel Almeida, viola; e havia ainda outros músicos.

bibRIA

Era dono da farmácia da Mamarrosa, pois tinha alguns estudos. A farmácia situava-se ao lado do Clube ou Salão que nesse tempo pertencia ao senhor Professor Jaime (onde eram os ensaios), a nascente e defronte à Igreja e à casa de D. Magna.

Também lhe pertencia a farmácia da Poutena. Mas embora dono de muitos bens, tinha uma vida desregrada (bebia um pouco mais que a conta) e não foi capaz de defender e usufruir da própria fortuna.

Este músico não casou e por isso não deixou descendentes directos.

A mãe deste músico Armor morreu bastante cedo.

Já dissemos que era uma das famílias mais abastadas; além das muitas propriedades, tinham uma máquina de queimar bagaço e destilar aguardente. Ora,

a mãe do senhor Armor morreu de desastre nessa máquina; a caldeira rebentou e a senhora teve morte imediata.

Ficou a criada Celeste a tomar conta de toda a casa. Mas também esta senhora veio a falecer.

Teve de ir para casa da irmã, no Sobreiro - Bustos e diz-se que, desalentado, terá posto termo à vida, lançando-se a um poço, próximo da rotunda, no Sobreiro e pertencente a um tal Caldeira de Bustos (achegas fornecidas por um antigo criado da casa deste músico, na Mamarrosa - o senhor Espinhal).

7. David Ferreira da Silva - Outro músico fundador da Banda, da Caneira; tocou no começo fliscorne e depois de vir do Brasil tocava trompa. Nasceu a 27 de Setembro de 1903.

bibRIA

Era filho de Maria Ferreira e entrou para a Banda logo aos 12 anos. A Música foi a sua grande paixão de toda a vida e que ele quis mesmo patentear até ao fim, a ponto de, antes de morrer, arranjar uma lápide para a sepultura com o seu retrato (onde está com a farda) e a data em que começou e aquela em que deixou de tocar, (entrou para a Banda em 1916 e permaneceu até 1982); morreu em 1992.

Durante muitos anos sempre fez parte da Banda, indo a pé mesmo para longe como Monsarros, Vilarinho, Cantanhede, Paredes, Curia, Vagos. Com os músicos iam as senhoras que transportavam os instrumentos; por vezes, caminhavam a noite inteira, tendo de actuar de manhã. Mais tarde, já iam de bicicleta, mas uns poucos de músicos tinham de acompanhar sempre de noite, nas longas caminhadas, as transportadoras dos instrumentos. O transporte em camioneta, só bem mais tarde.

Casou com Júlia do Céu Vieira da Barreira - Bustos e fizeram a casa que ainda existe, mesmo em frente à desta filha Ercília (Caneira). Esta filha (além desta filha,

há um irmão dela, Nélson, emigrado no Canadá), casou com José Dias Pereira, outro apaixonado dos sons musicais, pertencendo vários anos à Banda de Fermentelos, donde é natural e no Canadá integrou-se também numa banda (com predominância açoreana), enquanto lá esteve emigrado. Foi precisamente este casal que nos falou do senhor David Ferreira, acrescentando que este músico, embora constantemente assoberbado com as agruras da agricultura, sempre arranjava tempo para os ensaios e para todos os serviços em que a Banda participava.

Não era católico praticante este músico e nas décadas de vinte, trinta, quarenta este facto era muito mais notado que hoje. Ora a Banda participava em vários trabalhos religiosos, como por exemplo, missas, funerais e outras celebrações. E o padre daquela época (anos quarenta) proibiu o senhor David de cantar na Igreja. Caprichou o senhor David e como represália, afastou-se da Banda. E passaram-se uns tempos ... Mas o desgosto era tão grande, a saudade dos acordes corroía-o de tal modo, que o seu desgosto emocional quase entrou em ruptura. Ouvia ou via os colegas fardados e o sofrimento interno, obrigando-o a lágrimas involuntárias e há tanto retidas, tornava-se de tal modo notório, que dele comungava a esposa e os filhos igualmente se ressentiam desta situação... A tal ponto que o seu ferido orgulho teve de ser calcado aos pés e ele, o senhor David, voltou de novo para a Banda e por sua livre e espontânea determinação.

bibRIA

Talvez por estes factos, até agora foi onde encontrámos mais indícios de recordações dos primeiros tempos desta instituição, como vários retratos e medalhas (dos 50 e 75 anos da Banda). Disse-nos a mãe do senhor Fausto Ferreira e Silva que o irmão deste David Ferreira, o Manuel Ferreira era também muito bom músico, sendo vários anos 1º trompete da Banda. Manuel Ferreira era marido de D. Alpinda e avô do senhor professor Alcides.

8. Florindo Caroço - tocava pratos e a casa deste músico era próxima da da senhora Maria do Gomes (Mamarrosa), irmã da esposa do senhor Amadeu, (outro fundador de que já nos ocupámos) e da esposa também do senhor Álvaro Ribeiro.

A avó do senhor professor Costa era tia deste Florindo Caroço.

A Ti Joana do Caroço era mãe do José e do Florindo Caroço; o José morreu na América e o Florindo no Brasil.

O José casou com uma tal Rosa Tribuna que era filha do Joaquim Pinheiro, por sua vez pai dos Pinheiros (Eugénio de Coimbra, Joaquim e Manuel). A sogra do senhor professor Costa e o senhor Amândio Pinheiro, são filhos do Joaquim Pinheiro (note-se que há um Joaquim filho e um Joaquim pai). Este Joaquim pai, a quem chamavam o Joaquim da Mila era filho de um tal Isidoro que foi exposto ou deixado na roda do convento de Jesus em Aveiro, hoje Museu de Santa Joana ou Museu Nacional de Aveiro e onde viviam as irmãs dominicanas (da Ordem de S. Domingos), como já foi explicado atrás.

Há hoje nesta família quem se tenha interessado em descobrir as raízes deste antepassado deixado na roda.

bibRIA

Sobre este Florindo Caroço e outros fundadores, recorremos ao senhor professor Costa, sua esposa, Professora D. Maria Alice Costa e aos pais desta senhora, D. Maria da Conceição Pinheiro e senhor Modesto dos Santos Pereira (irmão do músico Manuel dos Santos Pereira, o Pereirita, e falecido em 2000).

Procurámos ainda elucidar-nos junto de muitas outras pessoas que nomeámos, sempre que possível, ao longo de tudo o que fomos anotando.

9. Germano Simões da Costa - Havia em Bustos (em 1916 ainda se integrava na Mamarrosa) pelo menos dois músicos fundadores, isto segundo o senhor Álvaro Ribeiro em cujas indicações mais nos baseamos.

Um desses músicos, este Germano era irmão do senhor Hilário Costa. Esteve empregado também em casa do tio Augusto Costa, na Quinta Nova e em solteiro também emigrou para a América onde passou alguns anos. Quando regressou, casou na Póvoa do Forno – Troviscal, com Felicidade Pereira e foram viver para

Moscavide onde tinham comércio e um carro de aluguer.

Este músico tocava bombardino. Os seus dados foram extraídos do livro. "Árvore Genealógica da família Costa" - de Hilário Simões da Costa - 1988 e ainda por intermédio de uma sobrinha do mesmo autor.

10. Joaquim Nicolau - tocava bombo e era filho de Maria Resende (Maria Rosa Ferreira) e de um tal senhor Nicolau, daí o seu apelido, pelo qual todos os da família ainda até há bem pouco tempo eram conhecidos.

Era irmão da Tia Rosa ou senhora Rosa do Nicolau, esposa de Duarte Pato (Penedos) que tocou, muitos anos na Banda (contrabaixo), praticamente até ao seu falecimento, embora não começasse em 1916.

Joaquim Nicolau era ainda irmão de Maria do Nicolau (Seixal) e de Manuel, casado com a senhora América, irmã do senhor Olegário (músico com quem falámos várias vezes) e de Soledade, viúva do músico fundador Martinhito. Manuel do Nicolau e América foram pais de D. Ercília, esposa do senhor Manuel António Ferreira Domingues ou Manuel do Canto, pelo local onde habita ser num beco sem saída, no Vale. Joaquim Nicolau era ainda irmão de Alpinda (avó do senhor Professor Alcides da Caneira, esposa de Manuel Ferreira também músico). Joaquim Nicolau casou na Tojeira, e aqui na Mamarrosa, os pais moravam numa casa que estava onde agora se ergue a do senhor professor Adérito.

biblRIA

Do casamento do senhor Joaquim Nicolau (na Tojeira) nasceu uma filha, pouco depois da sua ida para África onde veio a falecer, muito novo. E essa filha também morreu aos dois meses de idade, vítima de papeira ou garrotilho.

Este Joaquim do Nicolau era primo da senhora de 95 anos da Quinta do Gordo com quem conversámos; (D. Maria Augusta Martins- já falecida em 2000).

11. José Dias Teixeira Vida - Pertencia a uma família de músicos.

Era irmão do senhor António Teixeira Vida, da Rua de Baixo onde começámos

as nossa deambulações por esta história da nossa Banda. António Vida morreu agora a 14 de Fevereiro de 2000 e tocava praticamente todos os saxofones.

Com José Dias Vida muitos dos mais novos aprenderam. O próprio senhor Modesto Pereira (sogro do senhor professor Costa começou a aprender solfejo com ele). Igualmente os irmãos, o António e o Armando com ele aprenderam. O senhor Armando Vida diz que quando ingressou na Banda, já sabia solfejo e decifrar as escalas, pois aprendera com os irmãos que todos tocavam, menos dois: um doente e outro, talvez porque não tinha feito a quarta classe. E foi precisamente este músico fundador, José Dias Vida que chamou o irmão Armando, dando-lhe também um saxofone alto que nessa altura estava vago na Banda.

Chegaram a tocar quatro irmãos na Banda: o José, o António, o Armando e o Mário.

bibRIA

Não tocava o João, pai da professora D. Zita que mora precisamente na rua de Baixo onde se situava a casa dos pais destes músicos: Jacinto Teixeira Vida e Rosa de Oliveira Neves. E não tocava o Manuel, o tal que era doente e morreu de apendicite que ainda não era operável naquele tempo.

O irmão Manuel morreu, pois, muito novo; o irmão Mário era sogro do senhor Agnelo de Oliveira (filho de Jaime de Oliveira), cujo filho Artur de Oliveira Pato é pai da Lúcia Susana e de Alexandre, actualmente fazendo parte do elenco da Banda, onde ela toca saxofone soprano e ele trombone (já aludido atrás).

O António, como dissemos, morreu há pouco, neste mês de Fevereiro de 2000 e o irmão Armando, um dos grandes apaixonados pelas coisas da Música (muito doente na altura), sempre tem vivido na e com a Música, tendo feito parte também de vários conjuntos ou orquestras.

José Dias Teixeira Vida também tanto tocava cornetim como fliscorne. Esteve no Brasil, mas quando regressou, voltou para a Banda. Casou em Bustos com D.

Laura Armada, mas não houve filhos desse casamento. (Parte destas informações foram-nos facultadas pelo senhor Armando Vida e pela filha, senhora D. Zália)

12 - Manuel António Camarneira

Mais um músico fundador da Caneira: tocava trombone e era filho de António da Silva Camarneira e de Rosa Simões.

Nasceu na Póvoa de Bustos, naturalidade dos pais que eram primos da família do Ti Manuel Barroco.

Casou na Mamarrosa com Ducília da Anunciação e fez a sua habitação num terreno que comprou na Caneira, mesmo próximo do sítio onde se localizava a casa do Manuel de Almeida (em frente), irmão do fundador António José de Almeida (ou do sacristão). Agora na casa do senhor Camarneira vive o filho Manuel Ferreira Camarneira, com quem conversámos.

bibRIA

Este músico, além da Banda onde esteve quase até 1980, tocou também no conjunto Lucifer, nos Libórios (quando o mesmo grupo passou a ter de novo este nome) e ainda no Odeon.

Os músicos do Odeon: professor Orlando, Ramiro Pereira, Artur Lemos, Arnaldo (de Bustos), Artur Freitas (ou Canteiro), Manuel dos Santos Pereira (o Pereirita, genro de Pedro Domingues) e Mário Grangeia (da Caneira) ensaiavam mesmo na casa do senhor Camarneira, isto na década de cinquenta.

A comemoração do cinquentenário da Banda, em 1966, foi principalmente organizada pelos executantes e o filho do senhor Camarneira, bem como outros, ajudaram nos preparativos necessários.

13 - Manuel Augusto Ribeiro - Tocava trombone e mais tarde passou a tocar bombardino, este fundador da Banda.

Era filho de João Ribeiro e de Maria Rosa de Jesus (da família dos Crespos de Bustos). O pai João Ribeiro era da família dos Laranjos (alcunha).

A casa dos pais era onde é a casa do irmão deste músico fundador, o senhor Álvaro Ribeiro, já referido várias vezes, Cabecinho - Malhapãozinho.

Manuel Augusto casou nos Penedos com Guilhermina dos Santos. Esta senhora Guilhermina era irmã de Nazaré dos Santos, casada com José Filipe, negociante de cal e dono de fornos (sogros de Diamantino Tribuna). Guilhermina tinha ainda uma outra irmã, Rosa dos Santos, conhecida por Rosa Rainha (muito devota) - alcunha que lhe veio da família Reis do Montouro. A mãe desta senhora era de lá do Montouro e todos a conheciam por Maria Rainha (quase sempre de terço na mão e agarrada a um pau).

biblRIA

Rosa Rainha casou com João Tribuna da Quinta da Gala e foram os pai do senhor João Tribuna (alfaiate) a quem a Banda muito deve (foi durante vários anos alfaiate à disposição da Banda para tudo o que era necessário) e foi um dos principais intervenientes no seu processo de renovação e remodelação, a partir de 1978, quando da Fundação da Associação (que integra a Banda), exercendo as funções de tesoureiro sob a Direcção do sobrinho, o senhor Plácido, até à morte deste em 1996. Foi precisamente com João dos Santos Tribuna Júnior (seu nome completo) que falámos, já lá vai quase um ano, quando nos decidimos por estas pesquisas. Este senhor João Tribuna (hoje com mais de 90 anos) tinha uma irmã, Maria dos Anjos, esposa de José Barreiro e estes foram os pais do senhor Plácido, de seu nome completo Manuel Plácido Simões dos Santos. Além da Maria dos Anjos, havia um outro irmão, Manuel Tribuna (carpinteiro) da Quinta do Gordo - sogro do senhor Amândio Dias da Silva Rodrigues, sacristão e também um dos participantes no movimento de renovação em 1978, ao lado do senhor Plácido e outros.

Este músico, Manuel Augusto Ribeiro, tocou sempre enquanto foi solteiro e continuou mesmo já casado, vários anos. Mas em sua casa, nos Penedos, a esposa Guilhermina dera à luz dez crianças que exigiam alimentação, cuidados educacionais e perspectivas de futuro. Ora o senhor Manuel Augusto, embora bom carpinteiro

e muito trabalhador não podia conseguir uma situação desafogada para cada um dos seus rebentos. De forma que emigrou para a Venezuela e lá, trabalhando muito, conseguiu equilibrar as suas finanças e melhorar os meios de viver da sua numerosa família. Pôs então o trombone de parte. Tinha que se agarrar arduamente ao trabalho...

Entretanto, regressa a Portugal e leva consigo a esposa; é esta filha com quem falámos em Samel, Rosa dos Santos Ribeiro que fica à frente aqui de toda a vida agrícola e ainda dos cuidados com os irmão mais novitos.

Assim que os pais melhoraram a sua posição na Venezuela, vão chamando os filhos que todos por lá passaram. Hoje vivem os dez muito bem e é uma das famílias que temos orgulho em apontar pelo trabalho e, principalmente, pela união entre todos e amor ilimitado aos seus progenitores.

bibRIA

Este músico, quando voltou de vez da Venezuela, já bastante gasto e cansado, ainda tocou de novo na sua Banda.

14 - Manuel Domingues Ferreira Tavares

Outro músico fundador de Malhapãozinho; tocava trombone e clarinete.

Era filho de José Tavares e a casa situava-se na rua principal de Malhapãozinho e não muito longe das Caves dos irmãos Maias, aí a cem metros nascente.

Manuel Tavares casou na Mamarrosa com uma senhora - D. Maria Augusta de Oliveira, do Manuel da Rica (como era alcunhado o pai, natural da Malhada) era, portanto, cunhado de D. Vitalina, D. Rosa, esposa do senhor João Pedro, pai do Rossini e também grande músico, não só da Banda, como de orquestras. Este músico Manuel Tavares tem ainda uma irmã viva, D. Arminda, em Samel.

Manuel Tavares era cunhado de um outro músico fundador, Manuel da Silva, pois casaram os dois com duas irmãs: Manuel Tavares com D. Maria Augusta e

Manuel da Silva com D. Aurora, ambas filhas do tal Manuel da Rica, de seu nome verdadeiro Manuel Domingues Tavares.

O pai destas senhoras, o tal Manuel da Rica, da Malhada havia casado na Mamarrosa com Júlia Libório e do seu casamento nasceram cinco raparigas e quatro rapazes. Maria, Rosa, Moralina (que morreu com uma febre), Aurora e Vitalina eram as filhas. Estão vivas Vitalina (esposa do senhor Carvalho) e Rosa (esposa do senhor João Pedro). Os rapazes foram: o Manuel, pai do senhor professor Doutor Arsélio; Mário (ausente na América), António (no Brasil) e Amadeu, casado com Rosa Correia, de Samel.

Os dois cunhados Amadeu e Carvalho foram grandes futebolistas do Mamarrosa Futebol Clube.

Já na década de 40 este músico fundador Manuel Domingues Ferreira Tavares tinha um estabelecimento de mercearias e miudezas onde hoje é o mini-mercado Alcides e era dono de um posto de recepção de leite, situado onde agora de encontra o café Vesúvio.

bibRIA

Mas em solteiro foi para a América e parece que sem documentos; esse facto ocasionou-lhe vários problemas que os pais procuraram solucionar, gastando nisso parte dos seus bens.

Todavia, gostava de emigrar e, já casado, em 1940 seguiu para Angola onde também tocou na Banda que José de Oliveira (filho do senhor professor Jaime) lá formou com indígenas e alguns europeus daqui; lá faleceu e lá ficou em Angola.

Foi este senhor Manuel Tavares que esculpiu o tal símbolo da Música na peça mobiliária (a cama) do senhor Amadeu Martins (fundador de que já se falou), pois tinha andado a aprender marcenaria.

(Algumas destas informações foram-nos proporcionadas por José Tavares, filho deste fundador e também por D. Maria Augusta Martins a que já aludimos,

quando falámos de Joaquim Nicolau).

15 - Manuel Domingues Júnior - era da Quinta do Cavaleiro e avô do actual maestro professor Paulo Margaça. Nasceu a 3 de Janeiro de 1899. O pai deste maestro, o senhor Carlos Alberto Ferreira Domingues era, pois, filho deste músico fundador que tocava clarinete. Tinha este senhor Manuel Domingues um outro irmão, também fundador - Pedro Domingues, de quem nos ocuparemos mais adiante.

Decerto que este senhor Manuel Domingues deve ter influenciado bastante a vocação do neto para esta arte de lidar com a beleza dos sons.

Os primeiros papéis de Música em que este neto (hoje jovem maestro) lançou os olhos eram deste avô Manuel Domingues. Na sua curiosidade de criança, estes pedaços de partituras foram as primeiras luzes para o seu espírito ávido de desvendar os mistérios de uma arte que já vinha de sangue avoengo.

bibRIA

Manuel Domingues veio a falecer em Agosto de 1984.

16 - Manuel Ferreira ou Manuel do Ambrósio. Tocava saxofone e era irmão de dois grandes executantes já referidos, Antero, fundador e Álvaro, o grande mestre a quem se deve a formação musical e instrumental básicas da grande maioria dos componentes da Filarmónica actual; alguns, é certo, aprenderam também com o senhor Armando Vida e outros músicos já feitos ou até no Conservatório...

Manuel do Ambrósio
e
David Ferreira

Manuel Ferreira esteve na América e quando regressou, comprou ao senhor professor Jaime o Clube (Salão) defronte à Igreja onde eram os ensaios, as festas e todos os eventos festivos e culturais como bailes, teatros, revistas, cinema, etc...

Este músico, mais tarde, em 1978, até arranjou

instrumentos (muitos tinham desaparecido) para oferecer à Banda. Ele com David Ferreira, Manuel António Camarneira (estes dois da Caneira) e Manuel da Silva foram dos últimos a falecer, recebendo os três, decerto, em 1966 a medalha comemorativa dos cinquenta anos da fundação e em 1991, a medalha dos setenta e cinco anos.

O pai dos músicos Manuel e Antero, fundadores, de Álvaro e de Rosa Ferreira era o Ti Ambrósio. O senhor Ambrósio morava no Vale onde tinha uma forja (era ferreiro) mais ou menos onde se situa a casa do filho Álvaro e onde tantos dos actuais músicos aprenderam.

Era ferreiro de profissão e ninguém como ele para picar um foicinho ou "aterrentar" uma enxada. Homem muito divertido, sempre alegre e muito bem disposto. Enquanto foi vivo, sempre se encarregou de fazer o Judas que dependurava (em Sábado de Aleluia) num arame que atravessava a rua e ia da sua casa a uma oliveira, na outra berma da estrada, em frente. Juntava-se sempre muito povo para ver queimar o Judas. O Judas era uma figura humana muito caricata, mas executada a preceito e em pormenor. Vestido com fato, chapéu na cabeça, barbas; por dentro era recheado de boa quantidade de bombas. De modo que quando o Ti Ambrósio na hora exacta (antes do meio dia),lhe chegava com um archote, todo ele começava a estourar por todos os lados e com grandes estampidos, pois as bombas iam rebentando à medida que o interior ia aquecendo e pegando fogo, o que acontecia quase instantaneamente. Aquele rebentar e estourar de bombas ouvia-se por quase toda a Freguesia e anunciava "que tinha nascido a Aleluia", como então se costumava dizer.

bibRIA

17 . Manuel Filipe - Outro músico fundador da Caneira que tocava trompa. Este músico emigrou para a Argentina e nunca mais cá voltou.

Os pais de Manuel Filipe viviam onde é a casa do senhor Cassiano que foi casado com uma irmã deste músico, Norbinda (já falecida). Havia ainda um outro irmão, o António Filipe que casou em Paredes do Bairro e que emigrou igualmente para Argentina, mas depois de casado. Durante a longa ausência no estrangeiro, poucas notícias deu, mas quando já ninguém o esperava, apareceu em Paredes.

Ora a esposa já vivia com outro, mas lá se entenderam e voltou com ela e a filha (que cá tinha deixado) para a Argentina.

18 - Manuel Francisco Martins - Era filho de José Martins (a quem chamavam José Martins Xenga) que morava numa casa situada onde agora mora o senhor Manuel Gomes (Mamarrosa). A alcunha "Xenga" assenta-lhe com a significação de muito precavido e também "picuinhas", no falar popular.

A neta D. Marta da Silva Malhadeiro dos Santos, contou-nos uma pequena história para ilustrar esta alcunha "Xenga".

O avô José Martins era um grande lavrador que todos os anos tinha uma valente adega de vinho para vender.

Ora, num determinado ano, tinha ele vendido o vinho a um negociante de Amoreira da Gândara. O comprador, no dia aprazado, apresenta-se com o carro (de bois) e pipas para começar a transportar a boa pinga.

bibRIA

- *Vim tirar o vinho, senhor José.*
- *Ó rapaz, mas tu trazes as lecas* (era o dinheiro).
- *Por acaso agora não trouxe, mas amanhã já aqui estão.*
- *Olha, homem, mas sem as notas aqui contadas na minha mão, também não vai haver torneira no tonel a correr para as tuas pipas.*

E o negociante não teve outro remédio senão regressar a casa pelo mesmo caminho e de vasilhas vazias.

Só no dia seguinte de dinheiro no bolso, lá volta.

- *Pronto, senhor José, aqui estão as notinhas todas contadinhas uma por uma.*
- *Assim é que é falar: dinheiro para cá, vinho na pipa para levares para casa.*

Encostado a sua casa, ali mesmo na esquina onde se bifurca a estrada que vai para Vagos e a que se dirige para Aveiro, morava o cunhado, Manuel Francisco dos Brózios. Este Manuel Francisco dos Brózios era casado com Maria da Fonseca Pato, filha de José dos Santos e irmã de Leopoldina (mãe da professora D. Maria José Pato), Olívia (mãe da professora D. Fernanda Pato) e Vitália, sogra do senhor Dr. Fonseca Martins. Ora estes dois cunhados (José Martins era casado com uma irmã do Brózios) não se podiam ver um ao outro. Chegaram a brigar, a procurar a autoridade da Guarda (então só em Oliveira do Bairro).

Um dia em que José Martins estava em sua casa descansado, Francisco dos Brózios aparece de repente e, armado de um pau tosou fortemente o cunhado José Martins. Este pegou de imediato na espingarda e só não houve ali logo uma morte porque a arma afinal não estava carregada. E voltavam as denúncias de parte a parte. De tal forma a vida se estava a tornar num inferno, que José Martins comprou um terreno em Bemposta e lá fez nova moradia onde passou a viver com a mulher e os filhos que haviam nascido todos na Mamarrosa.

bibRIA

Além do filho Manuel (o músico) ainda havia a Maria, o Joaquim, o Madail (que foi "às sortes" com o senhor Álvaro Ribeiro, responsável por estas e muitas outras informações), a Dalila (esta mãe de D. Marta, casada com Manuel Augusto Santos, neto de João Martins das Martinhas a que já nos referimos e cunhado do senhor Professor Orlando), Rosa, Marta e António.

Este músico Manuel Martins tocava requinta e clarinete na Banda e violino na orquestra sacra, pois era muito bom violinista.

Tocou pouco tempo porque emigrou muito cedo para a América.

A casa dos pais deste músico, na Mamarrosa, foi vendida a Manuel Gomes, irmão de D. Liberalina, esposa do senhor Álvaro Ribeiro, com quem temos conversado várias vezes.

19 - Manuel da Fresca

Havia um músico fundador conhecido por Manuel da Fresca; na opinião do senhor Olegário, designar-se-ia por Manuel. Seria o caixista da Banda, à data da fundação.

Segundo o senhor Álvaro Ribeiro, este rapaz morava com a mãe, a tal Fresca, no Portinho. Diz o senhor Laurindo Simões Capão (sogro do senhor Dr. Fonseca) que esta família dos Frescos vivia perto do começo da rua alcatroada há pouco e que liga o Portinho à Caneira; parece que tinham uma eira e uma casa e decerto alguns terrenos à volta. Mas na década de 20 (do século XX) venderam tudo a José Santos Pato (sogro do senhor Laurindo) e a Manuel Rodrigues, pai da senhora D. Benilde Carrancho.

Quando plantaram as vinhas que ladeiam a tal rua alcatroada do Portinho à Caneira, ainda lá encontraram bocados de muro e restos da eira e casa desta família.

bibRIA

Após a venda, embarcaram para o Brasil, por volta de 1924 e nunca mais apareceram nem deram qualquer notícia, não havendo hoje rasto deste fundador.

20. Manuel Marquês

Também natural da Caneira. Tocava contrabaixo e morava onde agora é a casa do senhor Manuel Rodrigues, industrial marmorista, alcunhado de Paquete. Este senhor Manuel Rodrigues é casado com uma sobrinha deste músico fundador e a esposa do senhor Alfredo do João Doutor também é sobrinha; chama-se Maria Graciosa Ferreira e foi a pessoa com quem conversámos.

Esta senhora D. Maria Graciosa Ferreira era filha de Margarida Ferreira, uma das irmãs deste músico da fundação da Banda e havia mais duas irmãs: Maria Ferreira e Rosa Ferreira.

Os pais deste músico Manuel Marquês e das três irmãs eram Sebastião

Marquês e Margarida Ferreira (mãe), sendo Sebastião Marquês meio irmão da família Marquês da Mamarrosa.

O músico Manuel Marquês para fugir à vida militar, talvez na década de vinte, emigrou para a América e nem notícias deu mais; aliás, antes vendera mesmo toda a folha herdada dos pais ao Manuel Almeida lá da Caneira que tocava mas não desde 1916 e precisamente irmão de António Almeida (da Mamarrosa) também fundador e de que já tratámos.

21. Manuel Martins Priminho

O Priminho, como era conhecido, era filho de Martinho Martins e irmão de Martinho Augusto Martins (o Martinhito), ambos primos de Amadeu Martins de que já nos ocupámos. Vivia um pouco afastado do povoado, no meio da sua quinta, hoje Quinta de Além. Andou a estudar, tendo feito o antigo 7º Ano, correspondente ao actual 12º Ano e ficou sempre solteiro. Bastante culto, tinha já então uma biblioteca, coisa rara na época. Grande sonhador, procurou desenvolver nas suas propriedades uma espécie de unidade agro-pecuária. Fazia experiências com aves e com certas plantas agrícolas, importava ovos e tinha criação de patos e galinhas.

DibRIA

Um dos seus grandes sonhos era fundar uma povoação nas suas propriedades. Para isso começou a construção de várias casas: destas muitas são as que actualmente lá existem, embora tenham sido transformadas; uma delas, supomos, que é precisamente a do senhor Cura.

Este músico chegou também a estar empregado em Cantanhede, mas a grande parte do seu tempo era dedicada ao estudo - leitura que fazia mesmo de noite, à luz da candeia.

Embora tocasse fagote na Banda, também tocava saxofone barítono e quase

todos os outros saxofones, principalmente na Tuna das Martinhas, a que também pertenciam o irmão Martinhito (regente), o tio António Martins (dono do moinho de vento da Quinta do Gordo), Manuel Martins e Amadeu Martins, de que já falámos. Todos da mesma família.

22. Manuel da Silva

Mais um músico fundador, da Quinta do Cavaleiro, que tocava fliscorne e era irmão de António Silva que não tinha um braço e, por isso, lhe puseram a alcunha de "Maneta". Este senhor António também tocou trombone na Banda (segurava-o com o coto), embora não começasse em 1916.

Este irmão António da Silva ficou sem o braço por causa de uma imprevidência.

Os dois irmãos António e Manuel eram muito amigos de Manuel Tavares, fundador de que já falámos. Este músico Manuel da Silva tinha mesmo também ido com Manuel Tavares para a América, os dois clandestinos.

bibRIA

Ora Manuel Tavares tinha livrado da tropa, sendo tal facto motivo de satisfação para todos, e os dois irmãos dirigiram-se a Malhapãozinho, à casa do amigo Tavares, para festejarem com foguetes.

Mas por sorte um desses foguetes não estourou e o António Silva foi apanhá-lo... A bomba do foguete não estourado rebentou-lhe na mão e levou-lhe o braço, esfacelando-o.

Manuel da Silva, nascido a 19 de Dezembro de 1902, casou com Aurora do Manuel da Rica. Manuel da Silva e seu irmão António Silva eram os dois tios do genro (Mário Silva Martins dos Santos) da senhora com quem falámos, D. Maria Augusta, de 95 anos e da Quinta do Gordo. Aliás, esta senhora Maria Augusta é avó do senhor Mário Alves (emigrado na Austrália) que foi músico da Banda e em que agora está também o seu bisneto Mário Jorge, até contramestre.

Este músico Manuel da Silva, em solteiro esteve na América, como já se disse

e já casado viveu com a esposa na África e de lá trouxeram a única filha, Dra. D. Helena Carvalho Silva, casada com um filho do senhor Dr. Virgílio Pires Martins, primo do senhor Dr. Manuel dos Santos Pato.

Morreu em 9 de Março de 1995, sendo o músico fundador que morreu por último e, por isso, há menos tempo.

23. Martinho Augusto Martins (foto 44)

Irmão de Manuel Martins Priminho e conhecido por Martinhito, nasceu em 30 de Março de 1905. Casou com D. Soledade Silva que era empregada na casa dos cunhados senhor Pereira e D. Celeste. D. Soledade era irmã do latoeiro da Quinta do Gordo conhecido por Gazel e genro de um outro músico fundador da Quinta do Gordo, Sebastião dos Santos Martins. D. Soledade é ainda irmã do senhor Olegário (com quem passámos bastante tempo), pai de Manuel Reis. Estes dois senhores tocaram na Banda e o senhor Manuel Reis ainda hoje lá tem as duas filhas (Susana e Paula) e faz parte da Associação B.C.R..

biblRIA

O Martinhito, num dia a cavar, uma talisca da enxada ao dar numa pedra, acertou-lhe num olho e acabou por ficar cego dessa vista. Então foi estudar e fez o antigo quinto ano, correspondente ao actual nono ano. Como o irmão Manuel Martins Priminho, também foi um sonhador. Já nos anos 30 tinha um alambique de destilar aguardente e conseguiu montar, nas Martinhas, uma pequena indústria de pirolitos com que abastecia as lojas e tabernas (vendas) aqui da zona. A água, de boa qualidade, era fornecida por uma nascente da quinta do irmão Priminho (informação colhida junto do senhor Diamantino dos Santos Tribuna). Aliás, parece que esta indústria já vinha do tempo do pai Martinho Martins.

Também emigrou para o Congo Belga e para o Brasil e conhecemo-lo mais tarde estabelecido em Aveiro com uma pensão-restaurante.

Além da Banda, tocou na Tuna das Martinhas (fundada no princípio do século XX pelo pai e tios), como vimos, e no Jazz dos Libórios. Mais tarde, já depois de 1974, ainda colaborou como músico de acompanhamento no Rancho Folclórico "As Vindimadeiras". Mesmo já velho e cansado não deixava de acompanhar este Rancho, indo até com ele à Espanha e à França.

Martinho começou por tocar caixa na Banda e depois oboé, mas também tocava flauta e rabecão.

Foi este homem sempre de uma grande dedicação à Música e à Banda. Por vezes até fazia zangar a esposa porque a Música era para ele uma loucura que lhe corria no sangue, até pela quantidade de instrumentos que adquiriu para sua casa: um bombo, uma viola, um banjo, uma flauta e um flautim. E ainda pelos muitos alunos a quem ensinou os primeiros rudimentos musicais.

bibRIA

Gostava muito de ler e escrever. Era também grande amante do teatro; por exemplo em 1959, (Jornal da Bairrada de 28 de Março de 1959) levou à cena aqui na Mamarrosa a comédia "Um julgamento no Samouco". Chegou mesmo a juntar uma grande colectânea de poesia popular da sua autoria, mas a doença surpreendeu-o e não chegou a publicar nada, morrendo a 9 de Maio de 1998.

Além de músico fundador em 1916, foi também membro activo da remodelação em 1978, ajudando igualmente a criar a Associação Beneficente Cultura e Recreio (em que se integrou a Banda) e aí exerceu o cargo de 1º Secretário da Direcção até poder.

Foi este músico que guardou em casa, durante anos, o tal quadro com o poema que Hilário Costa dedicou à Banda e à Mamarrosa.

Foi ainda na casa de Martinho (que fica quase na frente da capela de Santo António das Carrascas) que se fizeram várias reuniões após a morte do senhor Dr. Pato, em 1975. Lá se encontravam muitas vezes, à noite, Mário Rainho,

Manuel Plácido, Amílcar Rainho, Manuel Canas e outros para discutirem o futuro da Banda que na altura atravessava uma das suas crises.

Já vimos que os dois irmãos Martinho e Priminho eram filhos de Martinho Martins, este, por sua vez, irmão de João Martins – senhores de ricas moradias e avantajada fortuna !...

Os dois rapazes eram irmãos de D. Glória, esposa do senhor Azenhas que ficou com a casa dos pais; de D. Celeste que casou com Manuel Simões Pereira; de D. Conceição casada com um tal senhor Estrada que esteve na América. Em casa desta senhora se educou a sobrinha D. Rosinha (menina Zeca) que casou com o senhor Dr. Virgílio, neto da senhora Felicidade (tia do senhor Dr. Pato). Além da mãe de D. Rosinha, a D. Anunciação, casada em Samel, havia ainda uma outra irmã, a D. Rosa, casada na Azenha.

bibRIA

24. Mateus Ferreira da Silva

Era filho de Sebastião Ferreira (apelidado de Padre Eterno pela sua religiosidade) e de Maria da Conceição. Tinham casa na Caneira, precisamente onde agora vive a mãe do senhor Fausto Silva, Maria Rosa Ferreira.

Mateus Ferreira da Silva tocava trompa e casou na Mamarrosa com Madalena Rodrigues dos Santos que trazia da ascendência materna a alcunha "da Manca".

A sogra deste Mateus, Rosa da Manca, tinha um irmão, o João da Manca que teve o primeiro carro na Mamarrosa, bem como uma moto daquelas grandes e que vulgarmente designavam por "moto de berço", pois que dava para transportar ao lado uma outra pessoa. Esta variedade de motos, diz-se que fora usada na 1ª Grande Guerra pelos alemães para transportar homens e munições.

Quando este João da Manca se exibia, tanto no seu automóvel como na moto, deixava, pelo menos a garotada, de olhar arregalado, isto nas décadas de 20 e 30 do século XX. Este João da Manca possuía uma grande fortuna que desbaratou, no início do século (XX),

quando até as bicicletas eram muito raras.

Era prima deste João da Manca e das irmãs Madalena e Zaida, a senhora Maria do Carmo Seabra Coelho (a Coelhita) que casou com Joaquim Seabra Coelho e foram os pais de outro músico fundador a quem já se aludiu, Armor Arberto.

Mateus e Madalena construíram a sua habitação na Mamarrosa, na frente do actual edifício da Junta de Freguesia. Do seu casamento nasceu D. Benilde que todos conhecem, não só pela sua dedicação à Igreja, mas também à comunidade, orientando até presentemente vários cursos de bordados, inseridos no Plano de Actividades dos programas da Extensão Educativa. O marido desta senhora foi presidente da Junta de Freguesia, de 2 de Janeiro de 1983 até 5 de Janeiro de 1990.

Mateus Ferreira ainda tinha um outro irmão, Mário Ferreira da Silva (casado com Maria Ferreira Gomes da Mamarrosa, irmã de Liberalina Gomes Neves, esposa do senhor Álvaro Ribeiro) que foi igualmente um grande músico, embora não fundador.

bibRIA

O músico Mateus emigrou para o Brasil onde permaneceu vários anos e era tio da D. Maria Rosa Ferreira, mãe do senhor Fausto Silva que foi presidente da Direcção da Associação Beneficente Cultura e Recreio da Mamarrosa, durante o ano de 1997.

25 - Pedro da Costa - Músico da Mamarrosa. Filho de João da Costa e Maria José de Jesus.

Casou com Laurentina (tratada por Laura) da Silva Almeida, irmã de Olívia Almeida (casada com António Rodrigues), Manuel Almeida (da Caneira, frente ao fundador Camarneira) e António José de Almeida, fundador de que já nos ocupámos e também de Alípio Eugénio de Almeida.

A casa de Pedro Costa era onde está a de D. Aldina, (já falecida), sua irmã e

mãe do senhor professor Costa.

Este músico tocava cornetim e dele se conta esta façanha: numa festa em honra de S. Lourenço, em Bustos, foi regente improvisado da Banda por uma noite e conseguiu vencer a afamada Banda de Vagos. Tinha a profissão de carpinteiro e primava pela perfeição, sendo mesmo referido como um "perfeccionista". Ai daquele que não se aprumasse ou cometesse deslize no aplanar ou alisar de qualquer peça de madeira.

Só tocou até ir para o Brasil, pouco depois do tal episódio em que, para surpresa de todos, teve de ser maestro.

26 - Pedro Domingues

Na Quinta do Cavaleiro havia vários músicos. Além dos três fundadores Manuel Domingues, Pedro Domingues e Manuel da Silva, depois de 1916, muitos outros rapazes se interessaram, começando também a aprender. De tal forma, que ainda em vida do senhor professor Jaime de Oliveira, se formaram aqui uns poucos de veteranos. Lembremos que José de Oliveira (o filho mais velho do fundador da Banda) até organizou uma outra Banda - Infantil para se diferenciar da Banda principal, fundada em 1916, com o nome de Banda Escolar da Mamarrosa. Este fenómeno da fundação da Banda teve larga repercussão, não só na Quinta do Cavaleiro e Caneira, mas em todos os lugares da Freguesia e até nas terras circunvizinhas.

biblRIA

Além dos três executantes, oriundos da fundação, mais tarde, principalmente a partir da década de vinte, quando Pedro Domingues pegava no seu cornetim e o irmão Manuel no clarinete, Manuel da Silva puxava do fliscorne, muitos outros logo os seguiam: António Silva (irmão do Manuel Silva e só com um braço), os Libórios, Evaristo Azenhas e outros - uma verdadeira orquestra só neste lugar.

Segundo também D. Desinda de Oliveira Neves (mãe do senhor Professor Marabuto), estes músicos da Quinta do Cavaleiro costumavam sair de casa já a

tocar e iam assim até à Mamarrosa onde era o ensaio. Esta senhora de 86 anos, até refere que tinha um irmão gémeo chamado Jaime e que apenas com 4 anos de idade, ao ouvir aqueles músicos, lhes começava a dizer:

- "Levam-me com vocês, levam .. eu vou lá a casa e volto já!"

Pedro Domingues que nasceu a 12 de Julho de 1901 casou na Mamarrosa com D. Maria do Carmo; a sua casa fica logo a seguir à do senhor Eng. Martins da Silva (presidente da Direcção da Adasma).

Era considerado por todos um homem muito bom, de reconhecida paciência e brandura de costumes. Na sua casa vivia a Ti Maria do Luís, sua sogra e uma irmã desta, Teresa. Esta senhora Maria do Luís e a sua irmã Teresa foram logo desde início transportadoras dos instrumentos (os maiores e mais pesados) dos músicos.

Pedro Domingues deixou de tocar ainda em vida do seu querido mestre, o senhor Professor Jaime. Diz a filha D. Maria Adelaide da Silva Pereira, que os lábios lhe começaram a falhar; foi grande o seu desgosto, mas retirou-se para fugir à eminência de um possível desaire; veio a falecer a 11 de Janeiro de 1981. Mas o seu genro, Manuel dos Santos Pereira (o Pereirita) continuou ainda na Banda como grande saxofonista, praticamente até à morte.

biblRIA

27 - Sebastião dos Santos Martins (da Rosita) nascido em 1892 ,na Quinta do Gordo, outro músico fundador que tocava bombardino; era pai das senhoras do mesmo lugar conhecidas por "da Emília". Deste Sebastião se contavam histórias engraçadas que lhe deram direito a uma determinada alcunha.

O tal latoeiro da Quinta do Gordo conhecido por "Gazel" era genro deste músico fundador.

Um dos filhos deste Sebastião, chamado Modesto, era tido por ser um dos galãs do seu tempo e bastante esperto. Este Modesto esteve empregado na padaria do senhor Pompílio da Mamarrosa. Desenhava e pintava na perfeição. Na casa

de ensaios (do Francisco dos Brózios e frente à habitação deste proprietário) e onde estão os CTT, havia trabalhos dele que mais pareciam de um pintor afamado: as paredes mostravam músicos com seus instrumentos, em várias posições, executando a sua arte ..., estava presente ainda o flagelo da guerra na figura de um Hitler, com seus acessos de louco dominador, empunhando o canhão do extermínio.

Um outro filho deste Sebastião, músico fundador, era o Manuel que foi servir para casa do tal dono do moinho de vento, António Martins. O miúdo gritava sempre e queixava-se da barriga. A mãe, informada do caso, diz-se que quando lá ia vê-lo, ainda lhe batia, pois todos pensavam que o rapazote era manhoso e que se queixava porque não queria trabalhar.

E isto sucedeu tantas vezes, que acabaram por concluir que era doença (apendicite), mas tarde demais. O menino faleceu pouco depois.

bibRIA

Este músico Sebastião emigrou para o Brasil muito cedo e lá veio a falecer em 1927.

28 - Zeno de Oliveira e Costa

Quando a Banda foi fundada, em 1916, Bustos ainda fazia parte da Freguesia da Mamarrosa, pois só em 1920 alcançou a sua independência. Ora em Bustos havia músicos que alinharam em 1916. Já referimos Germano Simões da Costa e agora vamos escrever algumas linhas sobre este Zeno.

Tocava clarinete este músico, também da família de Augusto Costa, de quem era sobrinho e primo de Hilário Costa que já conhecemos.

Era filho de Florinda Simões da Costa (irmã de Hilário Costa). Tinha a profissão de alfaiate, mas também esteve empregado na casa do tio Augusto Costa da Quinta Nova - Bustos.

Casou com uma senhora de Silva Escura, Sever do Vouga e emigrou para o Brasil e para a Venezuela.

(Além do livro "Árvore Genealógica da Família Costa", as informações sobre este músico e Germano Simões da Costa foram-nos também fornecidas por D. Deolinda Simões dos Santos, prima de Hilário Costa)

NOTA – REMATE SOBRE ESTE TRABALHO – PESQUISA DOS FUNDADORES

Não foi tarefa fácil organizar a lista dos músicos fundadores. Batemos a muitas portas, consultámos várias pessoas, recolhemos numerosos elementos que depois em casa, organizámos, seleccionámos e equacionámos com outros, por vezes contraditórios. Confrontámos nomes, locais, datas, parentescos e nem sempre, decerto, chegámos à solução mais correcta. E disso nunca é demais pedir desculpa.

bibRIA

Mas se tudo para nós se tornou difícil, dada a distância no tempo (84 anos) e termos que lidar com opiniões e impressões de testemunhos orais sujeitos a erros inerentes a tais factos, a verdade é que há certos assuntos delicadamente mais sensíveis, que não podemos deixar de assinalar.

Supomos que os músicos fundadores são os que registámos. Mas há casos pontuais que nos parece ser nosso dever aqui esclarecer.

Dissemos, antes de apontar os nomes dos fundadores, que nos tínhamos guiado, principalmente, pelo testemunho do senhor Álvaro Ribeiro (de 90 anos), mas também pela palavra de outros músicos (de bastante idade) ainda vivos, como o senhor Armando Vida, (84 anos), o senhor Olegário (89 anos), senhor Evaristo Azenhas (77 anos) e António Vida (falecido agora em 2000, com 91 anos).

Há dois músicos que incluímos na lista dos fundadores que nos suscitaram algumas dúvidas: neto da Fresca ou Manuel da Fresca e António da Silva ou do José da Ana.

Para identificar os músicos fundadores, levámos uma foto de 1916 (cedida pela filha do fundador David Ferreira). E uma lista feita pelo senhor Professor Orlando, supomos com ajuda do senhor João Tribuna (sempre grande apaixonado pela Banda e já com 89 anos). Em face destes dois elementos, o senhor Álvaro Ribeiro, sem qualquer hesitação e com notável firmeza e grande à-vontade, foi reconhecendo um a um os músicos da foto, ao mesmo tempo que ia riscando uns e acrescentando outros na tal lista já pré-elaborada. Apenas faltava identificar uns dois ou três que ele não soube indicar, mas deu-nos algumas pistas para os procurar.

Gastando tempo, paciência e até saúde, lá conseguimos os nomes dos músicos que faltavam e seu respectivo enquadramento no meio espaço-temporal em que viveram.

bibRIA

Todavia, quando mostrámos ao senhor Olegário a lista assim organizada, ele tem esta saída "- *Olhe que o neto da Fresca não deve ser porque era rapaz até um pouco atrasado, esvaído da memória; só se era o filho Manuel da Fresca*". E o próprio senhor Laurindo Simões Capão (de 92 anos), também acrescenta "- *Oh! Esse rapaz era um simples, sem capacidade*."

Voltámos ao senhor Álvaro Ribeiro, explicámo-lhe a reacção, tanto do senhor Olegário, como do senhor Laurindo e desta vez o senhor Álvaro vacilou, mostrando-se duvidoso e reticente. Aliás, em consciência, parece-nos que era exigir demais: o senhor Álvaro foi sempre de uma disponibilidade e amabilidade a toda a prova (bem como a família), durante tantas vezes que o importunámos, mas não podia fazer o impossível. Passaram 84 anos – são muitos anos, é uma grande distância no tempo e, por outro lado, naquela foto, os músicos eram crianças e agora já nenhum se encontra no mundo dos vivos. E este senhor, grande músico

e bem lúcido, como já algures afirmámos, acaba por confessar "- *Realmente já não me recordo bem*"

E nós optámos por escrever o que averiguámos sobre o tal Manuel da Fresca.

Entretanto, mostrámos a mesma foto de 1916, bem como a lista que tínhamos nesse momento (ainda incompleta), ao senhor Armando Vida que estivera doente durante grande parte do tempo em que nos ocupámos destas investigações. Esclareça-se que o senhor Armando Vida afirma que também conheceu todos os músicos fundadores. Ora, o senhor Armando olhou para a foto e, depois de identificar os músicos que já constavam da lista, exclama, apontando um pequenote quase no canto esquerdo daquela velha foto, segurando um clarinete: "Este aqui é o irmão do Amândio da Silva (ou Amândio do Rato), o António que casou no Troviscal". E isto mesmo confirmou esse irmão, Amândio da Silva, um dos velhos músicos não fundadores, mas ainda vivo e com quem já tínhamos conversado.

bibRIA

Em face desta revelação, nós achámos que devíamos juntar o nome deste músico António da Silva ou do José da Ana ao conjunto já formado.

Acontece que na foto, apenas são 27, mas nós pensamos que devemos deixar na lista tanto Manuel da Fresca como António da Silva, ficando, portanto, 28.

Em relação a este António da Silva, supomos que o senhor Álvaro Ribeiro também não o reconheceu porque, segundo os familiares, este músico António andou muito pouco tempo na Banda, pois casou bastante novo e deixou de tocar. E, por outro lado, o senhor Álvaro entrou para a Banda, em 1923 e decerto ele (António da Silva) , então já lá não estava.

Quanto a Manuel da Fresca, segundo alguns, seria de início, em 1916, o caixista da recém - formada Banda Escolar da Mamarrosa.

"Se a nossa terra é a nossa pequena Pátria",
são estes alguns dos nossos
"egrégios avós que nos hão-de guiar à vitória"...

bibRIA

bibRIA

A CONTINUAÇÃO DA PONTE 1916-2000

a) Os já falecidos

b) Antigos executantes ainda vivos

c) Dois músicos – João Pedro: um músico singular;

Armando Teixeira Vida: um músico curtindo mágoas e queixumes

Testemunhos de alguns dos muitos amigos e simpatizantes da Banda (não executantes e na sua voz ou na de familiares).

As Transportadoras de sonhos e de instrumentos de sonhar.

Na pauta dos sonhos –Locais de aprendizagem e ensaios da Banda

bibRIA

bibRIA

PONTE 1916 – 2000/2001

De 1916 até 2000/2001 houve que manter acesa a chama do sonho. E muitos e muitos concorreram para alicerçar e construir pelos anos fora a ponte que iniciada em 1916 havia de garantir passagem para o século futuro.

Além dos fundadores, muitos homens também já falecidos passaram pela Banda que para todos foi o seu orgulho; por ela se apaixonaram, nela e com ela viveram muitos dos melhores momentos das suas vidas. Lá comungaram dos mesmos ideais, lá aprenderam e ensaiaram réstias de sonhos lindos da sua mocidade em flor e também viveram e sofreram alegrias e vitórias, sucessos e derrotas.

Fazendo parte, todos eles, dessa ponte entre os fundadores e os continuadores até aos nossos dias, queríamos ao menos aqui lembrá-los, exarando nesta aventura de papel, os seus nomes gloriosos. O que vamos tentar, mas com a certeza, todavia, de que ficam sempre muitos no cais do esquecimento onde os barcos já têm dificuldade em atracar.

bibRIA

Mesmo assim, vamos tentar e que a lista que organizarmos, possa de algum modo representar todos os outros que não conseguimos arrancar lá desses redutos da memória.

Fazemo-lo com a ajuda de músicos mais antigos e de apaixonados por esta nobre arte de tocar e encantar. Entre outros, que prontamente mais uma vez se disponibilizaram para nos ajudar, devemos citar Mário Rainho, Armando Vida, Professor Orlando Pato, Álvaro Canas, Marcos de Vasconcelos e Evaristo Azenhas.

Sabemos que por cá passaram já bastantes gerações e que alguns mesmo fora de portas, acorriam ao chamamento da batuta para a hora do despertar para o mundo novo e belo dos sons, recriados para encantar na pauta de todos os sonhos do mundo.

COM O MAIS SENTIDO RESPEITO PELO SEU SILÊNCIO E A NOSSA PROFUNDA SAUDADE – HOMENAGEM A ESTES ARTISTAS DO BELO.

Manuel dos Santos Pato – Filho de José Pato e de Carolina Mota. Natural e residente em Amoreira da Gândara. Pai de 3 filhos e 4 filhas e avô do cirurgião de ortopedia, conhecido por Dr. Mário Pato, também da mesma localidade.

Nascido a 16 de Novembro de 1886, entrou muito cedo para a Banda, logo a seguir à sua fundação, portanto no tempo do senhor Professor Jaime de Oliveira, que o chamou. Antes pertencera à Banda dos Covões onde aprendeu. Também fez parte de uma Tuna de Amoreira da Gândara.

Tocava bombo, dizem que com muita arte; era um brilhante músico que também se sentia à vontade com outros instrumentos.

bibRIA

O seu nome ficou ligado à Banda, não só pela competência e dedicação com que executava esta sua arte, mas também pela bondade e dedicação que sempre manifestou. Dele ainda hoje os músicos seus antigos colegas falam com respeito e quase veneração, pois por todos era tido, não só como brilhante no que fazia, mas também como bom homem.

Sabia muita música e sempre se mostrou muito benevolente em todas as situações, chegando a ser indigitado para maestro, numa das crises da Banda, por volta de 1952.

Pessoa dada à leitura, muito amigo da sua arte, ensinou vários músicos. Gostava também de teatro, chegando mesmo a ensaiar um grupo cénico em Samel, levando a palco uma peça que então teve muito sucesso, "A Maria Louca".

Foi homenageado pela Banda no início dos anos 70, numa cerimónia simples, mas carregada de significado; veio a falecer pouco depois, a 6 de Setembro de 1972.

Do seu amor à arte musical, falam decerto duas das suas bisnetas que hoje fazem parte da actual Banda do Troviscal.

António Augusto Cravo – Antes de mais lembremos que há várias ramificações desta família e em grande parte dos seus membros é notória a sua aptidão para a Música. São originários da Quinta da Gala.

Este músico era irmão do famoso violinista Manuel Augusto Cravo que na Grande Guerra encantou os próprios alemães com a sua arte e ainda de Mário da Silva Cravo (avô dos actuais dois executantes – os Maias: Manuel Moreira Cravo e António Maia Cravo).

A filha deste músico António Augusto Cravo, chamada D. Lucinda, casou com o senhor Sidónio em Amoreira da Gândara (a Farmácia de lá pertence à nora deste casal).

bibRIA

Segundo Armando Vida, António Augusto Cravo era grande músico, "de primeira classe, que não se encontra igual com facilidade, em qualquer Filarmónica.

Conseguia um som tão agradável, tão maravilhoso, que não havia flautista com tal suavidade de som e toque limpo; difícil de igualar".

Começou por aprender bandolim, isto no tempo do senhor Professor Jaime, mas em breve se transformou num grande músico que a todos encantava.

Na Banda tocou saxofone alto e nos Libórios, flauta, a tal flauta mágica que inebriava todos quantos a escutavam. Correu fama pela região esta sua extraordinária capacidade de tornar uma flauta num instrumento de sonho e magia, chegando, por isso, a ser convidado para um conjunto que havia na Pena – Cantanhede onde também passou a actuar.

Duarte Domingues Pato – Nasceu no lugar de Penedos e casou com Rosa do Nicolau, irmã de Alpinda, Maria e Joaquim Nicolau que já referimos.

Foi também dos primeiros músicos a infileirar na Banda, logo após a fundação, portanto, igualmente no tempo do senhor professor Jaime.

A Música fazia parte da vida que ele organizava sempre em sua função. Segundo os filhos Manuel, Maria e Célia (os que estão vivos), envergar a farda da Banda, ir a ensaios, participar em todos os seus serviços – foi sempre o seu principal objectivo e grande honra em seu existir.

Aprendeu a tocar com uma concertina, só de dois ou três pistões e com fole, género harmónio. Mas o instrumento da sua vida foi o contrabaixo que sempre teve orgulho em exibir ao serviço da sua Banda. Participou também no conjunto "Vasco da Gama", regido por Álvaro Ferreira e em 1952 serviu de vogal na Direcção da Banda então formada pelo médico, senhor Dr. Manuel dos Santos Pato.

bibRIA

Manuel Ferreira da Silva – Era da Caneira e irmão do músico fundador David Ferreira de quem já falámos. Casou com Alpinda do Nicolau, esta irmã do fundador Joaquim do Nicolau e de Maria e Rosa do Nicolau, por isso, cunhado de Duarte Pato de quem falámos anteriormente. Este músico era ainda avô do senhor professor Alcides da Caneira.

Tocava muito bem clarinete e foi vários anos primeiro trompetista da Banda (como já se anotou). Mais tarde também tocou bombardino. Não tinha dificuldades com a Música e lidava com os instrumentos com muita facilidade.

Mário Domingues Novo, conhecido por Mário Grangeia – também natural da Caneira.

Tocava saxofone soprano e diz-se que era muito bom executante.

Além de músico da Banda, também fez parte do conjunto Odeon que se formou lá na Caneira.

Casou na Mamarrosa com Dosinda da Silva Cravo e era avô do (actual) eng.cerâmico Jersey Grangeia.

Dizem que era boa pessoa e um grande jogador de futebol, nos seus tempos de juventude; bom atleta do Mamarrosa Futebol Clube, chegou a ser contratado pelos Marialvas de Cantanhede.

Faleceu muito cedo.

António Dias Gapo – Irmão do poeta Júlio Dias Gapo e pai de Amândio Dias da Silva Rodrigues (sacristão), um dos fundadores da Associação de que foi 2º Secretário logo em 1978. Este musico era também tio do falecido Dr. Pato. Tocava clarinete.

bibRIA

Manuel dos Santos Pereira – "O Pereirita" como todos o conheciam, genro do músico fundador Pedro Domingues. Era irmão de Modesto Santos Pereira (falecido a 4 de Agosto de 2000), pessoa a quem recorremos para recordar vários pormenores de antanho. Este Modesto dos Santos Pereira foi presidente da Junta de Freguesia da Mamarrosa de 23 de Março de 1952 a 26 de Fevereiro de 1961 e a ele se deve a rede de distribuição de água ao domicílio, já a partir de 1950 e também a inauguração dos C.T.T., em 1958 (Modesto dos Santos Pereira era sogro do senhor professor Costa, que também foi presidente da Junta de Freguesa da Mamarrosa, durante mais de dois mandatos).

O Pereirita era casado com D. Maria Adelaide, filha do tal fundador Pedro Domingues que era também irmão de outro fundador Manuel Domingues, este avô do actual maestro da Banda, Professor Paulo Margaça.

Tocava saxofone tenor, não só na Banda, mas também no conjunto "Rouxinóis", fundado por Diamantino Malta e na orquestra Vasco da Gama.

A sua neta, a licenciada Cláudia tem frequência do Conservatório, toca órgão e piano e canta bem.

Bom músico e de grande benevolência, excelente pessoa, por todos muito considerado, especialmente pela maneira cordata como lidava com as diversas situações.

Álvaro Ferreira – Filho do ferreiro, o senhor Ambrósio do Vale, onde nasceu a 8 de Abril de 1912. A sua casa foi construída precisamente onde se situava a velha, de seu pai e a oficina de ferreiro.

Já nesta obra há várias referências a este músico. Irmão, como também já foi dito, de Antero Ferreira e de Manuel Ferreira, dois fundadores, bem como de Rosa Ferreira ou do Ambrósio, que foi uma das transportadoras dos instrumentos mais pesados.

bibRIA

Tocava trompa e pratos na Banda e bateria na orquestra "Rouxinóis" de que fez parte com outros seus colegas músicos. Tocou ainda (também bateria) no conjunto Vasco da Gama de que foi regente.

Mas o seu nome ficou para sempre ligado à Escola de Música que conseguiu manter (na sua própria casa) desde 1979, praticamente até à sua morte, ocorrida a 24 de Novembro de 1996. Muitos dos músicos que agora (ano 2000) engrossam as fileiras da Banda, aprenderam com ele.

De todos ficaram conhecidas as suas qualidades, não só como bom executante, tanto na Banda como nos conjuntos de que fez parte, mas principalmente como pedagogo.

Ao ensino puramente técnico que muito bem dominava, conseguiu aliar a delicadeza de trato, a paciência incansável e o entusiasmo motivante e encorajador.

Sempre foi capaz de cativar e incentivar as crianças, orientando-as com afabilidade e carinho, de forma a criar-lhes no espírito o gosto pela aprendizagem e o amor à causa musical.

Neste clima de laboriosa cooperação mestre - aprendiz, se geraram, como já se afirmou, muitos dos nossos jovens músicos.

Durou o seu trabalho incansável, paciente, amoroso, sem qualquer queixume, mais de dezassete anos.

Pouco ou nada se lhe pagou. Todavia, deve dizer-se que a Direcção da Associação Beneficente, Cultura e Recreio, em que se insere a Banda, num gesto de justiça e merecido reconhecimento, o homenageou publicamente, ainda em vida, no dia 6 de Novembro de 1993. Bem como a sua doce e carinhosa esposa, a senhora D. Lucinda Ferreira, como seu marido, também incansável na compreensão e acolhimento de tantas crianças que por ali passaram. Aliás, o seu vizinho, Adérito de Jesus Tavares, actual executante de contrabaixo na Banda, ainda há pouco afirmava "O senhor Álvaro, já bastante doente, pediu-nos para nunca abandonarmos a Banda".

biblRIA

Homenagem a Alvaro Ferreira

Grande amor deste homem pela sua Banda e pela sua terra.

António Santos – Era natural da rua do Canto onde sempre viveu. Morava próximo da casa onde agora vive Armando Teixeira Vida e também não muito longe de Rosa Ferreira ou do Ambrósio, uma das transportadoras dos instrumentos.

Tocava cornetim e mais tarde trompete na Banda e também chegou a tocar no jazz dos Libórios.

Grande parte da sua vida dedicou-a à Banda.

Era um pequeno construtor de obras a quem outrora chamavam "mestre", mas a sua vida profissional nunca o impedira de estar presente nos serviços da Banda.

Era bom homem, mas às vezes irritava-se com facilidade, talvez devido a um copito a mais.

bibRIA

Maria da Conceição Tavares, mãe de Licínio Tavares do Posto Médico, é sobrinha deste músico António Santos e avó do pequeno executante de bombardino – Bruno Alexandre Tavares.

Manuel António Canas – da Quinta da Gala. Pai de Álvaro Domingues Canas, avô de Arsélio Manuel de Oliveira Domingues Canas e bisavô de Diogo Domingues Canas – executantes na Banda actual. O filho Álvaro toca tuba, o neto Arsélio toca fliscorne e o bisneto, o pequeno Diogo toca trompete.

Manuel Canas entrou para a Banda pouco depois da sua fundação. Executante de grande categoria, o seu instrumento de predilecção foi a tuba; aliás o seu filho Álvaro está a seguir-lhe os mesmos passos, ao adoptar também a tuba como instrumento favorito.

Além de bom executante de tuba, o senhor Manuel António Canas também participava nas cerimónias religiosas, executando violino.

São do tempo deste músico muitas das estórias que nos contou o seu filho Álvaro.

Também esta família Canas, como a dos Cravos e outras têm primado pela sua dedicação à Banda e à sua terra cujo nome têm procurado erguer e deixar nimbado de valor cultural e artístico por todos os lados por onde passam.

Este músico faz parte daquele património humano que todos os que o conheceram ainda hoje recordam como exemplo de bondade e compreensão. Precisamente por ser uma pessoa por todos muito considerada, em momentos de crise, também dava a sua colaboração, como aconteceu, por exemplo, em 1952 em que foi vogal da Direcção então formada e encabeçada pelo senhor Dr. Manuel dos Santos Pato.

Amadeu Domingues Canas – Filho de Manuel António Canas e, portanto, irmão de Álvaro Domingues Canas. Tal qual como este seu irmão Álvaro, também aprendeu com o senhor Armando Vida que diz ter sido Amadeu um rapaz com bastante aptidão para a Música, pois aprendeu depressa e com muita facilidade.

biblRIA

Tocava saxofone tenor, mas emigrou para o Canadá onde faleceu.

Manuel Augusto Azenhas – Grande músico da Quinta do Cavaleiro, ainda do tempo dos fundadores, como Manuel Domingues e Pedro Domingues, seus vizinhos, que sempre acompanhava . Recorde-se que estes músicos da Quinta do Cavaleiro (Quintas) costumavam ir para os ensaios já a tocar desde suas casas, alertando para a sua arte todos aqueles por onde passavam e muito em especial a gente moça que aspirava seguir-lhes as peugadas.

Casou no Esteireiro este músico Manuel Augusto Azenhas e era filho de Tomás Azenhas.

Na sua casa do Esteireiro iniciou alguns músicos na sua arte. Por exemplo o antigo executante, senhor Manuel Francisco da Conceição – da Melada – Vilarinho do Bairro, diz que aprendeu com ele.

Era um grande músico, primeiro bombardino da Banda. Nos anos 50, Manuel Augusto Azenhas ainda fez parte do conjunto Vasco da Gama de que era regente Álvaro Ferreira e em que tocou trombone, bem como no conjunto dos Libórios.

Manuel Rodrigues da Silva – "O Rameiritas" apelido de família vindo muito de trás, pois já o pai era conhecido como "dos Rameiras". Natural do Cabecinho/ Malhapãozinho e pai de dois músicos: António Ramos e Nélson Ramos. António Ramos tocou na Banda ainda alguns anos (está agora para o Canadá) e Nélson Ramos só há pouco deixou de tocar numa orquestra.

bibRIA

Todos os músicos que privavam de perto com Manuel Rodrigues da Silva, "o Rameiritas" dizem que era um grande artista e que ninguém como ele até hoje foi capaz de tocar pratos com igual intuição e sensibilidade. E conta-se que "com um grão na asa" é que ficava fantástico: tirava efeitos dos pratos como nunca se viu em mais lado nenhum; diz Armando Vida que era extraordinário.

Refere o músico Manuel da Costa (da Quinta de Além) que o Rameiritas, além de muito bom pratilheiro, tocava quase todos os outros instrumentos, mas deixou de tocar os de sopro porque o médico o proibiu, devido a uma grande doença pulmonar que o havia afectado.

O Rameiritas também fazia parte da orquestra sacra da Banda em que tocava violino.

Juntamente com os pratos também tocava pandeireta nas rapsódias: atirava-a para todo o lado, inclusivamente para a cabeça dos colegas, com tal mestria, que ele próprio sozinho com o seu instrumento era um autêntico espectáculo de

beleza, som, espalhando a toda a volta um punhado de movimentos malabaristas que calava bem fundo na alma e coração de toda a numerosa assistência.

Deste bom músico se contam vários episódios, alguns bem pitorescos que ainda teremos ocasião de apreciar.

Artur Lemos – Era da Palhaça este executante e todos o conheciam por Artur Canteiro, devido à sua profissão na Cantaria da família Freitas, situada aqui na Mamarrosa, precisamente no local onde actualmente se ergue a moradia do falecido senhor Dr. Manuel dos Santos Pato e onde agora vive a sua viúva D. Isaurinha. Do tempo do senhor Professor Jaime de Oliveira, foi dos primeiros caixistas da Banda e a seu pedido foi também primeiro baterista do jazz "os Libórios".

Foi ainda este músico Artur Lemos quem trouxe para este Jazz outro músico, Emitério que lhe deu o nome de Lucifer.

bibRIA

Manuel Silva Terra – veio do Norte, assentando arraias aqui em Bustos. Do tempo do mestre, senhor Professor Jaime, tocava trombone. Muitos o recordam ainda hoje como sendo uma daquelas pessoas carismáticas que deixam nomeada: de grande bigodaça, era pedreiro de profissão.

Homem bastante divertido e espirituosos, dele se contam várias peripécias.

Diz-se que Silva Terra devia já há algum tempo uma certa quantia numa loja de Bustos onde um dia ele desencadeia o seguinte diálogo.

- *Que horas são?*
- *Olhe, são horas de me pagar.*
- *Oh! Diabo, o seu relógio anda muito adiantado!*

António de Oliveira das Neves ou António Doutor, — apelido pertencente a todos os numerosos membros desta família Neves, mesmo aos mais afastados.

Segundo D. Desinda de Oliveira Neves (86 anos), este apelido "Doutor" vem muito de trás, do tempo em que Mamarrosa fazia parte de Soza. Relata esta esclarecida e idosa senhora que nesse tempo um seu ascendente teria estudado, chegando a ser advogado e conhecido por Doutor. E daí este apelido ainda hoje extensivo a toda a família.

Este músico era sobrinho desta senhora D. Desinda, primo de D. Maria de Oliveira das Neves (bisavó do licenciado em filosofia ,Mário Eugénio) e também sobrinho de Clementina de Oliveira das Neves que foi esposa de António Dias Libório, pai dos quatro rapazes ligados ao Jazz "Os Libórios", da Quinta do Cavaleiro.

Este músico António Doutor é ainda tio da mãe das duas meninas gémeas que hoje tocam flauta na Banda, a Liliana Esgueira e a Mónica Esgueira.

O pai deste músico tinha o mesmo nome: António de Oliveira das Neves.

bibRIA

Tocava saxofone tenor e soprano; emigrou para o Brasil onde veio a falecer, deixando lá dois filhos.

António Dias Libório, Avelino Dias Libório e Mário Dias Libório – Mais três excelentes músicos da Quinta do Cavaleiro; grandes artistas dos sons.

Os seus nomes ficaram muito mais ligados à orquestra do seu apelido "Libórios"! Embora tivessem bebido na Banda os fundamentos culturais para a sua arte musical e nela tenham exercido algum tempo, a sua carreira começou na Tuna, prolongou-se pelo jazz e eles próprios fizeram nome – "Os Libórios".

Supomos que nenhum dos actuais descendentes se dedicou à arte dos sons pelo menos não com a intensidade e o fulgor destes irmãos Libórios.

Sabemos, todavia, que alguns netos têm mostrado interesse pela música tocada e cantada.

Amândio da Silva Rodrigues – Natural da Quinta do Gordo, é possível que tenha sofrido a influência de um certo alfaiate, amante da Música e das artes, José Martins Frazão que era seu tio, por parte de sua esposa D. Graciosa e de quem ainda havemos de falar.

Este senhor Frazão esteve no Brasil e de lá trouxe uma certa formação sócio-cultural, fazendo aqui naquele tempo, anos 30 e 40, um figurão. Era mestre-sala e ensaiava até certas danças que aprendera lá no Brasil como a quadrilha e outras. Os bailes eram então na Trabuqueta (isto antes do Salão Recreativo do senhor professor Jaime) e mestre Frazão dirigia e orientava os pares, bem como os seus acompanhantes, de tal modo que as suas regras e procedimentos nas festas de então começaram a ser acatados por todos e fizeram escola.

Este músico Amândio da Silva Rodrigues era padrinho e tio de Amândio Dias da Silva Rodrigues, sacristão, um dos colaboradores na formação da Associação Beneficente Cultura e Recreio em que actualmente se integra a Banda. Este sobrinho já há muito nos havia dito que o tio, primeiro tocara trompa, depois cornetim, tendo sido solista de fliscorne.

bibRIA

Segundo Armando Vida, este músico sabia muita música de ouvido e fez parte de uma Direcção da Banda, em 1956.

Manuel Ferreira da Silva - do Passadouro - Troviscal.

Era dos músicos muito apaixonados pela sua arte, fazia parte da Banda do Troviscal, mas esta acabou em 1945. E Manuel Ferreira da Silva não quis deixar morrer na sua alma o gérmen da arte que tinha aprendido a comungar e comunicar com o grande mestre José de Oliveira (irmão de Jaime de Oliveira). Por isso, não hesitou, veio para a Mamarrosa, procurar o que havia acabado na sua terra - a prática da arte musical.

Era muito bom músico; tocava clarinete e já era considerado de grande nível, quando tocava no Troviscal (1.º clarinete).

Falam os colegas ainda vivos que para o final da vida, ficara muito deformado das costas, mas mesmo assim todo tortinho, continuou a tocar até não poder mais.

Foi executante da nossa Banda durante a regência de António de Olivira que, como morava em Oiã, vinha pelo Passadouro e trazia-o para os ensaios e serviços.

Manuel Pinhal – Também era do Passadouro e cunhado de Manuel Ferreira da Silva. E, tal qual como o cunhado, veio para a Banda da Mamarrosa por ter acabado a do Troviscal, em 1944. Também como o cunhado, tocava clarinete e diz Armando Vida que era tão bom, que era ele a segurança de todos os outros clarinetes da Banda do Troviscal.

Tocou também na orquestra "Os Perús" e era conhecido pela alcunha de "Viúvo", embora fosse casado.

bibRIA

Ficou conhecido por um forte sentimento de bondade e educação que sempre o ligou à nossa Banda da Mamarrosa.

Mário Teixeira Vida – Filho de Jacinto Teixeira Vida e de Rosa de Oliveira.

Tocava cornetim e era irmão do fundador José Dias Teixeira Vida, do António que morreu há pouco e com quem ainda conversámos e também de Armando Teixeira Vida, agora o único vivo destes irmãos amantes da Música.

Também dissemos que este Mário foi sogro de Agnelo de Oliveira Pato e que hoje a Lúcia Susana e o Alexandre seus bisnetos são actuais executantes.

António Silva - Também já falámos deste músico, pois era irmão do fundador Manuel da Silva e ambos da Quinta do Cavaleiro. Também então explicámos o porquê da sua alcunha "António Maneta" pelo que remetemos o leitor para a

biografia do irmão Manuel da Silva, o fundador n. 22.

Na casa de ensaios (de Francisco dos Brózios) que se situava onde agora se ergue o edifício dos C.T.T. havia desenhos nas suas paredes de um tal Modesto filho do fundador Sebastião dos Santos Martins. Esses desenhos mostravam este músico António da Silva a tocar o seu trombone, apenas só com um braço. E dizem que retratavam este executante com grande perfeição e realismo. Já nos referimos a estes factos quando falámos do fundador Sebastião dos Santos Martins.

Óscar Ferreira Rato – Um músico de Paredes do Bairro que aprendeu na década de 50 com Armando Vida; era regente então José de Oliveira.

Era um rapaz muito persistente que chegou a dizer para o seu mestre (o senhor Armando Vida): - "Tenho de ser músico, senhor Armando". Tinha grandes dificuldades, mas realmente como tinha força de vontade, conseguiu aprender e ser um bom músico executante de trombone.

bibRIA

Emigrou para França e lá veio a falecer, ainda solteiro.

Manuel António Limeira, filho de Sebastião Limeira – Era natural da Quinta do Cavaleiro, vizinho de Mário Libório com quem muito cedo começou a aprender a arte musical: conheceu assim algumas escalas e o solfejo, e, como tinha um ouvido privilegiado, praticamente fez-se músico sozinho. Casou na Mamarrosa.

Tocou bandolim na orquestra típica de Águeda, banjo no conjunto "Os Rouxinóis" e ainda viola-baixo nos "Faraós". Tocou ainda no Rancho Folclórico da Palhaça e no de "As Vindimadeiras".

Segundo Armando Vida, a sua música era essencialmente de ouvido.

Havendo dificuldade em arranjar pratilheiro em 1979, tocou pratos na Banda, sob a regência do senhor Dr. Silas Granjo.

Teve sempre uma grande paixão pela Música, chegando quase a implorar

para poder continuar a tocar.

Talvez em reconhecimento desta sua paixão – a Banda ofereceu-lhe para a sua campa uma pequena placa de homenagem..

Foi durante a sua vida activa um pequeno comerciante de carne de suíno.

Sempre foi conhecido pela alcunha de "Tropo". Esta alcunha já vem dos seus progenitores. Diz-se que chamavam "Tropa" já à avó, por isso, o pai Sebastião Limeira se conhecia por Sebastião Tropo.

Paulo Limeira – Filho de músico anterior. Também pertenceu à Banda mas emigrou para o Brasil e lá faleceu.

Manuel Valério – Era de Nariz e tocava clarinete. Roubaram-lhe este instrumento e ele desgostoso e envergonhado, deixou de tocar. Dele ainda falaremos. Era solteirão e assim morreu.

bibRIA

Martírio de Oliveira Simões – Morreu agora no dia 20 de Junho de 2000, com 66 anos. Conheciam-no por Martírio Electricista de Levira (sua localidade de origem).

Tinha aparelhagem sonora que alugava para festas de arraial em que também fazia publicidade.

Tocava clarinete na Banda e sempre esteve ligado a esta arte dos sons.

Além destes, muitos outros homens já falecidos passaram pela Banda, como um tal Manuel Alferes da Bemposta que casou nos Covões e que tocava clarinete na Banda nova regida por José de Oliveira, Amândio Gonçalves Rainho (irmão de Mário, Amílcar e Martírio, ainda vivos) e muitos, muitos outros...

FICHAS DE ALGUNS DOS ANTIGOS EXECUTANTES AINDA VIVOS

Durante a viagem que em Julho de 1999 fizemos com a Banda a Lamballe - França, além de tentarmos um primeiro contacto de abordagem para conhecer um pouco na globalidade as linhas estruturais em que se apoia a Banda, tentámos ainda perceber algo das directrizes da sua gestão, quer em termos administrativos ,quer em termos didáctico - pedagógicos a nível da relação maestro -executantes, bem como maestro-direcção, englobando os núcleos de aprendizagem da escola de música- tudo direccionado para as consequentes actuações da Banda em concertos e demais solicitações.

Algumas noções ficámos a compreender sobre a organização das linhas de rumo dos órgãos directivos da Associação a que pertence a Banda e também dos esquemas de trabalho desenvolvido e ainda a desenvolver, tanto no interior da própria Banda, como especialmente no empenho de activação da Banda e muito em especial da do futuro.

bibRIA

Mas além destes dados necessários ao trabalho que nos dispúnhamos realizar, como passámos juntos algum tempo em que convivemos, pudemos também aproveitar para obter outro género de informação.

Assim, em conversa com Álvaro Canas, ainda executante, Manuel Reis, antigo executante e hoje membro da Direcção da Associação e António de Oliveira também elemento da mesma Direcção, conseguimos obter uma lista de nomes de músicos ainda vivos, mas já há bastantes anos afastados das fileiras da Banda.

Foi esta a lista que aqueles três senhores nos deram:
António Vida – Mamarrosa
Armando Vida – Mamarrosa
Olegário da Silva – Mamarrosa
António Rodrigues – Malhapãozinho
Manuel Evaristo Silva Azenhas – Quinta do Cavaleiro

Washington Micaelo – Quinta do Cavaleiro
Álvaro Ribeiro – Cabecinho – Malhapãozinho
Jaime da Silva Cravo – Amoreira da Gândara
Ramiro Santos Pereira – Carvalha
Manuel Santos Pereira – Póvoa do Forno
Orlando Oliveira Pato – Quinta do Gordo
Manuel Conceição – Mamarrosa
Manuel Conceição – Melada (Vilarinho)
Mário Silva Rainho – Mamarrosa
Mário Oliveira Pato – Quinta do Cavaleiro
Martírio Gonçalves Rainho – Quinta do Gordo
Ismael da Silva Cravo – Aveiro
António Augusto Ramos – Mamarrosa
Mário Conceição Alves – Austrália
Carlos Alberto Oliveira Pato – Amoreira da Gândara
Mário Oliveira Costa – Aveiro
Manuel Costa – Quinta de Além
Manuel Lemos – Feiteira
Amadeu Carvalho – América
Tomás Seixas – Mamarrosa
Manuel Silva Reis – Mamarrosa
Amândio da Silva (Rato) – casa dos filhos
Manuel Domingues Cravo – Quinta da Gala
Mário Domingues Cravo – Relvada- Quinta da Gala

biblRIA

De posse desta lista, organizámos então um conjunto de fichas espécie de inquérito para levar cada um daqueles antigos executantes a pronunciar-se sobre a Banda.

Começámos pelos mais velhos e junto deles estivemos várias vezes, ora falando com eles, ora escrevendo o que iam dizendo, vivendo e comungando das suas recordações, dos seus desejos, da sua saudade (de algumas destas acções demos conta já no inicio deste livro).

Quanto aos mais novos, alguns ainda bastante activos e laboriosos, deixámo-los mais à vontade para sozinhos responderem como quisessem.

Tudo o que se faz tem sempre uma maior ou menor carga de subjectividade.

O processo que seguimos não foi decerto o melhor, mas para nós foi de momento aquele que nos pareceu mais viável e eficiente.

Poderíamos à semelhança do que fizemos com os fundadores, colher dados junto de cada um destes antigos executantes, ouvindo, perscrutando, concluindo, escrevendo. Mas na altura pensámos, como ainda hoje, no factor tempo que continua a pesar muito no desenvolver deste trabalho.

Por outro lado, também talvez estes senhores tenham respondido com mais liberdade, sem a presença estranha de uma interlocutora.

Contudo, dada a dificuldade que alguns já têm com o código escrito, pois já é significativa a distância no tempo em relação à sua escolaridade, até a família, pelo menos nalguns casos pontuais, se envolveu neste trabalho, o que agradecemos.

bibRIA

Transcrevem-se a seguir as fichas destes antigos executantes e por ordem decrescente de idades.

Identificação do questionado:

Nome: *António Teixeira Vida*
Idade: *91 anos*
Grau de escolaridade: *3º ano*
Profissão que tem ou já teve: *agricultor*
Estado Civil: *Viúvo*
Morada: *Rua de Baixo- Mamarrosa*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Comecei a aprender por volta de 1919- 1920. Daí a uns quatro anos saí da aprendizagem a tocar saxofone. Participei em várias actuações, para os lados das areias de Mira, por exemplo em Febres, Vilamar (Escumalha); exerci este cargo de músico 62 anos.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Eu toquei todos os saxofones: o saxofone soptano, o saxofone batítono e o saxofone tenor. Conforme as faltas que havia, eu era avisado para tocar esses saxofones.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Eu aguentei na Banda até conseguir aguentar. Mas quando tinha mais de 70 anos, já não podia fazer attuadas, cansava-me muito, a velhice já carregava e então saí.

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Eu comecei a aprender para fazer a 3ª classe com o senhor professor Silva, no sítio onde está o supermercado Mónaco. Havia lá a Trabuqueta e foi aí que eu andei na escola primária. Ora, quando os meninos faziam exame, o senhor professor Jaime ia lá à escola e dizia que quem quisesse ir para a casa dele aprender música, que podia ir. E foi assim que eu fui. Gostei muito e nunca mais saí.

bibRIA

5. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- O senhor professor Jaime era um grande músico e um grande maestro. Tocava quase todos os instrumentos: todos os saxofones e todos os instrumentos de corda, pelo menos.

Bom professor, boa pessoa, prejudicava-se muito por causa da Banda.

Era também maestro da Tuna Académica de Coimbra.

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Conheci o senhor professor Jaime e filhos: o José, o António e o Orlando.

O mais competente era o senhor professor Jaime; o José também era bom como músico e bom maestro; António era muito boa pessoa, mas era brando demais como regente e o Orlando era mais inexperiente.

7. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Dantes reconheciam. Nos ensaios, por exemplo, a casa enchia-se e não só com familiares dos músicos que estavam a ensaiar. Mesmo não tendo lá ninguém, as pessoas acorriam para nos ouvir.

8. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Conheci o meu irmão mais velho, o José, o Manuel da Silva, da Quinta do Cavaleiro; o David Ferreira e o António Camarneira, da Caneira; Manuel Ferreira e Antero Ferreira da Mamarrosa; o Martinhito e o Priminho das Martinhas- Quinta do Gordo; o Joaquim Nicolau e o Pedro Costa também da Mamarrosa e Manuel Augusto Ribeiro de Malhapãozinho- Cabecinho. José Dias Teixeira Vida, meu irmão mais velho tocava cornetim ou fliscorne. Os outros tocavam:

Manuel da Silva- cornetim
David Ferreira- trompa
António Camarneira- trombone
Manuel Ferreira- saxofone
Antero Ferreira- contrabaixo
Martinhito- caixa
Priminho- saxofone barítono (tocava quase todos os instrumentos)
Joaquim Nicolau - bombo
Pedro Costa - cornetim
Manuel Augusto Ribeiro- bombardino e trombone

Sem serem fundadores, conheci muitos outros bons músicos como Manuel Pato (tocava bombo) e era de Amoreira da Gândara; Duarte Pato dos Penedos, um grande músico que tocava contrabaixo, Álvaro Ferreira, irmão do Manuel Ferreira e do Antero Ferreira, também grande executante e amigo de ensinar e muitos, muitos mais. Tinham paixão pela música.

9. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Tocávamos porque tínhamos paixão pela Banda e pela música.

10. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Ganhávamos muito pouco e conforme as categorias de músicos. Seriam aí uns 500$00 de cada festa e de cada enterro.

bibRIA

Havia muitos festejos para que convidavam a Banda: Tamengos, Curia, Aguim, aqui na região e fomos uma vez a Seixas do Minho (isto há bastantes anos) numa camioneta dos Sardos da Gafanha que tinham uma empresa de camionetas de carreira.

11. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Ensaiávamos quase sempre de noite. Os primeiros ensaios foram em casa do Sr. Neves (grande homem da Freguesia; a sua casa hoje remodelada ainda existe, mesmo na frente do largo principal, e do antigo Chafariz, próximo da Igreja); Depois passámos a ensaiar no Clube (Salão Recreativo, frente à Igreja) preparado pelo Sr. Professor Jaime.

12. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- A Banda é que fornecia os instrumentos. Eu quando acabei o solfejo, o Sr. Professor Jaime deu-me o saxofone soprano. Ele ia ao Porto, à Casa Guimarães e trazia de lá os instrumentos. Prejudicou a sua vida particular por causa da Música e da Banda.

bibRIA

13. Diga mais o que achar de interesse.

- Recordo que quando em 1940, morreu o senhor professor Jaime a 4 de Agosto, estávamos a fazer a primeira arruada da festa de S. Sebastião, aí pelas 9 ou 10 horas; Estávamos a dar a volta à porta das Catoças (senhoras descendentes de uma família com esta alcunha antiga), na curva próxima, onde é hoje a casa de Lautindo Capão. Chegámos ainda à casa do ensaio (frente à Igreja). E aí acabou tudo.

Observação- Pelo menos, respondendo a alguns destes números, este antigo músico emocionou-se tanto, que as lágrimas aflorando às pálpebras, quase rolaram pelo seu rosto emagrecido pelos anos.
Faleceu em Fevereiro de 2000, estávamos nós ainda em plena azáfama de recolha e pesquisa de dados sobre a Banda.

MORTE DE ANTÓNIO VIDA, EM 14 DE FEVEREIRO DE 2000
A TI QUE PARTISTE!

António Teixeira Vida!...
Já morou a aurora,
O sol e o céu do amanhecer
Na eira florida
Do teu saxofone
Que hoje como tu,
Vida sem vida
Se esvaiu, esmoreceu
E nunca mais tocou!

Na revoada
Das doces melodias
Que a partitura
Abriu no sonho
Dos teus dias,
Choveram pétalas,
Cravos e maresias
Que espalhaste
Na estrada da vida
Em que pouco a pouco te esvaías!

Do ventre da vida
Saíste tu sem vida ...
Como eu sinto a tua partida!
Tão débil, tão serena,
Ave entristecida,
Fénix pequena, caída
Às portas do mistério!...

bibRIA

Saudade- menino,
Timbre etéreo que soou
Num breve lampejo
Que a brisa apagou!

O vento gelado
Passou, levantou
Seu hálito cravado
Neste branco afiado
Que o rio largo do destino,
Sem cor, num desatino,
Vai tragando
Sem dó nem piedade,
Espada em riste,
Sempre pronta
P'ra ceifa da verdade!

bibRIA

Criaste música
Que tocaste,
Sentiste e amaste!...
Ó António Vida,
Como floriu teu coração!
Por este teu condão
De música
Tanto amar,
As portas do Além
Se abram de par em par!

Por aqui ainda
Seguimos nós,
Na pauta da vida,
Carpindo dós...
Música
Sem tempo
No espaço vazio
Da palavra sem voz!

Nome: *Álvaro Ribeiro*

Idade: *90 anos*

Grau de escolaridade: *Saber ler e escrever*

Profissão que tem ou já teve: *Reformado da agricultura*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Rua do Cabecinho, 6 Malhapãozinho 3770- 032 Mamarrosa*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- *Fui para a Banda da Mamarrosa em 1923 e andei até 1941; depois estive fora da Banda 10 anos. Passados estes anos, vieram-me convidar e eu andei na Banda cerca de 10 anos mais.*

2. Que instrumento tocava e porquê?

- *No princípio toquei trompete e mais tarde toquei fliscorne. Toquei estes instrumentos porque gostava de os tocar.*

bibRIA

3. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à música?

- *Não tenho.*

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- *A paixão nasceu porque o meu irmão tocava na Banda e eu gostava de o ouvir tocar.*

5. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- *Sim, conheci.*

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- *Conheci o senhor professor Jaime de Oliveira, o senhor José de Oliveira e o senhor António*

de Oliveira.

7. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- *O meu irmão Manuel Augusto Ribeiro tocava trombone;*

Amadeu Martins tocava clarinete;

José Dias Vida tocava cornetim;

Manuel Ferreira tocava saxofone alto.

8. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- *Nós tocávamos nas festas da nossa freguesia e freguesias vizinhas e também íamos tocar a festas mais longe.*

9. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- *Ensaiávamos num salão em frente à Igreja; ensaiávamos duas vezes por semana. Quem ensinava eram os regentes. Os ensaios corriam bem, pois tínhamos respeito para com os regentes.*

bibRIA

10. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- *Quem adquiria os instrumentos era a Banda.*

11. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- *Os instrumentos mais usados na altura, eram: clarinete, cornetim, contrabaixo, bombardino e bombo.*

Nome: *Olegário da Silva*
Idade: *89 anos*
Grau de escolaridade: *2º ano*
Profissão que tem ou já teve: *Agricultor*
Estado Civil: *Viúvo*
Morada: *Mamarrosa*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua

passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Estive na Banda de 1924 (com 14 anos) até 1990. Acho que era bom executante e tão apaixonado pela música que meti lá (na Banda) dois filhos (o Manuel e o Mário) e ainda agora lá meti duas netas, a Susana ou Susy e a Paula; lá é que eu me sentia feliz.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Eu toquei sempre clarinete; foi o senhor professor Jaime que me deu esse instrumento para eu tocar e aprender.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Lembro-me de ir tocar a Cantanhede, Curia, Tamengos, Escumalha (Vilamar), Mira, Pardelhos e íamos também a todas as terras por aqui à volta.

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Nasci na Caneira numa família de 9 irmãos, mas nenhum se interessou pela música, sendo eu, talvez, entusiasmado pelos músicos que na altura já havia na Caneira. Mas dos 4 rapazes lá da Caneira que vieram aprender comigo para a Banda, todos depois largaram e fiquei só eu.

5. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- O senhor professor Jaime era um grande chefe e um grande músico em tudo e em todos os aspectos; até era sempre convidado para os grandes saraus musicais em que tocava violoncelo e rabecão; bom professor (mas não resistia a compor música enquanto via contas ou ditava aos miúdos); boa pessoa, pois até era juiz de paz; sabia expor as suas razões e apaziguar.

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- O senhor professor Jaime era o melhor regente.

O filho José era também bom músico e bom chefe, mas não sabia administrar.

bibRIA

O filho António era bom, mas um pouco brando.
O filho Orlando não era tão bom como o José e também um pouco "passa culpas".
O senhor Dr. Silas Granjo, melhor que o António e o Orlando , mas inferior ao senhor professor Jaime e ao filho José.

7. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Tocávamos no coreto e o povo aplaudia muito e então até reinavam. Para Tamengos, Cutia, Mita e outras localidades próximas, íamos a pé ou de bicicleta (isto antes de 1940). Uma vez na Gafanha, tivemos de ir tocar à Costa Nova: os que podiam, descalçaram-se, arregaçaram as calças e passaram para o outro lado da ria. Como o Camarneira era mais pesado, um colega músico teve de o levar às costas. De outra vez, quando fomos tocar a Paredes de Coura, alguns músicos tiveram de ficar debaixo da ponte, em Ponte de Lima.

8. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Sempre houve entusiasmo, quando a Banda estava em boa forma, mas nos seus baixos, as pessoas não ligavam muito.

9. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Sim, mas são os mesmos que já nomeou o senhor António Teixeira Vida.

10. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Nós íamos para a Banda por gosto e também para nos distrairmos. Gostávamos de agradar às pessoas e cada actuação era um prazer.

11. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Quando entrávamos para a Banda, ou dávamos o serviço de 40 festas para farda ou dávamos apenas 20, mas tínhamos de a comprar do nosso bolso. Ganhávamos aí uns 100$00 ao mês e mais tarde 200$00. Nos anos 40, a Banda levava aí uns

bibRIA

500$00 por festa.

12. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Começámos por ensaiar na própria casa do senhor professor Jaime. Depois fomos para o Clube ou Salão que o senhor professor Jaime fez (frente à Igreja), mas o senhor professor Jaime teve de o vender.

Também estivemos na Trabuqueta, já com José de Oliveira (a Trabuqueta era um salão de dança que já tinha albergado uma escola primária.) A seguir fomos para a casa do sítio dos CTT, no tempo do senhor professor Orlando, mas essa casa era muito acanhada.

Também ainda estive no meu tempo, na antiga casa da Paróquia, com o senhor professor Orlando e com o senhor Dr. Silas.

Os ensaios eram às terças e às sextas feitas, pelas 21 horas até à meia noite.

13. Diga mais o que entender.

a) Quando havia grandes despiques, o senhor professor Jaime fazia ensaios extras, mesmo no seu próprio pátio (da sua habitação) onde espalhava as estantes com as respectivas partituras.

De uma dessas vezes fomos a Seixas do Minho. Aí a nossa Banda (em despique com a do Trovisca), do irmão do senhor professor Jaime, o senhor professor José), deu um autêntico "shou" e então o senhor professor José, dizendo asneiras, clamava para os músicos dele- "Oh! Almas do catralho, olhem, digam agora que eles não tocam bem. Digam!"

b) Fazíamos festas todos os anos, só para nós, numa espécie de homenagem à música, pela altura das comemorações da fundação. Nesse dia , não tocávamos nada, mas sim, confraternizávamos uns com os outros: havia então cestas de tremoços, ceitas de figos secos, padas de pão e vinho.

c) Lembro-me ainda ter sido presidente da direcção da Banda, talvez por volta de 1965. Tinha a responsabilidade do instrumental e colaborava na manutenção da ordem e da disciplina. O músico Mário Rainho era o tesoureiro e o Manuel Rodrigues da Silva (Rameiritas) era o secretário.

Aliás, pelo menos no tempo da regência de José de Oliveira, também já havia tesoureiro; foi então tesoureiro, por exemplo, Manuel António Canas (pai do actual executante Álvaro Canas).

bibRIA

Nome: *Amândio da Silva*

Idade: *87 anos*

Grau de escolaridade: *4º ano*

Profissão que tem ou já teve: *lavrador*

Estado Civil: *Viúvo*

Morada: *casa dos filhos*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Eu tinha 8 anos quando comecei a aprender música, portanto, aí por volta de 1920 e toquei até 1981 e também toquei no jazz dos Libórios.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Eu tocava flauta no jazz e saxofone soprano na Banda, mas ainda toquei os outros saxofones, quando havia falta dos músicos desses saxofones.

bibRIA

3. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- O senhor professor Jaime era um homem forte que ensaiava e dirigia bem.

4. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- O filho do senhor professor Jaime, o José, também era muito bom regente. Os outros dois filhos, o António e o Orlando não eram tão bons.

5. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Do que mais me lembro é das actuações no Norte, que era também onde eu mais gostava de ir.

6. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- *Conheci o senhor David Ferreira que era um bom trompista e também me lembro do músico senhor Camarneira.*

Observação:

Este músico teve uma trombose; quando o abordámos, estava na fase de recuperação, daí a sua dificuldade em se expressar e também a razão pela qual, pelo menos desta primeira vez, o não quisemos importunar em demasia.

Nome: *António Rodrigues Silva*

Idade: *80 anos*

Grau de escolaridade: *4º ano*

Profissão que tem ou já teve: *agricultor*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Rua das Quintas 64 Malhapãozinho*

bibRIA

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- *Desde 1938 até 1954.*

2. Que instrumento tocava e porquê?

- *Bombardino porque gostava dele.*

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- *Recordações boas; bons colegas, bons maestros.*

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à música?

- *Não tenho.*

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- *Foram os colegas que me incentivaram; um simples gesto de escutar e tocar música, ainda hoje*

representa uma paixão para mim.

6. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- O senhor Jaime Oliveira foi meu professor de Escola Primária. Como professor era muito exigente, como músico era um grande mestre, como homem era muito respeitado na Freguesia. A paixão dele era violino; era mais músico que professor.

O José do Troviscal era melhor regente que músico e o irmão Jaime era mais músico que regente.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Conheci o senhor Jaime de Oliveira, o filho José Oliveira e o filho António Oliveira. Na minha opinião o José Oliveira foi o que mais deu à Música. Os músicos abusavam um bocado com o António.

bibRIA

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Sim, lembro-me de muitas, tais como: com a música de Fafe, de Pinheiro da Bemposta e de Salzeu. Com a de Fafe foi no Minho. Lembro que o nosso transporte era a bicicleta. Só para o Minho fomos de comboio.

9. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Uns reconhecem, outros não.

10. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Quando entrávamos, tínhamos de andar meio ano sem ganhar nada ou fazer 18 serviços de graça; os músicos também descontavam para instrumentos e consertos e pagavam a farda, portanto, tocavam por gosto; ainda hoje é a minha grande paixão.

11. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Um serviço no meu tempo , por exemplo, um funeral eram 800$00. De três em três meses, nós recebíamos uns 300$00 ou 400$00.

12. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Comecei a ensaiar no Salão, depois de vendido, fomos para a casa de Francisco dos Bózios (onde hoje são os CTT, aqui há muito tempo) e depois estivemos na casa da Escola Feminina.

13. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Todos descontavam para os instrumentos e estes eram da Banda.

14. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Por exemplo, o saxofone barítono (pesa 7 Kg), o oboé e o tímpano (dá umas voltas); a Banda da Mamarrosa não tinha o tímpano, mas a do Troviscal tinha um tímpano e usava-se cornetim (tocavam-no o Pedro Domingues, o António Santos e Álvaro Ribeiro). Hoje na vez do cornetim há as trompetes.

biblRIA

15. Diga mais o que achar de interesse.

- Ainda hoje gosto da Música e adoro ir ver os ensaios; chorei quando me vim embora e ainda hoje choro ao ouvir a Banda.

Lembro-me de várias peças tocadas antigamente:

- *Guarani de Carlos*
- *Barbeiro de Sevilha*
- *Cavalaria Rusticana*
- *Cavalaria ligeira*
- *La France e hino da Franca*
- *Cármen*

Nome: *Manuel de Lemos*

Idade: *79 anos*

Grau de escolaridade:

Profissão que tem ou já teve: *Proprietário*

Estado Civil: *Viúvo*

Morada: *Feiteira*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Fui aprender por volta de 1929 na Banda do Troviscal, onde toquei trompa e contrabaixo até à morte do seu mestre, em 1944. Em 1945, fui para a Banda de Fermentelos e em 1947, fui para a da Mamarrosa onde estive até 1970. Toquei também na Banda Amizade 17 anos (de1973 ate 1990). Em Fermentelos toquei saxofone barítono e contrabaixo; na Mamarrosa, também toquei saxofone, barítono e contrabaixo (depois da morte do músico Duarte Pato dos Penedos). Na Banda Amizade de Aveiro só contrabaixo. E tocava barítono nas missas. Tocava esses instrumentos, porque gostava e tinha jeito.

bibRIA

2. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- No tempo do regente António de Oliveira, por volta de 1958, fomos tocar próximo da fronteira com Espanha, no Minho e lembro-me que no despique com outra Banda, a Banda da Mamarrosa foi muito aplaudida.

3. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à música?

- Tenho mesmo meu, ainda, um saxofone baixo; pois tocava os saxofones e o barítono.

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Comecei a gostar de música, porque o Sr. Professor José de Oliveira, na escola, entusiasmava os meninos para aprenderem e o meu pai também gostava.

5. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar:

Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Conheci o senhor professor Jaime, mas não toquei com ele na Mamarrosa, pois nessa altura ainda tocava no Troviscal.

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Jaime e José de Oliveira, António de Oliveira e Orlando Pato. O Jaime, não conheci como meu regente. O José era o mais competente. O António dirigia e ensinava, mas sem o pulso do pai. O Orlando tinha jeito para a batuta, mas menos para ensinar.

7. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Lembro-me fazer muitos trabalhos no concelho de Anadia, Oliveira do Bairro e Cantanhede: tudo por aqui à volta.

8. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Tocávamos por amor à Música, não pelo dinheiro. Não faltávamos: íamos de bicicleta e de fatnel, todos entusiasmados.

9. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Ganhávamos muito pouco.

10. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Não sei e eram instrumentos antigos que passavam de uns para os outros.

Nome: *Jaime da Silva Cravo*
Idade: *77 anos*
Grau de escolaridade: *4º ano*
Profissão que tem ou já teve: *Agricultor, aprendiz de serralheiro e comerciante*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Amoreira da Gândara*

bibRIA

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Comecei em 1938 com o Sr. Professor Jaime de Oliveira e estive até 1951 (já com José e Antónia de Oliveira, filhos do senhor professor Jaime). Fui para Angola onde estive de 1951 a 1974; quando voltei, ingressei de novo na Banda até 1978. Também toquei na Banda Amizade de Aveiro desde 1976 até 1988; toquei sempre até poder.

2. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- A Banda era tudo para mim, era a minha vida; não tinha outra diversão. Estava acima de tudo; não sei jogar cartas, não jogo nada; para mim só contava a Banda. Ainda hoje a acompanho sempre até onde posso.

3. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- O meu pai, Manuel da Silva Cravo, da Quinta da Fala, tocava violino muito bem, harmónio e bandolim banjo. Era muito bom músico; aliás, em rapaz, tinha tocado em conjuntos aqui da zona, isto tudo nos princípios; do século xx. Era natural que eu muito cedo aprendesse a viver com a música. Como já afirmei, era e é tudo para mim.

4. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Conheci o senhor Professor Jaime, como disse atrás. Tinha profundos conhecimentos musicais. Muito humano, tocava tudo, pelo menos de cordas.

5. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- O Sr. Jaime era muito bom músico e regente. Mas, o filho José, como era rapaz novo, ainda era mais dinâmico e activo do que o pai e até mais exigente. Fazia sobressair a qualidade da música. O António e o Orlando, habilidosos, mas não tinham a preparação nem do José nem do pai

bibRIA

6. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Lembro-me de uma vez que fomos tocar a Miza: era regente o Sr. Professor Orlando, então muito jeitoso e bom dirigente; tocámos a peça "Poet et Paysan" e a outra Banda, a de Carregosa (Oliveira de Azeméis), respondeu com a peça "1812". O meu pai, Manuel da Silva Cravo, que estava presente, até comentou "Que boa resposta!" Realmente foi um despique de categoria.

7. E hoje, que ideia faz da Banda actual?

- É totalmente diferente da do meu tempo. O maestro actual tem uma formação específica; é um profissional. E as condições também são muito diferentes.

8. Que futuro será o da Banda , no seu entender?

- Espero que ela esteja num momento de crescer e seja capaz de atingir um ponto máximo, alto; tem maestro, músicos e apoiantes. E também tem as condições para singrar.

bibRIA

Nome: *Manuel Evaristo Azenhas*
Idade: *77 anos*
Grau de escolaridade: *4º ano*
Profissão que tem ou já teve: *Agricultor*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Quinta do Cavaleiro*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa ,de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Pertenci à Banda da Mamarrosa depois que faleceu o senhor professor Jaime, fazendo anteriormente parte da Música nova. Com a morte do senhor professor Jaime, o José (filho), suspendeu a nova para se agarrar à velha e aproveitou alguns dos novos. O primeiro serviço que fiz, foi no funeral de Miguel Capão (Caneira); o último, foi o funeral da sogra de João O. Neves (Mamarrosa), em 26/ 12/ 1981.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Comecei por trombone; passados alguns anos, por motivo de necessidade passei a tocar bombardino.

Mais tarde com a saída de Carlos Oliveira para África, tive que me adaptar a trombone e finalmente o senhor Dr. Silas passou-me a 1º trombone.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Com a saída de José "novo" para a Guiné, tivemos que pedir ao tio José "velho", do Troviscal, que nos ajudasse na noitada de Pentes, no dia 8 de Setembro, que era com a Banda de Friamunde. Ele veio fazer um ensaio; tinha grande repertório, mas, tanto ele como o Sr. Jaime, faziam modificações. No final do ensaio, disse o Sr. Professor José: - "Pode ser eu cortar para fim e vocês ficarem a tocar ou vice versa". Foi o que aconteceu.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Não tenho qualquer papel ou objecto alusivo à música, mas sim, ficaram na Banda com uma trompete minha que eu emprestei e que não mais me voltou à mão e foi emprestada ao senhor professor Orlando para um músico novo, que queria executar na Banda. Disseram-me que esse músico amolgou a trompete e entregou-a. Passado tempo, mandaram reparar instrumentos e disse-me um músico que esse trompete estava na posse de um músico que faz parte da Banda, mas não executa essa instrumento. É falou-se nesse tempo que comprou instrumentos no Troviscal, o que eu não acredito...

bibRIA

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Apaixonei-me por música, por ver e ouvir músicos tocar, o que tanto gostava. Resolvi na altura em que o José do Sr. Jaime (assim lhe chamávamos), andava a ensinar solfejo e a escala dos instrumentos, aproveitando para me ensinar.

6. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Conheci o senhor professor Jaime de Oliveira como professor, que foi o meu primeiro professor, até viz a senhora professora Irene Graça, que era do Porto. O senhor professor entretinha-se mais com a música. Como músico, não conheci bem, porque nunca toquei sob a sua regência, mas ouvia dizer bem. Como homem era boa pessoa, convivia com toda a gente.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Quanto a regentes, conheci: o fundador senhor professor Jaime, os filhos José, António e Orlando e ainda o senhor Dr. Silas. E ainda, quando um destes maestros faltava, tínhamos o ti Pato de Amoreira. O que eu notei durante o tempo em que toquei, foi que o José era mais activo que qualquer outro.

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Lembro-me duma noitada que fizemos em Arrancada do Vouga, tivemos que passar em Águeda onde havia o posto P.V.T. (Polícia de Viação e Trânsito) e o Camarneira não tinha luz na bicicleta. Pensou comprar uma vela de cera para acender ao passar pelo posto, mas a vela apagou-se e ele seguiu. A polícia esteve lá dentro a ver-nos passar. Outra vez, fomos fazer festa no Domingo de Páscoa, à Cavilhã, onde havia tantos cavalos e burros a seguir a procissão, que o Camarneira achou tanta graça, que disse - "Para o ano, se a Banda não tiver serviço, venho cá à festa".

Fazíamos uma coisa muito linda e comovente que era o "memento aos mortos"; era junto ao corpo na igreja e depois no cemitério. Tenho muita pena que já não se faça.

9. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Conheci apenas um músico da fundação que foi David Ferreira. Tocava trompa e era bom como músico e como companheiro; além do Camarneira.

10. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- O nosso principal objectivo era sair de casa, conviver com a malta e conhecer terras e as gentes que as habitavam e o modo de viver. Representava para nós animação quando a animação era perfeita.

11. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-

bibRIA

se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- *O que se ganhava e nada era quase a mesma coisa. Andávamos na Banda mais por desporto e não porque se ganhava. Lembro-me de um funeral que fizemos na segunda-feira de Páscoa em Marmeleira do Botão, da sogra de Emitério Fernandes que era da Palhaça e estava ausente no Brasil. Deram-nos conta do serviço de manhã e lá arranquei eu e alguns músicos que conheciam o caminho. Outros foram de comboio até Pampilhosa e o que eu admirei, foi ao executar o "memento" à porta da defunta, toda a gente à nossa volta a apreciar e lá seguiu o funeral até à porta do cemitério, onde pediram para repetir o dito "memento".*

12. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- *Quando ensaiávamos, era praticamente de noite e não havia local fixo: foi no salão de bailes que era do Sr. Manuel Ferreira, foi encostado à cabina eléctrica onde estão instalados os Correios; foi na casa da senhora Leopoldina (mãe da professora D. Maria José Pato), onde outrora deu aulas a senhora professora D. Cacilda e mais tarde na residência paroquial. Quem ensaiava era o mestre nessa altura.*

bibRIA

13. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- *No início da Banda, não sei; quando eu fiz parte, iam a Coimbra e ao Porto comprar e consertar e as despesas eram pagas pelos músicos*

Nome: *Ismael da Silva Cravo*
Idade: *74 anos*
Grau de escolaridade: *4º ano*
Profissão que tem ou já teve: *Industrial de Hotelaria*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Rua João Mendonça, Aveiro*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- *Comecei a aprender com José de Oliveira, no tempo em que o senhor professor Orlando também andou, aí por volta de 1936 e ainda toquei na Banda no tempo do senhor professor Jaime. Morto este mestre, continuei sob a regência de José de Oliveira e de António de Oliveira até 1948,*

ano em que fui para Angola e desde então não voltei a tocar.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Sempre toquei trompete, mesmo na orquestra Aliança de que fiz parte aqui, durante algum tempo.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- No tempo em que fiz parte da Banda, a música, era tudo para mim, não havia outro lazer, criava sentimentos próprios, tornava-se até num vício, a ponto de chorar quando ouvia tocar os meus colegas nalgum serviço em que eu não estivesse presente.

4. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Lembro-me de ir tocar a Perrães, Avelãs de Caminho, Aguim, Bustos, Palhaça.

bibRIA

5. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Ensaiávamos sempre na sala que havia no local onde hoje funcionam os CTT.

6. Diga mais o que achar de interesse.

- Eu cantava nas missas e outros actos litúrgicos e ainda hoje afirmo com orgulho que não havia nas redondezas, uma orquestra do nível artístico da do senhor professor Jaime, que atingiu um nível de prestígio difícil de igualar; era extraordinária.

Como já disse, em 1948 (com 22 anos) parti para Angola; não voltei a tocar, mas para mim é um grande gosto e um belo sentimento ouvir a Banda.

Nome: *Ramiro dos Santos Pereira*

Idade: *72 anos*

Grau de escolaridade: *4º ano*

Profissão que tem ou já teve: *Proprietário, agricultor*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Carvalha, Troviscal*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Ingresso - 1920-1952. Mas de 1976 a 1982, interrompi a minha carreira na Banda enquanto estive ausente do País: Foi uma experiência proveitosa, recheada de boas recordações; lembro com saudades, ex-colegas e principalmente os Maestros com quem trabalhei.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Toquei requinta 12 anos e mais tarde clarinete, isto na Banda; toquei saxofone baixo em orquestras.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Naquele tempo os colegas mais idosos respeitavam os mais novos, recomendando boas acções de bom comportamento: pela parte dos mais novos, aceitávamo-los como que se viessem dos próprios pais.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Só de memória.

bibRIA

5. Como nasceu a sua paixão pela música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Desde criança que gostei sempre de música; aos 10 anos, começou a minha aprendizagem no solfejo com o Sr. Jaime de Oliveira, professor na Escola onde eu fazia a instrução primária. Toquei nas orquestras no Ultramar, (Angola) e Banda. Toquei 6 anos na Banda Amizade de Aveiro: Toquei 16 anos na orquestra Nova Aliança de Vilarinho do Bairro, donde me desliguei, atendendo à vida que tenho.

6. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Conheci o Prof. Jaime de Oliveira, tinha eu 7 anos, quando fui aluno dele na instrução primária; não o conheci como músico, só como Professor de Música; lembro-me de o ver e ouvir tocar violino, mas com certeza que sabia tocar todos os instrumentos; como homem, sabia-se e fazia-se respeitar.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Tenho vagas lembranças do Professor Jaime de Oliveira como regente : do filho José desse é que tenho lembranças dele, pois fui seu discípulo como executante e colega de orquestra em África. José de Oliveira era exigente na execução e activo no apuramento da boa execução. Foi um grande homem como executante.

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Lembro muitas actuações da Banda no tempo do José Pato: locais e até episódios sempre aconteciam . Recordo que fui a uma actuação em Pessegueiro do Vouga que nos levou a dormir lá. No fim da noitada, fomos dormir num salão em cima de uma oficina de carpintaria que fazia caixões (urnas). O falecido António Oliveira, o Professor, foi dormir dentro dum caixão que estava já almofadado.

bibRIA

9. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Qualquer pessoa bem formada tem que reconhecer que a Banda numa freguesia é o maior veículo de cultura das suas gentes. Para mim a música é a arte marcial, é uma arte que nunca se esgota, ela tem sempre que aprender.

10. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Recordo com saudades os nomes do Ti Pato da Amoreira, David Ferreira e irmão Manuel Ferreira da Caneira, Amadeu Martins , Duarte Pato, Manuel Ribeiro, Manuel Domingues, e tantos outros que eram respeitados pelos mais novos, embora nem todos fossem fundadores.

11. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Naquele tempo nós íamos a pé; o nosso objectivo era tocar e conhecer terras como: Aguim,

Beira Alta, Serras, toda a Baixada. Não havia cansaço: muitas vezes de bicicleta e até a pé descalço, nós íamos sempre com vontade de chegarmos à hora e tocarmos; para satisfação dos compromissos.

12. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Nas Bandas, os tostões que se ganhavam eram poucos ; nas orquestras, aí sim pagava-se um salário acima do normal, o que ainda hoje acontece. De Lisboa até ao Norte de Portugal, passando por toda a Beira Alta e não só, incluindo um pouco de Espanha, França e Alemanha, passei por muitas terras e conheci muito que, se não fosse a música , nunca teria oportunidade de ver.

13. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Ensaiávamos no local onde se encontra instalado o actual Mónaco, no velho clube frente à Igreja Matriz, e onde se encontram instalados os Correios. Ensaiei com o Sr. Professor Jaime, filho José Pato e António Pato. Mais tarde com o Dr. Silas no Vale (casa da Paróquia).

biblRIA

14. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Eram comprados com o dinheiro que a Banda ganhava; que eu saiba, naquele tempo não havia comparticipações; retirava-se do ordenado distribuído , meia percentagem destinada a essas despesas.

15. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Os instrumentos eram os que se usavam naquela altura, menos sofisticados, de acordo com a técnica da época, mas os naipes eram compostos por instrumentos da mesma categoria, menos práticos porque a técnica não era tão aperfeiçoada como a que hoje temos.

16. Diga mais o que achar de interesse.

- No meu modesto entender, penso que o gosto pela música nasce com a pessoa; ela cultiva-se, mas o executante tem que a sentir: Outra chamada: a música é uma arte que não tem fim, penso que na música o executante tem sempre que aprender;

a música é uma arte cuja riqueza não tem limites.

- *Nota breve:*

Hoje tudo é mais fácil

Há ensino académico; conservatório

Há meios de comunicação rápidos e fáceis

Há ajudas alimentares

Há subsídios que financiam em parte as despesas com a manutenção das organizações

Naquele tempo, as despesas com a Banda eram suportadas à custa dos lucros da Banda e só os restos eram divididos pelos executantes. Nunca o executante usufruiria dum ordenado que compensasse o seu tempo e esforço perdido. A música era mantida pela própria carolice e amor dos músicos. Há 60 anos um concerto diurno ou nocturno com duas Bandas era acontecimento que atrastava milhares de pessoas para assistirem ao despique, e os elementos que mais intervenções tinham nos difíceis papéis, eram fortemente apoiados, daí o brio com que alguns executantes procuravam êxito na execução dos seus papéis. Tocavam-se obras difíceis como "Gatita Blancey", "Revoltosa", "Viúva Alegre", "Barbeiro de Sevilla", "Cavalaria Rusticana", "1812 (mil oitocentos e doze)", "Cavalaria Ligeira", e tantos outros clássicos.

biblRIA

Nome: *Manuel Francisco da Conceição*

Idade: *72 anos*

Grau de escolaridade: *4º ano*

Profissão que tem ou já teve: *Agricultor*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Melada, Moinho do Maio, Vilazinho do Baixo*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Andei na escola de Banhos e tinha aí os meus colegas que foram aprender música e eu então pedi muito ao meu pai para me deixar ir com eles. E assim foi; aprendi o solfejo com o músico Manuel Augusto Azenhas, que morava no Esteireiro (Azenha), pois casou aqui (era da Quinta do Cavaleiro, primo de Evaristo Azenhas). Depois o instrumento (cornetim), fui aprender com

outro músico, José Gaio de Bemposta, de forma que toquei desde 1942 até 1953. Nessa altura morreu na Mamarrosa o irmão dos músicos Mário Rainho e Martírio Rainho (Amândio Rainho). Fiquei tão chocado com o funeral, que cheguei a casa, poisei o instrumento e não voltei a tocar. E como tinha muito trabalho, só voltei à Banda por volta de 1965, mas retirei-me de vez por volta de 1969.

Como gostava muito de tocar, ainda fiz parte de conjuntos e até fundei aqui um em Paredes do Bairro, "Nova Aliança". Executámos peças muito bonitas de antigamente e fazíamos serviços religiosos, como participar em missas. Agora que já não posso, até já pedi ao antigo colega de Banda, Ramiro Pereira, para vir para este conjunto para ele não morrer.

Observação: Ramiro Pereira veio, mas diz (agora em Maio de 2000) que também tinha de desistir: era longe e já não aguentava.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Comecei por tocar cornetim. Nos anos 50, os músicos da Caneira saíram e então ficaram alguns instrumentos e foi assim que consegui uma trompa que passei a tocar. E também tocava contrabaixo que eu próprio comprei à minha custa.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Guardo muito boas recordações da Banda: havia camaradagem, amizade e passámos bons momentos juntos; ainda hoje vou ver a Banda da Mamarrosa, quando sei onde ela vai tocar.

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- A minha paixão pela música nasceu com a convivência com os meus colegas da escola primária dos Banhos, como já disse. Eles iam aprender e eu ambicionava muito fazer o mesmo. E consegui, embora tivesse de ir sempre a pé, quando andei a aprender.

5. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Só conheci o senhor professor António de Oliveira Pato, que foi sempre regente da Banda, durante os dois períodos de tempo em que lá andei.

bibRIA

6. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Eu só queria tocar que era o que eu gostava. Dávamo-nos muito bem uns com os outros, éramos bons amigos, contávamos histórias, sempre que nos reuníamos... Enfim, sentíamo-nos felizes.

7. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- O que ganhávamos e nada, nada era. Nesse tempo, a Banda levava por uma noitada 800$00 e por um funeral 400$00.

8. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Ensaiávamos sempre na casa velha que havia onde hoje há os correios.

Nome: *Washington da Silva Micaelo*
Idade: *70 anos*
Grau de escolaridade:
Profissão que tem ou já teve: *Agricultor*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Quinta do Cavaleiro*

bibRIA

1. Já foi executante na Banda. De quando até quando?.

- Desde aquele ano em que mataram um senhor de Bustos no campo do Portinho, até ao ano em que não fizemos parte das festas da terra, de 1945 até 1948.(talvez) e de 1984 até 1989.

2. Fale da sua passagem pela Banda: ensaios, actuações, convívios.

- Recordo que foi no tempo em que foi regente o Sr. Professor António de Oliveira.

3. O que representava para si ?

- Pensava chegar a ser um elemento como qualquer outro; só que não havia muita possibilidade

4. Se conheceu algum dos músicos fundadores, diga os seus nomes e o que souber mais sobre eles.

- Fundadores da Banda creio que David Ferreira e Camarneira eram os mais

antigos. Mas não fundadores, conheci o Ti Pato e o Artur Canteiro

5. Guarda desses tempos alguns papéis, fotos ou outros documentos?

- *Não. Como as casa dos meus pais estiveram desabitadas vários anos, os ratos foram os seus habitantes e destruíram tudo*

6. Se souber de qualquer peripécia (digna de registo) dos seus tempos de músico, conte-a, por favor.

- *Recordo que num ensaio, o mestre António de Oliveira mandou dar o "lá" para afinar os instrumentos e um dos músicos deixou escapar um traque. Diz o maestro – "Saiu desafinado"!!*

7. Fale do instrumento que tocava. Como o adquiriu e que relação tinha com ele.

- *Tocava trombone; foi-me fornecido pela Banda. Cuidava-o o máximo como se fosse de minha propriedade.*

bibRIA

8. Que pensa da Banda actual?

- *Julgo, de maneira pessoal, que tem muita gente nova que eu admito e que, possivelmente se forem todos munidos do mesmo objectivo, a Banda chegará a ser das muitas Bandas dignas de serem observadas e prestigiadas. Onde for a Banda, dará nome à Mamarrosa.*

Nome: *Manuel Pereira*
Idade: *68 anos*
Grau de escolaridade: *2º ano*
Profissão que tem ou já teve: *agricultor*
Estado Civil: *casado*
Morada: *Póvoa do Forno, Troviscal*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- *Aos 15 anos de idade, ou seja, em 1946 (com António de Oliveira), comecei a ser músico efectivo da Banda da Mamarrosa até meados de Abril de 1955 (regia José de Oliveira); em*

1964 (era Orlando Dato que regia e eram poucos músicos). E voltei a alinhar em 1980 com o Dr. Silas.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Nessa altura tocava requinta. O meu irmão Ramito que também tocava requinta, emigrou para África e eu fiquei a substituí-lo.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Boas recordações ficaram dos tempos da música, pela camaradagem, amizade. Sobretudo os mais velhotes tratavam-me com o maior mimo e respeito. E eu lhes guardava também o meu maior respeito.

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Quando era garoto miúdo, eu fazia as minhas próprias flautas de cana, onde tocava parte das cantigas da tua que ocorriam na altura. E daí me entusiasmei por vir a aprender o solfejo e ser um músico da Banda da Mamarrosa.

bibRIA

5. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- O Sr. Jaime de Oliveira foi meu professor de história na primeira e segunda classes, altura em que ele morreu. Como professor e como homem muito disciplinado; no entanto , por vezes, dedicava-se na escola a ocupar grande parte do seu tempo a escrever música.

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Quanto a regentes, tenho a informar que toquei sob o regime de António Oliveira e a certa altura, quando José Oliveira veio de África, também toquei por um pequeno período. E depois voltei a tocar sob a regência de seu irmão António Oliveira.

7. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Lembro-me de muitas actuações , desde Aveiro até Coimbra, por muitas terras. Lembro-me de episódios inesquecíveis, tais como este: Um dia fomos tocar a S. Lourenço do Bairro e à noite fomos para Sangalhos tocar na noitada com a Música Marcial de Fermentelos. Quando chegámos a Sangalhos, alguns músicos de Fermentelos disseram-nos que íamos levar umas "calças", porque não tínhamos requinta. O velhote, o Ti Canas, como eu o tratava, ficou nervoso e disse-me: "Pereirita, nós vamos de início tocar o "Kronget" que é para esses paivos verem que nós temos uma requinta, já que este passo doble tem um solo a requinta um pouco mexido".

Quando chegou o maestro António Oliveira, o Ti Canas abeirou-se dele e disse-lhe o que se passava e que ele tinha de começar o concerto com o "Kronget" na estante. Em resposta, ele disse que não ia tocar o "Kronget" porque eu o poderia deixar ficar mal. Então eu disse-lhe: "- Mal não deixo; eu responsabilizo-me pelo solo".

Nisto, começa o concerto com uma marcha de "Ouverture", esta lenta, pela referida Banda de Fermentelos. Em seguida, a Banda da Mamarrosa com "Kronget". O nosso maestro um pouco nervoso, talvez, puxa um andamento bem vivo e o solo saiu a cem por cento. Ora, no recinto havia alguns serreitos de Lourão, Chelo e de Penacova, entre tantos que aplaudiam a nossa Banda. E, principalmente os serreitos atiravam casacos e chapéus, a par com tantos aplausos, até que viraram uma mesa de doces no chão e armou-se ali uma grande confusão.

Em seguida, a Banda Marcial teve o azar de falhar um solo a trompete e fazer uma actuação de miséria.

Isto é um episódio que jamais esquecerei.

8. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Em 1955 emigrei para o Canadá e em 1980 voltei a Portugal, onde fui convidado pelo maestro Silas e alguns colegas antigos para voltar a participar na Banda, onde reconheci que os meus colegas ainda me davam valor. Eu não pude negar-me a participar na Banda e também pelo amor que sentia pela mesma, desde o passado.

9. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

bibRIA

- Como músicos antigos, foi de meu conhecimento com quem fiz ainda parte, o Ti Pato_Bombo; Rameiras_Pratos, o Ti Canas_Tuba, o Ti Duarte_Contrabaixo e outros, mas todos não fundadores.

10. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- O nosso objectivo era o prazer de representar a nossa Banda e levar o nome da Mamarrosa onde quer que chegássemos.

11. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Quanto ao valor que ganhávamos, não era nesse tempo coisa que recompensasse o nosso esforço, pois um serviço nesse tempo poderia pagar uns 30 a 40$00 por cada festa normal, arraial, procissão e tardada.

12. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Quanto aos ensaios da Banda, de meu conhecimento, sempre decorreram na casa de ensaio junto à cabina eléctrica da Mamarrosa (onde estão os CTT); sempre fazíamos ensaios a partir das 9 horas da noite e decorriam sempre com normalidade e o ensaiador era sempre o maestro que ensinava.

13. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- A maior parte dos músicos tocava com os instrumentos fornecidos pela Banda, mas de minha parte, sempre toquei com o meu próprio instrumento.

14. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Todos os naipes eram compostos com todos os instrumentos necessários para o equilíbrio de uma boa tonalidade tal como: clarinetes, trompetes, trombones; diversos baixos tal como: tuba, contrabaixo e outros.

15. Diga mais o que achar de interesse.

- O que eu acho de interesse dizer é que a música é o desporto mais rico e mais belo que nós podemos ter na vida.

bibRIA

Quando na vida poderia ter uma atrelia por qualquer coisa e eu pegasse no instrumento a correr para a música, nada de mais feliz me poderia passar pela cabeça.

Nome: *Martírio Rainho*
Idade: *68*
Grau de escolaridade: *4ª Classe*
Profissão que tem ou já teve: *Alfaiate*
Estado Civil: *casado*
Morada: *Quinta do Gordo - Mamarrosa*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Desde 1948 até 1955. Nesta altura fui operado ao estômago e deixei a Banda.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Cornetim, depois trompete; eram instrumentos velhos, e era o que havia disponível.

bibRIA

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Não tenho recordações más. Foi uma bela experiência.

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Toda a gente gosta de música e eu não sou excepção.

5. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- O professor Jaime de Oliveira morreu quando eu tinha 10 anos, por isso tenho poucas recordações dele.

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais

significativas de cada um.

- *António Oliveira, professor Orlando Pato e José de Oliveira, este último era bastante bom.*

7. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- *Penso que sim.*

8. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- *Lembro-me do David Ferreira – tocava saxofone-trompa e do Manuel Martins "Priminho" – tocava saxofone baixo.*

9. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- *Não andava na Banda por dinheiro.*

bibRIA

10. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- *Numa pequena casa junto à cabine, onde hoje estão os Correios. O senhor Armando ensinava o solfejo. Mais tarde os ensaios eram no Salão de bailes do Sr. Manuel Ferreira.*

11. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- *Não me recordo.*

12. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- *Os mesmos de hoje.*

Nome: *Mário da Silva Rainho*

Idade: *64 anos*

Grau de escolaridade: *4ª Classe*

Profissão que tem ou já teve: *Industrial de Construção Civil*

Estado Civil: *casado*

Morada: *Rua da Lagoinha, n.º 3 Mamarrosa*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Fiz parte da Banda Filarmónica da Mamarrosa desde 1949 até 1987 (38 anos); em outros tempos íamos de bicicleta e com os instrumentos às costas e ninguém faltava. E por vezes até para muito longe, por exemplo, até Casal Comba, próximo da Mealhada e Seixo de Mira. E quando eram dois dias de festa, ficávamos lá a dormir

2. Que instrumento tocava e porquê?

- No primeiro ano toquei flautim no tom de ré bemol, ou melhor, no ano de 1947 flautim; de 1948 até 1978 toquei sax alto e do ano de 1979 até 1987 toquei saxofone tenor.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Tenho recordações algumas boas e outras menos boas, como tudo na vida. As boas: quando tocávamos com outras Bandas nas noitadas ou quando se faziam procissões com duas Bandas; eu gostava muito ou até quando eu fazia parte da orquestra da Banda, nas missas das festas.

As menos boas ou até muito más: era quando havia duas orquestras, por fora da Banda, mas com elementos da Banda como acontecia com os Libórios das Quintas e Odeon da Caneira que não se entendiam e por vezes quase acabavam com a Banda, mas isso o Ti Armando Vida sabe explicar melhor do que eu.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Eu em meu poder só tenho alguns papéis de sax tenor que eram da banda (marchas) e fotos só tenho destas agora mais recentes.

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Eu sempre tive muito gosto pela música e para mim a música desde que não seja muito barulhenta, cria muita paz e tranquilidade no meu espírito. Eu devo dizer que por vezes tenho dificuldade em dormir de noite e depois do primeiro sono; mas ligo o rádio que tenho na mesa de cabeceira e ponho-o a tocar muito baixinho e acabo por adormecer. Sem esta música não me seria possível adormecer, portanto, para mim é o melhor tranquilizante que pode haver.

bibRIA

6. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- O senhor professor Jaime de Oliveira quando faleceu eu tinha 5 anos, mas tenho uma vaga ideia de estar ao colo da minha mãe e ver um homem muito forte e grande em pé no coreto numa noitada de festa de S. Sebastião com um pau na mão. Na altura fiquei muito admirado: porque é que tinha de estar ali um homem com um pauzito na mão para um lado e para o outro. Só depois mais tarde, quando aprendi a música, vim a compreender.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Depois do Professor Jaime de Oliveira, os seus filhos: o José, o António e o Orlando e a seguir o Dr. Silas, o Juan Carlos, o Vítor Ferreira e por fim o Paulo Margaça. Como regente da Banda, achei-os todos bons. O António era pouco activo, mas criava um ambiente tão agradável! Normalmente antes de iniciar as festas, contava sempre umas anedotas novas que deixavam os componentes bem dispostos. O Paulo quanto a mim penso que é o mais completo porque desde que conheço a Banda, nunca a vi tão boa e tão afinada como agora.

bibRIA

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Recordo-me que no meu tempo fomos fazer um serviço ao Minho, em Paredes de Coura, a despique com outra Banda e o Orlando passou lá por ser filho do António. Regiam os dois intercalados e quando regia o Orlando, os do Minho diziam: - "Agora vai reger o filho". Quando regia o António, eles diziam admirados – "Agora vai reger o pai". Embora a Banda não estivesse naquela altura assim tão boa, os do Minho até gostaram bastante dela. E o que deu um bocado nas vistas, foi o Priminho da Quinta do Gordo, lá a tocar rabecão. Eles até tiveram de aumentar o coreto para o Priminho estar a tocar à vontade.

9. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Algumas pessoas têm reconhecido o verdadeiro valor da banda, mas eu penso que a maioria das pessoas dá mais valor a esses conjuntos que andam por aí que só

dão cabo dos ouvidos, todavia eu penso que estas pessoas que só gostam desses conjuntos bazulhentos, não dão valor à verdadeira música. A verdadeira música não fere os ouvidos das pessoas; pelo contrário, a verdadeira música dá saúde às pessoas.

10. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Conheci apenas dois e estes ainda foram músicos do meu tempo: Camarneira e David Ferreira e tocavam: o primeiro trombone e o segundo trompa, ambos da Caneira e na altura andavam ainda músicos mais velhos, mas diziam que não eram da fundação, tais como o Duarte Pato dos Penedos e Pato da Amoreira da Gândara. Era possível que ainda houvesse nessa altura músicos fundadores vivos, mas já não faziam parte activa da Banda.

11. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Uma actuação naquela época com a Banda representava um dia de alegria e prazer para os nossos ouvidos e ao mesmo tempo um dia de descanso porque nessa época trabalhava-se mais fisicamente e mais horas de trabalho e também porque gostávamos de tocar.

bibRIA

12. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Os trabalhos da Banda eram pagos trimestralmente aos músicos. Nos anos 60 e 70 recebíamos entre 250$00 a 300$00 nos trimestres de Verão porque nos trimestres do Inverno pouco se ganhava, a não ser um funeral de vez em quando. Houve uma fase em que ensaiávamos na antiga escola, na rua da senhora da Graça onde deu aulas a professora Cacilda e que era da família da Professora Maria José Pato e o dinheiro que recebíamos das festas de S. Simão era para pagar a renda à proprietária que começou por 300$00 e por fim era 1000$00, anual. O dinheiro daquela festa era sempre para pagar aquela renda.

13. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Os ensaios foram em vários lados durante o meu tempo: primeiro onde são agora os Correios, depois no Salão, em frente à Igreja, depois na Escola Feminina da Senhora da Graça, passou outra

vez para o salão, aliás no Salão ensaiou-se por vátias vezes, depois na casa Paroquial, Rua o S. Simão e por fim na actual Sala das Obras Sociais. No meu tempo os ensaios eram duas vezes por semana e duravam de 2 H a 2 H30 e os ensaiadores eram os mestres mencionados no ponto 7.

14. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- A maior parte dos instrumentos era da Banda, mas muito fracos e poucos eram dos músicos. Eu toquei algum tempo com instrumentos da Banda; por fim fui comprar um a Coimbra mais o Ti Armando Vida, à casa Olímpio Medina. O saxofone alto custou 6.000$00 e eu só tinha 1.500$00 e para o comprar, emprestou-me o Ti Armando Vida 4.500$00 que eu fui pagando a prestações, conforme eu podia. Naquele tempo não havia subsídios como há agora.

15. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Os instrumentos numa Banda são todos precisos; os mais usados são: (eu dizia por naipes): clarinete, requinta, flautas / cornetins, trompas, fliscornes / sax: altos, tenores, sopranos e barítono / bombardinos, trombones e trompa / contrabaixos, tubas / pratos, tarolos e bombo / sinos, ferrinhos, matracas e castanholas.

bibRIA

16. Diga mais o que achar de interesse.

- Eu penso que o que há de mais interesse, é dar sempre continuação à Banda e por isso é preciso tentar sempre influenciar os pais das crianças para que mandem sempre os seus filhos a aprenderem a música, aí a partir dos 8 ou 9 anos. Mesmo que alguns desistam mais cedo, outros estarão até mais tarde e desta forma a banda nunca mais morrerá.

Curriculum dum músico do lugar da Mamarrosa, mas que nunca pôs a Banda da Mamarrosa de parte.

De 13.5 aos 14 anos – aprendi o solfejo

De 14 aos 15 anos – toquei flautim em ré bemol na Banda da Mamarrosa

Dos 15 aos 18 anos – sax alto - toquei na tuna de Malhapão e num conjunto que se chamava Vasco da Gama

Dos 18 aos 25 anos - sax alto – toquei nos conjuntos Odeon da Caneira e Libórios

Dos 25 aos 35 anos – sax alto – Libórios, Faraós e Libórios outra vez

Dos 35 aso 37 – sax alto – conjunto Beira Litoral da Mamarrosa

Dos 37 aos 47 – sax alto – Rancho Folclórico e Regional da Mamarrosa e Rancho "As Vindimadeiras"

Dos 47 aos 52 anos – Sax tenor – Só na Banda da Mamarrosa e terminei

Banda Filarmónica de Mamarrosa e seus regentes: fundada em 1916 pelo Professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa

De 1916 a 1940 – 24 anos – Professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa, seu fundador

De 1940 a 1942 – 2 anos – Seu filho, José de Oliveira Pato

De 1942 a 1954 – 10 anos – Seu filho, António de Oliveira Pato

De 1954 a 1957 – 3 anos – seu filho, José de Oliveira Pato

De 1957 a 1967 – 4 anos – Seu filho, Orlando de Oliveira Pato

De 1967 a 1976 – 15 anos – Seus filhos, António de Oliveira Pato à mistura com Orlando de Oliveira Pato

De 1976 a 1979 – 3 anos – um grupo sem comando

De 1979 a 1991 – 12 anos – Dr. Silas de Oliveira Granjo

De 1991 a 1995 – 4 anos – Professor Juan Carlos Martins Fernandez

De 1995 a 1998 – 3 anos – Eng. Vitor Manuel Ferreira

De 1998 quase todo – 1 ano – Professor Paulo Margaça

bibRIA

Nome: *Manuel da Conceição*

Idade: *63 anos*

Grau de escolaridade: *4ª Classe*

Profissão que tem ou já teve: *vátias*

Estado Civil: *viúvo*

Morada: *Rua S. Romão 16, Mamarrosa*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Desde 1948 até 1955, data em que fui para a tropa e de 1977 até 1983, quando regressei de Angola, até poder, porque depois apareceu-me ácido úrico e tive que desistir.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Clarinete e, por falta de um elemento, toquei requinta; fora da Banda toquei vários instrumentos porque nesse tempo havia falta de instrumentos. Foi o que o senhor Armando Vida me pode arranjar. Foi ele que me ensinou música.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Era o meio de passarmos uma juventude mais alegre.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Tenho caderneta, casaco e pelo menos boné

bibRIA

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Nesse tempo não havia televisão e pouca gente possuía rádio, então começámos por aprender música e assim passávamos os nossos domingos, feriados e de noite, até que o "bichinho" ficou.

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Além de Armando Vida, (quem me ensinou a Música), conheci António Oliveira, óptima figura e bom regente, José de Oliveira, óptimo regente, Orlando Oliveira também bom regente e Dr. Silas óptima figura e bom regente.

Todos requeriam muita disciplina; disciplinados e disciplinadores.

7. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Íamos tocar a Santa Catarina: parte dos músicos iam a pé porque era só barro; quando chegámos às Mesas, estavam três miúdos e quando nos viram, disseram: - "É pá, hulha tanto musiqueiro! Oh ti musiqueiro, toque lá uma musicada."

Fomos tocar a Assequins – Águeda, onde atranjei o primeiro namoro e a primeira banana comprada por ela; durou um ano. Como jovem, passei bons tempos.

8. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Não, nunca lá andaram e estão-se "nas tintas".

9. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Conheci o Senhor Pato da Amoreira da Gândara, tocava bombo e como ele já era velho, eu levava-lhe o bombo, quando não tocávamos. Muito educado, respeitador e exigia respeito e disciplina e era quase dos iniciais.

10. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Tocar bem, apresentar bom uniforme e boa disciplina. Ainda me lembro de vir da casa do ensaio à 1 hora da noite e eu, António Vida e Armando Vida vimos a tocar os três até à Rua de Baixo; era o bichinho da Música. Mas havia muita responsabilidade.

bibRIA

11. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- No 1º ano nada; no 2º 1/3 e depois era conforme o que tocasse; não era comigo e nunca perguntei; o que me interessava era tocar. Não há freguesia nenhuma por aqui perto em que não tenha tocado com a Banda.

12. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Os ensaios eram às 3ª e 6ª feitas, normalmente no sítio dos Correios (casa velha), na escola velha das meninas (da senhora prof. D. Maria José) e na casa antiga do Padre. No fim havia mais latachas e todos vinham contentes.

13. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Descontavam-nos no fim do ano um tanto para palhetas, sapatilhas, reparações de instrumentos

e lá se comptavam um ou dois novos.

14. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Flautim, requinta, clarinete, sax (soprano alto, tenor, barítono), bombardino, trombone, trompa, tuba com baixo, trompete, cornetim, fliscorne, ferrinhos, caixa, pratos e bombo.

Mais tarde comptaram-se 3 clarins, talvez por não haver "guita" que chegasse para comprar mais modernos.

15. Diga mais o que achar de interesse.

- O elemento que andar na Banda e para que não fique envergonhado em lado nenhum, nem os seus colegas, tem que estudar bem o repertório e ser disciplinado. É muito lindo uma Banda, além dum bom repertório, ter um bom alinhamento e passo certo. Eu gosto muito da Banda, tanto que lhe ofereci a presente bandeira. E Deus que lhe dê muitos anos de vida.

bibRIA

Nome: *Manuel Domingues Cravo*
Idade: *63 anos*
Grau de escolaridade: *4ª classe*
Profissão que tem ou já teve: *empresário*
Estado Civil: *casado*
Morada: *Quinta da Gala - Mamarrosa*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Desde 1954 até 1966 foi a data em que pertenci à Banda. O que tenho a dizer deste tempo que passei pela Banda; apenas que gostei da camaradagem que existia entre todos os meus colegas que faziam parte dela porque gostava de tocar e ir a várias festas.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Tocava clarinete, pois foi esse o instrumentos que me deram para aprender e depois continuei a tocá-lo, pois aprendi a gostar e tinha bastante prazer quando o fazia.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Foi uma boa experiência: tinha lá grandes amigos, conheci outros povos, outras terras e outras gentes. Era sempre uma alegria tocar, ser aplaudido e arranjei também muitos amigos que ainda hoje vivem, alguns ainda guardam essas mesmas recordações.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Não tenho nada da Banda, mas confesso que sinto muita pena, mas nessa altura não se ligava a isso.

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- O prazer de tocar era a minha paixão e hoje não toco, mas ainda gosto de ouvir a minha Banda tocar e sempre que posso, vou assistir aos ensaios e actuações onde me posso deslocar, pois nem sempre assim acontece, por motivos profissionais.

bibRIA

6. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Não; conheci o senhor José de Oliveira; foi o meu mestre. Alguns anos tocava clarinete e saxofone e outros quase todos os instrumentos, era um bom mestre , um bom músico e excelente ser humano, muito amigo do amigo e delicado.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Portanto, como disse, conheci o senhor José de Oliveira, o irmão António de Oliveira e Professor Orlando. Todos eles eram excelentes pessoas, mestres competentes, delicados, amigos de ensinar, sempre prontos para que a Banda melhorasse cada vez mais e tinham o cuidado de demonstrar valor por todos os locais onde passávamos, para que a Banda agradasse e fosse conhecida.

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Sim, lembro-me de todas, portanto, corríamos quase toda a Baixada, o Minho, Cernache,

Coimbra, etc. Quando era por estas freguesias, a deslocação era feita pelos nossos meios de então, quase sempre a velha bicicleta pasteleira. O episódio mais marcante que ainda hoje recordo era sobre o tocador de pratos – o senhor Rameitas que alegrava a Banda, sobretudo depois do almoço, pois os copitos ajudavam a alegrar a malta, não só ele, mais outros ... E assim era sempre uma alegria, divertindo-nos uns com os outros.

9. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Sim, achei sempre que onde íamos, quando sempre lá voltávamos nos anos seguintes, também étamos bem tratados. Hoje em dia as coisas ainda melhoraram porque a nossa Banda, permita-se-me que assim fale, é uma grande Banda.

10. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Os primeiros músicos que lembro eram o Canas que era meu tio, o Olegário, o Rameitas, Pato e o fundador, se não estou em erro, foi o senhor Jaime de Oliveira e mais tarde continuaram os filhos José, António e Orlando como regentes.

bibRIA

11. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- O nosso objectivo era saírmos da nossa terra, conhecer outras terras e outras gentes, o gosto pela música e ganhar também uns trocados que não seriam mais do que uns míseros 5 escudos no máximo por actuação, mas, a camaradagem pagava bem o esforço e o cansaço. Nesse tempo era tudo esquecido, até compensava as namoradas desse tempo.

12. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Mais tarde, seriam 10.000$00 ou 20.000$00, não me recordo bem, conforme a distância a que nos deslocávamos. As festas de que mais me lembro, foram: Nossa Senhora dos Milagres, em Cernache, em Ventosa do Bairro onde se comiam bons bocados; também Santoinho em Viana do Castelo e outras tantas... Só quero dizer que cada deslocação era uma alegria, com muita juventude: comer e beber com grandes amigos são coisas que hoje deixam grandes recordações e

algumas saudades.

13. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Os ensaios eram no salão da Mamarrosa que ficava defronte da Igreja e já não existe: foi demolido. Os ensaios eram às 4ª feiras e às vezes às sextas e os ensaios eram feitos por todos os mestres já referidos attás.

14. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Os instrumentos éramos nós que íamos descontando um tanto cada um para aquisição de novos instrumentos.

15. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Todos os que faziam parte da Banda: clarinete; trompete, saxofone, trombone, pratos, bombo, caixa, flauta, contrabaixo, saxofone tenor, saxofone soprano e bombardino; sem eles juntos não se constituía uma Banda como a nossa.

bibRIA

16. Diga mais o que achar de interesse.

- O que tenho a dizer de interesse é apenas como ex-músico, quase inicial desta Banda que para mim ainda é motivo de orgulho. Desejo que ela nunca acabe e que sempre exista alguém que se interesse por ela e que nunca acabe, mas sempre melhore cada vez mais, não só por todos os que nela vivemos, mas também para saber honrar todos os que já partiram, em especial o senhor Presidente da Associação que tanto por esta Banda fez e infelizmente já não está entre nós , o senhor Manuel Plácido.

Nome: *Mário Domingues Cravo*
Idade: *61 anos*
Grau de escolaridade: *Exame de admissão (após a 4ª Classe)*
Profissão que tem ou já teve: *Agricultor*
Estado Civil: *casado*
Morada: *Reloada – Amoreira da Gândara*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua

passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Eu comecei a tocar na Banda no ano de 1952 e saí no ano de 1963. Para mim foi a mocidade mais linda que eu tive na minha vida. Era uma distracção que eu tinha com os meus colegas.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Eu tocava trompete que era o instrumento que eu queria.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Eu tenho muitas recordações da Banda, mas eu tenho muita pena de lá não andar, porque depois saí da Banda e fui para uma orquestra tocar trompete para Paredes do Bairro.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Eu tinha papéis, mas como já há muito ano, perderam-se, e agora não tenho nenhuns.

bibRIA

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- A minha paixão pela música foi muito grande. Tinha gosto de aprender a ser músico, pois que andava na escola e ia aprender para a casa do senhor Armando Vida, de noite.

6. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Não conheci, dizem que era bom homem para a música; depois morreu e ficou o filho, o Senhor José, depois os filhos, senhor António e o senhor Orlando, que foi tudo no meu tempo.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Eu quando lá andava a tocar, conheci o senhor Álvaro Canas, o senhor Amândio e o senhor Evaristo Azenhas e também o meu colega o Mário Catarino - bons músicos e regentes são os que já nomeei attás, no número 6.

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda

conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Eu lembra-me de tocar uma peça "Elmio" que eu tocava a solo. Lembra-me de ir ao Covão do Lobo com a música dos Covões e também à Gafanha da Nazaré com a música de Casal Álvaro e a muitos mais lados.

9. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Sim, parece-me que as pessoas reconhecem. Eu todas as vezes que passo pelo senhor professor Orlando, ele cumprimenta-me sempre.

10. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Eu conheci os primeiros que eram o senhor Duarte, o senhor David, o senhor Manuel António Canas, o senhor Lemos e o senhor Camarneira, mas não sei quais deles eram fundadores.

bibRIA

11. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- O meu principal objectivo era tocar bem os solos da Caracita e o solo do Elmio que até o senhor professor António e o irmão Orlando me cumprimentavam e eu ficava orgulhoso.

12. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Sim, ganhávamos alguns tostões. Que eu me lembro, davam-me 150 escudos, outras vezes 200 escudos por mês. Agora não me lembro de quanto era cada actuação.

13. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Eu lembro-me dos ensaios que eram na Escola velha, ao pé do senhor Armor Coelho e os ensaios para mim eram as noites mais sagradas que eu tinha na minha vida de mocidade. Se não fosse a música, eu não saía de casa. Quem ensaiava era o senhor António Oliveira e outras vezes era o irmão José Oliveira.

14. E os instrumentos, como é que os levavam?

- Os instrumentos, cada um levava o seu, os mais pequenos; o bombo e os baixos eram transportados

à cabeça.

15. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Os instrumentos mais usados eram o saxofone alto e a trompete porque davam para a música e para as orquestras.

16. Diga mais o que achar de interesse.

- *Eu gostava de lá andar na música, mas a gente perdia algum tempo quando ia tocar a alguns funerais. E de lá vim depois de me ter casado, porque estava empregado e não podia pedir tanto tempo.*

Com isto os meus sinceros parabéns.

Nome: *António de Ramos*

Idade: *59 anos*

Grau de escolaridade: *12 +*

Profissão que tem ou já teve: *Tecnólogo de arquitectura*

Estado Civil: *casado*

Morada: *Rua do Vale 10 - Mamarrosa*

bibRIA

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Pertenci à Banda da Mamarrosa desde 1955 até 1961. Por motivos de vida militar, incluindo mobilizações para Angola, fui obrigado a abandonar.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Tocava clarinete, não porque tivesse sido escolha minha, mas porque nesse tempo havia mais ou menos a imposição da necessidade e, portanto, aprendia-se a tocar o instrumento que estivesse disponível. Como aquele em que eu aprendi, e que estava completamente velho e danificado.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- As minhas maiores recordações, são as da aprendizagem. Passava quatro ou cinco horas contínuas

a estudar e a tocar e até às duas ou três da manhã, de parceria com o amigo Mário Pato à tequinta, no meio das vinhas do Sobreital, até termos decorado peças musicais completas: "Poet et Paysan" e outras muito difíceis.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Com muita pena, digo que não. Com as casas onde vivíamos, era muito difícil guardar alguma coisa bem guardada.

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- A minha paixão pela música nasceu como quase todas as paixões nascem: - por influência. O que um faz, o outro também quer fazer; no entanto, descobri que a música é um alimento da alma, e que ainda hoje, embora não executante, sinto-me bem a ouvir música, seja ela qual for, sendo de minha preferência de bandas ou orquestras em concerto.

6. Conheceu o senhor Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Não conheci. Morreu em Agosto e eu nasci em Setembro de 1940; foi professor primário muito rígido, mas segundo contava meu pai, foi uma mais valia para a Mamarrosa, pois tudo o que fazia e que procurava que os outros fizessem, era louvável. Era o que se chama um homem incansável.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Conheci os três filhos do senhor Jaime: José, António e Orlando. José indivíduo que nasceu para ser músico e maestro muito activo. António, muito diferente do José na atitude e na veia musical, mas esforçava-se por fazer o melhor. O Orlando, com muita vontade, regeu a Banda mais tempo que todos os outros, sem ser interesseiro. Conhecemos também o Granjo e o Paulo Margaça.

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

bibRIA

- Sim. Eram diferentes de hoje; ao começar, logo à saída de casa. No meu primeiro serviço para a Pampilhosa, fui a pé, para lá e para cá. Um dia, na Carregosa e com o vento, fugiram alguns papéis de música, incluindo o meu, tendo tocado a "Pastorella" sem papel até ao fim. Há outros factos também importantes, mas para os escrever, precisaria de um caderno inteiro.

9. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Acho que sim, embora não todas, pois as opiniões divergem e às vezes não se dá o valor às coisas como merecem, por se atropelarem os sentidos das coisas. Por exemplo: "não gosto da banda porque não gosto de quem a comanda"; - quando afinal uma coisa não tem nada a ver com a outra.

10. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Sim lembro: O senhor Manuel Camarneira, da Caneira e que tocava trombone, e o senhor David Ferreira que tocava trompa. O meu Pai, o Rameirinhas do Cabecinho, esse entrou dois anos depois da fundação e era mais desinibido, pois começou em "Pratos" mas depois estendeu-se, e muito bem , a todos os instrumentos de Bateria.

biblRIA

11. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Era o prazer de ser alguém denotado como artista, neste caso músico e o de representar a nossa terra, que sempre está na nossa mente. A actuação da banda para mim foi sempre a amostragem aos outros daquilo que a nossa terra era capaz de fazer.

12. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Sei que se ganhava alguma coisa, mas para mim foi sempre o menos importante, até porque naquele tempo só havia a bolsa dos pais, e portanto, tanto fazia.

Tocámos em muitas localidades e algumas vezes desfalcados, pois na época de 58 a 60 chegámos a fazer actuações com 19 músicos apenas. Assim fizemos duma vez uma noitada na Gafanha da Encarnação com a Banda de Pinheiro da Bemposta.

13. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Ensaiava-se numa casa velha da Junta de Freguesia, onde são hoje os Correios, no Salão do Senhor Ferreira e mais tarde na antiga Escola das meninas, que ainda existe, mas como habitação velha, bem perto das Obras Sociais.

Os ensaios decorriam mais ou menos bem e os de mais abundância foram levados a cabo pelo Professor Orlando.

14. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Os instrumentos eram bem velhos e da Banda, embora houvesse um ou dois músicos com instrumentos próprios, o que era muito difícil monetariamente conseguir.

15. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Mais ou menos o que se usa hoje, com uma grande diferença no naipe dos cornetins. Só o Evaristo Azenhas usava a trompete, que era dele; o resto eram tudo fliscornes e os pequeninos cornetins.

bibRIA

16. Diga mais o que achar de interesse.

Tenho a enaltecer o sucesso da Banda presentemente, lembrando que muito se deve em especial ao senhor Álvaro Ferreira e em parte, embora pouca gente o reconheça, ao Senhor Professor Orlando Pato. Neste momento há uma muito boa direcção e um não menos melhor maestro Paulo Margaça, e muitos outros que trabalham para o multiplicar de elementos músicos. Bem hajam todos.

Nome: Mário de Oliveira Pato

Idade: 58 anos

Grau de escolaridade: 4ª Classe

Profissão que tem ou já teve: infelizmente agricultor

Estado Civil: casado

Morada: Quinta do Cavaleiro - Mamarrosa

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Toquei na Banda vinte e poucos anos. Salvo erro, comecei com onze anos até ir para a vida

militar e depois continuei com uma interrupção e continuando até desistir de vez. Mais tarde, com o falecido Manuel do Américo e o senhor Carvalho, "no Rancho As Vindimadeiras", tive que os ir "desentascar" por uns anos.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Tocava requinta (ou seja clarinete). Talvez porque eu naquela altura era o mais pequeno – o que não acontece hoje e ainda bem.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Respeito para com os colegas mais velhos (de princípio eram todos). Grande amizade entre todos – companheirismo e muito sacrifício. As deslocações eram de bicicleta, por caminhos de lama e arruadas eram por todas as ruas pertencentes àquela área do lugar respeitante à festa em questão. As estradas eram de terra e pó, portanto os da retaguarda ficavam com as fardas cheias de pó.

bibRIA

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Nasceu pelo facto de saírmos da escola ou melhor, termos feito a 4ª classe e daí a necessidade de nos continuarmos a ocupar, a estudar e a possibilidade foi a música. Portanto, representa uma arte em que nunca se acaba. Há sempre que aprender.

5. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Conheci António Oliveira, o Orlando Oliveira e o José Oliveira. Quanto a características, como homens de bem, todos. O António era um homem que quase em todos os ensaios contava uma anedota, o que lhe dava também muita graça. Era um espectáculo de homem bom. O Orlando, homem de igual qualidade, sempre pronto-socorro à Banda, sem qualquer reacção a reivindicar. José fez brilhar a Banda em confronto com as outras todas.

6. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Fomos tocar ao Bonsucesso e ficámos lá três dias (de bicicleta) penso que foi no Bonsucesso. E

então havia o Silva Maneta, o Rameiritas, o Amândio Nacirjo, o Agnelo e quando eles começavam nas piadas uns com os outros (o Amândio a puxar por eles), era de chorar a rir.

7. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Ocupei o meu lugar como qualquer outro naquela época e penso que bem. E naquela época, se alguma coisa injusta me fizeram, não guardo ressentimento, até porque quando voltei a estar disponível, ingressei novamente. Quanto ao nosso valor, eu entendo que somos uma passagem daquela época.

8. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Duarte Pato tocava contrabaixo, Manuel Canas tocava tuba, mas não sei se eram fundadores. David Ferreira tocava trompa, o Álvaro Ribeiro tocava fliscorne (não sei se era fundador) e ti Pato _ bombo.

bibRIA

9. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Quem não foi estudar, era quase uma profissão.

10. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Como arquivo temos o professor Orlando, o mais competente em explicar, mas os funerais custavam trezentos escudos. Tocámos pelas Gafanhas todas, Mira, Fonte Angeão etc.. Fomos tocar a Santa Catarina e aí fomos sentados nos bancos da camioneta do Amândio. Na noitada, não havia luz eléctrica e as estradas eram de terra batida.

11. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Em princípio era na escola velha da D. Cacilda; depois era no salão da Mamarrosa – os ensaiadores eram os Maestros referidos neste questionário. Lembra-me que quando o maestro António Oliveira estava a ensaiar ou a tirar a limpo qualquer correcção, por exemplo, nos naipes dos clarinetes e se tentava ensaiar a Banda, já o Ti Canas estava a pesar bacalhau (como se diz).

12. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

Não havia subsídios para nada – os instrumentos, alguns, por exemplo, os clarinetes tinham metades que não eram as deles – eles eram os de tom brilhante, mas algumas metades penso que não deviam ser.

13. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Cornetins, clarinetes, ou melhor eram praticamente todos velhos. Porque não havia poder económico para comprar.

14. Diga mais o que achar de interesse.

- Havia muita humildade dos mais novos e respeito para com os mais velhos; obediência. Mas muito companheirismo entre todos. Vivíamos num mundo civilizado.

N.B. (o que era familiarmente, felizmente não me queixo).

bibRIA

Nome: *Manuel de Jesus Dias da Costa (O Catrinita)*

Idade: *57 anos*

Grau de escolaridade: *9º ano (numa parte feita de noite)*

Profissão que tem ou já teve: *reformado como 1º Sargento da G.N.R.*

Estado Civil: *casado*

Morada: *Quinta de Além (próximo de Quinta do Gordo)*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Entrei para a Banda em 1952 e estive até 1960, data em que embarquei para Angola. Lá toquei num conjunto e fiz parte do coro da Igreja onde cantei com militares e civis; o chefe era militar. De uma vez o cardeal que nos visitou (aí em 1964), até ficou pasmado connosco e reuniu-nos todos, louvando a nossa actuação.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Aprendi primeiro a escala com saxofone – trompa e a seguir passei para fliscorne, mais tarde toquei cornetim e trompete. Cheguei a ser 1º trompete, a solo, mas nunca tive grande prática, era

1º trompete porque na altura não havia melhor.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- *Comecei a aprender o solfejo com o senhor professor Orlando, quando era maestro o irmão António de Oliveira. E lembro-me que fazia parte da orquestra sacra da Banda: cantava nas missas e às vezes tocava.*

4. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- *Eu era muito novo e a Banda era uma forma de ocupar os tempos livres.*

5. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- *Recordo em especial uma actuação da Banda, aqui no Santo António das Cazzascas, na Quinta do Gordo. Havia um despique entre a nossa Banda e a de Cantanhede; decorria o ano de 1958 e o senhor professor Orlando para mostrar que os seus músicos até tocavam sem maestro, saiu do coreto e pôs à frente dos músicos um gaioto aí com uns 7 anos, mas que tinha imenso jeito para dirigir. Diga-se que este pequeno era Nélson Ramos que mais tarde foi um bom músico de orquestra, como por exemplo, dos Libórios e que era filho de outro grande músico, Manuel Rodrigues da Silva , o Rameiritas. O pequeno Nélson era já então muito habilidoso, a fazer gestos e mesuras ... E a verdade é que foi a Banda da Mamarrosa que teve muito mais aplausos que a de Cantanhede, pelo que foi um autêntico delírio.*

6. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- *Conheci David Ferreira e Manuel António Camarneira, ambos da Caneira, estes ainda tocavam. Mas conheci vários, mas que já não tocavam na altura, como o Martinhito, o Priminho, o Manuel Ferreira (do Ambrósio) e José Vida.*

Nome: *Mário Oliveira Vinagre*

Idade: *54 anos*

bibRIA

Grau de escolaridade: *4ª Classe*

Profissão que tem ou já teve: *Empresário de Panificação*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Ruas do Brejo 41, Aradas - Aveiro*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Mais ou menos de 1958 e 1961. Fui um músico muito novo na Banda e como tal não há muito a contar.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Trombone de Pistões. E toquei este instrumento, porque quando terminámos de aprender o solfejo, não havia mais nenhum disponível.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- Tenho muito boas recordações; era uma alegria quando se ia tocar, e sentíamos os aplausos do público, com as nossas interpretações, sobretudo quando se fazia arraial ao despique com outra Banda.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Não tenho nada porque no final de 1961 emigrei para a Venezuela e perdi o que tinha.

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

- Sempre tive o bichinho da Música desde pequeno, mas nunca conheci ser um grande músico. Ainda hoje depois que comecei a ter as minhas posses económicas, tenho comprado vários instrumentos e vou tocando, mas só por prazer.

6. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Só conheci o Professor Orlando Oliveira. Era um bom dirigente, sabia ensinar.

bibRIA

7. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Uma noitada em Santo André, Vagos, frente à Igreja Velha. Para irmos fazer esse serviço, foi requisitado um autocarro para levar a Banda. Mas como na época havia bastantes músicos e sete eram novitos como eu, então disseram que os mais novos não iam porque não havia lugar para todos. Aí nós desatamos, (alguns) a chorar e aos berros; então mandaram-nos sentar no meio do autocarro, e lá fomos nós todos contentes no chão do autocarro.

8. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Penso que sim e sobretudo, pelo trabalho que se tem feito com os mais novos, ensinando novos valores, com os quais se tem mantido o nome da nossa Banda.

9. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Conheci vários, não fundadores mas dos antigos: o Sr. Pato da Amoreira que tocava o bombo, o Senhor António Silva, o "Maneta", colega de trombone, o Amândio da Ana, grande músico, tocava fliscorne; o senhor Canas da Quinta da Gala tocava tuba, o senhor Rameirinhas, do Cabecinho que tocava os pratos. Este quando chegava meio bêbado aos ensaios, até quase que partia os pratos. Mário Pato tocava requinta e o meu tio Augusto Azenhas, o melhor tocador de bombardino de sempre da Banda.

10. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Bem, eu penso que na Mamarrosa tem havido uma tradição de famílias de músicos, que para a época nos levaria a querer também pertencer à Banda. Havia músicos de quase todas as famílias. O objectivo era ganhar mais experiência da vida e fugir talvez um pouco às tarefas do campo, depois já com alguma experiência, disputava-se muito com os êxitos.

11. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

bibRIA

- O meu ptimeito ordenado foram 25$ por três meses de trabalho. Dinheiro, foi coisa que como músico muito novo, nunca chegou a ter significado. Não sei quanto era o cachê da Banda. Os sítios, foram muitos e que recordo ainda, tais como, todo o nosso concelho, Ponte de Vagos, Vigia, Covão do Lobo, Santa Catarina, Fonte Angeão, Santo André, Gafanhas, várias. E mais longe só recordo Casal de Comba, perto da Mealhada, e houve muito mais.

12. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Ensaiava-se na antiga Escola Velha da Mamarrosa, ao lado da Casa do Coelho. O ensaiador era o professor Orlando, mas algumas vezes também ensaiou o António Rameitas, um dos maiores músicos da época.

13. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Não tenho a menor ideia.

14. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Se bem me recordo eram os clarinetes e trompetes várias, mas no geral havia mais instrumentos de metal ou boquilha que de palhetas.

bibRIA

15. Diga mais o que achar de interesse.

- Bem, o mais interessante era quando se ia tocar mais longe. Havia umas senhoras que tinham que levar os instrumentos mais volumosos à cabeça, e para tal tinham que ir às vezes na véspera. Outra parte bastante cómica era quando íamos tocar ao Covão de Lobo e íamos pelos carreiros do sítio chamado "Barro das Patas"; às vezes tínhamos que tirar os sapatos e passar os lamaçais descalços para não sujar os sapatos.

Nome: *Manuel Augusto de Jesus*
Idade: *43 anos*
Grau de escolaridade: *4ª Classe*
Profissão que tem ou já teve: *Prensador (RECER)*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Ruas das Maceeiras – Quinta do Cavaleiro*

1. Pertenceu à Banda da Mamarrosa, de quando até quando? Descreva a sua

passagem pela Banda, dizendo tudo o que entender.

- Pertenci à Banda desde 1979 até 1986. A minha passagem pela Banda foi muito boa. Aprendi muita coisa, conheci muitos colegas de outras Bandas com quem actuávamos.

2. Que instrumento tocava e porquê?

- Tocava contrabaixo porque sempre gostei de tocar instrumentos de acompanhamento.

3. Fale das recordações que guarda desse tempo e dessa experiência como músico.

- As recordações são boas e a minha experiência como músico também foi boa.

4. Tem em seu poder algum papel, foto ou pauta ou objecto alusivo à Música?

- Não tenho nada em meu poder.

5. Como nasceu a sua paixão pela Música e que representava ela para si? (ou ainda representa?)

bibRIA

- A minha paixão nasceu pelo seguinte motivo: o senhor Martinho foi um dia a casa da minha prima Maria e perguntou-me se eu queria ir para a música. Disse que ele me ensinava o solfejo e eu fui; andei aí uns 15 dias; depois ele mandou-me para casa do senhor Álvaro Ferreira para aprender a tocar. Foi assim que nasceu a minha paixão pela música.

6. Conheceu o Sr. Professor Jaime de Oliveira? Se conheceu, procure recordar: Como era como músico, como professor, como homem. Que instrumento tocava? Diga tudo o que souber.

- Não conheci.

7. Quanto a regentes da Banda quais conheceu? Aponte as características mais significativas de cada um.

- Conheci o Dr. Silas Granjo; era um grande regente e uma óptima pessoa; nós com ele estávamos sempre muito contentes; estava sempre bem disposto.

8. Lembra-se de algumas actuações da Banda do seu tempo? Diga o que ainda conseguir lembrar. Descreva alguns factos ou episódios de então.

- Sim, tínhamos já no meu tempo, algumas actuações, no Minho ou seja: Moledo, Vila Praia

de Âncora e mais alguns sítios que agora já esqueci; não me lembro, já passaram alguns anos e esqueci-me de algumas coisas.

9. Parece-lhe que as pessoas têm reconhecido na Banda o seu verdadeiro valor. Explique o porquê da sua resposta.

- Sim, porque a Banda é uma colectividade onde os músicos do meu tempo passavam bons bocados, não só nos concertos que se faziam, mas na camaradagem que havia entre todos, quer fosse direcção, quer maestro e músicos.

10. Conheceu os primeiros músicos , os fundadores? Quem eram e o que sabe deles? Lembre os seus nomes e os instrumentos que tocavam (os primeiros).

- Não me lembro.

11. Qual era o vosso principal objectivo? Porque gostavam de tocar? O que representava para os músicos daquela época uma actuação da Banda?

- Representava muito. Levar o nome da terra aos serviços que se faziam, para ser mais conhecida; a camaradagem que havia entre todos os elementos da Banda era muito boa.

bibRIA

12. Ganhavam alguns tostões? Quanto custava cada actuação da Banda? Lembra-se de locais e festejos onde tocaram? A esse respeito, diga tudo o que souber.

- Ganhava-se algum dinheiro, mas pouco. Não me lembro bem quanto era da actuação da Banda.

Sim, alguns locais foram, por exemplo: Luso, Andorinha, Moledo, Vila Praia de Âncora, Mogofores, Quinta da Gala, Quinta do Gordo, Mamarrosa, Caneira ....

13. Onde e quando ensaiavam? Como decorriam os ensaios? Quem ensaiava?

- Ensaiávamos na antiga Casa Paroquial, na Rua de São Simão, duas ou três vezes por semana.

Armando Vida e Álvaro Ferreira é que ensaiavam.

14. E os instrumentos, como é que os conseguiram adquirir?

- Não me lembro, mas já havia alguns instrumentos.

15. Quais eram os instrumentos mais usados e porquê?

- Todos, desde a tuba, bombo, pratos, caixa, trombones, trompas, fliscornes, contrabaixo, trompetes, saxofone – barítono, saxofone alto, clarinetes, requintas, flautas, saxofone–soprano, porque faziam parte da Banda.

16. Diga mais o que achar de interesse.

- Continuando com as actuações da Banda: Covão do Lobo, Camarneira, Bustos, Palhaça, Natiz, Quinta do Picado, Levira, Banhos e muitos mais, Chorosa, Malhada, Amoreira da Gândara, Sangalhos, Póvoa do Forno, Malhapão Rico....

1º - Em jeito de explicação

bibRIA

Não encontramos aqui as fichas correspondentes a todos os nomes constantes da lista que nos foi dada.

Porquê?

a) Os filhos do senhor professor Jaime de Oliveira (Orlando de Oliveira Pato e Carlos Alberto de Oliveira Pato já fazem parte do capítulo "Percurso de uma descendência".

b) Armando Teixeira Vida, em vez da ficha preenchida, preferiu apresentar um pequeno historial da sua vida de músico.

c) Outros antigos músicos como Mário da Conceição Alves e Amadeu Carvalho encontram-se no estrangeiro.

d) Manuel da Silva Reis faz parte da direcção da Associação e apresentou apenas essa ficha.

e) As fichas de músicos não constantes da lista que nos foi apresentada, referem-se a executantes que entretanto os colegas nos lembraram. De outros vão apenas alguns elementos que colhemos junto de conhecidos e ainda de outros seguem apenas os nomes. Dado dispormos de um tempo cada vez mais limitado, lamentamos não podermos apresentar sobre cada um deles, dados biográficos

como certamente todos merecem.

2º - Considerações Gerais

a) Aprendemos muito com estes senhores já retirados da Banda. Junto de alguns destes e até familiares, obtivemos vários outros dados informativos, além do que está nas fichas.

Às casas de alguns deles nos deslocámos muitas vezes. E sempre nos receberam com a afabilidade de quem já bebeu o tempo na taça da saudade, mas ainda e constantemente se reergue e renasce a cada nota da batuta da vida.

Sempre delicados, afáveis, prontamente dispostos a colaborar em tudo o que dissesse respeito à sua Banda.

bibRIA

Com eles, não só apreendemos conhecimentos, mas aprofundámos sentires e enxergámos rotas que os seus olhos postos no além, nos mostraram e incitaram a prosseguir.

Foi dos passos mais extraordinários deste nosso trabalho. Senda que percorremos por trilhos de outrora que estas pessoas nos fizeram compreender, trazer à luz do dia e sentir na plenitude de um labor que oxalá tenha contribuído para cimentar e alicerçar as raízes da obra vindoura que será o futuro da Banda.

b) As fichas e demais elementos conseguidos aí estão (bocados de vida que devemos venerar e respeitar). Se a Banda é o dia de hoje, ela só existe porque houve um ontem, um início (1916) em que um punhado de jovens e outros menos jovens foram capazes de lhe dar um começo e traçar um rumo.

Mas esse começo de rumo teve de ser continuado e estes homens cujos nomes arrancámos do anonimato, foram esses continuadores intermediários (juntamente com muitos aqui não referidos) que foram capazes de nos passar o testemunho,

de nos entregarem uma Banda que hoje existe, porque de trás houve quem nunca a deixasse morrer, antes procurasse mantê-la viva até à actualidade.

Talvez, nem sempre pelo melhor caminho, talvez nem sempre, decerto, com as atitudes mais certas e adequadas, talvez cometendo erros e provocando até desvios, mas apesar dos vários percalços, a Banda chegou até nós e isso é que interessa.

Daí a nossa homenagem a estes homens que achamos merecerem também ser lembrados e dar-lhes voz nesta obra que sempre temos repetido, é de todos. Pena é que as limitações das várias circunstâncias em que trabalhamos, não nos possam deixar alargar este leque de recordações a todos aqueles que passaram pela Banda e que por qualquer motivo, embora às vezes fútil e impensado, a abandonaram ainda há pouco tempo. Que todos esses mais jovens ou que estiveram menos tempo na Banda, nos desculpem.

bibRIA

c) Nestas fichas, além de informações alusivas a actuações da Banda, ensaios, instrumental, encontramos ainda outros dados de carácter pessoal, aqui e ali sempre salpicados de emoção.

Da sua leitura podemos concluir que lhes são comuns: o amor à arte musical, o gosto e o prazer de tocar, a forte ligação ao instrumento com que encantaram multidões, isto no tempo em que se apreciava música, em especial nos arraiais e ainda o grande desejo que todos manifestaram de ver a Banda actual singrar e impor-se como um valor artístico e cultural inultrapassável.

Todavia, o sentimento que mais fortemente acompanhava estes homens e até os seus familiares, é o da saudade. Por vezes, falando com eles, à medida que nos internamos no seu universo de sentir – memórias, tornam-se tão presentes e reais essas vivências, que chega a doer essa interacção que automaticamente se estabelece também em nós. De espectadores- inquiridores, não sabemos por que ignoto processo de psiquismo osmótico, as emoções que nos atravessam são tão

fortes e vivas, que deixamos de estar ali como receptores para sentirmos toda a envolvência dessa carga afectiva, descarregando em nós um rol de episódios, acontecimentos que a memória já mal localiza no além do antigamente, mas que o fogo da sua força reacende ali e nos provoca até às entranhas da nossa condição de humanos transeuntes.

Muito decerto, outros de cabeça mais fria, serão capazes de arrancar destes singelos inquéritos.

Por exemplo, a leitura das fichas, pelo menos de algumas, leva-nos a adivinhar a variedade de partituras e de instrumental que havia no espólio da Banda e com que os seus mestres e dirigentes a foram dotando, a partir de 1916.

Instrumentos antigos, alguns velhas relíquias (violetas e violinos) que hoje não sabemos por onde param ou que sumiço levaram...

bibRIA

Partituras célebres, em especial peças de ópera e outro repertório clássico de bastante nível artístico e que se evaporou pela voragem, não só do tempo (com que tudo se desculpa), mas também, decerto, por deficiente organização administrativa, carência de meios apropriados, falta de responsabilidade e num outro caso por desleixo e incapacidade ou inaptidão. Bem, por falta de escrúpulos, supomos que nem pensar...

De justiça, realçar aqui o trabalho minucioso, que há bastante tempo a esta parte vem desenvolvendo o eng. Arsélio Canas, recuperando das cinzas do tempo, velhas e valiosas partituras, algumas centenárias.

Que as linhas destas fichas sejam, além de homenagem, lenitivo para aqueles que as escreveram ou ditaram. Para nós, são de grande importância e valor histórico, pelo que retratam de uma época da Banda. Esta obra não seria completa sem o contributo destas pessoas que hoje, deixando a pauta da Música, dela todavia ainda vivem, neste tempo que agora lhes oferece a pauta da vida.

Aí fica a sua presença como símbolo de toda a experiência já vivida e que ela possa representar também todos aqueles de quem não conseguimos abeirar-nos.

Merecem uma leitura atenta, compreensiva e que o leitor possa adivinhar também o que ficou nas entrelinhas e que só a alma destes músicos é capaz de guardar até ao termo dos seus dias.

bibRIA

Todos estes homens carregavam o tempo às costas, enquanto cordas de rouxinóis soltavam doces trinados, nos ninhos de seus olhos pendurados nas nuvens de suas mãos em flor!

bibRIA

bibRIA

MÚSICOS QUE PASSARAM PELA BANDA, MAS A QUEM NÃO ENTREGÁMOS FICHA E COM MUITOS NEM SEQUER FALÁMOS.

São decerto muitos os que não conseguimos contactar e nem sequer chamar pelos seus nomes, o que nos dói profundamente. Mas pelo menos de alguns, aqui ficam certos dados, bem como os nomes que registamos.

Nome: Mário de Oliveira Costa
Idade: 62 anos
Grau de Escolaridade: 4ª Classe
Profissão: industrial de combustíveis e lubrificantes (Varidauto) - Aveiro
Estado Civil: casado

bibRIA

Comecei a aprender na Banda com o mestre António de Oliveira e com José de Oliveira, aí por volta de 1952 – 1953 e andei até 1958, ano em que emigrei para Venezuela.

Tocava trompete.

Licínio Vieira Cravo – Neto de Mário da Silva Cravo, este por sua vez, irmão do grande flautista já lembrado – António Augusto Cravo e do célebre violinista da Grande Guerra Manuel Cravo (pai dos músicos Jaime e Ismael e de Mário da Silva Cravo–actual Presidente do Conselho Fiscal da Associação a que pertence a Banda).
Mário da Silva Cravo (velho) é também avô dos Maias, os dois executantes: Manuel Moreira Cravo – saxofone – tenor e António Maia Cravo – o do bombo. São primos deste Licínio Vieira Cravo que tocava caixa.

Este músico Licínio entrou para a Banda em 1975, no ano em que entraram os primos Maias, o eng. Arsélio Canas, ainda parente afastado e o outro Licínio de quem falaremos a seguir.

Todos estes aprenderam com o senhor Professor Orlando e regia então a

Banda o irmão António de Oliveira.

O actual músico Gustavo Vieira de Oliveira, de 14 anos e baterista, é sobrinho deste músico Licínio.

Licínio Vieira Cravo deixou a Banda, tal qual como outros, na crise que antecedeu a fundação da Associação.

Actualmente vive em Vagos e é topógrafo da empresa Brisa.

Licínio da Silva Cravo – Filho de António Domingues da Silva Cravo (primo em primeiro grau de Álvaro Domingues Canas, executante actual) e sobrinho do antigo músico da Quinta da Gala, Manuel Domingues Cravo e de Mário Domingues Cravo da Relvada (ambos com fichas) e sobrinho ainda de Maria Domingues Cravo, viúva de Manuel Plácido Simões dos Santos, primeiro Presidente da Direcção da Associação, falecido em 1996.

bibRIA

Era trompetista da Banda, mas emigrou para a Venezuela. Parece que regressou há pouco, estando a construir habitação no lugar de Azenha.

Manuel Barreiro – Natural de Samel. Tocava saxofone alto e diz o senhor Professor Orlando que era muito cumpridor; parece que está na Venezuela.

Manuel Pires – Este músico, natural de Bemposta, reside em Samel. Tocava clarinete.

Mário Sequeira – Tocava sax trompa e também cornetim e era da Mamarrosa; encontra-se num Lar.

Manuel de Oliveira Barreiro – Natural da Caneira, emigrou para a Venezuela

Modesto Cavadas – Vive em Malhapão e foi na Banda contemporâneo do músico Manuel de Jesus Dias da Costa.

Mário Alves - Genro de Mário Martins da Silva e pai do contramestre da Banda e responsável pela infantil – Mário Jorge Martins Alves e um bom saxofonista alto e não só. Este seu filho Mário Jorge possui o 8ª grau do Conservatório de Música de Aveiro e está também no 3º ano da Universidade da mesma cidade.

Mário Alves tocava cornetim e fliscorne e em 1966, quando a Banda celebrou as Bodas de ouro, recebeu por esse motivo, a respectiva medalha comemorativa.

Mário Pinto Miranda, - um músico agora com 88 anos, encontra-se na Venezuela e tocava saxofone – barítono, tanto na Banda, como no conjunto de "Os Libórios".

O filho deste velho músico, Jaime Martins Miranda, também passou pela Banda e tocava flautim e bombo.

bibRIA

Diz-se que aprendeu em 1952 com o senhor Armando Vida, assim como Manuel Marquês, Manuel Ferreira Gomes, Washington de quem já falámos e até Manuel Timóteo, que hoje faz parte da Direcção da Associação B.C.R. e muitos mais.

Referiu também este senhor Miranda (filho)que teve por regentes os dois filhos do fundador: O José e o António. – "Muito bondoso o António, mas muito activo e de grande visão intelectual, o José" – acrescentou.

Manuel de Jesus Marques, - de 66 anos, é electricista e vive em Samel onde casou. Natural de Azenha, tem uma prima que casou com o músico Manuel Augusto Azenhas.

Manuel de Jesus Marques, de Samel, conhecido por Manuel da Laura, começou a aprender Música por volta de 1946, com o senhor Armando Vida, era regente António de Oliveira. Esteve na Banda uns sete anos, pois em 1953

casou e emigrou no ano seguinte. Tocava trombone e bombardino, tanto na Banda como nos Libórios em que também cantava.

Lembra-se de ser o 1º bombardino sempre que tocavam a Cavalaria Rusticana ou no memento aos Mortos.

Marcos de Vasconcelos – No dia 20 de Agosto de 2000, passámos pela casa de Amílcar Gonçalves Rainho, um dos fundadores da Associação Beneficente, Cultura e Recreio, em 1978; deixámo-lhe uma ficha e dirigimo-nos à Bemposta.

Aqui conversámos bastante com Marcos de Vasconcelos que pertencera à Música Nova de José de Oliveira, como aliás o próprio Amílcar Rainho .

Disse-nos o senhor Vasconcelos que do seu tempo, só lá da Bemposta, havia mais quatro colegas: Gil Alves Santiago, José Rodrigues Gaio, Albertino Patrício e Manuel Alferes (este já falecido).

bibRIA

De imediato procurámos saber mais qualquer coisa sobre estes antigos executantes.

Marcos de Vasconcelos – Muito afeiçoado à nossa Banda, tendo vindo sempre aos convívios, pois tinha paixão pela Música, morreu na semana de 20 a 27 de Agosto deste ano de 2000, logo após a nossa visita.

Gil Alves Santiago - Falámos com ele na sua casa de Bemposta e disse-nos que tocava trombone na Banda nova de José de Oliveira.

É um homem já bastante alquebrado pelos anos e pelas partidas do destino (a esposa está inutilizada).

José Rodrigues Gaio – Natural da Bemposta, casou na Póvoa do Troviscal e tocava trompete. Ainda em solteiro chegou a ensaiar alguns músicos, como, por

exemplo, o senhor Manuel Francisco da Conceição da Melada.

No Troviscal tocou na orquestra dos Perus, muito afamada nos anos 60. Esta orquestra teve como dirigente o grande e invulgar saxofonista alto – Martinho – da Feiteira. Martinho era considerado um portento pelas pessoas daquele tempo: onde ele aparecesse, ninguém mais brilhava; ele sozinho valia por uma orquestra inteira.

Ora, havia um certame de conjuntos musicais em Aveiro, nessa época. E na Vista Alegre também sobressaía um grande trompetista, já de carreira consagrada.

Diz Martinho para José Gaio:

- *Olha que hoje não te posso ajudar.*

Responde José Gaio

- *Cumpra o seu, que eu cumpro o meu.*

bibRIA

E cumpriram de tal modo, que o solo da trompete de José Gaio ganhou ao do outro trompetista da Vista Alegre.

(A 20 de Agosto de 2000, como já dissemos, colhemos estas achegas junto do outro antigo músico Marcos de Vasconcelos de Bemposta, que veio a falecer daí a dois ou três dias).

Albertino da Silva Patrício – Outro antigo músico de Bemposta que fez parte da Banda nova de José de Oliveira. Tocava clarinete, mas como havia falta de instrumentos, também se afeiçoou ao bombo que passou a tocar em vários serviços. Tem agora 75 anos.

Na década de 50 entraram vários músicos como Manuel da Silva Cravo, Mário da Silva Cravo, Mário Costa (filho de Mário Vinagre), Fausto Ferreira e Silva (este da Caneira e que em 1997 esteve à frente da Direcção da Associação), António Cigano da Quinta do Gordo e um tal Ernesto, criado de Manuel do

Canto (marido de D. Ercília e tio do eng. Ferreira da Silva) e grande jogador de futebol.

Muitos destes músicos saíram na década de 60: alguns foram mobilizados para a guerra de África e outros fugiram para o estrangeiro .

Além destes, muitos outros por aí afastados das fileiras da Banda, na batuta do quotidiano ou espreitando já o tempo na margem de cada beco ou de cada viela para onde a vida nos vai atirando, ao compasso ritmado do acontecer.

João Pedro - um Músico singular

João Pedro, nome de músico.

João Francisco Pedro, nome de registo.

Nascido em 21 de Novembro de 1913, fez a quarta classe (hoje 4º ano) de noite, na escola de adultos. É casado com D. Rosa (uma das tais senhoras, filhas de Manuel da Rica), reformado e mora na rua das Lagoínhas, ali próximo quase das bombas de gasolina do Senhor Mário da Silva Cravo, na estrada da Caneira.

biblRIA

Tocou na Banda de 1932 quase até 1966. Além da nossa Banda, tocou também na do Troviscal, na da Pocariça, nas duas de Fermentelos e na Tuna da Amoreira da Gândara. Era primeiro cornetim e, como os mestres de todas estas Bandas se davam bem, de vez em quando, para determinados serviços em que o predomínio de certos sons agudos exigia uma especial capacidade de afinação e altura, lá pediam ao senhor Professor Jaime para lhes dispensar o músico João Pedro.

E foi assim que ele percorreu várias festas e romarias incluído noutras Filarmónicas.

Nesse tempo era natural fazerem-se permutas de certos elementos, entre os regentes das Bandas... Verdade seja que um só músico, às vezes, podia valer

mais em termos de qualidade artística do que dois ou três de outro nível inferior.

A este propósito, o senhor João Pedro referiu-nos até várias dessas suas façanhas em relação a tais "empréstimos".

Uma vez, o senhor Professor José de Oliveira tinha um serviço para uma localidade, a 39 km de Viseu, de uma certa responsabilidade. E lá veio ele.

- *Jaime, preciso do João Pedro para domingo.*

- *Bem, mas olha, que à noite temos nós serviço na Escumalha (hoje Vilamar) e eu quero-o cá, à tardinha.*

- *Fica descansado, antes do pôr-do-sol, nós estamos cá à vontade.*

E o João Pedro lá foi sob a batuta de José de Oliveira para terras de Viriato.

Fizeram missa, procissão... Depois começou o regresso. Só que o senhor Professor José de Oliveira era pessoa muito conhecida nas povoações por onde passavam. E claro, toca de parar, distribuir alguns abraços, trocar umas palavras... O tempo foi-se escoando, abafado, nervoso...João Pedro de boca calada, colada aos dentes, via as horas correrem como loucas e a tarde madura a cair para a penumbra... E o caminho ainda longo, grandalhão, a separá-lo da santa terrinha. Onde chegou... Chegou, mas já as 11 horas da noite se tinham escapado do relógio da torre.

bibRIA

João Pedro sabia o compromisso com o seu mestre: fazer a noitada na Escumalha. Pega na bicicleta e ei-lo na direcção dos Covões que bem conhece, mas daí para a frente... até à Escumalha?!... Nunca tinha amaciado tal caminho... os pés ignoravam-no completamente, bem como a sua bicicleta... Que fazer? Desistir não, nunca.

Entretanto lobriga luzes de foguetes, lá bem longe do seu nariz. Estrelejam nos ares, os céus riem às luzinhas e chamam-no, iluminando-lhe o caminho e o pensamento... Levanta-se o ânimo no seu peito... - Deve ser acolá, é só seguir as luzes do fogo de artifício que me chamam.

E, podem não acreditar, mas foi assim que João Pedro chegou a Vilamar ou Escumalha...

Esbaforido, quase sem fôlego, ei-lo que sobe ao coreto onde o mestre Jaime já havia distribuído pelos colegas a última peça da noite...

Mas eis que avista o músico do aluguer e logo de imediato muda de estratégia: recolhe os papéis já nas mãos dos músicos e entrega " As canções portuguesas", uma peça que então só a Banda da Mamarrosa interpretava e onde se ouvisse era sempre sucesso garantido. E foi o que aconteceu. João Pedro chegara mesmo na hora H para puxar do cornetim os célebres agudos que a partitura exigia.

João Pedro cantava também a solo na orquestra sacra da Banda. Diz ele que nasceu da Banda em que tocou ainda durante a vida do senhor Professor Jaime (uns oito anos) e também continuou com os filhos José e António.

Contudo, ao mesmo tempo que tocava na Banda, como a Música era a sua própria vida, ele fez parte de outros agrupamentos musicais onde tocou trompete.

bibRIA

Logo de início, por volta de 1932, criou em Bustos (donde era natural) um jazz que apelidou de "Rádio". A seguir tocou também vários anos, mais ou menos até 1939, nos "Perus" (orquestra do Troviscal). De seguida ele e o Manuel Ferreira saíram dos "Perus" e formaram este duo "João Pedro e Ferreira" (João Pedro tocava clarinete ou trompete e Manuel Ferreira acordeão).

"João Pedro e Ferreira" tornou-se um conjunto bastante conhecido e afamado, sempre com muito serviço, chegando a cumprir 39 trabalhos (actuações), só no mês de Agosto, descansando apenas um único dia: o 28.

Escusado é dizer que iam de umas localidades para as outras, sempre de bicicleta e com os instrumentos às costas... Nas vésperas de São João do Sobreiro – Bustos, diz ele que chegaram a dar duas voltas a toda a Freguesia (de Bustos), a pé e a tocar.

Uma vez foram fazer um serviço perto do Matadouro de Ílhavo e mal

acabaram, puseram-se a pedalar direitos ao Luso para onde estavam convidados e iam actuar logo a seguir...

Este conjunto musical "João Pedro e Ferreira" durou até 1947, data em que ele e outros músicos organizaram um novo conjunto: o Jazz Central do Troviscal. Aí permaneceu uns dezoito anos até finalizar em 1965-1966, e desses seus colegas do Central é hoje o único músico vivo.

Recorda-os todos com saudade e lembra as grandes amizades que se estabeleciam entre os músicos do seu tempo.

Agora, queremos nós aqui registar a apreciação que este músico fez dos dois irmãos e grandes mestres dos sons: os maestros José e Jaime, os dois filhos do professor Manuel José de Oliveira, ambos fundando cada qual a sua Banda Filarmónica: o José a do Troviscal, em 1911 e o Jaime a da Mamarrosa, em 1916.

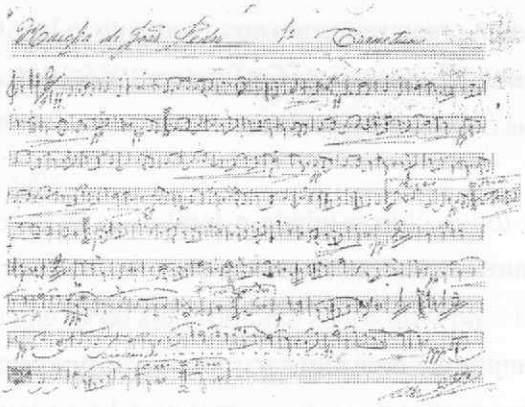
bibRIA

Segundo João Pedro, o senhor Professor José não precisava de partitura para dirigir, tinha tudo na memória que era extraordinária; o senhor Professor Jaime só dirigia pelo papel, mas em compensação, compunha e escrevia Música na perfeição e era mais meticuloso em certos pormenores do que o irmão José. Mas eram os dois excelentes.

Em ar de desabafo, num misto de saudade e alguma verdade , afirma-nos este homem: - "No meu tempo a Música era natural, as notas entravam e saíam dos instrumentos para dar prazer a quem as ouvia. Agora com esta evolução do tempo, apareceu esta música sintética e as notas entram no bolso"

Supomos que o senhor João Pedro se refere, como é evidente, a um determinado e bem característico número de conjuntos sonoros da actualidade que primam pela camuflagem da autenticidade musical.

Para finalizar esta entrevista aqui fica uma música "A marcha João Pedro" que ele próprio dedicou à Banda; trata-se do arranjo para 1º clarinete (o que ele executava); a partitura completa encontra-se em Fermentelos.



Armando Teixeira Vida

bibRIA

Um Músico curtindo mágoas e queixumes

Se desde 1916 até hoje, houve homens apaixonados pela Banda e pela Música, este é um deles. Diríamos tão apaixonado, que tal paixão até se lhe tornou incómoda, obcecando-o mesmo até ao ponto de o tornar por vezes com acessos de amargura, revolta e contestação.

Mas vamos ver se conseguimos algumas linhas do seu perfil de músico, principalmente com base em conversação directa e documentação que nos apresentou.

Diz ele que entrou na Escola Primária aos 9 anos e que aos 12, em 1926, concluiu a 4ª e 5ª classes.

Já durante a sua escolaridade, tivera como professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa. Como nos parece importante, o que este músico Armando Teixeira Vida diz do seu mestre professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa, passamos a transcrever alguns excertos dos

seus textos...

"O insigne e ilustre professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa trabalhou incansavelmente. Soube manter a ordem e a disciplina, dando como factor principal, acima de tudo, a demonstração impecável do seu exemplo.

Soube ser exemplar para assim fazer cumprir. Sabia ensinar, sabia castigar e sabia perdoar. Reuniu todos este grandes predicados.

E assim, conseguiu no período de 1916 até 1940 (data do seu falecimento) reunir à sua volta cada vez mais e mais relações de amizade e respeito.

Sempre que havia um pouco de descanso, sabia reunir à sua volta a quantidade de músicos suficientes para com eles conversar e confraternizar num são convívio".

José Dias Vida, um dos músicos fundadores e irmão mais velho de Armando Teixeira Vida, ainda em casa, ensinou-lhe todo o solfejo. E então, em 1928, entrou na Banda "e já a tocar Saxofone Alto". Em 1930, Armando Vida ingressa também na Tuna dos Libórios que afirma, "logo de começo, teve muito sucesso" e acrescenta que "todos os músicos desta Tuna eram também da Banda".

bibRIA

Ligados à sua vida de músico, alguns traços também da sua vida particular. Explica ele como aos 12 anos, teve de procurar trabalho; em casa eram 6 filhos e havia apenas uma só bicicleta que todos disputavam, especialmente para irem aos ensaios e serviços da Banda... É que eram 4 os rapazes desta família que nesta altura já faziam parte da Banda; além dele, o José, o António e o Mário. Diz ele que era o mais novo dos 6 irmãos e que a bicicleta, como todos a ambicionavam, não lhe tocava "nem um bocadinho para se deliciar."

Então, o pequeno Armando Vida consegue autorização dos pais (Jacinto Teixeira Vida e Rosa de Oliveira Neves) para abalar para Lisboa, onde pensava ganhar o suficiente para comprar "o objecto dos seus sonhos".

E, parece-nos de algum interesse, pelo menos histórico, conhecer qualquer coisa do farnel que este miúdo juntou para sair de casa e apreciar algumas das peripécias por que passou.

Vamos, pois, dar-lhe a palavra..."... meti uma broa num saco, mais uns quilos de farinha para fazer umas papas, um bocado de toucinho, batatas, um prato e uma pequena panela de esmalte e aí vou eu virado à estação de Oliveira do Bairro. Acompanhou-me uma senhora que tinha o marido empregado numa vacaria em Olivais e assim na companhia dela, lá cheguei.

E agora trabalho para um garoto com 13 anos de idade?

Assim fui comendo as minhas provisões e só ao fim de 15 dias arranjei emprego no varejo da azeitona... Senti-me feliz, pois já estava a trabalhar.

Passei um mau bocado, mas aguentei, esperando por melhores dias".

bibRIA

E depois de confessar que não vai aludir em pormenores a tudo o que passou e teve de suportar, continuou.

"Só digo que comprei uma bicicleta e um bom fato e ao fim de 20 meses regressei de novo à casa de meus pais".

Ao chegar a casa, o irmão mais velho diz-lhe: -"Parece que chegaste em boa hora. Há na Banda um Saxofone Alto parado e, se quiseres, falo com o chefe e é provável que ele me entregue o instrumento para ti".

E deste modo entra o jovem Armando para a Banda da Mamarrosa. Daí por diante a Música que já era, continuou a ser tudo para ele.

E quem toca e o faz por gosto, quer tocar sempre e cada vez tem mais ambição.

Ora, como já aludimos, nestas primeiras décadas do século XX, havia por aqui nas redondezas algumas Tunas. Diz Armando Vida que essas Tunas eram constituídas por violinos, bandolins, flautas e violas como as que ainda hoje acompanham com as guitarras, os fadistas.

Também já referimos como o músico fundador, Armor Arberto de Seabra Coelho, aqui organizou na Mamarrosa, uma dessas Tunas. Mais tarde, Armor pensou introduzir um Saxofone Alto. E o nosso pequeno Armando sonhava fazer parte dessa Tuna. Mas o irmão António Teixeira Vida que era "Saxofone Alto na Banda e de primeiro plano" e que o havia ensinado, claro, foi o escolhido como músico feito e experiente que era.

Armando Vida, pode dizer-se, sofre em silêncio, o primeiro desapontamento no seu longo rosário de desaires e queixumes. Contudo, foi apenas como uma enevoada brisa leve que depressa ultrapassou.

bibRIA

Na Quinta do Cavaleiro (Quintas), já havia também a Tuna dos Libórios e, como ele, entretanto, já se evidenciava bastante, entrou para este conjunto, "cheio de contentamento", como ele próprio refere.

E agora vamos contar uma das muitas peripécias que aconteciam naqueles tempos.

Os irmãos Libórios, como já dissemos noutro ponto deste trabalho, eram músicos por excelência, privilegiados de ouvido e talento para esta arte. De forma que conseguiram tocar com os seus instrumentos (António- violino; Avelino- viola e Mário- bandolim), todas as músicas que Armor havia instrumentado para a sua Tuna, mas agora existia um problema. E para o Saxofone Alto de Armando Vida?

Este, como tinha acesso às músicas do irmão António, servia-se delas para ensaiar com os Libórios. Mas, como o irmão José também era músico na Tuna do Armor, queria que o Armando desse o Saxofone Alto ao António para ele tocar na Tuna do Armor ou então ele Armando deixasse os Libórios e fosse para o grupo do Armor. Ora como este, de início, não o tinha escolhido e os Libórios é que o tinham convidado, quando se encontrava um pouco

desanimado, o pequeno Armando não acedeu às solicitações do irmão mais velho. E este, por sua vez, como represália, "agarrou nas músicas todas e escondeu-as dentro de uma mala, na casa onde dormia".

Armando não desistiu: numa noite, esperou que o irmão adormecesse, tirou-lhe a chave da mala do bolso onde ele a guardava, abriu a mala, pegou nos papéis e de noite, com os colegas dos Libórios, copiaram tudo. Diz Armando Vida que foi "de pé ante pé" e que o irmão continuou a dormir e que colocou "cautelosamente os papéis na mesma mala".

Já nesse tempo o segredo era a alma do negócio e os originais das partituras eram disputados com arrojo e firmeza.

Aliás, o senhor Professor Jaime, que gostava da Tuna dos Libórios, a que ofereceu até a bateria e, como era um bom compositor, também lhe instrumentava alguns números tirados de discos. Diz Armando Vida que o seu mestre (como sempre tratava o Sr. Professor Jaime), nunca lhe cobrou nada e que em troca os Libórios lhe faziam alguns bailes no seu Salão Recreativo (frente à Igreja).

bibRIA

Na sua longa história, Armando Vida fala depois em pormenor do caminho percorrido pelo Jazz dos Libórios, cada vez com mais trabalho, na proporção dos êxitos que iam alcançando, tendo subido todos os degraus do sucesso e da fama.

Fala de várias modificações a que o andar dos tempos e o seu grau de qualidade vão exigindo. Lembra todo o historial do conjunto, como a vida e a fortuna vão afastando os fundadores iniciais, os três irmãos músicos: António, Avelino e Mário.

Armando Vida refere um episódio passado em Febres... Quando no final do Baile se dispunham a regressar a casa, "António Dias Libório dá por falta da sua gorra espanhola". Fica tão desapontado e aborrecido, que isso foi pretexto para desistir...

O Avelino já tinha desistido e diz Armando Vida que pelo menos o Mário conseguiu que ele repensasse e continuasse.

Fala depois dos desentendimentos vários que levaram à cisão de que surgiu o novo conjunto, "Os Faraós" e como ele Armando Vida o continuou a dirigir.

A seguir, conta como deixou os Faraós e fala de alguns problemas de saúde que ajudaram nessa decisão; refere como fundou um outro conjunto "Semibreve" e como um dos seus netos também criou o agrupamento musical "Onda Média".

Pode dizer-se que até aqui falámos de Armando Vida, como executante de conjuntos musicais que, embora derivados directa ou indirectamente da Banda, lhe foram paralelos.

bibRIA

Mas, foi na Banda que muito amou e muito sofreu. É possível que este músico tenha uma personalidade um pouco individualista; talvez nunca se tenha integrado bem no ambiente sócio- cultural da Banda.

Ainda no tempo do senhor Professor Jaime de Oliveira, teve um desentendimento com um outro músico e decerto este foi o começo de todo o seu inconformismo, com pequenos choques e mágoas que foi acumulando e com que se foi martirizando.

Vê defeitos que aponta, sofre e colecciona ofensas que não espera, sai da Banda por várias vezes.

Logo nas décadas de 40 e 50 se incompatibiliza com o maestro da Banda, José de Oliveira de quem diz que "com ele a Filarmónica subiu de classe, mas..."

Na verdade, cedo azedam as suas relações com este maestro que também não permanece mais do que uns dois anos na Banda, de cada uma das duas vezes

que a dirigiu.

Entretanto, vem António de Oliveira (após a primeira partida de José para a Guiné), aí por volta de 1943. Mas como este mestre tinha escola longe, não podia dar a devida assistência à Banda.

Armando Vida vai sofrendo com esta situação que se degrada e em especial com incompatibilidades que continuamente aparecem no seio da Banda, em que Armando Vida se submerge e que não é capaz de superar. Todavia, como músico inteligente e dedicado, vai ensinando meninos e chega a ter uns 30 prontos quase todos a ingressarem na Banda, em 1952. E explica Armando Vida que nessa altura (1952), teve de vasculhar nos seus alfarrábios e escaparates, antigos papéis de Música e velhos instrumentos que recuperou para poder ensinar as crianças. Mas queixa-se ele que esta sua iniciativa foi mal interpretada, acarretando-lhe ainda mais mágoas e dissabores.

bibRIA

Continua nos Libórios, como já vimos, mas entretanto exigem que Armando Vida saia da Banda, o que ele faz, mas os seus colegas dos Libórios, todos grandes músicos da Banda e amigos de Armando Vida, saem também com ele.

Sofre Armando Vida e sofre a Banda. Nesta altura, em que o senhor Dr. Manuel dos Santos Pato acode à Banda, é este médico, sempre seu amigo que vai pedir a Armando Vida para voltar, mas ele faz depender a sua decisão dos colegas dos Libórios, que com ele se haviam solidarizado.

Claro que a Comissão encabeçada pelo senhor Dr. Pato não falou apenas a Armando Vida, mas sim a todos os outros que se haviam retirado. Todos (ou quase todos) voltaram e a Banda realmente ressurge por algum tempo, mas em breve também volta o antigo clima de desinteresse, desalento, à mistura com algumas intrigas pessoais, incompreensões e desavenças.

Também, embora mestre António de Oliveira fizesse os possíveis por dar à Banda novos rumos de energia e esperança, a verdade é que se gerara um clima

difícil, de um certo desleixo e mal entendidos, a que não eram alheios os desacordos, as discórdias entre os executantes e a carência de recursos...

E é assim que a tal Comissão dirigida pelo senhor Dr. Pato, pensa mandar vir de África, José de Oliveira. E, claro, embora o músico Armando Vida e o mestre José de Oliveira fizessem um esforço para se entenderem, a verdade é que não resultou.

Ao longo dos escritos desde músico de 84 anos, pode-se avaliar também o desenrolar de todo o historial da Banda, no decorrer da sua existência desde 1916.

De novo, após o grande desfalque com a guerra de África e a fuga para o estrangeiro, a Banda aparece envelhecida e bastante reduzida nos seus efectivos, principalmente a partir de 1965, para em 1976 se transformar apenas numa orquestra.

bibRIA

Nesta altura, conta Armando Vida, que havia duas correntes de opinião: os que eram pela orquestra e os que não quiseram alinhar. E, explica, embora sempre numa linguagem ensombrada por mágoa e ressentimentos, como depois voltaram os da orquestra em que ele tinha também ingressado e os outros que não haviam alinhado.

Aponta de seguida, como em colaboração com Álvaro Ferreira e a pedido de Manuel Plácido Simões dos Santos (presidente da Direcção da Associação Beneficente, Cultura e Recreio, então fundada em 1978), começou mais uma vez a ensinar solfejo e a participar na remodelação da Banda. Arranjam-se fardas novas, recupera-se algum instrumental transviado, procuram-se os músicos arredios.

Chama-se António de Oliveira de novo para a regência; não aceita e chama-se o irmão Orlando; Armando Vida, fala com o presidente Manuel Plácido

que o convida para reger a Banda, o que acontece pelo menos durante algum tempo.

Mas continuam as quezílias e há colegas que não o aceitam; por outro lado, alguns elementos da Banda vão para a Banda Amizade de Aveiro e continuam a aliciar outros e dos melhores executantes. Armando Vida reage, não se cala; o clima torna-se insustentável.

Entretanto, Armando Vida explica como pediu ao dono do salão de festas da Palhaça para organizar um baile que revertesse monetariamente em benefício da Banda que necessitava muito de fundos. E assim conseguiu cerca de cem mil escudos que a Direcção arrecadou.

A seguir fala Armando Vida dos antecedentes que precederam a vinda do senhor Dr. Silas para chefe da Banda, ficando Armando Vida como subchefe.

bibRIA

Depois de vários acontecimentos que para Armando Vida sempre foram dores e queixumes, por muito amar a Banda e com certeza pelo seu exagerado amor próprio e feitio um pouco irreverente e inconformado, acaba por desistir definitivamente.

Não sabemos bem ao certo a data, mas supomos ser à volta de 1979-1980.

Um grito na margem e à margem

TESTEMUNHOS DE ALGUNS DOS MUITOS AMIGOS E SIMPATIZANTES DA BANDA

Seguem-se fichas de alguns dos muitos simpatizantes da Banda e ou nela já exerceram qualquer função.

Todos eles muito carismáticos por aquilo que representam ou pelo menos já representaram e que a Música igualmente sempre representou e representa para si.

Também por idades, na ordem decrescente.

Nome: *João dos Santos Tzibuna Júnior*
Idade: *88 anos*
Grau de escolaridade:
Profissão que tem ou já teve: *Alfaiate*
Estado civil: *Casado*
Morada: *Seixal, Mamarrosa*

bibRIA

Como admirador e grande entusiasta que sempre foi da Banda da Mamarrosa, procure recordar:

1. Quando começou a entusiasmar-se pela Banda?

- Após ter idade para compreender o quanto representava para mim e para a aldeia.

2. O que pensa da Banda nesses tempos e das suas actuações?

- Penso que foi criada a partir da Escola Primária, quando eu também era criança, mas com o esforço do seu fundador e boa vontade dos seus elementos, tornou-se o orgulho do Povo da Mamarrosa.

3. Conheceu todos os dirigentes da Banda até agora? Procure recordá-los, anotando os seus nomes e características mais significativas de cada um.

- Conheci Jaime de Oliveira Pinto de Sousa, José de Oliveira, António de Oliveira,

Jorge Paulo Margaça Domingues; todos muito simpáticos e respeitadores, merecendo o respeito e admiração de todos.

4. Que sabe do senhor Professor Jaime de Oliveira? Como professor, como homem, como músico.

- O Sr. Professor Jaime de Oliveira foi um Homem na expressão da palavra, tanto como pai, cidadão, como amigo. Os seus trabalhos enalteceram muito a nossa freguesia, que muito lhe ficou a dever.

5. Sabe que instrumentos tocava?

- Tocava violoncelo, com a Tuna Académica de Coimbra, na qual ganhou o diploma de músico de primeira classe em Portugal (eu João Tzibuna vi o diploma comprovativo).

6. Sendo alfaiate tanto do senhor Professor Jaime de Oliveira, como da Banda, conte qualquer episódio ou facto de que se recorde, ligados a esses tempos.

- Fui sempre alfaiate da Banda, assim como do Sr. Jaime de Oliveira. O mais curioso, foi quando ele comprou um fato de Verão. Falou-me como de costume; prometi mas atrasei-me um pouco e ele mandou fazer o fato a um bom alfaiate, mas não ficou como ele queria e apareceu-me em minha casa com o fato e disse-me - "Aqui está o fato e para castigo, vais modificá-lo para a minha medida".

7. Quando foi que os músicos usaram farda pela primeira vez e qual era a cor? Como era o pano e o feitio e quantas fardas eram (de acordo com o número de músicos, claro)?

- O dia da primeira vez, não passo recordar-me, visto a fundação da Banda ser quase da minha idade. Sei que era jaquetão preto, calça cinza, outra era de cetim cinza, com bolsos sobrepostos e com uns feitios engraçados.

8. Sabe depois quando foram renovadas as fardas?

- Duravam cinco ou seis anos, quando ficavam gastos , remendavam-se; a farda actual já é a terceira (a partir de 1978).

9. Quantas trocas de fardas houve até hoje?

bibRIA

- *Depois da reorganização em 1978, é a terceira, agora.*

10. Teve algumas funções na Banda? Se teve, diga quais foram e em que data. Fale desse seu trabalho.

- *Fui tesoureiro dezoito anos, desde a reorganização até à perda do meu sobrinho Sr. Plácido e fiz todo o serviço de reparações gratuitamente. Foi de 20 de Julho de 1978 a 1996.*

11. Que representava a Banda para si e para a Mamarrosa?

- *A Banda para mim foi como um filho que sempre acarinhei e para a Mamarrosa foi a organização que mais a desenvolveu e prestigiou em sua Cultura e em todos os sentidos, tornando esta nossa aldeia conhecida em toda a região.*

12. Conhece as razões que levaram o seu sobrinho, o Sr. Plácido, a fundar a Associação Beneficente de Cultura e Recreio em 1978 e na qual ficou integrada a Banda?

- *Sim. Foi a amizade à sua terra e a grande vontade de a engrandecer e, como era uma jóia de homem querido por toda a gente, tinha possibilidades de o fazer, mas o destino foi ingrato para ele e connosco.*

bibRIA

13. Fale da relação do seu sobrinho, Sr. Plácido, com essa Associação, em especial com a Banda.

- *A relação do meu sobrinho com a Associação e com todos os membros da direcção, foi exemplar; trabalhámos 18 anos juntos sem haver discórdias entre nós.*

14. Desde quando a Banda começou a ter estatutos próprios?

- *Desde 1979.*

15. Em que repartição pública ou cartório foi registada a Banda pela primeira vez e em que data?

- *Cartório de Oliveira do Bairro.*

16. Fale do espólio que ainda hoje tem à sua guarda.

- *Tenho algumas fatdas anteriores às actuais: bonés, camisas, muitos papéis que me foram entregues depois da perda do meu sobrinho, pela Cristiana, sua filha adoptiva.*

João dos Santos Tribuna

O homem que quase desde o berço da Banda, nela bebeu sempre do prestígio da sua arte e do estímulo da sua grandeza.
Com ela se alegrou nos momentos de glória, com ela sofreu reveses e contratempos nos momentos de tristeza.
Alfaiate de mestre Jaime de Oliveira, sempre atento a qualquer remodelação e arranjo no fardamento da sua Banda que sempre vestiu de amor e carinho e soube acompanhar ao longo dos anos , com a alma cheia de esperança e dedicação.
Após 1978 e até 1996, foi tesoureiro, sempre atento e dedicado, ao lado do seu sobrinho, o saudoso Manuel Plácido, seu presidente desde 1978 e com ele também um dos principais intervenientes, tanto na sua reestruturação, como no processo da fundação da Associação Beneficente, Cultura e Recreio em que desde logo esta instituição musical ficou integrada.

biblRIA

Nome: *António Ferreira Tavares (Padre)*
Idade: *77 anos*
Grau de escolaridade:
Profissão que tem ou já teve: *Fui pároco em Mamarrosa de 1952 a 1962*
Estado civil: *Solteiro*
Morada: *Apartado 9, 3750-836 Valongo do Vouga*

1. Já teve qualquer cargo na Banda? Se teve, de quando até quando?

- *Não.*

2. Fale da sua passagem pela Banda: ensaios, actuações, convívios.

- *Quando fui para pároco da Mamarrosa (1951), a situação da Banda era bastante periclitante. Havia o grupo da Caneira – Pereiras, Camarneira, Ferreira da Silva (Nariz)e outros que*

não alinhavam com os restantes componentes. Fui a diversos ensaios com o Sr. Dr. Manuel Augusto Pato para conseguir fazer a harmonia de todos. Isso foi conseguido. Organizaram-se os estatutos, cujo exemplar se encontra no Governo Civil de Aveiro e ficou a ser Maestro o Sr. António de Oliveira Pato, de Oiã. A harmonia voltou e tudo recomeçou em bem.

3. Conhecia bem a Banda? Que achava do seu funcionamento? Que dificuldades enfrentavam nos anos 50? (se possível, aponte datas)

- Sempre admirei a Banda e a amizade que muitas pessoas mais idosas lhe dedicavam, acompanhando-a em arraiais que faziam e para os quais era convidada.

4. Guarda desses tempos alguns papéis, fotos ou outros documentos?

- Não tenho nada; Apenas uma pequena cassete de uma actuação da Banda da Mamarrosa

5. Por volta de 1952, parece que a Banda atravessou uma das suas várias crises. Diga o que souber sobre o que se passava, o porquê da situação e como tentaram resolvê-la.

- Essa crise que existiu, foi mais ou menos nos anos 50, quando fui para a Freguesia da Mamarrosa. Sobre essa crise, já falei no Nº 2 e no que então se fez para reequilibrar a Banda.

6. Nessa data (1952), talvez com o entusiasmo do Sr. Dr. Pato, organizou-se uma direcção da Banda da Mamarrosa. Diga por favor como tudo aconteceu. Quais os propósitos dessa direcção, razões da sua constituição.

- Suponho que o Senhor Dr. Pato era o Presidente, Flávio Pato, o tesoureiro e o Professor Rogério, o secretário. E havia outros de que não me lembro já.

Padre António Ferreira Tavares

Pároco da Freguesia da Mamarrosa, a partir de 1951, activo, enérgico e dedicado, o homem que na crise desde início da década de 50 foi capaz de, com outros, dar o melhor do seu esforço a bem de uma tão útil e nobre colectividade que era (e é) a Banda. Lendo o que nos diz, logo nos apercebemos como naquela época havia desentendimentos entre os músicos, como se tinha instalado entre

biblRIA

eles um clima de desavenças e desunião. E neste mar de discórdias, era preciso pôr ordem, chamar à razão, unir o que parecia irremediavelmente desunido.

Chamado pelo Sr. Dr. Manuel dos Santos Pato às fileiras da luta contra essas guerrilhas instaladas no seio da Banda, o padre Tavares não hesitou um segundo; afinal tratava-se de mais um serviço a prestar à sua Paróquia, procurar unir os músicos seus paroquianos também, fazê-los esquecer talvez ofensas e alguns pecadilhos e mostrar-lhes o caminho da razão (a luta por um só e nobre ideal) por um todo uno: a Banda. Em boa hora foi lançada esta ofensiva contra a anarquia instalada, porque os músicos conseguiram ultrapassar os factos que os desuniam e encontrar o que de comum os devia sempre unir: o amor à Banda

Como este senhor Padre diz na sua ficha, a ele se deve muito em especial, a organização dos primeiros estatutos da Banda, a partir de 1952 e aprovados pelo Governo Civil de Aveiro, em 1954.

bibRIA

Nome: *Amilcar Gonçalves Rainho*
Idade: *75 anos*
Grau de escolaridade: *4ª Classe*
Profissão que tem ou já teve: *Alfaiate*
Estado civil: *Casado*
Morada: *Mamarrosa (Quinta do Cavaleiro)*

1. Já teve na Banda funções directivas? De quando até quando?

- Não na Banda, mas na Associação, criada em 1978; fui vice_presidente.

2. Fale da sua passagem pela Banda e em especial da fundação da Associação em 1978.

- O Sr. Martinho Martins pensou fundar a Associação para acudir à Banda que estava muito em baixo e bateu à minha porta. E foi assim que comecei a fazer parte da Associação. E a seguir fui com ele falar com outros possíveis elementos: Mário Espada, Plácido, Amândio, Mário Cravo, capitão Ribeiro, e outros.

Todos nós gostávamos muito das coisas culturais da Freguesia e fazíamos tudo para as conseguir.

Embora até houvesse quem nos chamasse tolos e dissesse que nós não éramos capazes de ressuscitar a Banda.

Numa noite fizemos os estatutos em casa do Mário Cravo: eu, Mário Cravo e o Plácido e com base em outros estatutos já existentes

3. Alguns regentes passaram pela Banda enquanto exerceu as suas funções? Fale deles.

- Nos primeiros tempos o Sr. Armando Vida e o Sr. Álvaro Ferreira foram dirigindo conforme puderam. Veio depois o Sr. Dr. Silas que naquela altura foi um homem muito bom e importante para a Banda; um grande impulsionador.

O Juan Carlos era um pouco novo.

O Victor também era bastante novo.

4. Explique a evolução da Banda desde 1978.

- Praticamente foi do zero até ao actual daquela data em que saí (1986).

bibRIA

5. E hoje que ideia faz da Banda?

- Acho-a boa, tendo em conta a média das idades dos seus elementos.

6. Diga mais o que achar de interesse.

- Quero dizer que em 1939 fiz parte da Banda Nova de José de Oliveira; era 1.º clarinete; tudo depois se desfez com a morte do Sr. Jaime, em 1940.

Nome: *Susana Figueiredo Pato*

Idade: *74 anos*

Grau de escolaridade: *5º ano do liceu*

Profissão que tem ou já teve: *Agricultora*

Estado civil: *viúva*

Morada: *Mamarrosa*

Como esposa de um grande entusiasta da Banda, procure responder:

1. Sabe como nasceu e se desenvolveu a paixão do Sr. Dr. Pato pela Banda Filarmónica?

- Quando o conheci, foi por causa da música, quando ia, com outros, prevenir um vizinho meu de algum serviço para a Banda.

2. Já em 1952, o Sr. Dr. Pato, com o Sr. Padre Tavares, o Sr. Flávio Pato e o Sr. Professor Rogério procuraram acudir à Banda, numa ocasião de grande crise. Por favor, se souber qualquer coisa sobre esse facto, explique tudo o que entender.

- Ele nunca poupou esforços para acudir à Banda,. O meu marido era um apaixonado pela Banda.

3. De novo, depois de 1970, o marido da senhora volta a preocupar-se seriamente com a Banda, desta vez também com o Sr. João Tribuna e o Sr. Flávio Pato. Tente recordar tudo o que souber sobre estes acontecimentos.

- A Banda atravessava uma grande crise financeira e foi nessa altura que recorreram aos emigrantes e aos amigos.

bibRIA

4. Fale da paixão de seu marido pela Banda.

- O meu marido ia aos ensaios e sempre que podia, ia vê-la actuar. Uma das últimas vezes foi a uma noitada a Pedrães.

5. Escreva mais o que quiser sobre a Banda Filarmónica, não se esquecendo de dizer o que representa para si e para toda a região.

- Não ouço a Banda Filarmónica sem me emocionar, porque lembro o meu marido e o quanto ele a amou. É porque eu também sou sensível à música. A Mamarrosa e toda a região não seria tão conhecida, se não houvesse a Banda Filarmónica da Mamarrosa.

O Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato nasceu no dia 20.07.918 e faleceu no dia 12.05.975, fez o 7º ano no Liceu de Aveiro, depois de ter passado pelo Colégio de Oiã e formou-se na Universidade de Coimbra, em medicina, com 25 anos.

Filho de pais humildes e trabalhadores, a quem foi sempre muito dedicado. Foi um grande amigo

da sua terra, a Mamarrosa. Lutou por tudo o que lhe faltava: Farmácia, casa de Saúde, Bombas de gasolina etc... Fez parte de comissões do grupo desportivo, Banda de Música, etc..

Especializou-se com muito sacrifício, deslocando-se diariamente a Coimbra, sem ajudas, sem subsídios, porque a sua política não agradava ao Governo de então. Todas as portas de qualquer coisa do Estado lhe eram barradas.

Só muito tarde conseguiu uma consulta nas Caixas de Aveiro.
Foi bom filho, bom marido e bom pai. Mesmo depois de especialista e de ter o seu tempo muito ocupado, nunca deixou de atender o seu povo, os menos favorecidos, porque nunca esqueceu que nos seus princípios, foram eles que o ajudaram. Visitava doentes da Malhada, Troviscal, Amoreira da Gândara, no início de bicicleta, depois de mota e ultimamente de automóvel. Fez partos nas casas, tratou fracturas e tudo o mais, sem se furtar a sacrifícios.

Isaura Figueiredo Pato

bibRIA

A viúva do Sr. Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato. Supomos que este nome diz tudo. Viúva do homem que com certeza foi dos que até hoje mais amaram a Banda, a ela se dedicando de alma e coração.

Sempre esteve presente, especialmente quando ela mais precisou. E assim, logo o vemos à frente de um grupo de bons mamarrosenses, marcando presença, aquando da crise de 1952- 1954, crise essa que a Banda então atravessou e já aludimos, a propósito do senhor Padre Ferreira Tavares.

Em 1970, agora mais devido a problemas financeiros, como aliás nos esclarece esta senhora, de novo o Sr. Dr. Pato logo acorre a salvar a Banda. São então também mais uma vez alertados os emigrantes e isto mesmo mostram os panfletos que nos deu a própria senhora D. Isaurinha (como carinhosamente é conhecida).

Da sua sensibilidade perante esta arte de jogar com os sons e deles tirar partido para conseguir belos trechos musicais, nos fala o que escreveu.

Nome: Maria do Carmo da Silva

Idade: 65 anos

Grau de escolaridade: 4.º ano

Profissão que tem ou já teve: Agricultora

Estado civil: Viúva

Morada: Rua Dr. Manuel A. Pato, 39 3770-037 Mamarrosa

Sr. Manuel Plácido Simões dos Santos

Em resposta às questões apresentadas, tenho a dizer algo da vida do meu marido em relação à Banda.

Para o Sr. Plácido a Banda representava, talvez, o seu único hobby; além de saber que era uma instituição com muito valor colectivo, da qual ele era o presidente.

Tinha por ela uma dedicação extrema, sendo os seus elementos tidos sempre como amigos.

Apreciava a arte pela Banda criada, assim como também se encantava com o sucesso e a receptividade que a Banda encontrava junto da população.

Sempre o Sr. Manuel Plácido se disponibilizou a transportar elementos da Banda, instrumentos quando necessário ou até outros interessados em ir escutar a bela música que a Banda orquestrava.

Depois das vezes que o fez, há que referir que nunca levou dividendos a ninguém por isso.

Em certas alturas, chegou a pôr a sua vida profissional de lado para aceder a interesses urgentes da Banda. Por exemplo: o arranjo de instrumentos, contactos com outras colectividades e instituições, tanto a nível musical, como festivo e nomeadamente angariação de fundos e verbas para a Banda.

É certo que a Banda tem serviços para paragens longínquas, e nessas mesmas paragens o Sr. Manuel Plácido retirava vantagens nos conhecimentos que fazia com os responsáveis das festas em causa. Ele só se sentia enriquecido devido a isso. Também tinha muito orgulho por ser um interveniente activo de uma colectividade que encantava tantas e diferentes pessoas.

A Banda era um dos seus orgulhos pessoais mais importantes. Era uma parte muito relevante da sua vida...

bibRIA

Maria do Carmo da Silva

Irmã dos dois músicos outrora executantes- Manuel Domingues Cravo (Quinta da Gala) e Mário Domingues Cravo (Relvada - Amoreira da Gândara). Viúva de Manuel Plácido Simões dos Santos - Tudo dito. Embora ainda mergulhada na sua dor por perda tão irremediável, a senhora D. Maria, decerto apoiada pelos seus familiares, de boa vontade acedeu também a prestar o seu depoimento.

A par de um sentimento de singela estética que se desprende da sua sensibilidade e que sempre partilhara com o seu marido, uma nuvem indelével de saudade cobre as suas palavras. Mas a mensagem que nos transmite, mostra bem o grau de dedicação que também ela, a par de seu marido, sempre tem votado à nossa Banda. Há gestos, atitudes, silêncios que falam mais alto que alguns turbilhões de palavras.

bibRIA

Ainda hoje paira sobre a constituição da Banda e decerto continuará por bastante tempo, a imagem daquele homem sereno, bondoso, desprendido de ninharias materiais e sempre atento e alerta, timoneiro de um barco que sempre procurou guiar a porto seguro.

Do amor deste homem e de sua família pela Banda e pela Mamarrosa nos fala esta ficha, pelo que apresenta e pelo muito que todos já sabemos para além dela.

(No capítulo "Etapas da Banda" junta-se cópia do diploma concedido, a título póstumo, a Manuel Plácido Simões dos Santos, bem como de uma pequena resenha sobre a sua vida.)

Nome: *Amândio Dias Silva Rodrigues*
Idade: *70 anos*
Grau de escolaridade: *4.º ano*
Profissão que tem ou já teve: *agricultor*
Estado civil: *Casado*
Morada: *Rua da Quinta do Gordo, n.º 39 - Mamarrosa*

1. Já teve na Banda funções directivas? De quando até quando?

- Já tive, como secretário da Assembleia Geral da Associação Beneficente Cultura e Recreio de 1978 – 1988.

2. Fale da sua passagem pela Banda: em especial da fundação da Associação em 1978.

- Antes de se fundar a Associação eu e um grupo de pessoas andámos de porta em porta para angariar fundos para a Banda. O grupo era unido e trabalhava por uma causa "A Banda". Mais tarde fundou-se a Associação.

bibRIA

3. O que representava para si essa função e a própria Banda?

- Para mim era uma forma de servir uma causa justa, para não deixar morrer aquilo que os nossos antepassados criaram com muito trabalho, amor, suor, e, quem sabe, com algumas lágrimas à mistura.

A PROPÓSITO - SOBRE O SENHOR DR. PATO

NAS "DUAS TORRES", COM O SENHOR AMÂNDIO

Embora os graus não fossem muito acima do zero, estes fiapos amarelados de sol convidam à modorra. E lá nos sentámos, mesmo ali no café das "Duas Torres" – com o senhor Amândio Dias da Silva Rodrigues, sacristão, sobrinho e afilhado de Amândio da Silva Rodrigues que tocou primeiro trompa e mais tarde foi solista de fliscorne, na Banda, intervindo

num dos processos do ressurgimento, após uma das crises em que fez parte de uma Direcção (da Banda) em 1956. Este sobrinho daquele músico já falecido, é um dos sócios fundadores (n.º5) da Associação Beneficente, Cultura e Recreio (a que pertence a Banda desde 1978) e que exerceu também a função de secretário da Assembleia Geral até 1988.

Mas vamos aos principais aspectos da conversa.

Decorriam os primeiros anos da época de 70. Mais uma vez a Banda reclama a intervenção do senhor Dr. Pato que foi chamar o tio do nosso entrevistado e incentivou-o a voltar, bem como a muitos outros que se haviam afastado.

Uma grave crise económica abatera-se sobre a Banda que tinha envelhecido; de fileiras desfalcadas, sem sangue novo que lhe activasse o sonho, sem meninos a aprender, com labaredas de brigas e rixas entre os seus membros, foi-se corroendo e desfalcando a si própria. "Velhos e poucos, estes músicos quase que chegaram a ser achincalhados" - são palavras do senhor Amândio. Por isso, é que o senhor Dr. Pato, apesar do latejar da efervescência sócio- política da época, num rasgo de amor a esta causa que sempre identificou como causa sagrada da Mamarrosa – pôs mais uma vez, mãos à obra – salvar a Banda ....

bibRIA

Lançou talvez então sementes que germinaram em tronco, flores e frutos de que ele jamais pode usufruir, pois morreu logo em 1975.

Falou-nos o senhor Amândio dos novos estatutos da Associação, então elaborados em 1978. Nós já os conhecíamos de conversas anteriores com o senhor Mário Cravo e o senhor Fausto Pato, também intervenientes no processo de oficialização da Associação em que se integrou logo a Banda.

Por trás do Salão (frente à Igreja) e encostada à Farmácia de Armor Coelho (um dos músicos fundadores) e que lhe ficava a leste, havia uma casa e foi aí que os estatutos foram assinados por todos os membros presentes e fundadores da Associação. Deslocou-se aqui à Mamarrosa o senhor Arménio Roça, empregado do notário de Oliveira do Bairro que trouxe os livros e restante material necessário ao acto da escritura.

A seguir, a nossa conversa incidiu essencialmente sobre o senhor Dr. Pato, o

tal amigo sempre pronto e preciso na hora certa.

Quem era o médico Manuel Augusto dos Santos Pato?

Nasceu na Mamarrosa, na casa onde agora se encontra a Farmácia e era filho único de Artur dos Santos Pato e de Arminda da Silva Rodrigues. Os pais, além de propriedades agrícolas, possuíam uma loja de fazendas (mesmo no sítio onde está a Farmácia), no rés do chão da casa que tinha primeiro andar. E ao lado da loja aberta das fazendas, a poente onde agora está o pátio, um armazém de adubos. Expliquemos que todo este bloco de casas, frente aos armazéns do falecido Antero Caiado e à casa (a seguir) do senhor Manuel José da Póvoa (pai da professora D. Maria José Pato) e onde se construiu este café das "Duas Torres" onde nos sentámos – este bloco de construções, dizíamos, pertencia a uma mesma família. Pois era a casa da Ti Felicidade da Ana (senhora Felicidade de Almeida), avó do senhor Dr. Virgílio e onde hoje mora a viúva, D. Rosinda (a tal educada pela tia Conceição), a da senhora Arminda e a da senhora Maria – todas com o apelido da Ana e irmãs.

bibRIA

Porquê este apelido "da Ana"? Para o explicar, vamos relatar o que nos contou a senhora D. Isaurinha, viúva do senhor Dr. Pato e a senhora D. Ilda, filha do músico fundador, Amadeu Martins.

No século XIX havia na Mamarrosa três irmãs que moravam onde agora se situa a casa de D. Serafina Capão. Ora, uma dessas três irmãs morreu de parto, deixando o bebé às suas duas manas solteiras que o criaram como filho, dando-lhe o nome de João Ouvera.

Acontece que nesse tempo, à porta dessas senhoras solteiras, foi também deixada uma menina, numa linda cestinha cheia de folhos e rendas. E aquelas duas irmãs, decerto, pessoas devotas e bondosas, acolheram também a menina abandonada na cestinha que assim cresceu com o João Ouvera, o filho da senhora

falecida.

A essa menina puseram o nome de Narciza (que na linguagem oral popular se pronunciava Nacirja).

Narciza e João Ouvera, embora criados como irmãos , cedo se sentiram fortemente atraídos um pelo outro. E, perante aquele amor existente entre os dois jovens, pensam as duas senhoras: - Eles podem casar, não são nada um ao outro.

E casaram. Dos vários descendentes deste casal, uma das filhas chamada Ana e tratada por Ana das Narciza (Nacirja), por ser filha de Narciza, foi a mãe de Arminda, Maria e Felicidade.

Destas, a Maria era avó do nosso entrevistado que é irmão da D. Irene (esposa do Senhor Isaías, ambos filhos da D. Lurdes e António Dias Gapo que tocou clarinete na Banda, respectivamente, filha e genro da tal senhora Maria da Ana que tinha uma loja onde é a papelaria e a retrosaria "Cestinha").

bibRIA

A casa dos pais do senhor Dr. Pato era a do meio e de primeiro andar.

Desde pequeno, o "Neca", como era conhecido na aldeia, se mostrava inteligente, esperto e vivaço. Como o primo poeta (Júlio Dias Gapo), já em garoto fazia algumas daquelas maroteiras que muito alegravam a pequenada.

Só uma das da sua meninice.

A tia Maria (da Ana) tinha uma ninhada de pintos no sobrado. Ora, os pintos piavam, piavam e o Nequita já não os podia ouvir.

... Que lhes faz? ... Quando nesse dia à tarde a tia sobe ao sobrado para dar comida aos pintainhos, admirou-se, pois não os ouvia pipilar. Mas subiu ... e que viu? Os pintos todos mortos e dentro de uma alcatruz .. - Oh! Neca, tu mataste-me os pintos todos! Resposta pronta do pirralho – Eles só faziam piu, piu, piu e eu quis calá-los; apertei-lhes um pouquinho

o pescoço e eles calaram-se. E eu então pu-los dentro do "tracanuço"! (alcatruz) – Vou dizer ao teu pai e ele bate-te. -Mas não foi.

Os pais do Neca não vendiam apenas em casa, faziam também as feiras de Bustos, Palhaça, Cantanhede e outras. E quando chegavam a casa, era sempre um rol de queixas. A mãe, a senhora Arminda e a tia Maria encobriam-no, mas a tia Felicidade, talvez um pouco mais espevitada, contava os feitos traquinas e as tropelias deste menino irrequieto. E o pai Artur toca de lhe chegar a roupa ao pêlo, como se ousa dizer; batia a bom bater, de tal modo que a mãe Arminda, muitas vezes se metia a meio e não raro lá apanhava também alguma murraça mal direccionada. Outras vezes prendia-se o Nequinha num quarto, mas a esperteza do rapaz acabava por vencer e conseguia libertar-se.

O pai Artur tinha um automóvel (um Ford) , coisa rara na altura, o segundo, pois já o senhor João da Manca, irmão da sogra do músico fundador Mateus Ferreira da silva, possuía um na Mamarrosa e havia outro na Malhada, do senhor João da "Nunas" que era ourives e tinha também venda aberta de mercearias.

bibRIA

O carro do senhor Artur era daqueles antigos, com capota e dava-se à manivela para ele pegar; era principalmente usado para transportar o casal e os tecidos para as feiras.

Ora, um dia, o nosso jovem, prenúncio de médico, toca de experimentar o veículo que era muito bom para a época, mas que não tinha de forma alguma mecânica adequada a velocidades: isso viria daí ainda a uns bons anos. Mas o Neca queria ver quanto é que o carro dava e toca de acelerar, carregar para a frente. De tal modo que o ponteiro dos quilómetros se "desencolaterou" e passou para o outro lado... Nós imaginamos o prestar das contas em casa ... Um rapaz brincalhão com um pai tão severo!

Mas era inteligente o menino e o pai sabia-o, por isso, como muitos outros pais da época, achava que a disciplina e o trabalho tinham de ser as duas virtudes indispensáveis para fazer dele alguém. E ser alguém significava ir estudar e chegar a ser o senhor doutor. Este era o sonho acalentado pelo pai desde sempre: uma formatura em casa, a do seu filho. Sabemos o significado de uma formatura naqueles tempos (até à década de 50, pelo menos)

e nesta zona bairradina. Mas diferente era o pensar do Neca: como todas as crianças, os seus sonhos imediatos, eram as brincadeiras em que a sua imaginação se envolvia. Acabada a Escola Primária, por volta de 1930, (tinha nascido em 1918), Manuel Augusto dos Santos Pato ingressa no Ensino Secundário, no Colégio Particular de Oiã. Rapazinho habituado a divertidos truques e folguedos infantis, arguto e de inteligência aberta, o que ouve nas aulas, facilmente apreende e começa a sentir pela primeira vez também uma lufada de liberdade a que não estava habituado, pois que agora, nem sempre tinha tantos olhos em cima, como acontecia durante o tempo da Primária. Vai acompanhando o estudo com o seu poder de fácil e rápida apreensão, mas eis também que começa a atravessar uma daquelas instabilidades a que os psicólogos chamam crise da puberdade ou pré – adolescência. O corpo cresce e transforma-se; já se não é bem criança, nem homem ainda tão pouco. Faz novos conhecimentos, alarga o seu círculo de amigos e camaradas de partidas e até estúrdia; o exemplo de uns arrasta outros. E quase sem ele próprio se aperceber, começa a faltar às aulas (ia para a Pateira de Fermentelos com os outros e outras). Os resultados do aproveitamento escolar baixam, o final do período aproxima-se e o ano perde-se.

bibRIA

Para o senhor Artur e D. Arminda, pessoas formadas na dura escola do trabalho, foi um choque muito grande. E as sanções não se fizeram esperar. Era no tempo da indústria dos fornos de cal que mobilizou muitas pessoas na nossa zona e sustentou e enriqueceu outras, até ao aparecimento dos modernos materias de construção como o cimento (betão) e o tijolo.

O senhor Artur pôs o filho a trabalhar nos fornos de cal. Se os trabalhos agrícolas eram pesados e difíceis, o dos fornos, suplantava-os a todos. Nem vale a pena explicar, mas basta dizer, que mesmo as pessoas que habitualmente trabalhavam na cal, "suavam como bois" – era o que se dizia.

E a seguir aos fornos de cal foi trabalhar na abertura de um poço que o pai andava a fazer nos Cortelhos (próximo da Rua de Baixo). O trabalho dos poços era também muito árduo e exaustivo...

As mãos mimosinhas do rapazote escorriam sangue ... as bolhas rebentaram ... cicatrizaram, transformaram-se em calos porque a safra durou todas as férias grandes.

Foi uma das lições mais duras da vida deste candidato a médico, mas valeu-lhe para o resto da vida. Nunca mais faltou às aulas, nem perdeu anos. E no dia da sua formatura, quando subiu ao palanque onde os jovens licenciados faziam o seu discurso, ele contou esta história (que nós então ouvimos e jamais esquecemos) no agradecimento comovente e sincero que fez aos pais e ao povo da sua terra.

Foi este homem que até morrer (em 1975), sempre mostrou uma extraordinária dedicação à terra e muito em especial à Banda. Por todos considerado médico muito competente (era ginecologista também em Aveiro), disponível e amigo dos pobres, adoptou a divisa do trabalho que tão duramente havia aprendido em adolescente. Ele próprio dizia "Para ser médico estudei muito e para exercer agora, tenho de continuar sempre a estudar".

O seu primeiro consultório foi na casa da tia, a senhora Felicidade, depois na sua própria casa, até que fundou a Casa de Saúde da Mamarrosa.

bibRIA

O senhor Dr. Manuel dos Santos Pato, além de amigo da Banda, era grande apreciador de Música. Ele próprio cantava muito bem e tocava viola.

Raramente perdia os ensaios da Banda e acompanhava-a nas suas actuações, sempre que os seus afazeres de médico, lho permitiam.

Diz a viúva que ele era mesmo "doente" pela Banda.

Nos seus últimos tempos, a Banda ensaiara "Poet et Paysan" e este médico passava os tempos livres a trautear esta peça, tal qual como a ouvira nos ensaios.

Parece que foi a festa de Perrães, a 8 de Setembro de 1974, a última onde ele acompanhou a Banda.

Entusiasmadas pelo pai, as filhas deste médico começaram as duas a aprender Música, primeiro com José de Oliveira e depois com Armando Vida. A mais

nova tirou mesmo o Curso Superior do Conservatório e agora é Professora de Música.

Nome: *Manuel Simões Cravo*
Idade: *64 anos*
Grau de escolaridade: *4º ano*
Profissão que tem ou já teve: *agricultor*
Estado civil: *Viúvo*
Morada: *Quinta da Gala – Mamarrosa*

1. Já teve na Banda funções directivas? De quando até quando?

- Na Banda nunca tive, só tive na Associação da Banda.

2. Fale da sua passagem pela Banda: em especial da fundação da Associação em 1978.

- Já não me recorda desses tempos de 1978, embora tenha pertencido ao grupo que fundou a Associação.

bibRIA

3. O que representava para si essa função e a própria Banda?

- A Banda representa para mim um bom trabalho de uma Associação e um empenho por parte do maestro e músicos.

4. Guarda desses tempos alguns papéis, fotos ou outros documentos?

- Não.

5. Se souber qualquer peripécia (digna de registo) desses tempos em relação à Banda, conte-a por favor.

- Não tenho registo de qualquer peripécia.

6. Alguns regentes passaram pela Banda enquanto exerceu as suas funções. Por favor, diga quais e aponte as características de cada um:

- Acho que todos desempenharam um bom papel, a nível de tudo, isto na altura em que pertencia à Direcção da Associação.

7. Sabe explicar alguma coisa sobre a evolução da Banda desde que começou a exercer as suas funções até sair? Por favor diga o que souber.

- *Têm evoluído muito, tanto a Associação como a Banda.*

8. E hoje, que ideia faz da Banda actual.

- *A Banda na actualidade é uma colectividade muito evoluída.*

9. Que futuro será o da Banda, segundo o seu entender?

- *Será um futuro muito positivo.*

10. Diga tudo o mais que achar de interesse.

- *Não tenho mais nada a dizer de interesse.*

Este senhor é pai dos dois actuais executantes: Manuel Moreira Cravo – saxofone tenor e António Maia Cravo – percussão; é avô de Marisa Cravo, executante de clarinete e do pequeno Tiago – iniciante.

bibRIA

Manuel Simões Cravo é da grande família dos Cravos – todos mais ou menos ligados à Música: é sobrinho do violinista Manuel Augusto da silva Cravo (no início do século XX) e do grande flautista António Augusto Cravo.

Nome: *Agripino Nogueira e Dais*
Idade: *61 anos*
Grau de escolaridade: *4º ano*
Profissão que tem ou já teve: *1º subchefe da PSP na aposentação*
Estado civil: *Casado*
Morada: *Rua do Cabeço, 21 Mamarrosa*

1. Já teve na Banda funções directivas? De quando até quando?

- *Sim, na mesa da Assembleia Geral. Primeiro como secretário e depois como presidente, de 1991 a 1998 inclusive.*

2. Fale da sua passagem pela Banda: ensaios, actuações, convívios.

- Como amante de música, foi gratificante. Foram 8 anos que dediquei à Banda através da ABCR da Mamarrosa e que servi com empenho de quem desejava uma Associação sólida e uma Banda de música forte, composta por gente adulta em matéria humana e musical.

3. O que representava para si essa função e a própria Banda?

- Representou um sentimento de quem gosta de ver a sua terra rica em cultura. A Banda de música para mim é uma escola de arte e cultura, com o desejo de que não morra por motivos fúteis.

4. Guarda desses tempos alguns papéis, fotos ou outros documentos?

- Não, apenas os estatutos como sócio da ABCR, todos os outros documentos inerentes às funções que desempenhei, foram entregues à Associação.

5. Se souber qualquer peripécia (digna de registo) desses tempos em relação à Banda, conte-a por favor.

- As peripécias que guardo em memória, não são dignas de registo, apenas porque são tristes e que foram a tentativa, por parte de elementos que passaram pela Banda de música, de fazer dela um objecto sem valor.

bibRIA

6. Alguns regentes passaram pela Banda enquanto exerceu as suas funções. Por favor, diga quais e aponte as características de cada um:
- competência de regência
- sua especialidade como músico
- relação com os executantes
- relação com a direcção da Associação BCR (a que pertence a Banda)
- disciplina nos ensaios, concertos e demais actuações
- amor pelo trabalho de reger e ensinar a Música.

- O Dr. Silas, principal por ter dado uma nova vida à Banda, competente, disciplinado, até que pensou em fundar nova Banda de música no Troviscal;

O Juan, nunca o achei competente para o cargo, apesar da boa vontade. Disciplinado, nunca foi, pois tinha sido executante e nunca conseguiu libertar-se.

O Victor Ferreira, que também havia sido criado como executante, foi difícil também libertar-se. Competente como maestro, mas fraco na condução dos interesses da Banda.

O Paulo Margaça, pelo pouco tempo que com ele convivi, vi que é competente e disciplinado. O homem ideal para reger e conduzir a Banda a altos voos.

7. Sabe explicar alguma coisa sobre a evolução da Banda desde que começou a exercer as suas funções até sair? Por favor diga o que souber.

- A Banda evoluiu enquanto teve um grande professor no ensino do solfejo, o Sr. Álvaro Ferreira, que depois estagnou. Despontou novamente com o maestro Paulo Margaça que activou a escola de música, pelo que, penso estarem criadas as condições para que a Banda possa evoluir cada vez mais.

8. E hoje, que ideia faz da Banda actual?

- Face ao quase descalabro que a saída do maestro provocou, o Paulo Margaça conseguiu unir aqueles que ficaram por amor à Banda e conseguiu dar-lhes também personalidade de uma Banda de música e não orquestra ligeira, que era no que estava transformada e penso que com o material humano existente e o que vai entrar, ficará uma grande Banda.

bibRIA

9. Que futuro será o da Banda, segundo o seu entender?

- Como disse atrás, com a escola de música a funcionar em pleno e mantendo a Associação a confiança no actual maestro (Paulo Margaça), penso que em breve teremos uma Banda forte, personalizada e rica culturalmente, apesar da sua juventude.

10. Diga tudo mais o que achar de interesse.

- Que a direcção da Associação se mantenha unida e apesar do défice financeiro, apoie como sempre apoiou a Banda de música e a sua escola.

Agripino Nogueira Pais

Fala um músico culto e esta afirmação explica o que vamos dizer adiante.

Mas antes de prosseguir, seja-nos permitido um pequeno aparte com que queremos salientar a acção que este homem vem desenvolvendo há mais de 25 anos, em prol do Grupo Coral da Igreja e que está bem patente aos olhos e ouvidos de todos.

Na sua ficha conseguiu fazer uma análise circunstanciada e com certa profundidade do que foi, é e será a Banda, desde a altura em que exerceu na Associação (Assembleia Geral) as suas funções directivas até ao presente. E não só ausculta o estado da Banda em termos artísticos e culturais, mas também nos apresenta de um modo claro e desafogado, as características de cada maestro que até agora conheceu.

Muito se pode aprender com as suas palavras que aqui ficam registadas, como mais um testemunho significativamente válido e desassombrado sobre a nossa Banda.

Nome: *Aldina Mota e Gala*
Idade: *74 anos*
Grau de escolaridade: *3ª classe*
Profissão que tem ou já teve: *doméstica*
Estado civil: *viúva*
Morada: *R. Sobreiro, 65 Bustos*

bibRIA

Como esposa de um antigo e grande entusiasta da Banda, procure responder:

1. Quando começou a paixão de seu marido pela Banda Filarmónica da Mamarrosa e porquê? Diga o que souber.

- Logo que casei com ele, em 1946 soube que era grande entusiasta da Banda. Sempre falou da Banda e sempre amou a Banda. Chegou a ser músico da Banda. A Banda representa um símbolo Republicano (tal como a Banda do Troviscal)

2. O marido da senhora chegou a fazer versos à Banda. Sabe qualquer coisa a esse respeito? Conte tudo o que recordar.

- Sim. Esses versos existem e podem ser obtidos quando se quiser.

3. Em 5 de Dezembro de 1982, o senhor Hilário Costa foi mesmo proposto para sócio honorário da Associação a que pertence a Banda, precisamente pela sua grande dedicação a esta causa. Por favor, descreva tudo o que souber.

- Foi proposto como sócio honorário pela sua dedicação à Banda da Mamarrosa; fazia a cobrança

das quotas dos sócio de Bustos, escreveu versos à Mamarrosa e à sua Banda. Ele foi músico da Banda até aos 16 anos e tocou flauta.

4. Conheceu alguns dirigentes da Banda? Diga quais e o que sabe deles.

- Dr. Silas Granjo de quem fui grande amiga. O Dr. Silas escreveu a música e Hilário Costa a letra de um "Hino de Bustos". O senhor Plácido de quem fui também grande amigo era igualmente meu conhecido.

5. Recorda-se do senhor Professor Jaime de Oliveira? Descreva-o como homem, como professor e como músico.

- Nunca conheci Jaime de Oliveira, mas sempre ouvi dizer bem dele.

6. Que representa a Banda para si e para a região?

- Todos em Bustos e nas freguesias circundantes conhecem e reconhecem o seu valor para a região. Um símbolo de cultura regional.

bibRIA

7. Parece que o primeiro serviço da Banda da Mamarrosa foi no casamento do senhor Augusto Costa de Bustos. A senhora sabe alguma coisa a este respeito? Diga o que souber.

- O senhor Augusto Costa era tio do meu marido, isso está penso eu, escrito num dos livros do meu marido. Segundo o senhor Amadeu Sousa (92 anos) a Banda cobrou 20$00 pelo serviço.

- Eu gosto da Banda da Mamarrosa porque o meu pai, Antero Domingos Gala foi músico da Banda do Trovisco; tocou bombardino.

Não sei de qualquer documento ou fotografia sobre a Banda da Mamarrosa.

ALDINA MOTA E GALA

Mais uma dos grandes amigos da Banda e a que já aludimos, quando nos referimos a seu marido, o falecido senhor Hilário Costa.

Pelos seus serviços, quer em canseiras, junto de simpatizantes e sócios, quer pela sua contribuição monetária sempre pronta, esta senhora foi homenageada como sócio-honorário n.º 5, precisamente agora no convívio de 12 de Novembro de 2000.

Juntamente com D. Aldina Mota, outro velho amigo da Banda e da Música – Manuel Luzio Júnior foi também distinguido com o mesmo grau de sócio honorário n.º 6.

O senhor Luzio que faz parte da Direcção da Associação B.C.R. tem, por esse motivo, ficha própria e remetemos o leitor para a sua leitura para assim melhor se conhecer este grande espírito devotado ao mundo maravilhoso dos sons.

Dr. José Maria Simões de Carvalho- da Palhaça.

Mais um amigo da Banda. Insigne médico veterinário, com extensa folha de serviços prestados ao bem comum pelo seu saber e generosidade, sempre foi grande aficcionado da nossa Banda que tem procurado apoiar e incentivar.

Por tais predicados que tem posto ao serviço da nossa Filarmónica, resolveu também a direcção da Associação homenageá-lo publicamente no concerto da Páscoa deste ano 2000, concedendo-lhe o título de sócio honorário n.º 4.

(Faleceu em Maio de 2001)

bibRIA

E além destes, muitos e muitos outros amigos e simpatizantes da Banda poderíamos nomear.

Registemos apenas e para concluir, um outro nome – o do senhor Comendador Almeida Roque – de Águeda e que foi agraciado neste convívio de 12.11.2000 com o diploma de sócio benemérito n.º1.

Este senhor mostrou-se tão emocionado com esta singela homenagem e com a nossa Banda, que, com voz embargada pelos sentimentos, confessou que a Mamarrosa o tinha conquistado pelo coração.

Observação: - Presentemente (ano 2001), constam da Associação 6 sócios honorários:

n.º1 – Hilário Simões da Costa

n.º2 – Alípio da Assunção Sol *

* - Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, antes do senhor Dr. Acílio Gala, sendo durante esse tempo, sempre muito interessado pelos assuntos da Banda.

n.º3 – Manuel Plácido Simões dos Santos (a título póstumo)

n.º4 – Dr. José Simões de Carvalho

n.º5 – Aldina Mota e Gala

n.º6 – Manuel Luzio Júnior

E há este sócio benemérito:

- Comendador António Soares de Almeida Roque

bibRIA

AS TRANSPORTADORAS DE SONHOS E DE INSTRUMENTOS DE SONHAR

NUM QUADRO DE SAUDADE
AS TRANSPORTADORAS DOS INSTRUMENTOS

Maria do Luís
Teresa do Luís
Rosa Ferreira
Maria Augusta dos Santos
Arminda de Jesus Tomé
Maria Rosa dos Santos Cova
Olímpia Dias
Diamantina da Conceição

bibRIA

AS TRANSPORTADORAS DE SONHOS E DE INSTRUMENTOS DE SONHAR - ARTE

A história da Banda Filarmónica da Mamarrosa, pelo menos até à década de setenta, está intimamente ligada, também, à vida de um grupo de senhoras que, à cabeça, durante largos anos, transportaram todos os sonhos do mundo.

O rabecão, a tuba, o contrabaixo, o bombo, a caixa, para todos os lados, para onde a Banda ia tocar, carregavam na cabeça das transportadoras, toda a fortuna de enganos e desenganos, de ilusões e desilusões.

De dia ou durante toda a noite, de Verão e de Inverno, ao esturreiro do sol ou sob a dureza e o rigor da friagem - aquelas mulheres, sempre com a asa de um sorriso alisando os rostos tisnados e sublimando todos os seus pesares - podem bem considerar-se suporte e apoio logístico indispensável nesses tempos transactos.

bibRIA

Foram várias. E às duas, de parceria, ou sozinhas, sempre com alguns músicos acompanhantes, elas foram parte integrante de um todo que por muitos altos e baixos chegou até aos nossos dias.

Se os instrumentos são eles, por assim dizer, parte da própria Banda, quem os toca, quem os transporta ou ajuda a transportar, completa a parte restante da própria essência da Banda.

Qualquer objectivo, além de se apoiar em determinados factores, depende ainda de certas condições e meios, formando todos estes antecedentes e condicionalismos um clima propício para atingir os fins em vista. E nem a arte ou a cultura fogem deste esquema de acção. No caso concreto da Música, bem entendido, que antes de mais nada, é necessário haver músicos, mas os músicos só o são, munidos dos respectivos instrumentos e estes quando excedem certo calibre, quer em volume, quer em peso, exigem auxiliares que os tornem presentes onde e quando for necessário. Daí o recurso às transportadoras, cujo papel foi de

justificada importância, enquanto a evolução dos tempos não permitiu a existência de outro meio de transporte. Note-se, a propósito, que mesmo em certos serviços da Banda, como por exemplo, em arruadas, há instrumentos que os músicos só com sacrifício os conseguem levar, dado o seu tamanho e peso: referimo-nos às tubas, contrabaixos, bombardinos, bombos, havendo outros como os sinos que são mesmo só de actuação fixa.

Vamos então falar das senhoras que transportavam os instrumentos de maior porte. Este serviço começou logo de início e, por isso, com o fundador da Banda, o senhor Professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa.

As primeiras transportadoras são Maria do Luís e Teresa do Luís. Eram irmãs.

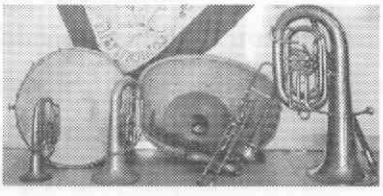
Como já aludimos quando falámos do fundador Pedro Domingues, estas duas senhoras moravam na casa deste músico, situada do mesmo lado e próximo da vivenda do senhor Eng. Martins da Silva e quase defronte ao senhor Américo, pai de Manuel Augusto Simões Gapo (Manuel do Américo) que foi director do Rancho Folclórico das Vindimadeiras, de 1983 até à sua morte, ocorrida em Junho de 1992.

bibRIA

A Ti Maria do Luís, sogra de Pedro Domingues, foi a primeira a levar à cabeça uma canastra (parecida com a das tricanas da beira-mar, mas um pouco maior) com instrumentos. E a irmã Teresa levava o rabecão do senhor Jaime, pois era necessário para as missas daquele tempo (antes de 40) que constituíam grandes momentos de religiosidade, mas também, quando festivas, motivos de grande pompa e aparato, com rituais muito cerimoniosos, longos e divinamente artísticos.

Rabecão do Sr. Jaime

Mais tarde, era o Priminho (outro músico fundador) quem tocava o rabecão nas cerimónias religiosas.



A canastra e instrumentos pesados

A Banda tinha mesmo uma orquestra sacra para tais ocasiões.

Mas estas senhoras, Ti Maria do Luís e Teresa do Luís também transportavam outros instrumentos pesados e volumosos como a tuba, o contrabaixo, o bombo e a caixa. Diz a filha de Pedro Domingues, D. Maria Adelaide, que o senhor Professor Jaime de Oliveira ia mesmo lá a casa (era perto e na mesma rua, a que vai para a Caneira) e dizia:

- *Ó Ti Maria, é preciso ir amanhã para tal lado.*

E às vezes iam toda a noite a andar.

- *Tu vais com elas, Pedro, tu e o David Ferreira e mais este e aquele.*

Era habitual esta conversa. E, sempre prontos, lá iam músicos e transportadoras, às vezes uma noite inteira para tocar ao outro dia, sabe Deus onde.

O Pereirita (marido da senhora D. Adelaide, viúva, com quem falámos), que também fez parte da Banda, chegou a ir com a avó Maria, nestes digressões.

bibRIA

A Ti Teresa do Luís morreu no Sobreiral (grupo de terrenos próximos de Malhapãozinho), numa manhã de Fevereiro com muita neve; diz-se que morreu enregelada, quando andava com a irmã Maria a apanhar erva.

Rosa Ferreira - A Tia Rosa do Ambrósio (por ser filha do Ti Ambrósio, o que fazia o Judas, no Vale) e que era irmã dos fundadores Manuel e Antero. Outra senhora que transportava à cabeça muitos sonhos embalados nos instrumentos que a carregavam longas horas em busca de longos destinos.

Morava esta senhora numa pequena casa, no Vale, mesmo na frente do senhor Antero Marques (genro do músico senhor Armando Vida). Era um cortelho tão pequeno, pelo menos na entrada, que dificilmente se transpunham os umbrais para demandar o interior.

Lenha empilhada de um lado e outro encolhia e aconchegava os intrusos que lhe batiam à porta. Tecto baixo, no interior um

adivinhar de mistério e perfumes desconhecidos que nos intrigavam sempre e punham ou de pé atrás ou roídos de curiosidade. Misto de aconchego, pequenez e quase graciosidade e um indelével encanto, parecia apoderar-se de nós quando, transposta a velha porta de tábuas azuladas e mal unidas. Lá dentro era o mundo desta mulher sozinha que em nova fora bem bonita e cobiçada.

Sabia de rezas e benzeduras, sempre pronta a fazer uma oração para afugentar qualquer mau olhado ou pregar uma cruzinha com alecrim e arruda para excomungar os espíritos malignos.

Sempre a saracotear, dir-se-ia pequena dobadoira, a acarretar lenha, apanhar um pastito, afagar uns coelhitos, fazer umas nicotices. Aventalzito de folhos e laços, airosa e espevitada, a Tia Rosa do Ambrósio, como era conhecida, nunca dera descanso às pernas. E, transportar instrumentos, era talvez o que mais lhe agradava.

bibRIA

Simpática, diligente e prestativa, ei-la, canastra bem pesada à cabeça, cabelos pretos encaracolados a saír do lenço atado atrás, direita a Febres, Covões, Monsarros, Gafanha, Mira e mais localidades onde a Música era requisitada.

Como já se disse, esta senhora era irmã dos músicos fundadores Manuel Ferreira e também de Álvaro Ferreira que não sendo fundador - foi ensinador de meninos - futuros executantes, durante largos anos (praticamente desde 1979), até à sua morte, em 1996.

Maria Augusta dos Santos (a Ti Maria Bicha) morava na rua da Senhora da Graça . Nasceu esta senhora a 19 de Junho de 1903 e o apelido "Bicha" vem-lhe do nome do pai, Manuel Bicho, da Silveira (vinha aqui matar carneiros-bichos).

A filha, D. Rosa dos Santos, afirma-nos que se lembra bem da mãe levar a canastra com a tuba e o bombardino.

Começou ainda no tempo do senhor Professor Jaime, tal qual como as suas colegas anteriores e ainda continuou com a regência de José e António.

Recorda esta filha que a mãe chegava a ir para Arrancada do Vouga e sempre a pé, ao sol ou ao frio, calcorreando os fracos caminhos do destino daqueles tempos, quer de inverno, quer de verão.

Segundo o filho Manuel Augusto dos Santos com quem também conversámos, a mãe, numa dessas deslocações, no inverno, apanhou uma grande molha. A água era tanta, que ficou com a roupa completamente encharcada e colada ao corpo. Teve até de bater a uma porta e pedir aos donos da casa para a deixarem enxugar a roupa ao lume. Desde então começou a queixar-se muito das pernas; doíam-lhe continuamente e foi assim que às tantas teve de desistir deste trabalho de transportar instrumentos pelas estradas da vida. Aliás, também já tinha estado muito doente, internada no hospital de Águeda. Ainda era vivo o pai do senhor Dr. Pato, o senhor Artur que foi quem lá a levou por ter carro, decerto único ou quase, nessa altura, na Mamarrosa.

bibRIA

Muitas vezes ia com a Tia Rosa do Ambrósio, pois, em regra, eram sempre duas as transportadoras que tinham de apoiar cada serviço da Banda.

Referiram ainda estes dois filhos, D. Rosa e o senhor Manuel Augusto, que os músicos que mais acompanhavam a mãe (nestas longas caminhadas) eram Duarte Pato (o Ti Duarte dos Penedos, que tocou contrabaixo durante largos anos, até morrer, em 1974) e António Santos, quase vizinho da Tia Rosa do Ambrósio.

Quando foi a inauguração do edifício dos Correios no Troviscal, era Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro o senhor Santos Pereira (da Feiteira), a Banda da Mamarrosa foi convidada para abrilhantar a cerimónia. Recorde-se que já não havia a Banda do Troviscal que acabou, logo após a morte do seu mestre, ocorrida em 1944.

Com a Banda da Mamarrosa, como de costume, foram duas transportadoras dos instrumentos e uma delas era a Ti Maria Bicha. A Banda juntou-se na frente da Escola do Troviscal. Os músicos prepararam-se para tocar na arruada, marchando até ao centro do Troviscal onde então se construiu o edifício dos C.T.T.. As senhoras que haviam trazido os

instrumentos, poisaram as canastras e ficaram na berma da estrada a ver os músicos a tocar. Como é habitual nestes festejos, há sempre muitos foguetes.

Ora, os foguetes começam desde logo a estrelejar, anunciando a boa nova: a inauguração de um grande melhoramento para a povoação. Os moços dos foguetes vão atirando para os ares girândolas de trois, trois... E um dos foguetes, decerto engano de trajectória, vai largar a cana precisamente direito à Ti Maria Bicha que, desprevenida, logo ficou a escorrer sangue, com a cabeça esburacada. Teve de ir de imediato para o hospital de Oliveira do Bairro onde foi devidamente assistida (episódio contado por D. Dulce Lemos, filha do músico Manuel Lemos, da Feiteira).

A senhora Maria Augusta dos Santos, Ti Maria Bicha, veio a falecer em 12 de Janeiro de 1977.

Arminda de Jesus Tomé

bibRIA

Também durante vários anos esta senhora Arminda acompanhou Maria Augusta dos Santos. Foi a filha desta transportadora, D. Rosa dos Santos que nos falou desta colega de sua mãe.

Arminda de Jesus Tomé nasceu a 7 de Fevereiro de 1902 e foi casada com Sebastião dos Santos. Era conhecida por Arminda do Sebastião do Crispim por ser este o nome do pai do marido.

Era natural de Azenha e o marido daqui da Mamarrosa. Morava numa pequena casa já desaparecida, próximo do senhor Professor Carriço, na rua de S. Romão.

A filha, D. Célia, com quem falámos, é casada com o senhor Claudino Paradinha. Diz ela que ainda se recorda ver a mãe ir com a Ti Maria Bicha; transportava o bombo do Ti Pato da Amoreira , enquanto que a companheira levava o contrabaixo do Ti Duarte.

Ainda andou vários anos; por fim, já queixosa das pernas, teve que abandonar este serviço e veio a falecer a 7 de Novembro de 1973.

Outra transportadora

Maria Rosa dos Santos Cova (Ti Maria Rosa Britadora)

Ti Maria Rosa Britadora - Para encontrar a razão deste apelido "Britadora", temos de recuar até aos anos 30 (do século XX) e começar aí a história desta família.

Maria Rosa era natural de Lombomeão (para os lados das areias-Mira) e aí a foi desencantar Maximino Fernandes, oriundo de S. Pedro do Sul e que tinha o ofício de partir e britar o granito.

bibRIA

Havia então vários trabalhadores que se ocupavam do granito, utilizado para fazer as estradas, no tempo de Salazar. Como se sabe, o granito é uma rocha muito dura e era necessário parti-la, desbastar o mais grosso e depois aparelhá-la, transformá-la em paralelepípedos com que se pavimentaram os pisos de muitas estradas daquela época. A dureza do granito explica a razão pela qual estas vias chegaram até aos nossos dias e são conhecidas por estradas de paralelo, abreviatura de paralelepípedo.

Os operários que se encarregam de lidar com a pedra, fazendo com ela caminhos, calçadas e passeios, como sabemos, são os calceteiros, mas neste caso, como tinham de britar o granito, transformá-lo em britas, bocados mais pequenos, apelidavam-se de britadores E este apelido foi transmitido, não só à mulher, mas também a toda a descendência e pelas várias gerações até hoje.

Maximino, já então Maximino Britador, tinha vindo de S. Pedro do Sul para a estrada que passa em Vagos e Mira e foi assim que conheceu Maria Rosa com quem viveu vinte anos, tendo dois filhos. O mais velho, Manuel (já falecido), Manuel Britador, pois cedo começou a britar pedra ao lado do pai e Felicidade, hoje com 78 anos.

Devido a esta profissão, os britadores eram nómadas, sem local fixo de trabalhar; esta família esteve em Mira, Gafanha, Ílhavo, S. Jacinto. Daí que, por exemplo, os filhos nasceram em Mira, mas cada um foi baptizado num local diferente. Enquanto que o filho Manuel foi baptizado em Mira, a filha Felicidade foi baptizada em Ílhavo.

Concluídas as estradas paralelas à costa, estes britadores de Vagos continuam na estrada que passa a Soza, Ouca, Bustos, Mamarrosa, onde se fixam em 1934. Arranjam residência no Portinho, onde Maria Rosa se instala com os filhos. Entretanto, o mais velho, o Manuel Britador, casa com uma neta do senhor José Funo e continua com o pai a trabalhar nas estradas que cruzam a Mamarrosa: a E.N. 333-1 que se dirige para a Amoreira da Gândara e a E.N. 335 que vai para Cantanhede.

À medida que a feitura destas estradas mais se distancia da Mamarrosa, mais Maximino Fernandes, o Britador, se desliga desta sua família que acaba por abandonar, para arranjar um novo poiso: Cantanhede. Isto acontece por volta dos anos 40 e é precisamente então que Maria Rosa (Britadora) começa a colaborar com a Banda da Mamarrosa, transportando instrumentos. Acompanha com outras colegas a Banda para os vários pontos da região para onde ela é requisitada.

bibRIA

A Ti Maria Rosa Britadora que já tinha passado a vida em bolandas, de um lado para o outro, vai continuar, agora, de canastra de instrumentos à cabeça.

Também muda do Portinho para uma pequena casa, quase frente ao Freixo, junto à Trabuqueta, a que já nos referimos e onde começa a rua de S. Romão.

Já sabemos que, pelo menos de noite, quando o escuro apertava e o receio de qualquer mau encontro mais constrangia o coração daquelas mulheres carregadas de música e de tormentos, havia tocadores que as acompanhavam. No tempo da Ti Maria Rosa Britadora iam com ela e com as colegas, o músico António Santos (quase vizinho da outra transportadora, Tia Rosa do Ambrósio) e Manuel Valério de Nariz. Mais tarde ia também Agnelo de Oliveira que como o irmão Orlando acompanharam muito as transportadoras. Elas iam a pé e eles devagarinho, na bicicleta, para assim não se distanciarem muito. Nos primeiros tempos, nas décadas de 20 e 30 e parte da de 40, os próprios músicos também iam a pé, na sua grande

maioria.

Maria Rosa Britadora deixou este trabalho de transportar instrumentos, em 1955, logo após a festa de Santo Amaro de Malhapão Rico que foi a sua última deslocação. Já num serviço anterior se tinha sentido mal; as agruras da vida e outros achaques físicos já carregavam mais que os instrumentos da Banda.

(Concorreram para este registo as informações dadas por D. Felicidade e D. Maria, respectivamente filha e neta da Ti Maria Rosa Britadora).

Olimpia Dias - A Ti Olímpia

Olímpia Dias nasceu a 26 de Novembro de 1905. Era esposa do poeta popular Júlio Dias Gapo. Criou vários filhos: Maria José, Capitolina, Cacilda, Ortélia, Licínio, Fernanda e Clélia. A Capitolina morreu aos 4 anos, Licínio aos 41 anos e a Cacilda em1996. São ainda vivas 4 filhas: a Maria José que vive na Moita Redonda, a Ortélia que mora na Silveira e a Fernanda e a Clélia que moram as duas na Mamarrosa.

bibRIA

Embora nos primeiros anos de casada, a sua vida fosse bastante desafogada, pois os pais eram donos de uma boa casa de fazenda, a verdade é que grande parte da fortuna desapareceu e os últimos tempos foram de alguma necessidade. O marido, o poeta Júlio, era um sonhador, tinha alma de artista e coração generoso, mas avesso à administração de bens e negócios lucrativos. E a fortuna foi indo por água abaixo. De forma que a Ti Olímpia, como vulgarmente era conhecida, passou alguns dias negros e momentos de privações para que nada faltasse aos seus filhos.

Esta senhora emparceirava com a Ti Rosa do Ambrósio de que já falámos (principalmente depois da morte da Ti Maria Bicha, ocorrida em 1977).

As filhas D. Fernanda e D. Clélia dizem que ela deve ter começado o serviço na Banda, como transportadora, por volta de 1965 e que trabalhou sob as ordens, tanto do senhor Professor António, como do senhor Professor Orlando.

Corriam todas as terras à volta, afirmam as filhas, pois a Banda, embora nesse tempo não estivesse na sua melhor forma (havia grande desfalque e desgaste devido à guerra do Ultramar e ao êxodo para o estrangeiro), era bastante solicitada porque por aqui pela região não havia outra.

As filhas até nos referiram aspectos particulares do vestuário usado pela mãe nestas deslocações e que, afinal, era também o mesmo das outras senhoras que transportavam instrumentos.

Havia sempre especial cuidado com a roupa de sair que era a domingueira ou de ver a Deus. Mais ou menos, este vestuário compunha-se de uma saia preta, blusa de tecido fantasia (chita ou riscado) ou branca e avental que se passava sempre a ferro para estar devidamente apto para se pôr à cinta.

bibRIA

Nenhuma das senhoras que transportavam instrumentos era rica, mas todas primavam pela limpeza e asseio com que para todo o lado seguiam os músicos.

Além da roupa enumerada, usavam (algumas) uma espécie de camisa branca e quase direita, interior, e as chamadas saias de dentro ou de baixo, franzidas e com rendas e bordados. Na cabeça um lenço, de merino ou lã (quase sempre preto ou de xadrez) e uma rodilha para o carrego não mortificar tanto o couro cabeludo das transportadoras. Muitas vezes (as mais antigas) iam descalças ou com tamancos ou chinelas e mais tarde sapatos rasos e baixos. As primeiras transportadoras como a Ti Teresa e a Ti Maria do Luís usavam também chapéu preto sem abas, mas debruado, em cima do lenço da cabeça e a saia era bastante rodada (de serguilha) e às vezes atada nas ilhargas.

A senhora Olímpia, mesmo quando ficou viúva, continuou neste trabalho,

praticamente até à sua morte, em 20 de Março de 1977.

Diamantina - A Tina - a última transportadora de sonhos e instrumentos de sonhar.

Diamantina da Conceição nasceu a12 de Outubro de 1916 no Seixal, onde viveu com os pais.

Era filha de Maria da Conceição e de António Francisco Ribeiro. Este casal (os pais) era de Vagos e António Francisco foi coveiro aqui na Mamarrosa durante largos anos.

Diamantina era irmã de Abílio Francisco Ribeiro (sogro de Joaquim de Sá Cardoso), César Francisco Ribeiro (que também foi coveiro como o pai), Manuel Francisco Ribeiro casado no Troviscal e Emília dos Santos Ribeiro que viveu em Ílhavo.

bibRIA

Diamantina teve esta filha, D. Maria Alice da Conceição com quem falámos e que é casada com João Francisco da Conceição.

Esta senhora Diamantina, ainda bastante jovem, começou a queixar-se dos ouvidos e, talvez, por descuido (eram tempos atrasados) e falta de meios e de conhecimentos, ficou surda.

Diamantina, mesmo surda, sempre trabalhou: andava diariamente na casa do senhor Dr. Pato. Deve ter começado a transportar instrumentos, por volta dos anos 50; era regente António de Oliveira. Como todas as outras senhoras que transportavam instrumentos, sempre que havia deslocações da Banda, Diamantina deixava tudo e canastra à cabeça, lá ia ela, pés ao caminho até onde os horizontes do infinito desenhavam no tempo os sulcos por onde a Música havia de prosseguir.

Ainda andou algum tempo com a Tia Rosa do Ambrósio e com a Ti Maria

Rosa Britadora. Em regra, como já dissemos, iam aos pares. De dia iam sós, mas quando se fazia noite, principalmente no regresso, vinham um ou dois músicos com elas. Diz a filha de Diamantina, D. Maria Alice da Conceição, que se lembra do músico Agnelo (um dos filhos do senhor Professor Jaime) ir e vir com a mãe, ele de bicicleta e ela a pé. Também D. Maria Alice nos disse que a mãe Diamantina (conhecida por todos por Tina) chegou ainda a transportar o rabecão do senhor Professor Jaime, que nos princípios desta transportadora era tocado pelo músico Manuel Martins Priminho.

Morreu a 17 de Dezembro de 1987 e com esta transportadora, acabou-se um ciclo da vida da Banda.

Para concluir, queremos vincar que nunca ninguém trabalhou para a Banda por dinheiro, mas sim por prazer. E, neste caso, estão também as transportadoras. Dizem ainda hoje os seus familiares que não era o dinheiro que as movia

- Oh!... Só para cuidar da roupa: lavar, enxugar, passar a ferro perdiam meio dia - dizem-nos os filhos, quando abordamos este assunto. E acrescentam:

- Era o gosto que elas tinham; enquanto as pernas aguentaram, até poderem, foram sempre.

Mas atribuíam-lhes uma pequena remuneração que queremos apontar. Segundo alguns músicos com quem dialogámos sobre este pormenor, parece que recebiam cada duas (regra geral iam duas para cada serviço da Banda) o equivalente ao ordenado de um executante.

E, se pensarmos nas várias crises da Banda a que decerto nunca foi alheia a debilidade económica dos sempre parcos recursos financeiros, facilmente imaginamos o que seria esse ordenado ao longo destas décadas.

Contudo, a dedicação destas mulheres era bem reconhecida pelos músicos e principalmente pelos seus regentes.

bibRIA

Todos as respeitavam, tal qual como se fizessem parte da Banda ou fossem de suas famílias.

O episódio que vamos relatar, foi-nos contado pelo músico senhor Álvaro Canas que demonstra precisamente o que acabamos de afirmar.

Antes recordemos que a Banda era ainda nesse tempo, apenas masculina: além das transportadoras, o resto era tudo homens; só a partir de 1974 é que as mulheres invadem todos os domínios até então reservados unicamente ao elemento masculino.

E vamos à história que podemos apelidar de:
Importância e respeito pelas transportadoras

Estes factos passam-se no tempo da regência de José de Oliveira e na década de 50 (do século passado).

bibRIA

A Banda ia tocar à festa de 15 de Agosto a Ancas. E os instrumentos mais pesados eram levados pela Ti Maria Rosa Britadora e pela Ti Maria Bicha.

De Mamarrosa até Ancas é um bom esticão e as transportadoras carregadas, suadas e cheias de calor, apenas chegaram ao seu destino, logo se puseram um pouco à vontade para aliviar o seu corpo queixoso de tão cansado e encharcado de sol e de suor. Sentaram-se num murito, mesmo ali a jeito, contornando o adro da Igreja.

Estava a Ti Maria Britadora sentada em cima do tal muro e o músico António Santos, sujeito à tentação de momento, toca de se deitar no chão para lhe espreitar as pernas.

Quando ela deu por isso, logo reage violentamente (com palavras):
- *Ah! Seu tolo, que está você a fazer?*

Ele não reage directamente, mas gaba-se aos demais:

- *Estou consoladinho de ver pernas gordas!*

Fez-se a festa; o caso parecia ter ficado esquecido, pois nunca mais se ouviu qualquer comentário.

Entretanto, os músicos reuniram-se, como de costume, quando havia ensaios. Só que desta vez não era para ensaiar.

Não vendo ninguém disposto a tocar, António Santos avança:

- *Então ninguém toca?!*

E é nessa altura que o colega António Vida se dispõe a responder-lhe:

- *Sabes, António, a senhora Maria Rosa Britadora nunca mais transporta os instrumentos, enquanto tu cá andares.*

bibRIA

E o António Santos que era um bom músico, em face de tal situação que ele provocara apenas por inocente brincadeira que julgara inconsequente, acabou por sair da Banda.

Diamantina da Conceição
A última transportadora. Porquê?

Com o rodar dos anos, tudo se foi transformando. O progresso com toda a gama dos seus múltiplos eventos técnicos vai chegando também a todos os cantos, modificando costumes, alterando hábitos seculares, influenciando modos de estar na vida... Abalam-se todas as estruturas sociais, os eixos à volta dos quais sempre girou o quotidiano dos mortais, sofrem uma completa mudança: tudo se altera, tudo evolui, seguindo novos e ousados caminhos. E nada se vai fazendo fechado ou no recato de qualquer esconderijo: tudo evolui às claras, é geral toda a modificação.

No tempo do senhor Professor Jaime, os rapazes iam a pé, bem como as transportadoras a quem tinham também de acompanhar nos fracos e estreitos caminhos desse viver de outrora.

Poucos tinham bicicleta, mas à maneira que se caminha para as décadas de 40 e 50, a bicicleta começa a vulgarizar-se e o próprio automóvel também fica ao alcance de várias bolsas. E em todo este processo de desenvolvimento não podemos esquecer, principalmente depois das décadas de 60 e 70, a influência dos emigrantes e também o contributo dos próprios desalojados das ex-colónias, os retornados. São grandes vectores que estão intimamente ligados, não só a todas as transformações sócio-económicas que se vão seguir, mas também a várias influências que a outros níveis vão incrementar e acelerar todo o progresso subsequente. Vulgarizada a bicicleta, os músicos já todos vão neste meio de transporte: acompanham as senhoras dos instrumentos montados nas suas "burras" como era usual chamar a estes veículos de duas rodas. Mas por que nada pára, pelo contrário, tudo marcha para o futuro, depressa também o automóvel se começa a vulgarizar. As campanhas publicitárias concorrem para isso grandemente e, depois de 1974, a democratização generalizada de instituições e serviços, mais ajuda ainda para fazer do automóvel como noutro tempo já fizera da bicicleta, motociclos e motos, um meio de transporte para servir o homem. Repare-se que cada um dos meios de transporte que hoje conhecemos e de que usufruimos, começaram (quando eram novidade) por constituirem um luxo caro e supérfluo até que se tornaram num meio de trabalho indispensável.

bibRIA

Passada a era da bicicleta, com a vinda do automóvel e em grande número e para grande percentagem de famílias, é fácil compreender que o trabalho das transportadoras tinha os dias contados: era uma realidade obsoleta que passara à história, como se costuma dizer.

Uma grande parte dos músicos tem o seu próprio carro que usa: para os trabalhos para onde a Banda é solicitada, para ensaios e concertos. Além de viatura própria, há elementos da Banda e da Direcção da Associação que dispõem

ainda de outros transportes, como carrinhas e camionetas. De forma que, depois dos anos 80, os instrumentos passam a ir em carrinhas e carros particulares.

Segundo Mário Raínho, o senhor Professor Orlando, que antes havia acompanhado as transportadoras, a passo de caracol, sustendo os pedais da sua bicicleta, agora, a partir dos anos 80, leva no seu automóvel os instrumentos maiores e mais pesados. Parece, pois, ser ele o imediato transportador, continuando e substituindo assim a cadeia que vinha desde o tempo do pai, o senhor Professor Jaime. Mas ainda há bem pouco tempo, os instrumentos andaram por outros carros e carrinhas.

E recentemente, mais concretamente em 1999, a Direcção da Associação adquire mesmo uma carrinha própria e para exclusivo uso da Banda.

bibRIA

É possível que tenha havido outras mulheres a transportar instrumentos; ficam aqui aquelas que conseguimos trazer para estas folhas; para as que não fomos capazes de lembrar, a nossa singela homenagem de desagravo.

LOCAIS DE APRENDIZAGEM E ENSAIOS DA BANDA

Segundo se consta, o senhor Professor Jaime de Oliveira, já durante os quatro anos da escolaridade, começa a sondar as tendências artísticas dos seus alunos. E, com base nessas sondagens, quando os pequenos acabavam a 4ª classe (hoje correspondente ao 4º ano), eram então abordados pelo seu Professor. E começou assim a selecção e a primeira aprendizagem musical (para Banda), em terras da Mamarrosa e nos princípios do século XX. Essa aprendizagem decerto que se iniciou na própria casa do mestre.

A seguir, o senhor Professor Jaime usou o sobrado da casa do seu amigo Manuel Nunes Ferreira Neves. Decorria o ano de 1915.

Manuel Nunes Ferreira Neves, grande companheiro do professor Jaime de Oliveira, tinha a profissão de alfaiate. A casa, mesmo na frente do Largo do antigo Chafariz e no começo da rua hoje chamada "Rua Professor Jaime de Oliveira", tinha no rés do chão a alfaiataria e habitação familiar e o sobrado, por cima, que estava amplo. De forma que logo os amigos combinaram que seria um local óptimo para ensaios dos jovens aspirantes a músicos.

bibRIA

Diz o senhor Neves (Manuel Nunes Ferreira Neves) para a esposa: - Olha, já está tudo combinado para se formar cá uma Banda e ofereci a parte de cima da nossa casa para os ensaios.

Ao fundo a casa do Sr. Neves (de frente)

E começaram os trabalhos do ensino da nova arte de amar e tocar os melodiosos sons da esperança, até à apresentação oficial da jovem Banda, no ano seguinte, em 31 de Dezembro de 1916. Mas o sonho do senhor Professor Jaime sempre foi conseguir casa própria, um grande salão que não só servisse para a Banda, mas para outras actividades culturais. E é assim que ele consegue, um pouco mais tarde, obter o seu Salão Cultural e Recreativo, mesmo ali na frente da Igreja.

bibRIA

A bandeira na Frontaria do Salão indica que também lá se sediava o Futebol Clube da Mamarrosa, fundado por Jaime de Oliveira.

Este Centro ou Salão, desde Janeiro de 1931, que tinha um Regulamento escrito, com 15 artigos em que se estabeleciam todos os direitos e deveres dos seus sócios e ainda as várias disposições a cumprir (Documento fornecido pelo Sr, Prof. Costa)

Onde hoje se ergue o edifício dos Correios (C.T.T.), havia uma velha casa pertencente a Manuel Francisco dos Brózios, que morava na frente e era cunhado do músico fundador Manuel Francisco Martins. Nessa casa houve muitos ensaios da Banda.

Segundo alguns músicos mais antigos com quem conversámos, as paredes desta sala de ensaios tinham várias figuras de músicos, como de António Silva (Maneta) da Quinta do Cavaleiro, conseguindo segurar o seu trombone e tocar. E em contraste, o retrato de um Hitler armado de canhão pronto a disparar contra os sonhos da Humanidade (aliás, isto já foi anotado atrás).

Havia também no Freixo, a chamada Trabuqueta, pertencente ao mesmo proprietário Manuel Francisco dos Brózios (bem como todo o terreno anexo), onde hoje se situa a MaxiGrula ou Mónaco (supermercado). A Trabuqueta tinha albergado já uma Escola (a do professor Silva) e lá houve também ensaios da Banda, no tempo do senhor Professor Jaime de Oliveira.

A Trabuqueta, à data, estava alugada a Joaquim Nunes Ferreira Neves, apelidado de Joaquim do Zé do Pedro. Este Joaquim casou com uma senhora da família Grangeia do Troviscal e foi pai de Manuel Grangeia Neves e de Eleutério Grangeia Neves. Manuel Grangeia Neves, o senhor Neves, como era conhecido, casou com a prima Maria Neves (era prima porque o pai dele, Manuel Nunes Ferreira Neves, em cuja casa havia o Registo Civil, era irmão de Joaquim Nunes Ferreira Neves). Eleutério era o pai da médica, senhora D. Ilda Neves, residente em Lisboa e o tio Manuel Neves emigrou para a América e uma neta dele, Susan Neves é uma das grandes cantoras líricas (de ópera) da actualidade.

bibRIA

Joaquim Nunes Ferreira Neves tinha feito da Trabuqueta uma espécie de clube e lá faziam bailes, teatro e outras festas. O próprio nome Trabuqueta foi sugerido com certeza por esta sua actividade, com muitos "trabucos". Todavia, esta sua actividade praticamente termina quando o senhor Professor Jaime arranja o Salão em frente da Igreja. O sogro tinha aí um terreno onde se fixou uma Padaria (do Duarte Padeiro de Bustos). A senhora Professora D. Cacilda Pato deu aí aulas antes de se mudar para a Escola da Rua da Senhora da Graça. E ao lado da Padaria foi preparado o Salão para os ensaios e não só. Foi ampliado de forma a dar para bailes, cinema, teatro e outras festas também.

Antes de continuar, queremos lembrar que todo este trabalho de aprender e ensaiar Música, era quase sempre de noite, à luz de candeeiros de petróleo ou bicos de carbureto, distribuídos pelas paredes ou em gasómetros de aplicação

fixa ou móvel. Havia músicos encarregados de acender os candeeiros de carbureto, tanto nos espaços de ensaio como no coreto (a Banda tinha um coreto) e com a devida antecedência. A iluminação eléctrica só chega à Mamarrosa em 1937, era Presidente da Junta de Freguesia, o senhor Manuel da Silva Cravo.

Mais tarde o senhor Professor Jaime de Oliveira vê-se obrigado a vender o Salão. A este propósito, vários músicos com quem falámos, dizem que o senhor Professor Jaime teve um desgosto tão grande, que nunca mais teve saúde. Afirmam mesmo que antes da sua morte (em 1940), já de uma certa vez, numa actuação na Feiteira, ele havia sofrido uma espécie de ligeiro ataque cardíaco.

Todavia, apesar de ter vendido o Salão ou Clube ao senhor Manuel Ferreira, músico fundador, os ensaios continuaram lá, pois Manuel Ferreira estava na América e sempre foi um dos grandes amigos a Banda. Morto o senhor Professor Jaime, em 1940, lá continuam os ensaios, agora sob a batuta do filho José.

bibRIA

Entretanto, o senhor Manuel Ferreira regressa da América e pensa remodelar o imóvel. Então os ensaios da Banda voltam à Trabuqueta e para a outra casa de Manuel Francisco dos Brózios (próxima da moradia do senhor professor Jaime). Esta velha casa, entretanto fora vendida e demolida para aí se construir o actual edifício dos Correios, com sala ao lado onde se fixa a sede da Junta de Freguesia, isto no tempo (anos 50) da Presidência da Junta de Freguesia de Modesto dos Santos Pereira (sogro do senhor Professor Costa e já referido atrás).

A seguir, ainda os ensaios vão estar uns tempos na casa pertencente à senhora Professora D. Maria José Pato e onde havia funcionado a antiga Escola Feminina, na rua da Senhora da Graça.

Ao longo deste extenso

percurso em tempo e locais, queremos apenas e de uma maneira leve e ligeira chamar a atenção para a coragem e o amor deste punhado de homens empenhados em continuar e manter viva a chama acesa que vinha de trás. Não regateando tempo, desgaste físico, cansaço natural, vencendo várias dificuldades: intempéries, precariedade de instalações, deficiência ou inexistência de um mínimo de comodidade exigível pelo ensino e prática de uma aprendizagem e aquisição cultural condigna. Dizem "os da velha guarda" que, por exemplo, nesta velha sala de aulas, chovia, o frio e o vento agreste entravam pelas largas frestas e em certas noites invernosas, quase enregelavam aqueles homens ciosos de marcar e acertar o compasso da vida. Outras vezes, suados ou encharcados, até altas horas, tudo aguentavam.

Mas a verdade é que as instalações eram mesmo muito precárias e então, em 1975, voltam ao Clube ou Salão, frente à Igreja e agora pertencente ao senhor Firmiliano Ferreira(sobrinho do anterior dono Manuel Ferreira). E daqui do Clube, em 1977, vão para a Casa Paroquial do Vale (rua de S. Simão). Antes tinha estado o senhor Padre Tavares que fora para Macinhata do Vouga e agora paroquiava o senhor Padre Orlando, mas fixara residência no Troviscal, de modo que o edifício pertencente à Igreja, estava vago; isto passa-se por volta já de 1977.

bibRIA

É nesta casa paroquial (adaptada para o efeito) que agora decorrem os ensaios e lá se fazem também várias reuniões que antecedem a fundação da actual Associação Beneficente, Cultura e Recreio, criada precisamente em 1978.

À laia de apontamento, esta Casa da Paróquia, mais tarde foi comprada e posta abaixo pelo senhor eng. Ferreira da Silva.

Toda a actividade musical e demais movimentos relacionados com a nova Associação decorrem nesta Casa Paroquial. Mas como havia dificuldades quanto à disposição dos músicos nos ensaios, ainda estiveram algum tempo na Casa do Povo, antes de 1982 (segundo o senhor Dr. Silas Granjo). Nesta data é que passam para as actuais instalações das Obras Sociais onde se fixam em definitivo.

AO RITMO DA CADÊNCIA MUSICAL

A Banda na sócio – cultura da região bairradina

Fios dispersos – A Banda em tempo de formaturas

Tardes de estórias com Música (com o senhor Álvaro Canas e outros)

biblA

bibRIA

A BANDA NA SÓCIO – CULTURA DA REGIÃO BAIRRADINA

(O REATAR E REFORÇAR DE UM FIO JÁ AGARRADO OU FOCADO NOUTROS CAPÍTULOS)

Fundada a Banda em 1916, nunca mais os estreitos carreiros e caminhos do amanhecer foram os mesmos. Uma lufada de notas, sons culturais na atmosfera tacanha dos primórdios de século XX, espalhava-se pelos meandros do sonhar e a vida agitou-se por instantes. A Música tocou, anunciou futuros, abriu perspectivas, rasgou horizontes na praça parada e esquecida do tempo alugado e pouco sacudido ainda pelos alvores das ciências ou das artes aqui na terra – chã do nosso nascer, à boca de cada esquina.

Mas a criação de um agrupamento cultural como era uma Banda tinha de sacudir e abanar mesmo os espíritos mais parados ou os ânimos mais desapercebidos. E assim aconteceu. Era a euforia, o entusiasmo contagiante, que estampado no rosto daqueles 27 jovens (4 eram músicos experientes pertencentes à Banda do Troviscal), cheios de orgulho e amor - próprio – se esgueirava, criava asas e ia atear outros tantos amigos, outros tantos seguidores. Nunca se vira uma coisa assim. No dia 31 de Dezembro (1916) quando saíram pela primeira vez à rua, ninguém ficara em casa porque todos queriam ver e aplaudir os rapazes que o senhor Professor preparara. Claro que já havia desde 1911 (há cinco anos) a Música do Troviscal, mas aqui na nossa terra? Era uma alegria tão grande, que todos queriam marcar presença e aclamar os jovens músicos de mestre Jaime de Oliveira. E como tocavam bem! Nunca as ruas da aldeia tinham assistido a um acontecimento semelhante. E a farda? Como era belo o fatinho azul! E com laço!

E todos tinham aprendido a marchar. O senhor Professor tinha-os treinado muito bem rumo aos campos do Portinho, onde mais tarde (1920) houve os jogos da bola, com uma valente equipa de futebol que dava lições na região.

bibRIA

A Banda começou a participar nas festas da Igreja e havia muitas, como já dissemos: fazia arruadas, cantava nas missas, marchava e tocava nas procissões e nos arraiais. E sempre muito povo para aplaudir, para encher com o seu entusiasmo todo o palco das nossas muitas ilusões. O tempo ia passando e a Banda crescendo em prestígio. Depressa se tornou conhecida em toda a zona e começou a ser bastante requisitada para vários lados; já vimos pelo testemunho dos ex – executantes como era o transporte. Mas isso não importava: a pé ou de bicicleta, nunca ninguém falhava. E mais; nem as senhoras transportadoras dos instrumentos mais pesados: a tuba, o trombone, o bombo, a caixa. Muito elas se cansaram: as ilhargas meio empenadas, costas levemente dobradas pela lonjura da caminhada e peso dos instrumentos, sem um queixume, sorriso nos lábios, entusiasmo no brilho claro dos olhos brandos –elas até achavam uma honra–levar os instrumentos aos músicos.

Se aqueles homens, cabouqueiros de um porvir que eles ainda não lobrigavam, merecem que recordemos com respeito e gratidão os seus gloriosos nomes – também elas são igualmente dignas de aqui gravarem os seus.

bibRIA

Mamarrosa saiu do anonimato. A Música era portadora de uma mensagem originada, argamassada, vivida e tornada fruto doce de toda a esperança aqui, no berço humilde da nossa terra.

Nela se fizeram presentes e emblemáticos todos os nossos sonhos.

Se a Música cantava e floria nos nossos campos, ela também espalhava por longe os odores dos nossos desejos, as raízes das nossas forças, o repto do nosso vigor e personalidade de povo trabalhador, alegre, corajoso e decidido. A determinação e o arroubo da nossa alma jamais se limitavam às paredes dos nossos escassos limites territoriais.

As localidades circunvizinhas cedo se aperceberam do valor artístico da nossa Banda que passou a fazer parte também da sua mundivivência habitual;

contavam com ela que lhes levava calor, fogo, alegria, graça e suavidade aos seus eventos religiosos e sócio – culturais.

Os nossos rapazes impunham-se pelo seu garbo, saber musical e compostura, pois a Banda torna-se uma escola de aprendizagem, não só de descodificação de caracteres musicais, mas também de ordem, disciplina, hábitos de trabalho e pontualidade. Nesta escola se foram moldando pessoas, homens antes de serem músicos. A camaradagem, a obediência dentro das regras da compreensão, a tolerância e a interajuda, a luta por um ideal comum, a par do desenvolver de um conjunto de qualidades próprias e indispensáveis à formação da personalidade de um bom músico – lema da Banda.

Este o património humano e sócio-cultural de que eram portadores os nossos músicos.

bibRIA

Das terras visitadas traziam um rosário de novidades, costumes diferentes, vistas alargadas de outros procederes, imagens de acontecimentos vários e tantas vezes repetidos.

E esta intercomunicação de saberes e formas de ser e estar na vida, cada vez mais se foi alargando e consolidando. De tal modo estes laços se foram estreitando, que até outras experiências se foram trocando e a níveis diferentes. Famílias houve que se relacionaram com outras de terras bem distantes, criando laços que foram perdurando ao longo dos tempos. E, embora parte deste intercâmbio se tenha perdido, ele foi pelo menos, em parte, retomado. Lembremos que ainda agora, quando são os convívios da Banda, há, por exemplo, famílias do Minho que se deslocam aqui, a casa de familiares de músicos, alguns destes até já falecidos.

Torna-se difícil avaliar com algum rigor o impacto que a criação da Banda em 1916 teve na Mamarrosa, nas aldeias vizinhas, no concelho de Oliveira do

Bairro e até em toda a região da Bairrada. Podemos, todavia, tentar enunciar alguns desses pontos mais evidentes.

Criou o gosto pela aprendizagem, não só dos sons musicais, mas por interinfluência, de outros ramos do conhecimento. Tinha que se saber ler e escrever para ingressar nos primeiros passos do saber musical. Os alunos só iam para a Música, se tivessem a quarta classe ou pelo menos se fossem capazes de se desenvencilhar bem na leitura e escrita. Daí que todos os meninos se tornassem mais motivados para aprender. Nunca é demais lembrar (nos princípios do século XX), a grande diferença em termos de percentagem de frequência escolar, em relação à actualidade; nem havia obrigatoriedade que foi um mal necessário a que o Estado teve de recorrer para travar um pouco a grande mancha negra do analfabetismo. Muitos havia que pensavam que o ler e o escrever não eram precisos para nada (e então o facto das mulheres também aprenderem , isso até se considerava perigoso – é que depois podiam namorar por cartas ... ou discutir ordens).

bibRIA

Custa a crer, mas por vezes até acreditamos que a própria ignorância, decerto, podia ser aproveitada como arma política, para se dominar sem o perigo de vozes discordantes. Quem não sabe, não discute, não critica, não põe em causa, não é obstáculo. Passivamente passa acomodado e embrulhado, na manta da sua ignorância, sinónimo de incapacidade, mediocridade, inferioridade. O poder é então dos que sabem, dominam, querem e podem.

Nesta situação, o povo torna-se de facto alheio às verdades essenciais que deveria conhecer. Mora nele uma mentalidade antiquada e medieva que, por fechada e obstruída, foi largos anos marginalizada, inadequada às realidades circunstanciais do evoluir, tornando atrasados os nossos meios rurais. Estaciona-se em ilhas de mares desconhecidos, aí se hiberna até ao soprar de outras músicas que tardam em acordar e sacudir o nosso ânimo tão prostrado e estacionado em pântanos – patamares de tempos que já há muito deviam ter

evaporado e desaparecido.

As notícias são escassas e os acontecimentos raros: o povo não lhes tem acesso, conhece e segue o que lhe querem fazer conhecer e seguir. E os anos vão passando uns atrás dos outros, lentos, prolongados... Há quem tenha rádios e ouça notícias e há os que sabem ler. Mas estes contam-se pelos dedos e olham-se com respeito e espanto.

Este era mais ou menos o clima sócio-cultural em que apareceu a nossa Banda. A cultura não era, pois, uma necessidade fundamental, a par da subsistência, como hoje acontece. Não; a cultura era considerada até um despropósito, um grande entrave à lei do trabalho que os pais achavam que os filhos eram obrigados a prestar desde tenra idade, antes mesmo dos dez anos; quatro, cinco e seis anos e já os meninos tinham afazeres próprios em casa e nos campos.

Filhos na escola eram braços subtraídos à lavoura, sempre grande sorvedouro de força braçal e de forte e duro empenhamento constante. E que nem sempre resultava em termos positivos. Pois a agricultura, principal e quase única actividade da região, muitas vezes não foi compensadora, apesar do grande desgaste e devotado trabalho do homem rural. Mas, como se compreende, quantos mais braços houvesse em casa, menos jornas se pagariam. Embora bem minguados os salários, mesmo assim os senhores da terra, se pudessem passar sem nada pagar, melhor, claro; eram mais uns tostões que bem amealhadas com outros ao longo dos anos, somavam às vezes uma bela conta. Para quê? Para investir em terras que às vezes mais tarde vendiam (como já vimos), ao desbarato, nas épocas de crise ou se arrastaram até hoje, algumas tornadas matos e baldios.

O aparecimento da Banda vem revolucionar, pelo menos em parte, este estado de coisas, porque todos os meninos começam a ter um sonho: ser músicos. E, parece impossível, mas os pais entusiasmam-se com os filhos. É que eles também gostam de ver os meninos com os instrumentos... É a tal revolução sócio – cultural que jamais acabará, pois há-de chegar (embora através de socalcos e barrancos) até aos nossos dias.

biblRIA

Para tocar têm que saber ler e escrever. Têm que ir à escola. E os meninos vão. Ainda não vão todos. Mas vão muitos mais e o entusiasmo é chama que vai alimentando o fogo que mesmo dormitando por cinzas, jamais se apagará.

Saber ler, escrever, ser músico – o grande embrião de uma sociedade nova que os horizontes do século hão-de abrir de par em par até à praia das nossas portas do 2000/2001.

Ainda um outro aspecto muito importante. Naqueles tempos obscuros dos princípios do século passado, a família, célula basilar de todas as sociedades, regia-se por normas rígidas, duras, em que a obediência hierárquica era ponto de honra indiscutível. Os filhos não podiam pôr o pé em ramo verde. Ai deles! Obedecer, calar e não discutir, nem sequer resmungar, era a lei sagrada da comunidade familiar. O pai era o senhor absoluto. Dir-se-ia que espelhando o próprio regime monárquico já derrubado no 5 de Outubro de 1910 pela implantação da República.

bibRIA

Aliás, mesmo a esposa, sem voto na matéria, não tinha um tratamento muito diferente dos filhos e criados (quando os havia, nas casas ricas). A palavra do pai era lei, norma para seguir à risca. E, neste regime machista e em muitos casos quase ditatorial, não se podia sair dos eixos e ninguém se expunha a querer experimentar uns deslizes de pequenas liberdades. O medo e o receio das consequências e também o respeito pelos progenitores e pelos mais velhos era acatado sem custo, natural, tal o hábito enraizado e alimentadamente continuando através das gerações.

O senhor pai e a senhora mãe a quem se pedia a bênção no fim da oração da noite, eram pessoas intocáveis para os filhos, a quem se devia amor, respeito e cega (quase sempre) obediência. Quantas vezes as ordens eram discutíveis ou até injustas, mas nunca postas em causa (só esporádica e muito raramente nalguns casos pontuais), sendo cumpridas à risca, sem resmungar, sem abrir a boca! O pai ditava, a mãe dizia, o menino cumpria. E desta trindade ninguém fugia.

Este direito paterno, consuetudinário, tão arreigado, até era aceite de boa vontade. Era uma imposição que tanto se tinha entranhado no quotidiano dos mortais, que todos achavam normal. Aliás, não se conhecia outro modelo de sociedade onde as regras de convivência fossem diferentes.

Esta era uma sociedade fechada, tacanha e, por isso, ancestralmente protegida por leis que embora duras e não raro injustas, eram necessárias à engrenagem político-social da época. Contudo, como em todas as regras, sempre houve excepções dignas de nota.

Os meios de comunicação, os ventos da agitação social, o desenvolvimento a todos os níveis a que o século (XX) vai assistir, principalmente a partir da sua metade, hão-de revolucionar tudo, virar tal estado de coisas de pantanas e a roda da fortuna quase dá uma reviravolta de 360 graus. E das e nas consequências desta revolução a todos os níveis: técnico-científico, económico, social, cultural, político - fomos construindo nós os moldes da sociedade de que hoje usufruimos. Perfeita? Não. Com muitas situações positivas, mas também com bastantes imperfeições, deficiências, lacunas e falhas ...Luta-se pelo aperfeiçoamento constante e progressivo do sistema, pela melhoria de todas as condições circunstanciais em que a vida humana se desenrola.

biblRIA

Mas voltemos ao nosso assunto. Dentro do esquema sócio-familiar dos princípios do século XX, as meninas eram guardadas como bolinhos doces até ao casamento, tudo dentro da maior respeitabilidade ("Às vezes lá se metia a pata na poça"). Não frequentavam as escolas masculinas, aprender Música com os rapazes, isso nem passava pela cabeça de ninguém. A grande maioria das perspectivas abertas para o sexo forte (o masculino) era absolutamente vedada às mulheres que mesmo nas cerimónias religiosas ficavam separadas dos homens e com a cabeça sempre velada e encoberta por um lenço, véu ou mantilha.

Os rapazes, embora machos, também não tinham a liberdade de sair de casa como hoje e muito menos à noite... O trabalho era duro e pesado e as regras

rígidas do patriarcado do lar não permitiam leviandades. Além de haver sempre excepções, às vezes esta espécie de imposição moral era apenas aparente, pois praticavam-se grandes desaforos e autênticos atentados à integridade das pessoas, especialmente da mulher que quando pobre (e grande parte vivia na indigência) era violentada, espezinhada e tudo tinha de sofrer e ainda de cara alegre, se queria sobreviver; havia hipocrisia e às escondidas e na sombra, por vezes, campeava um submundo de crime e devassidão.

Às vezes era mesmo um mundo cão!

Os nossos jovens gostavam de sair, de namoriscar, de frequentar bailes nocturnos. (Era nos bailes que os dois sexos se misturavam, com menos restrições). Ora o facto de entrarem para a aprendizagem da Música, facultava-lhes um estado de graça esplêndido. Era automaticamente o abrir de novas portas, a libertação de muitas peias, o desvendar de outros e desconhecidos horizontes.

bibRIA

A engrenagem familiar teve de ceder. Se dali por diante havia um novo e diferente conjunto de regras a observar ao entrarem para a aprendizagem musical, havia outras familiares, pelo menos as mais obsoletas que cediam e acabavam por desaparecer.

Estabelecia-se um novo elo de ligação e convivência - Família - Banda - que se iam interligando e intercomunicando. A família sai dos seus apertados limites afectivos e torna-se mais aberta. Desponta uma nova era a nível familiar, social e cultural.

Já não podia haver aquelas horas tão meticulosamente medidas para o filho entrar e sair. E de noite. Pois os ensaios não eram só de dia, mas também durante o período nocturno. E quando forem Banda, vão para outras localidades e a qualquer hora que os contratem.

Podemos imaginar o prazer desta lufada de liberdade para os nossos jovens, no alvorecer do século XX (1916), quanto representou esta conquista numa época de sufoco e opressão, se tentarmos compará-la com os nossos dias. Embora já estivéssemos numa república, regras centenárias, tão enraizadas na sociedade e em especial nos meios rurais, não se abalavam assim de um momento para o outro. Teve que haver uma longa evolução e um amadurecimento lento até soprarem os ventos mais fortes que só surgirão bem depois do meio do século. As mentalidades ainda tinham um longo e às vezes doloroso caminho a percorrer até ao clarear dos alvores de um outro raiar de esperanças que a Música longínqua de Abril havia de reacender...

Mas os meninos, os jovens da Mamarrosa ensaiavam e aprendiam a leitura das notas musicais não só de dia, mas também de noite, e iam fazer festas para longe. A permissão dos progenitores estava dada. Sucede-se um novo estado de coisas: os meninos nunca mais serão os mesmos. Outras perspectivas, outros horizontes. Conhecem outras terras, comunicam com outras gentes, contactam com diferentes usos e costumes, levam e trazem. São portadores de cultura e de um raiar de liberdade. Modificam-se e modificam. Crescem e fazem crescer. E é extraordinário assim o impacto da fundação da Banda a nível familiar, social e cultural.

biblRIA

Foi ainda e principalmente a melhor forma de se enriquecerem culturalmente, numa altura em que pelos meios rurais nada havia para oferecer aos jovens, além da enxada e da charrua.

Algumas peças de teatro e revistas de cariz local, raramente cinema e bailes - os únicos entretenimentos que o esforço popular conseguia.

Aqueles jovens com o estatuto de músicos já não eram apenas os filhos dos lavradores, amarrados ao destino da terra; olhavam longe e para todos os quadrantes; eles cantavam e tocavam pela pauta de uma nova alvorada.

FIOS DISPERSOS
A BANDA EM TEMPO DE FORMATURAS

Na primeira metade do século XX havia aqui muito mais festividades religiosas do que hoje: "a festa da Ressurreição, Espírito Santo, Corpo de Deus, Senhora da Graça, Mártir S. Sebastião, Senhora do Rosário e S. Simão", segundo Armor Pires Mota in "Mamarrosa Milenária". E em todas essas comemorações religiosas era indispensável a participação da Banda: além das tradicionais arruadas, abrilhantava a missa solene (com canto e toque), a procissão que percorria as ruas principais da Mamarrosa e à tarde e à noite, o arraial em que havia despique com outras bandas vindas de fora. Em cada lugar da Freguesia havia as suas próprias festas, como aliás ainda hoje acontece: Santo António das Carrascas (Quinta do Gordo), Senhora de Fátima (Quinta da Gala), S. Geraldo (Caneira) e o mesmo acontecia nas outras freguesias da região e também nas povoações mais afastadas, como as de Mira, Cantanhede, Gafanha, Salgueiro, Ílhavo, etc... E em todas essas realizações festivas, a Música (Banda) marcava presença.

bibRIA

Mas havia muitos outros eventos em que a Banda participava. Por exemplo, nas décadas de 40, 50 e até 60 (do século XX), de grande relevância na nossa zona eram as formaturas.

Quando um professor ou um médico concluíam o seu curso, nas terras da nossa região, era motivo para uma grande festa. Logo que se sabia que um qualquer estudante estava a acabar os seus estudos, havia que começar os preparativos para receber o nóvel elemento de cultura na aldeia. Passava-se palavra, organizava-se uma comissão e começavam-se os preparativos para o grande dia: os pais do recém - formado tinham de se precaver: um pipo de vinho era especialmente preparado para o grande dia e a adega tinha que estar aberta, pois todos podiam beber e comer pão e tremoços ou figos secos, à vontade. Mas a tal comissão organizava também uma lista de convidados especiais que tinham direito a um tratamento diferente: uma lauta refeição a que não faltava o delicioso leitão da Bairrada.

Para estes acontecimentos, a Banda era especialmente convidada e todos se preocupavam em preparar-lhe uma refeição condigna.

Na formatura da senhora D. Maria Augusta Pato (hoje com 80 anos), o pai, o senhor Manuel da Agostinha, (como era conhecido) que naquele tempo tinha uma loja com mercearia e taberna, mesmo ali defronte ao largo do chafariz e da Igreja, encostada à casa do Salão - Clube do senhor Professor Jaime e onde hoje mora a filha - disse para as pessoas encarregadas do festim: "*cuidado, olhem que estas frigideiras de carneiro são para a Música*". Tinham que se guardar, pois que enquanto todos comiam, a Banda actuava.

Parece significativa esta preocupação com os músicos; note-se que a Banda ia esperar os recém - formados ao princípio do lugar ou à estação da C.P. e trazia-os em cortejo juntamente com muito povo e debaixo de grande foguetório, até à casa dos pais.

Quando o jovem laureado era muito pobre, como por vezes acontecia, a tal comissão é que se encarregava de prover a todas as despesas.

bibRIA

Antes de passarmos deste assunto das formaturas, vamos deixar aqui algumas considerações que nos parecem pertinentes.

Por que havia estes festejos quando uma pessoa se formava, pois que hoje isso nos parece despropositado e quase cheirando a ridículo?! Mas tentemos por um pouco imaginar-nos nas décadas de 30, 40, 50 (do século XX), quando a TV ainda não tinha aparecido, eram raras as telefonias e poucos sabiam ler; a cultura era um privilégio de élites. Lembremos que só nos grandes centros como as cidades (quando não havia vias de comunicação) se podia usufruir de ensino secundário oficial, sinónimo de gratuitidade ou pelo menos de certo modo mais acessível. Quem tinha meios económicos, podia mandar os filhos para alguns colégios particulares que havia, mas bem caros, é evidente. Mas os pobres e eram uma grande maioria, tinham de se ficar pela 4ª classe porque uma carreira académica sequente estava-lhes absolutamente vedada. Daí o escasso nível cultural dos nossos meios rurais, ainda até há bem pouco.

Naqueles tempos, primeiras décadas do século XX, havia quem lutasse e muito por uma nesga de cultura que nem sempre alcançava. Agora, ao contrário, a cultura é oferecida de bandeja a tantos que nem sempre a sabem aproveitar nem reconhecem o valor do que lhes é assim proporcionado tão generosamente.

Quando um professor, um médico ou qualquer outro acabavam o seu curso, era um acontecimento de relevo no nosso meio.

Eram novos valores que a terra adquiria, portanto, esperança de mais cultura e saberes, de promoção da própria aldeia.

Era ocasião para apresentar o jovem e fazer a sua inserção social e cultural; para ele o culminar de um sonho, o fim de uma grande caminhada e começo de outra (o exercício da profissão).

Os estudantes, regra geral, eram pessoas pouco conhecidas. Passavam a vida fora a estudar; quase não tinham convivência no meio. O dia da formatura proporcionava-lhes, por assim dizer, a sua descoberta pela população. Tinham a honra de discursar e todos notavam que aquele rapaz (ou rapariga) "tão metido consigo", sempre na sombra, afinal até já era o senhor Doutor ou senhor Professor e sabia discursar.

biblRIA

Para os pais era grande motivo de orgulho e alegria, satisfação de uma grande etapa na sua vida: a formatura de um filho (alguns pais chegavam a vender prédios e até a endividar-se para conseguirem educar os filhos).

Era pretexto para discursos; havia os especialistas da palavra oral, com uma determinada dialéctica que prendia as audiências: o professor, o doutor, o padre. E tudo acorria para os ouvir discursar, em cima do palanque improvisado, de boca aberta, bebendo-lhes as palavras até à última gota.

Tornavam-se eventos culturais estas formaturas, com grande impacto no tempo e nos lugares onde ocorriam.

E a Banda como principal entidade cultural da região estava sempre graciosamente presente em tais acontecimentos.

O pequeno recorte do "Jornal da Bairrada" de 2 de Agosto de 1952 que inserimos junto, dá uma ideia do que era uma formatura e até recorda precisamente a entrada para o mundo do trabalho dos dois filhos do fundador da Banda, Orlando e Conceição (esta já falecida).

Formaturas — Concluiram a sua formatura para professor, os nossos amigos Manuel Modesto de Oliveira e Orlando de Oliveira Pato, e em enfermagem, a menina Maria da Conceição de Oliveira Pato. O povo fez-lhe uma recepção condigna, ornamentando as ruas com colchas, flores e ramos.

A sua chegada, no dia 26 p. p., foi anunciada por centenas de foguetes, e tínhamos a esperá-los uma comissão especialmente convidada, a filarmónica local, e mais de um milhar de pessoas.

No salão Recreativo, gentilmente oferecido pelo seu proprietário, Sr. Manuel Ferreira, houve uma sessão solene presidida pelo Sr. Dr. Manuel dos Santos Pato, ladeado pelos Srs. Henrique Barreto, director da «Gazeta de Cantanhede» Dr. Aristides Carmálio, dignissimo professor da E. do Magistério primário de Coimbra, Prof. Eduardo Rogério, Prof. Virgílio Martins Martins, Srs. Manuel Ferreira, Manuel Neves e Flávio Pato.

Falaram diversos oradores a quem a assistência não poupou calorosos aplausos e por fim os homenageados agradeceram com palavras cheias de sentimento e carinho.

biblRIA

TARDES DE ESTÓRIAS COM MÚSICA (COM O SENHOR ÁLVARO CANAS E OUTROS)

Como muitos outros, o senhor Álvaro Canas entronca numa família de músicos. O pai, Manuel Canas não era fundador, mas desde muito cedo ingressou na Banda onde aprendeu a tocar tuba. O senhor Álvaro que aprendeu como muitos outros com o senhor Armando Vida, entrou na década de 50, era maestro José de Oliveira.

Primeiro tocou trombone e bombardino, mas agora (com 61 anos), tal qual como o pai, também toca tuba. O filho Arsélio que já tocou trompete, presentemente toca fliscorne .

Com músicos fala-se de Música mesmo quando, por vezes, a música é outra. Álvaro Canas recorda várias façanhas vividas pelo pai. E aqui vai já a primeira.

bibRIA

"Travesti" na noite do Fontão.
Não ganharam apara o susto.

Foram tocar a Salgueiro! Iam a pé, tanto os músicos como as mulheres que transportavam os instrumentos. E, para atravessar a gândara do Fontão, considerada medonha, escura e detentora de perigos escabrosos e ensombrados, vinham sempre em grupos de tamanho significativo.

Ora, numa das travessias, ali próximo da vala (onde presentemente já se ergue uma casa, a do senhor Eng. Fernando Silva) vinha tudo a pé, de lanterna de carbureto na mão, quando aparece "uma senhora" muito bem vestida e aperaltada.

A ti Maria Bicha (uma das transportadoras dos instrumentos), logo dispara: - Olha, que rica senhora! De imediato irrompem no ar frio da noite assobios estridentes e o grupo gelado de medo, barafusta – P'ra que te meteste com ela?! P'ra que falaste? – Mas o homem – travesti da noite, desapareceu com os

assobios... Os nossos músicos é que não ganharam para o susto! Nem a senhora Maria Bicha: "Credo, um homem vestido de mulher e ali naquele sítio e àquela hora da noite?!"

E sucederam-se as histórias.

Desaires do Silva Terra

Havia um tal Silva Terra que tocava trombone na Banda. Viera do Norte e julgava-se muito esperto e sabichão. E, para se tornar notado, fazia perguntas ao mestre, o senhor Professor Jaime que já conhecia bem os seus músicos e as tendências de cada um.

Às vezes acontecia que "lhe saía o tiro pela culatra" ou "queria ir buscar lã e ficava tosquiado"... O senhor Professor Jaime explicava-lhe em pormenor o significado das situações criadas pelas suas perguntas. Mas, Silva Terra não esmorecia e tinha também contra resposta pronta: "Ó caraças, isso não estava nos meus alfarrábios!"

bibRIA

Uma questão de odores

Outra história do amigo Silva Terra
(Esta contada pelo senhor Antero Marques, genro de Armando Vida)

Silva Terra assentara arraiais ali na Quinta–Nova, Bustos. Vivia mal economicamente: o dinheiro sempre escasseava e a comida em casa pouco abundante.

Ora, um seu vizinho, de vez em quando, fazia cada jantarada que deixava Silva Terra de nariz no ar, aguado e quase desesperado.

Aqueles odores quentes, de comidas deliciosas como bifes, rojões, cozido, fritos e bem adubadas e suculentas sopas levavam Silva Terra a um desespero tão grande, que quase

tocava as raias da loucura... Não podia mais: só cheirar e nem provar?!...

Silva Terra reage, toma uma decisão. Em resposta aos deliciosos cheiros do vizinho, os nauseabundos cheiros de velhos pneus queimados. Sempre que havia patuscadas, na casa encostada, Silva Terra queimava borracha velha e desgasta.

O vizinho vai à Guarda queixar-se de tal desaforo. Vêm os guardas: - *Então o senhor não vê que incomoda os seus vizinhos com este maldito cheiro, mesmo na hora em que eles estão a comer?!*

- *Que hei-de eu fazer, senhor agente? Cada um cheira o que tem!*

E não lhe puderam aplicar qualquer multa: afinal, naquilo que era dele, podia queimar o que quisesse..

Mas voltemos às histórias do senhor Álvaro Canas

A esperteza de António Silva

(No tempo do regente António)

bibRIA

Era costume abrirem as adegas para os músicos poderem beber um copo.

António Silva era logo dos primeiros a alinhar para molhar a goela. Imediatamente saía e muito sorrateiramente juntava-se de novo aos últimos colegas da fila e assim molhava o bico duas vezes ou mais. Enquanto ia dizendo para os outros: - É malta, quem bebeu, vai indo...

Desabafo do Camarneira

(um dos músicos fundadores)

Foram fazer a festa de S. Jorge a Escapães, próximo de Sepins – Bolho.

Dessa festa fazia parte uma original variedade desportiva: uma corrida de burros. Ora, alguns dos animais não estavam pelos ajustes e empinavam-se, pondo os

montadores no chão. Estes barafustavam contra as alimárias e toca de as tosar. Davam-lhes poucas e devagar!.. De tal modo que o senhor Camarneira se sai com este desabafo: - Porra, que nesta terra, eu não queria ser burro!

Aventura do Rameiritas

(de nome Manuel Rodrigues da Silva, mas sempre conhecido por Rameiritas)

Este músico muito conhecido na Banda e aqui na zona, começou a aprender Música ainda na década de 20 (do século XX) e tocou pratos, bombo, praticamente até à sua morte, ocorrida aos 80 anos. Os filhos António (quase sempre ausente no Canadá) e Nélson, seguindo as peugadas do pai, como ele fizeram parte da Banda e ainda de orquestras, como por exemplo, da dos Libórios.

O Rameiritas era homem sempre muito bem disposto; não foi fundador, mas uma figura deveras carismática. Também nunca casou, embora deixasse alguns filhos (entre eles António e Nélson) a quem deixou os seus bens.

bibRIA

Bom homem e bom músico.

Era do Cabecinho – Malhapãozinho, vizinho do senhor Álvaro Ribeiro. Como já se disse, tocava pratos e bombo, mas bombo era só quando por qualquer motivo, faltava o colega deste instrumento, pois a sua predilecção eram os pratos em que era grande especialista e adorava uma pinguita.

Dele se contavam várias estórias, algumas mais semelhando anedotas. E dizia-se que quando estava "esquinado" (com uns copitos), tocava muito melhor.

Deixamos aqui algumas dessas estórias.

Ilusão de óptica

Vinha o nosso amigo Rameiritas do ensaio e de bicicleta. Ora, ali na estrada do Vale (N 335), em sentido inverso, vinha um automóvel com os dois faróis bem acesos, faiscando fortes jorros de luminosidade que clareavam o piso negro do paralelo e encandeavam o músico, pedalando no seu biciclo, altas horas da noite. Não reza a história se o Rameiritas vinha ou não pingado, mas a verdade é que teve esta saída: - Ai vêm os dois encostados (pensando que eram como ele dois ciclistas), pois meto-lhes já uma finta a meio, que os "gajos" separam-se logo. Claro, voou por cima do automóvel e foi cair do outro lado, estatelado no chão..

Máscara de Azar

Quando o senhor Manuel Canas (pai do nosso convidado Álvaro Canas) tirou a carta, em 1950, conheceu um amigo em Vilarinho do Bairro. E um dia que foram tocar a Arinhos (próximo de Vilarinho), na vinda, o senhor Canas convidou o senhor Rameiritas para ir com ele a casa do tal amigo, uma vez que estavam perto.

bibRIA

Era habitual receberem-se os amigos na adega onde se presenteavam com a bela pinga e às vezes mais uns aperitivozinhos como chouriço, presunto...

O Rameiritas, satisfeito, bebeu um pouquito mais que a medida.

Voltaram à noitinha, mas ao lusco-fusco é quando se torna mais difícil equilibrar o velocípede; é naquela ocasião em que não é dia nem é noite: o dia vai-se esvaindo, diluindo e afogando em luz mortiça, enquanto as sombras nocturnas navegam ao acaso, invadindo a pouco e pouco as frágeis réstias dos fatigados raios solares.

O Rameiritas abana, "balangueia", "tremuleja", agita-se um pouco e num barroquito da estrada, zás, cai pela ribanceira abaixo, estatelando-se no fundo, num caminheco de carros de bois, escuro e lamacento. Fica todo enlameado, a

pingar grânulos barrentos, escorregadiços.... Valeu-lhe um poço grande ali ao lado.

Os dois, Rameiritas e Manuel Canas não tiveram outro remédio; canga às costas, vá de empurrar à volta (tal qual como era costume fazerem os bois em tempo de rega), até o engenho, pesado na sua inércia silenciosa do tempo húmido, ranger nos gonzos de ferro e fazer accionar a roda grande dos alcatruzes... Suados e cansados, lá conseguem os dois músicos um pouco de água para tirar a maior (lama) ao Rameiritas.

Menos enlameado, mas mais molhado e pegajoso, lá regressou a casa com o amigo Canas. E com mais uma para contar.

À volta do bombo

Também o músico, senhor Conceição, de Melada – Vilarinho do Bairro, se saiu com esta passagem sobre o Rameiritas.

bibRIA

Foram tocar à festa de Nossa Senhora de Fátima – Quinta da Gala. E o instrumentista do bombo, o senhor Pato de Amoreira da Gândara faltou. Substituiu-o, como de costume, o nosso amigo Rameiritas.

Os colegas maliciosos e amigos de uma boa partida, toca de o acirrar – "Eh, pá, aquilo há ali uma pinguinha! ... Tu nem fazes ideia ..." E o Rameiritas a aguentar firme.

Os marotos dos camaradas queriam ver se ele caía com o bombo , o que seria uma grande risota. Bem se costuma dizer cá por estas bandas ... "Olha, só se riem do mal feito" ...

Mas o Rameiritas, embora tivesse emborcado uns copitos, fez a arruada, a missa e a procissão e sempre direito e afinado.

Só quando tudo terminou e já de bombo no chão, é que o nosso amigo então

se põe a cambalear e a rodar à volta do bombo. Volteia, volteia, volteia – chão, ao lado do bombo ... Já tinha cumprido o seu dever!...

- Era um grande executante!

Não havia como ele a tocar pratos; excelente pratilheiro – remata o colega Conceição.

A vergonha do Valério de Nariz

Falou-se também do caso triste do músico Manuel Martins Valério de Nariz que tocava clarinete.

Coitado, era de longe e tinha que vir aos ensaios, mesmo de noite. Ora, este músico atravessava ali aquele bocado de caminho entre o Areeiro – Palhaça e o Sobreiro – Bustos onde até nos nossos dias tem havido assaltos. Naqueles tempos, de noite, não se lobrigava desse troço de estrada viv'alma ou qualquer casa e havia de um lado e de outro bastante arvoredo.

bibRIA

Apareceram os amigos do alheio, reclamando uma qualquer maquia; acontece que o nosso músico vinha de bolsos vazios e os meliantes, avessos a estes mimos de arte, sem qualquer contemplação, sacam-lhe o clarinete e adeus instrumento.

Grande foi o desgosto de Manuel Valério: triste e desanimado não foi capaz de voltar à Banda e assim desistiu da sua paixão de tocar.

O foguetório do Faz Tudo

O que vamos relatar passa-se depois dos anos trinta, no tempo do senhor professor Jaime de Oliveira.

Foram tocar à Pedreira de Vilarinho onde o mestre tinha um colega amigo, o professor Faz Tudo.

Naquele ano, o professor Faz Tudo era juiz da festa lá na terra e, por essa razão, convidou a Banda do amigo da Mamarrosa.

Nas festas das aldeias da Bairrada (e decerto nem só) uma das suas particularidades consiste na arruada; em regra, feita pela Banda contratada, o juiz da festa e mordomos.

Iam na arruada, os dois professores à frente, o mestre da Banda e o amigo Faz Tudo que levava os foguetes debaixo do braço para de vez em quando ir atirando um para o ar com aqueles estampidos próprios do "pum, pum, trois, trois.."

... Mas, quem sabe, talvez por "simpatia"... às tantas ... a meio da arruada ... os foguetes começam todos a estoirar debaixo do braço do amigo Faz Tudo que agora, desorientado, não faz nada de jeito, só saltita e pula.

Os músicos param de tocar... fogem e não sabem onde se meter.

bibRIA

E o fato novo do professor Faz Tudo? Ficou inutilizado: o lume chegou-lhe quase às costelas ... Afinal, quem daria licença aos foguetes para rebentarem todos ao mesmo tempo?... Era só um de cada vez!

A Tuba fogueteira

A propósito deste foguetório do professor Faz Tudo, deixamos aqui um outro episódio; também mete foguetes, por sua vez metidos numa tuba. É na tuba do senhor Manuel Canas, pai de Álvaro que nos contou precisamente as histórias (quase todas) que vimos relatando. Coincidências curiosas.

Esta ouvimo-la do músico António Rodrigues Silva, de Malhapãozinho.

Diz este músico Rodrigues que nos seus tempos, na altura da festa de Santo António das Carrascas (Quinta do Gordo), faziam arruada pela Quinta do Gordo, Malhapãozinho, Azenha Nova (aldeia que desapareceu), Quinta do Cavaleiro

(Quintas) e Quinta da Gala. Esta arruada efectuava-se sempre antes da missa da festa .

À frente da Banda, era habitual ir um moço a jogar os foguetes para o ar e que estoiravam anunciando a festa.

Naquele ano, também como de costume, chegaram à Quinta da Gala, precedidos pelos estampidos dos trois trois. Só que não se sabe como, talvez por causa de alguma fagulha desencaminhada, os foguetes começaram a incendiar e as pessoas entram um pouco em pânico... Tudo estoura e um foguete, também sem explicação, desvia-se da trajectória prevista e que lhe era devida e vai meter-se precisamente dentro da tuba do senhor Manuel António Canas. Que não caiu, pois a alça agarrada ao corpo do instrumentista segurava-a bem firme.

Tudo fugiu, mas o músico com a tuba foguetória, atrapalhado e assustado, teve que aguentar ... mas quem sabe, decerto não ganhou para o susto.

Até o foguete se enamorou da tuba!

bibRIA

Quem poderia imaginar que o malandreco do foguete ia cobiçar a tuba para nela fazer seu ninho de trois troois ...pum!...

Atribulações na Gafanha da Encarnação

Estávamos na década de cinquenta; era regente José de Oliveira.

A Banda estava contratada para a festa de Nossa Senhora, finais de Agosto.

O programa dos festejos incluía uma arruada na Costa Nova.

A maré estava baixa, o barco não podia encostar à margem para os músicos descerem. Como solucionar o problema? Os mordomos. Sim, os mordomos levaram os músicos às cavalitas, desde o barco até ao ancoradouro da Costa Nova. E os instrumentos, pois as mulheres transportadoras tinham ficado na

Gafanha, em terra firme, dando um pouco de descanso às pernas varejadas da longa caminhada e do peso suportado nas canastras à cabeça.

Bem entendido, finda a arruada na Costa Nova, o mesmo trabalho de retorno. Os mordomos agora na volta, de novo músicos às costas, da beira ria até ao barco.

Mas não se ficaram por aqui as peripécias na festa da Gafanha .

À noite, havia concerto, a célebre noitada da festa. Coreto no largo do arraial, junto à Igreja. Muitos espectadores bem atentos para não perderem patavina daquelas notas sonantes de alvorada contra a noite escura, prolongada lá para os aléns do destino.

Finda a noitada, já muito passava da meia noite, há que descansar as pernas, esticar o corpo, relaxar um pouco, que no dia seguinte há mais trabalho.

bibRIA

Ficaram todos numa boa cama? Não, qual quê? Numa casa coberta apenas com telha – vã e foi uma sorte! Todos juntos, quase empilhados, mas sempre deu para endireitar as costas e dormir qualquer coisa. As fardas serviram de mantas e cobertores, pois deitaram-se fardados, tal qual como tinham andado todo o dia a fazer festa – para os outros...

Um nevoeiro cerrado, húmido e pegajoso parecia agarrar-se ao cotim do casaco e das calças e o negrume nublado e enrolado lá para as bandas do mar (tão perto) entrava pelas frestas daquele compartimento, entranhando-se-lhes até aos ossos. Mas sempre era melhor que ficar na rua.

Foi quase o que aconteceu ao colega Augusto Azenhas (filho de Tomás Azenhas). Este músico Augusto tinha um amigo, mesmo ali na Gafanha. Foi uma grande alegria quando se encontraram, naquele dia, à tardinha. Passou tão depressa o tempo, quase não deu para se cumprimentarem e trocarem meia dúzia de impressões... Havia que esperar pelo fim da noitada...

Descido do coreto, lá estava o amigo à sua espera... E então é que foi: um nunca mais acabar de histórias e recordações a partilhar ...Mas as horas passaram, o tempo esvaiu-se e... quando Augusto se dá conta ... o arraial ficara nu, as luzitas ainda piscavam aqui e ali, mas o arraial esvaziara-se, era apenas o centro de uma atmosfera côncava, pesada e sombria... Os momentos alegres com o amigo, parecia terem desaguado agora num pesadelo. Onde estariam os músicos? E onde iriam dormir? E ele ... o amigo também já se fora ... para onde? As portas haviam-se cerrado. Ninguém.

Foi então que Augusto , já meio humedecido, no centro daquele relento enoitecido, ali mesmo à mão, encontra o coreto: é a salvação. É lá que tem de dormir; do mal o menos; o panal do coreto até serve para nele se embrulhar e assim, mais aconchegado, passará o resto da noite...

Às 9 horas da manhã, os músicos dirigem-se para o largo da festa, junto do coreto. Eis senão quando...embrulhado na capota, a esfregar os olhos ensonados, sai de baixo, o músico Augusto. Surpresa geral. Explicação do músico arredio...

bibRIA

E lá alinharam todos a marcar o passo da vida, na arruada, agora pelas vielas da Gafanha, antes da missa solene, só perto do meio-dia.

Eira improvisada
Carrada de milho na estrada

Este facto passa-se durante a regência de António de Oliveira, coadjuvado pelo irmão Orlando; aí pelos anos 65.

Era já em Setembro e a Banda estava convidada para a festa de Soza. Como de costume, havia arruada e os nossos músicos, marchando pela estrada e pelas ruas de Sôza, já vinham quase no extremo da povoação, do lado sul, quando ao primeiro cruzamento para o Fontão, surge uma carroça bem carregada de milho.

Como é costume, tinham posto bastante milho em cima da carroça e no topo da carrada, uma pessoa sentada. Enquanto a Banda marchava, a carroça avançava do caminho secundário para o meio da via.

E eis que os músicos, até então só a marchar, de um instante para o outro, irrompem numa das suas marchas bem estrondosas para os ouvidos da alimária que puxava a carroça.

Num ápice, põe a carrada a pino e a estrada atravancada de espigas e palha... O boi assustou-se, coitado, rabiou, partiu as "apeaças" e pôs-se a correr, largando tudo no meio da estrada.

O animal ficou de tal forma assustado e desnorteado, que quando o conseguiram agarrar, só daí a uns dias, tiveram de o abater.

Não tinham ouvido para a Música

Outra história com bois (mas esta contada pelo senhor Reis)

biblRIA

Também nos anos 60 e passada em Labrengos – Covões.

A Banda vinha igualmente a fazer uma arruada.

Em sentido inverso avançava um carro de bois que, como o boi de Soza, ficaram muito assustados.

Ora era então maestro o senhor Professor Orlando e era o músico Pato da Amoreira que tocava o bombo e que marcava por assim dizer o compasso do andamento.

Orlando vendo o susto dos bois, logo reage de imediato e diz para o Ti Pato "-Corte!" Mas o Ti Pato percebeu : - "Forte" .. E toca de descarregar com toda a força da baqueta na pele do bombo.

A mesma ordem de : "- Corte" repete-se, mais uma ou duas vezes para o Ti

Pato fazer parar o toque da Banda e como ele sempre entendia o contrário, cada vez aceleravam mais, à medida que o Ti Pato batia no bombo com mais força.

E tanto e com tanta força bateu no bombo, que a pele não aguentou, rebentou e a baqueta ficou metida lá dentro.

Como o senhor Álvaro Canas, o senhor Reis, filho do senhor Olegário, também sabe várias histórias e contamos aqui algumas que lhe ouvimos.

A afronta das netas

Como o senhor Olegário largou a Banda.

Isto passa-se há relativamente pouco tempo, era regente o senhor Dr. Silas, portanto, localiza-se depois de 1979.

Sabemos que Bustos se tornou independente da Mamarrosa em 18 de Fevereiro de 1920; durante vários anos as duas freguesias viveram de costas voltadas, mas agora (principalmente graças ao espírito democrático e conciliador de alguns Bustuenses, como por exemplo, Hilário Costa), comemoram festivamente em comum aquela gloriosa (para Bustos) data.

bibRIA

A Banda foi convidada a participar nas celebrações, como hoje continua a acontecer. E no final houve um grande convívio em que todos participam.

O senhor Olegário comeu e bebeu uns copitos e vinha alegre.

Ao chegar ao Portinho, com a descida e o sulco estreito das guias laterais da estrada de paralelo, o músico Olegário desequilibrou-se e deixou cair a bicicleta.

Ora, a neta do senhor Olegário, a Susana (Susy) que já pertencia à Banda, vinha de bicicleta com o avô. Não vinham montados: o Ti Olegário sentindo-se inseguro, trazia a bicicleta à mão e a neta vinha com a sua bicicleta também à mão para assim acompanhar o avô.

O senhor Olegário transportava o clarinete numa saca.

Passados uns dias, na hora de ir para o ensaio, o senhor Olegário, ao pegar da saca do instrumento, o seu clarinete, verifica com grande mágoa que ele está aos bocados e o pior é que lhe faltava uma das partes.

Ficou tão aborrecido, que só Deus sabe! E ainda por cima a neta tinha contado à avó o que lhe havia acontecido. E a esposa (avó da Susy), toca de o "surriar"... Encheu ... não aguentava mais; tomou uma decisão: puxou de todas as sua forças, sufocando bem no fundo aquela paixão que sempre tivera pela Música e dirige-se ao senhor Dr. Silas. Pede a demissão – não pode continuar ... até perdeu uma parte do clarinete...

O mestre riu-se ... *Qual quê, senhor Olegário! Que lhe deu pela cabeça, homem?!*

- *Sabe como é, senhor Dr.*
- *Ora, ora, que explicações são essas! Eu até já tenho aqui a outra metade do clarinete para o arranjar.*

bibRIA

E o senhor Olegário ainda continuou por algum tempo. Só se retirou quando as netas lhe começaram a dizer que tocavam melhor do que ele...

A arte de tocar rabecão

Decorria o ano de 1962; era maestro o senhor Professor Orlando.

Sempre houve na Banda grandes músicos: de muito talento, de muito gosto, sensibilidade e dedicação. Um desses era o músico Manuel Martins Priminho, o Priminho irmão de outro grande músico, Martinho Augusto Martins, o Martinhito.

A Banda encontrava-se em Paredes de Coura ao despique com a conhecida Banda de Casal de Álvaro.

Executavam a peça "Poet et Paysan" (hoje em arquivo). O Priminho, como era habitual, gostava de fazer habilidades com o rabecão enquanto tocava; em vez de tocar com o instrumento quieto, dado o seu tamanho e porte, não: fazia-o rodar, de forma a dar imenso nas vistas.

Daquela vez tanto rodou o rabecão, tantas piruetas quis fazer, que o rabecão cai no coreto ao comprido e o Priminho com ele. Mas o mais interessante é que nunca o deixou de tocar, tanto deitado com ele, como quando se foi levantando; sempre agarrado ao rabecão e com toda a naturalidade.

Ora tudo ficou de olhos em bico e boca aberta (havia várias centenas de espectadores no arraial). Todos pensaram que era mesmo assim, que aqueles pormenores do cair e levantar com o rabecão faziam parte do sucesso artístico daquele número.

bibRIA

E então no final da peça, o público não se cansou de aplaudir e muito em especial aqueles golpes de malabarismo musical improvisado.

O castigo da bicicleta nova

Continuamos nos anos 60 e durante a regência do senhor Professor Orlando de Oliveira Pato.

O senhor Olegário tinha comprado uma bicicleta ao filho, o senhor Manuel Reis, na altura um rapazote que não cabia em si de contente. Esclareça-se que nesse tempo uma bicicleta nas mãos de um rapaz solteiro fazia mais sucesso que um automóvel no nosso tempo. Daí a alegria do jovem Reis, já então nas fileiras da nossa Banda.

Havia um funeral no Passadouro (Troviscal) e a Banda fora contratada. E lá foi o Reis todo vaidoso montado na sua bicicleta, a brilhar por todos os poros.

Tão embevecido em cima do seu novo transporte, o nosso jovem todo ele era um sonho alado, cavalgando nas nuvens. Tão nas nuvens que nem reparava nos transeuntes desprevenidos.

E vai atropelar uma senhora que, por acaso, já tinha um braço partido e engessado ao peito.

- Tiveste sorte, não voltaste a partir-me o braço, mas descansa que o teu pai mesmo assim vai saber.

Mas o nosso jovem nem a ouvia: a preocupação era outra – ver se a sua bela bicicleta se tinha amachucado e se a sua trompete estava em forma.

A bicicleta sim, valha-a Deus, que não tinha nem um arranhão. Mas o pior foi o instrumento: a campânula ficara toda amolgada ... Nem havia tempo para pensar. De imediato volta para trás e dirige-se a casa do seu tio, o mestre Gazel (latoeiro), da Quinta do Gordo. Com um martelo e um masso, o seu belo instrumento fica logo uma perfeição. O maestro nem deu por nada.

bibRIA

Num repente galgou de novo o mesmo caminho pelo Vale das Éguas e ei-lo a tempo para ingressar nas cerimónias fúnebres, com os seus colegas.

E, todo inchado, acabado o serviço fúnebre, lá voltou para casa montado no seu velocípede que a todos fazia inveja. E nunca mais pensou no caso...

O pior é que a mulher do braço partido não esqueceu o incidente e a marota cumpriu a promessa: veio contar ao pai Olegário. E este não desculpou a falta do filho. Muito pelo contrário, logo lhe aplicou um castigo à altura.

Querem saber qual foi?

Nada de bicicleta por uns tempos.

O Barítono Substituto

Era um grande músico o Manuel Lemos. Mas como muitos outros... Ainda vão atrás da Banda, quem sabe, para se reverem nela, para reviverem o passado ou simplesmente para recordar e usufruir um pouco de prazer poético que possa pincelar algumas névoas de sonho no peso dos seus anos.

Manuel Pereira, outro veterano dos sons musicais, contou-nos deste colega Lemos um facto que mostra bem o seu valor como músico.

Era no seu tempo de rapazes: iam aos bailes, a todos por ali à volta, não só para dançar, mas principalmente para apreciarem a música dos jazzes.

Naquela noite foram ao salão do Troviscal, muito em voga, principalmente nas décadas de 50, 60 e 70.

bibRIA

A orquestra era de Paredes do Bairro. Mas, por azar, o músico que tocava o saxofone barítono (indispensável para as peças já seleccionadas para aquela noite), não apareceu. Imagine-se a aflição do responsável pelo conjunto.

Tinham o instrumento, mas não tinham tocador.

Manuel Pereira e Manuel Lemos logo se aperceberam do problema da orquestra. O Lemos, na altura, tocava contrabaixo, mas o Pereira sabia bem da capacidade do companheiro e espicaça-o:

- *É pá, tu és capaz de os "desenrascar!"*
- *Eu? Eu toco contrabaixo, pá!*
- *Vai experimentar, homem, vai.*

O Lemos quase empurrado para o palco...

- *Olhem, está aqui na assistência um homem que é capaz de substituir o vosso barítono* – atirou Manuel Pereira.

Uma onda mágica de entusiasmo levanta Manuel Lemos, no ar as notas musicais envolvem-lhe o corpo e a alma e ei-lo no palco sentado no lugar do músico faltoso.

O baile continua, o ritmo da dança contagia velhos e novos. Ninguém nota qualquer diferença , a Música é aquela mesma a que estão habituados e que lhes proporciona o doce prazer da contagiante atmosfera própria dos bailaricos.

- *O homem é uma máquina!* – desabafo do chefe de orquestra. E diz tudo.

Chega o músico do conjunto de Paredes do Bairro. Manuel Lemos passa-lhe o barítono e desce do palco. Era um homem satisfeito.

Um homem curioso, o senhor Mário Rainho. Músico que sempre tocou saxofone alto na Banda onde esteve de 1949 a 1987 (38 anos), no jazz dos Libórios, nos Faraós e no Rancho "As Vindimadeiras"; até tem vários apontamentos escritos sobre o Rancho em que participou, sobre a Banda e ainda alusivos a outros factos ocorridos na aldeia.

bibRIA

Ainda hoje gosta de tocar, mas além deste prazer, também recorda alguns momentos com cheirinho a histórias.

Aqui deixamos pelo menos dois desses factos lembrados por ele

Dois homens do circo?

De vez em quando era necessário ir ao Porto, à Casa Guimarães mandar consertar instrumentos. Ora, o senhor Amândio Dias da Costa (conhecido por Ti Amândio Catarino e que fora ensaiador do Rancho Folclórico Regional da Mamarrosa, fundado em 1976-77, donde mais tarde derivaram os dois Ranchos actuais), também se deslocava ao Porto com certa regularidade por causa das

suas actividades comerciais. Por outro lado, uma viagem daqui para o Porto, não ficava nada barata. De forma que, sempre que podiam, os músicos encarregados de ir arranjar os instrumentos ao Porto, aproveitavam a boleia.

- *É Ti Amândio, pode levar-nos agora, quando for ao Porto?*
- *Está bem, rapazes, mas já sabem que é proibido, pois a minha camioneta é de carga, não de aluguer de passageiros...*
- *A gente sabe...*
- *Olhem, têm de vir com roupa velha para passarem por carregadores, que eu não posso levar ninguém e não quero "encrencas."*
- *Pode ficar descansado, que não há azar.*

E assim foi.

No dia aprazado, lá foram para o Porto, vestidos como se fossem mesmo carregadores da camioneta de carga que o Ti Amândio Catarino levava.

bibRIA

Chegaram à cidade: o Ti Amândio foi carregar o que tinha combinado (afinal ele ia fazer um frete – buscar mercadoria por conta de outrem).

Os músicos, de instrumentos às costas, notas nos bolsos desventrados, avançaram pelo Porto fora até à Casa Guimarães, bebendo a cada passada os sapatos do tempo, batidos pelas pedras da calçada... Só que, entretanto, vem um violento pé de água, com forte trovoada, toldando de negro a sorte destes transeuntes que não tiveram outro remédio senão enfiarem-se os dois na primeira tasca à esquina daquele dia brigão. É que aquela chuva, a palerma, não tinha respeito nem por aqueles improvisados saltimbancos à boca de cena, comendo e remoendo bocadinhos de viver.

Podemos imaginar qual o aspecto dos dois músicos, roupas velhas, meio remendadas, desmazeladas e molhadas, pingando imaginários agoiros e com instrumentos avariados, pendurados às costas?! A senhora da casa, esperta, logo interpela:

- *Os senhores são do circo, são?*

- Não, nós vamos para a Casa Guimarães.

E, como a dona da tasca não parecia muito convencida, os nossos dois amigos lá contaram a história toda.

Piada do músico Manuel Ferreira

Foi também um grande músico este Manuel Ferreira, irmão de David Ferreira, fundador. Manuel Ferreira foi vários anos primeiro trompete da Banda e também era um músico que de vez em quando se deslocava ao Porto por causa do arranjo dos instrumentos.

E naquela vez lá vai Manuel Ferreira com um colega para a cidade invicta.

Ora, encostada à casa onde eram consertados os instrumentos, ficava uma loja de modas e vestuário, com montras. Numa dessas montras, um manequim olhava os passeantes, curiosos com a esperteza e discernimento de quem não diz palavra.

bibRIA

E Manuel Ferreira embirrou com tão exagerada discrição.

- *Deixe-me passar, se faz favor!*

Mas aquela mudez era inabalável. "O homem não tugiu nem mugiu".

- Mal educado, eu a pedir licença e ele nem se mexeu!..

bibRIA

ETAPAS DA BANDA
1916 – 2000-2001
TENTATIVA DE POSSÍVEL CALENDARIZAÇÃO
CRONOLÓGICA DE 1916-2000/2001

1ª ETAPA
1916 - 1940

bibRIA

2ª ETAPA
1940 - 1978

3ª ETAPA
1978-2000-2001

bibRIA

1ª ETAPA
De 1916 a 1940

A Fundação da Banda em 21 de Dezembro de 1916

O maestro – Professor Jaime de Oliveira Pinto de Sousa

Os factos mais relevantes

Obejctivos e sonhos

Sua perspectivação no evoluir dos acontecimentos

Os colaboradores de Jaime de Oliveira

O filho do mestre – José de Oliveira e a Banda Infantil

Aquisição pela Banda de um considerável nível cultural e artístico

bibRIA

bibRIA

1.º ETAPA
1916 a 1940
MAESTRO - JAIME DE OLIVEIRA PINTO SOUSA

bibRIA

No dia 21 de Dezembro de 1916, Jaime de Oliveira, professor primário, pertencente a uma família de músicos, apresentou pela primeira vez em público a *Banda Escolar de Mamarrosa*, constituida por alunos da sua escola. Jaime de Oliveira foi sempre o regente até 4 de Agosto de 1940, data em que faleceu, precisamente quando a sua Banda percorria as ruas da Mamarrosa a anunciar a principal festa da terra. Sucedeu-lhe na regência seu filho, José de Oliveira Pato.

Em 1937 tinha a Banda no seu efectivo 34 executantes.

NOTA: Elementos extraídos de o «Arquivo do Distrito de Aveiro», livro 29, pág. 40.

Esta a informação documental alusiva à fundação da Banda Filarmónica de Mamarrosa, então com o nome de Banda Escolar da Mamarrosa, tal qual como acontecia com a Banda do Troviscal que se apelidava também Banda Escolar do Troviscal (Ver foto dos fundadores, Pag. 137).

ALGUNS FACTOS IMPORTANTES DESTE PERÍODO

- A criação da Banda, começando do zero.
- Organização, aprendizagem e educação cultural e artística;
- Aspectos logísticos (aquisição de instrumentos e fardamento, locais de aprendizagem);
- Aquisição do Salão Cultural e Recreativo;
- Rápida afirmação cultural e artística da Banda – a sua orquestra sacra;
- Aparecimento da Banda Infantil (da responsabilidade do filho mais velho do fundador, o José de Oliveira);
- O reconhecimento do valor cultural e artístico das duas Bandas : a "velha" e a "infantil";
- A mudança de fardamento e a reestruturação da Banda (a "velha") com a entrada de novos elementos;
- A primeira ida a terras nortenhas;
- A morte e funeral do senhor professor Jaime de Oliveira (em 1940).

bibRIA

Todos os que conheceram Jaime de Oliveira, falam dele como mestre e professor e sempre em termos respeitosos, de muito apreço e reconhecimento e mesmo com veneração. Na verdade, só uma pessoa da envergadura de Jaime de Oliveira era capaz de se abalançar a apresentar uma Banda em terras da Mamarrosa, em 1916.

Além dos tempos serem de atraso e ignorância como já vimos, nada propícios, pois, a actividades culturais (e numa aldeia), repare-se que nada se faz sem sacrifícios em tempo, esforço e principalmente em dinheiro.

Não se podia aprender sem partituras e pautas e principalmente sem instrumentos que sempre foram muito caros e naqueles tempos, além de onerosos, de difícil aquisição. Com certeza que grande parte das verbas financeiras, vieram

dos bolsos do fundador. Subsídios e esses fundos que hoje o Estado e as autarquias disponibilizam para incrementar a cultura, eram utopias que nem sequer passavam pela cabeça de ninguém. Portanto, instrumentos, fardamento, locais para se aprender e ensaiar – em tudo isso teve que pensar Jaime de Oliveira e arranjar solução.

Além de um certo e determinado conjunto de regras de conduta e de comportamento indispensáveis a qualquer aprendizagem, havia paralelamente um leque de prementes preocupações a que era urgente atender e dar forma efectiva de concretização.

Era o começar do nada, tanto no aspecto de aprendizagem musical como no aspecto logístico.

Note-se que a organização da Banda tinha que obedecer a uma determinada formação com regras de postura e andamento próprias e uniforme adequado, lembrando as Bandas militares em que as civis se inspiravam (como e já se anotou). E em todos os aspectos partiu-se do zero. Decerto, nunca é demais realçar: com uma firme vontade de vencer, com muito esforço e dedicação, com grande parte de seus bens pessoais e acima de tudo, com muito entusiasmo.

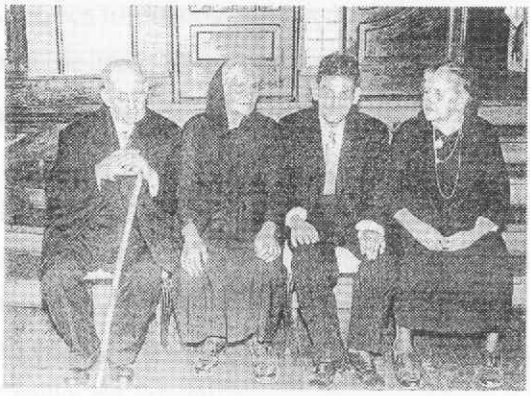
biblRIA

Vimos, por exemplo, já noutros capítulos, como Jaime de Oliveira também acalentou o grande sonho de ter o seu próprio Salão Cultural e Recreativo (frente à Igreja), que conseguiu mas que mais tarde teve que vender.

Ao lado de Jaime de Oliveira, é justo apontar, pelo menos três nomes: Manuel Nunes Ferreira Neves, António Freitas e António Barreiro.

Homens que sempre o entusiasmaram, ajudaram e acompanharam: nas horas difíceis do arranque – com a sua palavra amiga de incitamento e coragem no momento certo, com o seu apoio e total acompanhamento.

Quem era Manuel Nunes Ferreira Neves? Irmão de Joaquim Nunes Ferreira Neves que tomou conta da Trabuqueta e estes dois irmãos, diz-se que, no princípio do século XX, tocavam gaita de foles, ficando conhecidos por violeiros.



Manuel Nunes Ferreira Neves e Joaquim Nunes Ferreira Neves e respectivas esposas

biblRIA

Manuel Nunes Ferreira Neves, cuja casa restaurada ainda existe, frente ao largo onde havia o antigo chafariz, era um homem de grandes méritos por todos reconhecidos. Dizem os que o conheceram que era a pessoa mais conceituada da Freguesia: juiz de paz, muito estimado e considerado por todos, dada a sua bonomia, carácter íntegro e personalidade culta e de bastantes conhecimentos para a época. Daí, após a implantação da República (em 1910) e com a separação da Igreja do Estado e dada a dificuldade de meios de comunicação, sendo criadas várias dependências do Registo Civil, uma delas ficou precisamente na casa do senhor Neves, como era conhecido e tratado Manuel Nunes Ferreira Neves.

Além deste encargo, este senhor Neves era ainda Secretário da Irmandade das Almas e também Secretário da Junta de Freguesia.

Aliás, já falámos deste senhor Neves quando tratámos dos locais de aprendizagem e ensaios da Banda. Já então dissemos que ele exercia a profissão de alfaiate e que mais tarde se estabelecera com uma loja de fazendas .

Só por volta dos anos 40 é que deixou de ter a representação do Registo Civil.

Parte destas informações foram-nos facultadas por sua filha D. Maria da Conceição Ferreira Neves, de 91 anos e que passa a maior parte do tempo na América para onde emigrou com o marido.

O pai, senhor Neves, era um homem tão apaixonado pela Música e pela Banda que, além de lhe ter cedido parte da casa para ensaios, sempre a acompanhava.

Como curiosidade, Susan Neves, bisneta deste grande amigo (dos iniciais) da Banda, é hoje uma cantora soprano de ópera de elevada classificação, a nível internacional. Além das capitais europeias (em que se inclui Lisboa – Teatro de S. Carlos), já percorreu toda a América (onde fez a sua formação cultural e artística) e os principais países do Oriente, espalhando por toda a parte a fama da sua privilegiada voz.

Quanto a António Freitas? Sabemos que era de Aveiro onde tinha uma oficina de canteiros e é possível que, dada esta sua actividade, se tenha deslocado várias vezes para a Bairrada onde conheceu aquela que viria a ser sua esposa – Capitolina. Fizeram casa aqui na Mamarrosa, na rua de S. Romão, na frente da do falecido Antero Caiado. Aliás, esta casa da família Freitas ainda existe e é até de uma traça interessante, ornamentada com alguns motivos de arte nova. Esta família aqui estabelecida na primeira parte do século passado (XX) era não só conhecida por família dos Freitas, mas principalmente dos Canteiros, sobrenome que se estendeu a todos os familiares e até aos empregados da sua oficina da cantaria. Esta oficina de muito movimento (com vários trabalhadores diários) durante a primeira metade do século XX situava-se onde hoje se encontra a moradia de D. Isaura Figueiredo Pato (viúva do senhor Dr. Pato), portanto, mesmo defronte ao Largo do Freixo.

bibRIA

Desta oficina de cantaria saíram belos modelos de anjos, serafins e santos, em pedra de Ançã, de um rigor e perfeição de linhas, que ainda hoje deslumbram os nossos olhos. Capelas, mausoléus e um sem número de arabescos e esculturas ficaram por aí, por cemitérios e igrejas, documentando a perfeição e o labor

extraordinariamente meticuloso e imagético que o tempo, que então não contava, também até agora ainda não foi capaz de destruir.

Para além desta arte de pedra, cultivada a rigor apenas a poder de maço e escopro (e pouco mais) por estes artistas tão votados ao esquecimento, a Música também encantava os Freitas. Pelo menos o António é o amigo sincero e devotado do jovem Professor Jaime de Oliveira a quem incita sempre a continuar. Um dos seus empregados, Artur Lemos, da Palhaça, é mesmo um dos primeiros caixistas da Banda e diz o senhor Professor Costa que conseguia fazer com a caixa aquilo que nunca mais viu fazer a mais ninguém até hoje; que era extraordinário nesta arte, acrescenta este senhor (actualmente o novo Presidente da Direcção da Associação B. C. R., desde Outubro de 2000).

Como já se referiu, tanto esta família Freitas como até os seus operários eram conhecidos por canteiros e assim se designava Artur Canteiro e raramente Artur Lemos e António Canteiro e não António Freitas. Era habitual muitas pessoas tomarem nos seus nomes os apelidos das suas profissões, pelo menos a nível de oralidade.

biblRIA

Quanto a António Barreiro, sabemos que era avô do falecido Manuel Plácido Simões dos Santos. de todos já bem conhecido. Uma família dedicada à Banda.

Carlos, o filho do senhor Professor Jaime (vive na Amoreira da Gândara) que começou a aprender música, aí por volta de 1935, diz que os ensaios eram então no Salão e que na parede, ao lado da fotografia do pai, estavam também as dos seus colaboradores e, além dos já citados, ele nomeia um outro: o senhor Evangelista, (segundo Armando Vida, este seria da Mamarrosa, quase vizinho do senhor professor Jaime e emigrou para o Brasil donde só regressou bastante tarde); quatro ao todo:

Manuel Nunes Ferreira Neves
António Freitas
António Barreiro
Evangelista Martins

Já tratámos em devido tempo da formação inicial da Banda. Vimos também como os dois irmãos José no Troviscal e Jaime na Mamarrosa, se ajudavam mutuamente, mesmo até quanto a cooperação em termos de troca de executantes.

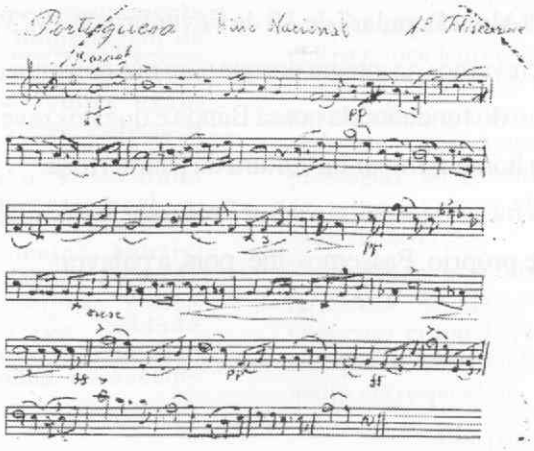
Em 1916, pelo menos nas primeiras actuações, alguns músicos da Mamarrosa teriam vindo do Troviscal onde já haviam aprendido.

Lembremos o que a este respeito deixou escrito o músico Martinho Augusto Martins (o Martinhito) e outros, como João Pedro.

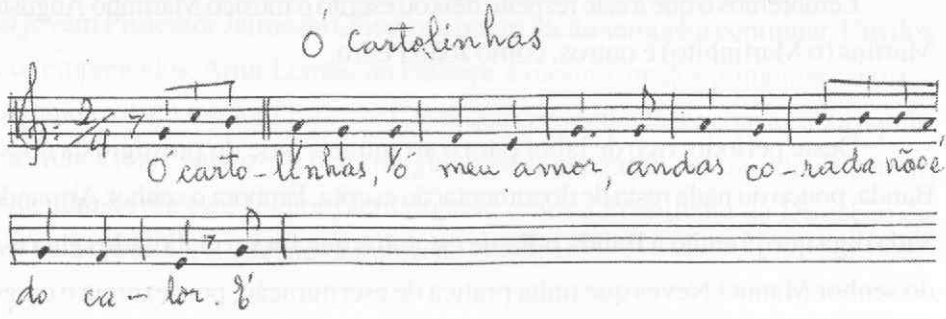
Deste período, rico de labor para o arranque – base do prestígio da nossa Banda, pouco ou nada resta de documentação escrita. Embora o senhor Armando Vida diga que já então a Banda possuía estatutos que foram elaborados em casa do senhor Manuel Neves que tinha prática de escrituração, pois exercia o cargo de representante do Registo Civil. Havia uma Direcção da Banda formada pelos tais amigos e colaboradores do mestre. Mas era nas costas deste que tudo recaía; era professor, regente, ensaiador, contratador e pagador – no dizer deste velho músico.

bibRIA

Do punho do senhor Professor Jaime de Oliveira, temos este excerto de música do Hino Nacional para fliscorne (foi-nos cedido pelo antigo executante Manuel Evaristo Azenhas).



Todavia, sabemos que, segundo consta, a primeira peça tocada, em 21 de Dezembro de 1916, pelas ruas da Mamarrosa, seria "As cartolinhas", melodia entoada nos trabalhos agrícolas da época. E o primeiro serviço, sabe-se que foi realizado em Bustos (então parte integrante da Mamarrosa – até 1920), abrilhantando o enlace matrimonial de Augusto Costa, de quem já falámos atrás.



Já vimos onde eram os ensaios, como tinham de ir (nos princípios, pelo menos) para todos os serviços aqui à volta, regra geral a pé. As fichas dos executantes mais antigos, dão-nos várias indicações a tal respeito.

biblRIA

Estamo-nos a lembrar, por exemplo , que o senhor Olegário Silva disse que era costume, todos os anos, reunirem-se os músicos com o seu mestre (parece que esta tradição ainda se mantém) e fazerem assim um convívio em que havia figos secos, pão, tremoços e pinga: nesse dia não se tocava, só se falava e convivia.

No jornal "Alma Popular" de 10 de Fevereiro de 1923 encontrámos uma notícia que transcrevemos na integra porque para nós constitui o único documento escrito pelo punho do fundador da nossa Banda e que nos revela algumas facetas do carácter deste homem ímpar na cultura da Mamarrosa.

Segundo o mesmo jornal, o senhor Professor Jaime elaborou esse artigo e leu-o também ele próprio. Passemos-lhe, pois, a palavra:

A filarmónica da Mamarrosa, acompanhada por um grande grupo de cidadãos daquela freguesia, veio ao Troviscal, no dia 4, aniversário da filarmónica dali, sandá-la, demonstrando uma férrea solidariedade a mensagem que se segue, lida e entregue pelo seu regente, sr. Jaime de Oliveira:

Camaradas e amigos:

Neste dia memoravel, que marca mais um ano de existência no desempenho dum dever a que ha 12 anos déstes começo, e em que toda a gente tem os olhos fitos a apreciar a marcha dos acontecimentos que um abuso da autoridade intoleravel e um capricho brutal provocou, nós não podiamos deixar de cumprir o dever de nos associarmos á festa do vosso aniversário e virmos pessoalmente prestar-vos a homenagem de [illegible] vos a simpatia que com tantos sacrificios tendes grangeado com a vossa dedicação sincera, o vosso respeito cavalheiresco e a vossa linha de conduta irrepreensivel.

Nós não vimos aqui trazer-vos cumprimentos banais, mas sim saudações sinceras de corações amigos. Vimos aqui afirmar-vos lealdade franca que ha-de permanecer atravez de todos os sacrificios.

A vossa situação é critica, mas não desanimeis.

As grandes vitimas são as mais glorificadas e quanto mais pequenina é a causa que tal determina, tanto mais alto é o grau dessa glória.

Encarai a situação com serenidade. Não vos precipiteis com preconceitos que ámanhã não terão direito de existir.

Historiar as coisas é tempo perdido, pois de mais elas são conhecidas.

Permiti-me só que lancemos a nossa repulsa contra todas as calunias que voam céleres de canto a canto, só com o infeliz encargo de desafiar o desdem para com a vossa dignidade.

Recebei as nossas felicitações e que aquele laço indestrutivel que ha 5 anos tem unido os nossos esforços continue a estreitar-nos cada vez mais no caminho do dever, da honra e no bom nome das nossas terras.

Agora permiti-me que vos levante um viva e que o seu éco chegue até aos ouvidos dos que são inimigos da arte, da civilisação e do progresso.

Viva a banda do Troviscal!

O sr. José de Oliveira, regente da filarmónica do Troviscal, agradeceu comovidamente, tendo recomendado aos rapazes, sempre prontos em obedecer, a maior prudência, procedendo sempre com sensatez e sabendo-se desculpar uns aos outros dos erros da vida, animando-os a prosseguir no caminho da honra, sabendo sempre obedecer aos seus superiores.

Terminou com um viva á filarmónica da Mamarrosa e ao numeroso grupo daquela freguesia que a acompanhava, sendo muito correspondido.

Alma Popular - 10-02-1923

UBRA

Entretanto, a Banda Escolar da Mamarrosa (seu nome de origem) adquiriu fama e prestígio e percorria todas as povoações por aqui à volta. E antes de avançarmos mais, vejamos o que diz Orlando de Oliveira a este respeito.

Em 1916, mais propriamente no dia 31 de Dezembro, desfila pela primeira vez, em saudação ao povo local, a jovem Banda Filarmónica de Mamarrosa. Após a sua fundação, assiste-se a um período de notável progresso, tendo atingido um nível a par das melhores bandas do país.

Jaime de Oliveira Pinto de Sousa, a esta data professor Primário em exercício nesta localidade, que se revelou sempre como insigne maestro assim se manteve, embora como sempre, com as dificuldade económicas próprias destas colectividades, pois que sem subsídios de qualquer espécie a Banda foi sobrevivendo à custa dos rendimentos dos contratos que realizava.

bibRIA

A Banda de Jaime de Oliveira adquiria o grau de entidade cultural e artística e o seu valor é de tal forma reconhecido, que começa a ser solicitada para todos os pontos da nossa região.

Segundo o mesmo jornal ("Alma Popular") já atrás citado, só em 1929 se deslocou, em serviço para: Fermentelos, Bustos, Amoreira da Gândara, Chipar, Venda Nova de Bolho, Palhaça, Silveira, Tamengos, Vilarinho do Bairro, Febres do Boeiro, Malhada, Ouca, Azenha, Vale Grande, Quinta do Perdigão, Espinheira, Horta, além das várias actuações realizadas em toda a Freguesia de Mamarrosa, em festas, missas, procissões e funerais.

Era a febre da Música, era a febre da Banda. Muitos queriam aprender. Revolucionara-se o tempo, o modo de viver e aprender, algumas situações modificam-se. Por outro lado, no sangue da família de Jaime de Oliveira, corre música que extravasa nas pautas do solfejo e nas partituras de todos os sonhos do mundo. O filho primogénito de Jaime de Oliveira, José, funda uma outra escola de Música, dada a muita afluência de crianças querendo beber nesta fonte de

sinfonia musical. Os meninos gostam de aprender, marcham na direcção do Portinho, tocam os sonhos de todas as madrugadas.

Desta escola de Música (a 2ª da Mamarrosa, pois a primeira seria a de Jaime de Oliveira) saiu uma nova Banda, a Infantil para se diferenciar da "Velha", do mestre Jaime de Oliveira, o primeiro marco, o fundador.

Recorde-se que falámos com velhos músicos que pertenceram a esta Banda de José de Oliveira.

Entretanto, a Banda de 1916 é remodelada, entrando mais executantes. Lembremos que em 1916 eram apenas 27 e agora em 1928 já são 34. E mudam também de fardamento. Deixam de parte o fato inicial azul com laço e passam a envergar farda creme com gravata azul ou preta.

bibRIA

A Banda (a inicial de 1916) continua a cumprir de ano para ano vários contratos dos quais sobressaem os serviços religiosos (então abundantes e mais solenizados que hoje); a sua orquestra sacra de grande instrumental, chega a ter quatro violinos (Manuel Canas, Amadeu Martins, Rameiritas e Mário Libório), além do rabecão tocado pelo Priminho e das excelentes vozes dos outros músicos.

E, por considerarmos um marco histórico importante, a comemoração do 20º Aniversário da Banda, inserimos aqui o original de um discurso de Hilário Costa, que mais tarde, em 1986, no 70º aniversário, ele próprio voltou a ler e no mesmo local (Restaurante Gaúcha, erigido no local onde se ergueu o Salão do senhor Professor Jaime).

Minhas senhoras e meus senhores: [illegible]

Ao comemorar-se o 29.º aniversario da fundação da Filarmónica da Mamarrosa, eu não podia deixar de me associar a tão simpática como [illegible] festa, e dizer algo do que sei e sinto sobre o significado deste dia.

Naquela tarde [illegible] e bela de Dezembro de 1916, em que a Filarmonica desta terra saiu à rua pela primeira vez, [illegible] alegria imensa a [illegible] de todos os corações, alegria que traduzia bem o significado de tal causa! Do seu ilustre chefe por expor a sua obra à apreciação do público; dos primeiros rapazes da aldeia, [illegible] e [illegible], que pela primeira vez e [illegible] executavam em público alguns primores do que seria o mais simpático reportório; e do povo, principalmente o povo da Mamarrosa, que sentia o [illegible] orgulho de ouvir a sua musica, a esperança risonha do futuro!

Passaram-se anos e anos de trabalhos, [illegible] aplausos [illegible]! E a Filarmónica da Mamarrosa que hoje festeja as suas bodas de prata, comemorando o 29 ano de existência, é [illegible] numa [illegible] em plena [illegible] e [illegible] de orgulho para todos os filhos desta nobre terra; é o estímulo grandioso e [illegible] [illegible] que tão [illegible] têm sabido manter a sua musica em disciplina, e a coragem, e o amor dedicado a tão útil como [illegible] [illegible] pelos componentes desta simpática filarmónica!

E a musica da Mamarrosa tem sido um clarão, ou antes um sol de luz bendita, cujos raios já se reflectiram na América, como brilharam em [illegible] e noutras partes, cujos [illegible] ou musicos são em parte filhos [illegible] da Filarmonica desta terra!

A [illegible] este conjunto de sons harmoniosos e [illegible] que nos deliciam ao ouvi-los, [illegible] [illegible] compreendido por tanta gente, é uma das mais nobres como interessantes artes! Sob os palácios sumptuosos dos imperadores, reis, [illegible], e grandes senhores, e onde por toda a parte existem esmeraldas, [illegible], ouro, cristal, sedas e damascos, e onde a alta [illegible] a [illegible] [illegible], e transmitido pelos [illegible] dos continentes e oceanos, é executada anunciando a vitória; tocada em comemorações, aniversários e [illegible] ou outras festas, nos salões recreativos do povo onde tenho hoje o prazer de vos falar, como desce às cabanas [illegible] dos camponeses e pescadores, onde seus arpejos [illegible] tantas vezes fizeram [illegible] chorar a miséria!

Na hora que passa, se tanto é [illegible] e [illegible], se prevalece a musica do Jazz, como musica [illegible] e folgazã, a musica dos grandes filarmónicas, harmoniosa e suave, tem e há-de [illegible] marcado e [illegible] nos corações [illegible] que sabem [illegible] e apreciar a grande arte musical!

E a Filarmonica da Mamarrosa, que eu tanto admiro, é o reflexo vivo e puro do grande musico e regente Jaime de Oliveira, aluno [illegible] [illegible] discipulo de Beethoven e Mozart e de outros [illegible] fulgurantes e eternos da musica Universal! [illegible] [illegible] do que [illegible], bem o sabemos, é alguém como mestre de musica e regente no nosso meio; alguém que eu respeito e admiro, e a quem muito [illegible] como [illegible] querido professor e amigo!

Se estas singelas e francas palavras que brotam do meu coração como preito de grande estima pelo Homem que tem sabido engrandecer esta terra pouco valem por serem pronunciadas pelo seu mais [illegible] discípulo, têm, [illegible], embora modestamente, demonstrar que reconheço e jamais me esquecerei dos grandes e valiosos trabalhos que Jaime de Oliveira teve [illegible] [illegible] ensinando-me o A.B.C!

1940 – ano de grandes alegrias, mas também de muitas dores e agonias.

Em 1940, a Banda da Mamarrosa vai pela primeira vez a terras do Minho (seguimos indicações dadas por Álvaro Canas que as ouviu de seu pai Manuel António Canas). José de Oliveira, irmão de Jaime de Oliveira, maestro da Banda do Troviscal, há muito ia com a sua Banda às terras do Norte, pois a Banda do Troviscal tinha outras tradições e era muito mais conhecida a nível do País.

Da última vez (1939) que estivera em Seixas do Minho, José de Oliveira (irmão de Jaime), dissera para os responsáveis dos festejos: "Tenho um irmão que também formou uma Banda e que é muito melhor que esta com quem tocámos". E então, em 1940, com a Banda do Troviscal, deslocou-se também a da Mamarrosa às terras do Minho e as duas procederam ao habitual despique em arraiais nortenhos.

bibRIA

Aqui, tanto a Banda conhecida por "Velha" (para se distinguir da Infantil) como a Infantil, as duas são um sucesso. Isto mesmo se depreende da leitura da notícia inserta no Jornal que temos vindo a citar "Alma Popular" de 31 de Maio de 1940 que refere que nos festejos do Corpo de Deus de 23 do mesmo mês, "as duas Bandas da Mamarrosa tinham proporcionado a todos um grandioso concerto".

Tudo parece marchar de vento em popa. O mestre Jaime de Oliveira mostra-se satisfeito. E chega-se ao dia da festa de S. Sebastião – 4 de Agosto de 1940, em que tudo parecia sorrir e afinal seria o dia fatídico da história da Banda.

Andavam na arruada sem o mestre que naquele ano era o Juiz da festa e os seus músicos os mordomos. Não se impunha a sua presença: afinal, o seu filho José bem o podia substituir, dada já até a sua experiência com a Banda Infantil. Mestre Jaime preferiu ficar à porta da sua casa, perfilado, revendo-se orgulhoso (afinal pela última vez) na obra prima do seu génio – a sua Banda.

Já tinham dado mais de metade da volta: quando vinham na direcção do Portinho, Manuel António Canas adianta-se para ir ao escritório do mestre buscar o violino para tocar na missa. E eis que a porta não se abre: qualquer obstáculo a impedia de se abrir. O corpo inerte do mestre; o senhor professor Jaime estava morto.

Outros dizem que foram os filhos que o encontraram. Fosse como fosse: morreu naquele dia 4 de Agosto de 1940 – dia da festa de S. Sebastião.

A notícia logo correu e abalou quantos dela tiveram conhecimento. Uma onda de tristeza e consternação abate-se sobre Mamarrosa e chega a todos os cantos onde havia chegado a voz da Banda.

Nunca a Mamarrosa assistiu a um acontecimento semelhante ao do funeral de Jaime de Oliveira: imponente, majestoso e dramaticamente doloroso. Basta ler o que a este propósito escreve o mesmo semanário que temos vindo a citar (Alma Popular), na sua edição de 9 de Agosto de 1940 que considera o mestre desaparecido "homem de grande bondade e de excelsas qualidades de carácter"

biblRIA

E no mesmo periódico e ainda nesse mês de Agosto, mas a 23, Manuel Augusto dos Santos Pato (futuro médico, Dr. Pato), no seu discurso então proferido, afirma em determinado momento sobre o seu antigo mestre das primeiras letras: "serviu incansavelmente a Mamarrosa, dedicou-lhe o melhor do seu espírito, entregou-lhe o melhor da sua alma e do seu coração"

AINDA A MORTE DO

Professor Jaime de Oliveira

A' beira da sepultura dêste nosso inolvidável amigo, e no dia do seu funeral, proferiu o sentido discurso que segue o seu discípulo dos primeiros lestros, sr. Manuel Augusto dos Santos Pato, aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra:

«Já algumas vezes tenho sido forçado a falar em público, mas nunca pensei ter de fazê-lo tão cedo por motivos desta natureza.

Até aqui as minhas palavras, das vezes que já falei, têm sido um elogio àqueles que trabalham, um consôlo aos humildes, um incentivo aos novos; mas hoje as minhas frases são muito outras!

Haveis de notar já que elas são repassadas de tristeza, que elas são articuladas na amargura, que elas representam mais um

quêles que como eu não esquecerem ainda os cuidados, as preocupações que o nosso dilecto Professor teve commosco, que eu quero prestar-lhe o mais sincero reconhecimento, a mais justa homenagem de saüdade. Foi o Sr. Prof. Jaime quem

Hoje, músicos da Mamarrosa, vós sois um corpo a que falta um cérebro, uma direcção válida como a que já tivestes. Mas nem por isso haveis de esmorecer, nem por isso haveis de periclitar.

Procurai antes o remédio para essa falta, procurai unirem-se como nunca e esforçai-vos por dar continuação á obra do nosso Professor e amigo tem dedicado. Continuai antes a sua obra e podereis ficar na certeza de que será a melhor homenagem de saüdade que podereis prestar-lhe.

Perdemos portanto mais um amigo, um amigo cuja memória há-de ser recordada muitas vezes, um conselheiro seguro, um homem que na terra só soube praticar o Bem!

Serviu incansàvelmente a Ma-

(Jornal cedido pelo senhor Isaías Nunes Mota).

2ª ETAPA
1940 a 1978

Os maestros

José de Oliveira – de 1940 a 1942
António de Oliveira – de 1942 a 1954
José de Oliveira – de 1954 a 1957
Orlando Pato – de 1957 a 1963
António e Orlando – de 1963 a 1976
Regência incerta – de 1976 a 1978

As crises

Crise de 1952 a 1954
Com a 1ª intervenção do senhor Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato

A Direcção de 1952 e seus objectivos

Crise dos anos 60
As bodas de Ouro da Banda - 1966

Crise dos anos 70
2ª intervenção do senhor Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato
A Comissão de 1970 – seu objectivos

1976 – Redução da Banda a uma orquestra

bibRIA

2ª ETAPA

De 1940 a 1978

Período longo em que momentos de acalmia e baixo rendimento, se assim nos podemos exprimir, contrastam com outros de exaltação em termos de produção musical e ainda alguns mais agitados e turbulentos.

Dada a diversidade de acontecimentos, esta etapa, poder-se-ia subdividir em sub-períodos de acordo com a actuação dos sucessivos dirigentes da Banda.

De 1940 a 1942

Maestro – José de Oliveira

Morto o senhor Professor Jaime de Oliveira, fica como regente o filho mais velho, o José. Rapaz muito enérgico e sabedor das coisas da Música, tinha no sangue a paixão que vinha de trás e no espírito o gesto determinado para liderar com a batuta aquele punhado de valentes – os fundadores, camaradas de glória dos tempos áureos do seu Professor desaparecido.

bibRIA

Com José, dizem os que ainda viveram estes tempos, a Banda readquiriu fama e prestígio. Recorde-se que José já tinha adquirido bastante experiência ao fundar a Banda Infantil (de que ainda hoje há elementos vivos) que em 1940 já havia feito algumas actuações.

Todavia, a Banda Infantil acaba praticamente com a morte de Jaime de Oliveira: os que eram mesmo bons e precisos para os naipes integraram-se na Banda "Velha"; os outros músicos ainda menos aptos e também não necessários (dado o fluir dos acontecimentos) acabaram por se dispersar. Pois agora José de Oliveira teve que deixar a Banda Infantil para se dedicar à Banda principal, a "Velha".

Um autêntico recomeçar atravessa as suas fileiras: juntam-se à Banda mais alguns executantes (parte deles havia saído por qualquer motivo), adquirem-se peças novas e de notável nível artístico para executar , a Banda cada vez é mais conhecida e adquire condições de defrontar outras de elevado valor, mesmo a nível do País. José de Oliveira é jovem e enérgico, impõe disciplina e as coisas parecem correr muito bem.

Mas afinal foi sol de pouca dura. Este excelente maestro começa a falhar: por vezes falta aos ensaios. E, pior do que isto ...

Esclareça-se, antes de continuarmos, que de início a gestão da Banda não se comparava de forma nenhuma com o que hoje acontece. Era na pessoa do maestro que todos os poderes e encargos se concentravam: ensinava, ensaiava, mas também era ele que tratava dos contratos, portanto, era regente e ao mesmo tempo também director, contratador, tesoureiro e secretário, se é que nesses primeiros tempos se registava alguma coisa com a devida ordenação. Talvez para obstar um pouco a este estado de coisas, sabe-se que bastante cedo começou a haver tesoureiro, mas mesmo assim o sistema era propício e sujeito a algumas irregularidades.

bibRIA

José de Oliveira, regente enérgico e arguto, muito competente em toda a área musical, parece que cedo se revelou péssimo administrador, isto atestado até pelo próprio irmão, o senhor Professor Orlando Pato. E sucederam-se alguns incidentes, quanto a este aspecto, bastante desagradáveis.

O acumular de várias funções bastante díspares nunca foi salutar para ninguém e muito menos para este jovem mestre da nossa Banda da Mamarrosa.

Por outro lado, José de Oliveira pertencia ao regimento de Infantaria n.º 19 de Aveiro e lá fazia parte da sua Banda Militar. E também, como ansiava por emigrar, por volta de 1942, embarcou para a Guiné donde passou para Angola...

De 1942 a 1954

Maestro – António de Oliveira

De novo sem timoneiro, recorre-se ao segundo filho do falecido senhor Professor Jaime , o António. Era rapaz também conhecedor da arte dos sons, embora sem a genica, nem o poder de liderança do irmão José (quando no início da sua regência). Contudo, procurou sempre fazer o melhor que sabia e podia.

Acontece que mais tarde, António é colocado como professor, em Fiães e Arada–Ovar. Ora, a regência da Banda sofre muito com esta situação que ainda mais se acentua com o passar dos anos.

Os músicos começam a desinteressar-se, uns saem para os seus afazeres individuais, outros vão para conjuntos musicais que por aqui começam a proliferar e muitos mesmo a singrar, ao contrário da Banda que se vai enfraquecendo e ficando pela escala dos dós, na margem das lamentações, a caminho da sua primeira grande crise – a de 1952.

bibRIA

Mas a Banda tem amigos entusiastas que conhecem o seu valor e estão dispostos a tudo para a repor no seu devido lugar – reencontrar o rumo perdido, o caminho do futuro e do futuro com sucesso.

1.ª Intervenção do senhor Dr. Pato – nesta crise de 1952-1954

Um desses amigos incansáveis é o médico Manuel Augusto dos Santos Pato...

A crise está cada vez mais iminente. Decorre o ano de 1952. Tudo parece sem rei nem roca para a Banda que todos pensam "ter os dias contados", na expressão de Armor Pires Mota (in Mamarrosa Milenária).

Mas o senhor Dr. Pato consegue agregar à sua volta um grande número de pessoas das mais conceituadas na aldeia: Padre António Ferreira Tavares (ainda vivo, residente em Valongo do Vouga e que viera para a Mamarrosa em 1951), Flávio dos Santos Pato (pai de Fausto dos Santos Pato – actual secretário da Associação), e professor Eduardo Rogério. Formam uma Comissão que logo de seguida se assume como Direcção da Banda. Será a primeira Direcção já constituída em moldes semelhantes aos de hoje e que ficou assim constituída:

Presidente: Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato
Tesoureiro: Flávio dos Santos Pato
Secretário: Professor Eduardo Rogério Simões

Vogais: Duarte Pato, Manuel António Canas, Álvaro Ribeiro e Manuel Ferreira.
(estes vogais passaram pouco depois a constituir o Conselho Fiscal)

Flávio dos Santos Pato

bibRIA

Desta Direcção só os vogais eram músicos e todos por nós já bastante nomeados ao longo desta obra. O senhor Professor Rogério era uma pessoa de muito prestígio em toda a Mamarrosa.

Nesta altura, anos 50, vários executantes tinham abandonado a Banda, devido a vários factores desestabilizantes, entre eles as quezílias surgidas no seio desta instituição. Os homens da nova Direcção vão falar com esses músicos, chamam-nos à razão, de forma a ultrapassarem certas divergências e ao mesmo tempo é enviada uma carta aos emigrantes e amigos da Banda que também necessitava de fundos, nomeadamente para a renovação de instrumental e fardamento.

Junta-se o panfleto então enviado para os emigrantes.

Ilustre Patrício

Como sabeis, existe na nossa terra uma Banda de Música, criação do saudoso professor Jaime de Oliveira.

Presentemente, e por motivos vários, ela atravessa uma má situação, mas o nosso amor ao torrão natal, a este lindo cantinho da Bairrada que nos viu nascer e onde tentamos os primeiros passos, não quer que ela morra, que ela desapareça para sempre. E ela viverá, ela voltará aos seus dias áureos para levar a terras distantes do nosso Portugal o nome da da nossa querida Mamarrosa.

Para isso, constituíu-se uma Comissão formada pelos Senhores Doutor Santos Pato, Flávio Pato, profesor Rogério Simões e pelos músicos Manuel António Canas, Duarte Pato e Alvaro Ribeiro. Esta Comissão iniciou já os seus trabalhos e, em torno dela estão a reunir-se todos os homens de boa vontade para que a Mamarrosa continue a ter a sua Banda de Música de notáveis tradições.

Ao dirigirmo-nos a vós, que labutais nessas longínquas paragens, apelamos para o vosso brio pátrio, para o amor que tendes pelas coisas da nossa terra, certos de que o vosso auxílio nos chegará às mãos afim de que a nossa Música se salve das dificuldades em que se debate.

TODOS POR UM E UM POR TODOS, é a nossa divisa.

Mamarrosa, Fevereiro de 1952.

(cedido por D. Isaurinha Pato)

bibRIA

Era também preciso sangue novo, pois não havia escola de música para a necessária e contínua renovação da Banda. Armando Vida, um dos apaixonados da Música e da Banda e amigo do então maestro António de Oliveira, consegue preparar uns trinta novos executantes. Como já anotámos, diz ele que, "com autorização do maestro, rebuscou os escaparates da música onde encontrou diversos instrumentos que já estavam postos de parte; recuperou-os e, mesmo mal consertados, começou a ensinar e a ensaiar com eles."

PRINCIPAIS OBJECTIVOS DESTA DIRECÇÃO DE 1952

- Trazer de novo às fileiras da Banda, os músicos dissidentes e motivar os jovens para o futuro ingresso na mesma.
- Angariar fundos, especialmente para: obter uma sede condigna para reuniões, aprendizagem e ensaios; recuperar, se possível, alguns instrumentos e fardamento.
- Estruturar a gestão da Banda, procurando organizar estatutos e legalizá-los.
- Conseguir um maestro mais presente e acompanhante da Banda .

Este trabalho em várias frentes começa a dar os seus frutos, de forma que o Jornal da Bairrada de Março de 1952 já dizia que "a Banda "que parecia com os dias contados, acaba de ressurgir com alma e vontade". Esta direcção pensa também em instalações condignas para a Banda. Disto mesmo, este periódico (Jornal da Bairrada) nos dá conta a 21.06.52, quando afirma que se procura uma sede condigna para a Banda, apresentando já uma lista de donativos para satisfazer esse e outros objectivos de então. E o mesmo Jornal de 5 de Julho do mesmo ano de 1952, ao anunciar a festa de S. Sebastião, diz que a Banda percorrerá as ruas e que a sua orquestra sacra participará na missa "a grande instrumental".

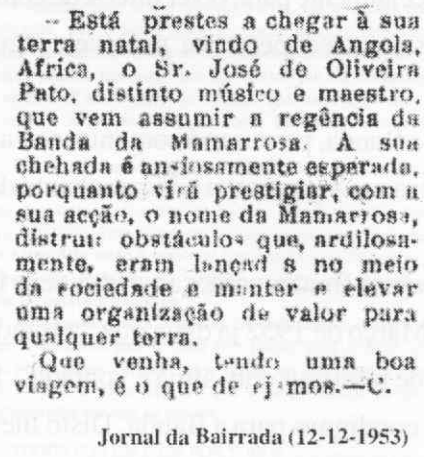
biblRIA

Mas este ressurgir não durou muito, pois reaparecem antigas rixas e rivalidades. O mestre António de Oliveira na altura também tocava no Jazz dos Libórios e exige-se que ele abandone este grupo musical para se dedicar apenas à Banda. Ao mesmo tempo querem que saia da Banda, Armando Vida, (como já se apontou), pois há incompatibilidades que vêm de longe e que não conseguem ultrapassar.

Armando Vida sai da Banda, mas solidarizando-se com ele, saem também outros colegas e amigos, como: Augusto Azenhas – bombardino, Mário Libório – 1º clarinete, Manuel Reis (da Quinta do Gordo) – 1º clarinete e ainda um tal Mário dos Covões – trompete, além dele, Armando Vida – saxofone – alto.

Em face destes e outros problemas, a Direcção pensa mandar vir de Angola José de Oliveira. (embora se tenha tentado até pedir a Manuel Pato da Amoreira para dirigir a Banda, o que não deu resultado).

A este propósito, repare-se nesta notícia de 12.12.1953 **



— Está prestes a chegar à sua terra natal, vindo de Angola, Africa, o Sr. José de Oliveira Pato, distinto músico e maestro, que vem assumir a regência da Banda da Mamarrosa. A sua chehada é ansiosamente esperada, porquanto virá prestigiar, com a sua acção, o nome da Mamarrosa, distrui obstáculos que, ardilosamente, eram lançad s no meio da sociedade e manter e elevar uma organização de valor para qualquer terra.

Que venha, tendo uma boa viagem, é o que de ej mos.—C.

Jornal da Bairrada (12-12-1953)

Como se vê, diz-se que José "está prestes a chegar".

bibRIA

De 1954 a 1957

Maestro – José de Oliveira

Realmente José regressa, decerto, ainda no final desse mesmo ano de 1953.

Teve que enfrentar várias dificuldades, a nível artístico e disciplinar, mas após uma acção constante e persistente, a Banda começa a reerguer-se, participando em festejos da região e noutros eventos.

Destes, são de apontar o cerimonial do Aniversário das Almas que se realiza a 21 de Janeiro de cada ano em Vilarinho do Bairro e as festas de S. Sebastião, cá na Mamarrosa.

** Foi com base nesta notícia de 12.12.1953 que afirmámos que José de Oliveira regressou de Angola, decerto ainda em 1953. Acontece que os estatutos então elaborados, embora licenciados apenas em 1954 pelo Governador Civil de Aveiro, têm a data de 1952 e a assinatura de José de Oliveira. Perante o desacordo das datas, entre a referida notícia e os estatutos e consoante opinião de algumas pessoas que nos pareceram credíveis em relação a esta matéria, optámos pela data do Jornal.

Pela notícia de 29 de Maio de 1954, (do mesmo Jornal da Bairrada) vê-se como a Banda estava a ganhar de novo grande credibilidade e prestígio, mesmo a nível de outras do País.

Ao mesmo tempo, a Direcção já há muito vem trabalhando na organização dos Estatutos que consegue legalizar igualmente nesse mesmo ano de 1954. Juntamos, precisamente cópia do certificado dessa legalização concedido pelo Governo Civil de Aveiro, em que se pode verificar que esses Estatutos constam de 37 artigos em quatro folhas de papel selado.

MAMARROSA

Depois de uma activa preparação já se pode dizer que temos uma boa filarmónica na nossa terra. Não é ainda o que se deseja, mas, com a acção do distinto maestro que a dirige, sr. José de Oliveira Pato que regressara de Africa a alguns meses, e que tem contribuido grandemente para a sua boa forma, em breve teremos a consolação de a ver brilhar entre as melhores bandas do país.

As elogiosas impressões que tem deixado em alguns concertos que já realizou, tem despertado grandes interesses nas mordomias das festas. Possuidora duma formação de 43 figuras, a Banda de Mamarrosa, não só eleva com orgulho o nome da sua terra como também enaltece e prestigia o seu concelho. À par do progresso constante em que a música se encontra, merecem os maiores elogios todos os elementos da Direcção que se têm empregado incansàvelmente em seu benefício, não se poupando a sacrifícios mesmo com prejuízo da sua vida. Neste plano aponta-se o sr. Dr. Pato, distinto médico da nossa terra, homem de acção e de inigualável dedicação à Banda de Mamarrosa.

E' com expressiva admiração e reconhecimento que agradecemos aos filhos desta terra que lá de longe mourejam o pão de cada dia e que têm auxiliado dum modo edificativo a nossa banda que também é sua. Em nome da Direcção e de todos os músicos lhes ofertamos as mais sinceras gratidões e votos das maiores prosperidades.

Jornal da Bairrada 29-05-1954

bibRIA

Francisco José Rodrigues Pato, Empregado Comercial, casado, natural da freguesia de Vilarinho, concelho de Cambra, residente nesta cidade de Aveiro, pretende legalizar, pretendendo a que em nada contrariam as leis de Portugal, considerando que estão assumidos por mim encargos de passar mais do que duas centenas para exercer os cargos, usando da faculdade que me confere o § 2º do artigo 2.º do Código Administrativo aprovo os referidos estatutos que constam de fls. e folhas artigos escritos em quatro folhas de papel selado e ordeno a todas as autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento deste pertença que logo que este lhes seja apresentado o cumpram e façam cumprir tal como nele se contém e os citados estatutos numerados e por mim rubricados os cumpram e façam cumprir. A sede da Banda fica sita na freguesia de Esgueira concelho de Aveiro com a garantia de um escudo para o Fundo de Beneficência Pública de Aveiro dos termos do alínea 2 do nº 1 do artº 8º da lei de 4 de Julho de 1939.

Governo Civil de Aveiro, aos 12 de Junho de 1954

Selo
Edição ..... 10$00
Exemplares .... 50$00
Adic. 3% ..... 1$50
Sup. de Selo ..... 75$00
136$50

O Governador Civil

Diz o artigo 3º - "Os fins desta sociedade são conforme tem sido a vulgarização da cultura musical pela preparação individual e colectiva de elementos que queiram fazer parte da Banda e Orquestra e a apresentação em conjunto artístico perante o público".

Estes estatutos foram assumidos por toda a Direcção presidida pelo senhor Dr. Manuel dos Santos Pato, pelo maestro José de Oliveira e por todos os músicos.

Como vimos, José de Oliveira, tal qual como em 1940, começa cheio de garra e entusiasmo. A Banda nesse mesmo ano de 1954 recupera a fama perdida, sendo de novo muito solicitada. Repare-se na tal notícia de 29 de Maio deste ano de 54 e aliás já a 15 do mesmo mês se dizia (no mesmo jornal) que "A Banda de Música continua com activa preparação , a fim de realizar os inúmeros serviços que tem contratados". E acrescenta-se ainda que nessa época os domingos estavam todos ocupados o que provava o valor em que estava a ser conceituada".

Mamarrosa

A nossa Banda — Destina-se aos ensaios da Filarmónica da Mamarrosa, encontra-se em reparação o antigo edifício da Escola Feminina desta terra. Esta casa será preparada de maneira que fique a possuir boas condições acústicas para o fim a que se destina. A construção duma casa para ensaios da Banda é uma necessidade que tem vindo, dia a dia, a verificar-se cada vez mais.

Apesar de inúmeros sucessos que este ano tem conseguido, a música de Mamarrosa pode e deve atingir um grau mais elevado na execução do seu magnífico reportório. Para isso é necessário, a par das condições morais dos seus elementos, boas condições materiais: instrumental, fardas e uma boa casa de ensaios. Tudo isto contribuirá para uma boa organização. É com claro e manifesto reconhecimento que se têm recebido donativos dos filhos desta terra que, lá de longe, mourejam para uma sorte melhor. Compreendem assim que um valor como uma Filarmónica, não deve nem pode deixar-se acabar à míngua de fundos para a sua manutenção.

Faz-se um apelo a todos os nossos conterrâneos de além-mar para que nunca se esqueçam da nossa Música que tão bom nome e tanto prestígio dá à nossa Terra.

Dum modo geral, todos os filhos deste concelho se podem congratular por haver ainda uma banda que também é sua.

18-09-1954

E é ainda este Jornal que no seu número de 18 de Setembro do mesmo ano de 54 nos dá conta das obras a efectuar na antiga Escola Feminina da Rua da Senhora Graça, onde será a futura sede de ensaios. Transcreve-se esta notícia para podermos fazer uma ideia das preocupações que sempre, ao longo dos anos, têm estado latentes em muitos dos momentos dos destinos desta Banda: a sua preparação condigna com o repertório alargado e de qualidade, uma sede própria e adequada, instrumental e fardas em bom estado, além das necessárias condições morais dos seus membros.

A Banda chamava-se nessa altura: "Banda União da Mamarrosa"

Lista dos músicos existentes em 1952 – 1954 que assinaram os estatutos

Maestro – José de Oliveira Pato

21 executantes

Manuel António Canas - M

Duarte Domingues Pato – M

Álvaro Ribeiro – V

Agnelo de Oliveira Pato – M

Martírio de Oliveira Simões – M

Manuel Rodrigues da Silva - M

Olegário da Silva – V

Amândio Rodrigues – M

Martírio Raínho – V

Mário da Silva Raínho – V

António Augusto da Silva Ferreira – V

Amadeu Domingues Canas - M

Manuel dos Santos Pereira – M

António Teixeira Vida – M

Manuel dos Santos Pato – M

Manuel Augusto Azenhas – M

Manuel Domingues - M

António Santos – M

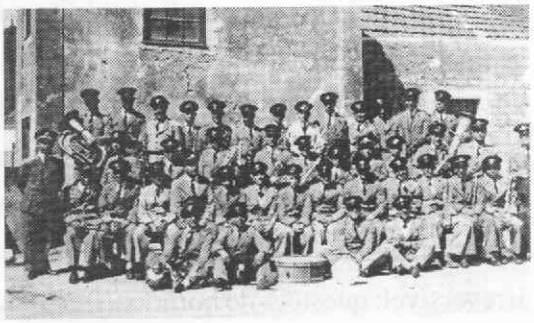
Manuel Mota - M

Orlando Oliveira Pato – V

Octávio de Oliveira Pato – V

M – mortos

V – vivos



bibRIA

Mas como na década de 40, também agora José de Oliveira não se aguenta por aqui muito tempo. O problema é essencialmente o mesmo; bom músico, bom maestro, fulgurante mesmo, mas com brilho de curta duração. Não devia tratar de questões administrativas e nomeadamente económicas que se prendessem com a Banda. Aliás, talvez por isso, na acta de 16 de Dezembro de 1955 exara-se mesmo que José de Oliveira seria exclusivamente o chefe artístico da Banda, ficando o seu irmão Orlando como sub-chefe, seu auxiliar e encarregado dos outros assuntos relacionados com contratos e administração. (foi organizada nesse ano uma nova Direcção apenas com músicos e que ficou assim constituída: Presidente: Amândio da Silva Rodrigues; Secretário: Prof. Orlando de Oliveira Pato; Tesoureiro: Manuel dos Santos Pereira).

Mesmo assim, em 1957 vai para Souto da Branca reger uma outra Banda e parte pela segunda e última vez para Angola onde acaba por falecer.

bibRIA

De 1957 a 1963
Maestro – Orlando de Oliveira Pato

Período de pré- decadência

O terceiro filho de Jaime de Oliveira , Orlando de Oliveira Pato toma conta da Banda em 1957, todavia, Orlando, já, pelo menos, a partir de 1955 (segundo a acta referida atrás) apoia o irmão José e vai suprindo as falhas que começaram a acontecer ainda antes de 1957. Mas agora, saído o José, fica mesmo Orlando regente da Banda. Trata-se de uma Banda bastante adulta, com uma carreira que já contava pelo menos uma grande crise, a dos inícios de 50, a par de outras peripécias de percurso.

Orlando, que era Professor, habituado a liderar alunos, obedecendo a certas regras, procura também disciplinar um pouco os músicos. Mas havia comportamentos adquiridos e arreigados há anos e isso era uma realidade irreversível: questões de horários, frequência, pontualidade – um universo de

pequenos factores que pode transtornar o bom andamento de qualquer trabalho.

Por outro lado, Orlando não possuía a capacidade de energia artística de seu irmão José. Depois a mudança de regência afecta sempre questões de relacionamento e provoca expectativas que nem sempre favorecem o desenrolar de certos acontecimentos.

A grande crise dos anos 60

Às dificuldades que o funcionamento da Banda já vivia, vem juntar-se um facto novo e decisivo para a sua decadência: as guerras de África.

Assiste-se a uma autêntica debandada. Os rapazes abrangidos pela lei militar tentam fugir (ajudados pelos pais) para o estrangeiro para não irem combater; os que não conseguem emigrar, são alistados para a linha de combate que chegou a ter três frentes: Angola, Moçambique, Guiné.

bibRIA

Trata-se de uma crise, talvez pior que nos anos 50. E muitos dos músicos entrados, mercê dos esforços da Direcção do senhor Dr. Pato, agora saem. Disto mesmo nos dão conta, muitos dos ex-músicos por nós contactados.

Orlando sofre com tal situação. Os caminhos da Banda eram sinuosos e ele em vão tenta levar a bom termo os seus propósitos.

De 1963 – 1976

Maestros – António de Oliveira e Orlando Pato

E assim, em 1963 volta António de Oliveira Pato, como se depreende dos dois documentos eclesiásticos que juntamos .

D. MANUEL DE ALMEIDA TRINDADE
~~D. Domingos de Apresentação Fernandes~~
POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA
BISPO DE AVEIRO

Aos que esta Nossa Provisão virem Saúde e Paz em Nosso Senhor Jesus Cristo

Fazemos saber que António de Oliveira Pato *Regente da* Banda Musical da Gemeroza *freguesia de* Gemeroza *Nos requereu licença para fazer festas religiosas e funerais Atendendo às informações por Nós recebidas,*

até 31/12/1963

Havemos por bem conceder a licença que pede, ~~enquanto for de Nosso~~ se antes não mandarmos o contrário, revogada, no entanto observar rigorosamente as seguintes disposições:

1.ª — Submeter ao exame e aprovação da Comissão de Música Diocesana, no prazo de trinta dias, se ainda o não fez, as partituras de música sacra.

2.ª — Executar sòmente músicas apropriadas a gravidade do acto e nunca música de Jazzes.

3.ª — Não participar em enterros civis ou não católicos, nem em qualquer função contrária ao espírito da Igreja ou determinações diocesanas.

4.ª — Não poderão fazer parte da banda ou grupo musical homens que não se recomendem pela sua probidade cívica, moral ou religiosa.

5.ª — Não poderá fazer parte integrante da Banda qualquer Grupo de Jazze; e muito convém que nenhum elemento da banda faça parte de Jazzes.

6.ª — Depois da festa religiosa propriamente dita, poderá tocar fora do templo, mas só até ao pôr do sol; ou só até a meia noite, havendo licença para arraial nocturno. Sob pena de interdito com responsabilidade do Regente, a banda ou grupo musical deixará imediatamente de tocar quando respectivamente chegue o pôr do sol ou a meia noite, ou quando, dentro deste tempo permitido, se desenvolva qualquer esboço de baile ou dança.

7.ª — Será muito para desejar que nas procissões se executem hinos religiosos que o povo possa cantar.

8.ª — Esta deverá ser submetida ao «visto» do Rev. Pároco e apresentada ao Rev. Pároco da freguesia que vai servir.

9.ª — Esta deverá acompanhar o requerimento que venha pedir a sua renovação.

~~Não pode tocar nos Ofícios e Missas de Defuntos~~

Dada em Aveiro sob o Nosso selo e sinal

aos 10 de Maio de 1963.

E eu [illegible] *secretário da Câmara Eclesiástica a subscrevi.*

Taxa [illegible]

Reg. no liv. comp.

DOM ERNESTO SENA DE OLIVEIRA
POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA,
ARCEBISPO BISPO DE COIMBRA, ASSISTENTE AO SÓLIO PONTIFÍCIO, ETC.
AOS QUE ESTA NOSSA PROVISÃO VIREM, SAÚDE, PAZ E BENÇÃO
EM NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

Fazemos saber que António de Oliveira Pato — Regente da Banda Musical de Ingamarosa, Bispo de Aveiro, Nos requereu licença para colaborar em festas religiosas.

Atendendo às informações que Nos foram dadas, *Havemos por bem conceder a licença requerida*, até ao fim do ano de 1963, *impondo*, porém, *a obrigação de respeitar as seguintes cláusulas:*

1.º — Não aceitar convite que não seja feito pelo Rev.º Pároco ou pela Comissão de Mordomos aprovada e responsável pela festa, de acordo com ele;

2.º — Tocar sòmente nos dias autorizados para a festa e dentro do horário estabelecido para a mesma, nunca ultrapassando a meia noite nas festas permitidas com arraial nocturno, e o pôr do sol nas festas sem arraial.

Nunca perturbar os actos do culto nem provocar ou fomentar bailes.

3.º — As partituras a executar nos actos litúrgicos devem ter aprovação eclesiástica, e as partituras a executar fora dos actos litúrgicos, nem no ritmo, nem na letra, devem destoar da gravidade e seriedade das festas religiosas.

Tocar nas procissões, de preferência, hinos religiosos que o povo possa acompanhar.

4.º — Não tomar parte em qualquer acto contrário ao espírito da Igreja, designadamente, em festas ou divertimentos profanos promovidos para substituir uma festa religiosa tradicional, ou uma festa religiosa que a Autoridade Eclesiástica houve por bem proibir.

5.º — Para evitar equívocos lamentáveis, o responsável pela execução musical, informar-se-á oportunamente, junto do Rev.º Pároco da freguesia onde se faz a festa, dos dias em que pode actuar e das horas a que deve terminar.

6.º — Nem o Gaiteiro nem o Acordeão podem tomar parte nos actos litúrgicos, incluindo a procissão, conforme determinação da Santa Sé.

7.º — Durante os actos litúrgicos, designadamente durante a Missa cantada e o sermão, todos os componentes do agrupamento musical, ainda mesmo os que não tenham de actuar, devem estar presentes na igreja ou capela e com a devida compostura.

8.º — Cumprir, em geral, todas as disposições aplicáveis constantes da «Provisão sobre Festas Religiosas» de 13 de Maio de 1960 e documentação posterior, sob pena de anulação desta licença.

Dada em Coimbra, sob o Sinal de [illegible] e selo das Nossas Armas aos 1 de Maio de 1963.

E eu [illegible] Secretário da Câmara Eclesiástica, a subscrevi.

N B: Esta Provisão deve acompanhar o novo requerimento de renovação de licença.

Desta	2$50
Selos	2$50
Ag.ª e Cor.	68
Total	3$38

biblRIA

Estes documentos, além de nos informarem sobre quem regia a Banda em 1963, mostram ainda um aspecto bastante relevante desta época: a necessidade de licença para a Banda actuar nas cerimónias religiosas, incluindo funerais. Recorde-se que a Banda do Troviscal esteve interdita durante bastante tempo, o que ocasionou consequências drásticas para vários sectores da sociedade troviscalense, a começar pela própria Banda.

António vai aguentando a Banda; daqui por diante, ora ele, ora o irmão vão lutando conforme sabem e podem. Continuam a cumprir vários contratos, pelo menos por aqui à volta; disso nos dão conta os órgãos de informação local.

Mas cada vez se torna mais difícil recrutar novos elementos e os que restam, velhos e desgastos não se adaptam a regras (burro velho não aprende línguas). A crise abatera-se mesmo sobre a Banda que está envelhecida, feita uma sombra do que já fora noutros tempos mais risonhos.

Mas entretanto aproxima-se o ano de 1966 e a velha Banda vai comemorar as Bodas de Ouro.

BODAS DE OURO – 1966

MAESTRO – PROF. ORLANDO DE OLIVEIRA PATO

25 executantes

Os vivos

João Pedro – porta–bandeira
Mário Alves – fliscorne
Mário Pato – requinta
Manuel Lemos – barítono
Evaristo Azenhas – trompete
Olegário da Silva – clarinete
Amândio da Silva – flauta
Mário Dias da Costa

Os falecidos

Duarte Pato
Amadeu Canas
António Oliveira Pato
Manuel Valério
Amândio Rodrigues da Silva
Agnelo Oliveira Pato
Manuel dos Santos Pereira
Manuel António Canas
Manuel Augusto Azenhas
António Silva
Manuel Ferreira da Silva
Mário Domingues Grangeia
Manuel Rameiras
Manuel Pato
Artur de Lemos
David Ferreira
Manuel Camarneira

biblRIA

PROGRAMA

Às 10 horas — Concentração de todos os elementos da Banda na Casa de Ensaios.

Às 10,30 h. — Missa solene na Igreja Matriz.

Às 12 horas — Romagem ao Cemitério.

Às 15 horas — Sessão solene para entrega de medalhas comemorativas aos elementos da Banda.

Às 16 horas — Descerramento de uma lápide na rua principal com o nome do fundador da Banda.

Às 17 horas — Almoço de confraternização.

NOTA — A inscrição para o almoço é livre e encontra-se aberta até ao dia 25 do corrente.

AS RESPECTIVAS LISTAS ENCONTRAM-SE NOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DA FREGUESIA.

Tip. ANADIA — 12-30 — 100 ex.

Embora em crise, maré baixa dos seus acordes, procurou dar-se uma certa dignidade e até algum brilho a estas cerimónias comemorativas dos 50 anos da nossa Banda.

Foram principalmente os músicos os grandes colaboradores do programa das festas. As comemorações, como se nota pelo panfleto junto, decorreram mesmo em 31 de Dezembro, desse ano de 1966.

Foi dado o nome do fundador à rua principal da Mamarrosa e a que já temos aludido e distribuídas medalhas comemorativas da data aos músicos.

E, pelo programa, podemos ver os outros pontos deste evento comemorativo e ficamos também a conhecer o nome dado então à Banda: Sociedade Filarmónica de Mamarrosa.

Entretanto, vamo-nos aproximando dos anos 70.

bibRIA

A crise acentua-se – é a crise dos anos 70

2ª Intervenção do senhor Dr. Pato

Mais uma vez o senhor Dr. Manuel dos Santos Pato tenta reorganizar a Banda.

Arranja-se uma Comissão que funcionará como Direcção e dela fazem parte, além deste médico, João dos Santos Tribuna e Flávio Pato e alinham logo de seguida: Professor Costa, Padre Orlando, António de Oliveira, Professor Orlando Pato, Manuel Augusto Ferreira, José Valério e Manuel Simões dos Santos.

São seus objectivos:

- Chamar os músicos afastados
- Incentivar os pais a mandarem os filhos para a aprendizagem da Música
- Remodelar o fardamento
- Cuidar do instrumental

Meu Caro Amigo

Como sabes, existe na nossa terra uma Banda de Música, que já conta 59 anos de existência, criação do saudoso professor Jaime de Oliveira.

Presentemente, e por motivos vários, ela atravessa uma má situação económica, mas o nosso amor ao torrão natal, a este lindo cantinho da Bairrada que nos viu nascer e onde tentámos os primeiros passos, não quere que ela morra, que ela desapareça para sempre. E ela viverá, ela voltará aos seus dias áureos para levar a terras distantes do nosso Portugal o nome da nossa querida Mamarrosa e da nossa região da Bairrada.

Para isso, constituiu-se uma comissão formada pelos Senhores; Doutor Santos Pato, Flávio Pato, Professor Costa, Padre Orlando, António de Oliveira Pato, Professor Orlando Pato, Manuel Augusto Ferreira, José Valério e Manuel Simões dos Santos. Esta Comissão iniciou já os seus trabalhos no sentido de angariação de fundos para renovação do instrumental e aquisição de novo fardamento condigno do seu nome, a apresentar em público nas próximas festas de S. Sebastião a realizar no primeiro domingo de Agosto, e, em torno dela, estão a reunir-se todos os homens de boa vontade para que a Mamarrosa continue a ter a sua Banda de Música de notáveis tradições.

Ao dirigirmo-nos aos nossos amigos, que labutam nessas longínquas paragens, apelamos para o seu brio pátrio, para o amor que tendes pelas coisas da nossa terra, certos de que o vosso auxílio nos chegará às mãos afim de que a nossa Música se eleve cada vez mais.

TODOS POR UM E UM POR TODOS, é a nossa divisa.

Com sinceros agradecimentos
Subscreve-se
A Comissão

Mamarrosa, Maio de 1970.

Nota — Os donativos à medida que forem chegando à Comissão serão publicados no Jornal da Bairrada.

Parece cíclico, pois os problemas são os mesmos da crise dos anos 50.

Aquele punhado de Mamarrosenses mais uma vez se dirige a todos os conterrâneos, não só aos daqui, mas também aos espalhados pelo mundo, para o que se usa o panfleto que juntamos.

(documentos cedidos por D. Isaurinha Pato)

biblRIA

Diz que houve então uma campanha de sensibilização como nunca, quase de porta a porta, pelas ruas da Freguesia.

Quanto às grandes prioridades da angariação de fundos, elas visam a renovação de instrumentos e aquisição de novo fardamento.

Nesse ano de 1970 (conta-nos Mário Raínho) era juiz da festa de S. Sebastião, Alcides Gala, (sogro do senhor Capitão Ribeiro), do Vale, que era um homem muito opinioso e já tinha contratado uma outra Banda, a de Gualdim Pais - Tomar. E então apertava com o senhor Dr. Pato: "- Olhe que a Banda de Tomar tem uma farda muito bonita, toda branquinha! Veja lá como é que a Banda de cá se vai apresentar! Assim com as fardas todas velhas e coçadas é que não!"

E em parte, em face desta forte insistência, a Comissão toda se esfalfou para ver se os velhos músicos ao menos apareciam com a farda nova. E parece que estrearam mesmo então um fardamento novo, supomos que de "tirylene" cinzento.

Os homens desta Comissão formada em1970 foram com certeza já então arautos de um porvir que eles ainda nem vislumbravam.

Dá-se o 25 de Abril, em 1974 e o senhor Dr. Pato que havia assumido também a presidência da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro vem a falecer em 12 de Maio de 1975.

Com a morte deste homem inigualável no entusiasmo e no amor pelas coisas da sua terra, as várias iniciativas em curso, amodorram ou desaparecem mesmo, pois sem timoneiro firme e decidido, era difícil continuar a luta.

Não foi só a Banda que veio a sofrer com o seu desaparecimento; muitos projectos que se esperava terem êxito, foram por água abaixo.

1976 – 1979

A Banda reduzida a orquestra

bibRIA

A Banda começa a desorganizar-se e em 1976 dela resta a dispersão. E fica um grupo que acomodadamente continua a marchar, acompanhar funerais, fazer arruadas, missas e procissões. Estes músicos vão fazendo o que podem; até chegam a ir ao Norte, com o Grupo Coral da Igreja participar em cerimónias

litúrgicas. Vão-se arrastando sem saber para onde, sem governo, como afirma Mário Raínho.

O senhor Professor Orlando vai fazendo os contratos e assim se vão aguentando.

Deste grupo que muitos denominam mesmo de orquestra, faziam parte:

Amândio Rato
António Maia Cravo
Agnelo de Oliveira Pato
Arsélio Canas
Manuel Lemos
David Ferreira
Manuel dos Santos Pereira
Armando Teixeira Vida
Licínio Vieira Cravo
Licínio da Silva Cravo
Jaime Cravo
Ramiro Pereira
Evaristo Azenhas
Carlos de Oliveira Pato
Manuel Camarneira
Mário Raínho
Manuel Moreira Cravo
Orlando de Oliveira Pato
António de Oliveira Pato
Álvaro Ferreira

bibRIA

Mas quase sempre eram apenas uns dezassete músicos e por vezes apareciam só 13 ou 14, como afirma Mário Raínho e outros colegas desse tempo.

Aquele grupo de músicos vai tocando contra o tempo todos os dós que nenhuma partitura do mundo parecia transformar em qualquer réstia de sol que anunciasse os acordes de uma nova pauta de caminhos abertos ao futuro.

E era de novo a festa de S. Sebastião, sempre augúrio de grandes acontecimentos.

3ª ETAPA
1978 a 2000 e 2001

Os factos

Fundação da Associação Beneficente Cultura e Recreio

Os fundadores

Os Estatutos da nova Associação

O papel de: Martinho Augusto Martins
Álvaro Ferreira
Armando Teixeira Vida

bibRIA

Os grandes objectivos da Associação

a) De ordem geral – Aquisição de terreno e instalação das Obras Sociais
b) Especificamente voltados para a Banda: Um novo uniforme
Substituição do instrumental
Restauração da Banda e elevação do seu nível artístico ao mais alto patamar do sucesso

Os maestros
Dr. Silas de Oliveira Granjo – de 1980 a 1991
Prof. Juan Carlos Martins Fernandez – de 1991 a 1995
Eng. Víctor Manuel Ferreira – de 1995 a 1998
Prof. Jorge Paulo Margaça – de 1998 a té ao presente

3ª ETAPA
De 1978 a 2000 e 2001

A restauração da Banda ou o seu 2º nascimento

(Para esta etapa consultámos várias pessoas como Álvaro Canas, Firmiliano Ferreira, Armando Vida, Mário Raínho e Amílcar Raínho, Fausto Pato, Mário Cravo, Professor Costa, Manuel Reis e outros e ainda documentação escrita, parte dela facultada pela senhora Dr.ª D. Rosalina Rosa Filipe, pelo senhor Eng. Arsélio Canas, responsável pelo Arquivo da Banda e ainda por Amílcar Raínho e Fausto Pato).

Ponto da situação da Banda em 1978

Poucos elementos, velhos e cansados
Instrumentos degradados
Fardamento deteriorado
Sem sede nem casa de ensaios em condições
Sem meninos a aprender
Divergências várias entre executantes
Desmotivação e desânimo

bibRIA

A Banda atravessava um dos seus períodos mais negativos e degradantes. Ensaiava-se nessa altura (1975), na antiga Escola Feminina, na rua da Senhora da Graça, ao ir para o Rodelo. A casa estava quase em ruínas. Caía chuva de algumas beiras; pelas frestas, o frio bravo da revolta assaltava os ânimos desencorajados e desmotivados. Pelo ranger das tábuas soltas e esburacadas do soalho sumiam-se os sons claros dos momentos de glória de outrora, que o vento da fortuna há muito dispersara no rosário das lamúrias e desenganos do dia a dia.

Nos ensaios, com escassa percentagem de motivação, privava-se pela ausência. Gastos e cansados, fugido o fulgor das primaveras passadas, os velhos músicos (os poucos que ainda envergavam a farda) sentiam-se sozinhos, sem rumo, nem lenitivo.

O esforço, tanto do regente António, como de Orlando, embora com a melhor das boas vontades , não chegava para os fazer despertar daquele sono letárgico e apático em que tinham caído, faltava-lhes o alento, o empenho, o entusiasmo que tinha guiado os seus antepassados em 1916.

Sem uma escola de Música não podia haver possível renovação: era necessário àqueles músicos uma visão de esperança em que pudessem adivinhar o seu futuro, a sua continuação. Por assim dizer, tudo estava de novo por fazer...

E os tempos eram outros.

A guerra no Ultramar sorvera energias, mocidade, coragem e as últimas migas de esperança ... Ou então o estrangeiro: América, Brasil, Venezuela e mais tarde a França e Alemanha foram sempre a terra prometida para muitas das pessoas dos nossos meios rurais.

bibRIA

E a estes factores acrescente-se o desgaste próprio de uma instituição já com algumas décadas. E, se nos princípios do século XX não havia outro aliciante, tanto em termos culturais, como artísticos e até sociais, agora bem pelo contrário: dobrada a metade do século, a evolução quanto a alternativas processa-se quase em catadupas.

A partir dos anos 70 e muito em especial com o 25 de Abril de 1974, a sociedade transforma-se completamente. Um surto de liberdade abana as almas como um vento leste em seara amadurecia. Tradições, compromissos, horários rígidos, respeitos e obediências antigas sofrem um notável abanão.

A Banda decai cada vez mais. Os resistentes são poucos, as quezílias entre eles continuam, a ordem e a disciplina escasseiam, o próprio instrumental, pertença da Banda, foi desaparecendo; chega-se a um ponto em que quase não há músicos nem instrumentos e a casa de ensaios, descalabrada, é bem o retrato do momento. Também nela nada convida à partitura que se vai perdendo e ficando pelos dós, à beira do muro das lamentações.

Mas às vezes é preciso chegar-se quase ao limite, a um passo do descalabro final para se renascer, para se conseguir olhar para dentro e lá no fundo descobrir o fluxo de energias que nem nós próprios sabíamos que lá moravam... E foi o que aconteceu...

Era de novo a festa de S. Sebastião e decorria o ano 1977. A Banda (ou os restos do que fora uma Banda) desalinhada, envelhecida, num estado lamentável, começa a aparecer no adro da Igreja... Não houve ninguém que não ficasse chocado com aquela visão! O que tinha sido uma briosa Filarmónica, aplaudida e coberta de glória, ali estava agora, agonizante, perante o olhar impotente dos festeiros que em dia do mártir, vestiam as melhores roupas e cuidavam da sua aparência o melhor que sabiam e podiam ... E que contraste com aquele grupo de músicos! ... quase dava pena. Mas também a sua atitude destemida(consciente ou inconsciente) de quererem mostrar à Freguesia a que ponto os tinha deixado chegar, valeu a pena: um frémito de brio e quase revolta remexeu o íntimo da alma dos seus conterrâneos e todos dali saíram convictos de que se tinha de fazer qualquer coisa. Embora a maior parte não soubesse o quê.

bibRIA

Mas foi o bastante: o aparecimento corajoso em público daqueles velhos resistentes teve o efeito de uma autêntica chicotada que fez com que se acordasse. Era preciso salvar a Banda – o eco, embora mudo, repercutia-se de boca em boca. Era urgente acudir à Banda!

Há mais de dois anos que tinha desaparecido o senhor Dr. Manuel Augusto dos Santos Pato, sempre a alma pronta no momento certo para erguer de novo o farol da luta, o facho da persistência. Havia que encontrar outros, era absolutamente necessário que alguém lhe seguisse as peugadas e erguesse, mais uma vez, bem alto, o nome da Banda da Mamarrosa.

E esses homens acorrem a este chamamento da voz do sangue, da voz da Banda... Urge acordar, incentivar os ânimos amadornados vai para tanto tempo... A palavra inflamada de Martinho Augusto Martins surge na hora própria.

No antigo Salão Recreativo (na frente da Igreja), ele sobe ao palco e

consubstanciando o pensar e sentir de todos os presentes, com palavras vibrando de entusiasmo, apelo e incitação, apropriadas ao momento, mostra que só criando uma associação, se poderá acudir à Banda e que esta será sempre a sua primeira e principal prioridade.

Lembremos que o tal grupo de músicos (muito poucos, uns 17) estava então a ensaiar, precisamente no palco deste Salão, agora propriedade de Firmiliano Ferreira e para esta reunião alargada tinham-se convidado músicos afastados e muitas outras pessoas da Freguesia.

A renovação começa a processar-se ... De início apenas no campo do pensar e falar; depois seria o agir.

Muitos são os problemas a solucionar; muitas as dificuldades a vencer. No ar desenham-se inúmeras perspectivas.

Criar uma escola de Música

Arranjar uma sede condigna

Unir os músicos retirados aos da orquestra, reavendo a Filarmónica

Incentivar os pais, interessando-os pela aprendizagem musical dos filhos

Cuidar de instrumental e fardamento

Reacender o fogo do entusiasmo pela nossa Banda.

biblRIA

Há que inventariar músicos e instrumentos e demais pertenças da Banda. Urge chamar e procurar unir os executantes existentes e dar-lhes uma razão válida em que possam acreditar e um motivo forte a que possam apoiar-se e paralelamente há que preparar sangue novo para a renovação que se deve acelerar.

Todos estes assuntos começam a aflorar nesta e noutras reuniões feitas neste Salão (outrora do senhor Professor Jaime), agora de Firmiliano, (sobrinho dos músicos Manuel Ferreira e Antero Ferreira, fundadores e de Álvaro Ferreira e Rosa Ferreira - transportadora de instrumentos) que o comprara ao tio Manuel

Ferreira. Mas Firmiliano logo também colaborou, cedendo o Salão para ensaios e reuniões. Os ensaios passam assim do degradado edifício da rua da Senhora da Graça para este espaço, à data em bom estado. O próprio Manuel Ferreira, ainda vivo na altura, consegue arranjar três instrumentos para oferecer à Banda: um clarinete, um fliscorne e uma flauta.

O sangue novo começa também a afluir ... É ainda um homem desta família, tio de Firmiliano, Álvaro Ferreira que já não toca, as pernas não lho permitem, mas sobra-lhe saber e sobretudo paciência para o magistério da pauta dos sonhos e é ele que começa uma sementeira de amor, de luz e de esperança. Outro músico sempre presente nas horas difíceis (mesmo lutando às vezes contra marés adversas) é Armando Vida que, incitado pelos amigos, havia retornado às fileiras da velha Banda (agora reduzida a simples orquestra). Armando Vida, mais uma vez começa também a ensaiar meninos e tem um papel preponderante na reorganização da Banda. Isto mesmo foi reconhecido pela Associação B.C.R., ao conceder-lhe a medalha de "restaurador da Banda", em 26 de Abril de 1981.

bibRIA

Entretanto, organizara-se uma Comissão que vai de porta em porta com duas finalidades: chamar de novo os músicos desalentados ou aborrecidos por qualquer motivo e pedir aos pais para mandarem os filhos (ou filhas, pois deixou de haver a exclusividade masculina) aprender Música.

É uma batalha que se trava em várias frentes: não com a rapidez impossível que todos ansiavam, mas paulatinamente, com entusiasmo e persistência.

Foram muitas as pessoas que acorreram ao grito de alerta de Martinho Augusto Martins. Uns vêm logo de início e outros vêm vindo e assim se vai engrossando este caudal de homens generosos a quem a Banda não deve esquecer que muito deve.

É um fogo que se ateia, são projectos que se alargam, caminhos novos que se afloram.

Embora a grande e primeira prioridade seja a recuperação da Banda, a verdade é que com o evoluir dos tempos e o alargar de horizontes, outras perspectivas se abrem também à Comunidade e estes mamarrosenses detêm e interpretam eles próprios (pelo menos em parte) esses sonhos dos seus conterrâneos.

Quanto à Associação já ninguém tem dúvidas, ela é uma realidade (a lista de sócios vai engrossando, encabeçada pelo número 1 – Martinho Augusto Martins). Mas o seu âmbito será muito mais abrangente, tendente a responder, se possível, a várias outras carências e exigências que entretanto se auscultam na Freguesia. E assim, a futura Associação terá um carácter eminentemente local, mas reflectirá um leque bastante alargado, não só no domínio artístico – cultural, mas também social e humanitário.

Será, pois, uma Associação Beneficente, Cultura e Recreio – esta a designação com que todos concordaram.

bibRIA

E, como o tempo urge, os membros da futura Associação desdobram-se em trabalho e sacrifício, pois há um conjunto de trâmites a cumprir, mesmo a nível oficial, regulamentar:

Escolher os órgãos directivos da Associação;

Preparar e legalizar estatutos que regulamentem o seu funcionamento;

Adquirir terrenos para instalação dos imóveis necessários.

É interessante notar que este movimento para a renovação da Banda, com a aquisição das indispensáveis estruturas de apoio coincide com um outro – o de auscultação na Freguesia de carências de vária ordem que reclamam satisfação imediata. Ao mesmo tempo que a autarquia e demais entidades locais reconhecem que é necessário e urgente acelerar, quanto antes, todo um processo tendente a desenvolver a vários níveis um conjunto de projectos em benefício da população.

E é assim que todas estas forças e movimentos se encontram convergindo para o bem comum e o desenvolvimento da comunidade. Vamos ver, por isso, de mãos dadas, irmanadas num mesmo ideal, um variado e alargado conjunto de pessoas de todos os estratos sociais da população local.

Começada já a aprendizagem musical, chamados e rebuscados antigos executantes, pensa-se agora numa casa de ensaio e reuniões, enquanto não houver instalações próprias e definitivas.

A casa da Paróquia, localizada na rua de S. Simão, estava vaga (veja-se locais de ensaio) e é para aí que se vai em 1978.

Nesta data também (1978), os Estatutos da nova Associação estão prontos e são oficializados, por escritura assinada, a 14 de Julho desse mesmo ano, no ***Cartório Notarial de Oliveira do Bairro. Assinam: Manuel Plácido Simões dos Santos; Mário da Silva Cravo, João dos Santos Tribuna, Manuel Domingues Cravo, Manuel Simões Cravo, Márcio Fontes da Mota, Amândio Dias Silva Rodrigues, Mário Ferreira dos Santos, Amílcar Gonçalves Raínho, Firmiliano Ferreira de Jesus, Fernanda de Jesus Raposo Neves e Martinho Augusto Martins.

Fernanda de Jesus Raposo Neves

(Diário da República – III Série N.º 99 de 30.04.1983)

biblRIA

*** Recorde-se que, segundo algumas pessoas, estes Estatutos teriam sido assinados na Mamarrosa

No dia 20 do mesmo mês de Julho de 78 são eleitos os Corpos Sociais da Associação. Juntamos cópia da acta dessa sessão.

Acta n.º um

Aos vinte de julho de mil novecentos e setenta e oito na sede da Associação Beneficente Cultura e Recreio da Mamarrosa teve lugar uma reunião dos membros fundadores e comissão instadora da mesma, afim de elegerem os corpos sociais que a irão gerir no próximo ano, cujos cargos ficaram assim distribuidos.

Direcção:
Presidente: Manuel Claudio Simões dos Santos
Vice-Presidente - Amilcar Gonçalves Rainho
Primeiro Secretário - Martinho Martins
Segundo Secretário - Amândio António Dias Neves
Tezoureiro - João dos Santos Tribuna Junior
Assembleia Geral
Presidente - Mário da Silva Cravo
Primeiro Secretário - Amandio Dias da Silva Rodrigues
Segundo Secretário - Márcio Fontes da Mota
Conselho Fiscal
Presidente - Manuel Domingues Cravo
Primeiro Vogal - Manuel Simões Cravo
Segundo Vogal - Mário Ferreira dos Santos
Não havendo mais nada tratar foi encerrada a reunião.
O Presidente - Mário da Silva Cravo
O Primeiro Secretário - Amândio Dias da Silva Rodrigues

bibRIA

Amandio Neves

Da leitura dos Estatutos de 1978, salientamos o artigo 2º que diz que "A Associação tem como finalidade essencial a efectivação de amparo à Banda de Música da Mamarrosa e administração, além do desenvolvimento musical, cultural e recreativo, bem como qualquer iniciativa essencialmente útil à sociedade". E especifica no n.º 2 do artigo 4º que concorrerá com todos os meios ao seu alcance "para o progresso e aperfeiçoamento social, cultural, desportivo e educativo dos seus associados".

Comparando com os objectivos dos primeiros (conhecidos) estatutos da Banda de 1952-1954, facilmente se reconhece que agora a Associação tem uma ambição mais globalizante em relação ao meio.

Mas vimos também como era necessário um novo fardamento. Este é encomendado em Junho de 1979 às Confecções Leonel Limitada de Aveiro, encarregando-se a Casa de Isaías Nunes Mota, Mamarrosa, de fornecer as camisas, completando-se assim o uniforme da Banda.

Fica ainda a faltar um instrumental condigno próprio, pois sem o qual debalde se trabalhará na recuperação da Banda.

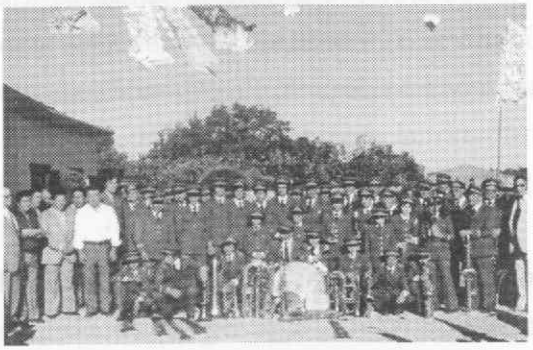
Já anotámos o papel relevante do músico senhor Armando Teixeira Vida, neste período transitório da Vida da nossa Filarmónica.

Em Janeiro de 1980 é convidado o licenciado Dr. Silas de Oliveira Granjo (acta de 2 de Janeiro de 1980), afinal sobrinho-neto do fundador Jaime de Oliveira (embora Armando Vida continue como sub – chefe ainda durante algum tempo) para assumir os destinos da Banda.

Entretanto, é preciso terreno como já vimos, para as Obras Sociais.

bibRIA

Juntam-se aos fundadores da Associação recém – formada muitas outras pessoas, algumas delas pertencentes a outros organismos administrativos da Mamarrosa, como membros da Junta de Freguesia e da Casa do Povo. Comparecem várias como o capitão Ribeiro, Eng. Martins da Silva, Padre José Nunes, Dr. Fonseca Martins, Mário Raínho, Mário Alves, Afonso Libório, Fausto Pato, Fausto Silva, Amadeu Graça, Mário da Silva Cravo, o próprio presidente da Junta de Freguesia e muitos, muitos mais.



Algumas das muitas pessoas então empenhadas na recuperação da Banda

Fazem-se constantemente reuniões ventilando diferentes assuntos: umas em casa do médico Dr. Fonseca Martins, outras em casa de Mário da Silva Cravo ou na casa de João dos Santos Tribuna ou na própria casa de Martinho Augusto Martins.

Para angariar fundos para a compra do terreno (quase 6 mil contos), estas pessoas vão de porta em porta pedir aos seus conterrâneos.

Esclareça-se que embora seja em nome da Associação (que está legalizada oficialmente) que todo o terreno é adquirido, esse terreno é posteriormente loteado e lá serão também instalados os outros edifícios: Junta de Freguesia, Casa do Povo, Escola, Jardim Infantil, Polo Desportivo e tudo o mais que continuamos a conhecer pela designação de Obras Sociais.

A Comissão de Melhoramentos, que surge mais tarde em virtude da própria evolução dos acontecimentos, passa depois também a Associação. No próprio complexo das obras da Associação serão mais tarde instaladas a ADASMA e a extensão do Centro de Saúde (de Oliveira do Bairro), além de uma esperada Biblioteca.

bibRIA

De 1980 a 1991

Maestro – Dr. Silas de Oliveira Granjo

Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra e com mestrado. Actualmente é assistente convidado na Universidade de Aveiro. Grande apaixonado pela música instrumental, dirigia também a Banda Marcial de Fermentelos e é sobrinho-neto do fundador, o senhor Professor Jaime.

O recomeço, a reorganização e o lançamento e planeamento de perspectivas de futuro.

Eram muitas as dificuldades a enfrentar. Apontamos algumas e seguimos neste ponto parte de informações escritas, cedidas pela esposa deste maestro, a senhora Dr.ª D. Rosalina Rosa Filipe..

1 – A dificuldade na aquisição de instrumentos de acordo com os objectivos artísticos e culturais do mestre da Banda e de acordo ainda com as inerentes dificuldades técnicas dos jovens executantes (que entretanto vão engrossando as fileiras da Banda) e tendo em vista também os parcos recursos económicos da Associação (agora responsável pela Banda).

2 – A falta de interesse das populações. Com o proliferar de orquestras e conjuntos musicais próprios para salões de dança, as Bandas na nossa região passaram a um baixo patamar de audiência. Raramente um concerto de uma Banda tem um auditório aceitável, ao contrário de arraiais e festas nocturnas com os tais jazzes e orquestras que sempre atraem grandes enchentes de povo.

bibRIA

Dificuldades a nível interno:

1 – A falta de organização e disciplina .

2 – O arreigar de antigos vícios que prejudicavam o aparecimento de boas e sãs iniciativas.

3 – A ausência de regras de leal convívio entre todos e sua aceitação e compromisso.

Foi decisivo o papel deste maestro, não só no arrancar, por assim dizer, do zero, lançando os alicerces culturais e artísticos de uma nova Banda que fosse capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos, mas também e essencialmente pela disciplinaridade que foi capaz de estabelecer entre todos os executantes da Banda. Bem entendido que sempre teve a seu lado os órgãos directivos da Associação.

Lembre-se a desunião que grassava entre os músicos em que alguns dos considerados bons elementos se tinham passado para outras Bandas (como a

Banda Amizade de Aveiro) e para lá desafiavam constantemente novos camaradas, não só enfraquecendo e desestabilizando cada vez mais a sua Banda de origem, mas também dando um mau exemplo aos demais colegas.

Acontece que muitos destes músicos acabam mesmo por sair e afinal são substituídos por jovens que em breve os ultrapassam com vantagem.

Como vimos, era de novo, quase como que partir do zero.

Mas com saber, talento, trabalho de fundo e muita dedicação, os frutos vão aparecendo. Entretanto, saídos da escola de Música, vários elementos novos vão engrossando as fileiras da Banda que na altura é a única do concelho de Oliveira do Bairro.

Note-se que a 20 de Julho de 1982, a Associação é "reconhecida de utilidade pública".

(Diário da República – II Série, n.º 165)

bibRIA

Na Banda vai-se operando um autêntico milagre de restauração, de tal modo que já a 4 de Setembro de 1985, "O Comércio do Porto", dedicando quase uma página à nossa Banda, afirma:

É presentemente a única banda do concelho de Oliveira do Bairro, em cujas seis freguesias houve em tempos quatro bandas, uma delas, a do Troviscal, de renome nacional.

Dirigida por um regente de fina cultura e sólida formação musical, a banda logo se entregou à interpretação de obras de conhecidos compositores como Auber, Suppé, Rossini, Mascagni, Bizet, Soutullo, Serrano, Gimenez, Chapi, Guerero, Sousa Moraes, B.M. Valente, para citar os que mais significativamente se incluíram no seu reportório.

Comércio do Porto - 4-09-1985

Neste mesmo Jornal diz-se ainda que a nova sede está quase pronta e que é urgente a substituição do instrumental.

Iniciam-se festas – convívios; é lançada uma grande campanha de promoção da Banda, apostando-se muito na valorização do repertório e na execução de concertos.

Em Outubro de 1986, a 25 e 26 festeja-se em grande e já nas instalações da nova sede, o 70º aniversário da fundação da Banda e o 8º da sua restauração. Entre outras participações conta-se a presença da Banda de Música 12 de Abril

de Travassô – Águeda. E o "Jornal da Província" de Outubro de 1986, depois de aludir ao "grande dinamizador da Banda, o maestro Dr. Silas Granjo", afirma:

> Para além de querer proporcionar a todos momentos de boa disposição e sã alegria, pretende-se acima de tudo motivar as pessoas para um maior apoio à Associação, no sentido de que esta continue a desenvolver o seu papel ímpar em prol da cultura. (C.)
>
> Jornal da Província - Outubro de 1986

A nossa Banda vai recuperando o seu antigo prestígio e volta a ser solicitada para participar em numerosos eventos culturais e é contratada para atender a vários serviços em todas as localidades aqui da região do Centro. E logo em 31 de Julho de 1987, o "Jornal de Notícias", depois de publicar uma foto da Banda em grande plano em que afirma que "a juventude dos componentes contrasta com a velhicedos instrumentos", diz numa das suas colunas que a Banda composta por 52 elementos, "é constantemente solicitada, nomeadamente na região Centro e Norte".

bibRIA

Mas no mesmo Jornal também se afirma que para renovar o instrumental seriam precisos cerca de sete mil contos, verba incompatível com as finanças da Associação.

Neste mesmo Jornal de Notícias se diz também que "estão a ser construídas instalações destinadas, não só à Associação, como a outras actividades culturais: biblioteca, teatro, salas de ensaio para a Banda, departamento social, posto médico e Adasma". E acrescenta-se que estas obras estão orçamentadas entre 15 e 20 mil contos e que a inauguração será em 1989. E que se espera a colaboração das entidades oficiais, como aliás já vinha acontecendo, nomeadamente por parte da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro.

No tocante à Banda de Música, regida pelo grande maestro Dr. Silas Granjo, do Troviscal, com 51 elementos, na sua maioria dos 8 aos 20 anos, e que tanto prestígio tem dado a esta freguesia e ao concelho ,em especial por todo o Minho. Basta referir que quase todos os fins de semana têm actuações. É bom que se diligencie e não se poupem esforços para que haja substituição de instrumental, aproveitando o apoio da Secretaria de Estado da Cultura. Bem merece o apoio!

Soberania do Povo - Águeda

Em 1988 ainda não tinha sido remodelado o instrumental. Vejamos o que afirmou ao Jornal "Soberania do Povo" de Águeda, o professor Manuel Augusto Costa, então presidente da Junta de Freguesia da Mamarrosa (ler à esquerda).

E logo em Fevereiro de 89, o correspondente do Jornal da Bairrada, na Mamarrosa, Artur Bem Haja, escreve:

BANDA DE MÚSICA

Continua a levar o nome da nossa terra e do Concelho por todo o Portugal. Sendo assim, tem já confirmados para este ano 6 serviços em Caminha, 8 em Ponte de Lima, 2 em Viana do Castelo, 1 em Vila Nova de Cerveira, 1 em Melgaço, todos eles no Norte. Aqui mais próximo, em 7 no Concelho de Oliveira do Bairro, 1 no de Cantanhede, 5 no de Anadia e 1 no de Vagos.

Jornal da Bairrada - Fevereiro de 1989

Por aqui se verifica a grande projecção que entretanto a nossa Banda vai alcançando.

A 31 de Dezembro desse mesmo ano de 1989, ainda com o Salão Cultural em fase de acabamento, aí é realizado um baile de fim de ano, com o intuito de angariar alguns cobres para acudir aos equipamentos mais urgentes para a Banda.

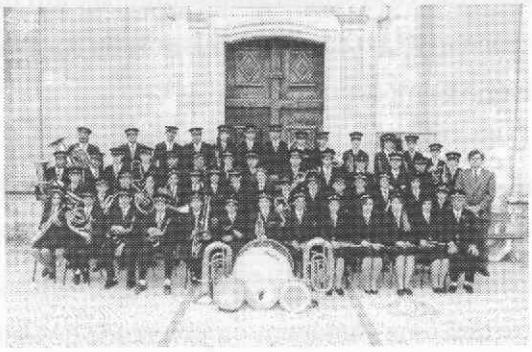
Também neste ano de 1989, nas contas então apresentadas em que aparecem ofertas da Câmara Municipal, Governo Civil e Junta de Freguesia, regista-se já a compra e reparação de alguns instrumentos.

A Banda continua em boa forma e entretanto chega-se a 1991.

IBRIA

BODAS DE DIAMANTE – 1991

MAESTRO – DR. SILAS GRANJO – 48 EXECUTANTES



Requinta
Sérgio Miguel

Clarinetes
Victor M. Ferreira
André Filipe Granjo
Isabel Pacheco
Ana Ferreira
Helena Ferreira
Erika Santos
Nuno Marabuto
Suzy Reis
César M. Cravo
Jorge Conceição
Rosinda Leonor
Luís Liberato
Dina Resende
Olga Ferreira
Janet Santos

Fliscornes
Asélio Canas
Carlos Raposo
Paulo Vieira
Joana Marabuto

Trompetes
Luís Filipe Granjo
Sandro J. Ferreira
Ricardo Alves
Rui Pereira
Pedro Pacheco

Clarinete baixo
Carlos Pacheco

Saxofones sopranos
Sónia Alves
Diana Silva

Saxofones altos
Mário Jorge Alves
Inês Sofia Cassola
Sérgio Machado
Mílton Santos

Saxofones Tenores
Paulo Raposo
Manuel Cravo
Nélson Almeida

Clavicornes
Nuno Sá
Pedro Miguel
Paula Reis
Sónia Fontes

Trombones
Osvaldo Raposo
Luís Miguel
Rogério Resende
Antero Ferreira

Bombardinos
Juan Carlos Ferreira
Jorge Dinis Pereira
Mário Eugénio

Tubas
Álvaro Canas
José Carlos Guedes

Percussão
Álvaro Ferreira
António Maia Cravo
Juan Mário Reis
Jean Carlos
Luís Alberto

bibRIA

COMEMORAÇÕES DAS BODAS DE DIAMANTE

De 12 a 19 de Outubro de 1991 – com grande pompa e circunstância e que entre outras, teve a participação da afamada Banda da P.S.P., dirigida pelo maestro Major Silvério Campos.

Na grande reportagem então elaborada pelo Jornal da Bairrada começa-se por dizer que nos 75 anos da Banda da Mamarrosa "qualidade e juventude são as notas dominantes", afirmando o articulista que "a Banda da Mamarrosa goza de boa saúde e tem uma vantagem – a juventude dos seus elementos que constitui o grande polo de atracção ao mesmo tempo que é garantia de renovação e crescimento permanente", no dizer do seu maestro, Dr. Silas Granjo de quem se afirma também que além de maestro "é a abelha mestra de toda a renovação em qualidade e prestígio".

bibRIA

Nesta reportagem lembram-se os nomes dos que fundaram a Associação e recuperaram a Banda. Acrescenta-se ainda que a Banda, "tinha preenchidos os meses de Maio, Junho, Agosto e que o Minho que sabe apreciar a boa música lhe faz a promoção e que tal motivo obrigou os músicos a trabalhar bastante".

No seu discurso, o Dr. Silas Granjo afirma que "houve um assinalável progresso que se deve ao enriquecido e actualizado repertório que atinge o ponto mais alto no concerto de coreto ou palco". Segundo este maestro, isto explica a projecção da Banda no norte do País, litoral e interior. Fala também do serviço religioso em que "têm recebido os maiores elogios pela natureza do repertório e a maneira como é executado". Realça ainda o bom entendimento e relação de amizade com os contratantes dos vários serviços.

Outro dado relevante deste discurso de Silas Granjo é a importância que ele atribui à falta de um instrumental condigno, chegando a afirmar que atrasou o progresso da Banda, o facto de ter que utilizar instrumentos antigos que já não estavam em condições de tocar.

A renovação do instrumental é, aliás, um dos objectivos que, apesar dos múltiplos esforços da Associação, quer junto das entidades oficiais, quer junto de amigos emigrantes e demais conterrâneos, não se concretizou. E era a prenda mais almejada nesta data memorável das Bodas de Diamante.

Aparte

Tínhamos deixado uma espécie de ficha ao senhor Dr. Silas Granjo que não se limitou a responder às questões propostas, mas procurou sim (em dois Cd's) fazer uma exposição informal de todo o tempo em que esteve à frente da nossa Banda.

Depois de apontar que a Banda lhe foi entregue ainda em 1979, pela batuta do senhor Armando Vida (que até dirigia bem, anotou), passou a expôr as grandes dificuldades encontradas e a que já nos referimos, pelo menos, parcialmente.

bibRIA

1. Falta de instrumentos
   Não havia e os que existiam, não tocavam; inoperantes; sem afinação.
   Não havia tradição de afinação, nem sincronia.
   E, como os instrumentos eram antigos, com diapasão brilhante, tornava-se difícil o seu arranjo, dado que agora o diapasão é o normal.
   Todavia, regista as diligências feitas para superar estes problemas explicando até como conseguiu os tímpanos, o carrilhão e um clarinete baixo, o que já concorreu bastante para melhorar a sonoridade.

2. Modificação de hábitos – Problema a que também já se aludiu e que este maestro diz que pelo menos na questão de assiduidade, foi preciso alterar certos procederes que não estavam de acordo com as exigências de momento. Refere, por outro lado, como levou os músicos que também tocavam em Aveiro, a optarem por uma das duas Bandas.

"Tudo foi muito difícil" – acrescentou. E ultrapassados estes obstáculos de base, procurou arranjar repertório e ensaiar.

Era necessário alargar e diferenciar o repertório e ensaiar mais intensamente e até em novos moldes.
Surgiram peças mais elaboradas e complicadas, como por exemplo certas rapsódias e originais estrangeiros com "diversidade de timbres e melhor qualidade harmónica".

Os ensaios tornaram-se, pois, intensivos e por naipes (às 6 horas seguidas).

Apostou-se também na apresentação de grupos instrumentais, como de saxofones, clarinetes e de música de câmara.

Contribuía-se assim para responsabilizar os músicos e melhorar a sua qualidade de execução, obrigando-os, ao mesmo tempo, a terem de solucionar por si mesmos determinados problemas.

bibRIA

Além de muitos outros elementos informativos, referiu-se também o senhor Dr. Silas Granjo à maneira como conseguiu reatar as boas relações da Banda com o Norte, para onde se começou a deslocar com frequência. A este propósito, depois de indicar o primeiro serviço, em Vila da Praia de Âncora, relata até certos pormenores pincelados ainda de alguma emoção do mestre que os viveu e sentiu na intensidade da sua alma de artista. E continuou lembrando todos os outros pontos do Minho e Trás-os-Montes que a Banda ainda hoje continua a frequentar, como Argozelo, Sopo, Seixas, Moledo, etc..

Demonstrou também como as Bandas daqui da região centro ganham em qualidade artística com estas deslocações ao Norte, ao mesmo tempo que divulgam o nome da sua terra.

Aliás, diz que a nossa Banda agradou no Norte, não só pela selecção do repertório, mas também pela juventude dos seus componentes e ainda pela qualidade de execução e pelo nível dos arranjos musicais.

Refere este maestro que estimulou a celebração dos aniversários da Banda, aludindo em especial aos 75 anos e à preocupação então tida com toda a programação, a que já nos referimos com algum detalhe.

Indica este maestro que foi sua preocupação incutir nos músicos o respeito pelos seus colegas do passado, indo a Banda a todos os funerais, dos que iam falecendo.

Explica também a sua preocupação com o bom relacionamento com todos, mas especialmente com a Direcção da Associação e com os músicos. E achamos muito curioso e de interesse, transcrever aqui as suas próprios palavras quanto ao seu relacionamento com os músicos e em especial com os mais jovens.

"*É preciso transigir e exigir; forçar e relaxar; em ciclos alternativos; equilíbrio e sobretudo sinceridade*" – são palavras suas.

bibRIA

Acrescentou que não fez "*tudo o que queria, mas sim tudo o que podia*", o que era possível e viável.

Finalmente, as razões por que saiu.

Após todo este trabalho e durante mais de onze anos, era natural o cansaço, o desgaste e até a saturação, confessa. Aliás, como ele próprio afirma, já tinha dado o seu contributo em termos *"de esforço, de energia, de tempo"*.

Diz mesmo que sentia que já tinha feito tudo o que podia pela Banda e procurou sair, mas pensou num substituto que continuasse o trabalho já realizado. Finaliza, afirmando que nunca, pelo menos conscientemente, quis prejudicar a Banda da Mamarrosa, que era, afinal, obra sua.

Aproveitamos para deixar aqui uma palavra de gratidão ao senhor Dr. Silas Granjo pela sua disponibilidade e antes de mudarmos deste assunto, queremos recordar o intercâmbio que desde sempre (até ainda antes de 1916) se estabeleceu entre os maestros e músicos da Mamarrosa e Troviscal e as suas Bandas.

De 1991 a 1995

Maestro — Professor Juan Carlos Martins Fernandez

Em fins de 1991, o maestro senhor Dr. Silas Granjo deixou a regência da nossa Banda.

Aliás, na sua terra, Troviscal, já nascera um novo sonho: uma outra Banda Filarmónica.

bibRIA

Esta nova Banda do Troviscal – União Filarmónica até havia já abrilhantado alguns eventos na Mamarrosa, como nas Bodas de Diamante.

Juan Carlos M. Fernandez sucede então a Silas Granjo, ele que tinha sido elemento da nossa Banda, vai agora seguir as pisadas do seu antigo mestre, de quem aliás já era ajudante .

Nome: *Juan Carlos Martins Fernandez*

Idade: *38 anos*

Grau académico: *Licenciado em ensino de Música pela Universidade de Aveiro. Presentemente frequenta o Mestrado em Ciências Musicais na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.*

Profissão: *Docente na escola Superior de Educação e no Conservatório de Música de Coimbra.*

Estado Civil: *casado*

Morada: *Rua das Feitosas, 107, 3770 – 353 Palhaça*

1- Em que período exerceu funções de regência, na Banda Filarmónica da Mamarrosa?

- *Novembro de 1991 / Setembro de 1994.*

2- Por favor, caracterize esse período, aludindo a iniciativas tomadas, indicando dificuldades que encontrou e tentou ultrapassar nesse seu trabalho, descrevendo ao mesmo tempo toda a acção que então conseguiu desenvolver.

- *A solução por mim encontrada e que se revelou de grande valia, foi a continuidade sem sobressaltos do trabalho que vinha sendo realizado. A Banda possuía dois grandes problemas: a existência de instrumental híbrido, pelo que a solução de afinação encontrada nunca poderia ser a mais satisfatória e a inexistência de uma escola de música capaz (quanto devemos todos ao senhor Álvaro pela sua teimosia). Sem a resolução destes problemas, nunca se poderá pedir o tal passo em frente em termos qualitativos.*

Enfim, chegaram os instrumentos em afinação normal e com isso a qualidade de afinação melhorou substancialmente. Acresce que entretanto foi realizado um investimento visando melhorar as condições acústicas da sala de ensaio. Faltava a activação de uma escola de música. Das muitas conversas tidas com o saudoso senhor Plácido, chegámos a delinear uma estratégia para a implementação do sonho, batendo sempre no problema do dinheiro, da fraca aderência de crianças (o próprio senhor Álvaro Ferreira disso fazia eco), para além da situação de "exclusão" que sem querer, se poderia criar em relação às lições dadas em casa do próprio Sr. Álvaro. Uma das soluções encontradas foi apostar na juventude da Banda para a formação. Assim, a meu pedido a jovem Isabel Pacheco, deslocava-se a Aveiro para ter aulas de aperfeiçoamento de clarinete com um colega de Curso. Tudo o que aprendia era utilizando no ensino de novos aprendizes. O próprio Sandro encarregava-se dos trompetistas e eu próprio, sempre que possível acabei por trabalhar com os saxofones.

bibRIA

O repertório foi sendo mudado pouco a pouco. Acrescentaram-se autores que ainda nunca tinham sido trabalhados na Banda. O próprio Serviço Litúrgico foi revisto e aperfeiçoado. Por questões de melhor aproveitamento dos naipes (curiosamente desde que me lembro, os aerofones de bocal sempre foram o forte principal), foi mudada a disposição habitual de concerto. Porém, o que mais me marcou em termos de trabalho foi, a participação da Banda numa homenagem a Timor, realizada no Centro de Fé e Cultura em Aveiro e patrocinada pela então Secção Autónoma de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, em 1992. Para a ocasião, foi composta por um grupo de alunos de Composição (dos quais eu fazia parte), sob a supervisão do compositor Amilcar Vasques Dias (na altura, docente da Universidade), uma obra de carácter contemporâneo para banda (orquestra de sopros) quarteto de cordas, piano, coro e percussão.

Em finais da época de 1994, comuniquei ao senhor Plácido a minha intenção de deixar a direcção artística da Filarmónica, pois como era estudante – trabalhador, tornava-se muito complicado ter que prescindir dos fins de semana. Deu-se então a minha substituição como maestro.

bibRIA

Começa este maestro ainda sem renovação do instrumental, mas finalmente, em 1992, o Jornal da Bairrada de 30 de Outubro anuncia com o título de "Bons ventos sopram para alegria da Banda" que a Secretaria de Estado da Cultura oferecera 21 instrumentos (mas os executantes da Banda eram 53).

Contente com a aquisição dos 21 instrumentos, Manuel Plácido mostra a sua grande satisfação também pela boa forma em que se encontra a Banda, atestada principalmente pelas contínuas deslocações ao Minho e Trás-os-Montes. E afirma que a Banda ainda ficará melhor, quando se adquirirem mais 24 instrumentos que virão no Natal desse ano de 1992.

E ainda no mesmo ano de 1992, em Dezembro, o Secretário de Estado da Saúde inaugura o complexo da Associação de Beneficência, Cultura e Recreio da Mamarrosa, em que seriam instalados os seguintes órgãos de solidariedade social: extensão de Saúde, sede da Adasma e Biblioteca. No resto das obras já funcionava a sede da Associação B.C.R., o salão de ensaios da Banda e a Escola de Música.

Vista poente das instalações da A.B.C.R. — Mamarrosa

No discurso então proferido por Manuel Plácido Simões dos Santos, presidente da Associação, ele realça a luta que foi preciso travar para angariar os 18 mil contos em que ficou a obra e refere também o apoio financeiro das entidades: Junta de Freguesia, Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, Governo Civil de Aveiro, Secretaria de Estado da Saúde e Adasma.

bibRIA

O próprio Secretário de Estado da Saúde, então deslocado ao local, onde também proferiu o discurso da praxe, salientou a dado ponto, que felicitava a Associação Beneficente, Cultura e Recreio da Mamarrosa e os Órgãos Autárquicos locais pelos resultados da sua conjugação de esforços.

E chega o convívio de 1995 em que o presidente da Junta de Freguesia, na altura, professor Manuel Augusto Costa lança um repto à Freguesia – perpetuar em bronze a memória do fundador.

A Banda continua com muita gente jovem o que encanta todos os oradores desse convívio de 1995. Entre eles, um dos grandes amigos da Banda, o senhor Dr. Carvalho da Palhaça (falecido em Maio de 2001).

Mas, entretanto sai o maestro Juan Carlos Martins Fernandez.

De 1995 a 1998

Maestro – Eng. Víctor Manuel Ferrreira

Licenciado em Engenharia Electrónica e Telecomunicações, com o curso do Conservatório de Música na área específica de clarinete. Licenciado em Ensino de Música na Universidade de Aveiro.

Outro maestro que fora executante na Banda e que seguia a escola do mestre Dr. Silas Granjo.

Portador de formação académica de nível superior, tanto em relação a cultura geral e profissional como artístico-musical, o engenheiro Víctor Ferreira, senhor de uma apurada sensibilidade, continua muito ligado ao senhor Dr. Silas de quem era fiel seguidor.

Ano de 1996 – desaparece o senhor Álvaro Ferreira.

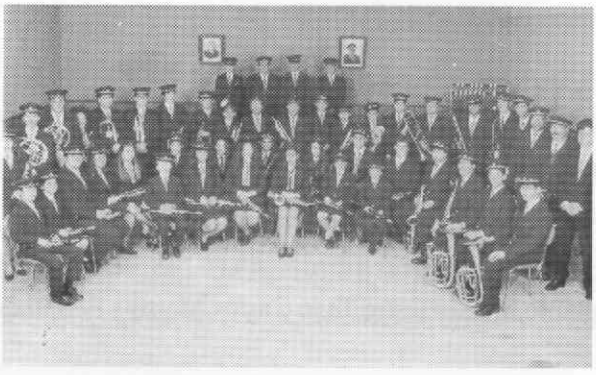
Entretanto, aproximam-se as comemorações do 80º Aniversário da fundação da Banda.

bibRIA

O maestro e a Direcção da Associação desdobram-se em diligências para festejar condignamente tão célebre acontecimento.

Marca-se uma semana inteira de celebrações – 19 de Outubro a 16 de Novembro.

Há romagem aos cemitérios de Amoreira da Gândara, Troviscal, Oiã, Palhaça e Bustos, como se vinha fazendo nas grandes datas da Banda, celebrando assim os que, das fileiras da Banda, já haviam partido.



Traz-se a Orquestra Típica de Águeda, a Tertúlia Bairradina, a Tuna Académica de Coimbra, o Grupo Cultural do Troviscal. Há missa de "requiem" pela alma de todos os elementos falecidos, além do concerto da Banda e o respectivo almoço – convívio.

Uma semana em cheio, mas a que a população pouco adere, o que causa grande tristeza a quem muito trabalhou para conseguir esta semana cultural de homenagem à Banda e à localidade.

E a 9 de Dezembro morre o senhor Manuel Plácido Simões dos Santos. E, se as pessoas não foram capazes de lhe dar a alegria de comparecer para se deliciarem com ele do que mais uma vez tinha conseguido (com a colaboração de todos os elementos da Direcção, bem entendido) para elevar e prestigiar a Banda e a Mamarrosa, agora acorreram em massa, numa das maiores manifestações de dor jamais presenciadas.

bibRIA

Como já aludimos a este nefasto acontecimento, deixamos aqui apenas um pequeno texto da autoria da Dr.ª D. Maria Flor da Rocha Ferreira Canas, representando o pensar dos jovens e que mostra os traços principais do carácter do homem então desaparecido.

HÁ QUATRO COISAS QUE NÃO VOLTAM ATRÁS:

- *A PEDRA QUANDO A SOLTAMOS MONTANHA ABAIXO*
- *A PALAVRA DEPOIS DE PROFERIDA;*
- *A OCASIÃO DEPOIS DE PERDIDA;*
- *O TEMPO DEPOIS DE PASSADO.*

O senhor Plácido é para nós o exemplo de quem sabia e vivia, não esquecendo isso mesmo.

Nunca lançou uma pedra no momento errado; foi sempre um homem decidido. As palavras que proferia não se perdiam, pois eram sempre palavras de apoio, ânimo e incentivo. Mesmo aquelas e aqueles que mereciam ouvir ralhete, nunca ouviram nenhuma

palavra que não fosse a mais querida e adequada.

Todas as ocasiões foram oportunidades aproveitadas para fazer de nós jovens, homens e mulheres mais capazes e felizes.

O tempo para ele nunca foi de sobra, nunca foi tempo perdido. Foi sempre tempo de serviço e dedicação à Família, aos amigos e à Sua Banda.

O seu sonho era levar-nos além fronteiras e connosco difundir o nome e o valor da Banda da Mamarrosa.

Homenageá-lo, dar valor a todos os seus trabalhos, cansaços e noites perdidas, será levar em frente os seus Projectos, concretizar os seus Sonhos. Não proferir as palavras erradas, aproveitar as oportunidades, não perder o Tempo...

Mantermo-nos UNIDOS E FIÉIS ao seu IDEAL

Será a única forma de manter Viva, HOJE

e SEMPRE a sua PRESENÇA e VALOR.

MAMARROSA, 10 de Dezembro de 1996

(Junta-se documento da homenagem que foi prestada a Manuel Plácido Simões dos Santos, a título póstumo, pela Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, a 25 de Abril de 1999).

bibRIA

MUNICÍPIO DE OLIVEIRA DO BAIRRO
CÂMARA MUNICIPAL

INFORMAÇÃO/PROPOSTA N.º 44/99

ASSUNTO : ATRIBUIÇÃO PÓSTUMA DA MEDALHA MUNICIPAL DE MÉRITO – GRAU PRATA AO CIDADÃO MANUEL PLÁCIDO SIMÕES DOS SANTOS

MANUEL PLÁCIDO SIMÕES DOS SANTOS, nasceu na Freguesia da Mamarrosa, em 04/03/1929, no seio de **uma família com parcos recursos económicos, mas com abundantes princípios de dignidade e de dimensão moral.**

Educado nesse ambiente familiar, **dotado de sólida formação moral, onde a educação era dada, não só pela palavra, mas principalmente pelo exemplo.**

Ainda novo, **emigrou para França** numa época em que a emigração era quase o recurso único **para quem ambicionava melhor nível de vida.**

De regresso à sua terra, a luta por melhores condições para si e para a sua família **não lhe esmoreceram o entusiasmo de se dar pelo desenvolvimento material e cultural da sua Freguesia.**

Passou a **viver sempre mais para a comunidade de que para si próprio**, participando em muitas actividades em prol da sua terra.

Após o **25 de Abril de 1974** e como consequência **do seu espírito democrático**, foi nomeado para fazer parte da **Comissão Administrativa** que geriu os destinos da **Freguesia** desde aquela data até às **primeiras eleições autárquicas democráticas**.

Em 1978, liderando um grupo de Mamarrosenses, **cria a Associação Beneficente, Cultura e Recreio da Mamarrosa**, com a intenção primeira de dar apoio à **revitalização da Banda Filarmónica da Mamarrosa**, que atravessava, por essa altura uma crise profunda com ameaça de extinção.

Foi **Presidente vitalício da Associação** que ajudou a criar, tendo desempenhado esse cargo desde a sua criação até ao seu falecimento ocorrido em 09/12/1996.

Durante todo o **período de sua presidência da Direcção da ABCR**, foi a **Banda Filarmónica da Mamarrosa a menina dos seus olhos**. Por ela **viveu, sofreu e morreu...**

Em cada pessoa contava um amigo.

O seu **coração enorme era manancial de tolerância, bondade, compreensão e afabilidade**. Por isso não tinha inimigos.

Era aquilo a que o nosso Povo chama de **"uma pessoa de coração lavado"**.

Esse Povo **que ainda hoje continua a chorar a sua perda**, pois considera que as **pessoas como Manuel Plácido Simões dos Santos**, com a sua bondade, a sua abnegação, a sua compreensão e o seu sentido de servir desinteressadamente a comunidade, são **cada vez mais raras na Sociedade dos nossos tempos.**

Cidadão exemplar, corajoso, justo, leal e honesto, onde se realçam os seus sentimentos humanitários e espírito de sacrifício e de bem servir o próximo.

Em face do exposto, **PROPONHO QUE.**

Ao abrigo do **Art. 6º** conjugado com os **Art. 7º** e **Art. 8º**, do **Capítulo III** do **Regulamento de Condecorações Municipais**,

O Cidadão **MANUEL PLÁCIDO SIMÕES DOS SANTOS**, **dotado de uma formação moral e cívica exemplar, onde se realçam os seus dotes de bons sentimentos humanitários e de espírito de sacrifício e de bem servir o próximo, seja agraciado postumamente, com a**

MEDALHA MUNICIPAL DE MÉRITO – GRAU PRATA

a fim de que a sua figura não fique esquecida no devir dos tempos e sirva de **exemplo e referência moral** a todos os seus concidadãos.

A Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, reconhece os **relevantes serviços e presta-lhe desta forma pública e solene, a merecida homenagem.**

Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, Aos Vinte e Cinco Dias do Mês de Maio do Ano de Mil Novecentos e Noventa e Nove

O Presidente da Câmara

Acílio Domingues Gaia Dr.

Aprovado por Unanimidade na Reunião da Câmara Municipal de 25 de Maio de 1999

O Chefe de Secção – D.S.A.P.

Fernando Marques da Cunha Dr.

Também nesse mesmo ano de 1996, a 24 de Novembro, havia morrido o senhor Álvaro Ferreira. E o senhor professor Orlando de Oliveira Pato, que nunca se desligara da Banda, continua a ensinar Música aos meninos para não acabar a sementeira começada.

Em 1997, ainda envoltos num nublado clima de saudade, numa reunião geral da Associação, sempre realizada no princípio de cada ano, assume a presidência da Direcção o senhor Fausto Ferreira e Silva.

Há vários sonhos no horizonte. Nem todos se concretizarão, mas a edificação de um busto do fundador será uma realidade.

A Banda continua em boa forma, cumprindo vários serviços, agradando como sempre, embora os concertos não tenham a adesão desejada, pois sabemos que na nossa região o povo foi-se alheando desta música instrumental, derivado a vários factores de ordem genérica e também local e que não cabe agora aqui referir.

bibRIA

Queremos registar que segundo a acta de 22 de Junho de 1997, se reuniu uma Assembleia Geral Extraordinária para se poderem alterar os estatutos da Associação que assim se pode inscrever na Instituição Particular de Segurança Social.

No final de 1997, o senhor Fausto Ferreira desliga-se da Direcção, deixando vago o seu cargo de Presidente Sucedeu-lhe o senhor Afonso Dias Libório que inicia um período de muito trabalho e algumas transformações, pelo menos em relação à Banda.

Em 1998, integrada nas comemorações do centenário da restauração do concelho de Oliveira do Bairro, realiza-se no Salão Cultural, uma grande exposição sobre Música, orientada pela senhora Dr.ª D. Rosalina Rosa Filipe que foi um grande sucesso, sob o ponto de vista histórico e documental.

Desde há um tempo a esta parte que a Direcção acha um grande apego e até subordinação às directivas do antigo maestro, o senhor Dr. Silas Granjo, o que gera a pouco e pouco uma certa insegurança e falta de independência quanto a poder deliberativo. Aliás, a Banda parece ter estacionado, sem rumo certo e definido, dividida em facções – o que nada contribuía para o seu desenvolvimento próprio, em termos artísticos e culturais. Com a escola de Música pouco incentivava, apenas mantida a custo pelo senhor Professor Orlando e muito pouco frequentada - não se notavam quaisquer perspectivas de futuro.

Atravessava-se um momento difícil e bastante conturbado. O maestro Víctor Ferreira, muito apegado ao senhor Álvaro Ferreira e ao senhor Plácido, sofre num curto espaço de tempo grandes desgostos que muito o abalam emocionalmente.

Às duas mortes referidas, segue-se ainda a do senhor Padre Arménio (de Aveiro), seu grande amigo e professor de Música e por fim a do seu próprio pai. Fica demasiadamente fragilizado e vulnerável, num estado de forte abatimento sentimental.

bibRIA

O ambiente torna-se tenso entre a Direcção e a Banda; sucedem-se desentendimentos,disputas, atropelos e trocam-se algumas palavras desagradáveis.

E o senhor engenheiro Víctor Ferreira acaba por ser dispensado do seu cargo de maestro da Banda Filarmónica da Mamarrosa, a que pertencia desde os 8 anos de idade.

E daí a pouco tempo é substituído pelo actual maestro Jorge Paulo Margaça Domingues.

De 1998 a ...

Maestro – Jorge Paulo Margaça Domingues

(para este e muitos outros trabalhos, várias vezes contactámos este maestro)

Outro antigo elemento da Banda que tem uma formação especifica feita no Conservatório (ver a sua ficha) e que logo de início traçou para a Banda um caminho de absoluta liberdade de opções, tanto no domínio artístico como no campo da gestão e orientação da própria Banda.

Quando este maestro começou, não se pode dizer que a Banda estivesse em crise, mas sofria sim de vários males, provenientes de outros tantos factores que a atrofiavam e desmobilizavam.

Teve este dirigente, pois, de enfrentar alguns obstáculos que desde logo procurou vencer, neutralizando desvios importunos e afinando certas notas pelo diapasão das opções que se tornavam inevitáveis.

bibRIA

Procurou:

1 – pacificar as divergências no seio da comunidade musical da Banda;

2 – disciplinar os componentes da Banda quanto a cumprimento de certas regras indispensáveis ao bom funcionamento da Banda: horários, assiduidade, gestos de comportamento;

3 – expurgar a Banda de forças opositoras ao trabalho que se propunha desenvolver;

4 – criar e incentivar constantemente a laboração de uma autêntica escola de Música–activa e operante;

5 – afinar a diversidade de opiniões por uma só vontade – o desenvolvimento artístico da Banda em termos de progressão e alcance de um alto nível, servindo assim os seus mais altos desígnios;

6 – incentivar por todos os meios ao seu alcance – o amor pela Música e pela Banda, promovendo e elogiando sempre que necessário, os elementos mais responsáveis e colaborantes;

7 – infundir em todos, além do gosto pela estética e pela disciplina, um determinado sentido de ética e discernimento de condutas, quanto a certas atitudes de delicadeza de procedimento;

8 – consciencializar os músicos da importância do papel cultural e social que a Banda pode e deve desempenhar e estimular cada um a defender a farda que enverga e o seu bom nome e o da região que representa;

9 – insuflar em cada executante o orgulho por pertencer à Banda da Mamarrosa;

10 – promover a valorização da Banda, de modo a que cada um ponha sempre acima dos seus interesses particulares – a dignidade e o prestígio desta instituição.

Encetado este trabalho de base, em breve a Banda começa a salientar-se, mostrando os frutos deste contínuo aperfeiçoamento em termos artísticos, ao mesmo tempo que vai apresentando uma verdadeira consciencialização do seu empenho responsável.

bibRIA

1º Festival de Bandas Civis da U. F. A.

U. F. A.

Certificado de Participação

Certifica-se que a Banda da Associação Beneficente C. e Recreio da Mamarrosa, participou num concerto por ocasião do 1º Festival de Bandas Civis, organizado por esta colectividade.

A-da-Gorda, 10 de Junho de 1999

A Direcção

Apoios:

Junta de Freguesia de São Pedro

RLO

Rádio Caldas

A 10 de Junho de 1998, a Banda é convidada a participar nas comemorações do 50º da Filarmónica A-da-Gorda - Óbidos.

Os que a acompanharam, ficaram encantados pela sua actuação frente a outras bandas bastante conceituadas.

Ainda no mesmo ano de 98 vai actuar no Minho, onde continua a patentear a sua boa forma, apesar da pouca idade dos seus componentes.

No concerto da Páscoa de 99 é já apresentada a Escola de Música, autêntico viveiro infanto-juvenil que a todos encanta.

Em Julho desse mesmo ano (1999) desloca-se a França, à região da Bretanha, integrada no processo de intercâmbio cultural da Geminação Oliveira do Bairro – Lamballe; aí faz várias actuações, sempre muito aplaudida.

Lamballe

Jumelage : les Portugais sont arrivés

biblRIA

Tem os fins de semana desse verão de 99 praticamente todos ocupados e na Mamarrosa o concerto da Páscoa e o do convívio de Novembro atestam bem a sua rápida evolução artística.

Ano 2000 (consulte-se também o capítulo "Banda 2000")

Cumpre serviços e participa em vários eventos culturais e artísticos. Como sempre, o concerto da Páscoa é um encanto de mão cheia de sonoridade resplandecente. A 1 de Maio, a Banda apresenta-se no programa da R.T.P. (Rádio Televisão Portuguesa)–Praça da Alegria, onde se impõe pela qualidade de execução artística da sua música e pela elegância da sua juventude.

Em 27 de Maio grava um Cd com um concerto ao vivo. Desloca-se ao verdadeiro santuário das Bandas, ao Minho e Trás-os–Montes. Há três anos consecutivos que participa nos célebres festejos de S. João d' Arga, a 28 de

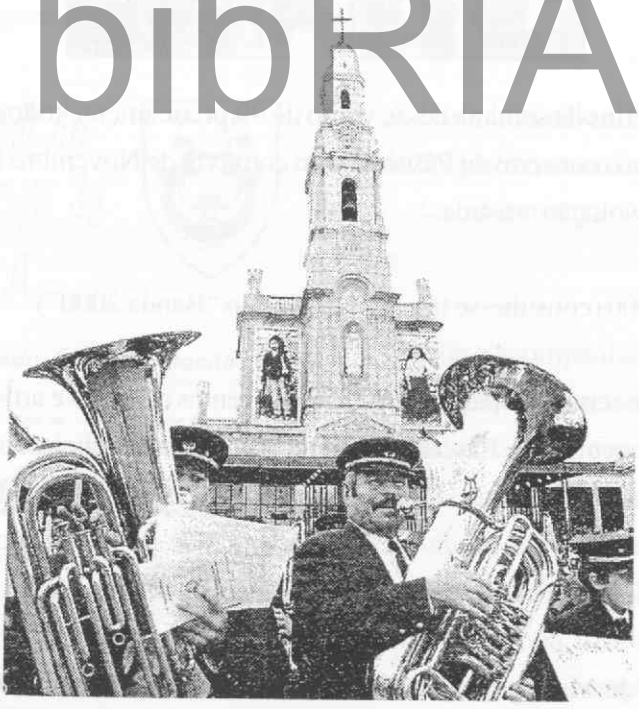
Agosto, onde a assistência é sempre uma enorme enchente de exaltação e entusiasmo que quase toca o delírio. Continua a ser contratada para Seixas do Minho e muitas outras localidades do Norte, onde é muito apreciada e elogiada.

A 30 de Setembro é convidada para participar nas comemorações do centenário da Banda Nova de Ílhavo onde se evidencia pelo seu repertório e brilho da sua actuação (entre as 8 bandas presentes).

Também a convite, participou em Fátima, a 14 de Outubro, na Peregrinação Jubilar de Coros Litúrgicos e Filarmónicas, tendo preparado para este acto cerimonioso um programa especial.

Das 39 bandas participantes, este flash da nossa Banda no "Correio da Manhã"

bibRIA



Os 1600 músicos e 7000 coristas tocaram e cantaram no Santuário de Fátima para Celebrar o Jubileu — Correio da Manhã - 15-10-2000.

A 12 de Novembro, dia do convívio deste ano 2000, após a missa que solenemente abrilhantou e a ida ao cemitério, executou no Salão Cultural mais um concerto – convívio. O Salão abarrotava de uma assistência entusiasta (à volta de 700 pessoas) que não se cansava de aplaudir. Foi um dia inesquecível.

A seguir a esta festa fantástica, a 13 do mesmo mês, mais uma gravação. Desta vez a pedido da Casa de Instrumentos Cardoso e Conceição de Santa Maria da Feira, com obras cedidas por esta Firma e que depois as irá divulgar pelo País, interpretadas pela nossa Filarmónica.

Enfim, o caminho já está bem delineado e perspectivado; é só preciso continuar. Sempre!

bibRIA

bibRIA

No campo aberto da palavra, a leiva erguida da fama e da glória que o arado rasgará nas entranhas de um mundo novo onde germinarão continuamente as sementes do futuro ainda a conquistar.

bibRIA

bibRIA

4. AUTOBIOGRAFIA DA BANDA ACTUAL (TENTATIVA)

- A Direcção da Associação
- Foto e fichas dos seus elementos
- Ano 2000 - 2001 - A Banda Actual
- Questionários ao maestro e executantes
- Sobre a leitura das fichas dos executantes

biblRIA

bibRIA

Na encruzilhada dos tempos ...
Os caminhos da Música.

À medida que fomos avançando no papel e principalmente nos contactos com ex-executantes, amigos, conhecidos e simpatizantes, cada vez mais nos convencemos que desde há muito a esta parte, a Banda tem sido acima de tudo um sonho, um ideal, mas também uma fonte de vários problemas, sorvedouro de sacrifícios e muita dedicação e carinho.

Numa chuvosa quinta feira, 13 de Janeiro do ano 2000, tirámos a tarde para conversar com o senhor Fausto Pato. Descendente de um músico como tantos outros, o pai, o senhor Flávio Pato tocava clarinete, na Banda da Mamarrosa e na do Troviscal. Claro, o desejo do filho era tocar também clarinete: ora Fausto andava a aprender com o senhor Armando Vida, na velha casa de Manuel Francisco Brózios, por volta de 1944 – 1945. (Esta casa a que já aludimos no capítulo "Locais de ensaios", foi depois adquirida na década de 50 pela junta de Freguesia, no tempo do Presidente Modesto dos Santos Pereira, para aí se instalarem os Correios e a sede da mesma Junta).

bibRIA

O jovem Fausto viu gorados os seus sonhos porque lhe deram um bombardino. A magia começou a desaparecer e acabou mesmo por desistir.

Contudo, o seu gosto pela arte dos sons estava-lhe na alma e sempre seguiu de perto a vida da Filarmónica que por outro lado também sabe ser de grande valor cultural e artístico para a sua terra.

Entrou para a Direcção da Associação em que se inclui a Banda, em 1982, como Secretário e, apesar dos muitos trabalhos e às vezes contrariedades e dissabores, o senhor Fausto Pato cá continua. Recorde-se que o seu pai, o senhor Flávio Pato, além de músico, foi um dos intervenientes nos processos de renovação da Banda, tanto em 1952, como na crise dos anos 70.

Analisámos nessa altura (13.01.2000) vários documentos e debruçámo-nos sobre algumas actas. Ficámos a saber a formação das primeiras cúpulas da Associação Beneficente, Cultura e Recreio da Mamarrosa.

Com o decorrer dos anos, vão saindo uns e entrando outros. Fausto dos Santos Pato (o nosso interlocutor) entra em 1982 para Secretário da Direcção, como vimos e é o cargo que mantém até hoje. Em 1988 entra também Manuel António de Oliveira para Vice – Presidente da Direcção. Actualmente é o Tesoureiro. Manuel da Silva Reis entra para 2º Secretário em 1994 onde tem permanecido. Estes dois elementos têm sido também de uma grande dedicação à causa da Banda, mostrando-se sempre prontos a dar a sua colaboração, principalmente nas horas mais difíceis.

O ano de 1996 é fatídico, como sabemos, para a Associação: desapareceram dois homens da maior importância para a Banda: Manuel Plácido Simões dos Santos e Álvaro Ferreira. Manuel Plácido pelas suas nobres qualidades de trabalho, doação, desinteresse, abnegação e o amor sem limites à sua Banda. Álvaro Ferreira pelo seu paciente saber no campo da arte musical, posto à disposição dos muitos alunos que lhe foram passando pelas mãos, desde 1978 (então também com Armando Vida que já em 1952 havia preparado 30 executantes) e continua a partir deste ano da instituição da Associação, Beneficente, Cultura e Recreio da Mamarrosa.

bibRIA

Manteve, enquanto pode, uma autêntica escola de Música a que se dedicou inteiramente de alma e coração até as forças lho permitirem. Só no começo de 1996, ano da sua morte e 80º da Fundação da Banda é que este homem a deixa de acompanhar, no que é substituído pelo senhor Professor Orlando Pato. Aliás, a Associação reconheceu o alto valor do seu mérito, ao homenageá-lo ainda em vida, no ano de 1993.

No registo da acta de 2 de Fevereiro de 1997 da Assembleia Geral da A.B.C.R. (Associação Beneficente, Cultura e Recreio) da Mamarrosa pode ler-

se que foi guardado um minuto de silêncio, tanto por Manuel Plácido Simões dos Santos, como por Álvaro Ferreira, tendo sido realçadas as excelsas qualidades de carácter de um e de outro, embora em diferentes vertentes de actuação.

Os funerais dos dois homens, dois pilares tão singularmente importantes na vida e desenvolvimento da Banda, constituíram dois momentos de assinalável luto e dor. Tanto num como noutro se incorporaram muitas pessoas, não só da Freguesia , mas também autoridades representativas do Concelho e a participação da Banda, com o batimento fúnebre do seu compasso rítmico, foi o ponto mais alto desta manifestação de pesar e saudade por perdas tão irreparáveis.

Com a morte inesperada de Manuel Plácido Simões dos Santos, sofre a Associação uma nova remodelação. Nesse mesmo ano (1996) é Manuel António de Oliveira que assume a Presidência com Afonso Dias Libório como vice - Presidente. Em 1997, Fausto Ferreira e Silva passa a Presidente, mas nesse mesmo ano de 97 pede a demissão, assumindo o vice – Presidente Afonso Dias Libório o lugar de Presidente, cargo que desempenhou até 12 de Outubro de 2000. E também agora é o vice–Presidente Professor Manuel Augusto Costa que passa a Presidente (embora interino).

biblRIA

À data, final do ano 2000, a Associação é assim gerida:

Em baixo - Orgãos directivos em 2000

Assembleia Geral

Presidente – Mário Martins – Sócio n.º 31

1º Secretário – Arsélio Manuel de Oliveira Domingues Canas – Sócio n.º 321

2º Secretário – Manuel Simões Luzio Júnior – Sócio n.º 141

Direcção

Presidente – Afonso Dias Libório – Sócio n.º 74 – (até 12.10.2000)

Manuel Augusto Costa – Sócio n.º 276 – (a partir de 12.10.200)

Tesoureiro – Manuel António de Oliveira – Sócio n.º 70

1º Secretário – Fausto dos Santos Pato – Sócio n.º 27

2º Secretário – Manuel Domingues da Silva Reis – Sócio n.º 30

1º Vogal – Adelino Martins Pereira – Sócio n.º 304

2º Vogal – Mário da Silva Martins dos Santos – Sócio n.º 62

3º Vogal – Adélio Martins Ferreira – Sócio n.º 331

Conselho Fiscal

Presidente – Mário da Silva Cravo – Sócio n.º 7

1º Vogal – Eugénio Tavares da Silva Pereira – Sócio n.º 337

2º Vogal – António Maia Cravo – Sócio n.º 318

3º Vogal – Manuel Fernandes Timóteo – Sócio n.º 235

bibRIA

Um veterano da fundação da Associação é Mário da Silva Cravo, afinal o único que permanece na Direcção, desde 1978. Nesse ano de 78 começou por exercer as funções de Presidente da Assembleia Geral.

Também com ele passámos bastante tempo, falando de vários problemas relacionados com o arranque de todo o processo desencadeador da renovação da Banda, bem como sobre os músicos da sua família. Recordemos que é irmão de Ismael da Silva Cravo e de Jaime da Silva Cravo – todos descendentes do grande violinista dos primórdios do século XX, Manuel Augusto da Silva Cravo (o que esteve na Grande Guerra).

Mário da Silva Cravo, sempre que se desloca à América, procura novas partituras para o repertório e património da Banda.

FICHAS DOS ÓRGÃOS GERENTES DA ASSOCIAÇÃO EM 2000

Nome: *Mário Martins*

Cargo que exerce: *Presidente da Assembleia Geral*

Idade: *71 anos*

Grau de escolaridade: *2º ano incompleto do Instituto Superior Militar de Águeda*

Profissão: *Funcionário da Câmara Municipal de Aveiro (Técnico de Desenho) - aposentado*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Penedos Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- Porque fui convidado pelo presidente da Direcção para fazer parte de uma lista que foi votada e aprovada por unanimidade em Assembleia Geral. Aceitei pensando que poderia ser útil à Associação, dentro das minhas limitações..

bibRIA

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- Acho que sou sensível à arte musical..

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- Pelas razões já descritas na pergunta 1. Foi com gosto que aceitei o convite do Presidente da Direcção e sinto muito gosto no lugar que ocupo tal como me sentiria noutro qualquer desde que me considerasse útil..

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- Um grupo de pessoas que muito estimo e admiro pelos seus conhecimentos musicais, aptumo e disciplina. Julgo que é o expoente máximo como representante cultural da Freguesia e do Concelho..

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas

pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Dificuldades não tenho sentido. Considero todos os elementos que fazem parte da Direcção e os associados, muito responsáveis e disponíveis para dar o seu melhor à Banda, à escola de Música e à Associação. Assim, não é difícil ultrapassar qualquer dificuldade que possa surgir.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- Além das actuações da Assembleia Geral serem regidas pelos Estatutos da Associação, qualquer iniciativa a tomar é sempre em conjunto pela Direcção.

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- Além de presidir à mesa da Assembleia, pouco mais planos e objectivos poderei ter além de dar a minha colaboração sincera à Direcção e, se necessário, ao maestro.

bibRIA

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Talvez apoiando em todos os momentos e por todas as formas, a Banda, e a Escola de música. Os obstáculos a ultrapassar são muitos, mas coma ajuda de todos, julgo que a Banda não recuará do prestigio que já alcançou ao longo de quase 85 anos.

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Sim. Sempre que é necessária colaboração, ela nunca é regateada seja por quem for..

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Regra geral todas as actuações me sensibilizam muito. No entanto, os concertos levados a efeito no Salão das Obras Sociais são para mim momentos de muita satisfação.

11. Tem alguns documentos dessas actuações ou de quaisquer outros eventos

em que a Banda tem colaborado. Junte-os a este questionário, se fizer favor.

- *Tenho algumas fotografias que guardo com muito carinho.*

Nome: *Arsélio Manuel de Oliveira Domingues Canas*

Cargo que exerce: *1º Secretário da Assembleia Geral*

Idade: *33 anos*

Grau de escolaridade: *ensino superior*

Profissão: *Eng. Tec. Electrotécnico – Prof. 3º Ciclo/Secundário*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Rua da Quinta da Gala, nº 21 - Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- *Penso que é de extrema importância que a Direcção da Associação esteja próximo da Banda, sensibilizando os restantes elementos da direcção para os problemas reais e concretos da Banda Filarmónica.*

bibRIA

2. *Que afinidades pensa ter com a Banda?*

- *Sou músico de corpo e alma.*

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- *Adquiri o cargo que exerço através de convite do Presidente da Direcção e sinto-me satisfeito com o lugar que ocupo, embora considere que posso e sei fazer mais e melhor.*

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- *A Banda Filarmónica da Mamarrosa é o "Ex libris" da minha vida. Sou músico desde os 9 anos de idade e sempre quis conciliar os meus estudos com a actividade musical, de forma a quando acabasse o meu curso, exercer a difícil tarefa de ser o solista principal do naipe das trompetes.*

A Banda Filarmónica ocupa um lugar de destaque na minha vida, desde que fui aprender solfejo aos 7 anos de idade, até à actualidade e assim irá continuar.

Para a freguesia da Mamarrosa, a Banda representa, em meu entender, o topo cultural e a melhor embaixada que a Freguesia e também o Concelho têm pelo País inteiro.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Não tenho sentido quaisquer dificuldade no cargo que exerço.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- *Ainda como associado, propus em Assembleia Geral a subida das quotas dos associados de 1000$00 para 1.500$00, por entender que o valor anterior era irrisório face às necessidades da Banda, embora a quota actual não satisfaça ainda os problemas imediatos da Banda (como fardamento e instrumental). Entendo que deveriam ser os associados as principais fontes de financiamento.*
- *Para a deslocação a França, organizei com outro elemento da Direcção, músico, a recolha de patrocínios para executar T-Shirts e canetas.*
- *Organizei, embora de uma forma ainda deficiente, o arquivo musical da Banda Filarmónica.*

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- *Pretendo catalogar manual e informaticamente todo o repertório musical da Banda, quer o actual, quer todo o repertório antigo que fui recolhendo.*
- *Pretendo organizar a breve prazo, embora isso seja tarefa da Direcção, a recolha de instrumental e fardamento espalhado, a fim de fazermos na nossa sede uma secção museológica.*

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Dando apoio ao actual maestro, não se limitando alguns dirigentes ao "dizer", mas principalmente ao "fazer".

Quanto aos obstáculos mais difíceis de transpor, a visão retrógrada de alguns dirigentes da Associação e a grande dificuldade que a Secção tem de cativar, de procurar cativar e recolher financiamentos.

bibRIA

9. Tem sentido colaboração da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Dos outros dirigentes, nem sempre. Do maestro e elementos executantes tem havido uma boa colaboração.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- S. João de Arga: São milhares as pessoas que se juntam nesta festa a apoiar a Banda. França: Como músico foi a minha primeira internacionalização.

11. Tem alguns documentos dessas actuações ou de quaisquer outros eventos em que a Banda tem colaborado. Junte-os a este questionário, se fizer favor.

- De França tenho fotografias que me foram enviadas de lá e que se encontram no arquivo.

12. Sabe desde quando a Banda tem estatutos próprios e onde e quando foi registada oficialmente pela primeira vez?

- Não tenho conhecimento desses dados.

bibRIA

Nome: *Manuel Simões Luzio Junior*
Cargo que exerce: *2º Secretário da Assembleia Geral*
Idade: *81*
Grau de escolaridade: *4ª Classe*
Profissão: *Reformado*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Rua Jacinto do Loutos, n.º 54 – Sobreito Bustos*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- Porque é um dos elos, que igual à água do baptismo, me impulsam a uma manifestação de amor e simpatia, pelo facto de ter nascido em terras da Mamarrosa, o que ocorreu antes de 1920.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- A razão de eu estar a fazer parte da Assembleia Geral da Banda da Mamarrosa, na qual

ocupo o cargo de segundo secretário, estou teforçando o ponto um, porque eu mesmo ao sentir no ar as notas musicais, que me soatam a convite, eu mesmo, me ofereci para trabalhar em prol do engrandecimento sócio-cultural e mesmo moral de uma associação com projecção nacional, que ultrapassa as nossas fronteiras e leva bem longe a cultura e o nome da nossa terra, Mamarrosa, do nosso concelho e da nossa região.

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- Nunca houve coacção. Houve apenas um afloramento de grande desejo, do nosso saudoso amigo Manuel Plácido Simões dos Santos e de todos os membros da Direcção e Assembleia, o que me proporcionou grande satisfação.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- A Banda, no meu parecer e no meu sentir, representa o ex-libris da nossa terra, da qual todos temos o dever de nos orgulharmos. Para a Mamarrosa é um marco histórico que abre e marca o grande desenvolvimentos da nossa cultura, tanto para a nossa terra, como para o nosso concelho e região.

bibRIA

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce) Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Absolutamente nenhuma, pelo que sinto imensa felicidade, porque toda a gente gosta de me ver ali.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- A Banda está caminhando a passos largos para o seu apogeu glorioso e o seu grande prestígio deve-se ao seu presente maestro, à sua escola de música e ao grande empenhamento de todos os elementos que a compõem, sem descurar um só momento, a grande paixão dos membros da Direcção e da Mesa da Assembleia, de quem, o grande sonho, é criar uma Banda com projecção nacional e que chegue a ultrapassar os limites da nossa fronteira.

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- O meu objectivo foi, é e será sempre, pedir a Deus muitos anos de vida para poder continuar em conjunto com todos os elementos, para ver realizados, não só os meus planos, mas os planos de todos nós.

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Eu penso, que agora, é quando a nossa Banda vai chegar ao pináculo mais alto, como amadora, podendo mesmo afirmar, que chegará ao profissionalismo, ainda que haja alguém, que possa considerar que o meu pensamento seja uma utopia. Mas dadas as qualidades do nosso maestro e dada a firmeza, a união e o empenhamento de toda a sua directiva, atrevo-me a tomar a ousadia de profetizar estas afirmações que se reflectem na minha paixão pela nossa Banda e no meu amor eterno pela pia baptismal da nossa igreja e da nossa terra.

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- É justamente pelo que acabo de dizer no ponto oito. Este é o momento próprio, no qual eu vejo a possibilidade de realizar este grande sonho ou ter que aceitar a utopia. Por isso eu tenho a coragem de dizer; ou agora, ou nunca mais.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Sensibilizam-me fortemente dois lugares distintos.

O primeiro, na hoje freguesia da minha residência, onde tem vindo a acompanhar com grande empenho e interesse, a celebração do 18 de Fevereiro, Dia de Bustos, bem como, os concertos que tem vindo a dar, para deleite dos amantes de música, de Bustos e não só, pelo que tornam estes gestos, numa abnegada amizade entre a mãe (Mamarrosa), o filho (Bustos) e os irmãos. O outro, a confiança que conseguiu, a amizade dos povos do Minho, onde os contratos com a Banda vêm ficando marcados sistematicamente de uns anos para os outros, o que se traduz em confiança, admiração e reconhecida simpatia e amizade.

11. Tem alguns documentos dessas actuações ou de quaisquer outros eventos em que a Banda tem colaborado. Junte-os a este questionário, se fizer favor.

biblRIA

- Como as actuações entre nós têm sido de irmãos de óptimas relações, nunca usamos qualquer documento contratual, pelo que só, eventualmente, poderá haver algum programa dos que anunciam as festas.

12. Sabe desde quando a Banda tem estatutos próprios e onde e quando foi registada oficialmente pela primeira vez?

- Como não tenho certeza da data dos estatutos, vou tentar saber a data desse acto tão importante, mas atrevo-me a dizer, mesmo por intuição, que estão na Conservatória Notarial de Oliveira do Bairro ou na Direcção Geral de Espectáculos em Lisboa.

É para terminar este questionário, direi que acabo como principiei, inspirado no grande amor da nossa terra e da nossa querida Banda da Mamarrosa, a quem auguro as melhores e mais belas prosperidades, no desempenho da sua missão.

Nome: Afonso Silva Dias Libório

Cargo que exerce: Presidente da Direcção

Idade: 62 anos

Grau de escolaridade: 4ª Classe

Profissão: Agricultor

Estado Civil: Casado

Morada: Quinta do Cavaleiro - Mamarrosa

bibRIA

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- 1ª razão; é porque sempre gostei de música, muito especialmente desta Banda Filarmónica. 2ª razão estou neste cargo porque as condições assim o proporcionaram, e não podemos nem devemos furtar-nos ao dever, dada a importância que esta instituição tem para a Mamarrosa, há já 85 anos.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- As melhores afinidades, dado gostar muito dela e porque ao longo da minha vida, sempre ouvi histórias muito bonitas contadas por várias pessoas, inclusivamente os maestros e meu pai que foram músicos, tendo aprendido com o senhor professor Jaime de Oliveira.

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- Adquiri este lugar, porque faço parte da Direcção desde a fundação desta Associação, em vários lugares, dado que para mim o que interessa não é o lugar, mas sim o servir. Não sou pessoa de me deixar coagir, faço-o porque gosto, logo tenho que me sentir satisfeito, mesmo quando as coisas têm sido difíceis de fazer.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- A Banda para mim representa muito, tal como outras coisas que gosto, sendo uma delas a família, ao ponto de considerá-la como das coisas belas que se podem ter na vida. Para a Mamarrosa, representa um valor artística e cultural e muito especialmente social que os Mamarrosenses devem ter em conta, para que esta Banda seja cada vez melhor, apoiando-a monetariamente, e mandando os seus filhos para a escola de Música, que funciona na sua sede. Para o concelho deve representar o que se pode chamar, uma grande obra artística, cultural e social, que serve de embaixatriz do concelho de Oliveira do Bairro em todo o nosso país, mas também no estrangeiro, à imagem de França (Lamballe) onde o Concelho de Oliveira do Bairro, foi muito bem representado, pela Banda Filarmónica da Mamarrosa.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, aos mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- As dificuldades são de ordem económica, dado os instrumentos serem muito caros e as despesas serem muitas, e as receitas não fazerem face ao que é necessário investir na Banda. Quanto a outra tipo de dificuldades, essas fazem parte do processo que vai decorrendo para atingir os fins e, por isso, posso dizer que se não houver dificuldades, também não há sentido; considero normal.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- Primeira iniciativa, é a Escola de Música, sem ela não é possível haver músicos para sustentar

bibRIA

a Banda. Criou-se o bar para os músicos poderem permanecer com mais assiduidade aos ensaios, e na escola de música; comprou-se uma carrinha para o serviço da Banda Filarmónica. Fazem-se concertos, organiza-se e disciplina-se, para se conseguir cada vez mais prestígio para a Banda Filarmónica da Mamarrosa. Há mais ideias, mas não vale ainda a pena lançá-las porque não há dinheiro. Seria a farda nova, e instrumental melhorado. É bom sonhar!

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- Meus planos e objectivos sobre a Banda são; estabilizá-la e consagrá-la de modo a que venha a ser uma Banda sem grandes problemas, para isso é preciso governar com muita cabeça, mas fria.

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Penso que a Banda só pode ser melhorada desde que haja paz no seu seio, para se poder organizar a disciplina, e trabalhando sempre no sentido de poder adquirir e pagar todos os seus bens necessário para poder haver um bom funcionamento, daí que o valor humano há de ser sempre o mais necessário.

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Tenho sentido a colaboração necessário, quer dos dirigentes, quer dos executantes.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Para mim todas as actuações são importantes, no entanto há duas que marcam pela sua diferença; uma no Vimioso, São Bartolomeu, sendo dois dias de serviço, havendo no primeiro dia, (mas de noite) uma procissão de velas onde estão presentes milhares de pessoas; no segundo dia na procissão verificam-se também pessoas aos milhares. Mas o mais importante são os reitores a falarem da Banda, dizendo bem alto através dos altifalantes.

Outra festa que merece ser analisada, é a de S. João de Arga, Caminha, onde vale a pena ir, só para ver passar milhares de pessoas à volta de uma capela, pagando as suas promessas, mas o melhor é no Concerto com duas Bandas, Mamarrosa e Lanhelas, onde se reúnem milhares de pessoas, apoiando as Bandas, mas cada uma com os seus adeptos. É mesmo Lanhelas; estando em casa com as suas claques como é natural, podemos garantir que a da Mamarrosa é de longe a mais aplaudida, mesmo não tendo claque , a não ser a meia dúzia de gatos pingados que acompanham a Banda, dado item a acompanhar os seus filhos.

biblRIA

Nome: *Manuel Augusto Costa*

Cargo que exerce: *Vice – Presidente da Direcção*

Idade: *63 anos*

Grau de escolaridade: *Curso do Magistério Primário*

Profissão: *Professor aposentado*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- 1 – A convite do Presidente da Direcção

2 – Espírito de sempre servir as organizações que visam o desenvolvimento cultural da Mamarrosa.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- O gosto pela música.

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explica o que lhe parecer adequado.

- A pedido do actual presidente da Direcção. Coagido? Não. Não sei actuar sob coacção. Quando se está com o intuito de servir, a hierarquia não importa.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- O ex-libris cultural da Mamarrosa e principal representante da cultura local e um dos grandes embaixadores representativos do Concelho de Oliveira do Baixo.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, aos mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Não muito. Quando a maior parte da equipa de trabalho é coesa e leal, as dificuldades naturais próprias da gestão duma organização da envergadura da banda, são perfeitamente ultrapassáveis.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar

bibRIA

para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- A Direcção da ABCR actua colegialmente pelo que as iniciativas são sempre tomadas em conjunto.

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- Cumprir integral e objectivamente o mandato para o qual fui eleito, visando o prestígio cada vez maior da Banda.

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Com o apoio constante à Banda e desenvolvimento cada vez maior da Escola de Música.

Obstáculos a ultrapassar:

1 – Renovação de mentalidades da componente humana (maestro, músicos, monitores e alunos)

2 – Conseguir meios financeiros capazes de fazer face a encargos cada vez mais avultados.

bibRIA

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Duma maneira geral, sim, a suficiente para fazer avançar a banda com toda a dignidade.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Sou um admirador incondicional da banda e, por isso, todas as actuações me tocam e com as quais vibro.

11. Tem alguns documentos dessas actuações ou de quaisquer outros eventos em que a Banda tem colaborado. Junte-os a este questionário, se fizer favor.

- De todas guardo boas recordações. Documentos, propriamente, não.

12. Sabe desde quando a Banda tem estatutos próprios e onde e quando foi registada oficialmente pela primeira vez?

- Desconheço.

Nome: *Manuel António de Oliveira*

Cargo que exerce: *Tesoureiro*

Idade: *70 anos*

Grau de escolaridade: *4ª Classe*

Profissão: *reformado da lavoura*

Estado Civil: *casado*

Morada: *Caneira - Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- Vim a pedido de Manuel Plácido, já era sócio.

Aceitei colaborar porque entendi que a Banda era de cá e deveria ajudar. Sempre trabalhei muito para a Banda, mas ainda tenho trabalhado mais, a partir de 96 (morte de Manuel Plácido)

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- Sempre gostei e gosto de música.

Procuro colaborar em todos os serviços necessários ao bom desenvolvimento da nossa Banda.

bibRIA

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Expliqueo que lhe parecer adequado.

- Não havia na altura (1996) ninguém que se disponibilizasse para o cargo. E então aceitei-o de boa vontade.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- Sinto-me ligado à Banda. Para mim é a mais importante das Associações, para a Mamarrosa e para o concelho.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Não tenho tido dificuldades, embora por vezes tenha sentido algumas incompreensões em relação

ao meu trabalho; todavia, sempre tenho cumprido com o mesmo gosto e empenhamento.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- A minha grande preocupação tem sido arranjar fundos para a Banda. Ora escrevo, ora falo, procuro ajudar sempre e contactar quem possa ajudar, quer nos convívios, quer em contactos pessoais – para que a Banda progrida cada vez mais. Tenho sempre facilidade em contactar pessoas.

7. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Tenho sentido a colaboração de alguns.

8. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Todas as actuações têm sido boas, bem dirigidas e com despedidas ainda melhores. Mas em S. João d'Arga – aqui é uma festa especial, muito alegre e que ultrapassa tudo o que se possa imaginar.

bibRIA

Nome: *Fausto dos Santos Pato*
Cargo que exerce: *1º Secretário*
Idade: *66 anos*
Grau de escolaridade: *4ª Classe*
Profissão: *Agricultor*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- A única razão por que estou na Banda é por gostar da Banda. A razão por que estou neste cargo deve-se ao saudoso Manuel Plácido que me pediu para o exercer.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- Dentro das minhas possibilidades, fazer o que todo o Mamarrosense deve fazer para que ela não

acabe, contribuir para que cada vez seja melhor.

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- Tendo sido dados poderes em Assembleia Geral ao referido Manuel Plácido para formar Direcção, facto que ocorreu em 1978, fui convidado em 1982 para exercer o lugar que ainda hoje exerço.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- A Banda para mim é o símbolo da Mamarrosa, o expoente máximo da Cultura desta terra, que tem levado o nome da Mamarrosa a todo o País e ao estrangeiro. A Mamarrosa e o Concelho têm que estar orgulhosos da Banda da Mamarrosa.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce) Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- No cargo que exerço nunca tive dificuldades; dificuldades tem havido ao longo de todos estes anos, mas são comuns a todos os Directores que sentem a vida da Banda.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- Não tenho tomado iniciativa própria. A Associação tem tido boa chefia e tenho-me limitado a apoiar as boas iniciativas. A maneira da Banda alcançar cada vez mais prestigio é muito simples: disciplina, união e boa chefia.

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- Os meus planos como Mamarrosense são: continuar a dar a minha modesta colaboração para que a nossa Banda seja cada vez melhor.

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

biblRIA

- Com a construção de instalações condignas para a Escola de Música, estou certo que a Banda melhoraria. É muito difícil formar músicos nas condições actuais. Os obstáculos humanos não existem, mas os monetários são muito grandes.

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- O lugar que ocupo na Direcção não requer muita colaboração dos outros dirigentes. Estou certo que todos procuram dar o seu melhor e, sendo assim, não vejo motivo para me lamentar.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- As actuações da Banda todas me sensibilizam: concertos, arruadas, etc.. No entanto, os concertos que a Banda tem dado no Salão Polivalente, não só pela parte musical, mas também, por ver que o Povo da Mamarrosa já sente a sua Banda, têm sido óptimos.

bibRIA

11. Sabe desde quando a Banda tem estatutos próprios e onde e quando foi registada oficialmente pela primeira vez?

- Desde 1954.

Nome: *Manuel da Silva Reis*
Cargo que exerce: *2º Secretário da direcção*
Idade: *55 anos*
Grau de escolaridade: *4ª Classe*
Profissão: *Lavrador*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Rua da banda filarmónica, 22 (Mamarrosa)*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- Por gosto e por incentivo do meu pai que foi músico durante vários anos; até também pelo mesmo motivo, tenho duas filhas executantes. E fui convidado pelo senhor Plácido e também gosto de colaborar.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- De todas as Associações acho esta a mais importante.

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- Como já disse, fui convidado pelo Presidente da Direcção, o senhor Plácido e gosto de colaborar nesta instituição.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- A Banda é uma embaixada em todo o lado, da nossa terra e da sua cultura que espalha por toda a parte onde se desloca.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Arrelias e aborrecimentos há sempre, mas tenho ultrapassado tudo, graças ao bom entendimento que tem havido entre os colegas da Direcção.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- Tenho trabalhado sempre de boa vontade e quando solicitado: falo pouco, mas acho que trabalho bastante.

7. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Agora a Banda atravessa um bom momento, se assim continuar sem contratempos, em breve será uma grande Banda.

8. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Com a Direcção, o relacionamento tem sido sempre o melhor. Presentemente, está tudo bem, o maestro está a cumprir muito bem.

biblRIA

9. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Para mim a melhor actuação tem sido em S. João d' Arga – Caminha. Lá assistem milhares de pessoas e todas com gosto, a apreciar o concerto. Também gosto muito de ir a Dem (concelho de Caminha), vêm vacas às dezenas, de todos os agricultores da região e vão na procissão. É um espectáculo digno de se ver. O santuário fica num monte e as vacas a aparecer de um lado e de outro.

10.

- Quero dizer que também fui executante de trompete na Banda, de 1957 a 1963, ou seja dos 12 aos 18 anos. E nesta altura deixei porque fui para o estrangeiro. Ainda me recordo do último serviço que fiz, em Paredes de Coura. Presentemente, a minha filha Susana Raquel Neves Reis toca cá clarinete e a irmã Paula Cristina Reis, toca trompa.

Nome: *Adelino Martins Pereira*
Cargo que exerce: *1º Vogal*
Idade: *50 anos*
Grau de escolaridade: *4ª Classe*
Profissão: *Maquinista*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Caneira - Mamarrosa*

bibRIA

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- Porque gosto da Banda.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- Ajudar no possível.

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Expliqueo que lhe parecer adequado.

- Fui convidado, estou satisfeito.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- *A Banda é um meio de divulgação da Cultura da nossa terra e concelho.*

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce) Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- *Não tenho qualquer dificuldade no cargo que ocupo, à excepção da falta de tempo, devido à minha actividade profissional que não me permite cumprir como desejaria.*

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- *Não me compete ter iniciativa.*

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- *Acho que se devia impor mais disciplina nos músicos, especialmente entre os mais novos.*

bibRIA

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- *Dar-lhe mais apoio, à Banda e trabalhando todos em conjunto.*

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- *Sim.*

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- *Pela multidão que se junta, pelo convívio saudável daquela gente e principalmente pelo despique das Bandas - S. João d' Arga.*

Nome: *Mário da Silva Martins dos Santos*

Cargo que exerce: *2º Vogal*

Idade: *73 anos*

Grau de escolaridade: *2º Grau do Ensino Primário*

Profissão: *Agricultor*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Quinta do Gordo - Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- 1º porque gosto imenso da Banda da minha Freguesia (é uma paixão); 2º estar neste cargo por ter sido convidado.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- Não sei bem o sentido desta palavra, mas gosto de colaborar naquilo que me seja possível.

bibRIA

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- O cargo que exerço foi por convite, mas não coagido; sim, estou muito satisfeito com o lugar que ocupo e mais ainda porque os lugares superiores estão dirigidos a pessoas distintas e competentes.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- Para mim a Banda Filarmónica da Mamarrosa faz parte da minha vida, levo-a na minha alma; é uma das glórias da minha terra, dá-me uma certa alegria de viver; para o concelho de Oliveira do Bairro, creio que é um património que a Banda Filarmónica da Mamarrosa orgulhosamente representa. Enfim, o concelho de Oliveira do Bairro julgará.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, aos mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Não tenho sentido dificuldades com o cargo que exerço; tenho desempenhado a minha missão com muito gosto e o melhor que posso, não tenho recebido reparos da Direcção, de modo que, enquanto me for possível, continuarei a prestar os meus serviços, como se sabe, muito modestos.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- Como se sabe, não sou pessoa capaz de tomar iniciativas, acompanho a evolução e colaboro dentro das minhas possibilidades.

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- Quanto aos meus planos e objectivos, bem ... que hei-de dizer? Fazer tudo o que estiver dentro das minhas possibilidades e competência.

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Para melhorar a nossa Banda, basta a competência e dedicação da sua Direcção no seu todo, a competência e dedicação do seu distinto Maestro, e a colaboração muito dedicada de todos os seus elementos. Quanto aos maiores obstáculos - a falta de verbas financeiras para fazer frente à evolução da nossa Banda.

bibRIA

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Sim, a esse respeito não tenho complexos, até porque o meu lugar é, digamos assim, um pouco secundário.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Para mim, todas as actuações da Banda são muito agradáveis e muito especialmente em concertos com outras Bandas. Pessoalmente não me agradam muito os arranjos de música ligeira; um bocadinho mais de música clássica não seria mau.

11. Tem alguns documentos dessas actuações ou de quaisquer outros eventos em que a Banda tem colaborado. Junte-os a este questionário, se fizer favor.

- Não possuo documentos nem memória disso.

12. Sabe desde quando a Banda tem estatutos próprios e onde e quando foi registada oficialmente pela primeira vez?

- Tinha obrigação de saber, mas não sei.

Nome: *Mário da Silva Cravo*

Cargo que exerce: *Presidente do Conselho Fiscal da Associação*

Idade: *67 anos*

Grau de escolaridade: *4ª Classe*

Profissão: *mecânico*

Estado Civil: *casado*

Morada: *Mamarrosa (Lagoinha)*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- Entrei para a Associação em 1978 (fui dos fundadores). E dispus-me a colaborar porque queria ajudar a Banda que na altura estava reduzida a 17 elementos e com grandes problemas. E juntei-me ao grupo que fundou a Associação porque senti que era o meio, talvez único, de recuperar a Banda.

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- É uma coisa que se sente e não se explica. Gosto muito de música e sempre gostei de estar ligado a instituições como esta.

bibRIA

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Expliqueo que lhe parecer adequado.

- Reunida a Assembleia Geral, foram então eleitos para os respectivos cargos, os intervenientes no processo da fundação da Associação. E eu aceitei logo de boa vontade o cargo para que então fui indigitado. (essa reunião foi na alfaiataria do senhor João Tribuna onde durante um ano foram sempre as reuniões).

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- Difícil encontrar as palavras que o expliquem. É o melhor símbolo para a Freguesia e para o Concelho.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado

ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Algumas, no sentido administrativo (fiscal), talvez por falta de compreensão entre as partes, não deixando todavia de louvar o sector laboral, em relação à acção desenvolvida.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- Nos limites da minha área (conselho fiscal) tenho procurado exercer o meu cargo com o maior rigor e isenção, sem qualquer intervenção, tanto na parte administrativa como artística. Mas penso que o bom funcionamento dos órgãos administrativos e sociais em que se apoia a Banda e o bom entendimento entre todos os seus responsáveis, é indispensável para que a Banda continue com o nível artístico alcançado.

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- Enquanto estiver no activo, penso colaborar o melhor possível para que a Banda mantenha o seu nível actual.

bibRIA

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- A Banda para continuar em boa forma, como actualmente, é necessário que todo o seu suporte sócio - administrativo se consiga entender o melhor possível, como já disse anteriormente.

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Sim, relativamente.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Gostei muito de a ouvir em "A da Gorda". Para mim foi dos melhores espectáculos que tem havido. Mas tem crescido de tal modo o nível artístico da Banda, que é difícil dizer qual a melhor das actuações.

11. Sabe desde quando a Banda tem estatutos próprios e onde e quando foi registada oficialmente pela primeira vez?

- Os estatutos de 1978 foram organizados por mim, por Amílcar Rainho e por Manuel Plácido que viveu a Banda como ninguém.

Para os elaborar, guiámo-nos por algumas bases doutras Associações já existentes.

Nome: *Manuel Fernandes Timóteo*

Cargo que exerce: *Suplente no Conselho Fiscal*

Idade: *65 anos*

Grau de escolaridade: *4ª Classe*

Profissão: *reformado*

Estado Civil: *casado*

Morada: *Aveiro*

1. Razões por que está na Banda e neste cargo.

- Razão: porque gosto da Banda. No cargo que estou já é o último em que estou, do qual gosto muito. Já estive na Direcção, na Assembleia, mas este é o que mais gosto até à data.

bibRIA

2. Que afinidades pensa ter com a Banda?

- O melhor relacionamento com músicos e maestro, pois para mim a escolha do maestro foi acertada: é competente, responsável e exigente; para mim tem todas as condições boas; só é muito nervoso.

3. Como adquiriu o cargo que exerce? Foi de algum modo coagido ou sente-se satisfeito com o lugar que ocupa? Explique o que lhe parecer adequado.

- Foi porque não gostava do cargo que exercia antes, porque não me achava competente para o exercer cabalmente como devia. Não fui coagido e sinto-me satisfeito no lugar que ocupo, pois estou mais informado das finanças da nossa Banda e da maneira como são geridos os dinheiros da mesma.

4. O que representa para si a Banda. E para a Mamarrosa e até para o concelho? Diga o que entender.

- A Banda para mim representa muito, sinto-me emocionado quando assisto a algum concerto da mesma e para a Mamarrosa e concelho dá-lhes muita publicidade porque corre o País do norte a sul e assim dá a conhecer o nome da Freguesia da Mamarrosa e Concelho de Oliveira do Bairro.

5. Tem sentido dificuldades no cargo que exerce? Diga quais, fale delas pormenorizadamente, ao mesmo tempo que pode dizer como tem tentado ultrapassá-las. Concretize com factos, se for possível.

- Não tenho qualquer dificuldade no cargo que exerço, devido a que o meu cargo é muito secundário; não sou eu a resolver os problemas, se existissem, mas não tem havido dificuldades nesse sentido.

6. Que iniciativas tem tomado e qual lhe parece a melhor maneira de alcançar para a Banda cada vez mais prestígio, o que todos desejamos?

- É necessário trabalhar o mais possível e concorrer para o angariamento de fundos monetários, que sem dinheiro é difícil para a Direcção conseguir os objectivos que se propõe.

7. Diga tudo o que quiser sobre os seus planos e objectivos.

- Os meus planos tendem a poder colaborar em tudo o que me for possível para o maior engrandecimento da Associação, na qual a Banda está inserida.

8. Como pensa que se pode melhorar ainda mais a Banda e quais os obstáculos mais difíceis de transpor?

- Mais verbas das autoridades do nosso Concelho e da Junta de Freguesia que têm colaborado no possível, mas a Associação queria sempre mais, pois os obstáculos são muitos e sempre difíceis: instrumentos, fardas e outros, pois material humano há. É preciso disciplina e isso parece que há; pois temos um maestro capaz e muito responsável; por aí não há dúvida, merece o apoio de toda a Direcção e da Freguesia.

9. Tem sentido apoio da parte dos outros dirigentes, do maestro e dos elementos executantes? A este respeito refira o que quiser.

- Total colaboração de dirigentes, do maestro e executantes; não tenho qualquer reparo a fazer neste sentido.

10. Das diversas actuações da Banda, quais o têm sensibilizado mais e porquê? Explique, e, se possível, ilustre com qualquer episódio ou acontecimento.

- Fiquei muito sensibilizado quando da actuação no Concerto da Páscoa onde entraram os músicos novos e na Festa de S. Sebastião no concerto com a Banda "A da Gorda", no dia um de Agosto de 1999, em que a gente não se cansava de ouvir e pedia mais uma. A Banda para mim é grande.

biblRIA

Cúpulas da Associação em 2001

Como já se disse, o senhor Afonso Dias Libório deixou o seu lugar de Presidente da Direcção, em 12 de Outubro de 2000, ficando desde então em exercício, o vice–Presidente, o senhor Professor Manuel Augusto Costa.

Entretanto, em 18 de Fevereiro de 2001, foram eleitos os novos Órgãos Sociais da Associação Beneficente, Cultura e Recreio, cuja lista se junta a seguir.

Direcção
Presidente – Arsélio Manuel de Oliveira Domingues Canas
Vice – Presidente – Mário Silva Bernardo
Tesoureiro – António Maia Cravo
1º Secretário – Regina Maria Silva Bicho Alves
2º Secretário – Licínio Tavares Gomes Dias
Vogais – Augusto da Silva Claro
Plácido Vieira Simões Carriço
Adérito de Jesus Tavares

Mesa da Assembleia Geral
Presidente – Mário Rui Reis Mota
1º Secretário – Mário Jorge Martins Alves
2º Secretário – Adelino Martins Pereira

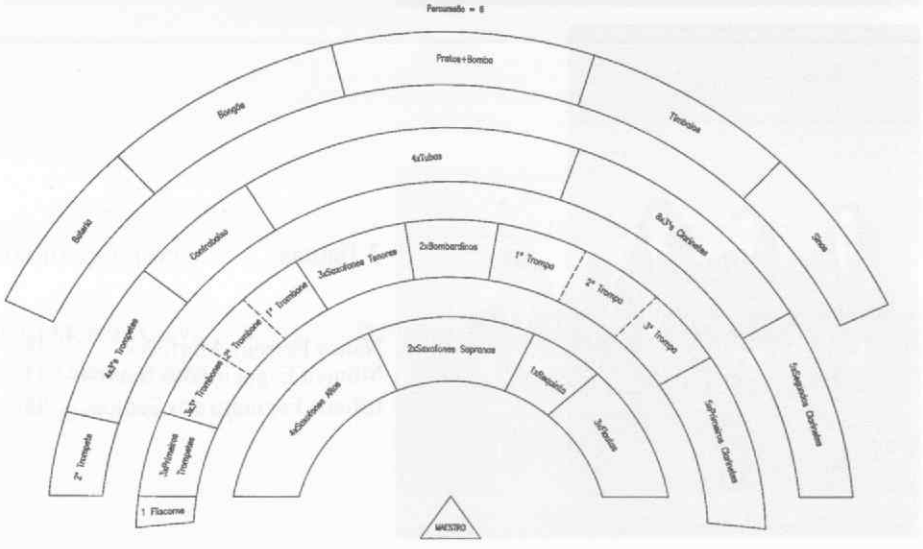
Conselho Fiscal
Presidente – Eugénio Tavares Silva Pereira
1º Vogal – Mário da Silva Cravo
Fernando Manuel Reis Pires
Suplente – Manuel Fernandes Timóteo

bibRIA

ANO 2000 – BANDA ACTUAL

Presentemente, a Banda é constituída por 59 elementos activos, dos 9 aos 61 anos. Com a colaboração do maestro Jorge Paulo Margaça (que sempre se tem mostrado disponível para nos ajudar), apresentamos, primeiro a foto e a seguir o esquema da Banda em palco.

biblRIA



E vamos agora mostrar a Banda por "naipes" de instrumentos.

Nas fotos referimos cada músico sempre da esquerda para a direita e todos seguidos da respectiva idade (As idades dos elementos da Banda, tanto nos naipes, como nas fichas, referem-se na grande maioria, a 1999).

4 saxofones altos:

Mário Jorge Martins Alves - 22
João Manuel Ferreira Martins - 14
Tiago de Oliveira Cravo - 10
Bruno Rafael Bicho Alves - 9

2 saxofones sopranos :

Lúcia Susana Vieira Pato - 17
Fátima Dayana Fernandez - 15

3 flautas:

Nancy Ferreira Martins - 18
Mónica Esgueira dos Santos - 13
Liliana Esgueira dos Santos 13

1 fliscorne:

Arsélio Domingues Canas 33

7 trompetes:

Em cima

Ricardo Emanuel S. Alves 19

Pedro Pacheco Tavares 17

Rui Filipe da Silva Pereira 18

Em baixo

Leandro Vicente Ferreira Claro 9

Tiago Filipe dos Santos Martins 9

Diogo da Rocha Canas 8

(Falta na foto Pedro R. Gonçalves 12)

5 trombones:

Nuno Gabriel Alegre Lopes 18

Sérgio Gala da Ponte - 18

Alexandre Filipe Vieira Pato 12

Hugo Santos Silva - 11

Vítor António Tavares Ferreira 11

bibRIA

3 saxofones tenores:

Manuel Moreira Cravo 35

Daniel da Silva Oliveira 15

Nuno Miguel Aires Carriço 16

2 bombardinos:

Jorge Dinis da Silva Pereira 22
Bruno Alexandre Tavares 11

3 trompas:

Luís Carlos da Silva Tribuna 17
Sofia Areosa Oliveira 11
(Falta na foto Paula C. Reis 19)

biblRIA

18 clarinetes:

De pé, atrás

Amélia Paula Jesus Forte - 13
Soraia de Oliveira Seixas - 11
Sónia Areosa Oliveira - 14
Nataly Marques Silva- 14
Gustavo de Oliveira Bernardo - 13
Marisa Cravo - 14
Marta Sofia Pereira- 13

Sérgio da Silva Neves - 17
Sofia Pires - 14
Joana Catarina Simões - 16

Sentados, em baixo

Cátia Emanuel Ferreira- 16
Letícia Sofia Martins Nogueira - 12
GustavoMartins Rodrigues - 13
Rosa Margarida Moita Moreira - 11
Susana Vieira Pires - 8
Liliana da Silva Tribuna - 11
(requinta) Inês M. Rodrigues 10
Richard Adams Carvalheira - 13
(Falta na foto Susana R. Reis - 20)

4 tubas:

Álvaro Domingues Canas - 61
Pedro Miguel Carvalho Martins - 19
Nuno Gabriel de Jesus Pires - 28
contrabaixo - Adérito Tavares - 29
(falta na foto – Paulo Vieira)

5 de percussão:

Bateria: Gustavo Vieira Oliveira - 14
Bombo: António Maia Cravo - 37
Pratos: Nuno Migue Luzio - 11
Tímpanos: Ricardo Santos: 10
Sinos: Sérgio Alexandre Silva - 16
(Falta na foto - Luís Pires Ferreira 21)

bibRIA

A Banda infantil apresentou-se no concerto do dia 25 de Abril, com 37 elementos

Contramestre – Mário Jorge Alves - 22

Fazem parte desta mini - Banda:

5 trompetes:	Pedro Gonçalves -	12
	Leandro Vicente Ferreira Claro -	9
	Diogo da Rocha Canas -	8
	Tiago Filipe dos Santos Martins -	9
	Fábio -	8
3 saxofones altos :João	Manuel Ferreira Martins -	14
	Tiago de Oliveira Cravo -	10
	Bruno Rafael Bicho Alves -	9
1 saxofone soprano:	Fátima Dayana de Oliveira Fernandez -	15
2 saxofones Tenores:	Nuno Miguel Aires Carriço	16
	Daniel da Silva Oliveira	15
1 bombardino:	Bruno Alexandre de Almeida Tavares	11
3 trombones:	Alexandre Filipe Vieira Pato -	12
	Hugo Santos Silva -	11
	Vítor António Tavares Ferreira -	11
3 trompas:	Sofia Areosa Oliveira -	11
	Miguel -	
	Dário -	
2 flautas:	Mónica Esgueira dos Santos-	13
	Liliana Esgueira dos Santos -	13
4 percussão:	Ricardo Santos -	10
	Nuno Miguel de Oliveira Lúzio -	11
	Gonçalo -	
	Tiago Filipe –	
1 requinta:	Inês Martins Rodrigues -	10

bibRIA

13 clarinetes:	Marisa Cravo -	14
	Sofia Pires -	14
	Liliana da Silva Tribuna -	11
	Sónia Areosa Oliveira -	14
	Nataly Marques Silva	14
	Amélia Paula Jesus Forte -	13
	Richard Adams de Oliveira Carvalheira -	13
	Gustavo de Almeida Bernardo -	13
	Soraia de Oliveira Seixas -	11
	Susana Vieira Pires -	8
	Letícia Sofia Martins Nogueira	12
	Rosa Margarida Moita Moreira	11
	Gustavo Martins Rodrigues	13

Na Banda há ainda:

Grupo de 10 clarinetes

De pé , atrás:
Soraia de Oliveira Seixas 11
Sónia Areosa de Oliveira 14
Sofia Pires 14
Joana Catarina Figueira Simões 16
Sérgio da Silva Neves 17
Em baixo, sentados:
Nataly Marques Silva 14
Liliana da Silva Tribuna 11
Amélia Paula Jesus Forte 13
Gustavo de Almeida Bernardo 13
Marisa Cravo 14

bibRIA

Quarteto de trompetes

Ricardo Emanuel Alves 19
Rui Filipe da Silva Pereira 18
Pedro Manuel Pacheco Tavares 17
Pedro Roberto Gonçalves 12

Sexteto de sopro

Saxofone tenor:	
Daniel da Silva Oliveira	15
Saxofone alto:	
João Manuel Martins	14
Clarinetes:	
Richard Adams	13
Marta Sofia Pereira	13
Flautas:	
Liliana Esgueira	13
Mónica Esgueira	13

Embora paralelamente haja outros estímulos e aliciantes, foi o gosto pela Música que atraiu a grande maioria dos nosso executantes como o afirmam : Gustavo Almeida (13 anos) ou o outro Gustavo, o Vieira (14 anos), o Adérito Tavares (29 anos), Pedro Gonçalves (12 anos), Susana Vieira (8 anos), Sérgio Silva (16 anos), Amélia Forte (13 anos), Alexandre Pato (12 anos), Pedro Martins (19 anos), Sofia Pires (14 anos), João Martins (14 anos), Daniel Oliveira (15 anos), os dois irmãos António Maia, de 37 anos e Manuel Moreira Cravo, de 35 anos, Richard (13 anos).

bibRIA

Muitos têm ou tiveram músicos na família: avô, pai, tio, irmão ou primo que noutras épocas engrossaram as fileiras da Banda da sua terra.

Uma grande percentagem dos actuais executantes adora os despiques entre as Bandas. Igualmente, alguns deles sonham tornar a actual carreira musical numa via profissional, estando quase uma dezena deles no Conservatório. Regra geral , acham o ambiente entre os colegas, bom e o senhor Álvaro Canas, o músico mais antigo (e com 61 anos), diz que "Há 45 anos que toco e nunca me zanguei com qualquer colega. E passaram várias dezenas pela Banda e todos me respeitam".

E todos, olhos postos no futuro, estão cheios de vontade para fazer pela Banda o melhor que puderem.

Apenas uma meia dúzia de executantes não frequenta qualquer estabelecimento de Ensino, estando esses já lançados no mundo do trabalho; e só cinco são casados; todos os restantes estudam (pelo menos sete no ensino superior), o que quer dizer que ainda estão a caminho de alcançar uma formação académica para depois ingressarem numa futura via profissional.

Trata-se, pois, de uma Banda jovem, culta, promissora, em que se misturam idades, desde os 8 anos ao 61 anos, diferentes níveis escolares, interesses diversos, tendências, aptidões, múltiplas características individuais, num amálgama convergente de objectivos bem definidos e específicos: fazer arte, construir e distribuir cultura, como aliás dizem muitos dos seus elementos.

bibRIA

O maestro actual (cuja ficha juntamos) tomou conta dos destinos da Banda, em 24 de Abril de 1998.

Havia então 41 executantes, mas surgindo certas dificuldades de adaptação ao novo ambiente , alguns elementos acabaram por sair.

Quando faleceu o senhor Álvaro Ferreira (1996), a pedido do senhor Plácido, ficou Orlando Pato a ensinar os meninos, tanto aqui, como em Amoreira da Gândara. E continuou até 1998, vinda do actual maestro. Mas não havia a necessária motivação e as crianças eram sempre muito poucas; todavia alguns dos actuais músicos aprenderam com ele, com o senhor Professor Orlando. Contudo, sem estruturas adequadas, tudo se ficou, em parte, por iniciativas válidas, mas esporádicas e transitórias, sem o verdadeiro suporte de uma continuidade efectiva...

E sem uma autêntica escola onde se aprenda Música, não se podem formar executantes, não pode haver horizontes de futuro.

Quando o actual maestro pensa na Escola de Música que arranca logo em Maio de 98, aparecem apenas uns 8 ou 9 meninos. Mas em breve aumenta imenso a sua frequência, de tal modo que na Páscoa de 1999 atinge já 45.

E há 14 alunos preparados que vão engrossar as fileiras da Banda. São:

2 flautas;
4 clarinetes;
3 saxofones;
1 trompete;
1 trombone;
1 trompa;
1 bombardino;
1 de percussão;

bibRIA

Presentemente, ano 2000, os alunos são em número de 39 na aprendizagem de instrumentos, mas só em formação musical básica há 50 inscritos. Esta situação implica, como facilmente se compreende, uma grande movimentação de músicos já considerados feitos que têm de assumir uma outra função – a de monitores, junto dos jovens aspirantes a músicos. Por isso, se assiste a um esquema didáctico em que vários jovens ensinam outros mais novos, numa sublime missão de transmitirem o que sabem. Ao mesmo tempo, tentam guiar e entusiasmar os seus aprendizes no descodificar necessário de todo o mecanismo que envolve a arte dos sons e o manejo e domínio perfeitos de um instrumento.

Bem entendido que, por trás de todo este funcionamento, está o maestro Jorge Paulo Margaça (apoiado pela Direcção da Associação) que aliás também intervém directamente na disciplina de Formação Musical e no ensino de dois instrumentos.

Da Escola de Música já o ano passado foi também apresentada uma mini-Banda infantil na altura do concerto da Páscoa.

Essa Banda dirigida pelo maestro e pelo contramestre Mário Jorge Alves voltou a mostrar o seu valor ainda agora no concerto da Páscoa, no dia 25 de Abril de 2000. (ver foto, pag. 475)

Como vemos nas fotos, além desta pequena Banda, há ainda um quarteto de trompetes dirigido por Ricardo Alves, um grupo de clarinetes da responsabilidade de Sérgio Neves e um sexteto de sopro que dirige o maestro Paulo Margaça.

biblRIA

Dada a constante mobilidade e crescente acesso de jovens a novas inscrições, tanto na Banda como na Escola de Música, não temos fichas correspondentes a todos os executantes.

Identificação:

Nome: *Jorge Paulo Margaça Domingues*

Cargo que exerce: *Maestro*

Idade: *27 anos*

Grau de Escolaridade: *Curso Superior de Música, área de Trompete e direcção*

Profissão: *Músico profissional, Professor de Conservatório nas áreas do trompete e música de Câmara (Orquestra)*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Esgueira – Aveiro*

1. Breve resumo do seu currículo.

Curso superior de Trompete e música de Câmara. Professor de Trompete e música de Câmara nos conservatórios de Música de Aveiro, Coimbra, Regional de Coimbra, David de Sousa na Figueira e do Colégio São Teotónio (Coimbra). Participação regular nas Orquestras de Câmara de Aveiro e Orquestra de Metais e Percussão do Porto. É orientador do "Ensemble" de Trompetes do Centro.

biblRIA

2. Razões que o levaram a aceitar o cargo de Maestro na Banda da Mamarrosa.

Foi principalmente atendendo ao apreço e consideração pelo presidente da Direcção, senhor Afonso Libório, que me fez o convite. Por esta razão e também pela afinidade que tenho com esta Banda; dela fiz parte como músico durante 12 anos; numa altura difícil que a Banda atravessava, eu não pude dizer que não. Não me arrependo de ter prejudicado alguns Projectos pessoais que estavam em curso, para vir.

3. Que afinidades julga ter com a Banda?

Como referi, fui elemento da Banda durante 12 anos, durante os quais criei laços de amizade. Mamarrosa é a minha terra, onde nasci, e onde obviamente conheço o seu povo.

4. O que representa ela para si?

A Banda da Mamarrosa representa o fruto de um árduo trabalho em conjunto que, neste momento, pode com orgulho levar o nome da freguesia e do concelho a todos os lugares, tal como já o provou.

Além do trabalho exigido, também proporciona momentos de lazer, pois permite um convívio saudável entre todos os elementos (músicos, maestro, Direcção e o povo).

5. Quando começou neste cargo? E desde então que satisfações já teve' e dissabores? Quais o têm tocado mais? Diga o que lhe parecer.

Comecei neste cargo a 24 de Abril de 1998. Tendo algumas satisfações, tais como: a confiança depositada em mim pelos elementos da Direcção; a criação da Escola de Música, que julgo estar a ter sucesso; uma grande amizade e união entre os músicos e eu próprio.

Dissabores? A situação era difícil e até anómala. Na minha opinião, a situação foi controlada a tempo, mas para tal, tive que tomar decisões muito bem pensadas e difíceis, mas com o apoio da Direcção, consegui dar alguma identidade e uma forma própria à Banda (julgo eu).

6. Que objectivos espera alcançar durante a sua regência como maestro?

Propus-me em quatro anos e meio colocar a Banda da Mamarrosa num patamar muito considerável. Para tal, a Escola de Música é juntamente com alguma mudança de mentalidade, a prioridade para tal acontecer.

bibRIA

7. Sente-se realizado nesta função? Escreva o que sentir a este respeito.

Não é uma situação nova. Fui contra - mestre na Banda Ramaldense (Porto) e maestro durante 1 ano na Banda de Paredilhó, da qual guardo boas recordações e só a Banda da Mamarrosa me fez entregar a um colega este Projecto que estava e está a ter sucesso.

É um cargo que exige bastante trabalho e dedicação; ocupo-me cerca de 5 a 6 horas por dia com a Banda da Mamarrosa; não faço por sacrifício, mas sim por gosto. Ser músico, professor e maestro é a minha profissão, tenho sorte de fazer o que gosto.

8. O que é para si uma boa actuação da Música?

Para além das condições de actuação, que deverão ter uma boa acústica, espaço, iluminação, condições para os espectadores etc... Uma boa actuação é quando conseguimos transportar para um concerto, todo o trabalho que fizemos nos ensaios.

9. Tente explicar o que sente quando os executantes realizam em pleno (ou quase) o que planificou para uma determinada actuação. Tente transmitir no papel o que

pensa e sente nessas ocasiões.

Tudo isto é muito relativo. Por exemplo, há cerca de meio ano fiz um bom concerto com a Banda da Mamarrosa e não estava satisfeito, estava até triste. Duas semanas depois, a Banda fez outro concerto com o mesmo nível e aí sim, eu estava realmente satisfeito. Só ficamos satisfeitos quando pressentimos que há união, que todos dão o que têm e o que podem. Assim, conseguimos melhorar semana após semana, isto sim, deixa-me satisfeito.

10. Desanima com facilidade ou às vezes um fracasso ou até mesmo o falhanço, são pelo contrário, motivos para recomeçar com mais garra, entusiasmo e persistência até atingir, mesmo com sacrifício, o que se tinha proposto?

Nunca desanimo. Tudo o que faço é, ou pelo menos tento que seja, muito bem reflectido e planeado (por isso, dedico tantas horas por dia à Banda). Quando as coisas não correm como queremos, então tenho que repensar e ver onde esteve a falha e resolvê-la da melhor maneira e o mais rápido possível. Pois falhas todos nós podemos ter, o mais importante é reconhecê-los e tentar solucioná-las.

bibRIA

11. A propósito, quais as principais qualidades que deve ter um maestro?

Na minha opinião, para além dos conhecimentos musicais, deve ser músico profissional e ter estudado direcção musical. Mas a principal qualidade é o aspecto humano, o aspecto pedagógico. Numa Banda como a nossa, eu procuro ser mais professor do que maestro (pois a Banda é muito jovem).

12. Julga-se um bom maestro?

Penso que não devo ser eu a opinar sobre este aspecto. Estudei e continuo a estudar para continuar a aprender e a aperfeiçoar-me. Em um ano e meio as pessoas já devem ter alguma opinião a meu respeito.

13. De que depende um bom trabalho de maestro? Escreva o que entender, referindo os principais factores intervenientes nesse processo de aperfeiçoamento.

O bom trabalho do maestro depende da sua própria dedicação, depende do apoio da Direcção; e, claro está, da conquista da confiança dos músicos.

14. E na convivência com os vários executantes de uma massa tão variada e heterogénea (em idades, aptidões, interesses e motivações, grau de escolaridade e sensibilidade), como pensa que se deve actuar? Como faz para conseguir os melhores resultados?

Procuro ser amigo de todos os músicos. Tratá-los, todos eles, da "mesma forma". Ser honesto e ser directo para com eles. Procuro encaminhá-los e estar o mais perto deles possível; tento conhecê-los o melhor que puder; todos merecem o mesmo respeito e a mesma forma de tratamento, mas todos eles têm formas de ser diferentes.

15. Fale de alguma estratégia que costume utilizar e que julga de resultados positivos.

A principal arma para se ter sucesso é a Escola de Música. O sucesso da escola de música repercute-se no sucesso da Banda.

16. Ser maestro de músicos já mais ou menos considerados "feitos" ou de crianças ainda no começo da aprendizagem, deve ser muito diferente. Escreva a este respeito o que lhe parecer de interesse. (Dificuldades na relação com os mais velhos e com os mais novos, processos de actuar num e noutro caso).

Devo confessar que me sinto à vontade com os músicos mais novos; são mais frontais e, talvez, pela veia de professor, dá-me prazer vê-los crescer e serem cada vez melhores. No entanto, penso que a única forma de conciliar os mais velhos com os mais novos, é tentar ser amigo, honesto e frontal com todos eles.

17. Quais as maiores dificuldades que tem enfrentado (a nível de pessoas, de colaboração material, de reacções dentro e fora da Banda) e como as tem resolvido?

Vim encontrar a Banda numa situação crítica, num momento em que tinha saído o maestro e cerca de 15 músicos, em que cada actuação que faziam, (falo pelo que me contaram), era um desastre e muitas festas eram perdidas. Sabia, pois, que ia encontrar uma Banda "destruída", mas penso que com todo o apoio dado pelo presidente e direcção (a anterior e a actual) e como fruto de união existente entre os músicos, tem-se conseguido ultrapassar as dificuldades.

biblRIA

18. Que projectos de futuro tem para a Banda e como pensa concretizá-los?

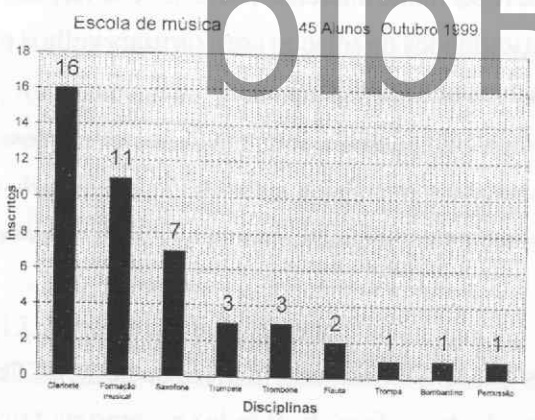
Continuar a apostar na Escola de Música e na formação e constante desenvolvimento dos músicos mais novos. Tentar levar a Banda a um nível muito bom e considerado a nível nacional e acredito que é possível.

19. E quanto à escola de música, fale do seu funcionamento, quantos alunos tem, como de divide e individualiza o trabalho, instrumentos mais estudados – (por imposição ou por gosto). Se possível, apresente, por favor, um gráfico de aproveitamento, de acordo com os vários instrumentos ensinados.

A Escola de Música funciona por vários níveis (iniciação, básico e complementar) e tem 3 disciplinas (formação musical, instrumento e música de conjunto); actualmente temos:

- *flauta: 2 alunos*
- *saxofones: 7 alunos*
- *percussão: 1 aluno*
- *clarinete: 16 alunos*
- *trompas: 1 aluno*
- *Bombardino: 1 aluno*
- *trompete: 3 alunos*
- *trombones: 3 alunos*

Só em formação musical (iniciação), temos 11 alunos. Temos um total de 45 alunos. A escola de música tem a leccionar:



5 - professores de formação musical
6 - professores de clarinete
1 - professor de flauta
2 - professores de saxofone
2 - professores de trombone
1 - professor de trompa
1 - professor de bombardino
2 - professores de percussão

20. É difícil ou fácil arranjar e executar novas peças musicais? Que diligências costuma tomar para ir renovando o repertório?

É de facto difícil arranjar novas e diferentes peças. Sou cliente de casas de Música na Espanha, França, Inglaterra e Estados Unidos. É de lá que encomendo a maior parte das obras.

bibRIA

21. Segundo o seu parecer, quais as peças que costumam fazer mais sucesso? Fale deste aspecto em relação ao meio em que essas peças mais agradam e tente explicar o porquê?

O repertório ligeiro é sempre o mais apreciado, não só pelos músicos, mas também pelo público. O repertório clássico também costuma ser muito apreciado, principalmente nas tomatias do Norte de Portugal.

22. Como se pode definir uma Banda Filarmónica e em especial esta da Mamarrosa? Descreva a sua composição e ordenação, relativamente aos diversos instrumentos ali tocados e não esquecendo de anotar a quantidade (e até normas, se possível) dos diversos executantes de cada naipe, (era óptimo se pudesse ilustrar com um esquema ou gráfico).

É uma Banda Juvenil que tem uma margem de evolução enorme. É composta por 47 músicos. Há vários tipos de ordenação. Eu próprio, já utilizei outro tipo de ordenação numa outra Banda. No entanto, penso que neste momento é a melhor ordenação possível. Esta é a ordenação "clássica"; é a mais usual.

(Obs: - Ver esquema, na página 471 - Banda Actual - Ano 2000)

bibRIA

23. Diga mais o que achar de interesse, referindo-se, se assim o entender, às últimas actuações.

Para além do desenvolvimento dado aos músicos da Banda em ano e meio, a Escola de Música "criou" 20 novos músicos para a Banda. Está a dar os primeiros passos a "Banda da Escola de Música" com mais de 30 elementos.

Agosto de 1999

bibRIA

QUESTIONÁRIO OU FICHAS AOS EXECUTANTES (POR NAIPES)

biblRIA

bibRIA

Saxofones

Nome: *Mário Jorge Martins Alves*

Idade: *22*

Grau de escolaridade: *2º ano Universitário (frequência)*

Formação musical e como a adquiriu: *8º grau do Conservatório de M. Aveiro*

Filho de: *Mário da Conceição Alves e de Maria Alice da Conceição Alves*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua Quinta do Gordo n.º 16 3770-036 Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- *Encontro-me na Banda porque gosto, ou seja, na Banda aprendemos a conviver com todo o tipo de pessoas, mas a principal razão é o gosto pela música, aquilo que ela nos transmite e o que conseguimos transmitir através dela.*

bibRIA

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *O meu pai "Mário Alves" que ainda guarda uma medalha que lhe foi oferecida no aniversário desta Banda em 1966, conjuntamente com uma fotografia desta data, com os respectivos elementos. Fala-me às vezes como eram feitas as viagens para as tomatias.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *O objectivo que pretendo atingir é tocar cada vez mais e aprender com os mais velhos que andam lá.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *Representa um pedaço da minha vida, visto que entrei para ela há 14 anos, ou seja, com apenas 8 anos.*

4. O que representa para si?

- *A Banda é um espaço de lazer, aprender e conviver.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *O ambiente entre colegas é bom e vizá a ser melhor com o passar do tempo.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *O que mais gosto é o convivet proporcionado por todos. O que me aborrece é a pouca cooperação da população.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Não tenho preferência porque o que gosto é de fazer música.*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *O que mais me sensibiliza em algumas actuações é o facto de haver pessoas que fazem as coisas por gosto e não pelos dividendos que podiam vir a ter.*

bibRIA

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Muitos episódios poderia contar, mas pouco iria conseguir transmitir.*

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Saxofone Alto; escolha minha por causa da paixão pelo timbre que ele irmana e sua arquitectura.*

11. Que é para si esse instrumento?

- *Para mim é um instrumento único, pois tem vários na família Saxofone (Sopranino, Soprano, Alto, Tenor, Barítono, Contrabaixo e Baixo) e que tem que se ter uma técnica excelente; é um instrumento em que entra todo o estilo musical, mas em especial o jazz.*

Nome: *João Manuel Ferreita Martins*

Idade: *14*

Grau de escolaridade: *7º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Com a Banda*

Filho de: *Manuel das Neves Martins e de Maria Fernanda da Silva Ferreita*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteito*

Morada: *Rua do Cabeço n.º 9 3770-033 Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda:

- *Porque eu gosto muito de lá estar e tocar.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não*

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Continuar lá para tocar e ser um dia professor de música.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *A Banda para mim é um passatempo em que gosto muito de tocar o meu instrumento.*

4. O que representa para si?

- *Um bom divertimento com os meus colegas.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Bom*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto de tocar, falar com colegas, porque eu gosto muito do senhor professor Maestro e ensina bem.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Na minha terra e tocar para outros lados, porque nos outros lados vou conhecer pessoas e na minha terra já conheço também muita gente.*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Foi na festa da Mamarrosa em Agosto de 1999, porque participei numa Banda de que gosto muito.*

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Nenhum.*

- Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Eu toco Saxofone alto e fui eu que escolhi, porque gosto muito daquele instrumento.*

- Que é para si esse instrumento?

- *Muito valioso.*

bibRIA

Nome: *Lúcia Susana Vieira Pato*

Idade: *17*

Grau de escolaridade: *Candidata à Universidade*

Formação musical e como a adquiriu: *Aprendi com o Sr. Álvaro Ferreira. Já estive na escola de música.*

Filho de: *Artur dos Santos Oliveira Pato e de Maria Vieira Lebre Pato*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua da Banda Filarmónica da Mamarrosa, n.º 39 3770-033 Mamarrosa.*

1. Razões por que está na Banda:

- *Toda a minha família é uma família de músicos. Para não deixar "morrer a tradição",*

aos 10 anos decidi aprender música e neste momento não estou arrependida. Gosto de aprender, é como uma segunda família. O ambiente é agradável.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *A Banda foi fundada pelo meu bisavô, Jaime de Oliveira. O meu avô paterno pertenceu à Banda durante muito tempo, assim como alguns dos meus irmãos. O meu pai pertenceu, mas durante pouco tempo. Neste momento eu e o meu irmão fazemos parte do grupo, isto é, da Banda.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Pretendo continuar a aprender música. Neste momento lecciono na escola de música da Banda, formação musical. Dou iniciação aos meninos mais reguilas que teimam em aprender a tocar um instrumento.*

bibRIA

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *A Banda é um local onde me encontro com vários dos meus amigos. É um local de convívio, mas o trabalho é indispensável.*

4. O que representa para si?

- *Um local onde me sinto bem, onde sei que posso contar com as outras pessoas.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *É um bom ambiente. De vez em quando há alguns desentendimentos, mas, nestas associações nem tudo pode correr bem.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto dos convívios e de todos os momentos em que "a união faz a força". É nestes momentos em que a ajuda de todos é fundamental. Não existem vedetas. Infelizmente há alturas em que alguns gostam de ser superiores. Nestas associações existem pessoas que "adoram estragar o trabalho dos outros".*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *São locais diferentes. Na nossa terra, neste momento, já existe algum apreço pela Banda e felizmente tende a aumentar. Quando estamos noutros lados, levamos a nossa música, as nossas tradições, a nossa terra. É fantástico receber o calor das palmas e saber que gostam de nos ouvir, a dezenas de quilómetros da nossa terra.*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Num serviço do Norte, a despique com outra Banda, conseguimos que formassem uma claque à nossa Banda, com cartazes com o nome do maestro. O calor contagiante das palmas de todos os que nos rodeiam é fantástico.*

9- Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Saxofone soprano. Quando decidi entrar para a Banda, não tinha nenhum instrumento que gostasse mais. Tentei tocar soprano, gostei. Já alguns anos depois de estar na Banda, perguntaram-me se queria tocar flauta transversal; eu não quis. Afeiçoei-me ao soprano.*

bibRIA

10- Que é para si esse instrumento?

- *É um instrumento de que gosto. Não é muito usual, mas a nossa Banda já há algum tempo que o tem.*

Nome: *Fátima Dayana de Oliveira Fernandes*
Idade: *15*
Grau de escolaridade: *8º ano*
Formação musical e como a adquiriu: *Escola de Música da Banda*
Filha de: *Manuel Fernando de Oliveira Santos e de Maria Isabel Fernandes Vieira dos Santos*

Profissão: *estudante*
Estado Civil: *solteira*
Morada: *Rua do S. João, Fontão – Sôsa, Vagos*

1. Razões por que está na Banda:

- *Porque é do meu interesse e gosto muito.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Tocar o melhor possível.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *É uma Banda muito boa, em termos de amigos são todos únicos, mas o que conta não é só a Banda ser toda unida, mas também colaboradora e toca muito bem*

4. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Bom.*

bibRIA

5. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Tocar ao Sol é do que gosto menos. Tocar nas atuadas é do que gosto mais.*

6. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Não só tocar na "nossa" terra, mas também noutros lados porque ficamos a conhecer outras pessoas e sítios magníficos.*

7- Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Saxofone soprano; foi-me imposto, porque não tinha a menor ideia daquilo que iria tocar.*

8- Que é para si esse instrumento?

- *Para mim é um instrumento de trabalho.*

Nome: *Manuel Moreira Cravo*

Idade: *35*

Grau de escolaridade: *7º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Foi adquirida com o senhor professor Orlando*

Filho de: *Manuel Simões Cravo e de Maria Judite Moreira (falecida)*

Profissão: *Industrial*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Povoa de Bustos*

1. Razões por que está na Banda:

- *Porque é uma forma de estar na vida; o meu tempo livre assim estará ocupado, com um bom motivo que será a música.*

1.1- Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não*

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Fazer ou dar o meu melhor pela Banda de Música.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *A Banda para mim é uma boa razão de estar nesta colectividade.*

4. O que representa para si?

- *Para mim representa um clima saudável.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *O ambiente é óptimo.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Nada me aborrece*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Em qualquer lado.*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *É a hospitalidade das pessoas onde nos deslocamos.*

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Foi uma actuação na Palhaça em que o palanque cai com alguns músicos que estavam a fazer um concerto.*

10- Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Saxofone tenor; escolhi-o*

11- Que é para si esse instrumento?

- *O instrumento para mim é como outro qualquer.*

bibRIA

Nome: *Daniel da Silva Oliveira*
Idade: *15*
Grau de escolaridade: *10º ano*
Formação musical e como a adquiriu: *Banda*
Filho de: *António Ferreira de Oliveira e de Ana Maria da Silva Santos Oliveira*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteiro*
Morada: *Rua da Caneira, 69 Caneira- Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda:

- *Porque gosto muito de música e do instrumento que toco.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Ninguém, a não ser primos.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Ser um grande saxofonista.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *A Banda é um grupo de malta nova em que todos gostam de música.*

4. O que representa para si?

- *É uma actividade extra-curricular.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Fixe.*

bibRIA

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto dos serviços e não me aborreço com nada.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Noutros lados, porque na nossa terra eu fico muito nervoso.*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Actuação em S. João D'Arga.*

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Nenhum.*

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Saxofone tenor, mas fui eu que o escolhi.*

11- Que é para si esse instrumento?

- *É a minha prenda de Natal de 1999.*

Nome: *Nuno Miguel Pires Cattiço*

Idade: *16*

Grau de escolaridade: *11º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *na Banda*

Filho de: *Plácido Vieira Simões Cattiço e de Elisa Maria Moreira Simões Aires Cattiço*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua do Corgo, n. 4 , Sobreito – Bustos*

1. Razões por que está na Banda:

- *Porque quero aprender música.*

bibRIA

1.1- Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Saber tocar bem saxofone.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *A Banda é um grupo de pessoas que tocam vários tipos de instrumentos e que são ditigidas por alguém em especial, neste caso o maestro.*

4. O que representa para si?

- *Um grupo de amigos com gostos em comum.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *É muito bom.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Eu gosto de tudo, apesar das longas viagens a alguns serviços.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Noutros lados para conhecer novos lugares*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Nada de especial.*

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Não me lembro.*

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Eu toco saxofone tenor e fui eu que o escolhi.*

bibRIA

11- Que é para si esse instrumento?

- *É um objecto com que nos podemos exprimir.*

Nome: *Tiago de Oliveira Cravo*

Idade: *9 anos*

Grau de escolaridade: *4º ano*

Formação musical e como a adquiriu:

Filho de: *António Maia Cravo e de Olinda de Oliveira Francisco Cravo*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Quinta da Gala- Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda:

- *Quero saber mais sobre música e conviver com os colegas.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Saber mais sobre música.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *É uma actividade muito boa em que se convive com os colegas.*

4. O que representa para si?

- *Uma família.*

bibRIA

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Acho que é muito bom, todos os colegas se dão bem.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto de concertos, não gosto de missas nem procissões, porque cansa.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Sair para tocar noutros lados, porque gosto de conhecer terras novas.*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *O concerto de Páscoa.*

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Todos os episódios são dignos de interesse.*

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Saxofone alto, escolhi-o*

11. Que é para si esse instrumento?

- *É onde posso expressar os meus sentimentos.*

Nome: *Bruno Rafael Bicho Alves*

Idade: *9 anos*

Grau de escolaridade: *4º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *2 anos na escola de música da Banda da Mamarrosa*

Filho de: *Paulo Ramalho Alves e de Regina Maria da Silva Bicho Alves*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua 18 de Fevereiro, nº 128 – Bustos*

bibRIA

1. Razões por que está na Banda:

- *Para aprender a tocar saxofone.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Ser profissional de saxofone.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *Tem músicos bons, tem um maestro bom e as músicas agradam-me.*

4. O que representa para si?

- *É muito importante eu começar a aprender a tocar para passear e ter muitos amigos.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Bom, mas ainda gostava de conhecer melhor algumas pessoas.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Do que mais gosto é de tocar, do meu professor de saxofone que é muito bom e do maestro que é excelente. Nada me aborrece.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Gosto mais de tocar noutros lados. Porque gosto de conhecer terras que nunca visitei.*

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Foi em Aldreu (Barcelos). Porque gostei muito da Terra.*

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Quando fui a Aldreu (Barcelos), escorreguei, ao pé do autocarro e rasguei as calças.*

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Saxofone alto. Escolhi-o com a ajuda dos meus pais.*

11- Que é para si esse instrumento?

- *É o meu instrumento preferido.*

bibRIA

Flautas

Nome: *Nancy Ferreira Martins*
Idade: *18 anos*
Grau de escolaridade: *12º ano*
Formação musical e como a adquiriu:
Filha de: *Victor Manuel dos Santos Martins e de Nelly Ferreira Rosa*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteira*
Morada: *Santa Catarina*

1. Razões por que está na Banda.

- As razões que me levaram a estar nesta Banda são o bom relacionamento entre colegas (o que acho extremamente importante), o gosto pelo conhecimento de outras terras e outras culturas e, claro, o gosto pela música.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Objectivos a nível musical? É um caso a pensar, mas por agora o meu único objectivo aqui é aperfeiçoar os meus conhecimentos a nível musical e instrumental. O futuro depois se verá.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda, para além de ser uma boa maneira de alargarmos os nossos conhecimentos a nível musical e cultural, é também uma boa maneira de passarmos os tempos livres.

bibRIA

4. O que representa para si?

- A Banda para mim representa para além do convívio entre colegas, uma boa maneira de aumentar os meus conhecimentos.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Nesta Banda o ambiente entre colegas é bom (e na minha opinião é esse o segredo do bom funcionamento); é que antes de sermos colegas de banda, somos amigos.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que mais gosto é do convívio entre colegas; o que menos gosto é de fazer missas (é uma seca).

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutras terras minhas desconhecidas porque acho interessante o contacto com outras culturas e outros hábitos.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Nas actuações em que já participei até hoje, o que mais me sensibilizou foi a simpatia das pessoas que nos têm recebido (por exemplo, em França).

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- No ano passado a nossa Banda foi pelo primeiro ano a S. João d' Arga. Este "serviço" é conhecido pelos problemas que dá, mas connosco correu tudo bem, devido a uma ajuda mútua e aos esforços realizados por todos os elementos da Banda. Ficámos conhecidos pela amizade que nos une.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Foi-me imposto porque não havia ninguém que tocasse flauta, logo, eu fui voluntarizada à força.

11. Que é para si esse instrumento?

- Este instrumento, para além de ser uma maneira de passar os tempos livres, é também um refúgio aos problemas, uma maneira de aliviar o stress.

bibRIA

Nome: *Mónica Esgueira dos Santos*

Idade: *15 anos*

Grau de escolaridade: *8º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Tive muito bom através do 5º e 6º anos no Colégio e com o maestro da Banda Coral.*

Filho de: *Maria Helena dos Santos Ferreira e de Fernando Esgueira da Silva*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Quinta do Cavaleiro, Rua Direita n.º 4*

1. Razões por que está na Banda.

- Eu estou na Banda porque o antigo maestro aconselhou-nos a entrar e a tocar flauta transversal porque eu gosto de pertencer a uma Banda.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não, ninguém na minha família pertenceu à Banda.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ser professora de flauta transversal.

3. O que representa para si?

- A Banda para mim não é só um conjunto de músicos, mas sim uma união entre os músicos.

4. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre colegas cada vez está melhor; há amizade, há união.

bibRIA

5. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Eu prefiro tocar na minha terra porque não é justo a nossa terra ter uma Banda e nós irmos tocar para uma Banda de fora.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Eu toco flauta transversal. Foi-me imposto tocar flauta transversal pelo antigo maestro porque havia falta de flautistas e deram-me a flauta que hoje tenho.

Nome: *Liliana Esgueira dos Santos*
Idade: *13 anos*
Grau de escolaridade: *8º ano*
Formação musical e como a adquiriu: *Tirei MTB a formação musical e adquiri os meus conhecimentos através do Colégio no 5º e 6º anos e algum tempo na Banda.*
Filha de: *Maria Helena dos Santos Ferreira e de Fernando Esgueira da Silva.*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Quinta do Cavaleiro, n.º 4 Rua Direita- Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- As razões por que estou na Banda são: gosto de participar em actividades, sempre gostei de musica e o professor Victor sempre quis que eu entrasse.

2. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o tio do meu pai. Não sei nada sobre ele.

3. Objectivos que pensa atingir.

- O meu objectivo é continuar a aprender música e chegar a ser professora de flauta transversal um dia.

bibRIA

4. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é uma associação que vai para outros lugares tocar e apresentar música.

5. O que representa para si?

- A Banda é uma actividade que podemos levar para todo o lado e as pessoas gostam da nossa música.

6. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre colegas acho-o óptimo; não podia ser melhor. Como eu sou nova na Banda, acho que todos nos aceitam bem; estou satisfeita.

7. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Eu gosto de tudo, acho que não há nada que eu não goste.

8. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Eu gosto de tocar na nossa terra, mas também gosto de tocar noutros lados; mostrar o que sabemos e a nossa música.*

9. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *O que mais me sensibilizou foram as pessoas, a maneira de ser delas, como nos recebem bem em sua casa.*

10. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *A direcção resolveu fazer um convívio com a Banda; eu achei boa ideia; foi divertido: nessa tarde almoçámos na mata da Vagueira, brincámos lá todos, jogámos ao voleibol, ao futebol e mais. Depois fomos para a praia e alguns foram tomar banho.*

11. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Eu toco flauta transversal; deram-me essa sugestão e eu aceitei, porque sempre gostei de flauta.*

bibRIA

12. Que é para si esse instrumento?

- *É um instrumento bonito e eu gosto.*

Trompetes

Nome: *Arsélio Manuel de Oliveira Domingues Canas*
Idade: *33 anos*
Grau de escolaridade: *Ensino Superior (Bacharel de Eng. Electrónica)*
Formação musical e como a adquiriu: *Músico amador*
Filho de: *Álvaro Domingues Canas e de Maria Selene de Oliveira Costa*

Profissão: *Eng. Téc. Electrónico (Professor do 3º ciclo e secundário)*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Rua da Quinta da Gala n.º 2*

1. Razões por que está na Banda.

- Uma das coisas que sempre me cativou foi o poder "fazer sons, harmonizar diferentes sons". Estar na Banda é para mim a melhor forma de fazer, promover e representar cultura.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- O meu avô, Manuel António Canas, pertenceu à Banda durante 52 anos; tocava Tuba e Violeta nas missas. O meu tio (Amadeu Canas) tocou durante alguns anos na Banda, tocava Saxofone Tenor. O meu pai (Álvaro Canas) toca na Banda há mais de quatro décadas; tocou Trombone, Bombardino e agora Tuba.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ajudar à formação de uma colectividade onde possam coexistir pessoas com diferentes idades e diferentes formações académicas.

bibRIA

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda Filarmónica é quanto a mim, o "Ex. Libris" cultural da Freguesia da Mamarrosa.

4. O que representa para si?

- Sempre dei à Banda um lugar de grande destaque e uma escala de prioridade; só é ultrapassada pela minha actividade profissional.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Neste momento é muito bom. Outros momentos houve em que o ambiente era péssimo.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Do que mais gosto é do convívio entre pessoas de várias idades, vários ideais. Do que menos gosto é do incumprimento de alguns, o que por vezes coloca o conjunto em causa.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar fora da terra, porque isso geralmente traz uma responsabilidade acrescida e, por outro lado, há muita gente da nossa terra que não valoriza o nosso trabalho.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Há cerca de 15 anos, a Banda era composta por muita gente nova e sem grande formação musical. No entanto, quando havia deslocações ao Norte, era regra comum as coisas saírem sempre na perfeição, mesmo quando tocávamos com outras Bandas. Havia uma certa mística...

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Ao longo de 25 anos de actividades musicais, há muitos episódios que se podiam contar, mas é de certa forma impossível fazê-lo aqui, em tão curto espaço.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Hoje toco Fliscorne. Durante cerca de 15 anos toquei Trompete e um dia, num ensaio, o professor Paulo Margaça, então estudante do Conservatório de Aveiro em Trompete, lamentou-se da dificuldade que sentia em tocar Fliscorne na Banda e Trompete no Conservatório e eu em face disso, propus-me tocar com ele. Desde essa altura que toco Fliscorne.

bibRIA

11. Que é para si esse instrumento?

- É um instrumento de som aventurado, muito menos agressivo que o som da Trompete e mais característico dos sons originais das Bandas Filarmónicas.

Nome: *Ricardo Emanuel dos Santos Alves*

Idade: *19 anos, 14/09/80*

Grau de escolaridade: *2º ano do Ensino Superior*

Formação musical e como a adquiriu: *Banda; Conservatório*

Filho de: *Manuel Simões Ferreira Alves e de Maria Cidália Jesus dos Santos Alves*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua da Padaria 3780-011 Amoreira da Gândara*

1. Razões por que está na Banda.

- Em primeiro lugar, pelos amigos que tenho na Banda. Em segundo, pelo facto de gostar de tocar em conjunto.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, já. Um tio e as suas filhas, minhas primas.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Fazer parte da Banda ainda por muito tempo. Ajudar a tornar a Banda melhor.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Actualmente ainda não é uma das melhores da região, mas pode vir a ser dentro em breve.

4. O que representa para si?

- É o meu passatempo número um.

bibRIA

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente é bastante razoável, isto tendo em conta os diversos escalões etários existentes.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto quando a Banda toca em conjunto (como uma equipa), fazendo música. Aborrece-me imenso, quando não tocamos em conjunto; quando não fazemos música.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro sair. Aqui, na Mamarrosa, a maior parte da população não está atenta ao que se passa na Banda, sendo isto reflexo do seu desinteresse.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O carinho que as pessoas nortenhas têm por nós. Para elas uma festa sem uma Banda Filarmónica, não seria uma verdadeira festa. Existem mesmo festas em que se reunem para a actuação de uma Banda.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- No último serviço realizado em S. João d' Arga, um grupo de pessoas dirigiu-se ao maestro (que estava no coreto com os restantes músicos) para lhe pedirem um autógrafo.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco Trompete. Foi um instrumento que me foi imposto de certa forma, pois era o único disponível para eu aprender.

11. Que é para si esse instrumento?

- A minha trompete tem um valor muito especial para mim. Para onde quer que vá, levo-a sempre comigo. No geral, penso que a Trompete é um instrumento aliciante no que diz respeito ao seu domínio e é possuidora de grande versatilidade para os diferentes géneros musicais.

bibRIA

Nome: *Pedro Miguel Pacheco Tavares*
Idade: *17 anos*
Grau de escolaridade: *11 concluído*
Formação musical e como a adquiriu: *2º grau de conservatório*
Filho de: *Madail Augusto Tavares e de Altina Almeida Pacheco*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteiro*
Morada: *Rua dos O. Sociais n.º 3 3770-033 Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Gosto bastante de música.

2. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu itmão e itmã.

3. Objectivos que pensa atingir.

- *Dar aulas de música.*

4. Diga o que entende sobre a Banda.

- *É uma boa Banda.*

5. O que representa para si?

- *Um passatempo.*

6. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Bom.*

7. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto de tocar, mas não gosto quando começam com políticas.*

8. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Tocar fora da terra para conhecer pessoas.*

bibRIA

9. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Não sei.*

10. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Não me lembro de nenhum.*

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Trompete porque o meu pai quis.*

11. Que é para si esse instrumento?

- *É uma forma de exprimir sentimentos através dos sons emitidos.*

Nome: *Rui Filipe da Silva Pereira*

Idade: *18 anos*

Grau de escolaridade: *12º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Tenho o 3º grau do consevatório e até lá, tive aulas de Formação Musical na escola e através de lições orientadas pelo St. Álvaro Ferreira.*

Filho de: *Adelino Martins Pereira e de Maria Graciete Ferreira da Silva*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Caneira*

1. Razões por que está na Banda.

- Estou na Banda essencialmente pelo "amor" à música e pelo convívio entre músicos.

bibRIA

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Tocar com mais Bandas e aperfeiçoar-me na Trompete.

3. O que representa para si?

- A Banda, para mim, teptesenta um corte na vida quotidiana. Um local onde podemos esquecer todos os problemas da semana, divertimo-nos e convivet com os testantes executantes.

4. Como acha o ambiente entre colegas?

- É um ambiente saudável.

5. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Do que mais gosto é travar conhecimentos com outras Bandas, ou seja, despiques.

6. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Depende dos serviços, pois há serviços onde vamos tocar que mais vale tocar na terra.*

7. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *O que mais me sensibilizou foi o facto de poder tocar com outras Bandas.*

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Toco Trompete e fui eu que o escolhi.*

9. Que é para si esse instrumento?

- *Para mim é um simples instrumento, digno de se tocar em Bandas.*

Nome: *Leandro Vicente Ferreira Claro*
Idade: *9 anos*
Grau de escolaridade: *3º ano*
Formação musical e como a adquiriu: *Adquiri a minha formação musical na escola de musica da Mamarrosa, tenho o 1º ano de aprendizagem.*
Filho de: *Augusto da Silva Claro e de Lúcia Tavares Ferreira*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteiro*
Morada: *Quinta do Gordo*

1. Razões por que está na Banda.

- *Estou na Banda para aprender musica.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Sim, o meu tio António, tocava Trompete como eu.*

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Gostava de entrar para o conservatório e um dia vir a ser professor de música.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda para mim significa muito, pois foi com a Banda e com o Maestro que eu aprendi o que sei sobre música.

4. O que representa para si?

- Representa a minha aprendizagem musical.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Eu acho o ambiente entre colegas bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto de tudo e nada me aborrece.

bibRIA

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar na minha terra porque gosto que as pessoas conhecidas me vejam tocar, mas gosto de ir tocar a outras terras.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou, foi em S. João d' Arga porque as pessoas foram fantásticas.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- O episódio que eu achei mais interessante foi em S. João d' Arga, quando fizeram versos ao maestro.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco Trompete. Foi o maestro que escolheu.

11. Que é para si esse instrumento?

- *É com esse instrumento que vou tocando as notas que vou aprendendo.*

Nome: *Tiago Filipe dos Santos Martins*

Idade: *9 anos*

Grau de escolaridade: *4º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *adquirida na Escola de Música da Banda, os conteúdos são os previstos para cada turma.*

Filho de: *Acílio Martins dos Santos e de Maria Lucinda dos Santos Louteiro*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- *Porque gosto de Música.*

bibRIA

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *O meu pai já tocou trompete (é muito fácil)*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Saber quanto mais melhor.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *Para mim é um sonho.*

4. O que representa para si?

- *Um sonho e uma maneira de estar com os amigos.*

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Muito bom.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto dos meus professores e amigos e não me aborrece nada porque é tudo bom na Banda.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Sair para tocar noutros lados porque gosto de ir para a «constituição» e porque são uns «festas» de 1ª classe.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Do que gosto mais num serviço é quando estamos a regressar porque está tudo escuro.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- O meu instrumento é trompete, porque o meu pai tocava-o quando era menor.

10. Que é para si esse instrumento?

- Para mim é um sonho lindíssimo.

bibRIA

Nome: *Diogo da Rocha Canas*

Idade: *9 anos*

Grau de escolaridade: *3º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Escola de Música da Banda*

Filho de: *Arsélio Manuel Oliveira Domingues Canas e de Maria Flor Rocha Ferreira Canas*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua da Quinta da Gala, n. 21*

1. Razões por que está na Banda.

- Gosto muito de Música e porque os meus familiares lá andam.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu pai, o meu avô e o meu bisavô. O pai anda há 25 anos, o avô há 41 e o bisavô pertenceu à Banda 52 anos.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ser um bom músico.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Acho que andar na Banda é muito bom e que as coisas estão cada vez mais emocionantes.

4. O que representa para si?

- Representa uma Instituição para ocupar os meus tempos livres e ao mesmo tempo aprender uma arte: a música.

bibRIA

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre os colegas acho-o muito bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto mais de comer febras nos serviços ao meio dia, isto é, do convívio entre colegas durante as refeições. O que mais me aborrece é levantar muito cedo e quando está calor.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Nas actuações em que já participei até hoje, do que mais gostei foi estar ao vivo na televisão porque apareci na televisão.

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco trompete. Em função das caracterísitcas dos meus lábios, o maestro recomendou a trompete.

9. Que é para si esse instrumento?

- A trompete para mim é um instrumento um pouco difícil de tocar, mas acho que é um instrumento muito bom para o fôlego.

Nome: *Pedro Roberto da Silva Gonçalves*

Idade: *12 anos*

Grau de escolaridade: *7º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *3º ano do conservatório*

Filho de: *Pedro Torres Gonçalves e de Maria da Fátima da Conceição e Silva*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Sobreiro- Bustos*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto.

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Já, um tio meu.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ser um bom músico.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é uma boa Banda.

4. O que representa para si?

- O sítio de convívio entre colegas.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- É um bom ambiente.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto de tocar; aborrece-me a hora a que o ensaio termina.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Nos dois sítios.*

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Trompete. Escolhi-o.*

9. Que é para si esse instrumento?

- *Para mim é um objecto valioso.*

Trombones

Nome: *Nuno Gabriel Alegre Lopes*

Idade: *18 anos*

Grau de escolaridade: *12º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Aprendi na Banda Filarmónica Arganense e mais tarde entrei para o conservatório.*

Filho de: *Manuel de Jesus Lopes e de Maria Eliete Marques Alegre Lopes*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Bairro da Louzeira n.º 4 Ançã*

1. Razões por que está na Banda.

- *Quando o actual maestro veio para a Banda, convidou-me para vir para cá, mas agora também é devido às amizades que fiz na Banda.*

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Tirar o curso superior de música.*

bibRIA

3. O que representa para si?

- Um ponto de encontro entre os meus amigos e é um bom local onde se procura fazer música.

4. Como acha o ambiente entre colegas?

- É bom.

5. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Do que eu gosto mais é do convívio entre os amigos, o que me aborrece mais é algumas vezes toda a gente querer mandar.

6. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Fora da terra porque gosto de conhecer pessoas novas.

7. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- As pessoas gostarem das nossas actuações.

bibRIA

8. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Lembro-me de ter queimado o nariz na festa de Argozelo (ao tirar uma fumada numa folga).

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Trombone; foi imposto, mas acabei por gostar.

10. Que é para si esse instrumento?

- O melhor do mundo.

Nome: *Sérgio Gala da Fonte*

Idade: *18 anos*

Grau de escolaridade: *12º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Através da Banda e do conservatório*

Filho de: *Hilário Santos Fonte e de Maria Madalena Conceição Gala*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Quinta da Gala*

1. Razões por que está na Banda.

- Gosto de música e de conhecer novas terras.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, a minha mãe e alguns primos.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ser um músico profissional.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- É uma colectividade que dá aos músicos e aos jovens, a oportunidade de conviverem com outras culturas.

4. O que representa para si?

- Um desafio.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Bastante bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Detesto tocar de casaco e gosto de tocar Trombone.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutras terras, pois há um contacto com novas culturas e o conhecimento de outras pessoas.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- A alegria dos espectadores a aplaudirem-nos.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Numa despedida, no Norte, uma tapatiga começou a mexer-me na vara do trombone, estando eu a tocar. Depois ria-se para mim e eu para ela, mas nada podia fazer, pois o maestro estava ao meu lado. Até me ofereceu um lenço para limpar o suor e, no final, na despedida, conheci-a.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco trombone de varas. Primeiro, foi-me imposto, mas agora não o troco por outro instrumento. Para mim o Trombone é o melhor instrumento, pois é sexy, moderno, versátil e não tem nada a ver com os outros instrumentos.

11. Que é para si esse instrumento?

- É o elo de ligação entre o meu estado de espírito e a realidade, para além de ser um objecto de festa.

Nome: *Alexandre Filipe Vieira Pato*

Idade: *12 anos*

Grau de escolaridade: *7º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Escola de música.*

Filho de: *Artur dos Santos Oliveira Pato e de Maria Lucília Vieira Lebre Pato*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua da Banda Filarmónica 3770-031 Mamarrosa*

bibRIA

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto de viajar e de tocar no meu instrumento.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu avô e bisavô.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Chegar cada vez mais alto.

3. Como acha o ambiente entre colegas?

- Razoável.

4. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Tocar com uma tempetatura razoável.

bibRIA

5. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Na minha terra, porque tem mais gente conhecida.

6. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- A actuação que mais me sensibilizou foi na de Azgozelo porque tinha pessoas a aplaudirem-nos com força.

7. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Foi-me imposto. Estavam com falta de um Trombone e meteram-me a tocar Trombone.

8. Que é para si esse instrumento?

- Para mim esse instrumento é o melhor instrumento que já toquei.

Nome: *Hugo Santos Silva*

Idade: *11 anos*

Grau de escolaridade: *6º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *estudando e pedindo ajuda aos meus pais*

Filho de: *Manuel Fernando Santos Silva e de Maria Graça Silva Santos*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua Quinta do Gordo n.º 22 - Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto e todos os meus familiares gostam.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu primo. Ele entrou com 12 anos, toca clarinete, mas quando entrou, tocava requinta.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Os máximos

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Banda é um local onde se toca música por instrumentos de sopro e de percussão e também se vai tocar a outras terras.

4. O que representa para si?

- Para mim representa tocar por gosto.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Bom; acho mesmo muito bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Dos "cachaços" não gosto porque eles doem.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Na minha terra porque já conhecemos mais as pessoas e, se tivermos algum engano, as pessoas sabem bem como é.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Foi em Sopo, porque aquilo era só montes.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Foi em Avanca. Numa actuação, andava um bêbado a querer beijar as rapatigas da Banda

.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Trombone de varas; eu escolhi Miscotne, mas perguntaram-me se eu queria tocar trombone de varas e eu disse que sim.

bibRIA

11. Que é para si esse instrumento?

- Muita coisa.

Víctor António Tavares Ferreira, filho de Víctor Eugénio Azevedo Ferreira e de Lucinda dos Santos Silva.

Também entrou para a Banda em 14 de Outubro e toca trombone.

E além deste, veio também para o mesmo instrumento: Ricardo Jorge Inácio Silva, filho de Júlio Ferreira da Silva e de Maia Fernanda Costa Inácio Silva.

Nome: *Jorge Dinis da Silva Pereira*

Idade: *22 anos*

Grau de escolaridade: *Universitário*

Formação musical e como a adquiriu: *Obtido no ciclo e mais tarde aprofundado posteriormente através do Sr. Álvaro Ferreira.*

Filho de: *Adelino Martins Pereira e de Maria Graciete Ferreira da Silva*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Caneira*

1. Razões por que está na Banda.

- Pelo convívio, gosto pela música e pelo conhecimento proporcionado pelas várias deslocações da Banda, adquirido através do convívio com outras gentes e costumes.

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Aperfeiçoar-me o mais possível na execução do meu instrumento.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é uma colectividade constituída por diversas pessoas, mas que todas convergem para um gosto comum, "a música".

4. O que representa para si?

- Para mim a Banda é um meio de propagar o nome da terra e que nos possibilita um certo desprendimento do quotidiano. A Banda torna-se numa certa necessidade.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que mais gosto é de despiques porque é através deles que se nota o real valor das Bandas e da sua qualidade artística. Do que não gosto é da incompreensão por parte de certas pessoas que não reconhecem o trabalho e o esforço que uma colectividade como a Banda exige.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Depende do tipo de serviço, mas normalmente prefiro outros locais, devido ao conhecimento que nos proporcionam.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou, foi o entusiasmo e o carinho demonstrado pelos espectadores para com a música.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Bombardino. De certa forma foi-me imposto, pois quando do meu ingresso na Banda, como eu não tinha nenhuma preferência, o Sr. Álvaro Ferreira deu-me um Bombardino. A princípio não gostei muito, mas pouco tempo depois não o trocava por qualquer outro instrumento.

bibRIA

10. Que é para si esse instrumento?

- Para mim o instrumento serve para expressar as nossas emoções. Tocar é uma maneira de esquecer as contrariedades do dia-a-dia, fazendo com que nos sintamos melhor

Nome: *Bruno Alexandre de Almeida Tavares*

Idade: *11 anos*

Grau de escolaridade: *6º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *adquiri na Banda.*

Filho de: *Licínio Tavares Gomes Dias e de Analídia Almeida Mendonça Dias*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Rua do Vale n.º 18 - Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- *Estou na Banda porque gosto.*

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não, ninguém da minha família pertenceu à Banda.*

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Ser um bom músico.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *Eu acho que a Banda é boa e espero que continue a ser.*

4. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Acho muito bom.*

5. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto muito de estar a tocar e o que mais me aborrece é apanhar "cachaços".*

6. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Gosto de tocar na minha terra e noutros lados porque é divertido.*

7. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Lembra-me dos idosos que estavam bébedos e queriam ouvir a Banda.

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco bombardino e fui eu que o escolhi.

Trompas

Nome: *Luís Carlos da Silva Tribuna*
Idade: *17 anos*
Grau de escolaridade: *10 ano*
Formação musical e como a adquiriu:
Filho de: *Eugénio Tavares Silva Pereira e de Osanza Martins Tribuna Domingues*

bibRIA

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteiro*
Morada: *Rua da Quinta da Gala n.º 17 3770-035 Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto de música e da convivência com os colegas.

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Aprender a maior escolaridade possível.

3. O que representa para si?

- Para mim representa uma escola onde nós estamos sempre a aprender, seja com os mais novos ou os mais velhos. Uma forma de enriquecer o espírito e a nossa alma.

4. Como acha o ambiente entre colegas?

- *O ambiente entre colegas é muito bom.*

5. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Despiques com outras Bandas é o que mais gosto, funerais é o que mais me aborrece.*

6. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Prefito tocar noutros lados porque o pessoal aqui da terra, a meu ver, não adere às situações existentes na sua terra.*

7. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Em S. João d' Arga. O público brilha com a nossa música.*

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Trompa de harmonia e escolhi por gosto.*

bibRIA

9. Que é para si esse instrumento?

- *É uma forma de eu melhorar a minha capacidade de leitura musical. Uma forma de me enriquecer culturalmente.*

Nome: *Sofia Areosa*
Idade: *11 anos*
Grau de escolaridade: *6.º ano*
Formação musical e como a adquiriu:
Filha de: *Hélio Manuel da Costa Oliveira e de Maria de Fátima Reis Areosa*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteira*
Morada: *Rua da Banda Filarmónica n.º 19*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu tio, mas não sei nada a esse respeito.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Conseguir tocar mais e melhor.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Acho que é participativa e fixe.

4. O que representa para si?

- Representa muito porque concretizo a minha vontade de tocar.

bibRIA

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Acho-o bem.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Eu gosto mais dos ensaios e nada me aborrece porque é tudo cheio de alegria e brincadeira.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutros sítios, porque assim posso conhecer outras coisas.

8. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Não me lembro de nada.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco trompa; escolhi-o.

10. Que é para si esse instrumento?

- Para mim esse instrumento é um passatempo.

Nome: *Paula Cristina Neves Reis*

Idade: *19 anos*

Grau de escolaridade: *2.º ano de cozinha- hotelaria (técnico- profissional)*

Formação musical e como a adquiriu: *Trompa- Álvaro Ferreira*

Filha de: *Manuel Domingues da Silva Reis e de Maria Edite Neves Reis*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua Banda Filarmónica n.º 22 3770 Oliveira do Bairro/ Avenida Marquês Pombal 2400- Leiria*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto de música e porque gosto da camaradagem entre outros músicos.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim. Pai, avô e alguns tios e primos. Sobre o meu pai, sei que toca Trompete e o meu avô tocou Clarinete durante aproximadamente 60 anos.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Continuar a tocar na nossa terra e mostrar que apesar das poucas ajudas monetárias, a Banda continua.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Acho que por vezes vêem problemas onde não há.

4. O que representa para si?

- Um hobby.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Bom, mas com alguns desacatos entre os mais pequenos e os maiores.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que eu mais gosto é dos serviços e do convívio com outras tradições e culturas. O que menos gosto é de marcarem uma certa hora e só depois de outra hora é que se realiza o encontro.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutra terra porque nas outras terras as pessoas acompanham a Banda e gostam da Banda e do convívio com ela, enquanto que aqui na terra as pessoas não ligam à Banda.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou, é que já se começa a ver jovens a aplaudirem e a pedirem mais música. Numa aldeia que se chama Argozelo (Bragança) têm como que uma tradição a nossa Banda.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco Trompa e foi-me dado para as mãos por eu gostar e já ter tocado Trompete.

10. Que é para si esse instrumento?

- É um objecto pelo qual emito som, no qual nós vamos às "estrelas", quando ouvimos uma música, seja ela qual for.

No dia 10 de Agosto, na altura da festa de S. Lourenço em Bustos, entrou para a Banda, neste naipe das trompas, também: Miguel António Barreto Caldeira, filho de Licínio da Silva Caldeira e de Maria Gasparina Barreto Caldeira.

bibRIA

Clarinetes

Nome: *Amélia Paula Jesus Forte*

Idade: *13 anos*

Grau de escolaridade: *9.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *3 anos*

Filha de: *Francisco Paula Forte e de Maria Fernanda Moita de Jesus*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua da Nossa Senhora da Graça n.º 9 Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Estou na Banda porque acho interessante e adoro música.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ser feliz.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é magnífica, jovem e disciplinada, (não esquecendo que toca bastante bem).

4. O que representa para si?

- A Banda para mim representa a alegria dos jovens e velhos, é um passatempo bem divertido.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Acho que é bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto muito da alegria e de melodias bonitas, de ser livre; não gosto de pessoas que pensam que são mais do que os outros.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Para mim tanto faz, é sempre bonito.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O apoio afectivo do público.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Todos.

bibRIA

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco clarinete; nem o escolhi nem me foi imposto, foi o instrumento a que me adaptei melhor.

11. Que é para si esse instrumento?

- Um instrumento como o Clarinete, para mim, é uma das minhas alegrias e um entretimento para os tempos livres.

Nome: *Sofaia de Oliveira Seixas*
Idade: *11 anos*
Grau de escolaridade: *7.º ano*
Formação musical e como a adquiriu:
Filha de: *Tomás de Seixas e de Noémia Miguéis de Oliveira Seixas*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteira*
Morada: *Vila Verde*

1. Razões por que está na Banda.

- *Porque gosto*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *O meu pai (trombone), a minha irmã (clarinete) e a outra irmã (trombone).*

2. Diga o que entende sobre a Banda.

- *A Banda toda é simpática e muito pouco pontual.*

3. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Nem sempre é bom.*

4. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Quando alguém chega attasado e os outros têm de espetar, aborrece-me.*

bibRIA

5. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Prefiro tocar nouttos lados, para conhecer pessoas novas.*

6. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Quando entrei para a Banda.*

7. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Quando sou eu a tocar a solo.*

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Clarinete, fui eu que escolhi.*

9. Que é para si esse instrumento?

- *Uma obra prima.*

Nome: *Sónia Ateosa Oliveira*

Idade: *14 anos*

Grau de escolaridade: *9.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Comecei a aprender música com o falecido músico (professor) Álvaro Ferreira.*

Filha de: *Hélio Manuel Costa Oliveira e de Maria Fátima Reis Ateosa*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *R. Banda Filarmónica*

1. Razões por que está na Banda.

- Eu estou na Banda pela simples razão de que gosto de todo o tipo de música e encontrei na Banda uma maneira de fazer viver a paixão pela música.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Já; os meus primos e tio, mas infelizmente não sei nada a esse respeito porque foi numa época totalmente diferente.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ainda não sei aquilo que pretendo fazer.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Acho que a Banda é um grupo como todos os outros, em que nos juntamos num único fim; fazer de simples notas vázias pautas, que juntas formam aquele grande enredo, que é a música.

4. O que representa para si?

- Um futuro para quem pretender seguir a estudar música.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Razoável; os elementos nem sempre se ajudam mutuamente.

bibRIA

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que mais gosto é de sair para tocar noutros lados; o que mais me aborrece são as desavenças com o maestro, não haver espírito de interajuda, dizerem uma coisa e depois fazerem outra, porque acho que estas são as coisas que deveriam acontecer ao contrário daquilo que são.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Gosto de tocar na minha terra e de tocar noutros lados. Às vezes adoro sair para bem longe, conhecer novas pessoas, conhecer novas terras, mas de vez em quando prefiro estar perto de casa e com a minha família.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou foi a quantidade de gente que se reúne para ver a Banda.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco Clarinete e escolhi-o porque naquela altura foi o instrumento que mais me agradou.

bibRIA

10. Que é para si esse instrumento?

- No princípio era um bicho de sete cabeças, mas agora tudo mudou; agora um clarinete para mim é mais uma brincadeira de crianças.

Nome: *Nataly Marques Silva*

Idade: *14 anos*

Grau de escolaridade: *10º ano*

Formação musical e como a adquiriu:

Filha de: *António Marques da Cunha e de Naide da Conceição Silva do Paço Marques*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua de Nossa Senhora de Monserrate – Madureira / Amoreira da Gândara*

1. Razões por que está na Banda.

- *Porque gosto de música.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Vir a ser uma grande música.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *É um grupo que se junta para tocar e sobretudo que gosta de música.*

4. O que representa para si?

- *Uma família.*

bibRIA

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Fixe.*

6. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Tocar noutros lados para dar a conhecer a nossa música.*

7. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *O público, porque as pessoas são extraordinárias.*

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Clarinete, escolhi-o porque gosto do seu som.*

9. Que é para si esse instrumento?

- *A minha vida.*

Nome: *Gustavo de Almeida Bernardo*

Idade: *13 anos*

Grau de escolaridade: *8.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Adquiri-a através da escola de música.*

Filho de: *Mário da Silva Bernardo e de Ângela Martins de Almeida Bernardo*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- *Gosto de música e achei interessante lá andar.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não.*

bibRIA

2. O que representa para si?

- *É uma actividade extra.*

3. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Acho bom.*

4. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Do que eu gosto são os serviços para longe.*

5. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Noutros lados.*

6. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- *Foi a de França.*

7. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Clarinete porque antes eu tocava Clarinete Baixo e depois mudei para Clarinete.

Nome: *Marisa de Oliveira Cravo*

Idade: *14 anos*

Grau de escolaridade: *9.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Quem me ensinou música foi o Sr. Álvaro Ferreira e agora é a Marta e o Sérgio Neves.*

Filha de: *António Maia Cravo e de Olinda de Oliveira Francisco Cravo*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua Quinta da Gala- Mamarrosa 3770 Mamarrosa*

bibRIA

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto de música.

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu pai e o meu itmão.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Entrar no Conservatório e aprender mais sobre música.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Na Banda existem bons músicos; a Banda é unida e existe respeito entre todos.

4. O que representa para si?

- Ela para mim é um dos meus passatempos em que posso estar com os meus colegas; é onde aprendo mais sobre música e tento esforçar-me para obter melhores conhecimentos.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- É bom, como posso dizer - razoável.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Eu gosto mais de concertos e missas; atuadas mais ou menos; não gosto de procissões.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Eu prefiro tocar fora da terra porque lá ninguém nos conhece.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou foi quando tocámos bem e que tudo correu bem nesse serviço.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Gostei quando fomos fazer um convívio da Banda à praia e de ir a S. João d'Arga.

bibRIA

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Eu toco clarinete e fui eu que o escolhi.

11. Que é para si esse instrumento?

- Para mim o meu instrumento é onde eu posso expressar os meus sentimentos, (como tocar forte quando estou triste e piano quando estou contente).

Nome: *Marta Sofia da Silva Pereira*

Idade: *13 anos*

Grau de escolaridade: *9.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Iniciação por Álvaro Ferreira e aprofundação pelo conservatório.*

Filha de: *Adelino Martins Pereira e de Maria Graciete Ferreira da Silva*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua da Caneira n.º 60 Caneira- Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto de música e de tocar um instrumento. Gosto de me distrair e de conversar com outras gentes.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Penso ser cada vez melhor. Todos os objectivos que eu queria atingir estão concretizados, mas uma pessoa quer sempre aprofundar os conhecimentos.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Banda é um conjunto de pessoas que estão interligadas pela música, e que gostam de se distrair.

4. O que representa para si?

- Banda é uma ocupação de tempos livres, para me libertar do "stress" do dia- a dia.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Acho que é bom, mas um pouco desorientado.

bibRIA

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Do que eu mais gosto são os despiques, pois criam emoção na música e isso faz-nos amadurecer. Na Banda nada me aborrece porque ando na Banda por gosto.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar fora da terra, pois conheço novas culturas e trocam-se impressões.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- A actuação que mais me sensibilizou foi em S. João d' Arga, pois tem despiques e eu gosto, tem muitas pessoas que apreciam música e gostam de a ouvir.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco Clarinete. Foi-me imposto porque naquela altura nem sequer conhecia os instrumentos de uma Banda; era muito novinha.

bibRIA

10. Que é para si esse instrumento?

- O clarinete é um relaxante nas horas difíceis, é como se eu desabafasse com o instrumento. É algo que admiro neste instrumento, pois ele torna-se parte de mim. Sem ele acho que não conseguia ser tão alegre.

Nome: *Sérgio da Silva Neves*
Idade: *17 anos*
Grau de escolaridade: *12.º ano*
Formação musical e como a adquiriu:
Filho de: *Manuel Augusto Soares Ferreira Neves e de Maria Licínia dos Santos Silva Neves*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteiro*
Morada: *Quinta do Gordo 3770-036 Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Devido ao companheirismo, ser engraçado transmitir aos colegas o pouco que se sabe e por um vício que se pega e não se consegue largar.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Eu penso atingir tudo o que houver para atingir, quero estudar música para tentar bater todos os recordes; para isso vou-me esforçar mesmo que não consiga atingir os meus objectivos.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é uma associação de cultura e lazer. De cultura, pois é mais um meio de aprendizagem das muitas culturas e de lazer porque nos podemos juntar e conviver, sem nos metermos em maus caminhos.

bibRIA

4. O que representa para si?

- A Banda para mim representa uma cultura que vai sendo passada de geração em geração.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente nunca esteve melhor, nós mais parecemos uma família do que colegas que só se vêem ao fim de semana.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que eu mais gosto é dos momentos em que estamos a tocar e a fazer boa música; os momentos em que mais me aborreço é saber que nós estamos a fazer boa música e não nos é dado o devido valor.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutras terras porque actualmente o povo da Mamarrosa não dá o devido valor à sua Banda como o povo de outras terras que delira ao ouvir a nossa música.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou foi o povo dizer que nós éramos muito crianças e não tocávamos nada. E, de repente, quando se deram conta, a nossa Banda estava a interpretar peças cujo conteúdo era bastante atraente e que nós, crianças, estávamos a interpretar muito bem.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Não me lembro de nenhum episódio de interesse, ou melhor, de mais interesse, pois na Banda tudo ou praticamente tudo é de bastante interesse.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Clarinete. Na altura em que eu comecei na música, havia poucos Clarinetes e foi-me imposto o Clarinete e eu aceitei. Depois disso eu sofri alguns momentos de desilusão e queria sair, mas fui-me entusiasmando e consegui ultrapassar todos os momentos, com a ajuda do Sr. Álvaro Ferreira.

bibRIA

11. Que é para si esse instrumento?

- O clarinete para mim é o meu maior vício, pois sem ele, eu não sei o que eu fazia da minha vida; ele é como se fosse uma Deusa inspiradora e que faz de mim um poeta que escreve lindos versos.

Nome: *Sofia Maria Simões Pires*
Idade: *14 anos*
Grau de escolaridade: *9.º ano*
Formação musical e como a adquiriu:
Filha de: *Arlete dos Santos Simões Pires e de Jorge Manuel Domingues Pires*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteira*
Morada: *Rua da Estrada Sta. Catarina 3840 Vagos*

1. Razões por que está na Banda.

- *Gosto muito de música.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- *Entrar no Conservatório e aprender mais.*

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- *A Banda é unida, tem bons músicos e há respeito entre todos.*

4. O que representa para si?

- *Ela para mim é o espaço de tempo onde estou com os colegas, em que aprendo mais sobre música e tento esforçar-me para não fracassar.*

bibRIA

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- *É razoável.*

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto mais dos concertos e arruadas, à noite. Não gosto das missas e procissões.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Gosto mais de tocar fora da terra, porque ninguém nos conhece.*

8. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- *Fomos à praia da Vagueira com a Banda, comemos sardinha assada e febras.*

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Toco Clarinete e fui eu que o escolhi.*

Nome: *Letícia Sofia Martins Nogueira*

Idade: *12 anos*

Grau de escolaridade: *7º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Na Banda*

Filha de: *Joaquim Seabra Nogueira e de Lídia Maria Martins dos Santos*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Quinta do Gordo*

1. Razões por que está na Banda.

- Estou na Banda porque gosto muito das músicas, passeia-se muito e os colegas são muitos divertidos.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o Henrique.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Eu espero que atinja muitos objectivos.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda para mim é uma das melhores.

4. O que representa para si?

- A Banda para mim representa muita alegria.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre os colegas é muito bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Eu gosto de fazer as procissões e o que mais me aborrece é andar com a gravata e o boné.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar nos outros lados porque as pessoas da minha terra são esquisitas.

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

Toco clarinete, eu escolhi-o porque gosto muito do som dele.

9. Que é para si esse instrumento?

- O meu instrumento para mim é uma grande alegria; eu sempre gostei de ter um instrumento como o meu.

Nome: *Gustavo Martins Rodrigues*

Idade: *15 anos*

Grau de escolaridade: *8º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *3º ano de formação musical e 2º anos de órgão, na Escola de Música da ADREP.*

Filho de: *Jorge Manuel Martins Rodrigues e de Ana Paula Martins Rainho*

bibRIA

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Quinta do Gordo – Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Pelo gosto que tenho pela música, pelo convívio que existe entre todos os elementos.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- O meu avô pertenceu à Banda. Tocou saxofone e sax tenor; pertenceu à Banda durante 35 anos.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ser um bom músico.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda representa a nossa terra da melhor maneira. A Banda tem um Maestro com muitas virtudes. Ele vai fazer da Banda uma grande Banda.

4. O que representa para si?

- A Banda representa o orgulho da minha terra.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre colegas é o melhor possível.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Até à data não tenho aspectos negativos a relatar.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Gosto de tocar na minha terra, mas gosto mais de tocar noutros lados porque assim fazemos publicidade da nossa Banda e ficamos a ser conhecidos pelo País inteiro.

bibRIA

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- A actuação que mais me sensibilizou foi na festa da Caneira porque tocámos ao despique com a Banda do Troviscal.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Numa das actuações, fiquei de castigo. Não pude participar na procissão porque me esqueci de levar o boné.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Eu toco clarinete. Fui eu que escolhi porque é um instrumento que gosto de tocar.

11. Que é para si esse instrumento?

- O clarinete é um instrumento de grande valor para mim.

Nome: *Cátia Emanuel Gonçalves Ferreira*

Idade: *15 anos*

Grau de escolaridade: *10.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Adquiri a formação musical que tenho na Banda em que andei anteriormente. Frequento o conservatório de Aveiro.*

Filha de: *João Ferreira e de Maria Júlia Sousa Gonçalves Couteiro*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua Entre Campos, 46 Gaf. Encarnação.*

1. Razões por que está na Banda.

- Eu estou na Banda da Mamarrosa porque um dia chamaram-me para ir fazer um serviço a e eu gostei tanto da camaradagem entre colegas músicos e maestro, que acabei por cá ficar.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Ninguém da minha família pertenceu à Banda.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Um dos meus objectivos que pretendo atingir é tocar melhor o meu instrumento e fazer amigos na Banda.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda da Mamarrosa tem uma boa camaradagem entre todas as pessoas que a constituem.

4. O que representa para si?

- A Banda da Mamarrosa representa para mim um local onde posso conviver, onde passar bons tempos. É também para mim um conjunto de pessoas unidas com o mesmo objectivo.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Para mim o ambiente entre colegas é formidável.

bibRIA

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Do que mais gosto é da camaradagem entre todos e o que mais me aborrece são os ensaios ao Domingo de manhã.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro sair para tocar noutros lados, para conhecer novas pessoas, terras e tradições.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Eu não participei em muitas actuações até hoje, mas o que mais me sensibilizou foi a interajuda e a própria amizade entre todos.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Eu toco Clarinete, porque gosto muito do seu som, do seu timbre, sendo essa a principal razão da minha escolha.

bibRIA

10. Que é para si esse instrumento?

- O clarinete é para mim um "companheiro", já que passo tanto tempo com ele.

Nome: *Joana Catarina Figueira Simões*
Idade: *16 anos*
Grau de escolaridade: *10.º ano*
Formação musical e como a adquiriu:
Filha de: *Arcanjo Santos Simões e de Lúcia da Costa Figueira*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteira*
Morada: *Rua principal, n.º 73 Condes Santa Catarina 3840 Vagos*

1. Razões por que está na Banda.

- Eu estou na Banda porque comecei com a música aos 7 anos e comecei a tocar flauta em Vagos. Depois aquilo acabou e fui para o colégio, andei lá 2 anos e também acabou. E então o Maia era distribuidor do meu pai e perguntou se eu queria ir para a Banda e eu disse que sim; assim foi: entrei com 11 anos na festa da Mamarrosa.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

2. Objectivos que pensa atingir.

- O objectivo que eu penso atingir é continuar sempre a tocar, mas cada vez melhor.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Banda é um conjunto de músicos que são contratados para fazer umas festas e lá vão todos.

bibRIA

4. O que representa para si?

- Para mim, Banda é onde se juntam todos e tocam aquilo que ensaiam.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre colegas é Bom, todos são unidos; às vezes há as suas zangas, mas isso passa.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que eu mais gosto é dos concertos e o que mais me aborrece são as actuadas, quando são muito compridas.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Gosto de tocar nos dois lados. Na minha terra, porque conheço as pessoas, mas também gosto de tocar noutros sítios, porque vamos conhecer novas coisas e pessoas.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou foi o público porque nos aplaudem e nos dão força para tocar mais.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Por exemplo, no serviço de Argozelo, eu gosto muito de fazer essa festa, porque gosto muito da procissão de Velas. E também adoro porque os andores de lá são muito grandes e o dinheiro muito certo e é mesmo muito; parece até que é chuva de dinheiro.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Eu toco Clarinete; fui eu que escolhi. Não sei porque escolhi Clarinete, talvez por haver mais tapatigas a tocar e por gostar.

11. Que é para si esse instrumento?

- Para mim este instrumento é como se fosse o meu trabalho O instrumento é aquilo que nós precisamos para tocar.

bibRIA

Nome: *Susana Vieira Pires*
Idade: *8 anos*
Grau de escolaridade: *3.º ano*
Formação musical e como a adquiriu: *Na escola de música da Banda da Mamarrosa.*
Filha de: *Fernando Manuel Reis Pires e de Manuela Mota Vieira*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteira*
Morada: *Quinta da Gala Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto.

2. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

3. Objectivos que pensa atingir.

- *Ser uma grande música.*

4. Diga o que entende sobre a Banda.

- *É muito boa.*

5. O que representa para si?

- *Um meio de convívio.*

6. Como acha o ambiente entre colegas?

- *Bom.*

7. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *Gosto mais de tocar. O que mais me aborrece é andar nas procissões grandes.*

8. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Prefiro tocar na minha terra porque é a minha terra.*

bibRIA

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Clarinete. Foi-me imposto porque para mim era mais fácil.*

11. Que é para si esse instrumento?

- *Bom.*

Nome: *Liliana da Silva Tzibuna*

Idade: *11 anos*

Grau de escolaridade: *7.º ano*

Formação musical e como a adquiriu:

Filha de: *Eugénio Tavares Silva Pereira e de Osaura Martins Tzibuna Domingues*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Quinta da Gala, Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Razões para eu estar na Banda são: porque acho bonito ver uma Banda tocar numa festa e porque é também para mim um passatempo muito bom.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não, ninguém da minha família pertenceu à Banda.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Chegar a primeiro Clarinete.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é como um passatempo, mas também pode ajudar a quem quer seguir a carreira da música.

4. O que representa para si?

- Para mim é um passatempo, convívio com os colegas e também gosto de tocar Clarinete.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre colegas é bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que mais gosto é fazer serviços para fora e o que mais me aborrece é ir tocar aos funerais.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Gosto mais de tocar noutros lados do que na minha terra porque na minha terra há muita gente conhecida e eu fico mais envergonhada.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Foi o serviço de São João d'Arga, porque as pessoas são simpáticas e porque o serviço é muito bonito.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Fui a um convívio da Banda em que ao início da tarde jogámos futebol e no fim do jogo fomos assar febras e depois fomos todos comer sandes de febras.

bibRIA

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- O instrumento que eu toco é Clarinete; eu escolhi-o porque acho um instrumento bonito e com um som muito belo.

11. Que é para si esse instrumento?

- Esse instrumento para mim é um objecto com grande valor e pelo qual eu tenho muito carinho.

Nome: *Inês Martins Rodrigues*

Idade: *10 anos*

Grau de escolaridade: *5.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *3 anos de formação musical e 2.º ano de piano, na Escola de Música da ADREP*

Filha de: *Jorge Manuel Martins Rodrigues e de Ana Paula Martins Rainho*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Quinta do Gordo, n.º 36 - Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Eu estou na Banda porque gosto de tocar. A música é a arte mais bela do mundo.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Pertenceu à Banda o meu avô. Tocou saxofone e sax tenor. Pertenceu à Banda 35 anos

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Tocar o melhor possível.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda tem o melhor Maestro do Mundo. É amigo, responsável, simpático e dança muito bem em cima do palco.

4. O que representa para si?

- A Banda representa para mim o que há de melhor na minha terra.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- São todos amigos uns dos outros.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que mais me aborrece é fazer os serviços que exigem que eu me levante de madrugada.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Eu gosto de tocar mais na minha terra porque toco para gente conhecida.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- A actuação que mais me sensibilizou foi a da festa da Palhaça porque estavam os meus colegas de escola a ver-me tocar.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Gostei quando o maestro me nomeou secretária para a entrega dos galhardetes.

bibRIA

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Eu toco requinta. Foi-me imposto porque era o instrumento que estava disponível quando entrei para a Banda. Também pelo facto de eu ter uns dedos muito finos.

11. Que é para si esse instrumento?

- A requinta é um instrumento que eu gosto de tocar por ser pequena e ser a única que há na Banda.

Nome: *Richard Adams de Oliveira Cavaleiro*

Idade: *13 anos*

Grau de escolaridade: *8.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Comecei aos 7 anos.*

Filho de: *Paulo Jorge dos Santos Carvalheira e de Maria Celeste de Oliveira Barreiro Carvalheira*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Quinta da Gala*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto de música e gosto de tocar.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu pai já pertenceu à Banda.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Ser um grande músico e tocar sempre na Banda da Mamarrosa.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Banda é um conjunto de pessoas que gostam de música.

4. O que representa para si?

- Pessoas que gostam de música.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Acho divertido.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto de passear com a Banda e o que me aborrece é quando o maestro fica "chateado".

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutros lados porque assim conhecemos terras novas.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou foi as pessoas gostarem porque ficamos melhor e sentimos alegria.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Eu acho belo o aniversário da Banda.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco Clarinete; fui eu que escolhi porque tem um som bonito.

11. Que é para si esse instrumento?

- Para mim é a melhor coisa que eu tenho.

bibRIA

Nome: *Susana Raquel Neves Reis (Susy)*
Idade: *20 anos*
Grau de escolaridade: *3.º ano engenharia de informática*
Formação musical e como a adquiriu: *Com o Sr. Álvaro Ferreira*
Filha de: *Manuel Domingues da Silva Reis e de Maria Edite Neves Reis*

Profissão: *Estudante*
Estado Civil: *Solteira*
Morada: *Rua Banda Filarmónica Mamarrosa, n.º 22 , Mamarrosa, 3770 Oliveira do Bairro (durante aulas - Leiria)*

1. Razões por que está na Banda.

- Simplesmente gosto de música e de dar o meu contributo para o desenvolvimento cultural da nossa terra.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu pai, o meu avô e primo. O meu pai tocou Trompete, o meu avô Clarinete e o meu primo Clarinete. O meu avô tocou mais de 50 anos.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Continuar a dar o meu contributo sempre que puder, para que a nossa Banda cresça culturalmente.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Banda musical é uma actividade que me descontrai, onde posso conviver com colegas, tocar música e promover culturalmente a Mamarrosa com as nossas actuações.

4. O que representa para si?

- É onde eu posso estar a descontrair e fazer uma actividade de que gosto.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Acho um ambiente muito bom, onde todos confraternizamos e aprendemos uns com os outros.

bibRIA

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que eu mais gosto é do convívio e dos passeios com os colegas e o que mais me aborrece é ter que me levantar muito cedo para as actuações.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutros lados porque existe mais convívio, passeamos, promovemos a nossa Banda e porque são poucas as pessoas da terra que gostam de música, embora poucas mas boas.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Ver que neste País muita gente gosta de música e já existe muita malta nova a aderir.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Existem terras que nos respeitam e que nos convidam para ir sempre lá actuar.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Clarinete. O meu avô tocava e eu também gostava; nunca me foi imposto.

11. Que é para si esse instrumento?

- O meu instrumento.

Nome: *Rosa Margarida Moita Moreira*

Idade: *11 anos*

Grau de escolaridade: *5º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Escola de Música da Banda*

Filha de: *Luís Manuel Mota Moreira e de Maria Fátima Marques Moita*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteira*

Morada: *Rua do Areito - Amoreira da Gândara*

bibRIA

1. Razões por que está na Banda.

- Porque eu pedi ao meu pai para entrar na escola da Banda.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu primo é um músico fundamental da Banda.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Tocar o melhor possível.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- Eu entendo que a Banda é interessante e que nela se pode aprender muito.

4. O que representa para si?

- A Banda representa para mim muita importância e muito trabalho.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre colegas está certo.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Eu gosto de ver televisão e o que me aborrece é a brincadeira, porque tenho de estar a atutar a minha irmã no meio da brincadeira.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Eu prefito sair para tocar noutros lados, porque se pode ver paisagem muito linda e podemos conhecer as tradições das outras terras.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Todas as actuações porque gosto muito.

bibRIA

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Eu acho dignos de interesse todos os concertos da Banda.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Eu toco o clarinete que eu escolhi, porque eu gosto do instrumento que toco.

11. Que é para si esse instrumento?

- Esse instrumento para mim é como se fosse uma rosa linda.

Tubas

Nome: *Álvaro Domingues Canas*

Idade: *61 anos*

Grau de escolaridade: *4.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Não tive*

Filho de: *Manuel António Canas (falecido) e de Rosa Domingues Canas (falecida)*

Profissão: *Agricultor*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Quinta da Gala, Mamarrosa*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto da Banda, gosto de tocar e gosto do convívio.

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Tocou na Banda o meu irmão mais velho, Amadeu e tocou o meu pai que já tocava na Banda há 30 anos quando eu entrei, em 1955. E ele deixou de tocar por não ver e acabou o resto da vida ceguinho.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Que a Banda seja boa e faça figura onde estiver.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é a melhor colectividade de que uma pessoa faz parte.

4. O que representa para si?

- A Banda para mim faz parte da minha família.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Muito bom. Há 45 anos que toco e nunca me zanguei com qualquer colega. E passaram várias dezenas pela Banda e todos me respeitam.

bibRIA

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- O que mais me aborrecia eram as procissões e os funerais em que os mestres não acompanhavam os andamentos e nós ficávamos à distância. Isso para mim enervava-me, mas agora o problema já está ultrapassado.

7. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Na primeira vez que fui ao Minho a Paredes de Coura, "Formariz", tocar com a Banda de Casal D`Álvaro; fizemos uma exibição fantástica; os outros não valiam nada e eram o dobro dos músicos; o nosso mestre era António Oliveira.

8. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Estivemos em Verdemilho a tocar três dias com a Banda. O meu pai era o tesoureiro da Banda e o mestre diz ao meu pai que os mordomos iam lá a casa pagar. O meu pai foi dizer aos mordomos onde morava e eles disseram que já tinham pago.

bibRIA

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- De princípio tocava Bombardino, mas quando a Banda esteve em fase de extinção (antes de 1978), vieram convidar-me para ir tocar Tuba. Foram eles Martinho Martins, Manuel Plácido, João Tribuna, Amandio Sacristão. Fui fazer uns ensaios com a Tuba em casa do Sr. Martinho Martins; gostei de tocar esse instrumento que era o instrumento que tocava o meu pai e continuo.

Nome: *Pedro Miguel Carvalho Martins*

Idade: *19 anos*

Grau de escolaridade: *12.º ano*

Formação musical e como a adquiriu:

Filho de: *Adélio da Silva Martins e de Adosinda Maria Santos Carvalho*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Seixal Mamarrosa, n.º 34*

1. Razões por que está na Banda.

- Estou na Banda porque adoro música e gosto de estar com os meus colegas (músicos).

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

bibRIA

2. Objectivos que pensa atingir.

- Neste momento não tenho objectivos no ramo musical.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda serve para fazermos novos amigos, confraternizar e para além disso, fazer música em conjunto.

4. O que representa para si?

- Para mim é algo de bom onde me posso sentir bem.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente entre colegas é óptimo, na minha maneira de ver.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto de tocar cá com outras Bandas; o que me aborrece são alguns problemas que aparecem de vez em quando porque a maior parte provoca alguns distúrbios dentro da Banda.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefito tocar noutros lados, porque podemos conhecer melhor Portugal, assim como o estrangeiro.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O que mais me sensibilizou até hoje, foi o calor do público a aplaudir a Banda, porque significa que gosta da Banda.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Tuba. Eu escolhi Tuba porque acho ser um instrumento diferente, embora um pouco cansativo, mas é com que me sinto bem.

10. Que é para si esse instrumento?

- Este instrumento é algo com que já me familiarizei desde há 5 anos e espero poder continuar.

bibRIA

Nome: *Nuno Gabriel de Jesus Pires*
Idade: *28 anos*
Grau de escolaridade: *6.º ano*
Formação musical e como a adquiriu: *Estudei música na Banda Alvarense*
Filho de: *António Pires Oliveira e de Albertina de Jesus*

Profissão: *Soldador*
Estado Civil: *Solteiro*
Morada: *Casal de Álvaro*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, os meus itmãos.

2. Objectivos que pensa atingir.

- O meu objectivo é tentar saber mais para ajudar a Banda em termos artísticos.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- É bom estar numa Banda que só trabalha.

4. O que representa para si?

- É bom estar numa Banda onde respeitam os músicos.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- É bom.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto de chegar a horas. Aborrece-me esperar ou fazer esperar.

bibRIA

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Tocar na terra é bom, mas tocar noutros lados também é bom porque nos desenvolve.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- É bom as pessoas gostarem da música e que nos apoiem.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Em Limães (Macedo de Cavaleiros), as pessoas gostaram tanto, que foi difícil deixarem-nos vir embora.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco tuba. É um instrumento de que eu gosto.

Contrabaixo

Nome: *Adérito de Jesus Tavares*

Idade: *29 anos*

Grau de escolaridade: *2.º ciclo*

Formação musical e como a adquiriu: *Foi com o Sr. Álvaro Ferreira*

Filho de: *Óscar dos Santos Tavares e de Maria Estrela de Jesus (falecida)*

Profissão: *Carpinteiro*

Estado Civil: *Casado*

Morada: *Malhada de Cima, Covões*

1. Razões por que está na Banda.

- Por gostar de música e pelo convívio com os colegas.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Penso participar, sempre que puder.

bibRIA

3. Como acha o ambiente entre colegas?

- Penso que é um bom ambiente.

4. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro ir para outros lados porque gosto de conhecer outras terras, ver outras tradições e fazer novos amigos.

5. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Toco contrabaixo.

6. Que é para si esse instrumento?

- É um instrumento que serve para acompanhar a melodia.

Percussão

Nome: *Gustavo Vieira de Oliveira*

Idade: *14 anos*

Grau de escolaridade: *9.º ano*

Formação musical e como a adquiriu: *Adquiri-a na Banda.*

Filho de: *Horácio Ferreira de Oliveira e de Natália Maria Vieira Cravo*

Profissão: *estudante*

Estado Civil: *solteiro*

Morada: *Sobreiro, Bustos, Rua Assis Reis*

1. Razões por que está na Banda.

- Porque gosto de música e tenho lá pessoas conhecidas.

1.1 Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Não.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Os meus objectivos são: tocar num conjunto ou deixar a música e ter um emprego.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é boa, principalmente por causa do maestro, pois mudou um pouco a Banda.

4. O que representa para si?

- Para mim a Banda é uma maneira de eu ocupar os tempos livres, mas também é importante para mim, pois foi lá que eu aprendi música.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- O ambiente é bom.

bibRIA

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- *De gostar eu gosto de tudo, mas o que mais me aborrece e isso é óbvio em todas as Bandas, é quando estão a ensaiar os outros instrumentos.*

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- *Para mim é igual.*

8. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- *Eu toco Bateria, pois o Maia (um elemento da Banda), perguntou-me se eu queria ir para a Banda tocar caixa e eu disse que sim.*

9. Que é para si esse instrumento?

- *Para mim é um instrumento que dá gosto tocar, mas é um pouco aborrecido.*

bibRIA

Nome: *António Maia Cravo*
Idade: *57 anos*
Grau de escolaridade: *6.º ano*
Formação musical e como a adquiriu: *Formação musical com o professor Orlando*
Filho de: *Manuel Simões Cravo e de Maria Judite Moreira (falecida)*

Profissão: *Industrial*
Estado Civil: *Casado*
Morada: *Quinta da Gala*

1. Razões por que está na Banda.

- *Porque gosto de música e do relacionamento com as pessoas que ela nos dá.*

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- *Não.*

2. Objectivos que pensa atingir.

- Fazer tudo pela Banda para que esta tenha um bom funcionamento.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- É uma colectividade onde se aprende muito e nos faz conhecer muitas terras do nosso País.

4. O que representa para si?

- Para mim representa uma infância que já vivi, onde existe um ambiente muito saudável que ainda hoje há.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Há uma camaradagem muito unida e muito sociável entre colegas.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Do que mais gosto é dos serviços onde fazemos concertos com outras Bandas e o que mais me aborrece são os ensaios.

bibRIA

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro sair para tocar noutros lados; somos mais bem recebidos e conhecemos novas terras e passeamos muito.

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- Foi numa actuação em Oliveira do Douro. Encontrávamo-nos a tocar com outra Banda. Mas de resto, todas as actuações me sensibilizaram; são todas diferentes.

9. Conte qualquer episódio (que ache digno de interesse) relacionado com actuações, ensaios ou convívios da Banda.

- Alguns anos atrás fomos tocar a Lavandeira (Soza) e alguns músicos foram para a Lavandeira de Oliveira do Bairro.

10. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Bombo. Escolhi-o por não termos músico para tocar; nessa altura eu tocava trombone.

11. Que é para si esse instrumento?

- É onde eu posso bater.

Nome: *Sérgio Alexandre de Jesus Silva*

Idade: *16 anos*

Grau de escolaridade:

Formação musical e como a adquiriu:

Filho de: *Sérgio de Oliveira Silva e de Maria de Fátima de Jesus*

Profissão: *Estudante*

Estado Civil: *Solteiro*

Morada: *Malhapãozinho, n.º 67 Mamarrosa*

bibRIA

1. Razões por que está na Banda.

- Adoro música e também porque eu gosto do maestro que neste momento dirige.

1.1. Alguém da sua família já pertenceu à Banda? Diga quem e relate o que souber a esse respeito.

- Sim, o meu tio. Não sei muita coisa sobre o meu tio, mas sei que gostou muito de andar na Banda, mas penso que saiu da Banda por causa de problemas. Não tenho a certeza.

2. Objectivos que pensa atingir.

- Tentar melhorar, ter aulas de música e entrar no Conservatório.

3. Diga o que entende sobre a Banda.

- A Banda é uma actividade recreativa onde só anda quem quer.

4. O que representa para si?

- Para mim a Banda representa um grupo de amigos com quem temos que trabalhar para ter um objectivo que é ter uma grande Banda.

5. Como acha o ambiente entre colegas?

- Acho que o ambiente entre colegas não é o melhor, mas também não é o pior; pronto, é razoável.

6. Do que mais gosta e o que mais o(a) aborrece e porquê?

- Gosto do maestro, pois foi sempre uma pessoa espectacular e não gosto de algumas pessoas mais velhas, pois têm a mania de mandar em tudo e todos.

7. Prefere tocar na sua terra ou sair para tocar noutros lados? Justifique.

- Prefiro tocar noutros lados, pois penso que tocar na terra é um hábito e temos que ser um pouco diferentes de um ano para outro.

bibRIA

8. Nas actuações em que já participou até hoje, o que mais o(a) sensibilizou e porquê?

- O público, pois o público foi o que mais me sensibilizou porque se não tivermos público a aplaudir-nos, nunca temos tanta força para tocar e dar um bom espectáculo.

9. Que instrumento toca? Escolheu-o ou foi-lhe imposto? Tente justificar.

- Percussão. Escolhi-o, pois gosto mais de percussão do que de clarinete que era o que eu tocava.

10. Que é para si esse instrumento?

- É um objecto metálico, de madeira ou de peles, com que temos de ter muito cuidado com a limpeza e principalmente com a afinação.

Faz ainda parte da percussão:

Nuno Miguel Oliveira Luzio, filho de Rui Simões Luzio e de Lúcia Luzio.

SOBRE A LEITURA DAS FICHAS DOS ACTUAIS EXECUTANTES

Só hoje, 23 de Novembro de 2000, começámos a analisar as fichas dos actuais executantes. E à medida que avançamos, parece-nos que se entra numa zona de santuário, resguardada aos predestinados para entrar na órbita de certos sentimentos.

Do que lemos, alguns dados tirados ao acaso. Parece-nos ser a Banda no seu todo e o instrumento individual o que mais sensibiliza e mobiliza os nosso jovens músicos. São sobre estas duas áreas que surgiram as respostas mais carregadas de emoção e espontaneidade e mesmo tocadas de beleza expressiva. Vamos registar algumas que assinalámos.

Quanto à Banda diz a Marta, de 13 anos, que nada a aborrece na Banda porque anda por gosto e define- a como "um conjunto de pessoas que estão interligadas pela Música".

bibRIA

A Sónia Areosa, de 14 anos, diz que a Banda "é uma maneira de fazer viver a paixão pela Música".

Para o Ricardo Emanuel, de 9 anos, a Banda é o seu passatempo número um.

Para a Mónica Esgueira, de 13 anos, a Banda "não é só um conjunto de músicos, mas uma união entre os músicos" e até afirma: "Não é justo a nossa terra ter uma Banda e nós irmos tocar para uma Banda de fora", e a sua irmã gémea, a Liliana acrescenta que é "uma actividade que podemos levar para todo o lado".

Quanto ao Luís Carlos, de 17 anos, a Banda para ele "é uma escola onde estamos sempre a aprender, tanto com os mais novos, como com os mais velhos; é uma forma de enriquecer o espírito e a nossa cultura".

Mas já a Sofia Areosa, de 11 anos, responde: "A Banda representa muito

porque concretizo a minha vontade de tocar"

E o Mário Jorge Alves, de 22 anos, aponta que "A Banda representa um pedaço da minha vida; o gosto pela Música, o que ela nos transmite e o que conseguimos transmitir através dela".

O Jorge Dinis Pereira, também de 22 anos, diz que "A Banda é um meio de propagar o nome da terra; possibilita-nos um certo desprendimento do quotidiano".

E a Susana Raquel, de 20 anos, acrescenta: "a Banda é onde posso tocar Música e promover culturalmente a Mamarrosa".

Quanto à Paula Cristina, de 19 anos, é um dos seus objectivos, pois quer continuar na Banda "da nossa terra e mostrar que apesar das poucas ajudas monetárias, a Banda continua".

bibRIA

Já para o Sérgio Gala, de 18 anos, "a Banda representa um desafio".

Quanto ao Rui Pereira, de 18 anos, acha que "a Banda é um corte na vida quotidiana".

Em relação ao instrumento tocado por cada um dos executantes.

A Marta diz que para ela tocar com o seu clarinete, além de ser "relaxante nas horas difíceis, é como se eu desabafasse com o instrumento ...ele tornou-se parte de mim".

Para a Sónia Areosa, "o instrumento tornou-se numa brincadeira", enquanto que a Paula Cristina Reis (19 anos), diz que pelo som do seu instrumento "vai às estrelas".

Já o Ricardo Emanuel confessa que leva a sua trompete para todo o lado.

E o Leandro acha que com a sua trompete vai tocando as notas que vai aprendendo, enquanto que o Nuno Gabriel entende que "o seu trombone é o melhor do mundo".

O Lino, de 20 anos, diz que o seu instrumento (de percussão) "é dos mais difíceis, mas um dos mais sublimes" e Luís Carlos que toca trompa, afirma: "o instrumento é uma forma de me enriquecer culturalmente".

Pedro Pacheco toca trompete e confessa que "é uma forma de exprimir sentimentos através dos sons emitidos", enquanto que o Mário Jorge Alves assevera que o seu saxofone alto "é um instrumento único" que exige "uma técnica excelente".

Para o Jorge Dinis Pereira, o instrumento (bombardino) "serve para expressar as nossas emoções" e para a Nancy, de 18 anos, o instrumento (a flauta) "é um refúgio dos problemas, uma maneira de aliviar o stress".

bibRIA

O clarinete para a Liliana Tribuna, de 21 anos, "é um objecto com grande valor e pelo qual eu tenho grande carinho", mas para a Marisa (de 14 anos), esse instrumento (clarinete) "é onde eu posso expressar os meus sentimentos, como tocar forte quando estou triste e piano quando estou contente".

O Sérgio Gala toca trombone de varas e afirma: "para mim é o elo de ligação entre o meu estado de espírito e a realidade, para além de ser um objecto de festa".

A respeito das fichas dos actuais executante, queremos antes de mais, deixar algumas observações que julgamos pertinentes.

1.º - De forma alguma, sequer, tentamos por este processo avaliar alguém quanto a saber ou a proceder.

2.º - Os registos que assinalámos sobre a relação dos executantes com a Banda e com o seu instrumento pretendem ser apenas uma simples mostra do muito valor que em todas as fichas encontrámos e do interesse inquestionável que

nos parece todos põem neste seu trabalho de elementos da Banda da Mamarrosa.

3.º - Aliás, para nós, muitas vezes, esse valor está muito mais naquilo que fica nas estrelinhas e que se apercebe, mas que nem sempre é dito com a facilidade e clareza que todos, decerto, desejaríamos.

4.º - O que pretendemos é que estes simples papéis, a que chamámos fichas, possam de algum modo, ser um indício do valor de cada um como executante e de toda a Banda no conjunto geral.

5.º E para tal, é nosso desejo que todos esses elementos façam parte, na íntegra, deste trabalho.

bibRIA

BANDA FILARMÓNICA DA MAMARROSA

Maestro
PAULO MARGAÇA

61 ELEMENTOS

« *ANTIGUIDADES* »
e
« *Média de Idade em 12-11-2000 = 17 anos* »

IDADE	DATA NASC			NOME	INSTRUMENTO/CATEGORIA	INÍCIO		
	Dia	Mês	Ano			Dia	Mês	Ano
62	27-09-1938			Álvaro Canas	Tuba	00-00-1955		
38	26-09-1962			António Cravo	Percussão	00-00-1975		
36	10-02-1964			Manuel Cravo	Saxofone tenor	00-00-1975		
34	07-07-1966			Arsélio Canas	1º Fliscorne	00-00-1975		
29	15-11-1971			Paulo Margaça	Maestro	00-04-1981		
30	01-02-1970			Adérito Tavares	Contrabaixo	00-00-1983		
23	05-07-1977			Mário Jorge Alves	1º Sax. alto/Contra Mestre	00-04-1986		
22	24-10-1978			Susana Reis	1º Clarinete	00-08-1987		
20	21-05-1980			Pedro Martins	Tuba	00-00-1988		
24	05-10-1976			Jorge Dinis Pereira	1º Bombardino	00-00-1990		
20	20-07-1980			Paula Reis	2º Trompa	00-04-1990		
19	27-02-1981			Rui Pereira	1º Trompete	00-00-1990		
18	22-04-1982			Pedro Tavares	2º Trompete	00-10-1990		
20	14-09-1980			Ricardo Alves	1º Trompete	00-00-1991		
19	05-07-1981			Sérgio Fonte	2º Trombone	00-08-1991		
18	08-05-1982			Luis Tribuna	1º Trompa	00-00-1991		
19	12-10-1981			Susana Pato	Saxofone soprano	00-04-1992		
18	20-06-1982			Sérgio Neves	1º Clarinete	00-00-1992		
17	29-08-1983			Sérgio Silva	Percussão	00-00-1992		
19	25-07-1981			Nancy Martins	Flauta	00-00-1993		
15	12-03-1985			Marisa Cravo	1º Clarinete	00-10-1993		
14	26-11-1985			Marta Pereira	1º Clarinete	00-00-1993		
13	30-07-1987			Richard Carvalheira	3º Clarinete	00-04-1994		
17	06-06-1983			Joana Simões	2º Clarinete	00-00-1995		
15	01-11-1985			Amélia Forte	3º Clarinete	29-10-1995		
15	30-05-1985			Sofia Pires	1º Clarinete	25-07-1996		
15	30-06-1985			Sónia Areosa	2º Clarinete	00-04-1998		

...///...

« *ANTIGUIDADES* »
e
« *Média de Idade em 12-11-2000 = 17 anos* »

IDADE	DATA NASC			NOME	INSTRUMENTO/CATEGORIA	INÍCIO		
	Dia	Mês	Ano			Dia	Mês	Ano
13	01-02-1987			Pedro Gonçalves	3º Trompete	00-00-1997		
15	24-09-1985			Gustavo Oliveira	Percussão	11-10-1997		
29	19-09-1971			Nuno Pires	Tuba	00-11-1998		
19	13-07-1981			Nuno Lopes	1º Trombone	00-00-1998		
13	02-01-1987			Alexandre Pato	3º Trombone	00-08-1998		
12	22-12-1987			Liliana Tribuna	2º Clarinete	00-08-1998		
12	12-06-1988			Sofia Areosa	3º Trompa	00-08-1998		
16	10-04-1984			Cátia Ferreira	2º Clarinete	00-07-1999		
16	22-08-1984			Daniel Oliveira	Saxofone Tenor	00-04-1999		
15	24-10-1985			Nataly Silva	2º Clarinete	00-04-1999		
15	09-11-1985			João Martins	2º Saxofone alto	00-04-1999		
14	27-12-1985			Mónica Santos	Flauta	00-04-1999		
14	27-12-1985			Liliana Santos	Flauta	00-04-1999		
14	27-05-1986			Gustavo Bernardo	3º Clarinete	00-04-1999		
9	26-12-1990			Susana Pires	3º Clarinete	25-04-1999		
12	02-09-1986			Soraia Seixas	3º Clarinete	00-05-1999		
11	22-03-1989			Bruno Tavares	2º Bombardino	00-06-1999		
11	16-10-1989			Ricardo Santos	Percussão	00-06-1999		
10	19-03-1990			Leandro Claro	3º Trompete	00-06-1999		
10	03-06-1990			Tiago Crava	2º Saxofone alto	00-06-1999		
16	22-05-1984			Nuno Carriço	Saxofone tenor	25-04-2000		
13	19-04-1987			Gustavo Rodrigues	3º Clarinete	25-04-2000		
15	19-07-1985			Fátima Fernandez	Saxofone soprano	25-04-2000		
13	14-06-1987			Letícia Nogueira	3º Clarinete	09-01-2000		
11	20-03-1989			Rosa Moreira	3º Clarinete	25-04-2000		
11	19-04-1989			Vitor Ferreira	3º Trombone	25-04-2000		
11	17-05-1989			Nuno Luzio	Percussão	25-04-2000		
11	26-06-1989			Hugo Silva	3º Trombone	25-04-2000		
10	28-04-1990			Inês Rodrigues	Requinta	25-04-2000		
10	31-07-1990			Tiago Martins	3º Trompete	25-04-2000		
9	23-12-1990			Bruno Alves	2º Saxofone alto	25-04-2000		
9	14-07-1991			Diogo Canas	3º Trompete	25-04-2000		
15	25-05-1985			Miguel Caldeira	3º Trompa	10-08-2000		
21	05-01-1979			Ricardo Silva	1º Trombone	14-10-2000		

bibRIA

DISTRIBUIÇÃO POR IDADES

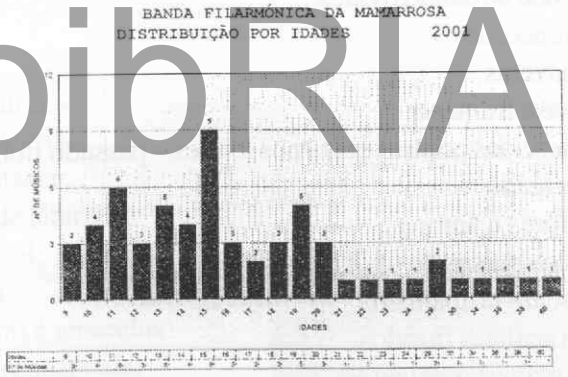
IDADES	Nº ELEMENTOS	TOTAL
9	3	3
10	4	7
11	6	13
12	3	16
13	5	21
14	4	25
15	9	34
16	3	37
17	2	39
18	3	42
19	5	47
20	3	50
21	1	51
22	1	52
23	1	53
24	1	54
29	2	56
30	1	57
34	1	58
36	1	59
38	1	60
62	1	61

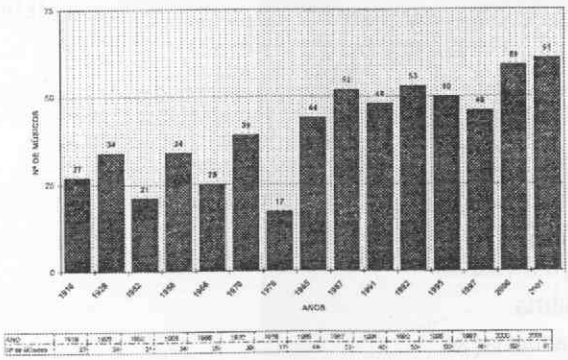
DISTRIBUIÇÃO INSTRUMENTAL

INSTRUMENTOS	QUANT.
.....Maestro	1
1º Bombardino	1
2º "	1
1º Clarinete	6
2º "	5
3º "	8
.....Contrabaixo	1
.....Flauta	3
1º Fliscorne	1
.....Percussão	5
.....Requinta	1
1º Sax. Alto /Contra Mestre	1
2º " "	3
.....Saxofone soprano	2
.....Saxofone tenor	3
1º Trombone	2
2º "	1
3º "	3
1º Trompa	1
2º "	1
3º "	2
1º Trompete	2
2º "	1
3º "	4
.....Tuba	3

(Trabalho de Licínio Tavares Gomes Dias)

bibRIA





(Colaboração de Mário Pedro Pires)

À BANDA DA MAMARROSA

Na alvorada do acontecer,
pássaros de fogo
com mãos de asas quentes,
labaredas soltas
na sementeira crescente
da pauta lírica, louca
em bálsamos cadentes
de notas fulvas, quentes
vão dançando nas nuvens,
crepitando, clamando
no céu, encantos da tarde calma,
bocados de vida,
gritos de alma,
clamores de glória,
hinos da taça erguida,
no instrumental atroando os ares...
Enquanto os acordes
bebem primaveras
ao ritmo doce e fremente
das fontes nascidas noutras eras –nos longes – passado florido,
duro, desnorteado
de suores, dores e amores,
medidos pelos pulsos do dia e da noite,
libertos da seara já apanhada
e trazida em açafates floridos,
beijando as mãos das palavras:
nascer, crescer, florir, viver...
senda aberta em corpo-mosto
onde tudo há-de renascer...

E no andamento da fama,
os horizontes sulcam
corcéis alados
de glória carregados
onde a força da razão
inflama na alma
vibrante d'aclamação

bibRIA

os sulcos de Maio em flor
e traz aos lábios verdes
do sonho
o universo do concerto
onde tudo arde, se incendeia,
abrindo céus
em cada som, cada veia ...
... Rito – festa, trigo doce da partitura,
ternura meiga de colmeia...
E o chão é vulcão
lava, furacão,
incêndio de multidão
na explosão do compasso ...
lavrado nas messes quentes do verão ...
Sonhado no abraço da batuta
onde o silêncio é voz e luta
trespassada,
medida
sagrada,
tocada
na doce sinfonia
de amor, alegria,
calor e fantasia ...
Marulhar de lábios
de lua, de sol,
de estrelas,
rosa brancas e amarelas
nesta praia encantada,
a luz das sereias
da madrugada!

bibRIA

Ontem – Hoje – Amanhã

"A História é a mestra da vida"

Aprendamos hoje com o passado de ontem para podermos relançar o amanhã do futuro.

Que não tenha sido em vão o esforço dos que nos precederam.

Aprendamos com os seus erros que não devemos repetir.

Guiemo-nos pelo arrojo dos seus passos para podermos continuar.

E que a lição que nos deixaram nos ensine o caminho a percorrer.

bibRIA

Este é o legado que oferecemos à vossa generosidade de jovens

Continuai a obra que vos é deixada e que, porque incompleta, espera a força do vosso ânimo e o entusiasmo da vossa juventude para a erguerdes sempre bem alto, proclamando aos quatro ventos o nome da terra que vos viu nascer e as cores da Bandeira da Banda que deveis eternizar, continuando-a orgulhosamente com os vossos filhos e netos – Para sempre.

BIBLIOGRAFIA

"A Música e o Teatro" – J. Reis Gomes
"A Música – linguagem, estrutura, instrumentos" – Roland de Condé
"Histoire de la Musique Occidental" – sous la direction de Jean et Brigitte Massin
"História da Música" – João de Freitas Branco
"História da Música Popular em Portugal" – Pedro Freitas
"A fundação do Convento de Jesus de Aveiro" – Francisco Ferreira Neves
"Dicionário de Música" – Tomo II" – Tomás Borba e Fernando Lopes Graça
"Arquivo do Distrito de Aveiro" – livro 29
"Mamarrosa Milenária" – Armor Pires Mota
"Rio de Memórias – A Banda do Troviscal" – Maria Leocádia Pato
"Memórias de outros tempos" – Vitorino Reis Pedreiras
"Árvore Genealógica da família Costa" – Hilário Simões da Costa
Jornal "Alma Popular" – Arquivo do Museu da Palhaça
Jornal "Soberania do Povo" – Águeda
Jornal "A Província" – Anadia
"Jornal da Bairrada" – Oliveira do Bairro
Arquivo da Banda Filarmónica de Mamarrosa
Jornal "O Comércio do Porto"

biblRIA

ERRATAS

Nas páginas 102 e 125 onde se lê "19-11-1997 e "19 de Novembro de 1997" respectivamente, deve ler-se"15-11-1997" e 15 de Novembro de 1997".

Nas páginas 113 e 114 onde se lê "por volta de 1967 os dois irmãos António e Orlando colaboram", deve ler-se " Os dois Irmãos António e Orlando colaboram".

Na página 155 onde se lê "Manuel Domingues Tavares" deve ler-se "Manuel Domingues Carvalho".

Na página 234 onde se lê "De 1942 a 1954 - 10 anos" deve ler-se "De 1942 a 1954 - 12 anos"; na mesma página 234 onde se lê "De 1957 a 1967 - 4 anos" deve ler-se "De 1957 a 1963 - 6 anos"; e ainda na mesma página onde se lê "De 1967 a 1976 - 15 anos" deve ler-se "De 1963 a 1976 - 13 anos".

bibRIA

ROSINDA de OLIVEIRA

Nascida a 2 de Fevereiro de 1932, no lugar de Penedos, freguesia de Covões, concelho de Cantanhede.

Faz a Escola Primária na Mamarrosa com a Sra. Prof.ª D. Cacilda Pato Macedo e depressa se apaixona pela leitura e pela escrita.
Em 1948, a expensas da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, frequenta o Colégio desta vila e o de Oiã, durante três anos. Em 1951 ingressa na Escola do Magistério Primário de Coimbra onde participa em várias iniciativas de âmbito cultural, colaborando no "Rumo", órgão informativo da Escola e passando grande parte do seu tempo nas Bibliotecas e Livrarias da cidade, fascinada com o estudo da Psicologia e Pedagogia.
Termina o Curso do Magistério Primário em 1953, obtendo a classificação de 17 valores, nota atribuída apenas a mais um outro colega, a nível nacional.
Exerce na Palhaça, em Aveiro e no Tramagal - Abrantes. Aqui conclui o 12º ano e desenvolve uma certa acção sócio-educativa, não só junto das crianças, mas também junto da população que acorre a colaborar com a Escola e a participar nas várias representações dramáticas, levadas à cena no Salão da Colectividade Cultural da Freguesia (a Escola é mesmo apresentada ao País pela então jovem R.T.P.).
Entretanto, em 1966, concorre ao estágio para Professores Adjuntos do 8º Grupo do Ensino Técnico e

RIA

Na Música fala todo um povo, cantando e carpindo mágoas, trabalhos e canseiras de longa data que as enxadas da labuta vão cavando no coração da terra daqueles que agarrados ao arado, pé descalço, atrás dos bois, pensaram, sentiram e amaram.

Com ela sonharam os jovens, fizeram-na depois adultos e no último adeus sepultou-os no mesmo chão da pauta musical. Nela canta a alegria do amanhecer nestes campos verdes e floridos da Bairrada. Os pássaros, as árvores e as flores, as mãos que amanham a terra ou que amassam o pão, e, os pés que pisam e fazem fermentar as uvas, são a Música que temos, a Música que construimos e fizemos neste argamassar de luta e sonho, terra, flor e ar, aldeia, pomar, casa, cesta, cântaro e alguidar.

bibRIA

VILA DE OLIVEIRA DO BAIRRO

Profissional. Entre os vários concorrentes e alguns licenciados, consegue ficar em número um, a nível de todo o País.
Vai para Coimbra e na Faculdade de Letras desta cidade obtém o Curso de Ciências Pedagógicas, ao mesmo tempo que frequenta o estágio na Escola Industrial e Comercial Ávelar Brotero, durante dois anos, em que também exerce funções docentes nas disciplinas de Português, História e Francês.
Concluído o Exame de Estado, em 1968, vem exercer para a Escola Fernando Caldeira de Águeda e no ano seguinte, 1969, é colocada como professora efectiva na Escola João Afonso de Aveiro, onde acumula com a docência, o cargo de directora de Ciclo, durante vários anos.
Ao longo de todo este percurso, sempre continuou a escrever, quer para os jornais, como "Jornal de Abrantes", "Correio do Vouga", "Litoral", "Diário de Aveiro", "Jornal da Bairrada", quer intervindo em colóquios e encontros literários ou simplesmente para repouso das palavras em cadernos e papéis.
Além de participar em várias acções do foro pedagógico, sempre desenvolveu actividades extra-curriculares, ligadas à cultura e educação, tendo escrito e encenado (em colaboração com outros colegas) pequenas peças de teatro como: "Entre o sonho e a realidade"; "Um barco um sonho"; "Mar, luta e dor". Adaptou também para o palco alguns textos, como Cantos de "Os Lusíadas" e em 1990, a peça "Um auto de Santa Joana", integrada nas comemorações do 5º Centenário da morte de Santa Joana, promovidas pela Câmara Municipal de Aveiro e que tiveram a participação de vários alunos e professores de toda a Escola.
Como membro da AJEB (Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada), no ano de 1994, participou também nas comemorações do centenário do nascimento do escritor António de Cértima, ensaiando a peça "Marília", no IPJ - Aveiro.
Em Fevereiro do mesmo ano de 1994, conclui com aproveitamento a participação no projecto "Formação de Professores em Teatro", na Universidade de Aveiro, pasando pouco depois à aposentação.
Em Julho de 2001 publicou "Viagem Dentro de Mim", colectânea de poemas, reunidos a partir de 1995

bibRIA